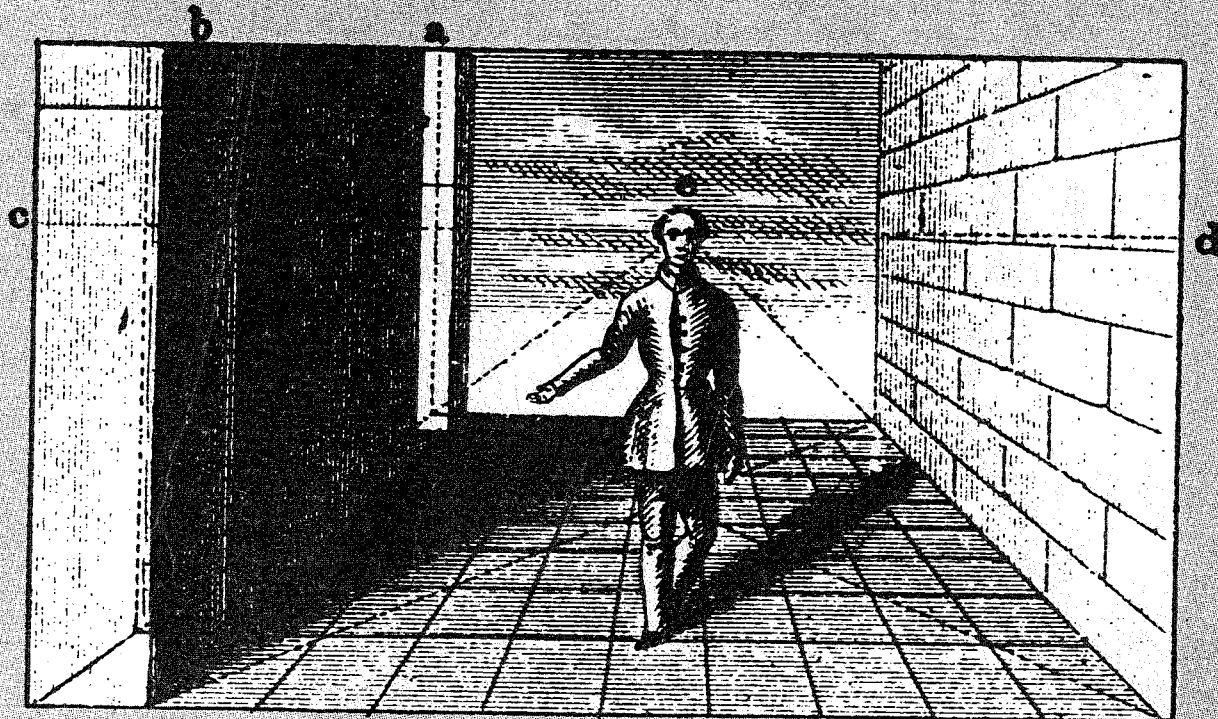


ROUSSEAU



Emilio ou Da Educação

Título original: *Émile ou de l'éducation*

Capa: projeto gráfico de Felipe Taborda

1995

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

N.º Reg.: 27379

Data: 29 / 12 / 2003

Origem: *compra*

CIP-Brasil, Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R77e
3.ed. Rousseau, Jean-Jacques, 1712-1778
Emílio; ou, Da educação / Jean-Jacques Rousseau; tradução
de Sérgio Milliet. — 3.ed. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
592p.

Tradução de: *Émile; ou, De l'éducation*
ISBN 85-286-0145-5

1. Educação - Obras anteriores a 1800. I. Título. II.
Título: Da educação

95-1421

CDD — 370.1
CDU — 37.01

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL S.A.

Av. Rio Branco, 99 — 20º andar — Centro

20040-004 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (021) 263-2082 — Fax: (021) 263-6112 — Telex: (21) 33798

Caixa Postal 2356/20010 — Rio de Janeiro — RJ

Av. Paulista, 2073 — Conjunto Nacional

Horsa I — Grupos 1301/1302

01311-300 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 285-4941/285-0251 Telex: (11) 37209

Fax: (011) 285-5409

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

JEAN-JACQUES ROUSSEAU

EMÍLIO
OU DA
EDUCAÇÃO

Tradução de
SÉRGIO MILLIET



Título original: *Émile ou de l'éducation*

Capa: projeto gráfico de Felipe Taborda

1992

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

ISBN — 85-286-0145-5

Todos os direitos desta tradução reservados à:

EDITORA BERTRAND BRASIL S.A.

Av. Rio Branco, 99 - 20º - Centro

20.040 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (021) 263-2082 Telex: (21) 33798 Fax: (021) 263-6112

Av. Paulista, 2073 - Conj. Nacional - Horsa 1, Conjs. 1301/2
01311 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 285-4941 Fax: (011) 287-6570/852-8904

Telex: (11) 37209

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Sofremos de uma doença curável, e, nascidos para o bem, somos ajudados pela natureza em nos querendo corrigir (Sêneca).

PREFÁCIO

Esta coletânea de reflexões e de observações, sem ordem e quase sem seqüência, foi iniciada para agradar a uma boa mãe que sabe pensar. A princípio eu não projetara senão uma memória de algumas páginas; arrastando-me o assunto, sem que eu o quisesse, essa memória tornou-se insensivelmente uma espécie de obra grande demais, sem dúvida, pelo que contém, mas pequena demais pela matéria de que trata. Hesitei muito tempo antes de publicá-la e muitas vezes ela me fez sentir, em nela trabalhando, que não basta ter escrito algumas brochuras para saber compor um livro. Depois de vãos esforços para fazê-lo melhor, creio dever entregá-lo tal como é, julgando que cumpre solicitar a atenção pública para a questão; e que, mesmo sendo minhas idéias erradas, se despertar boas em outros, não terei perdido inteiramente o meu tempo. Um homem que, de seu retiro, entrega seus manuscritos ao público, sem promotores, sem partido que os defenda, sem saber sequer o que deles pensam ou o que deles dizem, não deve temer que admitam seus erros sem crítica em caso de se ter enganado.

Falarei pouco da importância de uma boa educação; nem me deterei tampouco em provar que a que se pratica é má; mil outros o fizeram antes de mim, e não me agrada encher um livro com coisas que todo mundo sabe. Observarei tão-somente que desde sempre todos se opõem ao estabelecido, sem que ninguém pense em propor coisa melhor. A literatura e o saber de nosso século tendem bem mais a destruir que a

edificar. Censura-se em tom de professor. Para propor é preciso outro, em que o nível filosófico se compraz menos. Apesar de tantas obras que só têm como objetivo, dizem, ser úteis ao público, a primeira de todas essas utilidades, que é a arte de formar os homens, permanece esquecida. Meu assunto era totalmente novo depois do livro de Locke e receio muito que continue a sê-lo ainda depois do meu.

Não se conhece a infância: com as falsas idéias que dela temos, quanto mais longe vamos mais nos extraviamos. Os mais sábios apegam-se ao que importa que saibam os homens, sem considerar que as crianças se acham em estado de aprender. Eles procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é, antes de ser homem. Eis o estudo a que mais me dediquei a fim de que, ainda que seja meu método quimérico e falso, possam aproveitar minhas observações. Posso ter muito mal visto o que cabe fazer; mas creio ter visto bem o paciente que se deve operar. Começai portanto estudando melhor vossos alunos, pois muito certamente não os conheceis e se lerdes este livro tendo em vista esse estudo, acredito não ser ele sem utilidade para vós.

Em relação ao que chamarão a parte sistemática, que não é outra coisa aqui senão a marcha da natureza, será o que mais desnorteará o leitor; por aí é que me atacam sem dúvida e talvez tenham razão. Acreditarão menos ler um tratado de educação que os devaneios de um visionário sobre a educação. Que fazer? Não é sobre as idéias de outros que escrevo; é sobre as minhas. Não vejo como os outros homens e, de há muito, mo censuraram. Mas dependerá de mim outorgar-me outros olhos e atribuir-me outras idéias? Não. Depende de mim não abundar no meu sentimento, não acreditar ser sozinho mais sábio do que todo mundo; depende de mim desconfiar de meu sentimento e não mudar de sentimento. Eis tudo o que posso fazer e o que faço. E se por vezes adoto o tom afirmativo, não é para influir no espírito do leitor e sim para lhe falar como penso. Porque proporia em forma dubitativa aquilo de que pessoalmente não duvido? Digo exatamente o que se passa no meu espírito.

Expondo com liberdade meu sentimento, tenho tão pouco em vista ser ele irresponsível que junto sempre minhas razões, a fim de que as pesem e me julguem: mas, embora não queira obstinar-me em defender minhas idéias, não me creio por isso menos obrigado a propô-las, porquanto as máximas acerca das

quais sou de opinião contrária à dos outros não são indiferentes. São máximas cuja verdade ou falsidade importa conhecer e que fazem a felicidade ou a infelicidade do gênero humano.

Que proponha o que é factível, não cessam de repetir-me. É como se me dissessem para propor fazer o que se faz; ou, ao menos, para propor algum bem que se alie ao mal existente. Tal projeto, em certas matérias, é muito mais quimérico do que os meus, pois em liga dessa ordem o bem se deteriora e o mal não se cura. Preferiria seguir em tudo a prática estabelecida a adotar uma boa em parte: haveria menos contradição no homem; este não pode voltar-se ao mesmo tempo para duas metas opostas. Pais e mães, o que é factível é o que desejais fazer. Deverei endossar vossa vontade?

Em qualquer espécie de projeto duas coisas devem ser consideradas: primeiramente a qualidade absoluta do projeto; em segundo lugar a facilidade de execução.

Em relação à primeira, basta, para que o projeto seja admissível e praticável em si, que o que tenha de bom esteja na natureza da coisa; aqui, por exemplo, que a educação proposta seja conveniente ao homem e bem adaptada a ele.

A segunda consideração depende de relações dadas em determinadas situações; relações acidentais da coisa, que, por conseguinte, não são necessárias e podem variar ao infinito. Assim é que uma educação pode ser praticável na Suíça e não o ser na França; outra pode sê-lo entre os burgueses e outra ainda entre os nobres. A facilidade maior ou menor da execução depende de mil circunstâncias impossíveis de se determinarem a não ser através de uma aplicação particular do método a tal ou qual país, a tal ou qual condição social. Ora, não sendo essenciais a meu assunto, todas essas aplicações particulares não se incluem no meu plano. Outros poderão ocupar-se delas, cada qual para o país ou estado que tiver em vista. Basta-me que, onde quer que nasçam homens, se possa fazer deles o que proponho; e que, tendo feito deles o que proponho, se tenha feito o que há de melhor, tanto para eles como para os outros. Se não levar a bem esse compromisso, estarei errado sem dúvida; mas se tiver êxito, também estarão errados exigindo de mim algo mais, pois não prometo senão isso.



A natureza ostentava aos nossos olhos toda a sua magnificência.

Ilustração de Moreau para o EMÍLIO.

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

LIVRO PRIMEIRO

1 TUDO É CERTO em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo; ama a desformidade, os monstros; não quer nada como o fez a natureza, nem mesmo o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem que moldá-lo a seu jeito como uma árvore de seu jardim.

2 Sem isso, tudo iria de mal a pior e nossa espécie não deve ser formada pela metade. No estado em que já se encontram as coisas, um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais, seria o mais desfigurado de todos.

Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar dela. Ela seria como um arbusto que o acaso fez nascer no meio do caminho e que os passantes logo farão morrer, nele batendo de todos os lados e dobrando-o em todos os sentidos.

É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe¹, que te soubeste afastar do caminho trilhado e proteger o arbusto nas-

(1) A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças. Falai portanto às mulheres, de preferência, em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atentar mais de perto que os homens, e de nisso influir cada vez mais, o êxito as interessa também muito mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que

3
cento contra o choque das opiniões humanas. Cultiva, rega a jovem planta antes que morra: seus frutos dar-te-ão um dia alegrias. Estabelece, desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito mas só tu podes erguer o muro ².

4
Amanham-se as plantas pela cultura e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que ele tivesse aprendido a deles servir-se. Ser-lhe-iam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em assisti-lo ³ e, abandonado a si mesmo, ele morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança.

5
Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação.

6
então precisam sentir, em bem ou mal, o resultado da maneira pela qual os educaram. As leis, sempre tão preocupadas com os bens e tão pouco com as pessoas, por terem como objetivo a paz e não a virtude, não outorgam suficiente autoridade às mães.

A
Entretanto suas condições são mais seguras que as dos pais, seus deveres mais penosos, seus cuidados têm mais importância para a boa ordem da família; geralmente elas se apegam mais às crianças. Há ocasiões em que um filho que falta o respeito a seu pai pode até certo ponto ser desculpado; mas se, em qualquer oportunidade que seja, um filho se revelasse bastante inumano para faltá-lo a sua mãe, quem o carregou no seu seio, quem o alimentou com seu leite, quem, durante anos, se esqueceu a si mesma para só se ocupar dele, dever-se-ia sufocar esse miserável como um monstro indigno de ver o dia. As mães, dizem, estragam os filhos. Nisso, sem dúvida, estão erradas, mas menos talvez do que vós que os depravais. A mãe quer que seu filho seja feliz, que o seja desde logo. Nisso tem razão: quando se engana quanto aos meios, é preciso esclarecê-la. A ambição, a avareza, a tirania, a falsa providência dos pais, sua negligência, sua dura insensibilidade são cem vezes mais funestas às crianças que a cega ternura das mães. De resto, é preciso explicar o sentido que dou a este nome de mãe e é o que se fará dentro em pouco.

(2) Asseguram-me que Mr. Fourmey pensou que eu quisesse aqui falar de minha mãe e que ele o disse em certa obra. É zombar cruelmente de Mr. Fourmey e de mim.

(3) Semelhante a eles exteriormente, e privado da palavra como das idéias que exprime, seria incapaz de levá-los a entenderem a necessidade que teriam de seu auxílio, e nada nele lhes mostraria essa necessidade.

8
9
Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas.

Cada um de nós é portanto formado por três espécies de mestres. O aluno em quem as diversas lições desses mestres se contrariam é mal educado e nunca estará de acordo consigo mesmo; aquele em quem todas visam os mesmos pontos e tendem para os mesmos fins, vai sozinho a seu objetivo e vive em consequência. Somente esse é bem educado.

Ora, dessas três educações diferentes a da natureza não depende de nós; a das coisas só em certos pontos depende. A dos homens é a única de que somos realmente senhores e ainda assim só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que cercam uma criança?

10
Sendo portanto a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la.

11
Que meta será essa? A própria meta da natureza; isso acaba de ser provado. Dado que a ação das três educações é necessária à sua perfeição, é para aquela sobre a qual nada podemos que cumpre orientar as duas outras. Mas talvez esta palavra natureza tenha um sentido demasiado vago; é preciso tentar defini-lo com exatidão.

12
A natureza, dizem-nos, é apenas o hábito⁴. Que significa isso? Não há hábitos que só se adquirem pela força e não sufocam nunca a natureza? É o caso, por exemplo, do hábito das plantas cuja direção vertical se perturba. Em se lhe devolvendo a liberdade, a planta conserva a inclinação que a obrigaram a tomar; mas a seiva não muda, com isso, sua

(4) M. Fourmey assegura-nos que não se diz precisamente isto. Isto se me afigura entretanto muito precisamente dito neste verso a que eu me propunha responder: *A natureza, creia-me, é apenas o hábito*. M. Fourmey, que não quer enobrecer seus semelhantes, dá-nos modestamente a medida de seu cérebro como a do entendimento humano.

12 direção primitiva; e se a planta continuar a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical. O mesmo acontece com as inclinações dos homens. Enquanto permanecemos no mesmo estado, podemos conservar as que resultam do hábito e que nos são menos naturais. Mas desde que a situação mude, o hábito cessa e o natural se restabelece. A educação não é certamente senão um hábito. Mas não há pessoas que esquecem e perdem sua educação e outras que a conservam? De onde vem essa diferença? Se devemos restringir o nome de natureza aos hábitos conformes à natureza, é de se poupar este galimatias.

14 Nascemos sensíveis e desde nosso nascimento somos molestados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Mal tomamos por assim dizer consciência de nossas sensações e já nos dispomos a procurar os objetos que as produzem ou a deles fugir, primeiramente segundo nos sejam elas agradáveis ou desagradáveis, depois segundo a conveniência ou a inconveniência que encontramos entre esses objetos e nós, e, finalmente, segundo os juízos que fazemos deles em relação à idéia de felicidade ou de perfeição que a razão nos fornece. Essas disposições se estendem e se afirmam na medida em que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; mas, constrangidas por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos sob a influência de nossas opiniões. Antes dessa alteração, elas são aquilo a que chamo em nós a natureza.

16 É pois a essas disposições primitivas que tudo se deveria reportar; e isso seria possível se nossas três educações fossem tão-sómente diferentes: mas que fazer quando são opostas? Quando, ao invés de educar um homem para si mesmo, se quer educá-lo para os outros? Então o acerto se faz impossível. Forçado a combater a natureza ou as instituições, cumpre optar entre fazer um homem ou um cidadão, porquanto não se pode fazer um e outro ao mesmo tempo.

Toda sociedade parcial, quando restrita e bem unida, aliena-se da grande. Todo patriota é duro com os estrangeiros: são apenas homens, nada são a seus olhos⁵. Tal inconveniente é inevitável, mas é fraco. O essencial é ser bom à gente com a qual se vive. Com os de fora o espartano era ambicioso, avarento, iníquo; mas o desinteresse, a equidade, a concórdia rei-

(5) Por isso as guerras das repúblicas são mais cruéis que as das monarquias. Mas se a guerra dos reis é moderada, sua paz é terrível: vale mais ser inimigo deles do que súditos.

navam dentro dos muros de sua cidade. Desconfiai desses cosmopolitas que vão buscar em seus livros os deveres que desdenham cumprir em relação aos seus. Tal ou qual filósofo ama os tártaros, para ser dispensado de amar seus vizinhos.

O homem natural é tudo para ele; é a unidade numérica, é o absoluto total, que não tem relação senão consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que mais bem sabem desnaturar o homem, tirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe outra relativa e colocar o *eu* na unidade comum, de modo que cada particular não se acredite mais ser um, que se sinta uma parte da unidade, e não seja mais sensível senão no todo. Um cidadão de Roma não era nem Caio, nem Lúcio; era um romano; amava mesmo uma pátria exclusivamente sua. Régulo pretendia ser cartaginês, como se tendo tornado a propriedade de seus senhores. Na qualidade de estrangeiro, recusava-se a ter assento no senado de Roma; foi preciso que um cartaginês lho ordenasse. Indignava-o que lhe quisessem salvar a vida. Venceu, e voltou triunfante para morrer supliciado. Isso não tem muita relação, parece-me, com os homens que conhecemos.

Placedemônio Pedarete apresenta-se para ser admitido ao conselho dos trezentos; é recusado; volta satisfeito por ter encontrado em Esparta trezentos homens mais dignos do que ele. Suponho que essa demonstração era sincera; é de se acreditar que era. Eis o cidadão.

Uma mulher de Esparta tinha cinco filhos no exército e aguardava notícias da batalha. Chega um hilota; ela pede-lhe, trêmula, informações: "Vossos cinco filhos morreram. — Vil escravo, perguntei-te isso? — Alcançamos a vitória!" A mãe corre ao templo e rende graças aos deuses. Eis a cidadã.

Aquele que, na ordem civil, deseja conservar a primazia da natureza, não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, hesitando entre suas inclinações e seus deveres, nunca será nem homem nem cidadão; não será bom nem para si nem para outrem. Será um dos homens de nossos dias, um francês, um inglês, um burguês; não será nada.

Para ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre um, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido acerca do partido a tomar, tomá-lo com altivez e segui-lo sempre. Estou à espera de que me mostrem esse prodígio, a fim de sa-

ber se é homem ou cidadão, ou como se arranja para ser a um tempo um e outro.

Desses dois objetos necessariamente opostos, decorrem duas formas de instituições contrárias: uma pública e comum, outra particular e doméstica.

Quereis ter uma idéia da educação pública, lede a *República* de Platão. Não se trata de uma obra de política, como pensam os que julgam os livros pelos títulos: é o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu.

Quando se quer enviar alguém ao país das quimeras, cita-se a instituição de Platão. Ora, se Licurgo houvesse escrito a sua, eu a acharia bem mais quimérica. Platão não fez senão depurar o coração do homem; Licurgo desnaturou-o.

A instituição pública não existe mais, e não pode mais existir, porque não há mais pátria, não pode haver cidadãos. Estas duas palavras *pátria* e *cidadão* devem ser riscadas das línguas modernas. Bem sei qual a razão mas não a quero dizer; nada tem a ver com meu assunto.

Não encaro como uma instituição pública esses estabelecimentos ridículos a que chamam colégios⁶. Não levo em conta tampouco a educação da sociedade, porque essa educação, tendendo para dois fins contrários, erra ambos os alvos: ela só serve para fazer homens de duas caras, parecendo sempre tudo subordinar aos outros e não subordinando nada senão a si mesmos. Ora, essas demonstrações sendo comuns não iludem ninguém. São cuidados perdidos.

Dessas contradições nascem as que experimentamos sem cessar em nós mesmos. Arrastados pela natureza e pelos homens por caminhos contrários, obrigados a nos desdobrarmos entre tão diversos impulsos, seguimos um, de compromisso, que não nos leva nem a uma nem a outra meta. Assim, combatidos e hesitantes durante toda a nossa vida, nós a terminamos sem ter podido acordar-nos conosco, e sem termos sido bons para nós nem para os outros.

(6) Há em muitas escolas, e sobretudo na Universidade de Paris, professores que amo, que muito estimo, e que acredito muito capazes de instruir a juventude, se não fossem forçados a obedecer aos usos estabelecidos. Exorto um deles a publicar o projeto de reforma que concebeu. Ser-se-á enfim tentado a curar o mal, ao ver que não é sem remédio.

Resta enfim a educação doméstica ou a da natureza, mas que será para os outros um homem unicamente educado para si mesmo? Se o duplo objetivo que se propõe pudesse porventura reunir-se num só, eliminando as contradições do homem, eliminar-se-ia um grande obstáculo à sua felicidade. Para julgar, fora preciso vê-lo inteiramente formado; fora preciso ter observado suas tendências, visto seus progressos, acompanhado sua evolução; fora preciso, em poucas palavras, conhecer o homem natural. Creio que alguns passos terão sido dados nessas pesquisas em se lendo este livro.

Para formar esse homem raro que devemos fazer? Muito, sem dúvida: impedir que nada seja feito. Quando não se trata senão de ir contra o vento, bordeja-se; mas se o mar está agitado e se quer não sair do lugar, cumpre lançar a âncora. Toma cuidado, jovem piloto, para que o cabo não se perca ou que tua âncora não se arraste, a fim de que o barco não derive antes que o percebas.

Na ordem social, em que todos os lugares estão marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se um indivíduo, formado para o seu, dele sai, para nada mais serve. A educação só é útil na medida em que sua carreira acorde com a vocação dos pais; em qualquer outro caso ela é nociva ao aluno, nem que seja apenas em virtude dos preconceitos que lhe dá. No Egito, onde o filho era obrigado a abraçar a profissão do pai, a educação tinha, pelo menos, um fim certo. Mas, entre nós, quando somente as situações existem e os homens mudam sem cessar de estado, ninguém sabe se, educando o filho para o seu, não trabalha contra ele.

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer seja bem educado para esse, não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar. *Occupavi te, Fortuna, atque cepi; omnesque aditus tuos interclusi, ut ad me aspirare non posses.*

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Quem entre nós melhor sabe suportar os bens e os males desta vida é, a meu ver, o mais bem educado; daí decorre que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a instruir-nos em começando a viver; nossa educação começa conosco; nosso primeiro preceptor é nossa ama. Por isso, esta palavra *educação* tinha, entre os antigos, sentido diferente do que lhe damos hoje: significava alimento. *Educit obstetrix*, diz Varrão; *educat nutrix*, instituit *pedagogus*, docet *magister*. Assim, a educação, a instituição, a instrução, são três coisas tão diferentes em seu objeto quanto a governante, o preceptor e o mestre. Mas tais distinções são mal compreendidas; e para ser bem orientada a criança deve seguir um só guia.

É preciso portanto generalizar nossos pontos de vista e considerar em nosso aluno o homem abstrato, o homem exposto a todos os acidentes da vida humana. Se os homens nascessem arraigados ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada qual se prendesse a seu destino de maneira a nunca poder mudar, a prática estabelecida seria boa até certo ponto; a criança educada para sua condição, dela não saindo nunca, não poderia ser exposta aos inconvenientes de outra. Mas, dada a mobilidade das coisas humanas, dado o espírito inquieto e agitado deste século que tudo transforma a cada geração, poder-se-á conceber um método mais insensato que o de educar uma criança como nunca devendo sair de seu quarto, como devendo sem cessar achar-se cercada dos seus? Se o infeliz dá um só passo na terra, se desce um só degrau, está perdido. Não é isso ensinar-lhe a suportar a dor; é exercitá-lo a senti-la.

Não se pensa senão em conservar a criança; não basta; deve-se-lhe ensinar a conservar-se em sendo homem, a suportar os golpes da sorte, a enfrentar a opulência e a miséria, a viver, se necessário, nos gelos da Islândia ou no rochedo escaldante de Malta. Por maiores precauções que tomeis para que não morra, terá contudo que morrer. E ainda que sua morte não fosse obra de vossos cuidados, ainda assim estes seriam mal entendidos. Trata-se menos de impedi-la de morrer que de fazê-la viver. Viver não é respirar, é agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais vive não é aquele que conta maior número de anos e sim o que mais sente a vida. Há quem seja

enterrado a cem anos e que já morrera ao nascer. Teria ganho em ir para o túmulo na mocidade, se ao menos tivesse vivido até então.

Toda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis; todos os nossos usos não são senão sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; ao nascer, envolvem-no em um cueiro; ao morrer, encerram-no em um caixão; enquanto conserva sua figura humana está acorrentado a nossas instituições.

Dizem que muitas parteiras pretendem, com massagens na cabeça das crianças recém-nascidas, dar-lhe uma forma mais conveniente, e aceita-se isso! Nossas cabeças estariam erradas, se em obediência ao Autor de nosso ser; cumpre-nos modelá-las de fora pelas parteiras e, por dentro, pelos filósofos. Os caribes são metade mais felizes do que nós.

“Mal a criança sai do seio da mãe, mal goza a liberdade de se mexer e distender seus membros, já lhe dão novas cadeias. Enrolam-na em faixas, deitam-na com a cabeça imóvel e as pernas alongadas, os braços pendentes ao lado do corpo; envolvem-na em toda espécie de paños e tiras que não lhe permitem mudar de posição. Que se dêem por felizes se não se vêem apertadas a ponto de não poderem respirar, se tiveram a precaução de deitá-la de lado para que o líquido que deve devolver caia por si mesmo, pois não teria a liberdade de virar a cabeça a fim de facilitar o escorrimento.”

O recém-nascido precisa distender e movimentar seus membros, para arrancá-los do entorpecimento em que, juntados numa espécie de pelota, ficaram tanto tempo. Distendem-nos, é verdade, mas impedem-nos de se mexerem; ajeitam até a cabeça dentro de toucas. Dir-se-ia que têm medo de que pareçam viver.

Assim o impulso das partes internas de um corpo que tende a crescer encontra um obstáculo insuperável aos movimentos que esse impulso exige. A criança faz continuamente esforços inúteis que lhe exgotam as forças ou atrasam seu progresso. Estava menos comprimida no âmnio do que nas suas fraldas; não vejo o que ganhou em nascendo.

A inação, o constrangimento em que mantêm os membros da criança, não podem senão perturbar a circulação do sangue, dos humores, impedir a criança de se fortalecer, de crescer e alterar sua constituição. Nos lugares em que não se tomam tais precauções extravagantes, os homens são mais altos, fortes,

bem proporcionados. Os países onde enfaixam as crianças são os que mais exibem corcundas, mancos, cambaios, raquíticos, aleijados de todo tipo. De medo que os corpos se deformem com movimentos livres, apressam-se em deformá-los imprensando-os. Torná-los-iam de bom grado paralíticos, a fim de impedi-los de se estropiarem.

Tão cruel constrangimento poderia não influir em seu humor, em seu temperamento? Seu primeiro sentimento é um sentimento de dor e de esforço: só encontram obstáculos a todos os movimentos de que necessitam. Mais desgraçados do que um criminoso algemado, fazem esforços vãos, irritam-se, gritam. Seus primeiros sons, dizei vós, são de choro? É evidente. Vós os contrariais desde o nascimento; o primeiro presente que recebem de vós são algemas; os primeiros tratos que experimentam são tormentos. Nada tendo de livre senão a voz, como não se servirem dela para se queixarem? Choram por causa do mal que vós lhes fazeis. Assim envolvidos e amarrados, gritarieis mais do que eles.

De onde vem esse hábito insensato? De um costume antinatural. Desde que as mães, desprezando seu principal dever, não mais quiseram amamentar os filhos, foi preciso confiá-los a mulheres mercenárias que, vendo-se assim mães de filhos estranhos e não sentindo o apelo da natureza, não se preocuparam senão com poupar trabalho. Fora necessário vigiar sem cessar uma criança em liberdade, mas estando ela bem amarrada basta jogá-la num canto sem se incomodar com os gritos. Desde que não haja provas da negligência da ama, desde que o bebê não quebre o braço ou a perna, que importa afinal que morra aleijado para o resto da vida? Conservam-se seus membros a expensas de seu corpo e a ama é desculpada, aconteça o que acontecer.

Essas ternas mães que, livres de seus filhos, se entregam alegremente aos divertimentos da cidade, sabem porventura que tratamento recebe a criança em suas faixas na aldeia? Ante o menor aborrecimento que venha a ocorrer suspendem-na a um prego como um trapo; e enquanto, sem se apressar, a ama trata de seus afazeres, a infeliz fica crucificada. Todas as que foram encontradas nessa posição tinham a cara roxa. Com o peito fortemente comprimido, que impedia a circulação, o sangue subia à cabeça. E acreditava-se estivesse a paciente mui tranqüila porque em verdade não tinha forças para gritar. Ignoro quantas horas uma criança pode permanecer nesse estado

sem perder a vida, mas duvido que possa ir muito longe. Eis, penso, uma das maiores comodidades do enfaixamento.

Supõe-se que as crianças em liberdade podem colocar-se em más posições e efetuar movimentos suscetíveis de prejudicar a boa conformação de seus membros. Trata-se de um desses raciocínios gratuitos de nossa falsa sabedoria e que jamais uma experiência confirmou. Na multidão de crianças que, entre os povos mais sensatos do que nós, são criadas com inteira liberdade de seus membros, não se vê uma só que se fira ou se estropie. Não poderiam dar a seus movimentos a força que os tornariam perigosos. E quando se colocam numa posição errada, logo a dor as adverte de que devem mudar.

Não nos lembramos ainda de enfaixar os filhotes de cães ou gatos; têm-se visto resultar alguns inconveniente dessa negligência? Certamente as crianças são mais pesadas, mas, proporcionalmente, são também mais fracas. Mal podem mexer-se; como se estropiariam? Se as puséssemos de costas, morreriam nessa posição, como as tartarugas, sem nunca poder virar-se.

Não contentes com terem deixado de amamentar seus filhos, as mulheres se recusam a fazê-los; a consequência é natural. A partir do momento em que o estado de mãe se torna oneroso encontra-se logo um meio de se desembaraçar dele inteiramente; quer-se realizar um trabalho inútil, a fim de recommençá-lo sempre, e contra a espécie é que se volta a atração dada para multiplicá-la. Esse expediente acrescentado às outras causas de despovoamento anuncia o destino próximo da Europa. As ciências, as artes, a filosofia e os costumes que engendra não tardarão em fazer dela um deserto. Será povoada de animais ferozes; não terá mudado muito de habitantes...

Tive a oportunidade de ver, por vezes, o jeitinho das jovens mulheres que fingem querer amamentar seus filhos. Sabem fazer com que as instiguem a renunciarem a tal fantasia: fazem com que intervenham habilmente os maridos e os médicos⁷, sobretudo as mães. Um marido que ousasse consentir que sua mulher amamentasse o filho seria um homem per-

(7) A aliança das mulheres com os médicos sempre se me afigurou uma das mais divertidas singularidades de Paris. É através das mulheres que os médicos adquirem sua reputação e é através deles que as mulheres fazem suas vontades. Vê-se por aí que espécie de habilidade é necessária a um médico de Paris para se tornar célebre.

dido; tachariam-no de assassino desejoso de se livrar dela. Maridos prudentes precisam imolar o amor paterno no altar da paz. Felizes os que encontram no campo mulheres mais virtuosas do que as próprias! Mais felizes ainda em acontecendo que o tempo, por estas ganho, a outros não se destine.

O dever das mulheres não é discutível; o que se discute é se, em o menosprezando, importa serem os filhos amamentados por elas ou por outras. Considero essa questão, de que são juízes os médicos, como resolvida em favor das mulheres. Parece-me a mim, de resto, que mais vale a criança mamar o leite de uma ama saudável que o de uma mãe degenerada, se houvesse algum mal a temer do sangue que tem nas veias.

Mas deve-se encarar o problema exclusivamente pelo lado físico? E terá a criança menos necessidade dos cuidados de uma mãe que de seu seio? Outras mulheres, e até bichos, poderão dar-lhe o leite que ela lhe recusa: a solicitude materna não se supre. É mãe condenável a que alimenta o filho de outra em lugar do seu: como poderia ser uma boa ama? Poderá tornar-se, porém lentamente; será preciso que o hábito mude a natureza; e a criança mal tratada terá tempo de morrer cem vezes antes que a ama por ela se tome de uma ternura de mãe.

Dessa vantagem já resulta um inconveniente que deveria tirar de toda mulher sensível a coragem de fazer amamentar o filho por outra: o de partilhar o direito de mãe, ou antes o de aliená-lo. O de ver seu filho amar outra mulher tanto quanto ela, ou mais; o de sentir que a ternura que conserva por sua mãe verdadeira é uma graça e a que dedica a sua mãe adotiva um dever; pois onde encontro os cuidados de uma mãe devo ter o apego de um filho?

A maneira de remediar a tal inconveniente é inspirar às crianças desprezo por suas amas, tratando-as como verdadeiras criadas. Terminado seu serviço, retira-se a criança ou despede-se a ama; à força de recebê-la mal, faz-se com que se desgoste de ver o bebê. Ao fim de alguns anos ele não a vê mais, não a conhece mais. A mãe que imagina substituir-se a ela, e corrigir sua negligência mediante sua crueldade, engana-se. Ao invés de fazer um filho amoroso de um bebê desnaturado, ela o exercita na ingratidão; ensina-lhe a desprezar um dia quem lhe deu a vida, tal qual quem lhe deu o leite.

Como eu insistiria neste ponto se fosse menos desanimador debater em vão questões úteis! Isso se prende a mais coi-

sas do que se imagina. Quereis fazer com que todos se atenham a seus deveres? Começai pelas mães; ficareis espantados com as mudanças que provocareis. Tudo provém sucessivamente dessa primeira depravação: toda a ordem moral se altera; o natural se apaga em todos os corações; o interior das casas faz-se menos vivo; o espetáculo comovente de uma família em formação não mais prende os maridos, não impõe mais deferência aos estranhos; respeita-se menos a mãe cujos filhos não se vêem; não há mais achego nas famílias; o hábito não reforça mais os laços do sangue; não há mais pais, nem mães, nem filhos, nem irmãos, nem irmãs; mal se conhecem todos; como se amariam? Ninguém mais pensa senão em si. Quando a casa não passa de uma triste solidão, cumpre divertir-se alhures.

Mas que as mães concordem em amamentar seus filhos e os costumes reformar-se-ão sozinhos, os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações; o Estado se repovoará. E este ponto, tão-somente este ponto, vai tudo unir. A atração da vida doméstica é o melhor contraveneno para os maus costumes. O aborrecimento das crianças, que se imagina importuno, torna-se agradável; torna o pai e mãe mais necessários, mais caros um ao outro; estreita entre eles a ligação conjugal. Quando a família é viva e animada, os cuidados domésticos tornam-se a mais cara ocupação da mulher e o mais doce divertimento do marido. Assim, desse único abuso corrigido, resultaria em breve uma reforma geral, logo a natureza readquiriria seus direitos. Em voltando as mulheres a ser mães, logo os homens voltariam a ser pais e maridos.

Palavras supérfluas! Nem mesmo o tédio dos prazeres da vida social traz de volta àqueles. As mulheres deixaram de ser mães: não o serão mais; não o querem mais ser. Ainda que o quisessem, mal o poderiam. Agora que o costume contrário se estabeleceu, cada uma delas teria de combater a oposição de todas as companheiras, ligadas contra um exemplo que algumas não deram e que outras não querem seguir.

Encontram-se ainda por vezes, entretanto, jovens mulheres de bom natural que, ousando enfrentar, sob esse aspecto, o império da moda, cumprem com virtuosa intrepidez o dever tão suave que a natureza lhes impõe. Possa seu número aumentar com a atração dos bens destinados às que a ele se entregam! Baseado nas conseqüências que oferece o mais simples raciocínio, e em observações que nunca vi desmentidas, ouso

prometer a essas dignas mães um apêgo sólido e constante de seus maridos, uma ternura realmente filial por parte de seus filhos, a estima e o respeito do público, partos felizes sem acidentes nem conseqüências, uma saúde constante e vigorosa, o prazer, enfim, de se verem um dia imitadas por suas filhas e citadas como exemplo às de outrem.

Em não havendo mãe, não pode haver filho. Entre ambos os deveres são recíprocos; e se são mal cumpridos de um lado, de outro são negligenciados. O filho deve amar a mãe antes de saber se o deve. Se a voz do sangue não for fortalecida pelo hábito e pelos cuidados, ela se extinguirá nos primeiros anos, e o coração morrerá (por assim dizer) antes de nascer. Eis-nos, desde os primeiros dias, fora da natureza.

Desta se sai ainda, por caminho oposto, quando ao invés de negligenciar os cuidados de mãe, uma mulher os leva ao exagero; quando ela faz de seu filho um ídolo, quando aumenta e alimenta sua fraqueza para impedi-lo de senti-la e que, esperando subtraí-lo às leis da natureza, dele afasta os insultos penosos, sem pensar quanto, ao preço de alguns incômodos de que o preserva um instante, ela acumula, ao longe, acidentes e perigos sobre a cabeça dele, e a que ponto é precaução bárbara prolongar a fraqueza da infância sob a fadiga dos homens feitos. Tétis, para tornar seu filho invulnerável, mergulhou-o, diz a fábula, nas águas do Estige. Essa alegoria é bela e clara. As mães cruéis de que falo agem de outra maneira; à força de mergulhar seus filhos na moleza, preparam-nos para o sofrimento; abrem-lhes os poros aos males de toda espécie, de que não deixarão de ser presas ao crescerem.

Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica. Ela exercita continuamente as crianças; ela enrigesse seu temperamento mediante experiências de toda espécie; ela ensina-lhes desde cedo o que é pena e dor. Os dentes que apontam dão-lhes febre; as cólicas agudas dão-lhes convulsões; as tosses prolongadas sufocam-nos; os vermes atormentam-nos; a pletora corrompe-lhes o sangue; fermentações diversas neste se manifestam e provocam erupções perigosas. Quase toda a primeira infância é doença e perigo: metade das crianças que nascem morre antes dos oito anos. Passando pelas provações, a criança adquiriu forças; e desde logo que pode usar a vida, mais seguro se torna o princípio dela.

Essa a regra da natureza. Por que a contrarias? Não vedes que, pensando corrigi-la, destruis sua obra, impedis o efei-

to de seus cuidados? Fazer por fora o que ela faz por dentro é, a vosso ver, aumentar o perigo; e, ao contrário, é provocar uma diversão, é atenuá-lo. Mostra a experiência que morrem mais crianças criadas delicadamente do que outras. Conquanto não se ultrapasse a medida de suas forças, arrisca-se menos empregando-as do que as poupando. Exercitai-as portanto nas afrontas que um dia terão de suportar. Enrigitelhes o corpo às intempéries das estações, dos climas, dos elementos, à fome, à sede, ao cansaço; mergulhai-as nas águas do Estige. Antes que se adquira o hábito do corpo, dá-se-lhe o que se quer sem perigo. Mas uma vez em sua consistência, qualquer alteração se torna perigosa. Uma criança suportará mudanças que um homem não suporta; as fibras dela, moles, flexíveis, tomam sem esforço as dobras que se lhes impõem; as do homem, mais endurecidas, só com violência mudam as que receberam. Pode-se portanto tornar uma criança robusta sem expor sua vida e sua saúde; e ainda que houvesse algum risco, não se deveria hesitar. Se são riscos inseparáveis da vida humana, pode-se agir melhor do que transpô-los para o tempo de sua duração em que são menos prejudiciais?

Uma criança se torna mais preciosa na medida em que se faz mais idosa. Ao preço de sua pessoa junta-se o dos cuidados que custou; à perda da vida junta-se nela o sentimento da morte. É portanto no futuro que é preciso pensar zelando pela sua conservação; é contra os males da juventude que é preciso defendê-la, antes que a eles chegue. Se o preço da vida aumenta até a idade de a tornar útil, não será loucura poupar alguns males na infância multiplicando-os na idade da razão? Serão essas as lições do mestre?

O destino do homem é sofrer em qualquer época. O próprio cuidado de sua conservação está ligado à dor. Felizes os que só conhecem na infância os males físicos, males bem menos cruéis, bem menos dolorosos do que os outros e que bem mais raramente do que eles nos fazem renunciar à vida! Ninguém se mata com as dores da gota; somente as da alma suscitam o desespero. Temos dó da sorte da infância mas é da nossa que deveríamos ter. Nossos maiores males vêm de nós mesmos.

Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa a chorar. Sacodem-na às vezes ou a acariciam para acalmá-la; ameaçam-na também e batem-na para que se cale. Ou fazemos o que lhe agrada, ou dela exigimos o que nos agrada. Ou nos

submetemos a suas fantasias ou a submetemos às nossas: não há meio termo, é preciso que nos dê ordens ou que as receba. Assim, suas primeiras idéias são de império ou de servidão. Antes de saber falar ele manda, antes de poder agir ela obedece; e não raro castigam-na antes que ela possa conhecer seus erros. Ou os cometer. E assim é que se inculcam em seu jovem coração as paixões imputadas a seguir à natureza e que, depois de ter se esforçado por torná-la má, a gente se queixa de descobri-la má.

Uma criança passa assim seis ou sete anos dessa maneira nas mãos das mulheres, vítimas dos caprichos delas e do seu próprio. E depois de lhe ensinar isto ou aquilo, isto é, depois de ter sobrecarregado sua memória com palavras que não pode entender ou com coisas que em nada lhe auxiliam, depois de ter abafado o natural com paixões que se incitam, entrega-se esse ser factício nas mãos de um preceptor, o qual acaba de desenvolver os germens artificiais que já encontra formados e lhe ensina tudo menos a se conhecer, menos a tirar proveito de si mesmo, menos a saber viver bem e se tornar feliz. Finalmente quando essa criança, escrava e tirana, cheia de conhecimentos e desprovida de sentidos, igualmente débil de corpo e de alma, é jogada no mundo mostrando sua inépcia, seu orgulho e todos os seus vícios, ela faz com que se deplorem a miséria e a perversidade humanas. Enganamo-nos: esse é o homem de nossa fantasia, o da natureza é diferente.

Quereis que conserve sua forma original? Conservai a partir do instante em que vem ao mundo. Logo ao nascer apropriai-vos dele, não o largueis antes que seja homem: nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai. Que se acordem na ordem de suas funções bem como em seu sistema; que das mãos de uma passe às mãos de outro. Será mais bem educado por um pai judicioso e limitado do que pelo mais hábil preceptor do mundo, porquanto o zelo substituirá mais o talento do que o talento o zelo.

Mas os negócios, as funções, os deveres ... Ah! os deveres, sem dúvida o último é o do pai⁸! Que não nos espante

(8) Quando se lê em Plutarco que Catão, o Censor, que governou Roma com tanta glória, educou ele próprio o filho desde o berço e com tal cuidado que tudo abandonava para estar presente quando a ama, isto é, a mãe, o virava e lavava; quando se lê em Suetônio que

o fato de um homem, cuja mulher desdenhou alimentar o fruto de sua união, desdenhe educá-lo. Não há quadro mais encantador que o da família: mas um só traço errado desfigura todos os demais. Se a mãe não tem bastante saúde para ser ama, o pai tem negócios demais para ser preceptor. Os filhos, afastados, espalhados por pensões ou conventos, ou colégios, levarão para alhures o amor à casa paterna ou, melhor, a esta levarão o hábito de não se apegarem a nada. Os irmãos e irmãs mal se conhecerão. Quando todos se reunirem em alguma cerimônia, serão corteses entre si mas se tratarão como estranhos. Desde que não haja mais intimidade entre parentes, desde que a companhia da família não contribua mais para a doçura da vida, será necessário recorrer aos maus costumes para supri-la. Quem será bastante estúpido para não ver o encadeamento disso tudo?

Um pai, quando engendra e alimenta seus filhos, não faz nisso senão o terço de sua tarefa. Deve homens a sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis; deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode pagar essa dívida tríplice e não o faz é culpado, e mais culpado ainda, talvez, quando a paga em parte. Quem não pode pagar os deveres de pai, não tem o direito de ser pai. Não há nem pobreza, nem tarefas, nem respeito humano que o dispensem de nutrir seus filhos e de educá-los ele próprio. Leitores, podeis acreditar em mim: prediz que quem quer que seja tenha entranhas e negligencie tão santos deveres derramará por sua causa lágrimas amargas e nunca se consolará.

Mas se faz esse homem rico, esse pai de família tão ocupado, e forçado, a seu ver, de abandonar os filhos? Paga outro homem para prodigalizar os cuidados que lhe cabem. Alma venal! Imaginas dar a teu filho outro pai com dinheiro? Não te enganes; não é sequer um mestre que lhe das, é um criado. Ele formará dentro em breve outro.

Discute-se muito acerca das qualidades de um bom governante. A primeira que eu exigiria, e essa supõe muitas outras, seria não ser um homem à venda. Há ofícios tão nobres que

Augusto, senhor do mundo, por ele conquistado e por ele dirigido, ensinava ele próprio, a seus netos a escrita, a natação, os elementos das ciências, e que os tinha sempre a seu lado, não se pode deixar de rir das gentinhas daquela época que se divertiam com semelhantes bobagens: demasiadas medíocres sem dúvida para saberem atender às grandes questões dos grandes homens de hoje.

ninguém os pode desempenhar por dinheiro sem se mostrar indigno; o guerreiro, por exemplo; o institutor. Quem então educará meu filho? Já o disse: tu mesmo. Não o posso. Não o podes? Transforma-te então em amigo. Não vejo outra solução.

Um governante! ó que alma sublime! Em verdade para fazer um homem é preciso ser pai ou mais do que um homem e eis a função que confiais tranqüilamente a mercenários.

Quanto mais se pensa nisso mais se depara com novas dificuldades. Fora preciso que o governante tivesse sido educado para seu aluno, que seus criados tivessem sido educados para seu senhor, que todos os que dele se aproximam tivessem recebido as impressões que lhe devem comunicar; fora preciso, de educação em educação, remontar a não sei onde. Como pode ocorrer que uma criança seja bem educada por quem não o foi ele próprio?

Encontrar-se-á esse mortal? Ignoro-o. Nestes tempos de aviltamento quem sabe a que ponto de virtude pode atingir uma alma humana?

Mas suponhamos esse prodígio encontrado. É considerando o que deve fazer que veremos o que deve ser. O que eu imagino ver de antemão é que um pai que sentisse todo o valor de um bom governante tomaria a resolução de passar sem ele; pois teria mais dificuldade em adquiri-lo que em o tornar-se ele próprio. Quer então ter um amigo? que eduque seu filho para sê-lo; ei-lo dispensado de procurá-lo alhures e já a natureza fez metade de sua tarefa.

Alguém de quem conheço apenas a posição social propôs-me educar o filho. Honrou-me muito sem dúvida; mas longe de se queixar de minha recusa, deve agradecer-se de minha decisão. Se eu tivesse aceito seu oferecimento, e tivesse errado no meu método, teria sido uma educação falhada; se tivesse tido êxito fora muito pior, seu filho teria renegado seu título, não houvera mais querido ser príncipe.

Estou por demais compenetrado da grandeza dos deveres de um preceptor para aceitar semelhante emprego, quem quer que mo ofereça; e o próprio interesse da amizade seria para mim mais um motivo de recusa. Acredito que depois de ter lido este livro pouca gente seria tentada a me fazer tal oferecimento; e peço a quem o pudesse ser a não se dar ao trabalho inútil de fazê-lo. Fiz outrora uma experiência suficiente para convencer-me de que não tenho disposição para tanto e de

que minha condição me dispensaria da obrigação, ainda que meus conhecimentos me tornassem capaz dela. Acreditei dever esta declaração pública àqueles que parecem não de outorgar bastante estima para me acreditarem sincero e assentado na minha resolução.

Na impossibilidade de cumprir a tarefa mais útil, ousarei, ao menos, tentar a mais fácil: a exemplo de tantos outros, não porei a mão na massa e sim na pena; e ao invés de fazer o que é preciso, esforçar-me-ei por dizê-lo.

Sei que, em empresas semelhantes a esta, o autor, sempre à vontade em sistema que é dispensado de pôr em prática, dá sem pena muitos belos preceitos impossíveis de serem seguidos e que, na falta de pormenores e de exemplos, o que diz de praticável permanece sem aplicação quando ele não a mostra.

Tomei portanto o partido de me dar um aluno imaginário, de supor a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar na sua educação, conduzi-la desde o momento de seu nascimento até aquele em que, homem feito, não terá mais necessidade de outro guia senão ele próprio. Esse método parece-me útil para impedir um autor que desconfia de si de se perder em visões. Sim, porque a partir do momento em que se afasta da prática ordinária, não lhe cabe senão experimentar a sua no seu aluno. Sentirá desde logo, ou o leitor o sentirá por ele, se acompanha o progresso da infância e a marcha natural do coração humano.

Eis o que tentei fazer em todas as dificuldades que se apresentaram. Para não ampliar excessivamente o livro, contentei-me com pôr os princípios cuja verdade todos deviam sentir. Mas quanto às regras que poderiam ter necessidade de provas, apliquei-as todas a meu Emílio ou a outros exemplos e mostrei em pormenores assaz precisos como o que eu estabelecia podia ser praticado. Esse é, ao menos, o plano que me propus executar. Cabe ao leitor julgar se o consegui.

Disso decorreu que, de início, pouco falei de Emílio, porque minhas primeiras máximas de educação, embora contrárias às estabelecidas, são de uma evidência a que é difícil a qualquer homem de bom senso recusar seu consentimento. Mas, na medida em que avanço, meu aluno, dirigido diferentemente dos vossos, não é mais uma criança ordinária. Precisa de um regime próprio. Então ele aparece mais freqüentemente no palco e, nos últimos tempos, não o perco mais de vista até

que, diga o que disser, não tenha mais a menor necessidade de mim.

Não falo aqui das qualidades de um bom governante; supponho-as e me supponho a mim mesmo dotado de todas essas qualidades. Lendo esta obra, verão que liberalidade outorgo a mim mesmo.

Observarei tão-somente, contra a opinião comum, que o governante de uma criança deve ser jovem e até tão jovem quanto o pode ser um homem sensato. Gostaria que ele pudesse ser ele próprio criança, se possível, que pudesse tornar-se o companheiro de seu aluno e angariar sua confiança partilhando seus divertimentos. Não há suficientes coisas comuns entre a infância e a idade madura para que se consiga uma afeição muito sólida com tal distância. As crianças por vezes adulam os velhos mas não os amam nunca.

Desejar-se-ia que o governante já tivesse praticado uma educação. É demais; um mesmo homem só pode fazer uma. Se fôsse necessárias duas para ter êxito, com que direito se emprenderia a primeira?

Com um pouco mais de experiência seria possível fazer melhor, mas não se poderia mais fazê-lo. Quem quer que seja tenha tentado isso uma vez, bastante bem para sentir-lhe todas as penas, não procura recommençar. E em se tendo tido mal resultado da primeira vez, já se tem um mau preconceito para a segunda.

É muito diferente, concordo, acompanhar um jovem durante quatro anos do que orientá-lo durante vinte e cinco. Dais um governante a vosso filho já formado; eu quero que tenha um antes de nascer. Vosso homem a cada lustro pode mudar de aluno; o meu só terá um. Vós distinguis o preceptor do governante: outra loucura! Distinguis o discípulo do aluno? Há somente uma ciência a ensinar às crianças: é a dos deveres do homem. Essa ciência é uma e o que quer que tenha dito Xenofonte da educação dos Persas, ela não se partilha. De resto eu chamo governante, de preferência a preceptor, o mestre dessa ciência porque se trata menos para ele de instruir que de conduzir. Ele não deve dar preceitos, deve fazer com que os encontrem.

Se é preciso escolher com tanto cuidado o governante, é-lhe também permitido escolher seu aluno, principalmente quando se trata de um modelo a ser proposto. Essa escolha não pode cair nem no gênio nem no caráter da criança, que só se conhece

no fim da tarefa, e que eu adoto antes de nascer. Se pudesse escolher, só tomaria um espírito comum, tal qual supponho meu aluno. Só se tem necessidade de educar os homens comuns; somente sua educação deve servir de exemplo à de seus semelhantes. Os demais se educam de qualquer maneira.

A terra não é indiferente à cultura dos homens; eles só são o que podem ser nos climas temperados. Nos climas extremados a desvantagem é visível. Um homem não é plantado como uma árvore em certa terra para nela sempre ficar; e quem parte de um dos extremos para chegar a outro é obrigado a fazer duas vezes o caminho, a fim de chegar à mesma meta que quem parte de meio caminho.

Ainda que o habitante de um país temperado vá sucessivamente aos dois extremos, sua vantagem é evidente, pois, embora tanto se ressinta quanto quem vai de um extremo a outro, se afasta de metade apenas de sua constituição natural. Um francês vive na Guiné ou na Lapônia; mas um negro não viverá igualmente na Suécia nem um habitante de Samoa no Benim. Parece ainda que a organização do cérebro é menos perfeita nos dois extremos. Nem os negros nem os lapões têm o equilíbrio dos europeus. Se quero, portanto, que meu aluno seja habitante da terra tenho que escolhê-lo numa zona temperada; na França, por exemplo, de preferência.

No Norte, os homens consomem muito num solo ingrato; no Sul, consomem pouco num solo fértil. Daí nasce essa diferença que torna uns laboriosos e outros contemplativos. A sociedade oferece-nos em um mesmo lugar a imagem dessas diferenças entre os pobres e os ricos: os primeiros habitam um solo ingrato, os outros uma terra fértil.

O pobre não precisa de educação; é obrigatória a de sua condição, não poderia ter outra. Ao contrário, a educação que o rico recebe de sua condição é a que menos lhe convém tanto para si mesmo quanto para a sociedade. Ademais, a educação natural deve tornar um homem adaptável a todas as condições humanas: ora, é menos razoável educar um pobre para ser rico do que um rico para ser pobre, pois em proporção do número das duas condições, há mais arruinados do que enriquecidos. Escolhamos portanto um rico; teremos certeza, ao menos de ter feito um homem a mais, ao passo que um pobre pode tornar-se homem sozinho.

Pela mesma razão não me desagradaria que Emílio tivesse berço. Será sempre uma vítima arrancada do preconceito.

Emílio é órfão. Pouco importa que tenha pai e mãe. Assumindo seus deveres, adquire seus direitos. Ele deve honrar seus pais mas só deve obedecer a mim. É minha condição primeira, ou melhor, minha única condição.

Devo acrescentar outra, consequência dessa, a de que não nos separarão jamais um do outro sem nosso consentimento. Esta cláusula é essencial e eu desejaria mesmo que aluno e governante se encarassem a tal ponto como inseparáveis que o destino de seus dias sempre fosse por eles olhado como um objeto comum. A partir do momento em que encare uma separação no afastamento, a partir do momento em que prevejam a hora em que deverão tornar-se estranhos um ao outro, já o serão; cada qual construirá seu pequeno sistema particular e ambos, preocupados com o dia em que não estarão mais juntos, só o ficarão a contragosto. O discípulo só olha o mestre como a marca e o flagelo de sua infância; o mestre só olha o discípulo como um fardo pesado de que aspira a desembaraçar-se o mais depressa possível; sonham ambos com se libertarem um do outro; e como não há nunca entre eles verdadeira afeição, um deve ter pouca vigilância e outro pouca docilidade.

Mas quando eles se vêem como devendo passar a vida juntos, importa-lhes fazerem-se amar mutuamente e por isso mesmo se tornam caros um a outro. O aluno não se envergonha de acompanhar na infância o amigo que deverá ter em crescendo; o governante toma interesse pelos cuidados cujo fruto deverá colher, e todo o tempo que dá a seu aluno é um capital que aplica em proveito de sua velhice.

Esse contrato estabelecido de antemão supõe um parto feliz, uma criança bem formada, vigorosa, sadia. Um pai não tem escolha e não deve ter preferência na família que Deus lhe dá: todos os filhos são igualmente seus filhos; deve a todos os mesmos cuidados e a mesma ternura. Estropiados ou não, anêmicos ou robustos, cada um deles é um depósito de que deve prestar contas àquele de quem o recebe, e o casamento é um contrato feito com a natureza tanto quanto entre os cônjuges.

Mas quem quer se imponha um dever que a natureza não lhe impôs, deve assegurar-se antes dos meios de cumpri-lo; de outro modo torna-se culpado até do que não puder fazer. Quem se encarrega de um aluno enfermo e valetudinário troca sua função de governante pela de enfermeiro; perde com tratar de uma vida inútil o tempo que destinava a valorizá-la; expõe-se a ver uma mãe desesperada censurar-lhe um dia a morte de um filho que ele lhe terá conservado por muito tempo.

Eu não me encarregaria de uma criança doentia e caquética, ainda que devesse viver oitenta anos. Não quero saber de um aluno sempre inútil a si mesmo e aos outros, que só se ocupe com se conservar e cujo corpo prejudique a educação da alma. Que faria prodigalizando-lhe em vão meus cuidados senão dobrar o prejuízo da sociedade, arrancando-lhe dois homens ao invés de um só? Que outro em meu lugar se encarregue desse enfermo, concordo e aprovo sua caridade; mas meu ofício não é esse: não sei ensinar a viver a quem não pensa senão em não morrer.

É preciso que o corpo tenha vigor para obedecer à alma: um bom servidor deve ser robusto. Sei que a intemperança excita as paixões; extenua também o corpo com o tempo; as macerações, os jejuns, produzem amiúde os mesmos efeitos por uma causa oposta. Quanto mais fraco o corpo, mais ele comanda; quanto mais forte mais obedece. Todas as paixões sensuais se abrigam em corpos efeminados; e estes tanto mais se irritam quanto menos as podem satisfazer.

O corpo débil enfraquece a alma. Daí o império da medicina, arte mais perniciosa aos homens do que todos os males que pretende curar. Não sei, quanto a mim, de que doenças nos curam os médicos, mas sei que nos dão algumas assaz funestas: a covardia, a pusilanimidade, a credulidade, o pavor da morte; se curam o corpo, matam a coragem. Que nos importa façam eles com que andem cadáveres? é de homens que precisamos e estes não os vemos saírem das mãos deles.

A medicina está na moda entre nós; ela deve estar. É o divertimento das pessoas ociosas, desocupadas, que não sabendo que fazer de seu tempo o desperdiçam conservando-se. Se tivessem tido a desgraça de nascerem imortais, seriam os mais miseráveis dos seres: uma vida que nunca teriam medo de perder não lhes seria de nenhum valor. Essa gente precisa de médicos que a ameacem para lisonjeá-la e lhe dêem todos os dias o único prazer que podem ter, o de não estarem mortos.

Não tenho o menor intuito de me estender aqui acerca da vaidade da medicina. Meu objetivo é apenas encará-la pelo lado moral. Não posso impedir-me, entretanto, de observar que os homens empregam a seu respeito os mesmos sofismas que acerca da procura da verdade. Supõem sempre que tratando de um doente o curam e que procurando uma verdade a encontram. Não vêem que cumpre equilibrar uma cura operada pelo médico com a morte de cem doentes que ele mata,

e a utilidade de uma verdade descoberta com malefício dos erros perpetrados ao mesmo tempo. A ciência que instrui e a medicina que cura são muito boas sem dúvida; mas a ciência que engana e a medicina que mata são más. Ensinaí-nos portanto a distingui-las. Eis o X do problema. Se soubéssemos ignorar a verdade nunca seríamos iludidos pela mentira; se soubéssemos não querer morrer contra a natureza, nunca morreríamos pela mão do médico: essas duas abstinências seriam sábias; ganharíamos evidentemente com nos sujeitarmos a elas. Não discuto se a medicina pode ser útil a alguns homens, digo que é funesta ao gênero humano.

Dir-me-ão, como o fazem sem cessar, que os erros são do médico mas que a medicina em si é infalível. Ainda bem, mas que venha então sem médico, pois enquanto vierem juntos, será cem vezes mais de se temerem os erros do artista que se esperar o socorro da arte.

Essa arte mentirosa, mais feita para os males do espírito que para os do corpo, não é mais útil a uns do que a outros: cura-nos menos de nossas doenças do que nos outorga o pavor delas; recua menos a morte do que nos faz senti-la de antemão; desgasta a vida ao invés de prolongá-la; e ainda que a prolongasse seria em prejuízo da espécie, porquanto nos afasta da sociedade pelos cuidados que nos impõe e dos nossos deveres pelos temores que nos dá. É o conhecimento dos perigos que nos faz temê-los: quem se acreditasse invulnerável não teria medo de nada. À força de armar Aquiles contra o perigo, o poeta tira-lhe o mérito da coragem; qualquer outro no lugar dele teria sido também um Aquiles.

Quereis encontrar homens de verdadeira coragem? Procurai-os nos lugares onde não há médicos, onde se ignoram as conseqüências das doenças, onde não se pensa na morte. O homem sabe naturalmente sofrer com firmeza e morre em paz. São os médicos com suas receitas, os filósofos com seus preceitos, os padres com suas exortações, que lhes aviltam a coragem e os levam a desaprenderem de morrer.

Que me dêem um aluno que não precise dessa gente ou o recusarei. Não quero que outros estraguem minha obra; quero educá-lo sozinho ou não me meter nisso. O sábio Locke, que passou parte de sua vida estudando a medicina, recomenda fortemente que não se droguem as crianças, nem por precaução nem por causa de ligeiros incômodos. Irei mais longe e declaro que, nunca chamando médico para mim, nunca chamarei para

meu Emílio, a menos que sua vida se ache em perigo evidente; porque então não poderá fazer pior do que matá-lo.

Bem sei que o médico não deixará de tirar proveito da demora. Se a criança morrer, tê-lo-ão chamado tarde demais; se escapar, ele a terá salvo. Seja: que o médico triunfe; mas principalmente que só seja chamado em último caso.

Na impossibilidade de saber curar-se, que a criança saiba ficar doente: esta arte supre a outra e muitas vezes dá melhor resultado; é a arte da natureza. Quando o animal está doente, sofre em silêncio e não se mexe: ora, não se vê maior número de animais abatidos que de homens. A que ponto a impaciência, o temor, a inquietude, e principalmente os remédios puderam matar indivíduos que a doença teria poupado e que o tempo houvera curado! Dirão que os animais, vivendo de maneira mais de acordo com a natureza, devem estar sujeitos a menor número de males do que nós. Pois bem, essa maneira de viver é precisamente a que eu quero dar a meu aluno; deve ele portanto tirar dela igual proveito.

A única parte útil da medicina é a higiene; e a higiene é menos uma ciência que uma virtude. A temperança e o trabalho são os dois verdadeiros médicos do homem: o trabalho aguça-lhe o apetite, a temperança impede-o de abusar dele.

Para saber que regime é mais útil à vida e à saúde, basta saber qual o regime seguido pelos povos que vivem melhor, que são mais robustos e duram mais tempo. Se, ante as observações de ordem geral, não se acha que a medicina dá aos homens uma saúde mais sólida ou uma vida mais longa, já há que considerar que, não sendo útil, essa arte é nociva porquanto emprega o tempo, os homens e as coisas em pura perda. Não somente o tempo que se consome em preservar a vida é perdido, como, para dela fazer uso, cumpre deduzi-lo; e quando esse tempo é empregado em nos atormentar, torna-se mais do que nulo, torna-se negativo; e para calculá-lo equitativamente cabe subtraí-lo, em quantidade idêntica, daquele que nos resta. Um homem que vive dez anos sem médico vive mais para si e para outrem do que o que vive trinta anos como vítima dele. Tendo feito uma e outra experiências, acredito-me com mais motivos do que ninguém para chegar a tais conclusões.

Eis minhas razões para só desejar um aluno robusto e sadio e meus princípios para mantê-lo assim. Não me deterei em provar demoradamente a utilidade dos trabalhos manuais e dos exercícios do corpo para fortalecer o temperamento e a

saúde; é o que ninguém discute; os exemplos das mais longas vidas são quase todos tirados de homens que fizeram mais exercícios, que suportaram maiores fadigas e mais trabalharam⁹. Não entrarei tampouco em muitos pormenores acerca dos cuidados que terei com esse fim; verão que se incluem tão necessariamente na minha prática, que basta entender o espírito da coisa para não haver necessidade de explicação.

Com a vida começam as necessidades. O recém-nascido precisa de uma ama. Se a mãe consentir em cumprir seu dever, muito que bem; caberá dar-lhe sua orientação por escrito, pois essa vantagem tem seu contrapeso e mantém o governante algo afastado de seu aluno. Mas é de se crer que o interesse da criança e a estima por aquele a quem ela consente em confiar tão caro depósito tornarão a mãe atenta às idéias do mestre; e tudo o que quiser fazer, ela o fará melhor do que ninguém. Se nos for necessário uma ama estranha, comecemos por bem escolhê-la.

Uma das misérias da gente rica é ser enganada em tudo. Se julga mal os homens devemos espantar-nos? São as riquezas que a corrompem; e naturalmente essa gente é a primeira a sentir o defeito do único instrumento que lhe seja conhecido. Tudo é mal feito em casa dessa gente, à exceção do que ela própria faz, e não faz quase nada. Trata-se de escolher uma ama, ela entrega ao parteiro o cuidado disso. Que acontece então? A melhor é a que mais bem o paga. Não irei portanto consultar um parteiro para a ama de Emílio; cuidarei de escolhê-la eu próprio. Não raciocinarei a respeito tão eruditamente

(9) E eis um exemplo haurido em documentos ingleses e que não posso deixar de mencionar, a tal ponto oferece margem a reflexões relativas a meu assunto.

“Um indivíduo chamado Patrice Oneil, nascido em 1647, acaba de se casar em 1700 pela sétima vez. Serviu no regimento dos dragões no décimo sétimo ano do reinado de Carlos II e em diferentes outros corpos do exército até 1740, quando obteve dispensa. Fez todas as campanhas do Rei Guilherme e do Duque de Malborough. Esse homem nunca bebeu senão cerveja comum; sempre se alimentou de vegetais e só comeu carne em alguns jantares que dava à família. Seu hábito foi sempre o de se levantar e se deitar com o sol, a menos de o impedirem seus deveres. Está agora com cento e treze anos, ouvindo bem, passando bem e andando sem bastão. Apesar de sua idade avançada, não fica um só momento sem trabalhar; e todos os domingos vai à sua paróquia acompanhado por seus filhos, netos e bisnetos.”

quanto um cirurgião, mas serei sem dúvida de mais boa fé e meu zelo me enganará menos do que sua cúpidez.

Essa escolha não comporta grande mistério; as regras são conhecidas; mas não sei se não deveriam cuidar mais da idade do leite tanto quanto de sua qualidade. O leite novo é muito seroso, deve quase ser aperitivo para purgar o resto do mecônio acumulado nos intestinos da criança que acaba de nascer. Pouco a pouco o leite toma consistência e fornece um alimento mais sólido à criança já tornada mais forte para digeri-lo. Não é certamente por nada que nas fêmeas de toda espécie a natureza muda a consistência do leite segundo a idade do filhote.

Seria necessário portanto uma ama recém-parturiente para uma criança recém-nascida. Isso tem sua dificuldade, bem o sei; mas desde que se sai da ordem natural tudo tem dificuldade em ser bem feito. O único expediente cômodo é fazer mal; é também o que se escolhe.

Fora necessário uma ama tão sadia de coração quanto de corpo; a intempérie das paixões pode, como a dos humores, alterar-lhe o leite; demais, atentar unicamente para o físico é ver apenas a metade do objetivo. O leite pode ser bom e a ama má; um bom caráter é tão essencial quanto um bom temperamento. Em se tomando uma mulher viciada, não digo que o bebê adquirirá seus vícios, mas digo que com isso sofrerá. Não lhe deve ela, com o seu leite, cuidados que exigem zelo, paciência, doçura, limpeza? Gulosa, intemperante, logo terá seu leite estragado; negligente ou arrebatada, que irá acontecer com o pobre infeliz à sua mercê, que não pode defender-se nem se queixar? Nunca, no que quer que seja, os maus podem ser bons em algo bom.

A escolha de uma ama tem tanto maior importância quanto seu bebê não deve ter outra governante senão ela, assim como não deve ter outro preceptor senão seu governante. Assim o pensavam os antigos, menos argumentadores porém mais sábios do que nós. Depois de ter amamentado os filhos deles, as amas não mais os abandonavam. Eis porque em suas peças de teatro, as confidentes são as amas em sua maioria. É impossível que uma criança, que passa sucessivamente por tantas mãos diferentes venha a ser bem educada. A cada mudança ela faz comparações secretas que tendem sempre a diminuir sua estima pelos que a governam e, conseqüentemente, a autoridade deles. Se porventura chega a pensar um dia que há adultos com não mais juízo do que as crianças, eis a autoridade da idade per-

dida e malograda a educação. Uma criança não deve conhecer outros superiores que não o pai e a mãe, ou, na falta destes, a ama e o governante; já é demais um dos dois, mas a partilha é inevitável. E tudo o que se pode fazer para remediar a tal inconveniente é que as pessoas dos dois sexos que a dirigem estejam de acordo a seu respeito, que os dois sejam um só para ela.

É preciso que a ama viva um pouco mais comodamente, que tenha alimentos mais substanciais, mas não que mude inteiramente de maneira de viver; pois uma mudança total, ainda que para melhor, é sempre perigosa para a saúde. E se seu regime habitual a tornou sadia e bem constituída, para que fazer com que o troque?

As camponesas comem menos carne e mais legumes do que as mulheres da cidade; e esse regime vegetal parece mais favorável do que contrário a elas e a seus filhos. Quando têm bebês burgueses, dão-lhe sopas persuadidos de que sopas e caldos favorecem a digestão e lhes melhoram o leite. Não acredito nisso de modo algum; tenho a meu favor a experiência que nos ensina que as crianças assim amamentadas são mais sujeitas do que as outras às cólicas e aos vermes.

Não é de espantar, porquanto a substância animal em putrefação formiga de vermes, o que não acontece com a substância vegetal. O leite, embora elaborado no corpo do animal, é uma substância vegetal¹⁰; demonstra-o a análise: faz-se ácido facilmente e, longe de provocar qualquer vestígio de álcali volátil, como ocorre com as substâncias animais, dá, como as plantas, um sal neutro essencial.

O leite das fêmeas herbívoras é mais doce e salutar que o das carnívoras. Formado de uma substância homogênea, conserva melhor sua natureza e torna-se menos sujeito à putrefação. Em relação à quantidade, ninguém ignora que os farináceos produzem mais sangue do que a carne; devem portanto produzir mais leite também. Não posso acreditar que uma criança desmamada não demasiado cedo, ou somente desmamada com alimentos vegetais e cuja ama só viva também de vegetais, venha a ter vermes algum dia.

(10) As mulheres comem pão, legumes, laticínios: as fêmeas dos cães e dos gatos também; até as lobas pastam. São sucos vegetais para seu leite. Resta a examinar o das espécies que só podem alimentar-se de carne, se é que as há. Do que duvido.

Pode ser que os alimentos vegetais dêem um leite mais facilmente azedável; mas estou longe de encarar o leite azedo como um alimento malsão: povos inteiros, que não têm outro alimento, passam muito bem e toda essa combinação de absorventes se me afigura puro charlatanismo. Há temperamentos aos quais o leite não convém e então nenhum absorvente o torna suportável; outros o suportam sem absorvente. Temem o leite coalhado: é bobagem porquanto se sabe que o leite coalha no estômago. Assim é que se torna um alimento bastante sólido para alimentar as crianças e os pequenos animais; se não coalhasse, não faria senão passar, não alimentaria ¹¹. Pode-se cortar o leite de mil maneiras, empregar mil absorventes, quem quer tome leite, digere queijo e isso sem exceção. É o estômago tão bem feito para coalhar o leite, que é com estômago de vitela que se faz a coalhada.

Penso portanto que ao invés de mudar a alimentação comum das amas, basta dar-lhes a mesma com mais abundância e mais bem escolhida. Não é pela natureza dos alimentos que a dieta perturba, é seu tempero que os torna malsãos. Reformai as regras de vossa cozinha; evitai a manteiga queimada e as frituras; que nem a manteiga, nem o sal, nem os laticínios passem pelo fogo; que os legumes cozidos na água só sejam temperados ao chegarem quentes à mesa: a dieta, ao invés de perturbar a ama, dar-lhe-á leite em abundância e da melhor qualidade ¹². Será possível que o regime vegetal, reconhecidamente o melhor para a criança não seja melhor do que o animal para a ama? Há certa contradição nisso. É principalmente nos primeiros anos de vida que o ar atua sobre a constituição das crianças. Numa pele delicada e mole, ele penetra por todos os poros, afeta fortemente os corpos em desenvolvimento, deixa-lhes impressões que não se apagam. Não sou por isso favorável a que se tire uma camponesa de sua aldeia para fechá-la num quarto da cidade e se faça amamentar a criança em casa; prefiro que ela vá respirar o bom ar dos campos a respirar o

(11) Embora os sucos que nos nutrem sejam líquidos, devem ser tirados de alimentos sólidos. Um homem trabalhando, que vivesse somente de caldos, depereceria rapidamente. Sustentar-se-ia muito melhor com o leite, porque este coalha.

(12) Os que desejarem discutir mais a fundo as vantagens e os inconvenientes do regime pitagórico poderão consultar os tratados que os doutôres Cocchi e Bianchi, seu adversário, escreveram sobre o assunto.

mau da cidade. Ela tomará a condição de sua nova mãe, morará na sua casa rústica e seu governante a acompanhará. O leitor deve lembrar-se de que o governante não é um mercenário: é um amigo do pai. Mas quando não se encontra esse amigo, quando essa transposição não é fácil, quando nada do que aconselhais é possível, que fazer, dir-me-ão. Já vos disse: o que fazeis, e não há necessidade de conselho para isso.

Os homens não são feitos para se amontoarem em formigueiros e sim para serem espalhados pela terra que devem cultivar. Quanto mais se juntam, mais se corrompem. As enfermidades do corpo, bem como os vícios da alma, são a consequência infalível dessa aglomeração excessiva. De todos os animais, o homem é o que menos pode viver em rebanho. Homens juntados como carneiros pereceriam dentro de pouco tempo. O hálito do homem é mortal para seus semelhantes; isso não é menos verdadeiro no sentido próprio do que no figurado.

As cidades são os báratros da espécie humana. Ao fim de algumas gerações as raças morrem ou degeneram; é preciso renová-las e é sempre o campo que procede a essa renovação. Mandai portanto vossos filhos renovarem-se, por assim dizer, a si mesmos, recuperando nos campos o vigor perdido no ar malsão dos lugares demasiado povoados. As mulheres grávidas que se encontram nos campos apressam-se em ir ter seus filhos na cidade: deveriam fazer exatamente o contrário, principalmente as que querem amamentá-los. Teriam menos do que imaginam de que se arrepender; e num lugar mais natural à espécie, os prazeres ligados aos deveres da natureza tirar-lhes-iam, em breve, o pendor pelos que com ela não se relacionam.

Logo depois do parto, lava-se a criança com um pouco de água morna a que se mistura comumente vinho. Essa adição de vinho não me parece muito necessária. Como a natureza não produz nada fermentado, não é de se acreditar que o uso de um líquido artificial tenha importância na vida de suas criaturas.

Pela mesma razão a precaução de amornar a água não é tampouco indispensável; e com efeito, inúmeros povos lavam os recém-nascidos nos rios ou no mar sem maiores cuidados. Mas nossos filhos, amolecidos antes de nascerem pela moleza dos pais e das mães, trazem, vindo ao mundo, um temperamento já corrompido que cumpre não expor desde logo a todas as provas por que devem passar para restabelecê-lo. Só gradualmente é que se pode reconduzi-los a seu vigor primitivo. Come-

çai portanto seguindo os usos e só aos poucos vos afasteis deles. Lavai amiúde as crianças, sua sujidade mostra a necessidade disso. Vós as feris em vos restringindo a limpá-las; mas diminui progressivamente a tepidez da água na medida em que se fortalecem, até que as possais lavar, no inverno como no verão, com água fria e mesmo gelada. Como, para não as expor a acidentes, é preciso que essa diminuição seja lenta, sucessiva e insensível, podeis empregar o termômetro a fim de medi-la exatamente.

Esse uso do banho, uma vez estabelecido, não deve mais ser interrompido e cumpre conservá-lo durante toda a vida. Encaro-o não somente em relação à limpeza e à saúde no momento, mas também como uma precaução salutar para tornar mais flexível a textura das fibras e fazê-las ceder sem esforço nem riscos aos diversos graus de calor ou de frio. Para isso, gostaria que, em crescendo, a criança se acostumasse pouco a pouco a banhar-se às vezes em águas quentes a todos os graus suportáveis e muitas vezes em águas frias a todos os graus possíveis. Assim, depois de se ter habituado a suportar as diversas temperaturas da água que, sendo um fluído mais denso, toca em maior número de pontos e afeta mais, a criança tornar-se-ia quase insensível às do ar.

No momento em que a criança respira ao sair de seu invólucro, não deixeis que lhe dêem outro que a mantenha mais acanhada. Nada de toucas, de faixas, de cintas; fraldas não apertadas, amplas, que deixem todos os membros em liberdade, que não sejam pesados demais, que embaraçaria os movimentos, nem quentes demais, o que a impediria de sentir o ar¹³. Colocai-na num berço grande¹⁴ bem acolchoado, em que ela possa mexer-se à vontade e sem perigo. Quando começar a fortalecer-se, deixai-a engatinhar pelo quarto; deixai-a distender e desenvolver seus pequenos membros; vós a vereis reforçar-se dia

(13) Sufocam as crianças nas cidades à força de conservá-las fechadas e vestidas. Os que delas se ocupam ainda não sabem que o ar frio, longe de lhes fazer mal, as fortalece, e que o ar quente lhes dá febre e as mata.

(14) Na falta de outra palavra digo berço (*berceau*) que é de uso corrente; mas estou persuadido de que não é nunca necessário embalar (*bercer*) as crianças e de que este hábito lhes é amiúde pernicioso.

após dia. Comparai-a com uma criança bem enfaixada da mesma idade; ficareis espantado com a diferença dos progressos.¹⁵

Deve-se contar com grandes oposições da parte das amas, às quais a criança bem enfaixada dá menos trabalho que aquela que se deve vigiar sem cessar. Demais sua sujidade faz-se mais sensível com uma roupa aberta; cumpre limpá-la mais vezes. Finalmente, o costume é um argumento que nunca se refutará, em certas regiões, à predileção do povo de todos os países.

Não raciocineis nunca com as amas; ordenai, vede fazer e nada poupeis para tornar fáceis, na prática, os cuidados que tiverdes prescrito. E por que não os compartilharieis? Nas alimentações comuns, em que só se atenta para o físico, conquanto a criança viva e não depereça, o resto pouco importa; mas aqui, em que a educação começa com a vida, ao nascer, a criança já é discípulo, não do governante e sim da natureza. O governante não faz senão estudar, orientado por esse primeiro mestre, e impedir que seus cuidados sejam contrariados. Ele vigia o bebê, observa-o, segue-o, atenta, vigilante, para o primeiro reluzir de seu fraco entendimento, assim como o mulçumano espia, quando do quarto crescente, o nascer da lua.

Nascemos capazes de aprender, mas não sabendo nada, não conhecendo nada. A alma acorrentada a seus órgãos imperfei-

(15) "Os antigos peruanos deixavam os filhos com os braços livres num envolvedouro muito amplo; quando dele os tiravam, punham-nos em liberdade num buraco feito na terra e guarnecido de lençóis dentro do qual os desciam até metade do corpo; dessa maneira tinham os braços livres, podiam mexer a cabeça e dobrar o corpo à vontade sem que caíssem nem se machucassem. Logo que podiam dar um passo, apresentavam-lhes o seio de certa distância como uma isca para obrigá-los a andar. Os negrinhos encontram-se por vezes numa posição bem mais cansativa para mamar: abarcam as ancas da mãe com os joelhos e os pés e tão bem as apertam que podem sustentar-se sem o auxílio dos braços da mãe. Prendem-se ao seio com as mãos e chupam-no constantemente sem que se incomodem ou caiam apesar dos diferentes movimentos da mãe que, durante esse tempo, trabalha como de costume. Essas crianças começam a andar ou antes, a engatinhar já no segundo mês. Esse exercício dá-lhes mais tarde a facilidade de correr dessa maneira quase tão depressa como em pé" (Hist. Nat. Tomo IV, in-12, p. 192).

A tais exemplos, Buffon poderia ter acrescentado o da Inglaterra onde a prática extravagante e bárbara das faixas se vai abolindo dia a dia. V. também La Loubère, *Voyage du Siam*; Le Beau, *Voyage du Canada*, etc. Encheria vinte páginas de citações se precisasse confirmar isso com fatos.

tos e semiformados, não tem sequer o sentimento de sua própria existência. Os movimentos, os gritos da criança que acaba de nascer, são efeitos puramente mecânicos, desprovidos de conhecimento e de vontade.

Suponhamos que uma criança tivesse ao nascer a estatura e a força de um homem feito, que saísse, por assim dizer, com todos os seis meios de ação do ventre de sua mãe, assim como Pallas saiu do cérebro de Júpiter; esse homem-criança seria um perfeito imbecil, um autômato, uma estátua imóvel e quase insensível: não veria nada, não compreenderia nada, não conheceria ninguém, não saberia voltar os olhos para o que tivesse necessidade de ver. Não somente não perceberia nenhum objeto fora de si, como não levaria nenhum ao órgão do sentido que lhe faria percebê-lo; as cores não estariam nos seus olhos, os sons não estariam nos seus ouvidos, os corpos que tocassem não estariam no seu, nem sequer ele saberia que tem um; o contato de suas mãos não estaria no seu cérebro; todas as suas sensações se reuniriam num só ponto; ele só existiria no *sensorium* comum; teria uma só idéia, a do *eu* a que atribuiria todas as suas sensações; e esta idéia, ou melhor, este sentimento seria a única coisa que teria a mais do que uma criança comum.

Esse homem formado repentinamente não saberia tampouco erguer-se sobre os pés; ser-lhe-ia necessário muito tempo para aprender a equilibrar-se neles; talvez nem mesmo o tentasse, e verieis esse grande corpo forte e robusto, não sair do lugar como uma pedra ou arrastar-se rastejando como um cachorrinho.

Sentiria o incômodo das necessidades, sem conhecer nem imaginar um meio de atender a elas. Não há nenhuma comunicação imediata dos músculos do estômago com os dos braços e das pernas que, mesmo cercado de alimentos, o fizesse dar um passo para deles se aproximar ou pegá-los; e como seu corpo já estaria crescido e estariam desenvolvidos os seus membros, ele não teria, conseqüentemente, nem as inquietações nem os movimentos contínuos das crianças e poderia morrer de fome antes de se mexer, a fim de procurar sua subsistência. Por pouco que se tenha refletido sobre a ordem e o progresso de nossos conhecimentos, não se pode negar que tal tenha sido mais ou menos o estado primitivo de ignorância e de estupidez natural ao homem, antes que tivesse aprendido o que quer que seja da experiência ou de seus semelhantes.

Conhece-se portanto, ou pode-se conhecer, o ponto de partida de cada um de nós para chegar ao grau comum do entendimento; mas quem conhece a outra extremidade? Cada qual avança mais ou menos segundo seu gênio, seu gosto, suas necessidades, seus talentos, seu zelo e as oportunidades que tem. Não sei de nenhum filósofo ainda que tenha sido bastante ousado para dizer: eis o termo a que o homem pode chegar e não pode ultrapassar. Ignoramos o que nossa natureza nos permite ser; nenhum de nós mediu a distância que pode haver entre um homem e outro homem. Qual a alma baixa que essa idéia nunca perturbou e que não tenha dito não raro em seu orgulho: quantos não ultrapassei! quantos ainda posso alcançar! por que meu igual iria mais longe do que eu?

Repito-o, a educação do homem começa com seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui. A experiência adianta-se às lições; no momento em que conhece sua ama, já muito ele adquiriu. Surprenderiam-nos os conhecimentos do homem mais bronco, se seguíssemos seu progresso desde o momento em que nasceu até àquele a que chegou. Se se dividisse toda a ciência humana em duas partes, uma comum a todos os homens, outra peculiar aos sábios, esta seria muito pequena em comparação com a outra. Mas não pensamos quase nas aquisições gerais, porque elas se fazem sem que nelas pensemos e até antes da idade da razão. De resto, o saber só se faz notar pelas diferenças e, como nas equações de álgebra, as quantidades comuns não contam.

Os próprios animais adquirem muito. Têm sentidos, cumpre que aprendam a usá-los; têm necessidades, cumpre que aprendam a atender a elas; cumpre que aprendam a comer, a andar, a voar. Os quadrúpedes, embora se mantenham em pé desde o nascimento, não sabem andar; vemo-lo a seus primeiros passos que são tentativas inseguras. Os canários fugidos da gaiola não sabem voar, porque nunca voaram. Tudo é instrução para os seres animados e sensíveis. Se as plantas tivessem um movimento progressivo, seria preciso que tivessem sentidos e adquirissem conhecimentos; de outro modo as espécies pereceriam dentro em breve.

As primeiras sensações das crianças são puramente afetivas; não percebem senão o prazer e a dor. Não podendo nem andar nem pegar, precisam de muito tempo para formarem pouco a pouco as sensações representativas que lhes mostram os objetos fora de si mesmas; mas enquanto esses objetos não se es-

tendem, não se afastam, por assim dizer, de seus olhos, e tomam para eles dimensões e formas, a repetição das sensações afetivas começa a submetê-los ao império do hábito; vemos seus olhos voltarem-se sem cessar para a luz e se esta vem de lado tomarem a mesma direção. De maneira que devemos cuidar de apresentar seu rosto à claridade, a fim de que não se tornem vesgos nem se acostumem a olhar de viés. É preciso também que se habituem desde cedo às trevas; de outro modo choram e gritam logo que se encontram na obscuridade. O alimento e o sono, demasiado medidos, fazem-se-lhes necessários ao fim dos mesmos intervalos; e dentro em breve o desejo não vem mais da necessidade e sim do hábito, ou melhor, o hábito acrescenta uma nova necessidade à da natureza: eis o que cabe evitar.

O único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum; que não a ponham mais sobre um braço do que sobre outro; que não a acostumem a dar uma mão mais do que a outra, a dela fazer uso mais amiudado, a querer comer, dormir, agir nas mesmas horas, a não poder ficar sozinha de dia ou de noite. Preparai de longe o reinado de sua liberdade e o emprego de suas forças, deixando a seu corpo o hábito natural, pondo-a em estado de ser sempre senhora de si mesma e fazendo em tudo sua vontade logo que tenha uma.

A partir do momento em que a criança começa a distinguir os objetos, cumpre variar os que se lhe mostram. Naturalmente todos os novos objetos interessam o homem. Sente-se ele tão frágil que teme tudo o que não conhece: o hábito de ver novos objetos sem ser afetado por eles destrói tal temor. As crianças criadas em casas limpas, onde não existem aranhas, têm medo das aranhas e esse medo se prolonga na idade adulta. Nunca vi camponês, homem, mulher ou criança, ter medo de aranha.

Por que então não começaria a educação da criança antes que ela fale e compreenda, desde que a simples escolha dos objetos que lhe apresentamos já pode torná-la tímida ou corajosa? Quero que a acostumem a ver objetos diferentes, animais feios, asquerosos, estranhos, mas pouco a pouco, de longe, até que a eles se acostume e que à força de vê-los manejados por outrem os maneje ela própria. Se tiver visto na infância sapos, cobras, caranguejos, verá sem horror, quando adulto, qualquer espécie de animal. Não há objetos horríveis para quem os vê diariamente.

Todas as crianças têm medo de máscaras. Começo mostrando a Emílio uma máscara de fisionomia agradável; depois alguém põe essa máscara no rosto diante dele: eu rio e todo mundo ri e a criança ri como todos. Pouco a pouco acostumo-a a máscaras menos agradáveis e finalmente a caras horrorosas. Se tiver ordenado com cuidado a gradação, ela há de rir das últimas como da primeira. Depois disso não receio mais de que a assustem com máscaras.

Quando nas despedidas de Andrômaca e de Heitor, o pequeno Antyanax, assustado com o penacho do capacete do pai o desconhece e se joga gritando, no colo da ama, e arranca de sua mãe um sorriso molhado de lágrimas; que fazer para curar o pavor? Precisamente o que faz Heitor; pôr o capacete no chão e depois acariciar a criança. Num momento mais tranquilo não se ficaria nisso; aproximar-se-ia do capacete, brincar-se-ia com as plumas, ofereceriam-se-lhes à criança; finalmente a ama pegaria o capacete e, rindo, o colocaria na cabeça, se é que uma mão de mulher ousasse tocar nas armas de Heitor.

Trata-se de habituar Emílio ao ruído de uma arma de fogo, queimo primeiramente uma mecha na pistola. Essa chama brusca e passageira, essa espécie de relâmpago, alegra-o; repito a coisa com mais pólvora; pouco a pouco acrescento à pistola uma pequena carga sem bucha, depois outra maior; finalmente acostumo-o a tiros de fuzil, a bombas, a canhões, às mais terríveis detonações.

Observei que as crianças raramente têm medo do trovão, a menos que sejam tremendos e firam realmente o ouvido; a não ser assim esse receio só lhes vem quando aprendem que o trovão fere e mata às vezes. Quando a razão começar a assustá-las, fazei com que o hábito as tranquilize. Com uma gradação lenta e cuidadosa tornam-se intrépidos o homem e a criança.

No princípio da vida, quando a memória e a imaginação são ainda inativas, a criança só presta atenção àquilo que afeta seus sentidos no momento; sendo suas sensações o primeiro material de seus conhecimentos, oferecer-lhas numa ordem conveniente é preparar sua memória a fornecer-lhas um dia na mesma ordem a seu entendimento; mas como ela só presta atenção a suas sensações, basta primeiramente mostrar-lhe bem distintamente a ligação dessas sensações com os objetos que as provocam. Ela quer meter a mão em tudo, tudo manejar: não contrarieis essa inquietação; ela lhe sugere um aprendizado mui-

to necessário. Assim é que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o peso, a leveza dos corpos, a julgar de seu tamanho, de sua forma e de todas as suas qualidades sensíveis, a olhando, apalpando ¹⁶, ouvindo e principalmente comparando a vista ao tato, estimando pelo olhar a sensação que provocariam em seus dedos.

É somente pelo movimento que sabemos que há coisas que não são nós; e é somente pelo nosso próprio movimento que adquirimos a idéia da extensão. É por não ter essa idéia que a criança estende indiferentemente a mão para apanhar o objeto que se acha perto dela ou a cem passos. Esse esforço que ela faz se vos afigura sinal de vontade de domínio, ordem de aproximar-se que ela dá ao objeto ou que vos dá de trazê-lo; nada disso, os mesmos objetos que ela via inicialmente em seu cérebro, a seguir em seus olhos, ela os vê agora na ponta dos braços e só imagina uma extensão que pode atingir. Cuidai portanto de passeá-la amiúde, de transportá-la de um lugar para outro, de fazê-la sentir essa mudança, a fim de ensiná-la a julgar as distâncias. Quando ela começar a conhecê-las, será preciso mudar de método e só a transportar como quizerdes e não como ela quiser. Pois, em não sendo ela mais enganada pelos sentidos, seu esforço mudará de causa: essa mudança é notável e exige explicação.

O mal-estar das necessidades exprime-se por sinais quando o auxílio de outrem é necessário para apaziguá-lo: daí os gritos das crianças. Elas choram muito; assim deve ser. Como todas as suas sensações são afetivas, quando são agradáveis elas as apreciam em silêncio; quando penosas, elas o dizem em sua linguagem e pedem alívio. Ora, quando acordadas, elas não podem permanecer indiferentes; ou dormem ou as sentem.

Todas as nossas línguas são obras de arte. Procurou-se durante muito tempo saber se haveria uma língua natural e comum a todos os homens. Sem dúvida há uma: a que as crianças falam antes de saberem falar. Essa língua não é articulada, mas é acentuada, sonora, inteligível. O emprego das nossas nos fez negligenciá-la a ponto de a esquecermos por com-

(16) O olfato é, de todos os sentidos, o que mais tarde se desenvolve nas crianças; até a idade de dois ou três anos, não parece que sejam sensíveis nem aos bons nem aos maus odores; têm a respeito a indiferença, ou antes, a insensibilidade que se observa em muitos animais.

pleto. Estudemos a criança e logo a reaprenderemos com ela. As amas são nossos professores nessa língua; elas entendem tudo o que lhes diz o bebê; respondem-lhe, têm com ele diálogos muito pertinentes; e embora elas pronunciem palavras, estas são perfeitamente inúteis; não é o sentido das palavras que o bebê entende, e sim o acento com que se acompanham.

A linguagem da voz junta-se a do gesto, não menos enérgica. Esse gesto não está nas fracas mãos da criança, está em seus rostos. É de espantar ver a que ponto essas fisionomias mal formadas já têm expressão; seus traços mudam de um momento para outro com inconcebível rapidez; vêm-se nelas o sorriso, o desejo, o pavor nascerem e passarem como relâmpagos: e a cada vez acredita-se descobrir outro rosto. As crianças têm certamente os músculos da face mais móveis do que nós. Por outro lado, entretanto, seus olhos baços quase nada dizem. Assim tem de ser o tipo de seus sinais numa idade que só existem necessidades corporais; a expressão das sensações está nas contrações do rosto, a expressão dos sentimentos nos olhares.

Como o primeiro estado do homem é de miséria e fraqueza, suas primeiras vozes são de queixas e de choros. A criança sente suas necessidades e, não podendo satisfazê-las, implora o auxílio de outrem com gritos; se tem fome ou sede, chora; se sente muito frio ou muito calor, chora; se precisa de movimento e a mantêm em repouso, chora; se quer dormir e a agitam, chora. Quanto menos sua maneira de ser se acha à sua disposição, mais ela pede constantemente que a mudem. Só tem uma linguagem porque não tem, por assim dizer, senão uma espécie de mal-estar: na imperfeição de seus órgãos não distingue suas diversas impressões; todos os males já lhe dão uma sensação de dor.

Desses choros que imaginamos tão pouco dignos de atenção, nasce a primeira relação do homem com tudo o que o cerca: forja-se o primeiro elo dessa grande cadeia de que é formada a ordem social.

Quando a criança chora, está mal à vontade, tem alguma necessidade que não pode satisfazer: examina-se, procura-se essa necessidade, encontra-se e atende-se a ela. Quando não se a encontra ou quando não se pode atender a ela, os choros continuam e importunam: acarinha-se a criança para que se cale, embala-se a criança, canta-se para que durma; se se obstina, a gente se impacienta, a gente a ameaça; amas brutais batem-na por vezes. Eis estranhas lições para sua entrada na vida.

Não esquecerei nunca ter visto um desses incômodos manhosos batido pela ama. Calou imediatamente; imaginei-o intimidado. Dizia-me: será uma alma servil da qual nada se obterá a não ser com rigor. Enganava-me: o pobrezinho sufocava de cólera, perdera a respiração; vi-lo tornar-se roxo. Momentos depois vieram os gritos agudos; todos os sinais do ressentimento, da raiva, do desespero dessa idade, estavam neles. Reccei que morresse nessa agitação. Se eu houvesse duvidado de que o sentimento do justo e do injusto é inato no coração do homem, esse simples exemplo me teria convencido. Estou certo de que uma brasa caída por acaso na mão dessa criança lhe teria sido menos sensível do que a pancada bastante leve mas dada com a intenção manifesta de ofendê-la.

Essa disposição das crianças para o arrebatamento, para o despeito, a raiva, exige cuidados muito grandes. Boerhaave pensa que suas doenças são em sua maioria de ordem convulsiva, porque sendo nelas a cabeça proporcionalmente maior e o sistema dos nervos mais extenso do que nos adultos, a parte nervosa é mais suscetível de irritação. Afastai delas com o maior cuidado os criados que as excitam, as irritam, as impacientam: são-lhe cem vezes mais perigosos, mais funestos que as injúrias do ar e das estações. Enquanto as crianças só encontrarem resistência nas coisas e não nas vontades, não se tornarão emburradas nem coléricas e conservar-se-ão em melhor saúde. É uma das razões porque as crianças do povo, mais livres, mais independentes, são geralmente menos doentias, menos delicadas, mais robustas do que as que pretendem educar contrariando-as sem cessar. Mas cumpre pensar sempre que há grande diferença entre lhes obedecer e não as contrariar.

Os primeiros choros das crianças são solicitações: se não tomamos cuidado, logo se tornam ordens; começam pedindo assistência, acabam fazendo-se servir. Assim, de sua própria fraqueza, de que provém inicialmente o sentimento de sua dependência, nasce a seguir a idéia de império, de domínio; mas essa idéia sendo menos provocada por suas necessidades do que por nossos serviços, começam-se a perceber os efeitos morais cuja causa imediata não está na natureza; e vê-se desde já por que, desde a primeira infância, importa descobrir a intenção secreta que dita o gesto ou o grito.

Quando a criança estende a mão com esforço sem nada dizer, ela pensa alcançar o objeto, porquanto não calcula a distância; engana-se; mas quando se queixa e grita estendendo a

mão, não mais se engana acerca da distância, ordena ao objeto de se aproximar ou a vós de trazê-lo. No primeiro caso, levai-a ao objeto devagar e a passos miúdos; no segundo, fingi que não a entendeis: quanto mais gritar menos deveis ouvi-la. Cumpre acostumá-la desde cedo a não comandar nem nos homens, por não ser senhor deles, nem nas coisas que não a entendem. Assim, quando uma criança deseja alguma coisa que vê e que queremos dar-lhe, é melhor conduzi-la ao objeto que trazê-lo a ela: dessa prática ela tira uma conclusão que é de sua idade, e não há outro meio de sugerir-lha.

O abade de Saint-Pierre chamava aos homens crianças grandes; poder-se-ia, reciprocamente, chamar às crianças pequenos homens. Tais ditos têm sua verdade como sentenças; como princípios, precisam de esclarecimentos. Mas quando Hobbes dizia de um mau que era uma criança robusta, afirmava uma coisa absolutamente contraditória. Toda maldade vem da fraqueza; a criança só é má porque é fraca; fortalecei-a, ela será boa; quem tudo pudesse nunca praticaria o mal. De todos os atributos da Divindade toda poderosa, a bondade é aquele sem o qual menos se poderia concebê-la. Todos os povos que admiram dois princípios sempre encararam o mau como inferior ao bom; sem o que teriam feito uma suposição absurda. Vede a Profissão de fé do Vigário saboiano.

Somente a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal.

A consciência que nos faz amar um e odiar o outro, embora independente da razão, não pode pois desenvolver-se sem ela. Antes da idade da razão, fazemos o bem e o mal sem o saber; e não há moralidade em nossas ações embora haja por vezes no sentimento das ações de outrem em relação a nós. Uma criança quer dismantelar tudo o que vê: parte, quebra tudo o que pode alcançar; pega um passarinho como pegaria uma pedra e o estrangula sem saber o que está fazendo.

Por quê? Desde logo a filosofia vai explicá-lo pelos vícios naturais: o orgulho, a vontade de domínio, o amor próprio, a maldade do homem. O sentimento de sua fraqueza, poderá acrescentar, torna a criança ávida de perpetrar atos de força e provar a si mesma seu próprio poder. Mas vede o ancião enfermo e alquebrado, trazido de volta à infância no círculo da vida humana: não somente permanece imóvel e sereno, como ainda quer que tudo o permaneça em volta dele; a menor mudança o perturba e inquieta, ele desejaria ver reinar uma calma universal. Por que a mesma impotência unida às mesmas pai-

xões produziria efeitos tão diferentes nas duas idades, se a causa primeira não fôsse outra? E onde buscar essa diversidade de causas senão no estado físico dos dois indivíduos? O princípio ativo, comum a ambos, desenvolve-se num e se extingue no outro; um está-se formando, outro se destruindo; um tende para a vida, outro para a morte. A atividade enfraquecida concentra-se no coração do velho; no da criança ela abunda e projeta-se para fora; ela sente, por assim dizer, vida suficiente para animar tudo o que a cerca. Que faça ou desfaça, pouco importa; basta que mude o estado das coisas, e toda mudança é uma ação. Não é por maldade que ela parece ter mais tendência para destruir, é porque a ação que forma é sempre lenta e a que destrói, sendo mais rápida, convém mais a sua vivacidade.

de
força
necessária
com
?
Ao mesmo tempo que o Autor da natureza dá às crianças esse princípio ativo, ele cuida de que seja pouco nocivo outorgando-lhes pouca força para que a ele se entreguem. Mas logo que elas podem encarar as pessoas que as cercam como instrumentos que depende delas fazer com que ajam, deles elas se servem para seguir sua tendência e suprir a sua própria fraqueza. Eis como elas se tornam incômodas, tirânicas, voluntárias, maldosas, indomáveis; progresso que não lhes vem de uma vontade natural de domínio e sim que lhes dá essa vontade; pois não é necessária uma longa experiência para sentir a que ponto é agradável agir pelas mãos de outrem e não ser preciso senão mexer a língua para movimentar o universo.

Em crescendo, adquirimos forças, tornamo-nos menos inquietos, menos trêfegos, fechamo-nos mais em nós mesmos. A alma e o corpo põem-se, por assim dizer, em equilíbrio e a natureza não nos pede mais do que o movimento necessário à nossa conservação. Mas o desejo de mandar não se extingue com a necessidade que o fez surgir; o domínio desperta e satisfaz o amor próprio e o hábito o fortalece. Assim a fantasia sucede à necessidade, assim começam a arraigar-se os preconceitos da opinião.

Conhecido o princípio, percebemos claramente o ponto em que abandonamos o caminho da natureza; vejamos o que é preciso fazer para nele nos mantermos.

Longe de ter forças supérfluas, as crianças não têm sequer as suficientes para tudo o que delas solicita a natureza; cumpre portanto deixar-lhes o emprego de todas as que ela lhes dá e de que não podem abusar. Primeira máxima.

É preciso ajudá-las e suprir de que carecem, seja em inteligência, seja em força, em tudo o que diz respeito às necessidades físicas. Segunda máxima.

É preciso, no auxílio que se lhes dá, restringirmo-nos unicamente ao útil real, nada concedendo à fantasia ou ao desejo sem razão, pois a fantasia não as atormentará enquanto não a tivermos feito nascer, dado que não é da natureza. Terceira máxima.

É preciso estudar com cuidado sua linguagem e seus sinais, a fim de que, numa idade em que não sabem dissimular, possamos distinguir em seus desejos o que vem imediatamente da natureza do que vem da opinião. Quarta máxima.

O espírito dessas regras está em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixá-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se desde cedo, a subordinar seus desejos a suas forças, elas sentirão pouco a privação do que não estiver em seu poder.

Eis mais uma razão, e muito importante, para deixar os corpos e os membros das crianças absolutamente livres com a única precaução de afastá-las do perigo das quedas e de tirar de suas mãos tudo o que as possa ferir.

Infalivelmente, uma criança com o corpo e os braços livres chorará menos do que outra toda enfaixada. Quem só conhece as necessidades físicas chora unicamente quando sofre e é uma grande vantagem, pois então se sabe com precisão quando necessita de auxílio e não se atrasa um momento sequer em lho dar, se possível. Mas se não puderdes aliviá-lo, ficai sossegados, sem o acarinhar para acalmá-lo. Vossas carícias não curarão a cólica. Mas a criança se lembrará do que é preciso fazer para ser acarinhada; e se souber, uma vez, fazer com que vos ocupeis dela à vontade, ei-la senhora de vós. E tudo estará perdido.

Menos contrariadas em seus movimentos as crianças choram menos; menos importunados por seus choros, atormentamo-nos menos a fim de fazê-las calar; ameaçadas ou acarinhadas menos vezes, elas se mostrarão menos medrosas ou menos voluntariosas e permanecerão melhor em seu estado natural. É menos deixando as crianças chorarem, do que se esforçando por acalmá-las, que corremos o risco de acidentes. A prova está em que as crianças menos cuidadas a eles, são menos sujeitas do que as outras. Não quero com isso, nem de longe, que as ne-

gligenciem; ao contrário, cumpre prevenir tais acidentes e deles não ser advertido somente pelos gritos. Mas não quero tampouco que os cuidados sejam mal compreendidos. Por que deixariam elas de chorar se perceberem que o choro é útil a tanta coisa? Conscientes do que pagam por seu silêncio evitarão prodigalizá-lo. Valorizam-no finalmente tanto que não o podemos mais pagar; e é então que, à força de chorar sem resultado, se cansam, se esgotam, se matam.

As longas choradeiras da criança que não está nem enfaixada nem doente, e à qual não deixam faltar nada, não passam de choro de hábito ou de obstinação. Não são obra da natureza e sim da ama que, por não saber suportar a maçada, a multiplica, sem pensar que fazendo a criança calar hoje a excita a chorar mais amanhã.

A única maneira de curar ou prevenir tal hábito é não lhe prestar a menor atenção. Ninguém gosta de penar inutilmente, nem mesmo as crianças. Elas são obstinadas em suas tentativas, mas se tiverdes mais constância do que elas de obstinação, elas se agastarão e não recomeçarão. Assim é que lhes pouparemos o choro e que as acostumaremos a somente chorarem quando a dor a tanto as forçar.

Demais, quando choram por fantasia ou por obstinação, o meio seguro para impedi-las de continuarem consiste em distraí-las com algum objeto agradável e impressionante que as leve a esquecerem que queriam chorar. As amas, em sua maioria, excedem nessa arte que, bem aplicada, é muito útil; mas é da maior importância que a criança não perceba a intenção de distraí-la e que ela se divirta sem imaginar que se está pensando nela: e é no que, em geral, as amas são desastradas.

Desmamam cedo demais as crianças. A época em que devem ser desmamadas é indicada pela erupção dos dentes e essa erupção é comumente penosa e dolorosa. Por um instinto maquinal a criança leva então à boca tudo o que pega, a fim de mastigá-lo. Pensam facilitar a operação dando-lhes como chovalho um objeto duro, de marfim ou o que valha. Creio que se enganam. Esses corpos duros, aplicados sobre as gengivas, em vez de amolecê-las as tornam calosas, as endurecem, provocam um dilaceramento mais penoso e mais doloroso. Tome-mos sempre o instinto como exemplo. Não se vêem os filhotes de cães exercitando seus dentes nascentes em pedras, no ferro, nos ossos, e sim na madeira, no couro, em trapos, em materiais moles que cedem e nos quais os dentes se enfiam.

Não sabemos mais ser simples com nada, nem mesmo com as crianças. Guizos de prata, de ouro, de coral, cristais facetados, chocalhos de preço e de todos os tipos: quantas coisas inúteis e perniciosas! Nada disso. Nada de guizos, nada de chocalhos; pequenos galhos de árvores com seus frutos e suas folhas, uma bolota de dormideira com suas sementes ruidosas, um pirolito de alcaçuz que possam chupar e mastigar, as divertirão tanto quanto magníficas bugigangas; e não terão o inconveniente de acostumá-las ao luxo já ao nascerem.

Verificou-se que a papa não é um alimento muito sadio. O leite fervido e a farinha crua fazem muito saburro e convêm mal a nosso estômago. Na papa a farinha é menos cozida do que no pão e, demais, não fermentou. O caldo de miolo de pão, o creme de arroz parecem-me preferíveis. Se se quiser absolutamente dar uma papa convirá então torrar um pouco a farinha antes. Fazem na minha terra, com a farinha assim torrada, uma sopa muito agradável e sadia. O caldo de carne e a sopa são ainda um alimento medíocre que cumpre usar o menos possível. É importante que as crianças aprendam primeiramente a mastigar; é o meio certo de facilitar o aparecimento dos dentes; e quando começam a engolir, os sucos salivares misturados aos alimentos facilitam a digestão.

Eu lhes daria então frutas secas ou cascas de pão para mastigarem. Eu lhes daria por brinquedos, pedaços de pão duro ou de biscoito semelhante ao pão do Piemonte a que chamam *grisse* na região. À força de amolecer esse pão na boca, acabariam engolindo enfim alguma coisa: seus dentes apontariam e elas se veriam desmamadas quase antes de o termos percebido. Os camponeses têm habitualmente bom estômago e não os desmamam com maiores cuidados.

As crianças querem falar desde ao nascerem; nós lhes falamos, não somente antes que compreendam o que lhes dizemos, como antes que possam repetir os sons que ouvem. Seu órgão, ainda mal desenvolvido, só pouco a pouco se presta à imitação dos sons que lhes impomos, e não é certo sequer que tais sons cheguem a seus ouvidos tão distintamente quanto aos nossos. Não desaprovo o fato da ama divertir a criança com cantos e sons muito alegres e variados; mas desaprovo que a aturda sem cessar com uma multidão de palavras inúteis a que não compreende nada senão o tom. Gostaria que as primeiras articulações que a obrigam a ouvir fossem raras, fáceis, distintas, amiudadamente repetidas e que as palavras que exprimem só

dissemos respeito a objetos sensíveis, passíveis de serem primeiramente mostrados à criança. A lamentável facilidade que temos de nos satisfazermos com palavras que não entendemos começa mais cedo do que se pensa. O aluno ouve na escola a parolagem do mestre como ouve nas fraldas a tagarelice de sua ama. Parece-me que seria instruí-lo utilmente se o criassem para nada compreender a isso.

Acumulam-se as reflexões quando queremos ocupar-nos da formação da linguagem e das primeiras palavras da criança. Faça-se o que se fizer, ela aprenderá sempre a falar da mesma maneira, e todas as especulações filosóficas são nisso da maior inutilidade.

De início, têm as crianças, por assim dizer, uma gramática de sua idade, cuja sintaxe tem regras mais gerais do que a nossa. E se prestássemos bem atenção, espantar-nos-ia a exatidão com que elas seguem certas analogias, impróprias se quiserem, mas muito defensáveis e que só são chocantes pela sua dureza ou porque o uso não as admite. Acabo de ouvir um pobre menino receber um pito do pai por ter dito: *Mon père irai-je-t-y?* (irei aí). Ora, vê-se que esse menino conhecia mais analogia do que nossos gramáticos, porquanto se lhe diziam *Va-s-y* (vai), porque não diria ele *Irai-je-t-y?* Observai, demais, com que habilidade evitava o hiato de *irai-je-y* ou *y-irai-je*. Será culpa desse menino termos sem razão suprimido da frase o advérbio determinado *y* por não sabermos que fazer dele? É um pedantismo insuportável e um cuidado dos mais supérfluos insistir em corrigir nas crianças todos esses pequenos erros contra os usos, erros de que não deixam de se corrigir elas próprias com o tempo. Falai sempre corretamente na frente delas, que se comprazam com ninguém tanto quanto convosco e confiai em que vereis que insensivelmente sua linguagem se depurará segundo a vossa, sem que jamais as tenhais corrigido.

Mas um abuso de bem maior importância, e que não é menos fácil de prevenir, está em insistirmos em que falem depressa, como se tivéssemos receio de que não aprendessem a falar sozinhas. Esse apressamento indiscreto produz um efeito diretamente contrário ao que se busca: falarão mais tarde mais confusamente. A extrema atenção que prestamos a tudo o que dizem, exime-as de articular direito; e como mal se dignam abrir a boca, muitas conservam a vida inteira um defeito de pronúncia e um falar confuso que as torna quase ininteligíveis.

Vivi muito entre os camponeses e nunca ouvi nenhum carregar naturalmente nos *rr*, nem homem, nem mulher, nem jovem de ambos os sexos. De onde vem isso? Os órgãos dos camponeses serão diferentes dos nossos? Não, mas são exercitados de outra maneira. Em frente de minha janela há uma colina onde se reúnem em seus folguedos as crianças do lugar. Embora se achem bastante afastadas de mim, distingo perfeitamente tudo o que dizem e disso tiro freqüentemente boas anotações para este estudo. Todos os dias meu ouvido me engana a respeito de sua idade. Ouço vozes de crianças de dez anos; olho e vejo estatura e traços de crianças de três ou quatro. Não me prendo sozinho a tais experiências; os cidadãos que me vêm visitar, e que consulto a respeito, caem todos no mesmo erro.

O que o provoca consiste em que, até cinco ou seis anos, as crianças das cidades, criadas num quarto e sob os cuidados de uma governanta, não precisam senão engrolar para serem entendidas; mal mexem os lábios cuidam logo de ouvi-las; ditam-lhes palavras que repetem mal e, à força de prestar atenção a elas, as pessoas que estão sempre com elas adivinham o que querem dizer mais do que o que elas dizem.

No campo a coisa é diferente. Um camponês não se acha sempre ao lado de seu filho; este precisa aprender a dizer muito nitidamente e alto o que precisa comunicar. Nos campos, as crianças dispersas, afastadas do pai e da mãe e das demais crianças, exercitam-se em se fazerem ouvir à distância, e a medir a força de sua voz no intervalo que as separa daqueles de quem querem ser ouvidos. Eis como se aprende verdadeiramente a pronunciar, e não gaguejando algumas vogais ao ouvido de uma governanta atenta. Quando se interroga o filho de um camponês, a vergonha pode impedi-lo de responder, mas o que ele diz, di-lo com nitidez; ao contrário, a criada tem de servir de intérprete à criança da cidade; sem o que não se entende o que resmunga entre os dentes ¹⁷.

(17) Isto não vai sem exceção; e muitas vezes as crianças que menos se fazem compreender tornam-se depois as mais brilhantes, quando começam a falar. Mas se fôsse preciso entrar em todos esses pormenores, eu não terminaria nunca. Todo leitor sensato deve ver que o excesso e a carência, derivados do mesmo abuso, são igualmente corrigidos com meu método. Encaro estas duas máximas como inseparáveis: *Sempre bastante, nunca demais*. Bem estabelecida a primeira, segue-se a outra necessariamente.

Em crescendo, os meninos deveriam corrigir-se de tais defeitos nos colégios e as meninas nos conventos; em geral, uns e outras falam com efeito mais distintamente do que os criados na casa paterna. Mas o que os impede de adquirir uma pronúncia tão nítida quanto a dos camponeses é a necessidade de aprender de cor muitas coisas e de recitar em voz alta o que aprenderam. Estudando, acostumam-se a garatujar, a pronunciar negligentemente e mal; recitando, pior ainda: procuram as palavras com esforço, arrastam e alongam as sílabas; quando a memória vacila não é possível que a língua não balbucie também. Assim se contraem ou se conservam os vícios de pronúncia. Logo verão que meu Emílio não terá tais vícios ou, ao menos, que não os terá contraído pelas mesmas causas. Convenho em que o povo e a gente das aldeias caem em outro extremo, falam quase sempre mais alto do que necessário, pronunciando demasiado exatamente; têm as articulações rudes e fortes, acentuam demais, escolhem mal seus termos etc.

Antes de mais nada, porém, esse extremo me parece muito menos impróprio do que o outro, porquanto sendo a primeira lei do discurso a de se fazer entender, o erro maior está em falar sem ser entendido. Vangloriar-se de não ter acento, é vangloriar-se de tirar da frase graça e energia. O acento é a alma do discurso, dá-lhe sentimento e verdade. O acento mente menos do que a palavra; talvez seja por isso que as pessoas bem educadas o recebem tanto. É do hábito de tudo dizer no mesmo tom que decorre o de zombar dos outros sem que o sintam. Ao acento proscrito sucedem maneiras de pronunciar ridículas, afetadas e subordinadas à moda, como as que se observam sobretudo nos jovens da corte. Essa afetação da fala e da atitude é que torna em geral o contato com o francês hostil e desagradável às gentes de outras terras. Ao invés de pôr acento na sua linguagem ele põe atitude. Não é o meio de predispor a seu favor.

Todos esses pequenos defeitos de linguagem, que tanto se teme deixar as crianças adquiri-los, corrigem-se com a maior facilidade; mas os que as fazem adquirir tornando sua fala surda, confusa, tímida, criticando incessantemente seu tom de voz, espiolhando todas as suas palavras, não se corrigem nunca. Um homem que tenha aprendido a falar nas alcovas, far-se-á mal compreender à frente de um batalhão e não impressionará o povo num motim. Ensinai primeiramente as crianças a falarem aos homens; saberão falar às mulheres quando for preciso.

Criados no campo dentro da rusticidade campesina, vossos filhos adquirirão uma voz sonora; não contrairão o gaguejar confuso da cidade; nem contrairão tampouco as expressões e o tom da aldeia, ou os perderão facilmente, quando o mestre, com elas vivendo desde ao nascerem e aí vivendo dia a dia mais exclusivamente, evitará ou apagará, pela correção de sua linguagem, a marca da linguagem dos camponeses. Emílio falará um francês tão puro quanto o que posso saber, mas o falará mais distintamente, e o articulará muito melhor do que eu.

A criança que quer falar não deve ouvir senão as palavras que pode compreender, não dizer senão as que pode articular. Os esforços que faz para isso levam-na a redobrar a mesma sílaba, como para se exercitar a pronunciá-la mais distintamente. Quando começar a balbuciar, não vos atormenteis para adivinhar o que diz. A pretensão de ser sempre ouvido é ainda uma espécie de domínio e a criança não deve exercer nenhum. Contentai-vos com prover mui atentamente ao necessário; cabe a ela procurar fazer-vos compreender o que não o é. Bem menos ainda cumprirá exigirdes que ela fale; saberá falar na medida em que sentir a utilidade.

Observa-se, é certo, que as que começam a falar muito tarde não falam tão distintamente quanto as outras. Mas não é porque falam com atraso que o órgão fica embaraçado, é, ao contrário, porque nasceram com um órgão defeituoso que começam a falar tarde. Pois, se não, porque falariam mais tarde do que as outras? Ao contrário, a inquietude que dá esse atraso, logo que se o percebe, faz com que nos atormentemos muito mais em fazê-las balbuciar do que as que articularam mais cedo. E essa pressa mal entendida pode contribuir para tornar confuso seu falar, o qual, como menos precipitação, elas teriam tido tempo de aperfeiçoar.

As crianças que insistimos demais em fazer com que falem não têm tempo nem de aprender a bem pronunciar, nem de bem conceber o que as forçamos a dizerem; ao passo que, quando as deixamos sozinhas, elas se exercitam primeiramente nas sílabas mais fáceis de se pronunciarem; juntando a elas algum sentido que se depreenda de seus gestos, as crianças vos darão suas palavras antes de receberem as vossas; isso faz com que só recebam estas depois de as terem entendido. Não tendo pressa em delas se servirem, começam por bem observar que sentido lhes dais; e quando se certificam disso as adotam.

O maior mal da precipitação com a qual fazem as crianças falar antes da idade, não está em que as primeiras palavras que lhes dizemos e as primeiras que nos dizem não tenham para elas nenhum sentido, mas sim que tenham um sentido diferente do nosso, sem que saibamos percebê-lo. De modo que, parecendo responder-nos muito precisamente, elas nos falam sem nos entender e sem que nós as entendamos. É em geral a tais equívocos que se deve a surpresa em que nos mergulham por vezes seus dizeres a que emprestamos idéias que elas não lhes deram. Essa nossa falta de atenção com o verdadeiro sentido que as palavras têm para as crianças, parece-me ser a causa de seus primeiros erros: e tais erros, mesmo depois de se corrigirem, influem em seu espírito durante a vida toda. Terei mais de uma oportunidade, logo mais, de esclarecer isso com exemplos.

Condensai portanto, quanto possível, o vocabulário da criança. É grande inconveniente tenha ela mais palavras que idéias, saiba dizer mais coisas do que pode pensar. Creio que uma das razões de terem os camponeses o espírito mais acertado que o da gente da cidade está em que seu dicionário é menos extenso. Tem essa gente menos idéias mas as assimila muito bem.

Os primeiros desenvolvimentos da infância ocorrem quase todos ao mesmo tempo. A criança aprende a falar, a comer, a andar quase ao mesmo tempo. É em verdade a primeira fase de sua vida. Antes ela não é nada mais do que era no ventre da mãe; não tem nenhum sentimento, nenhuma idéia; mal tem sensações, não sente sequer sua própria existência:

Vivit, et est vitae nescius ipse suae.

LIVRO SEGUNDO

ESTAMOS agora no segundo período da vida, naquele em que realmente termina a infância; pois as palavras *infans* e *puer* não são sinônimas. A primeira acha-se compreendida na outra e significa *que não pode falar*: daí vem que em Valério Máximo se encontre *puerum infantem*. Mas eu continuo a empregar essa palavra no sentido de nossa língua, até a idade em que ela tem outros nomes.

Quando as crianças começam a falar, choram menos. Esse progresso é natural: uma linguagem é substituída por outra. Desde que podem dizer que sofrem com palavras, por que o diriam com gritos, a não ser quando a dor é demasiado viva para que a palavra a possa exprimir? Se continuam então a chorar, a culpa cabe às pessoas que as cercam. A partir do momento em que Emílio disser *está-me* doendo, somente dores muito agudas o levarão a chorar.

Se a criança é delicada, sensível, se naturalmente se põe a chorar por nada, lançando gritos inúteis e sem efeito, seco-lhe a fonte desde logo. Enquanto chorar, não irei a ela; irei quando se calar. Dentro em breve sua maneira de me chamar será a de silenciar ou, quando muito, lançar um grito só. É pelo efeito sensível dos sinais que as crianças aferem seu sentido, não há outra convenção para elas: por mais que se machuque, é muito raro que a criança chore estando sozinha, a menos de ter a esperança de ser ouvida.

Se cai, se faz um galo na cabeça, se sangra do nariz, se corta os dedos, ao invés de acorrer, ficarei tranqüilo, durante certo tempo, ao menos. O mal está feito, é uma necessidade que ela enfrenta, minha solicitude não faria senão atemorizá-la mais ainda e aumentar sua sensibilidade. No fundo, é menos o golpe do que o temor que atormenta, quando a gente se ma-

chuca. Ao menos esta última angústia eu lhe pouparei, pois muito certamente ela irá encarar seu mal do modo pelo qual eu o encaro: se me vir acorrer com inquietude, consolá-la, ter pena dela, ela se considerará perdida; se me vir conservar meu sangue frio, recuperará logo o seu e pensará estar curada quando não mais sentir a dor. É nessa idade que se têm as primeiras lições de coragem e que, experimentando sem pavor dores ligeiras, se aprende gradualmente a suportar as grandes.

Longe de atentar demasiado para que Emílio não se machuque, me aborreceria que não se machucasse nunca e crescesse sem conhecer a dor. Sofrer é a primeira coisa que deve aprender e a que terá mais necessidade de saber. É de crer que as crianças só são pequenas e frágeis para receberem essas importantes lições sem perigo. Se a criança cair naturalmente, não quebrará a perna; se se chocar contra um pedaço de pau não quebrará o braço; se se apossar de um ferro aguçado não se cortará muito fundamento. Nunca soube de alguém ter visto uma criança em liberdade se matar, se estropiar, nem se machucar demasiado, a menos que a tenham absurdamente colocado em lugar elevado, ou sozinha perto do fogo, ou deixado instrumentos perigosos a seu alcance. Que dizer desse amontoado de coisas que reúnem ao redor da criança para defendê-la contra a dor, até que, já crescida, continue à mercê deles, sem coragem e sem experiência, que se acredite morrer à primeira picada e desmaie vendo sua primeira gota de sangue?

Nossa mania pedante de educar é sempre a de ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor sózinhas e esquecer o que somente nós lhes poderíamos ensinar. Haverá coisa mais tola do que o cuidado que tomamos para ensinar-lhes a andar, como se tivéssemos visto alguém que, por negligência de sua ama, não soubesse andar quando grande? E, ao contrário, quanta gente vemos andando mal porque lhe ensinaram mal a andar?

Emílio não terá nem barretinhos protetores, nem carrinhos, nem andadeiras; logo que souber pôr um pé na frente do outro, só o sustentarão nos caminhos calçados e por eles só passarão às pressas¹. Ao invés de deixá-lo mofar no ar viciado de um

(1) Nada mais ridículo e menos seguro que o andar das pessoas conduzidas com andadeiras em pequenas; trata-se de mais uma dessas observações triviais à força de serem certas e que são certas em mais de um sentido.

quarto, levá-lo-ão diariamente a um prado. Que aí corra, se debata, caia cem vezes por dia: tanto melhor. Aprenderá mais cedo a levantar-se. O bem-estar da liberdade compensa muitas machucaduras. Meu aluno terá muitas contusões, em compensação estará sempre alegre. Se os vossos tiverem menos, mostrar-se-ão sempre contrariados, sempre acorrentados, sempre tristes. Duvido que o proveito esteja do lado deles.

Outro progresso torna as queixas da criança menos necessárias: o de suas forças. Podendo mais por si mesmas sentem necessidade menor de recorrer a outrem. Com sua força desenvolve-se o conhecimento que as põe em estado de dirigi-la. É nesse segundo período que começa propriamente a vida do indivíduo; é então que a criança toma consciência de si mesma. A memória projeta o sentimento de sua identidade em todos os momentos de sua existência; ela torna-se verdadeiramente uma, e mesma, e por conseguinte já capaz de felicidade ou de miséria. Importa portanto começar a considerá-la um ser moral.

Conquanto se aponte, mais ou menos, o mais longo termo da vida humana e as probabilidades de aproximar-se desse termo a cada idade, nada é mais incerto do que a duração da vida de cada homem em particular; muito poucos chegam ao mais longo termo. Os maiores riscos da vida estão em seu início; menos se viveu, menos se deve esperar viver. Metade quando muito das crianças que nascem chega à adolescência; e é provável que vosso aluno não chegue à idade de homem.

Que pensar então dessa educação bárbara que sacrifica o presente a um futuro incerto, que cumula a criança de cadeias de toda espécie e começa por torná-la miserável a fim de prepará-la, ao longe, não sei que pretensa felicidade de que provavelmente não gozará nunca? Ainda que supusesse essa educação razoável em seu objetivo, como ver sem indignação pobres desgraçados condenados a trabalhos contínuos, como forçados, sem ter certeza de que tantos cuidados lhes serão úteis algum dia! A idade da alegria passa em meio aos choros, aos castigos, às ameaças, à escravidão. Atormenta-se o infeliz para seu bem; e não se vê a morte que se chama e que vai alcançá-lo em meio a essas tristes precauções. Quem sabe quantas crianças morrem vítimas da extravagante sabedoria de um pai ou de um mestre? Felizes por escaparem à crueldade destes, a única vantagem que tiram dos males a elas impostos é a de morrerem sem saudade da vida, da qual só conheceram os tormentos.

Homens, sejais humanos, é vosso primeiro dever; e o sejais em relação a todas as situações sociais, a todas as idades, a tudo o que não seja estranho ao homem. Que sabedoria haverá para vós fora da humanidade? Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentiu saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma sempre em paz? Por que arrançar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não podem abusar? Por que encher de amarguras e de dores esses primeiros anos tão rápidos, que não voltarão nem para vós nem para eles? Pais, sabeis a que momento a morte espera vossos abusar? Por que encher de amarguras e de dores esses primeiros anos que a natureza lhes dá; desde o momento em que possam sentir o prazer de serem, fazei com que dele gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus as chame, não morram sem ter gozado a vida.

Quantas vozes se vão erguer contra mim! Ouço de longe os clamores dessa falsa sabedoria que nos bota incessantemente fora de nós, menospreza sempre o presente e que, visando sempre a um futuro que de nós se afasta na medida em que avançamos, à força de nos transportar para onde não estamos nos transporta para onde nunca estaremos.

É, respondereis-nos, o momento de corrigir as más inclinações do homem; é na infância, quando as penas são menos sensíveis, que é preciso multiplicá-las, a fim de poupá-las na idade da razão. Mas quem vos diz que todo esse arranjo está à vossa disposição e que todas essas belas instruções com que encheis o fraco espírito de uma criança, não lhe serão um dia mais perniciosas do que úteis? Quem vos assegura que lhe poupais alguma coisa com as amarguras que lhe prodigalizaes? Porque lhe dais maiores dissabores do que comporta seu estado, sem terdes a certeza de que esses males presentes aliviarão o futuro? E como me provareis que essas más tendências de que a pretendeis curar não lhe vêm de vossos cuidados mal entendidos, muito mais que da natureza? Infeliz providência que faz um ser desgraçado no momento, na esperança de torná-lo feliz um dia! Se tais raciocinadores vulgares confundem a licença com a liberdade, e a criança que fazemos feliz com a criança que estragamos, ensinemo-los a distingui-los.

Para não correr atrás de quimeras, não esqueçamos o que convém a nossa condição. A humanidade tem seu lugar na or-

dem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Assinar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder.

Não sabemos o que seja felicidade ou desgraça absolutas. Tudo se mistura nesta vida; nela não se aprecia nenhum sentimento puro, não se fica dois momentos no mesmo estado. As afeições de nossas almas bem como as modificações de nossos corpos são comuns a todos, mas em diferentes medidas. O mais feliz é aquele que sofre menos penas; o mais miserável o que sente menos prazeres. Sempre mais sofrimentos do que gozos: eis a diferença comum a todos. A felicidade do homem nesta terra não passa portanto de um estado negativo; deve-se medi-la pela menor quantidade de males que ele sofre.

Todo sentimento de pena é inseparável do desejo de dela se libertar; toda idéia de prazer é insuperável do desejo de gozá-lo; todo desejo supõe privação e todas as privações são penosas. Está portanto na desproporção entre nossos desejos e nossas faculdades aquilo em que consiste nossa miséria. Um ser sensível, cujas faculdades igualassem os desejos, seria um ser absolutamente feliz.

Em que consiste a sabedoria humana ou o caminho da felicidade verdadeira? Não consiste precisamente em diminuir nossos desejos, pois se se encontrassem abaixo de nossas forças, parte de nossas faculdades permaneceria ociosa e não gozaríamos de todo o nosso ser. Nem consiste tampouco em ampliar nossas faculdades, pois, se estas se ampliassem nas mesmas proporções, mais miseráveis ainda seríamos. Ela consiste, certo, em diminuir o excesso dos desejos sobre as faculdades e a pôr em perfeita igualdade o poder e a vontade. É somente então que, estando todas as forças em ação, a alma permanece contudo serena e que o homem se acha bem ordenado.

Assim é que a natureza, que tudo faz da melhor maneira, o institui inicialmente. Ela só lhe dá de imediato os desejos necessários a sua conservação e as faculdades suficientes para os satisfazer. Ela põe todas as outras como que em reserva no fundo de sua alma para se desenvolverem aí se preciso. É somente em um estado primitivo que o equilíbrio do poder e do desejo se encontra e que o homem não é infeliz. Logo que suas faculdades virtuais se põem em ação, a imaginação a mais

ativa de todas, desperta e se coloca à frente delas. É a imaginação que nos apresenta a medida das possibilidades, no bem como no mal, e que por conseguinte excita e alimenta os desejos pela esperança de satisfazê-los. Mas o objeto que parecia, de início, ao alcance da mão, foge mais depressa do que o podemos perseguir: quando imaginamos poder atingi-lo, êle se transforma e se mostra ao longe diante de nós. Não vendo mais o espaço percorrido, não lhe damos nenhum valor; o que resta a percorrer aumenta, estende-se sem cessar. Assim nos esgotamos sem chegar ao fim, e quanto mais ganhamos sobre o gozo, mais a felicidade se afasta de nós.

Ao contrário, quanto mais o homem permanece perto de sua condição natural, mais a diferença de suas faculdades com seus desejos se faz pequena e menos, por conseguinte, êle se acha longe de ser feliz. Ele não é nunca menos miserável do que quando parece desprovido de tudo; pois a miséria não consiste na privação das coisas e sim na necessidade que delas se faz sentir.

O mundo real tem seus limites; o mundo imaginário é infinito. Não podendo alargar um, restringamos o outro, pois é de sua diferença que nascem todas as penas que nos tornam realmente desgraçados. Tirai a força, a saúde, o bom testemunho de si, todos os bens desta vida se encontram na opinião; tirai as dores do corpo e os remorsos da consciência, todos os nossos males são imaginários. Tal princípio é comum, dirão; concordo; mas sua aplicação prática não é comum e é unicamente da prática que se trata aqui.

Quando se diz que o homem é fraco, que se quer dizer? Essa palavra fraqueza indica uma relação, uma relação do ser a que é aplicada. Aquele cuja força ultrapassa as necessidades, inseto ou verme, é um ser forte; aquele cujas necessidades ultrapassam a força, elefante ou leão, conquistador ou herói — ou um deus — é um ser fraco. O anjo rebelde que menosprezou sua natureza era mais fraco do que o feliz mortal que vive em paz segundo a sua. O homem é muito forte quando se contenta com ser o que é; é muito fraco quando quer erguer-se acima da humanidade. Não ides imaginar porém que, ampliando vossas faculdades ampliais vossas forças; vós as diminuis, ao contrário, se vosso orgulho aumenta mais do que elas. Meçamos portanto o raio de nossa esfera e fiquemos no centro como o inseto no meio de sua teia; sempre nos bastaremos a nós mesmos e não teremos que nos queixar de nossa fraqueza, porquanto não a sentiremos nunca.

Todos os animais têm exatamente as qualidades necessárias para se conservarem. Só o homem as têm supérfluas. Não é estranho que esse supérfluo seja o instrumento de sua desgraça? Em qualquer lugar os braços de um homem valem mais do que sua subsistência. Se ele fosse bastante inteligente para contar por nada esse supérfluo, sempre teria o necessário porque nunca teria nada de mais. As grandes necessidades, dizia Favorin, nascem dos grandes bens; e muitas vezes o melhor meio de dar a si mesmo as coisas de que se carece é se desembaraçar das que a gente tem. É à força de trabalhar para aumentar nossa felicidade que a transformamos em miséria. Todo homem que só quisesse viver, viveria feliz; consequentemente seria bom, pois que vantagem teria em ser mau?

Se fôssemos imortais seríamos seres mui miseráveis. É duro morrer, sem dúvida, mas é doce esperar que não se viverá sempre e que uma vida melhor acabará com as penas desta. Se nos oferecessem a imortalidade na terra, quem desejaria aceitar o triste presente²? Que recurso, que esperança, que consolo nos restaria contra os rigores da sorte e contra as injustiças dos homens? O ignorante que não prevê nada sente pouco o preço da vida e pouco teme perdê-la; o homem esclarecido vê bens de maior preço, que prefere àquele. Somente o meio saber e a falsa sabedoria que, projetando nossas vistas até a morte, e não além, dela fazem o pior dos males para nós. A necessidade de morrer não é para o homem sábio senão uma razão para suportar as penas da vida. Se não se estivesse certo de perdê-la um dia, ela custaria demasiado para ser conservada.

Nossos males morais estão todos na opinião, salvo um que é o crime e este depende de nós. Nossos males físicos se destroem ou nos destroem. O tempo ou a morte são nossos remédios; mas, sofreremos tanto mais quanto menos sabemos sofrer; e damos-nos mais trabalho e tormento para curar nossas doenças do que teríamos para suportá-las. Vive de acordo com a natureza, sê paciente e expulsa os médicos; não evitarás a morte mas só a sentirás uma vez, ao passo que eles a põem diariamente em tua imaginação perturbada e que sua arte mentirosa, ao invés de prolongar teus dias, te tira o gozo deles. Perguntarei sempre que bem essa arte deu aos homens. Alguns dos que ela curou, teriam morrido em verdade; mas milhões

(2) Vê-se que falo aqui dos homens que refletem e não de todos os homens.

que ela matou teriam conservado a vida. Homem sensato, não apostes nessa loteria em que tantas probabilidades são contra ti. Sofre, morre ou sara; mas principalmente vive até a última hora.

Tudo não é senão loucura e contradição nas instituições humanas. Nós nos preocupamos mais com nossa vida na medida em que se desvaloriza. Os velhos aspiram mais a ela que os jovens; não querem perder os preparativos que fizeram para gozá-la. A sessenta anos é muito cruel morrer sem ter começado a viver. Acredita-se que o homem tem um vivo amor por sua conservação e isso é verdade; mas não se vê que esse amor, tal qual o sentimos, é em grande parte obra dos homens. Naturalmente o homem só se preocupa com conservá-la na medida em que os meios estão em seu poder; logo que tais meios lhe escapam ele se tranquiliza e morre sem se atormentar inutilmente. A primeira lei da resignação nos vem da natureza. Os selvagens, assim como os animais, debatem-se muito pouco contra a morte e a suportam quase sem se queixar. Destruída essa lei, outra se forma que vem da razão; mas poucos sabem tirá-la e essa resignação factícia não é nunca tão plena e inteira quanto a primeira.

A providência! A providência que nos transporta amiúde além de nós, e não raro nos coloca onde não chegaremos nunca, eis a verdadeira fonte de todas as nossas misérias. Que mania tem um ser tão passageiro como o homem de olhar sempre ao longe num futuro que vem tão raramente, negligenciando o presente de que tem certeza! Mania tanto mais funesta que aumenta incessantemente com a idade, e que os anciãos, sempre desconfiados, previdentes, avarentos, preferem recusar a si mesmos, hoje, o necessário a carecer de supérfluo dentro de cem anos. Assim é que nos apegamos a tudo; tempo, lugares, homens, coisas; tudo o que é, tudo o que será importa a cada um de nós; nosso indivíduo não é mais senão a menor parte de nós mesmos. Cada um se estende, por assim dizer, sobre a terra inteira e se torna sensível sobre toda essa grande superfície. Será de espantar que nossos males se multipliquem em todos os pontos através dos quais nos podem ferir? Quantos príncipes se desolam com a perda de um país que nunca viram? Quantos comerciantes há que, mal se tocando nas Índias já gritam em Paris!

Será a natureza que conduz os homens tão longe de si mesmos? Será ela que quer que cada um aprenda seu destino dos outros, e por vezes o aprenda por último, de modo que tal ou qual morre miserável sem nunca o ter sabido? Vejo um

homem lépido, alegre, vigoroso, saudável; sua presença inspira alegria; seus olhos proclamam contentamento, bem-estar; ele carrega consigo a imagem da felicidade. Chega uma carta do correio; o homem feliz olha-a, está endereçada a ele, ele abre-a e a lê. No mesmo instante sua fisionomia muda; ele empalidece, desmaia. Voltando a si, chora, agita-se, geme, arranca os cabelos, faz o céu tremer com seus gritos, parece tomado de tremendas convulsões. Insensato! Que mal te fez esse pedaço de papel? que membro te arrancou? que crime te levou a cometer? que mudou ele em ti para te pôr no estado em que te vejo?

Se a carta se tivesse perdido, se uma mão caridosa a houvesse jogado no fogo, a sorte desse mortal, feliz e desgraçado a um tempo teria sido, ao que me parece, um estranho problema. Sua desgraça, direis, era real. Certo, mas ele não a sentia. Onde estava ele então? Sua felicidade era imaginária. Entendo; a saúde, a alegria, o bem-estar, a satisfação de espírito não passam agora de visões. Não existimos mais onde nos encontramos, só existimos onde não estamos. Valerá a pena ter tão grande medo da morte se aquilo em que vivemos permanece?

Ó homem! encerra tua existência dentro de ti e não serás mais miserável. Fica no lugar que a natureza te designa na cadeia dos seres, nada poderá arrancar-te dele; não te revoltas contra a dura lei da necessidade e não esgotes, querendo resistir-lhe, forças que o céu não te deu para prolongar tua existência e sim, tão somente, para conservá-la como lhe agrada e enquanto lhe agrada. Tua liberdade, teu poder só vão tão longe quanto tuas forças naturais, e não além; tudo mais não passa de escravidão, ilusão, prestígio. A própria dominação é servil, quando se apegas à opinião, pois dependes dos preconceitos daqueles que governas pelos preconceitos. Para guiá-los como te agrada é preciso que te conduzas como lhes agrada. Que mudem de maneira de pensar e terás forçosamente que mudar de maneira de agir. Basta que os que estão perto de ti saibam orientar as opiniões do povo que pensas governar, ou dos favoritos que te governam, ou as de tua família, ou as tuas próprias: esses vizires, esses cortesãos, esses padres, esses soldados, esses lacaios, esses palhaços e até crianças, ainda que sejas um Temístocles de gênio³ vão te conduzir como um pir-

(3) Este menino que vedes aí, dizia Temístocles a seus amigos, é o árbitro da Grécia. Ele governa a mãe, a mãe me governa, eu

ralho no meio de tuas legiões. Por mais que faças, nunca tua autoridade real irá além de tuas faculdades reais. Desde que seja preciso ver pelos olhos dos outros será preciso querer pelas vontades deles. Meus povos são meus súditos, dizes altivamente. Admito-o. Mas quem és tu? o súdito de teus ministros. E que são teus ministros por sua vez? os súditos de seus funcionários, de suas amantes, os lacaios de seus lacaios. Tomai conta de tudo, usurpai tudo, derramai dinheiro a mancheias; erguei baterias de canhões; levantai forcas e cruces; promulgai leis; multiplicai os espiões, os soldados, os carrascos, as prisões, as algemas: pobres homenzinhos, de que vos serve isso? Não sereis mais bem servidos, nem menos roubados, nem menos enganados, nem mais absolutos. Direis sempre: queremos, e fareis sempre o que quizerem os outros.

O único indivíduo que faz o que quer é aquele que não tem necessidade, para fazê-lo, de pôr os braços de outro na ponta dos seus; do que se depreende que o maior de todos os bens não é a autoridade e sim a liberdade. O homem realmente livre só quer o que pode e faz o que lhe apraz. Eis minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação vão dela decorrer.

A sociedade fez o homem mais fraco, não somente lhe tirando o direito que tinha sobre suas próprias forças, como também as tornando insuficientes. Eis porque seus desejos se multiplicam com sua fraqueza e eis o que faz a fraqueza da infância, comparada com a idade do homem. Se o homem é um ser forte e a criança um ser fraco, não é porque o primeiro tenha mais força absoluta que o segundo, mas é porque o primeiro pode naturalmente bastar-se a si mesmo e o outro não. O homem deve portanto ter mais vontades e a criança mais fantasias, palavra com que quero dizer todos os desejos que não são necessidades reais, que só podemos contentar com o auxílio de outrem.

Disse da razão desse estado de fraqueza. A natureza a isso remedia pelo apego dos pais e das mães; mas esse apego pode ter exageros, defeitos, abusos. Pais que vivem na sociedade, para ela transportam o filho antes do tempo. Dando-lhe maiores necessidades do que ele tem, não aliviam sua fraqueza,

governo os atenienses, e os atenienses governam os gregos. Quantos pequenos condutores encontraríamos muitas vezes nos maiores impérios, se do príncipe decêssemos por degraus até a última mão que, em segredo, põe tudo em movimento!

antes a aumentam. Aumentam-na ainda exigindo dele o que a natureza não exigia, submetendo às suas vontades o pouco de forças que ele tem para atender às próprias, mudando de um jeito ou de outro, em escravidão a dependência recíproca em que o coloca a fraqueza dele e em que o mantém seu apego.

O homem avisado sabe manter-se em seu lugar; mas a criança, que não conhece o dela, nele não pode manter-se. Ela tem, entre nós, mil soluções para sair dele; cabe aos que a governam mantê-la em seu lugar e a tarefa não é fácil. Ela não deve ser nem animal nem homem e sim criança mesmo; é preciso que sinta sua fraqueza e não que com ela sofra; é preciso que peça e não que mande. Só se acha submetida aos outros por causa de suas necessidades e porque os outros vêem melhor do que ela o que lhe é útil, o que pode favorecer ou prejudicar sua conservação. Ninguém tem o direito, nem mesmo o pai, de mandar a criança fazer algo que não lhe seja útil.

Antes que os preconceitos e as instituições humanas alterem nossas tendências naturais, a felicidade das crianças, bem como a dos homens, consiste no emprego de sua liberdade; mas, essa liberdade, nas primeiras, é limitada pela sua fraqueza. Quem quer que faça o que deseja é feliz, se se bastar a si mesmo: é o caso do homem vivendo em seu estado natural. Quem quer que faça o que deseja não será feliz se suas necessidades ultrapassarem suas forças: é o caso da criança no mesmo estado. As crianças não gozam, mesmo em seu estado natural, senão de uma liberdade imperfeita, semelhante a de que gozam os homens na sociedade. Não podendo prescindir dos outros, todos nós nos tornamos, desse ponto de vista, fracos e miseráveis. Éramos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade nos mergulharam novamente na infância. Os ricos, os grandes, os reis são todos crianças que, vendo que se desvelam em aliviar sua miséria, tiram disso uma vaidade pueril e ficam muito orgulhosos com os cuidados que não teriam com eles, se fossem adultos.

Tais considerações são importantes e servem para resolver todas as contradições do sistema social. Há duas espécies de dependência: a das coisas, que é da natureza; a dos homens que é da sociedade. A dependência das coisas, não tendo nenhuma moralidade, não é nociva à liberdade e não engendra vícios; a dos homens, sendo desordenada, os engendra todos⁴. E é

(4) Em meus "Princípios do Direito Político" está demonstrado que nenhuma vontade particular pode ordenar-se no sistema social.

por ela que senhores e escravos se depravam mutuamente. Se há meio de remediar a esse mal na sociedade, é substituir a lei ao homem e armar as vontades gerais com uma força real, superior à ação de qualquer vontade particular. Se as leis das nações pudessem ter, como as da natureza, uma inflexibilidade que nunca nenhuma força humana pudesse vencer, a dependência dos homens voltaria a ser a das coisas; reunir-se-iam na república todas as vantagens do estado natural às do estado social; juntar-se-ia a liberdade, que mantém o homem isento de vícios, à moralidade que o eleva à virtude.

Conservai a criança tão-somente na dependência das coisas; tereis seguido a ordem da natureza nos progressos de sua educação. Não ofereçais jamais a suas vontades indiscretas senão obstáculos físicos ou castigos que nasçam das próprias ações e de que ela se lembre oportunamente. Sem proibi-la errar, basta que se a impeça de fazê-lo. Só a experiência e a impotência devem ser para ela leis. Não façais nenhuma concessão a seus desejos porque ela o pede e sim quando tiver necessidade disso. Que ela não saiba o que é obediência quando age, nem o que é domínio quando por ela agem. Que sinta igualmente sua liberdade nas ações dela e nas vossas. Supri a força que lhe falta, precisamente na medida em que dela se mostra necessitada para ser livre e não autoritária; que, recebendo vossos serviços com uma espécie de humilhação, ela aspire ao momento em que possa dispensá-los e em que terá de se servir sòzinha.

A natureza tem, para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, meios que nunca devemos contrariar. Cumpre não obrigar uma criança a ficar parada quando quer andar, nem a andar quando quer ficar parada. Quando a vontade da criança não é viciada por nossa culpa, ela não quer nada inutilmente. É preciso que pule, que corra, que grite quando tem vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição que busca fortalecer-se; mas devemos desconfiar do que deseja sem o poder fazer ela própria e que outros são obrigados a fazerem por ela. É preciso então distinguir com cuidado a necessidade verdadeira da necessidade de fantasia que começa a nascer, ou daquela que só vem da superabundância de vida de que falei.

Já disse o que se deve fazer quando uma criança chora para ter isto ou aquilo. Acrescentarei somente que logo que pode pedir, falando, o que deseja e que, para o obter mais depressa ou para vencer uma recusa ela apóia seu pedido no choro, cabe recusar-lhe a coisa irrevogavelmente. Se a necessidade a faz

falar, deveis sabê-lo e fazer imediatamente o que pede; mas ceder alguma coisa a suas lágrimas é incentivá-la a vertê-las, é ensinar-lhe a duvidar de vossa boa vontade e a acreditar que o incômodo tem mais força sobre vós do que a gentileza. Se ela não vos crer bom, logo ela própria será má; se vos acreditar fraco, será obstinada; cumpre conceder ao primeiro sinal dela o que não lhe puderdes recusar; não sejais pródigo em recusas, mas não as revogueis jamais.

Evitai principalmente dar à criança fórmulas vãs de cortesia que lhe servem amiúde de palavras mágicas para submeter a sua vontade tudo o que a cerca e obter sem demora o que lhe agrada. Na educação habitual dos ricos, nunca se deixa tornar a criança polidamente dominadora, prescrevendo-lhe os termos de que se deve servir para que ninguém ouse resistir-lhe; a criança não tem nem formas nem acentos de súplica; é tão arrogante, ou mais, quando pede como quando comanda, mais certeza tendo de ser obedecida. Vê-se logo que seu *por favor* significa *quero* e que seu *eu peço* significa *ordeno*. Admirável cortesia que só equivale nela a mudar o sentido das palavras e a não poder falar nunca a não ser com voz de comando! Quanto a mim, receio menos que Emílio seja grosseiro que arrogante, prefiro que diga pedindo *fazei-me isto* a dizer-me, ordenando, *peço-vos*. Não é a expressão de que se utiliza que me importa e sim a acepção que a ela dá.

Há um excesso de rigor e um excesso de indulgência, ambos a serem igualmente evitados. Se deixais a criança sofrer, pondeis em risco sua saúde, sua vida; vós a tornais desde logo miserável; se lhe poupais com demasiado cuidado toda espécie de mal-estar, preparais-lhe grandes misérias; vós a tornais delicada, sensível; vós a tirais de seu estado de homem, a que voltará mais dia menos dia. Para não a expor a alguns males da natureza, sereis o artesão daqueles que ela não lhe deu. Direis-me que caio no caso dos maus pais a quem eu censurava sacrificarem a felicidade das crianças à consideração de um tempo remoto que pode nunca chegar.

De jeito nenhum: porque a liberdade que dou a meu aluno o indeniza amplamente dos ligeiros incômodos a que o exponho. Vejo alguns moleques brincarem na neve, roxos, trêpidos de frio, mal podendo mexer os dedos. Podem se quiserem ir aquecer-se, mas não o fazem; se os forçássemos a tanto, sentiriam cem vezes mais os rigores do constrangimento do que sentem os do frio. De que vos queixais então? Tornarei vos-

so filho miserável só o expondo aos incômodos que aceite sofrer? Faço-lhe bem no momento presente, deixando-o livre; faço-lhe bem no futuro, armando-o contra os males que deverá suportar. Se ele pudesse escolher entre ser meu aluno ou o vosso, pensais que hesitaria um minuto?

Concebeis alguma felicidade possível para algum ser, fora de sua constituição? E não será tirar o homem de sua constituição querer isentá-lo de todos os males de sua espécie? Sim, sustento-o: para sentir os grandes bens é preciso que conheça os pequenos males; assim é sua natureza. Em o físico indo bem demais, o moral se corrompe. O homem que não conhecesse a dor não conheceria nem a ternura da humanidade, nem a doçura da comiseração; seu coração não se comoveria com nada, ele não seria sociável, seria um monstro em meio a seus semelhantes.

Sabeis qual o meio mais seguro de tornar vosso filho desgraçado? Acostumá-lo a tudo conseguir; pois, crescendo incessantemente seus desejos com a facilidade de satisfazê-los, mais cedo ou mais tarde a impossibilidade de atendê-lo vos forçará à recusa; e essa recusa, não habitual, lhe dará mais aborrecimento do que a própria privação do que ele deseja. Primeiramente ele desejará vossa bengala; depois irá querer vosso relógio; a seguir o pássaro voando; mais tarde a estrela brilhando; e desejará tudo o que vir. A menos de ser Deus como o contentarieis?

É uma disposição natural do homem encarar, como seu, tudo o que está a seu alcance. Nesse sentido o princípio de Hobbes é verdadeiro até certo ponto: multiplicai com nossos desejos os meios de satisfazê-los, seremos todos senhores de tudo. Portanto a criança, a quem baste querer para conseguir, se imaginará dona do universo; encarará todos os homens como escravos: e quando, enfim, formos forçados a recusar-lhe alguma coisa, ela, acreditando tudo ser possível quando manda, tomará a recusa por um ato de rebelião. Todas as razões que lhe apresentarmos, numa idade incapaz de raciocínio, serão pretextos a seu ver. Verá má vontade por toda parte: o sentimento de uma injustiça voluntária, azedando-lhe a natureza, terá ódio de todo mundo e, sem nunca se sentir grata com a complacência, se indignará com a oposição.

Como conceber que uma criança, assim dominada pela cólera e devorada por paixões das mais irascíveis, possa ser feliz?

Feliz? É um déspota, a um tempo o mais vil dos escravos e a mais miserável das criaturas. Vi crianças educadas dessa maneira que queriam que se derrubasse a casa com um empurrão, que se lhes desse o galo do campanário, que se detivesse um regimento em marcha para ouvirem mais demoradamente os tambores e que berravam alucinadamente, sem ouvirem ninguém, desde que não fossem de imediato obedecidas. Todo mundo diligenciava em vão para agradar-lhes, irritando-se seus desejos com a facilidade de conseguir, obstinavam-se nas coisas impossíveis e não encontravam ao redor delas senão contradições, obstáculos, sofrimentos e dores. Sempre resmungando, sempre teimando, sempre furiosas, passavam os dias gritando e se queixando. Eram crianças muito felizes? A fraqueza e o desejo de dominar reunidos só engendram loucura e miséria. De duas crianças assim mimadas, uma bate na mesa e a outra quer chicotear o mar; muito terão que bater e chicotear antes de viverem satisfeitas.

Se essas idéias de domínio e tirania as tornam desgraçadas desde a infância, que ocorrerá quando crescerem e que suas relações com os outros homens comecem a estender-se e multiplicar-se? Acostumadas a verem tudo dobrar-se diante de sua vontade, que surpresa não terão ao entrarem na sociedade e sentirem que tudo lhes resiste, e se acharem esmagadas pelo peso de um universo que pensavam movimentar à vontade!

Suas atitudes insolentes, sua vaidade pueril, só lhes outorgam mortificações, desprezos, zombarias; bebem as afrontas como água; experiências cruéis logo lhes ensinam que não conhecem nem sua condição social nem suas forças; não podendo tudo, acreditam nada poderem. Tantos obstáculos imprevistos as desanimam, tanto desprezo as avilta: tornam-se covardes, tímidas, rastejantes e tanto mais baixo caem de si mesmas quanto mais alto se tinham erguido.

Voltemos à regra primitiva. A natureza fez as crianças para serem amadas e socorridas; fê-las porventura para serem obedecidas e temidas? Deu-lhes ela um ar imponente, um olhar severo, uma voz rude e ameaçadora para serem terríficas? Compreendo que o rugido de um leão apavore os animais e que tremam ao verem sua juba terrível. Mas se algum dia se viu um espetáculo indecente, odioso, risível, é um corpo de magistrados com o chefe à testa, em traje de gala, prosternado diante de uma criança enfaixada, com quem fala em termos pomposos e que grita e baba como resposta.

Considerando-se a infância em si mesma, haverá no mundo um ser mais frágil, mais miserável, mais à mercê de tudo que a cerca, que tenha mais necessidade de piedade, de cuidados, de proteção, que uma criança? Não é de se crer que só mostra tão doce fisionomia, tão comovente maneira de ser a fim de que tudo que dela se aproxime se interesse por sua fraqueza e se apresse em socorrê-la? Que haverá portanto de mais chocante, de mais contrário à ordem, que ver uma criança dominadora e enfezada mandar em tudo que a cerca e adotar impunemente o tom de senhor com quem, em a abandonando, a faria perecer?

Por outro lado, quem não vê que a fraqueza da primeira infância acorrenta a criança de tantas maneiras, que é bárbaro acrescentar a tal sujeição a de nossos caprichos, arrancando-lhe uma liberdade tão limitada de que tão pouco pode abusar e que é tão pouco útil a nós, como a ela, a privarmos? Se não há objeto tão digno de escárnio quanto uma criança altiva, não há objeto mais digno de piedade que uma criança medrosa. Desde que com a idade da razão começa a servidão civil, porque a ela antepor a servidão privada? Consintamos em que um momento da vida seja isento desse jugo que a natureza não nos impôs e deixemos à infância o exercício da liberdade natural, que a afasta, ao menos por algum tempo, dos vícios que se contraem com a escravidão. Que esses institutores severos, que esses pais escravizados a seus filhos venham portanto com suas objeções frívolas, e que antes de se vangloriarem de seus métodos, aprendam de uma vez os da natureza.

Volto à prática. Já disse que vosso filho nada deve obter porque o pede e sim porque precisa,⁵ nada fazer por obediência e sim por necessidade. Desse modo as palavras obedecer e mandar serão proscritas de seu dicionário e mais ainda as de dever e de obrigação; mas as de força, de necessidade, de impotência e de constrangimento nele devem figurar. Antes da idade da razão não se pode ter nenhuma idéia dos seres morais

(5) Deve-se sentir que, como o esforço penoso é muitas vezes uma necessidade, o prazer é não raro igualmente uma necessidade. Não há portanto senão um só desejo das crianças que nunca devemos satisfazer: o de se fazerem obedecer. Do que se depreende que em tudo o que pedem, é sobretudo ao motivo que as leva a pedir que devemos prestar atenção. Dai-lhes, na medida do possível, tudo o que lhes possa proporcionar um prazer real; recusai-lhes sempre o que só pedem por fantasia ou para manifestar um gesto de autoridade.

nem das relações sociais; é preciso portanto evitar empregar, na medida do possível, palavras que os exprimam, de medo que a criança atribua, a tais palavras, falsas idéias que não saberemos ou não poderemos mais destruir. A primeira falsa idéia que entra em sua cabeça é germe do erro e do vício; a esse primeiro passo é que cabe, principalmente, prestar atenção. Fazei com que, enquanto se impressionar somente com coisas sensíveis, todas as suas idéias se detenham nas sensações. Fazei com que de todas as maneiras ela só perceba em derredor o mundo físico; sem o que, podeis ter certeza de que não vos ouvirá, ou terá do mundo moral, de que lhes faleis, noções fantasiosas que não tirareis de sua vida.

Raciocinar com as crianças era a grande máxima de Locke; é a que está mais em voga hoje; seu êxito não me parece entretanto muito de molde a justificar-lhe o crédito. Quanto a mim, nada vejo mais tolo do que essas crianças com as quais tanto se raciocinou. De todas as faculdades do homem, a razão, que não é, por assim dizer, senão um composto de todas as outras, é a que se desenvolve mais dificilmente e mais tarde. E é dessa que se querem servir para desenvolver as primeiras! A obra-prima de uma boa educação está em fazer um homem razoável: e pretende-se educar uma criança pela razão! É começar pelo fim, é querer fazer o instrumento com a obra. Se a criança entendesse razão, não teria necessidade de ser educada; mas falando-lhe, desde a primeira infância, uma língua que não entende, acostumam-na a jogar com palavras, a controlar tudo que lhe dizem, a se acreditar tão sábia quanto seu mestre, a se tornar discutidora e enfezada; e tudo o que imaginam obter dela pela razão, só obtêm pela cobiça, pelo temor, ou pela vaidade que se é sempre obrigado a acrescentar.

Eis a fórmula a que se podem reduzir, mais ou menos, todas as lições de moral suscetíveis de serem dadas às crianças.

O MESTRE

Não se deve fazer isto.

A CRIANÇA

E por que não se deve fazer isto?

O MESTRE

Porque está errado.

A CRIANÇA

Errado? Que é que é errado?

O MESTRE

O que te proíbem.

A CRIANÇA

Que mal há em fazer o que me proíbem?

O MESTRE

Castigam-te por ter desobedecido.

A CRIANÇA

Farei de maneira a que não saibam.

O MESTRE

Te espiarão.

A CRIANÇA

Eu me esconderei.

O MESTRE

Te interrogarão.

A CRIANÇA

Eu mentirei.

O MESTRE

Não se deve mentir.

A CRIANÇA

Por que não se deve mentir?

O MESTRE

Porque é feio etc...

Eis o círculo vicioso. Tirai dele a criança e ela não vos entenderá mais. Não se trata de instruções muito úteis? Gostaria de saber o que se poderia botar no lugar deste diálogo. O próprio Locke por certo se teria sentido bastante embaraçado. Conhecer o bem e o mal, sentir as razões dos deveres do homem não é da alçada de uma criança.

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essa ordem, produziremos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas; e seria o mesmo exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura do que juízo aos dez anos. Com efeito, que lhe adiantaria ter razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não tem necessidade desse freio.

Tentando persuadir vossos alunos do dever da obediência, juntais a essa pretensa persuasão a força e as ameaças, ou, o que é pior, as lisonjas e as promessas. Assim, atraídos pelo interesse ou constrangidos pela força, eles fingem estar convencidos pela razão. Vêm muito bem que a obediência lhes é vantajosa e a rebeldia nociva, logo que percebeis uma ou outra. Mas como só exigis deles o que é desagradável, e que é sempre penoso fazer as vontades de outrem, eles se escondem para fazerem as deles, persuadidos de que fazem bem se ignoram sua desobediência, mas dispostos a convirem em que fazem mal, em sendo descobertos, de medo de mal maior. A razão do dever não sendo de sua idade, não há homem no mundo capaz de lhes torná-la sensível; mas o receio do castigo, a esperança do perdão, a inoportunidade, o embaraço em responder arrancam-lhes todas as declarações que se lhes exigem; acredita-se então tê-los convencido, quando tão-somente se aborreceram ou se intimidaram.

Que decorre disso? Primeiramente que, impondo-lhes um dever que não sentem, vós os indispondes contra vossa tirania; vós os impedis de vos amarem. Decorre que vós lhes ensinai a se tornarem dissimulados, falsos, mentirosos, a fim de extorquirem recompensas ou fugirem aos castigos; e, ainda, que, acostumando-os a cobrirem com um motivo aparente um motivo secreto, vós lhes dais, vós mesmos, o meio de vos enganarem sem cessar, de vos tirarem o conhecimento de seus caracteres verdadeiros, de vos iludirem com palavras vãs, quando preciso. As leis, direis, embora obrigatórias para a consciência, empregam igualmente a coerção contra os adultos. De acordo. Mas que são esses homens senão crianças estragadas pela educação? Eis precisamente o que é preciso evitar. Empregai a força com as crianças e a razão com os homens; essa a ordem natural. O sábio não precisa de leis.

Tratai vosso aluno segundo a idade. Colocai-o antes de tudo em seu lugar e que neste o conserveis de modo a que não possa sair dele. Então, antes de saber o que seja sabedoria, já porá em prática a mais importante lição dela. Não lhe ordeneis nunca nada, absolutamente nada. Não lhe deixeis sequer imaginar que pretendeis ter alguma autoridade sobre ele. Que ele saiba apenas que é fraco e que sois forte; que, em virtude de sua posição e da vossa, êle se acha necessariamente à vossa mercê; que ele o saiba, que o aprenda, que o sinta; que sinta desde cedo sobre sua cabeça altiva o jugo que a natureza impõe ao homem, o pesado jugo da necessidade, ao qual deve dobrar-

medita
redição
do

-se todo ser feito; que veja essa necessidade nas coisas, nunca no capricho dos homens ⁶; que o freio que o segure seja a força e não a autoridade. Não lhe proibais nada do que deve abster-se; impedi-lo de fazê-lo, sem explicações, sem argumentação; o que lhe concedeis, concedei-o a seu primeiro pedido, sem solicitações, sem súplicas, sem condições, sobretudo. Concedei-o com prazer, só recusai com repugnância; mas que todas as vossas recusas sejam irrevogáveis; que nenhuma importunidade vos abale; que o *não* seja um muro de bronze, contra o qual a criança não terá precisado esgotar cinco ou seis vezes suas forças, que não tentará derrubar.

Assim é que tornareis vosso aluno paciente, igual, resignado, sereno, mesmo quando não tiver o que quer. Está na natureza do homem suportar com paciência a necessidade das coisas, mas não a má vontade de outrem. A expressão: *não tem mais* é uma resposta contra a qual nunca uma criança se rebelou, a menos que acreditasse ser uma mentira. De resto não há aqui meio termo; ou cumpre nada exigir dela ou forçá-la à mais perfeita obediência. A pior das educações consiste em não deixá-la flutuar entre suas vontades e as vossas, em não vos disputardes sem cessar para saberdes quem será o senhor; preferiria cem vezes que ela o fosse sempre.

É muito estranho que, desde que se trata de educar crianças, não se tenha imaginado outro instrumento para guiá-las senão o da emulação, do ciúme, da inveja, da vaidade, da avidez, do temor vil, o de todas as paixões mais perigosas, mais rapidamente fermentáveis, mais próprias a corromperem a alma, já antes do corpo se achar formado. A cada instrução precoce que se quer fazer entrar na cabeça delas, planta-se um vício no fundo de seus corações. Institutores insensatos pensam realizar maravilhas tornando-as más para ensinar-lhes o que seja bondade; e depois nos dizem gravemente: assim é o homem. Sim, assim é o homem que fizestes.

4

Experimentaram todos os instrumentos, menos um, o único precisamente que pode dar resultado: a liberdade bem regada. Ninguém deve meter-se a educar uma criança se não souber conduzi-la para onde quiser através das únicas leis do

(6) Deve-se ter a certeza de que a criança encarará como um capricho toda vontade contrária à sua e cuja razão de ser não sentirá. Ora, uma criança não sente a razão de nada em tudo que choca suas fantasias.

possível e do impossível. A esfera de uma coisa e de outra sendo-lhe desconhecida, pode-se estendê-la ou restringi-la ao redor dela como se quer. Pode-se amarrá-la, empurrá-la, segurá-la tão-somente pelo fato da necessidade, sem que ela proteste; pode-se torná-la acomodaticia e dócil unicamente por força das coisas, sem que nenhum vício tenha jamais a oportunidade de germinar nela. Porque as paixões se animam, em sendo de nenhum efeito.

Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal; só da experiência ele as deve receber; não lhe infligais nenhuma espécie de castigo, pois ele não sabe o que seja cometer uma falta; não lhe façais nunca pedir perdão, porquanto não pode ofender-vos. Desprovido de qualquer moralidade em suas ações, nada pode ele fazer que seja moralmente mal e que mereça castigo ou admoestação.

Já vejo o leitor assustado com julgar essa criança pelas nossas: engana-se. O constrangimento perpétuo em que conservais vossos alunos irrita sua vivacidade; quanto mais comedidos perante vós, mais serão turbulentos quando escaparem; cumpre que se compensem quando puderem da dura opressão em que os tendes. Dois escolares da cidade farão mais estrepolias numa região que a meninada de toda a aldeia. Encerrai um burguesinho e uma camponesinha num quarto; o primeiro terá tudo derrubado e rebentado antes que o segundo tenha mexido. Porque isso, senão porque um terá pressa em abusar de um momento de licença enquanto o outro, sempre seguro de sua liberdade, nunca se apressará em usar dela. Contudo os filhos dos aldeões, amiúde lisonjeados ou contrariados, ainda se acham longe do estado em que desejo que os mantenham.

Ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos: não existe perversidade original no coração humano; não se encontra neste nenhum só vício que não se possa dizer como e por onde entrou. A única paixão natural no homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado num sentido amplo. Esse amor-próprio em si, ou relativamente a nós, é bom e útil; e como não tem relação necessária com outrem, é, deste ponto de vista, naturalmente indiferente; só se torna bom ou mau pelas aplicações que dele se fazem ou pelas relações que se lhe dão. Até que o guia do amor próprio, que é a razão, possa nascer, importa portanto que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada em suma em relação aos outros mas tão-somente o que a natureza dela exige; e então ela só fará o bem.

Não quero dizer com isto que nunca faça estragos, que não se machuque, que nunca quebre um móvel de preço ao seu alcance. Ela poderá fazer muito estrago sem fazer mal, porque a má ação depende da intenção de prejudicar e ela nunca terá tal intenção. Se a tivesse uma só vez, tudo estaria perdido; seria má quase sem solução.

Tal ou qual coisa é má aos olhos da avareza que não o é aos olhos da razão. Deixando as crianças em plena liberdade de exercer sua travessura, convém afastar delas tudo o que possa torná-la dispendiosa e não deixar ao seu alcance nada frágil ou precioso. Que sua sala de estar seja guarnecida de móveis grosseiros e sólidos; nada de espelhos, de porcelanas, de objetos de luxo. Quanto a meu Emílio, eu o crio no campo e seu quarto nada terá que o distinga do de um camponês. Para que enfeitá-lo com tanto cuidado se nele a criança deve ficar tão pouco? Mas eu me engano: ela o decorará sozinha e veremos logo com quê.

Se apesar de vossas precauções a criança chegar a fazer alguma desordem, a quebrar alguma peça útil, não a castigueis por vossa negligência, não ralheis com ela; que ela não ouça uma só palavra de censura; não a deixeis sequer perceber que vos aborreceu; agi exatamente como se o móvel se tivesse quebrado sozinho; tereis feito muito, crede, se puderdes não dizer nada.

Ousarei expor aqui a maior, a mais importante, a regra mais útil de toda educação? Não está ela em ganhar tempo e sim em perder. Leitores vulgares, perdoai meus paradoxos; é preciso fazê-los quando se reflete; prefiro ainda ser homem a paradoxos do que homem a preconceitos. O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento à idade de doze anos. É o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que se tenha, ainda, algum instrumento para destruí-los; quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las. Se as crianças pulassem de repente do seio à idade de razão, a educação que se lhes dá poderia convir-lhes; mas, de acordo com o progresso natural, precisam de uma inteiramente contrária. Fôra necessário que nada fizessem de sua alma até que ela tivesse todas as suas faculdades; pois é impossível que ela perceba a tocha que lhe apresentais enquanto é cega, e que siga, na imensa planície das idéias, um caminho que a razão ainda traça tão de leve para os melhores olhos.

A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Se pudesseis conduzir vosso aluno são e robusto até a idade de doze anos, sem que ele soubesse distinguir sua mão direita de sua mão esquerda, logo às vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria ele em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo ele se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação.

Fazei o contrário do uso e fareis quase sempre bem. Como não se quer fazer de uma criança uma criança e sim um doutor, pais e mestres nunca acham cedo demais para ralhar, corrigir, repreender, lisonjear, ameaçar, prometer, instruir, apelar para a razão. Fazei melhor: sede sensato e não raciocineis com vosso aluno, principalmente para fazerdes com que aprove o que lhe desagrada, pois meter sempre a razão nas coisas desagradáveis é tornar-lha aborrecida, é desacreditá-la desde cedo num espírito que ainda não está em estado de compreendê-la. Exercitai seu corpo, seus órgãos, seus sentidos, suas forças, mas deixai sua alma ociosa enquanto for possível. Temei todos os sentimentos anteriores ao julgamento que os aprecia. Detende, sustai as impressões estranhas e, para impedirdes que surja o mal, não vos apresseis em fazer o bem, porquanto este só o é quando a razão o ilumina. Encarai todas as dilações como vantagens: é ganhar muito, caminhar para o fim sem nada perder; deixai a infância amadurecer nas crianças. Alguma lição se faz necessária? Evitai dar-lha desde logo, se puderdes adiá-la sem perigo.

Outra consideração que confirma a utilidade deste método está no temperamento particular da criança, que é preciso conhecer bem para saber que regime moral lhe convém. Cada espírito tem sua forma própria segundo a qual precisa ser governado e o êxito depende de ser governado por essa forma e não por outra. Homem prudente, atentai longamente para a natureza, observai cuidadosamente vosso aluno antes de lhe dizerdes a primeira palavra; deixai antes de tudo que o germe de seu caráter se revele em plena liberdade, não exerçais nenhuma coerção a fim de melhor vê-lo por inteiro. Pensais que esse período de liberdade seja perdido para ele? Ao contrário será o mais bem empregado, pois assim é que aprendereis a não perder um só momento de tão preciosa fase. Ao passo que se

começardes a agir antes de saber como, agireis ao acaso; expondo-vos a engano, sereis obrigado a voltar atrás; estareis mais afastado da meta do que se tivésseis tido menos pressa em atingi-la. Não façais portanto como o avarento que perde muito por não querer perder nada. Sacrificai na primeira infância um tempo que recuperareis com juro em idade mais avançada. O médico sábio não receita às tontas à primeira vista, estuda primeiramente o temperamento do doente antes de prescrever; começa a tratá-lo tarde mas o cura, enquanto o médico demasiado apressado o mata.

7 Mas onde poremos essa criança para educá-la assim como ser insensível, como um autômato? Na lua, numa ilha deserta? Afastada de todos os humanos? Não terá ela continuamente no mundo o espetáculo e o exemplo das paixões alheias? Não verá nunca outras crianças de sua idade? Não verá seus pais, seus vizinhos, sua ama, sua governanta, seu criado, seu mestre mesmo que, afinal, não será um anjo?

Essa objeção é séria e sólida. Mas vos terei dito porventura que uma educação natural fosse uma empresa fácil? Ó homens, será culpa minha se tornastes difícil tudo que é certo? Sinto tais dificuldades, confesso: talvez sejam insuperáveis, mas o fato é que, procurando aplicadamente preveni-las, até certo ponto as prevenimos. Mostro a meta que é preciso atingir, não digo que se possa consegui-lo; mas digo que quem dela mais se aproximar terá tido o maior êxito.

Lembra-vos de que antes de ousar tentar fazer um homem, é preciso ter-se feito homem a si próprio. É preciso encontrar em si o exemplo a ser proposto. Enquanto a criança é falha de conhecimento, há tempo para preparar tudo que a cerca, de modo que só os objetos que convém que veja impressionem seu olhar. Tornai-vos respeitável a todo mundo, começai fazendo-vos amar, a fim de que todos vos procurem agradar. Não sereis senhor da criança se não o fordes de tudo o que a cerca; e essa autoridade nunca será suficiente se não assentar na estima da virtude. Não se trata de esvaziar os bolsos e distribuir dinheiros a mancheias; nunca vi o dinheiro fazer amar ninguém. Não se deve ser avarento e duro, nem condoer-se da miséria que se pode aliviar; entretanto, por mais que abraís vossos cofres, se não abrídes também vosso coração, o dos outros vos permanecerá sempre fechado. É vosso tempo, são vossos cuidados, vossas afeições, é vós mesmo que deveis dar. Pois o que quer que façais, sentirão sempre que não sois o vosso

dinheiro. Há testemunhos de interesse e de benevolência que produzem mais efeito e são realmente mais úteis do que os dons: quantos doentes infelizes precisam mais de consolo que de esmola! Quantos oprimidos aos quais a proteção é de mais valia que o dinheiro! Reconciliai as pessoas que se desavêm, evitai os processos, instigai as crianças ao dever e os pais à indulgência; favorecei casamentos felizes, impedi os vexames, empregai, despendei a influência dos pais de vosso aluno em favor do fraco a quem se recusa justiça e que o poderoso esmaga. Declarai-vos alto e bom som protetor dos desgraçados. Sede justo, humano, praticai o bem. Não deis esmola unicamente, fazei obra de caridade; tais obras aliviam mais do que o dinheiro; amai os outros e os outros vos amarão; servi-los e eles vos servirão; sede seu irmão e eles serão vossos filhos.

Eis mais uma razão para querer educar Emílio no campo, longe da canalha dos lacaios, os últimos dos homens depois de seus amos; longe dos maus costumes das cidades, que o verniz com que se cobrem torna sedutores e contagiosos para as crianças; ao passo que os vícios dos camponeses, sem requintes e grosseiros, mais repelem do que seduzem, não se tem nenhum interesse em imitá-los.

Na aldeia um governante será muito mais senhor dos objetos que desejar apresentar à criança; sua reputação, suas palavras, seu exemplo terão uma autoridade que não poderão ter na cidade; útil a todos, todos se esforçarão por lhe agradar, por ser estimados por ele, por se mostrar ao discípulo como o mestre desejaria que fossem efetivamente; ainda que não se corrijam do vício, se hão de abster do escândalo; é tudo do que temos necessidade para nosso fim.

Cessai de culpar os outros de vossos próprios erros: o mal que as crianças vêem as corrompe menos que o que lhes ensinai. Sempre admoestadores, sempre moralistas, sempre pedantes, por uma idéia que lhes dais, acreditando-a boa, vós lhes dais vinte outras que não valem nada: cheio do que tendes na cabeça, não vedes o que provocais na delas. Entre o amontoado de palavras com que as apoquentais incessantemente, imaginai que haja uma só que não apreendam erroneamente? Pensai que não comentam à sua maneira vossas explicações difusas e que não encontram nelas com que criarem um sistema a seu alcance e que saberão opor-vos oportunamente?

Ouvi o que diz um rapazelho que acabam de doutrinar; deixai-o tagarelar, questionar, extravar à vontade e ficareis sur-

preendido com o significado estranho que vossos raciocínios adquiriram em seu espírito: confunde tudo, modifica tudo, impacienta-vos e vos desola às vezes com objeções imprevistas: levam-nos a calar ou a fazer com que caleis; e que pode ele pensar desse silêncio da parte de um homem que gosta tanto de falar? Se jamais levar essa vantagem e dela se aperceber, adeus educação; tudo estará terminado a partir desse momento. Não procurará mais instruir-se, procurará refutar-vos.

Mestres diligentes e dedicados, sede simples, discretos: não vos apresseis jamais em agir a não ser para impedir que outros ajam. Repetirei-o sempre: abandonai, se necessário, uma boa instrução, de medo de dar uma prejudicial. Nesta terra, onde a natureza teria criado o primeiro paraíso do homem, temei exercer a função do tentador em querendo dar à inocência o conhecimento do bem e do mal. Não podendo impedir que a criança se instrua fora, através de exemplos, cingi vossa vigilância em imprimir esses exemplos no seu espírito sob o aspecto que lhe convém.

As paixões impetuosas produzem grande efeito na criança que as testemunha, porque elas têm sinais muito sensíveis que a impressionam e a forçam a prestar atenção. A cólera principalmente é tão ruidosa em seus arrebatamentos que é impossível não a perceber estando perto. Não cabe perguntar se se trata para um pedagogo de uma oportunidade para fazer um belo sermão. Não, nada disso, nem uma só palavra. Deixai a criança vir a vós: espantada com o espetáculo ela não deixará de questionar-vos. A resposta é simples; tira-se dos próprios objetos que chocam seu espírito. Ela vê um rosto inflamado, olhos faiscantes, um gesto ameaçador, ela ouve gritos, sinais todos de que o corpo não se encontra em estado normal. Dizei-lhe calmamente, sem mistério: este pobre homem está doente, tem um acesso de febre. Partindo disso, podereis ter a oportunidade de lhe dar, em poucas palavras, uma idéia das doenças e de seus efeitos; pois isso também é da natureza, e uma das imposições da necessidade a que ela deve sentir-se exposta.

Será possível que com essa idéia, que não é falsa, ela não contraia desde cedo, certa repugnância em se entregar aos excessos das paixões, que encarará como doenças? E não acreditais que semelhante noção, dada a propósito, não produzirá um efeito tão salutar quanto o mais fastidioso sermão de moral? Mas vede no futuro as conseqüências dessa noção: ei-vos

autorizado, em a tanto sendo constrangido, a tratar uma criança rebelde como uma criança doente; a fechá-la em seu quarto, em sua cama se preciso, a submetê-la a regime, a assustá-la com seus vícios nascentes, a torná-los odiosos a seus olhos, e temíveis, sem que jamais ela possa encarar como um castigo a severidade que sereis talvez forçado a empregar para curá-la. Se vos acontecer a vós mesmo, num momento de vivacidade, perder o sangue frio e a moderação que deveis ter em educando, não procureis disfarçar vosso erro. Dizei-lhe francamente num tom de terna censura: meu amigo, tu me magoaste.

É importante, de resto, que todas as ingenuidades que pode produzir na criança a simplicidade das idéias com que é educada, nunca sejam apontadas em sua presença, nem citadas de modo que venha a saber. Uma gargalhada indiscreta pode perturbar o trabalho de seis meses, e provocar um prejuízo irreparável para toda a vida. Não posso cansar-me de dizer que para ser o mestre da criança é preciso ser seu próprio mestre. Imagino meu pequeno Emílio, no auge de uma briga entre duas vizinhas, avançar para a mais furiosa e dizer com comisseração: *Estais doente, minha cara, lamento-o muito*. Esta saída não deixará, sem dúvida, ter efeito sobre os espectadores nem, talvez, sobre as atrizes. Sem rir, sem ralar, sem o elogiar, levo-o de bom grado ou à força, antes que possa perceber o efeito, ou ao menos antes que nele pense, e apresso-me em distraí-lo com outros objetos que o façam logo esquecer.

Meu intuito não é entrar em pormenores mas tão-somente expor as máximas gerais e dar exemplos nos casos mais difíceis. Considero impossível que se possa trazer ao seio da sociedade uma criança de doze anos sem lhe dar alguma idéia das relações entre homem e homem e da moralidade das ações humanas. Basta que nos apliquemos em fornecer-lhe as noções mais necessárias o mais tarde possível e que, quando se tornarem indispensáveis, as restrinjamos à utilidade presente, apenas para que ela não se acredite senhora de todos e não faça mal a outrem sem escrúpulo e sem o saber. Há temperamentos dóceis e tranquilos que podemos levar longe sem perigo para sua inocência primeira; mas os há também violentos cuja ferocidade se desenvolve cedo e que precisamos apressar-nos em deles fazer homens, para não sermos obrigados a acorrentá-los.

Nossos primeiros deveres são para conosco; nossos sentimentos primitivos concentram-se em nós mesmos; todos os nossos movimentos naturais dizem respeito inicialmente à nossa con-

servação e ao nosso bem-estar. Assim, nosso primeiro sentimento de justiça não nos vem da que devemos e sim da que nos é devida; e é ainda um dos contrasensos das educações comuns que, falando de início às crianças de seus deveres, começam dizendo-lhes o contrário do que se impõe, o que não podem entender nem as pode interessar.

Se tivesse portanto que guiar uma das que acabo de supor, eu me diria: uma criança não ataca nunca as pessoas⁷ e sim as coisas; e logo aprende pela experiência a respeitar quem quer a ultrapasse em idade e em força. Mas as coisas não se defendem sozinhas. A primeira idéia que cumpre dar-lhe é portanto menos a da liberdade que a da propriedade. E para que possa ter essa idéia é preciso que possua sempre alguma coisa. Citar-lhe seus trapos, seus móveis, seus brinquedos, é nada lhe dizer, porquanto, embora disponha dessas coisas, não sabe nem porque nem como as tem. Dizer-lhe que as tem porque lhe foram dadas não é muito melhor, porquanto para dar é preciso ter: eis portanto uma propriedade anterior à dela. E é o princípio da propriedade que se lhe quer explicar, sem contar que o dom é uma convenção e a criança não pode saber ainda o que seja uma convenção⁸. Leitores, observai, peço-vos, neste exemplo e em cem mil outros que, enfiando na cabeça das crianças palavras sem nenhum sentido a seu alcance, imaginam entretanto as ter muito bem instruído.

Trata-se portanto de remontar à origem da propriedade; pois é daí que a primeira idéia deve nascer. A criança vivendo no campo terá tido alguma noção das atividades campesinas; não é necessário para isso senão que tenha olhos e lazeres, e ela os terá tido. É de todas as idades, principalmente da sua,

(7) Não se deve nunca admitir que uma criança abuse dos adultos como de seus inferiores, nem mesmo como de seus iguais. Se ousar bater seriamente em alguém, seja seu lacaios, seja seu verdugo, fazei com que lhe devolvam os golpes com juro, de maneira a tirar-lhe a vontade de recommear. Vi governantes imprudentes excitar a rebeldia de uma criança, incitá-la a bater, deixarem-se bater elas próprias, rindo dos golpes fracos, sem pensarem que se tratava de assassínios na intenção do pequeno furioso e que quem quer bater, sendo jovem, desejará matar quando grande.

(8) Eis porque a maioria das crianças quer reaver o que deu e chora quando não se lhe quer devolver. Isso não lhe acontece mais quando concebe realmente o que seja o dom; só que se mostra mais circunspecto em dar.

querer criar, imitar, produzir, dar sinais de poder e de atividade. Mal terá visto duas vezes arar uma horta, semear, germinarem e crescerem legumes que já desejará jardinar ela própria.

Em virtude dos princípios aqui estabelecidos, não me oponho a seu desejo. Ao contrário, favoreço-o, compartilho seu gosto, trabalho com ela não pelo prazer dela e sim pelo meu; ela o acredita, pelo menos. Torno-me seu ajudante de jardineiro. Enquanto espero que tenha braços, aro por ela a terra; dela toma posse plantando uma fava e certamente essa posse é mais sagrada e mais respeitável que a que tomava Nunes Balboa da América meridional em nome do rei da Espanha, plantando seu estandarte nas costas do mar do sul.

Se diariamente regamos a fava, vemo-la despertar com transportes de alegria. Aumento essa alegria dizendo: isto te pertence e explicando-lhe então o termo pertencer, faço-lhe sentir que pôs naquela terra seu tempo, seu trabalho, sua pena, sua pessoa enfim; que há nessa terra alguma coisa dela própria e que pode reivindicar contra quem quer que seja, como poderia retirar o braço da mão de outro homem que o quisesse segurar contra sua vontade.

Um belo dia ela chega solícita com o regador na mão. Ó espetáculo, ó dor! todas as favas estão arrancadas, todo o terreno remexido, nem o lugar se reconhece mais. Ah, que aconteceu com meu trabalho, minha obra, o doce fruto de meus cuidados e de meu suor? Quem me arrebatou meu bem? Quem me pegou minhas favas? O jovem coração se revolta, o primeiro sentimento de injustiça nele verte seu triste amargor; correm as lágrimas; a criança desolada enche o ar de gemidos e de gritos. Participamos de sua dor, de sua indignação; procuramos, colhemos informações, fazemos perquisições. Finalmente descobrimos que foi o jardineiro: chamamo-lo.

Mas eis que nos colocamos noutro campo. O jardineiro sabendo de que nos queixamos começa a queixar-se mais alto ainda. Pois então, senhores, fostes vós que me estragastes assim minha obra? Eu tinha semeado aqui melões de Malta, cujas sementes me tinham sido dadas como um tesouro e com os quais esperava regalar-vos em estando maduros; mas eis que para plantardes vossas miseráveis favas destruístes meus melões já germinados e que nunca substituirei. Causastes-me um prejuízo irreparável e vos privastes, vós mesmos, do prazer de comer melões deliciosos.

JEAN-JACQUES

Desculpai-nos, meu bom Roberto. Pusestes nisso todo o vosso trabalho, tôda a vossa pena. Bem vejo que erramos em destruir vossa obra; mas mandaremos vir outras sementes de Malta e não mexeremos mais na terra, antes de sabermos se alguém nela pôs a mão antes de nós.

ROBERTO

Pois bem, meus senhores, podeis então descansar porque não há mais terra não cultivada. Eu trabalho a que meu pai melhorou; cada qual faz o mesmo de seu lado e todas as terras que vedes estão ocupadas de há muito.

EMÍLIO

Seu Roberto, há então muita semente de melão perdida?

ROBERTO

Desculpai-me jovem caçula; pois não vemos muitas vezes jovens tontos como vós. Ninguém toca no jardim do vizinho; cada qual respeita o trabalho do outro a fim de que o seu esteja em segurança.

EMÍLIO

Mas eu não tenho jardim.

ROBERTO

Que me importa? Se estragais o meu, não vos deixarei mais passear nele; porque, vede, não posso mais perder o meu suor.

JEAN-JACQUES

Não poderíamos propor um arranjo ao bom Roberto? Que nos conceda um cantinho de seu jardim para meu amiguinho e eu o cultivarmos, com a condição de ter a metade do produto.

ROBERTO

Concedo-o sem condições. Mas lembrai-vos de que irei arar vossas favas se tocardes nos meus melões.

Nessa tentativa de inculcar nas crianças as noções primitivas, vê-se como a idéia de propriedade remonta naturalmente ao direito do primeiro ocupante pelo trabalho. Isso é claro, nítido, simples e sempre ao alcance da criança. Daí até ao direito de propriedade e às trocas não vai mais de um passo, depois do qual cumpre parar.

Vê-se ainda que uma explicação, que encerro aqui em duas páginas, será talvez coisa de um ano na prática; porque no caminho das idéias morais não se pode avançar demasiado lentamente, nem muito bem se firmar a cada passo. Jovens mestres pensai, peço-vos, neste exemplo e lembrai-vos de que em tudo, vossas ações devem ser mais em ações do que em sermões, porquanto as crianças esquecem mais facilmente o que se lhes diz, ou o que dizem, do que o que fazem ou o que lhe fazem.

Tais instruções devem ser-lhes dadas, como o disse, mais cedo ou mais tarde na medida em que o natural tranqüilo ou turbulento do aluno acelere ou atrase a necessidade; seu emprego é de uma evidência que salta aos olhos. Mas, para nada omitir de importante nas coisas difíceis, demos mais um exemplo.

Vossa criança difícil de educar estraga tudo o que toca: não vos zangueis; colocai fora de seu alcance tudo que possa estragar. Quebra os móveis de que se serve? Não vos apresseis em dar-lhe outros: deixai-a sentir o mal da privação. Quebra as janelas do quarto? Deixai o vento soprar dia e noite sem vos preocupardes com os resfriados, pois é melhor que fique resfriada do que louca. Não vos queixeis nunca dos incômodos que vos dá, mas fazei com que ela os sinta em primeiro lugar. No fim fareis consertar os vidros sem nada dizerdes. Quebra-os ainda? Mudai de método então: dizei-lhe secamente mas sem raiva: as janelas são minhas; aí foram colocadas por meus cuidados; quero garanti-las. Depois a fechareis na obscuridade num local sem janela. Ante tão novo procedimento, ela começará por gritar, espernear; ninguém a ouve. Dentro em breve ela se cansa e muda de tom; queixa-se, geme. Então um criado se apresenta, o rebelde pede-lhe que o liberte. Sem procurar pretextos para nada fazer o criado responde: *também tenho vidros que devo conservar*. E vai-se embora. Enfim, depois que a criança assim tiver ficado várias horas, o bastante para aborrecer e lembrar-se, alguém lhe sugerirá de propor-vos um acordo mediante o qual vós lhe devolveríeis a liberdade e ela não quebraria mais vidros. Ela não há de querer melhor. Ela vos pedirá para vir vê-la; vós ireis; ela vos fará sua proposta e vós a aceitareis de imediato dizendo-lhe: muito bem pensado; ganharemos ambos: como não tiveste essa idéia antes? E depois, sem pedirdes confirmação de sua promessa vós a beijareis com alegria e a levareis imediatamente para o quarto dela, encarando o acordo como sagrado e inviolável como se jurado. Que idéia pensais que ela terá do

valor dos compromissos e de sua utilidade? Engano-me se houver na terra uma só criança, ainda não estragada, quando da experiência dessa conduta, que pense em quebrar um vidro de janela, depois, de propósito. Segui o encadeiamento de tudo isso. O mauzinho não pensava absolutamente, ao fazer um buraco para plantar sua fava, que abria uma cela onde sua ciência não tardaria em encerrá-lo⁹.

Eis-nos no mundo moral, eis a porta aberta ao vício. Com as convenções e os deveres nascem o embuste e a mentira. A partir do momento em que se pode fazer o que não se deve, quer-se esconder o que não se deveria ter feito. Desde que um interesse faz prometer, um interesse maior pode fazer violar a promessa; não se trata mais de a violar impunemente: então o recurso é natural. Esconde-se e mente-se. Não tendo podido prevenir o vício, eis-nos já no caso de puni-lo. E eis as misérias da vida humana que começam com seus erros.

Já disse bastante para dar a entender que não se deve nunca infligir à criança o castigo como castigo e que este deve ocorrer-lhe como consequência natural de sua má ação. Assim não declamareis nunca contra a mentira, não a punireis precisamente por ter mentido; mas fareis com que os maus resultados da mentira, como o de não ser acreditado quando se diz a verdade, o de ser acusado do mal que não se fez, se acumulem, por mais que o queira negar, sobre sua cabeça quando mentiu. Mas expliquemos o que é mentir para as crianças.

Há duas espécies de mentira: a de fato que diz respeito ao passado e a de direito que diz respeito ao futuro. A primeira ocorre quando se nega ter feito o que se fez, ou quando se

(9) Demais, quando esse dever de manter os compromissos não se tivesse firmado no espírito da criança pelo peso de sua utilidade, logo o sentimento interior, começando a brotar, lho imporia como uma lei da consciência, como um princípio inato que só aguarda, para se desenvolver, os conhecimentos a que se aplica. Esse primeiro traço não é marcado pela mão dos homens e sim gravado em nossos corações pelo Autor de toda justiça. Tirai a lei primitiva das convenções e a obrigação que ela impõe, e tudo será ilusório e vão na sociedade humana. Quem só se prende a sua promessa pelo proveito, não se acha muito mais preso do que se nada houvesse prometido; ou, quando muito, será, do poder de violá-la, como da bisca dos jogadores que só tardam em valer-se dela para aguardar o momento de valer-se com mais vantagem. Esse princípio é da maior importância e merece ser aprofundado; pois é aqui que o homem começa a se pôr em contradição consigo mesmo.

afirma ter feito o que não se fez, e em geral quando se fala de caso pensado contra a verdade das coisas. A outra ocorre quando se promete, o que não se tem a intenção de cumprir e em geral quando se mostra uma intenção contrária à que se tem. Essas duas mentiras podem por vezes juntar-se na mesma¹⁰, mas eu as considero aqui pelo que têm de diferente.

Quem sente a necessidade que tem do auxílio dos outros, e não cessa de experimentar sua benevolência, não tem nenhum interesse em enganá-los; ao contrário, tem um interesse sensível em que vejam as coisas como são, de medo que se enganem em prejuízo seu. Está claro, portanto, que a mentira de fato não é natural às crianças; mas é a lei da obediência que produz a necessidade de mentir, porque, sendo a obediência penosa, a gente se desembaraça dela em segredo o mais possível e porque o interesse imediato de evitar o castigo ou a censura ultrapassa o interesse remoto de expor a verdade. Em sua educação natural e livre, porque então vossa criança mentiria? Que tem a esconder-vos? Não ralhaiis com ela, não a punis de nada, nada exigis dela. Por que não vos diria tudo o que fez tão ingenuamente quanto a seu camarada? Ela não pode ver na confissão maior perigo de um lado que de outro.

A mentira de direito é menos natural ainda, porquanto as promessas de fazer ou de se abster são atos convencionais, que saem do estado natural e derrogam à liberdade. Há mais: todos os compromissos das crianças são nulos por si mesmos, pois, não podendo sua visão limitada estender-se além do presente, comprometendo-se não sabem o que fazem. Mal a criança pode mentir quando se compromete. Só pensando em se safar de uma dificuldade no momento presente, todo meio que não tenha efeito presente lhe é igual; prometendo para um tempo futuro, não promete nada e sua imaginação ainda adormecida não sabe estender seu ser sobre dois tempos diferentes. Se pudesse evitar o chicote ou obter um pacote de doces, prometendo jogar-se amanhã pela janela, ela o prometeria de imediato. Eis porque as leis não atentam para os compromissos das crianças; e quando os pais e os mestres mais severos exigem que elas os cumpram, é somente no que a criança deveria fazer, ainda que não o tivesse prometido.

(10) Como quando, acusado de uma má ação, o culpado se defende em se proclamando homem honesto. Mente então quanto ao fato e ao direito.

A criança, não sabendo o que faz quando se compromete, não pode portanto mentir em se comprometendo. Não é a mesma coisa quando falta a sua promessa, o que ainda é uma espécie de mentira retroativa: porque ela se lembra muito bem de ter feito a promessa, mas o que não vê é a importância de cumpri-la. Incapaz de ler no futuro, não pode prever as consequências das coisas; e quando viola seus compromissos nada faz contra a razão de sua idade.

Conclui-se disso que as mentiras das crianças são todas obra de seus mestres e que querer ensinar-lhes a dizer a verdade não passa de ensinar-lhes a mentir. No afã que temos de lhes dar regras, de as governar, de as instruir, não encontramos nunca instrumentos suficientes para o conseguirmos. Queremos ter novos meios de influenciar seu espírito mediante máximas sem fundamento, preceitos sem razão e gostamos mais de que saibam suas lições e mintam, do que permaneçam ignorantes e autênticas.

Nós que damos a nossos alunos somente lições práticas e que preferimos que sejam bons a que sejam sábios, não exigimos deles a verdade de medo que a disfarcem, e nada lhes fazemos prometer que sejam tentados a não cumprir. Se aconteceu em minha ausência algum mal cujo autor eu ignore, evito acusar Emílio ou dizer-lhe: *foste tu*¹¹? Pois com isso não faria outra coisa senão ensinar-lhe a negá-lo. Se sua natureza difícil me forçar a algum acordo com ele, terei todo cuidado em que a proposta venha sempre dele, nunca de mim; em que, quando se comprometer, tenha sempre um interesse presente e sensível em cumprir o prometido; e terei também cuidado em que, se jamais faltar à promessa, a mentira faça cair sobre ele males que ele veja saírem da própria ordem das coisas e não da vingança de seu governante. Mas, longe de recorrer a expedientes tão cruéis, estou quase certo de que Emílio aprenderá, bastante tarde, o que é mentir e que, aprendendo-o, ficará muito espantado, não podendo conceber a que pode servir a mentira. Está bem claro que quanto mais eu tornar seu bem-estar indepen-

(11) Nada mais indiscreto do que semelhante pergunta, sobretudo quando a criança é culpada; se acreditar então que sabeis o que fez, verá que lhe preparais uma armadilha e essa opinião não pode deixar de indispor-la contra vós. Se não o acreditar, ela se dirá: porque descobriria minha falta? E eis a primeira tentativa da mentira decorrendo de vossa imprudente pergunta.

dente, seja das vontades, seja dos julgamentos dos outros, mais eu destruirei nele qualquer interesse em mentir.

Quando não se tem pressa em instruir, não se tem pressa em exigir e aguarda-se o tempo necessário para só exigir oportunamente. Então a criança se forma na medida em que não se estraga. Mas quando um preceptor desastrado, não sabendo como fazê-lo, a obriga a cada instante a prometer isto ou aquilo, sem distinção, sem escolha, sem medida, a criança aborrecida, sobrecarregada de todas as suas promessas, as negligencia, as esquece, as desdenha enfim, e, encarando-as como fórmulas vãs, se diverte com as fazer e as violar. Quereis que seja fiel a sua palavra, sejai discreto em a exigir.

Os pormenores em que entrei acerca da mentira podem sob muitos aspectos aplicar-se a todos os outros deveres, que só se prescrevem às crianças tornando-os não somente odiosos como impraticáveis. Parecendo pregar-lhes a virtude levam-nas a amarem todos os vícios: nós lhos damos proibindo-as de os terem. Querendo torná-las devotas, levam-nas à igreja para que se entediem; fazendo com que murmurem preces sem cessar, forcem-nas a aspirarem à felicidade de não mais rezar. Para inspirar-lhes a caridade, fazemos com que dêem esmolas como se não as pudessemos dar nós mesmos. Ora, não é a criança que deve dar, é o mestre: por maior apego que tenha a seu aluno, deve disputar-lhe essa honra; deve fazê-lo pensar que na sua idade não é ainda digno do gesto. A esmola é uma ação de homem que conhece o valor do que dá e a necessidade que seu semelhante tem do que é dado. A criança não sabe nada disso, não pode ter nenhum mérito em dar; dá sem caridade, sem intenção de fazer o bem; quase tem vergonha de dar quando, baseada em seu exemplo e no vosso, acredita que somente as crianças dão e que não se dá mais sendo adulto.

Observai que não fazem a criança dar senão coisas cujo valor ignora, moedas de metal que tem no bolso e que só servem mesmo para isso. Uma criança daria mais facilmente cem luízes do que um doce. Mas instigai esse distribuidor perdulário a dar as coisas que lhe são caras, brinquedos, confeitos, sua merenda e logo veremos se vós a tornastes realmente liberal.

Encontram ainda um expediente para isso, que consiste em devolver bem depressa à criança o que ela deu, de maneira que se acostuma a dar tudo o que sabe que lhe será devolvido. Nunca vi nas crianças senão essas duas espécies de generosida-

de: dar o que não lhes serve de nada, ou dar o que têm certeza de que lhes irão devolver. Fazei, diz Locke, com que se convençam pela experiência que o mais liberal é sempre quem recebe a melhor parte. Disso resulta tornar a criança liberal na aparência e avarenta na realidade. Ele acrescenta que assim as crianças contrairão o hábito da liberalidade. Sim, de uma liberalidade usurária, que dá um ovo para ganhar um boi. Mas quando se tratar de dar de verdade, adeus o hábito; quando deixarem de lhe devolver, ela não tardará em deixar de dar. É preciso ter em vista o hábito da alma mais do que o hábito das mãos. Todas as outras virtudes que ensinam às crianças assemelham-se a essa. E é pregando-lhes tão sólidas virtudes que usam seus jovens anos na tristeza! Não é, em verdade, uma sábia educação!

Mestres, abandonai tais comédias, sede virtuosos e bons, que vossos exemplos se gravem na memória de vossos alunos até que possam entrar em seus corações. Em vez de exigir do meu gesto de caridade, prefiro fazê-lo na presença dele e até tirar-lhe o meio de me imitar nisso, como uma honra que não é de sua idade; pois importa que não se acostume a encarar os deveres dos homens tão-somente como deveres de crianças. Se ao me ver assistir os pobres, me questionar, em sendo tempo de lhe responder eu lhe direi: “Meu amigo, é porque quando os pobres concordaram em que houvesse ricos, os ricos prometeram alimentar todos os que não tivessem com que viver nem de seus bens nem de seu trabalho” — “Prometestes isso então?” — “Sem dúvida. Só sou dono dos bens que passam por minhas mãos com a condição que se liga à propriedade deles” ¹².

Depois de ter ouvido tais palavras, e já se viu como se pode pôr uma criança em estado de entendê-las, um outro que não Emílio teria a tentação de me imitar e de se conduzir como um homem rico; eu o impediria de fazê-lo, ao menos com ostentação; preferiria que me tomasse o meu direito e se escondesse para dar. Seria uma fraude de sua idade e a única que lhe perdoaria.

(12) Deve-se compreender que não dou resposta satisfatória a suas perguntas quando lhe apraz e sim quando me apraz; de outro modo seria dobrar-me a suas vontades e pôr-me na mais perigosa das dependências em que um governante possa se colocar em relação a seu aluno.

Sei que todas essas virtudes por imitação são virtudes de símio e que nenhuma ação é moralmente boa senão quando feita nessa intenção e não porque outros a fazem. Mas numa idade em que o coração nada sente ainda, é preciso induzir as crianças a imitarem os atos a que as queremos habituar enquanto aguardamos que o façam por discernimento e por amor ao bem. O homem é imitador, até o animal o é; o gosto da imitação é da natureza bem ordenada; mas degenera em vício na sociedade. O macaco imita o homem que ele teme e não imita os animais que despreza; julga bom o que faz um ser melhor do que ele. Entre nós, ao contrário, nossos arlequins de toda espécie imitam o belo para degradá-lo, para torná-lo ridículo; buscam no sentimento de sua baixeza igualar-se ao que vale mais do que eles; ou, se se esforçam por imitar o que admiram, vemos na escolha dos objetos o falso gosto dos imitadores: querem mais iludir os outros ou fazer com que aplaudam seu talento do que se tornar melhores ou mais sábios. O alicerce da imitação entre nós está no desejo de nos transportarmos sempre para fora de nós. Se eu tiver êxito na minha empresa, Emílio não terá tal desejo. Cumpre, portanto, que dispensemos o bem aparente que pode produzir.

Aprofundai tôdas as regras de vossa educação, vereis que tôdas são erradas, principalmente no que diz respeito às virtudes e aos costumes. A única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em qualquer idade, é a de não fazer mal a ninguém. O próprio preceito de fazer o bem, em não se subordinando ao outro, é perigoso, falso, contraditório. Quem não faz bem? Todos fazem, o mau como os demais; faz alguém feliz a expensas de cem miseráveis; e daí vêm todas as nossas calamidades. As mais sublimes virtudes são negativas: são também as mais difíceis, porque são sem ostentação e acima mesmo do prazer tão doce ao coração do homem de despaçar alguém contente conosco. Mas que bem faz necessariamente a seus semelhantes quem, se é que existe, nunca lhes faz mal! Que intrepidez de alma, que vigor de caráter precisa para isso! Não é raciocinando sobre esta máxima, é tratando de praticá-la, que sentimos quanto é grande e difícil conseguí-lo ¹³.

(13) O preceito de nunca causar mal a outrem implica no de se apegar o menos possível à sociedade humana: pois, no estado social, o bem de um faz necessariamente o mal de outro. Esta relação está na essência da coisa e ninguém a pode modificar. Que se verifique, com este princípio, qual o melhor: o homem social ou o solitário. Um

Eis algumas pobres idéias das precauções com as quais eu gostaria que dessem às crianças as instruções que não podemos às vezes recusar-lhes sem as expor a se prejudicarem ou prejudicarem os outros e, sobretudo, a contraírem maus hábitos que acarretariam sérias dificuldades, mais tarde, para corrigi-los. Mas tenhamos certeza de que essa necessidade se apresentará raramente para as crianças educadas como o devem ser, pois é impossível que se tornem indóceis, más, mintirosas, cobiçosas, em não se semeando em seus corações os vícios que assim as tornam. Por isso, o que disse a propósito refere-se mais às exceções do que à regra; mas essas exceções se fazem mais frequentes na medida em que as crianças têm mais oportunidades de sair de seu estado e contrair os vícios dos homens. As que se educam na sociedade, cumpre forçosamente dar instruções mais precoces do que às que se criam fora dela. Essa educação solitária seria pois preferível, ainda que fosse tão-somente para dar à infância o tempo de amadurecer.

Há outro tipo de exceções contrárias para aquelas que uma índole feliz eleva acima de sua idade. Assim como há homens que nunca saem da infância, outros há que, por assim dizer, nunca a tiveram e já são homens quase ao nascerem. O mal está em que esta última exceção é muito rara, muito difícil de se conhecer, e que toda mãe, imaginando que uma criança pode ser um prodígio, não duvida de que seu filho o seja. Fazem mais: tomam como indícios extraordinários os mesmos que assinalam a ordem habitual: a vivacidade, as saídas, a travessura, a ingenuidade picante, sinais todos característicos da idade e que mais mostram que uma criança não é senão uma criança. Será de espantar que aquele a quem muito fazemos falar, a quem tudo permitimos que diga, que não é perturbado por nenhuma deferência, por nenhuma necessidade de boa educação, tenha por acaso um achado feliz? Sê-lo-ia muito mais se nunca tivesse um, como o seria que um astrólogo, entre mil mentiras, não dissesse uma só vez a verdade. Mentirão tanto, observava Henrique IV, que ao fim dirão uma verdade. Quem quer que de-

autor ilustre afirma que só o mau é só; eu digo que somente o bom é só. Se esta proposição é menos sentenciosa, é em compensação mais verdadeira e razoável do que a precedente. Se o mau fôsse só, que mal poderia fazer? É na sociedade que ele arquiteta seus planos para prejudicar os outros. Se quiserem aplicar este argumento ao homem de bem, eu responderei com o artigo a que se refere esta nota (alusão a Diderot. N. d. T.).

seje encontrar uma boa saída deve dizer tão-somente, muitas tolices. Deus protege quem está na moda e não tem outro mérito para ser festejado.

Os pensamentos mais brilhantes podem cair no cérebro das crianças, ou melhor, as melhores saídas em sua boca, tanto quanto os diamantes mais caros em suas mãos, sem que com isso pensamento ou diamante lhes pertençam; não há nenhuma propriedade de nenhum tipo nessa idade. As coisas que uma criança diz não são para ela o que são para nós; ela não lhes atribui as mesmas idéias. Estas, se é que ela as tem, não comportam, em seu pensamento, nem consequência nem ligação; nada de fixo, nada de seguro no que pensa. Examinai vosso pretenso prodígio. Em certos momentos descobrireis nele impulsos de extrema atividade, uma clareza de espírito incrível. O mais das vezes esse mesmo espírito vos parecerá frouxo, morno e como que envolvido em espessa bruma. Ora ele vos precede, ora fica imóvel. Em dado momento diríeis que se trata de um gênio, noutro momento de um tolo. Vós vos enganaríeis sempre; é uma criança. É uma aguieta que fende o ar durante um instante e logo depois volta a cair no ninho.

Tratai-a portanto de acordo com a idade apesar das aparências e temei esgotar-lhe as forças por terdes querido exercê-las demasiado. Se o jovem cérebro se anima, se vedes que começa a ferver, deixai-o primeiramente fermentar em liberdade, não o exciteis nunca de medo que tudo se evapore; e quando os primeiros vapores se tiverem evaporado, retende, comprimi os outros até que, com os anos, tudo se faça calor vivificante e força verdadeira. De outro modo perdereis vosso tempo e vossos cuidados, destruireis vossa própria obra; e depois de vos terdes indiscretamente embriagado com esses vapores inflamáveis, só vos restará um bagaço sem vigor.

Das crianças estouvadas saem os homens comuns: não conheço observação mais geral e certa do que essa. Nada é mais difícil, na infância, do que distinguir a estupidez real dessa aparente e enganadora estupidez que anuncia as almas fortes. Parece, a princípio, estranho que os dois extremos apresentem sinais tão semelhantes: e, no entanto, assim deve ser. Pois numa idade em que o homem não tem ainda verdadeiras idéias, toda a diferença existente entre o que tem gênio e o que não tem, está no fato de o último só admitir idéias falsas e de o primeiro, só essas encontrando, não admitir nenhuma: assemelha-se portanto ao estúpido, nisso que um não é capaz de nada

e nada convém ao outro. O único sinal que os pode distinguir depende do caso que pode oferecer ao último alguma idéia a seu alcance, enquanto o primeiro é sempre o mesmo. O jovem Catão parecia na infância um imbecil em sua casa. Era taciturno e opiniático, eis tudo que se dizia dele. Foi somente na antecâmara de Sila que seu tio aprendeu a conhecê-lo. Se não tivesse entrado nessa antecâmara talvez houvesse passado por estúpido até à idade de razão. Se César não houvesse vivido, talvez tivessem tratado de visionário esse mesmo Catão que penetrou seu gênio funesto e previu todos os seus projetos de muito longe. Ah, como os que julgam tão precipitadamente as crianças estão sujeitos a enganos! São por vezes mais crianças do que elas. Vi, numa idade bastante avançada, um homem que me distinguia com sua amizade passar na sua família e entre seus amigos por um espírito curto: a excelente cabeça amadurecia em silêncio. Repentinamente ele se revelou filósofo, e não duvido que a posteridade lhe reserve um lugar honroso e de projeção entre os melhores pensadores e os mais profundos metafísicos de seu século.

Respeitai a infância e não vos apresseis em julgá-la bem ou mal. Deixai as exceções se assinalarem, se comprovarem, se confirmarem muito tempo antes de adotardes para elas métodos particulares. Deixai a natureza agir durante muito tempo, antes de procurardes agir em lugar dela, a fim de não contrariardes suas operações. Direis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que é perdê-lo muito mais empregando-o mal do que nada fazendo, e que uma criança mal instruída se encontra mais longe da sabedoria do que aquela que não recebeu nenhuma instrução. Vós vos preocupais com a ver gastar seus primeiros anos em não fazer nada. Como! Ser feliz será não fazer nada? Não será nada pular, correr, brincar o dia inteiro? Em toda a sua existência não andarás mais ocupada. Platão, em sua *República*, que acreditam tão austera, só educa as crianças com festas, jogos, canções, passatempos: parece que fez tudo ensinando-lhes a se divertirem. E Sêneca diz, falando da antiga juventude romana: estava sempre em pé e nada se lhe ensinava que devesse aprender sentada. E valia ela menos ao alcançar a idade viril? Não vos alarmeis demasiado, portanto, ante essa pretensa ociosidade. Que diríeis de um homem que para tirar proveito total da vida jamais quisesse dormir? Diríeis: esse homem é insensato; não aproveita o tempo, perde-o; a fim de fugir do sono

corre para a morte. Refleti em que se trata da mesma coisa, e que a infância é o sono da razão.

A facilidade aparente de aprender é causa da perda das crianças. Não se vê que essa facilidade mesma é a prova de que nada aprendem. Seu cérebro liso e polido reflete como um espelho os objetos que se lhe apresentam; mas nada fica, nada penetra. A criança retém as palavras, as idéias são refletidas; os que as ouvem entendem-nas, só ela não as entende.

Embora a memória e o raciocínio sejam faculdades essencialmente diferentes, uma não se desenvolve verdadeiramente sem a outra. Antes da idade a razão da criança não recebe idéias e sim imagens; e há esta diferença entre umas e outras: as imagens não passam de pinturas absolutas dos objetos sensíveis e as idéias são noções dos objetos, determinadas por relações. Uma imagem pode existir sozinha no espírito que a representa; mas toda idéia supõe outras. Quando imaginamos, não fazemos senão ver; quando concebemos, comparamos. Nossas sensações são puramente passivas, ao passo que tôdas as nossas percepções ou idéias nascem de um princípio ativo que julga. Isto será demonstrado.

Digo portanto que as crianças, não sendo capazes de julgamento, não têm memória verdadeira. Retêm sons, formas, sensações, raramente idéias, mais raramente ainda suas ligações. Objetando-me que aprendem alguns elementos de geometria, acreditam apresentar uma prova contra mim; muito pelo contrário, a prova me é favorável! mostra que, longe de saberem raciocinar por si mesmas, não sabem sequer reter os raciocínios dos outros. Acompanhai esses pequenos geômetras no seu método; logo vereis que só retiveram a impressão exata da figura e os termos da demonstração. Ante qualquer nova objeção perdem pé; virai a figura noutro sentido, não entenderão mais. Todo o seu saber está na sensação, nada chegou ao entendimento. Sua memória mesma não é muito mais perfeita que as outras faculdades, pois precisam quase sempre reaprender, quando grandes, as coisas que aprenderam na infância.

Estou longe contudo de pensar que as crianças não tenham nenhuma espécie de raciocínio¹⁴. Ao contrário, vejo que ra-

(14) Fiz cem vezes a reflexão, escrevendo, de que é impossível, numa obra de fôlego, dar sempre os mesmos sentidos às mesmas palavras. Não há língua bastante rica para fornecer tantos termos, tantas expressões e frases quanto as modificações que podem ter nossas idéias.

ciocinam muito bem em tudo o que conhecem e que se relaciona com seu interesse presente e sensível. Mas é acerca de seus conhecimentos que nos enganamos, atribuindo-lhes os que não têm e levando-as a raciocinarem sobre o que não podem compreender. Enganamo-nos ainda querendo que se mostrem atentas a considerações que não as impressionam de modo nenhum, como as de seu interesse futuro, de sua felicidade quando adultos, da estima que terão por elas quando crescerem; coisas que, ditas a seres sem nenhuma previdência, nada significam para eles. Ora, todos esses estudos forçados desses pobres infelizes tendem para objetos inteiramente estranhos a seus espíritos. Que se imagine a atenção que lhes podem prestar.

Os pedagogos que nos exibem com aparato as instruções dadas a seus discípulos são pagos para ter outra linguagem: vemos entretanto, por sua própria conduta, que pensam exatamente como eu. Pois, que lhes ensinam afinal? Palavras, palavras e mais palavras. Entre as diversas ciências que se vangloriam de ensinar-lhes, evitam cuidadosamente escolher as que lhes seriam verdadeiramente úteis, porque seriam ciências de coisas e que não conseguiriam ensinar-lhes; mas as que parecemos saber quando conhecemos seus termos, brasão, geografia, cronologia, línguas etc. são estudos tão longe do homem, e sobretudo da criança, que seria espantoso que alguma coisa deles lhe pudesse ser útil uma só vez na vida.

Surpreender-se-ão com o fato de eu incluir o estudo das línguas entre as inutilidades da educação: cumpre que se lembrem de que só trato aqui dos estudos da primeira infância; e, digam o que quizerem, não creio que até a idade de doze ou quinze anos, à exceção dos prodígios, alguma criança tenha algum dia aprendido realmente duas línguas.

O método de definir todos os termos e substituir sem cessar a definição ao definido é bonito mas impraticável, pois como evitar o círculo vicioso? As definições poderiam ser boas se não se empregassem palavras para dá-las. Apesar disso estou persuadido de que se poderia ser claro, mesmo com a pobreza de nossa língua, não dando sempre as mesmas acepções às mesmas palavras, mas fazendo de modo que, todas as vezes que se emprega uma palavra, a acepção dada seja suficientemente determinada pelas idéias que a ela se reportam e que cada período em que tal palavra se encontre lhe sirva, por assim dizer, de definição. Ora eu digo que as crianças são incapazes de raciocínio, ora faço com que raciocinem com bastante finura. Não creio, com isso, contradizer-me em minhas idéias, mas não posso deixar de contrair em que me contradigo muitas vezes nas minhas expressões.

Convenho em que se o estudo das línguas fosse apenas o das palavras, isto é, das figuras ou dos sons que as exprimem, tal estudo poderia convir às crianças: mas as línguas, modificando os sinais, modificam também as idéias que representam. As cabeças formam-se sobre as linguagens, os pensamentos tomam a tonalidade dos idiomas. Só a razão é comum; o espírito tem sua forma particular em cada língua; diferença que poderia bem ser em parte a causa ou o efeito dos caracteres nacionais. E o que parece confirmar essa conjectura é o fato de que em todas as nações do mundo a língua acompanha as vicissitudes dos costumes e com estes se conserva ou se altera.

Dessas formas diversas, o uso dá uma à criança, a única que ela guarda até à idade de razão. Para ter duas, fora preciso que ela soubesse comparar idéias; e como as compararia quando mal está em condições de as conceber? Cada coisa pode ter, para ela, mil sinais diferentes; mas cada idéia só pode ter uma forma; ela não pode portanto aprender senão uma língua. Aprende entretanto varias, dizem-me: nego-o. Vi alguns desses pequenos prodígios que pensavam falar cinco ou seis línguas. Ouvi-os falarem sucessivamente alemão em termos latinos, em termos franceses, em termos italianos; serviam-se em verdade de cinco ou seis dicionários mas só falavam sempre alemão. Em resumo, dai às crianças quantos sinônimos quizerdes: mudareis as palavras, não a língua; saberão sempre unicamente uma.

É para esconder, nisso, sua inaptidão, que as exercitam de preferência nas línguas mortas que não têm mais juízes que não se possam recusar. O emprego familiar dessas línguas estando perdido de há muito, contentamo-nos com imitar o que encontramos escrito nos livros; e chama-se a isso falá-las! Se dessa ordem é o grego ou o latim dos mestres, julgue-se qual será o das crianças. Mal lhes ensinamos de cor um rudimento a que não compreendem nada e já lhes ensinamos a verterem um discurso francês em latim; depois, quando mais adiantados, a tecerem, em prosa, frases de Cícero e, em verso, centões de Virgílio. Pensam então falar latim: quem as poderá contradizer?

Qualquer que seja o estudo, sem a idéia das coisas representadas, os sinais representantes nada são. Circunscrevemos portanto à criança esses sinais, sem nunca fazer com que compreenda as coisas que representam. Pensando ensinar-lhe a descrição da terra, não lhe ensinamos senão a conhecer mapas;

ensinamos-lhe nomes de cidades, de países, de rios, que ela não concebe existirem senão no papel onde lhe mostram. Lembro-me de ter visto algures uma geografia que começava assim: *Que é o mundo? Um globo de papelão.* Eis precisamente a geografia das crianças. Ponho como fato real que depois de dois anos de geografia e de cosmografia não há uma só criança de dez anos que, de acordo com as regras recebidas, saiba ir de Paris a Saint-Denis. Ponho como fato real que nenhuma, de acordo com uma planta do jardim de seu pai, possa seguir-lhe as veredas sem se perder. São esses os doutores que sabem perfeitamente onde se encontram Pequim, Ispaã, o México e todos os países da terra.

Ouçó dizer que convém ocupar as crianças em estudos em que só precise de olhos: poderia ser, se houvesse algum estudo em que só de olhos se precisasse; mas não conheço nenhum.

Em virtude de um erro ainda mais ridículo, fazem com que estudem história: imaginam que a história está a seu alcance porque é, apenas, uma coletânea de fatos. Mas que se entende por essa palavra fatos? Imagina-se que a relação que determina os fatos históricos seja tão fácil de aprender, que as idéias deles se formem sem dificuldade no espírito das crianças? Acredita-se que o verdadeiro conhecimento dos acontecimentos seja separável do de sua causa, de seus efeitos, e que o histórico se prenda tão pouco ao moral que se possa conhecer um sem o outro? Se não vedes nas ações dos homens senão movimentos exteriores e puramente físicos, que é que aprendeis na história? Absolutamente nada; e tal estudo desprovido de interesse não vos dá mais prazer que instrução. Se quereis apreciar tais ações segundo suas relações morais, tentai fazer com que vossos alunos entendam essas relações e vereis então se a história é da idade deles.

Leitores, lembrai-vos sempre de que quem vos fala não é um sábio nem um filósofo e sim um homem simples, amigo da verdade, sem partido, sem sistema; um solitário que, vivendo pouco com os homens, tem menos oportunidades de se imbuir de seus preconceitos e mais tempo para refletir sobre o que o impressiona quando com eles vive. Meus raciocínios são menos baseados em princípios do que em fatos; e creio não poder colocar-vos ao alcance de julgá-los e senão vos relatando algum exemplo das observações que me sugerem.

Eu tinha ido passar alguns dias no campo, na casa de uma boa mãe de família que muito cuidava de seus filhos e de sua

educação. Certa manhã em que me achava presente às lições do mais velho, seu governante que muito bem o havia instruído acerca da história antiga, voltando à de Alexandre, caiu no caso bem conhecido do médico Filipe, que se pôs em quadro e valia a pena. O governante, homem de mérito, fez sobre a intrepidez de Alexandre várias reflexões que não me agradaram e que eu evitei discutir para não desacreditá-lo no espírito de seu aluno. À mesa, não se deixou, segundo o método francês, de fazer com que muito extravagasse o menino. A vivacidade natural à sua idade e a espera de um aplauso fizeram com que dissesse mil tolices, através das quais ocorriam algumas saídas felizes que faziam esquecer o resto. Finalmente houve a história do médico Filipe. Ele a contou precisamente e com muita graça. Depois do tributo natural de elogios que a mãe exigia e que o filho esperava, comentou-se o que tinha dito. A maioria censurou a temeridade de Alexandre; alguns, a exemplo do governante, admiravam sua firmeza, sua coragem; o que me induziu a compreender que nenhum dos presentes via em que consistia a verdadeira beleza do gesto. Para mim, disse, parece que não há nisso a menor coragem, a menor firmeza na ação de Alexandre. Não passa ela de uma extravagância. Então todo mundo se juntou e conveio em que era uma extravagância. Eu ia responder e me exaltar, quando uma mulher que estava a meu lado e não tinha aberto a boca, se voltou para mim e me disse bem baixo ao ouvido: Cala-te Jean-Jacques, eles não te compreenderão. Olhei-a, impressionei-me e me calei.

Depois do jantar, desconfiando, ante diversos indícios, que meu jovem doutor nada compreendera à história que tão bem contara, tomei-o pela mão, dei com ele uma volta no parque, e tendo-o questionado à vontade, verifiquei que ele admirava mais do que ninguém a coragem tão louvada de Alexandre; mas sabeis em que via essa coragem? Unicamente em engulir de um trago uma beberagem de gosto ruim, sem hesitar, sem demonstrar a menor repugnância. O pobre menino a quem haviam obrigado a tomar remédio mais ou menos quinze dias antes, e só o tomara com grande dificuldade, ainda tinha o gosto repugnante na boca. A morte, o envenenamento, não passavam em seu espírito de sensações desagradáveis e ele não concebia outro veneno senão o sene. Entretanto, cumpre dizer que a firmeza do herói causara grande impressão em seu jovem coração e que ele resolvera ser um Alexandre quando do primeiro remédio que precisasse tomar. Sem entrar em esclareci-

mentos que ultrapassariam seu alcance, confirmei-o nessas disposições louváveis e voltei rindo da alta sabedoria dos pais e mestres que pensam ensinar história às crianças.

É fácil enfiar em suas bocas palavras, de reis, de impérios, de guerras, de conquistas, de revoluções, de leis; mas quando se tratar de ligar tais palavras a idéias nítidas, longe estaremos da conversa do jardineiro Roberto com essas explicações.

Alguns leitores descontentes com o *Cala-te Jean-Jacques*, perguntarão, eu o prevejo, o que acho finalmente de tão belo na ação de Alexandre. Infelizes! Se precisar dizer-vos, como o entenderéis? É que Alexandre acreditava na virtude; acreditava sobre sua cabeça, sobre sua própria vida; é que sua grande alma era feita para nela acreditar. E, como a beberagem engulida era uma bela profissão de fé! Não, nunca nenhum mortal a fez tão sublime. Se há algum Alexandre moderno, que me mostrem com semelhantes gestos.

Se não há ciência de palavras, não há estudo conveniente às crianças. Se estas não têm idéias verdadeiras, não têm memória verdadeira tão pouco; pois memória não chamo a que só retém as sensações. Que adianta inscrever em suas cabeças um catálogo de sinais que nada representam para elas? Aprendendo as coisas, não aprenderão elas os sinais? Por que dar-lhes o trabalho inútil de aprendê-los duas vezes? Entretanto, que preconceitos perigosos não começam a inspirar-lhes fazendo com que tomem por ciência palavras sem nenhum sentido para elas! É com a primeira palavra com que a criança joga, é da primeira coisa que aprende segundo a palavra de outrem, sem sentir ela própria a utilidade, que seu julgamento se perde; precisará brilhar muito tempo aos olhos dos tolos antes de se recuperar de tal prejuízo ¹⁵.

(15) Em sua maioria os sábios o são à maneira das crianças. A erudição vasta decorre menos de uma multidão de idéias que de uma multidão de imagens. As datas, os nomes próprios, os lugares, todos os objetos isolados ou desprovidos de idéias se retêm unicamente pela memória dos sinais o raramente a gente se lembra de uma dessas coisas sem ver ao mesmo tempo o reto e o verso da página em que se leu, ou a figura sob a qual se viu pela primeira vez. Tal era mais ou menos a ciência em voga nos últimos séculos. A de nosso século é outra coisa: não se estuda mais, não se observa mais; sonha-se e dão-nos gravemente por filosofia os sonhos de algumas noites más. Dir-me-ão que também sonho; concordo; mas (o que outros não fazem) ofereço meus sonhos como sonhos, deixando que o leitor procure ver se têm algo útil para as pessoas acordadas.

Não, se a natureza dá ao cérebro de uma criança essa utilidade que a torna apta a receber toda espécie de impressões, não é para que nele se gravem nomes de reis, datas, termos de heráldica, de geometria ou de geografia, e todas essas palavras, sem nenhum sentido para sua idade nem nenhuma utilidade para qualquer idade, com que sobrecarregam sua triste e estéril infância; é para que todas as idéias que pode conceber e lhe são úteis, todas as que se relacionam com sua felicidade e devem iluminá-la um dia acerca de seus deveres, nele se inscrevam em caracteres inapagáveis, e lhe sirvam para se conduzir durante a vida de uma maneira conveniente a seu ser e a suas faculdades.

Embora sem estudar nos livros, a espécie de memória que pode ter uma criança não permanece ociosa; tudo o que vê, tudo o que ouve a impressiona e ela o recorda; ela registra dentro de si as ações e as palavras dos homens; e tudo o que a cerca é o livro em que, sem pensar, ela enriquece continuamente sua memória à espera de que seu julgamento possa aproveitar-se disso. É na escolha desses objetos, é no cuidado de lhe apresentar sem cessar os que ela pode conhecer e esconder-lhe os que deve ignorar, que consiste a arte de cultivar nela essa primeira faculdade; e assim é que é preciso formar um armazém de conhecimentos que sirvam à sua educação durante a juventude e à sua conduta em qualquer época. Tal método, é verdade, não forma pequenos prodígios e não faz com que brilhem governantes e preceptores; mas forma homens judiciosos, robustos, sãos de corpo e de espírito que, sem se terem feito admirar quando jovens, se fazem honrar quando homens.

Emílio nunca aprenderá nada de cor, nem mesmo fábulas, nem mesmo as de La Fontaine, por ingênuas e encantadoras que sejam, porque as palavras das fábulas não são mais fábulas do que as palavras da história não são história. Como nos podemos cegar a ponto de encarar as fábulas como a moral das crianças, sem pensar que o apólogo, em as divertindo, as engana; que, seduzidas pela mentira, elas deixam escapar a verdade e que o que fazemos para tornar-lhes a instrução agradável as impede de dela aproveitar? As fábulas podem instruir os homens; mas é preciso dizer a verdade nua às crianças: desde que se a cubra com um véu, elas não mais se preocupam com tirá-lo.

Ensinam as fábulas de La Fontaine a todas as crianças e nenhuma só as entende. E se as entendesse seria pior ain-

da, porquanto a moral se apresenta tão confusa e tão desproporcionada com sua idade, que a levaria mais ao vício do que à virtude. Trata-se, mais uma vez, de paradoxo, direis. Talvez; mas vejamos se são verdades.

Digo que uma criança não entende as fábulas que a obrigam a aprender porque, qualquer que seja o esforço que façamos para torná-las simples, a instrução que delas queremos tirar obriga a fazer entrar nelas idéias que a criança não pode apreender e que a própria forma poética, tornando-as mais fáceis de reter, as torna mais difíceis de conceber, de maneira que compramos o prazer a expensas da clareza. Sem citar a multidão de fábulas que nada têm de inteligível nem de útil para as crianças, e que se lhes ensinam indiscretamente com as outras, porque às demais se misturam, limitemo-nos às que o autor parece ter feito especialmente para elas.

Não conheço, na coletânea de La Fontaine senão cinco ou seis fábulas em que brilha eminentemente a ingenuidade pueril. Dessas cinco ou seis, tomo como exemplo a primeira de todas ¹⁶, por ser sua moral a mais adequada a qualquer idade, a que as crianças apreendem melhor, com mais prazer, aquela que, por isso mesmo, o autor pôs em primeiro lugar no seu livro. Supondo-lhe realmente o objetivo de ser compreendida pelas crianças, de agradar-lhes e instruí-las, essa fábula é seguramente sua obra-prima: que me permitam portanto segui-la e examiná-la em poucas palavras.

O CORVO E A RAPOSA

FÁBULA

Mestre corvo numa árvore empoleirado

Mestre! que significa esta palavra em si? que significa diante de um nome próprio? que sentido tem nesta oportunidade?

Que quer dizer um corvo?

Que é *numa árvore empoleirado*? Não se diz *numa árvore empoleirado*, diz-se *empoleirado numa árvore*. Por conseguinte, cumpre falar das inversões da poesia; é preciso dizer o que é prosa e o que é verso.

(16) É a segunda e não a primeira, como muito bem o observou M. Formey.

Tinha no bico um queijo

Que queijo? Da Suíça, de Brie ou da Holanda? Se a criança nunca viu corvos, que adianta falar-lhe deles? Se viu, como poderá imaginá-los com um queijo no bico? Façamos sempre imagens segundo a natureza.

Mestre raposa pelo cheiro embaída

Mais um mestre! Mas para este com razão: é mestre diplomado nas pelóticas de seu ofício. É preciso dizer o que seja uma raposa, e distinguir sua verdade do caráter convencional que tem nas fábulas.

Embaída. A palavra não é empregada comumente. Cumpre explicá-la; é preciso dizer que não se usa senão em verso. A criança perguntará porque se fala em verso diferentemente do que em prosa. Que lhe respondereis? *Embaída pelo cheiro de um queijo!* Esse queijo, seguro por um corvo empoleirado numa árvore, devia ter muito cheiro para ser sentido por uma raposa em sua moita ou em seu covil. É assim que exercitais vosso aluno no espírito da crítica judiciosa que não se deixa impressionar senão com razão e sabe discernir a verdade da mentira nas narrativas dos outros?

Mais ou menos assim lhe falou

Falou? Então as raposas falam? E falam a mesma língua que os corvos? Prudente preceptor, toma cuidado; pesa bem tua resposta antes de dá-la; tem mais importância do que imaginas.

Eh, bom dia, senhor corvo!

Senhor! título que a criança vê ridicularizar antes mesmo de saber o que seja um título honorífico. Os que dizem *Senhor "de" Corvo* muito terão que penar antes de explicar o de ¹⁷.

Como sois bonito! Como me pareceis belo!

Redundância inútil! A criança vendo repetir a mesma coisa em outros termos aprende a falar relaxadamente. Se disserdes que essa redundância é uma solução artística do autor, que ela está na intenção da raposa que quer parecer multiplicar os elogios com palavras, a desculpa será boa para mim, não para meu aluno.

(17) *Du* — Partícula de nobreza (N. do T.).

Sem mentir, se vosso gorgoeio

Sem mentir! Mente-se então às vezes? Em que pé ficará a criança se lhe explicardes que a raposa diz *sem mentir* exatamente porque mente?

Correspondesse a vossa plumagem

Correspondesse! que significa esta palavra? Ensinaí a criança a comparar qualidades tão diferentes quanto a voz e a plumagem; vereis como vos compreenderá.

Serieis a fênix dos hóspedes deste bosque

A fênix! Que é uma fênix? Eis-nos subitamente jogados na mentirosa antiguidade, quase na mitologia.

Os hóspedes deste bosque! Que discurso imaginoso! O lisonjeador enobrece sua linguagem e dá-lhe mais dignidade para torná-la mais sedutora. Uma criança compreenderá tal requinte? Sabe ela, pode ela saber o que é um estilo nobre e um estilo vulgar?

Ante tais palavras, o corvo não cabe mais em si de alegria.

É preciso ter tido muitas paixões e muito vivas para sentir esta expressão proverbial.

E para mostrar sua bela voz

Não vos esqueçais de que, para entender este verso e toda a fábula, a criança deve saber o que seja a bela voz do corvo.

Abre um largo bico e deixa cair sua presa.

O verso é admirável. A simples harmonia faz a imagem. Vejo um grande e feio bico aberto; ouço o queijo cair através dos galhos; mas esses tipos de beleza são perdidos para as crianças.

Pega-o a raposa e diz: Meu bom senhor

Eis a bondade transformada em tolice. Por certo não se perde tempo para instruir as crianças.

Aprendeí que todo adulator

Máxima geral; não se entende mais.

Vive a expensas de quem o escuta

Nunca uma criança de dez anos poderá compreender este verso.

Esta lição vale bem um queijo, sem dúvida.

Isto se entende e o pensamento é muito bom. Contudo ainda haverá poucas crianças que saibam comparar uma lição com um queijo e que não prefiram o queijo à lição. É preciso portanto fazer com que compreendam que a frase não passa de uma zombaria. É sutileza demais para crianças!

O corvo, envergonhado e confuso,
Outro pleonismo; mas este indesculpável.

Jurou, um pouco tarde, que noutra não cairia.

Jurou! Que tolo mestre ousaria explicar a uma criança o que seja um juramento?

Muitos pormenores em verdade, bem menos entretanto que foram necessários para analisar todas as idéias desta fábula e as reduzir às idéias simples e elementares de que cada uma delas é composta. Mas quem pensa precisar dessa análise para ser compreendido pela juventude? Nenhum de nós é bastante filósofo para saber colocar-se no lugar de uma criança. Passemos agora à moral.

Pergunto se é preciso ensinar a crianças de dez anos que há homens que lisonjeiam em benefício próprio? Poder-se-ia quando muito ensinar-lhes que há zombadores que caçoam das crianças e, em segredo, põem a ridículo sua tola vaidade; mas o queijo estraga tudo; ensinam-lhes menos a não deixarem cair do bico do que a fazerem-no cair no bico de outrem. Eis meu segundo paradoxo e não o menos importante.

Observai as crianças aprendendo suas fábulas e vereis que, quando em condições de aplicá-las, elas o fazem quase sempre ao contrário da intenção do autor e que, ao invés de atentarem para o defeito de que lhes querem curar ou prevenir, elas se inclinam para o vício mediante o qual se tira proveito dos defeitos dos outros. Na fábula precedente, as crianças zombam do corvo mas se afeiçoam todas à raposa; na fábula seguinte, pensais dar-lhes a cigarra como exemplo; nada, é a formiga que escolherão. Ninguém gosta de se humilhar; escolherão sempre o melhor papel; é, a escolha do amor-próprio, uma escolha muito natural. E que horrível lição para a infância! O mais odioso de todos os monstros seria uma criança avarenta e dura que soubesse o que lhe pedem e o que recusa. A formiga faz mais ainda, ensina-lhe a zombar recusando.

Em todas as fábulas em que o leão é um dos personagens, como é de costume o mais brilhante, a criança não deixa de se fazer de leão; e quando preside alguma partilha, bem instruída por seu modelo, tem o cuidado de tudo açambarcar. Quando o mosquito domina o leão, a coisa muda; a criança não é mais então o leão e sim o mosquito. Aprende a matar um dia a golpes de ferrão os que não ousaria atacar de frente.

Na fábula do lobo magro e do cão gordo, ao invés de uma lição de moderação que se lhe quer dar, ela tira uma de licença. Não esquecerei nunca ter visto uma menina chorar, que tinham desolado com essa fábula, pregando-lhe sempre a docilidade. Custaram a saber a causa de suas lágrimas; souberam-na enfim. A pobre sofria por estar presa na corrente, sentia o pescoço pelado; lamentava não ser lobo.

Assim pois a moral da primeira fábula citada é para a criança uma lição da mais baixa adulação; a da segunda uma lição de desumanidade; a da terceira uma lição de injustiça; a da quarta uma lição de sátira; a da quinta uma lição de independência. Esta última lição, que é supérflua para meu aluno, não é muito mais conveniente ao vosso. Quando lhe dais preceitos que se contradizem, que fruto esperais de vossos cuidados? Mas talvez, feitas estas restrições, toda essa moral que me serve de objeção contra as fábulas forneça outras tantas razões para que as conservem. É preciso uma moral em palavras e uma em ações na sociedade e essas duas morais não se assemelham. A primeira está no catecismo onde a deixam; a outra está nas fábulas de La Fontaine para as crianças e em seus contos para as mães. O mesmo autor atende a tudo.

Entremos em acordo, senhor La Fontaine. Prometo ler-vos com cuidado, amar-vos e instruir-me com vossas fábulas, pois espero não me enganar com seu objetivo; mas quanto a meu aluno, permiti que não lhe deixe estudar uma só até que me tenhais provado seriamente que lhe é útil aprender coisas de que não compreende um quarto sequer; que naquelas que poderá compreender nunca se porá do lado errado, que ao invés de se corrigir com a vítima não se forme de acordo com o malandro.

Tirando assim todos os deveres da criança, tiro os instrumentos de sua maior miséria, isto é os livros. A leitura é o flagelo das crianças e quase a única ocupação que sabem dar-lhes. Somente aos doze anos Emílio saberá o que seja um

livro. Mas é preciso, ao menos, dirão, que saiba ler. Concorde: é preciso que saiba ler quando a leitura lhe for útil; até então ela só servirá para aborrecê-lo.

Se nada se deve exigir da criança pela obediência, deduz-se que não pode aprender nada cuja vantagem imediata não sinta, ou de prazer ou de utilidade; de outro modo, que motivo a levaria a aprender? A arte de falar aos ausentes e de entendê-los, a arte de lhes comunicar ao longe, sem intermediário, nossos sentimentos, nossas vontades, nossos desejos, é uma arte cuja utilidade pode ser tornada sensível em qualquer idade. Em virtude de que prodígio essa arte tão útil e tão agradável se fez tormento para a infância? Porque a constrangem a nela se aplicar à força e a empregam em usos que a criança não percebe. Uma criança não se mostra muito curiosa de aperfeiçoar o instrumento com o qual a atormentam; mas fazei com que esse instrumento sirva a seus prazeres e dentro em breve ela se entregará a isso sem que tenhais de intervir.

Cuida-se muito de descobrir os melhores métodos de ensinar a ler; inventam-se escrivatinhas e mapas; fazem do quarto da criança uma tipografia. Locke quer que ela aprenda a ler com dados. Não vos parece uma bela invenção? Que lástima! Um meio mais seguro, e que sempre se esquece, é o desejo de aprender. Dai à criança esse desejo e deixai de lado vossas escrivatinhas e vossos dados. Qualquer método será bom.

O interesse imediato, eis o grande móvel, o único que leva longe e com segurança. Emílio recebe às vezes, de seu pai, de sua mãe, de seus parentes, de seus amigos, bilhetes convidando para um jantar, um passeio, um convescote, uma festa pública. Esses bilhetes são curtos, claros, bem escritos. É preciso encontrar alguém que os leia; esse alguém ou não se encontra sempre à mão ou devolve à criança a mesma má vontade que dela recebeu na véspera. Assim se perde a oportunidade. Lêem-lhe finalmente o bilhete, mas já é tarde. Ah, se ela soubesse ler sozinha! Outros bilhetes acontecem: são tão curtos, o assunto é tão interessante! Ela gostaria de decifrá-los; e ora encontra auxílio, ora recusa. Esforça-se, decifra finalmente metade de um bilhete; trata-se de ir amanhã comer um bolo ... não sabe onde nem com quem. Que esforços faz para ler o resto! Não creio que Emílio precise de escrivatinha. Falarei agora da caligrafia? Não, tenho vergonha de tratar dessas tolices num tratado da educação.

Acrescentarei apenas umas palavras que constituem uma máxima importante: de costume se obtém mais seguramente e mais depressa o que não se tem pressa de obter. Tenho quase certeza de que Emílio saberá perfeitamente ler e escrever antes dos dez anos, precisamente porque me importa muito pouco que o saiba antes dos quinze. Mas preferiria que nunca soubesse ler a pagar essa ciência pelo preço de tudo o que lhe possa torná-la útil. Que lhe adiantará a leitura quando lha tiverem tornado desagradável. Para sempre? *Id imprimis cavere oportebit, ne studia, qui amare nondum potest, oderit, et amaritudinem semel perceptam etiam ultra rudes annos reformat.*

Quanto mais insisto no meu método inativo, mais sinto as objeções se reforçarem. Se vosso aluno não aprender nada de vós, aprenderá dos outros. Se não prevenirdes o erro com a verdade, ele aprenderá mentiras; os preconceitos que temeis dar-lhe, ele os receberá de tudo o que o cerca, ele os terá através de todos os seus sentidos; ou corromperão sua razão, antes mesmo que esteja formada, ou seu espírito, entorpecido por uma longa inatividade, se absorverá na matéria. A falta de hábito de pensar na infância tira a faculdade de fazê-lo durante o resto da vida.

Parece-me que poderia facilmente responder a isso; mas por que sempre respostas? Se meu método responde por si às objeções, é bom; se não responde, não vale nada. Continuo.

Se, no plano que comecei a traçar, seguides regras diretamente contrárias às que se acham estabelecidas; se, em vez de levardes para longe o espírito de vosso aluno; se em lugar de o perderdes em outras terras, em outros climas, em outros séculos, nas extremidades do globo terrestre e até nos céus, vos aplicardes a mantê-lo dentro de si e atento a tudo o que lhe diz respeito de imediato, vós o achareis capaz de percepção, de memória e até de raciocínio; é a ordem da natureza. Na medida em que o ser sensível se faz ativo, adquire um discernimento proporcional a suas forças; e é somente com a força superior à de que tem necessidade para se conservar, que se desenvolve nele a faculdade especulativa suscetível de empregar o excesso de força em outras atividades. Quereis cultivar a inteligência de vosso aluno, então cultivai as forças que ela deve governar; tornai-o robusto e são para torná-lo bem comportado e razoável; que trabalhe, que aja, que corra e grite, que esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor e em breve ele o será pela razão.

under pelo
grau pelo
independência.

se particular
para o espírito
sim se faz
percepção
Ser homem
Vigor depois
pelo razão

Vós o embruteceríeis, é verdade, com esse método, se o andásseis sempre dirigindo, sempre lhe dizendo: vai, vem, fica aqui, faz isto, não faças aquilo. Se vossa cabeça dirigir sempre seus braços, a dele se tornará inútil. Mas lembrai-vos de nossas convenções: se não passais de um pedante, não vale a pena ler-me.

É um erro lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito: como se essas duas ações não devessem andar de acordo, e que uma não devesse sempre dirigir a outra!

Há duas espécies de homens cujos corpos vivem num exercício contínuo e que por certo pensam igualmente pouco, uns e outros em cultivar a alma: os camponeses e os selvagens. Os primeiros são rudes, grosseiros, desastrados; os outros, conhecidos por seu grande discernimento, o são ainda pela sutileza de seu espírito; em geral não há nada mais pesado que um camponês, nem nada mais fino que um selvagem. De onde vem essa diferença? Está em que o primeiro, fazendo sempre o que lhe mandam ou o que viu o pai fazer, ou o que ele próprio fez desde jovem, só age segundo a rotina; e, em sua vida quase de autômato, ocupado sempre nos mesmos trabalhos, o hábito e a obediência substituem nele a razão.

O selvagem é diferente: não estando preso a nenhum lugar, não tendo tarefa prescrita, não obedecendo a ninguém, tendo por lei tão-somente sua vontade, é forçado a raciocinar em todas as ações de sua vida; não faz um movimento, não dá um passo, sem ter de antemão encarado as conseqüências. Assim, quanto mais seu corpo se exercita, mais seu espírito se ilumina; sua força e sua razão crescem juntas e se ampliam uma pela outra.

Sábio preceptor, vejamos qual de nossos alunos se assemelha ao selvagem e qual ao camponês. Submetido em tudo a uma autoridade sempre docente, o vosso nada faz senão a mandado; não ousa comer quando tem fome, nem rir quando está alegre, nem chorar quando triste, nem trocar uma mão por outra, nem mexer o pé a não ser como lho prescrevem; dentro em breve não saberá respirar senão de acordo com vossas regras. Em que quereis que pense, se tudo pensais por ele? Certo de vossa providência, para que precisará tê-la? Vendo que vos encarregais de sua conservação, de seu bem-estar, sente-se dispensado de tais cuidados; seu julgamento apóia-se no vosso; tudo o que não lhe proibis ele o faz sem reflexão, sa-

camp
rude
de

o h
olvid
sub
a
re

cada
Ten

endo que o faz sem risco. Para que aprenderá a prever a chuva? Sabe que olhais o céu para ele. Para que programará seu passeio? Não receia que deixeis passar a hora de seu jantar. Enquanto não lhe proibis comer, ele come; quando o proibis ele não come mais; não ouve as advertências de seu estômago, escuta as vossas. Por mais que possais amolecer-lhe o corpo na inação, não tornareis seu entendimento mais flexível. Ao contrário, acabareis desacreditando a razão no espírito dele, fazendo-lhe empregar o pouco que tem em coisas que lhe parecem as mais inúteis. Não vendo nunca para que serve, acaba julgando que não serve para nada. O mais que poderá acontecer-lhe, ao raciocinar mal, será ser repreendido e ele o é tão amiúde que não pensa nisso; perigo tão comum não o assusta mais.

Achais, entretanto, que tem espírito; ele o tem para tagarelar com as mulheres no tom de que já falei; mas que se encontre no caso de se expor pessoalmente, de tomar partido numa oportunidade difícil, vós o vereis cem vezes mais estúpido e mais tolo que o filho do mais bronco labrego.

Quanto a meu aluno, ou melhor o da natureza, exercitado desde cedo a bastar-se a si mesmo na medida do possível, não se acostuma a recorrer sem cessar aos outros e menos ainda a exhibir-lhes seu grande saber. Em compensação, julga, prevê, raciocina em tudo que se relaciona de perto consigo. Não discursa, age; não sabe uma palavra do que se faz na sociedade, mas sabe muito bem o que lhe convém. Como está sempre em movimento, é forçado a observar muitas coisas e a conhecer muitos efeitos; adquire rapidamente uma grande experiência; toma lições da natureza e não dos homens; e tanto mais bem se instrui, quanto não vê nenhuma intenção de instruí-lo. Assim, seu corpo e seu espírito se exercitam ao mesmo tempo. Agindo sempre segundo seu pensamento e não segundo o de outrem, une continuamente duas operações; quanto mais se faz forte e robusto, mais se torna sensato e judicioso. É o meio de ter um dia aquilo que julgam incompatível, e o que quase todos os grandes homens reuniram em si, a força do corpo e a da alma, a razão de um sábio e o vigor de um atleta.

Jovem institutor, eu vos prego uma arte difícil, a de governar sem preceitos e de tudo fazer não fazendo nada. Essa arte, concordo, não é de vossa idade; não leva a que brilhem primeiramente vossos talentos, nem a vossa valorização junto aos pais: mas é a única suscetível de dar resultado. Não conseguireis nunca criar sábios, se não criardes antes de tudo moleques.

Era a educação dos espartanos: ao invés de grudá-los a livros, começavam por ensinar-lhes a roubarem o jantar. Eram com isso grosseiros os espartanos, quando adultos? Quem não conhece a força e o sal de seus ditos? Sempre feitos para vencer, esmagavam seus inimigos em qualquer espécie de guerra e os tarameleiros atenienses temiam tanto suas frases quanto seus golpes.

Nas educações mais cuidadas, o mestre manda e pensa governar: é na realidade a criança que governa. Ela se vale do que exigis dela para obter o que lhe agrada; e sabe sempre fazer-vos pagar uma hora de assiduidade com oito dias de complacência. A cada instante é preciso pactuar com ela. Esses tratados que lhe apresentais à vossa maneira, e que ela executa à dela, redundam sempre em proveito de suas fantasias, principalmente quando se tem a inabilidade de oferecer como condição para seu proveito o que ela tem certeza de obter, cumprindo ou não a condição imposta em troca. A criança em geral lê muito melhor no espírito do mestre que o mestre no coração da criança. E assim tem de ser, porque toda a sagacidade que teria empregado a criança entregue a si mesma, para prover à conservação de sua pessoa, ela a emprega para salvar sua liberdade natural das cadeias de seu tirano. Ao passo que este, não tendo nenhum interesse urgente em compreender o outro, acha às vezes mais cômodo deixar-lhe sua preguiça ou sua vaidade.

Segui um caminho diferente com vosso aluno; que ele imagine sempre ser o mestre e que vós o sejais sempre. Não há sujeição mais perfeita do que aquela que conserva a aparência da liberdade: cativa-se assim a própria vontade. A pobre criança que não sabe nada, que não pode nada, que não conhece nada, não está à vossa mercê? Não dispondes em relação a ela de tudo o que a cerca? Não sois senhor de impressioná-la como vos agrade? Seus trabalhos, seus jogos, seus prazeres, suas penas, não está tudo em vossas mãos sem que ela o saiba? Sem dúvida não deve ela fazer senão o que quer; mas não deve querer senão o que quiserdes que ela faça; não deve dar um passo que não tenhais previsto; não deve abrir a boca sem que saibais o que vai dizer.

Então é que poderá entregar-se aos exercícios do corpo, exigidos por sua idade, sem embrutecer o espírito; é então que, ao invés de afiar o espírito para elidir uma incômoda ditadura, vós a vereis preocupar-se unicamente com tirar de tudo o que a cerca o partido mais vantajoso para seu bem-estar do momento; é então que ficareis espantado com a sutileza de todas as

suas invenções para se apropriar dos objetos que possa alcançar e gozar realmente as coisas ~~sem o auxílio da opinião~~.

Deixando-o assim senhor de suas vontades, não fomentareis seus caprichos. Não fazendo jamais senão o que lhe convém, dentro em breve ele não fará senão o que deve fazer; e embora seu corpo esteja continuamente em movimento, enquanto se tratar de seu interesse presente e sensível, vereis toda a razão de que é capaz desenvolver-se muito melhor e de maneira muito mais apropriada a ele que nos estudos de pura especulação.

Assim, não vos vendo atento em contrariá-lo, não desconfiando de vós, nada tendo a vos esconder, ele não vos enganará, não vos mentirá; podereis estudá-lo à vontade e dispor ao redor dele todas as lições que lhe quiserdes dar, sem que ele pense nunca em receber alguma.

Ele não espreitará tampouco, com curiosidade e inveja, vossos hábitos e não terá um prazer secreto em vos ver errar. Esse inconveniente que prevenimos é muito grande. Um dos primeiros cuidados das crianças é, como o disse, descobrir o ponto fraco dos que as governam. Essa tendência leva à maldade mas não vem dela: vem da necessidade de elidir uma autoridade que as importuna. Esmagadas pelo jugo que lhes impõem, procuram sacudi-lo; e os defeitos que encontram nos mestres fornecem-lhes bons meios para isso. Entretanto, adquirem o hábito de observar as pessoas através de seus defeitos e de comprazer-se em encontrá-los. Está claro que temos aí mais uma fonte de vícios estancada no coração de Emílio: não tendo nenhum interesse em achar defeitos em mim, não os procurará e será pouco solicitado a descobri-los nos outros.

Todas essas práticas parecem difíceis porque nelas não prestamos atenção; mas no fundo não o devem ser. Tem-se o direito de supor em vós as luzes necessárias ao exercício da profissão que escolhestes; deve-se presumir que conheceis a marcha natural do coração humano, que sabeis estudar o homem e o indivíduo; que sabeis de antemão a que se dobrará a vontade de vosso aluno ante todos os objetos, interessantes para sua idade, que fareis passar diante de seus olhos. Ora, ter os instrumentos e conhecer-lhes o emprego não é ser senhor da operação?

Objetareis com os caprichos da criança; e errareis. O capricho da criança não é nunca obra da natureza e sim de uma má disciplina: terá obedecido ou mandado e já disse cem vezes que não deve ocorrer nem uma coisa nem outra. Vosso aluno

não terá portanto senão os caprichos que lhe tiverdes dado: é justo que carregueis o fardo de vossos erros. Mas, direis, como remediar a isso? É possível, com uma conduta melhor e muita paciência.

Eu me encarregara durante algumas semanas de um menino acostumado, não somente a fazer todas as suas vontades, como ainda a forçar todo mundo a fazê-las, um menino cheio de fantasia por conseguinte. Já no primeiro dia, para pôr à prova minha complacência, quis levantar-se à meia-noite. No melhor de meu sono ele pula da cama, pega seu roupão e me chama. Levanto-me, acendo a vela; não queria mais; ao fim de um quarto de hora o sono volta, ele torna a deitar-se, contente com sua prova. Dois dias depois repete a experiência com o mesmo êxito e sem, de minha parte, o menor sinal de impaciência. Como me beijasse, retornando ao leito, disse-lhe muito serenamente: meu amiguinho, está tudo muito bem mas não recomeces. Isto excitou sua curiosidade e no dia seguinte, querendo ver um pouco como eu ousaria desobedecer-lhe, não deixou de se levantar à mesma hora e de me chamar. Perguntei-lhe que queria. Disse-me que não podia dormir. *Tanto pior*, atalhei e fiquei quieto. Pediu-me que acendesse a vela. *Para quê?* e fiquei quieto. Este tom lacônico começava a embaraçá-lo. Foi às apalpadelas buscar o fuzil fingindo bater a pedra e eu não podia impedir-me de rir ouvindo-o dar golpes nos dedos. Convencido afinal de que não o conseguiria, trouxe-me o isqueiro; disse-lhe que não tinha que fazer daquilo e voltei-me para o outro lado. Então, ele pôs-se a correr atabalhoadamente pelo quarto, gritando, cantando, fazendo muito barulho, dando-se, na mesa e nas cadeiras, pancadas que sabia muito bem moderar, mas berrando com vontade na esperança de causar-me inquietação. Tudo isso não dava resultado; e eu vi que, contando com belas exortações ou com a minha cólera, não se preparara absolutamente para enfrentar meu sangue frio.

Entretanto, resolvido a vencer minha paciência à força de teimosia, prosseguiu em sua algazarra com tal êxito, que ao fim me irritei; e, pressentindo que iria tudo estragar com uma exaltação fora de propósito, encarei a coisa de outra maneira. Levantei-me sem nada dizer, procurei o fuzil que não encontrei; pedi-lhe, ele mo deu, faiscante de alegria por ter enfim triunfado de mim. Bati o fuzil, acendi a vela, peguei meu sujeitinho pela mão, levei-o tranqüilamente a um gabinete vizinho de janelas bem fechadas e onde não havia nada que se pudesse

quebrar. Aí deixei-o sem luz. Depois, fechando a porta a chave, voltei para a cama sem lhe dizer uma palavra. É inútil perguntar se houve barulho a princípio, eu o esperava; não me comovi. Finalmente o ruído cessou; escuto, ouço-o ajeitar-se, tranqüilizo-me. No dia seguinte entro com a luz do sol no gabinete: encontro meu pequeno rebelde deitado num sofá e dormindo um sono profundo de que devia ter grande necessidade depois de tanto cansaço.

O negócio não acabou assim. A mãe soube que o filho dormira dois terços da noite fora de sua cama. De imediato tudo se perdeu. Era como se o menino estivesse à morte. Acharo a oportunidade boa para se vingar, ele fez-se de doente sem prever que com isso não ganharia nada. O médico foi chamado. Infelizmente para a mãe, esse médico era um pândego que, para se divertir com seus temores, se applicava em aumentá-los. Contudo, disse-me ao ouvido: deixai por minha conta, prometo-vos que o menino ficará curado por algum tempo da fantasia de passar por doente. Com efeito, prescreveu-lhe dieta e cama e recomendou-o ao boticário. Eu lamentava ver essa pobre mãe assim mistificada por todos os que a cercavam, menos por mim que ela passou a odiar, precisamente porque não a enganava.

Depois de censuras bastante duras, ela me disse que seu filho era delicado, que era o único herdeiro da família, que era preciso conservá-lo custasse o que custasse e não queria que fosse contrariado. Nisso eu estava de acordo, só que, por contrariar, ela entendia não lhe obedecer em tudo. Vi que era preciso falar com a mãe no mesmo tom que com o filho. Senhora, disse-lhe, bastante friamente, não sei como se educa um herdeiro, demais não quero aprendê-lo; podeis arranjar-vos a esse respeito. Precisavam de mim por algum tempo ainda: o pai serenou os ânimos; a mãe escreveu ao preceptor para que apressasse sua volta; e o menino, vendo que nada ganhava com perturbar o meu sono nem com ficar doente, tomou enfim o partido de dormir também e passar bem.

Não se pode imaginar a quantos caprichos semelhantes o pequeno tirano escravizara seu infeliz governante; é que a educação se fazia na presença da mãe, que não admitia fosse o herdeiro desobedecido em coisa alguma. A qualquer hora que quisesse sair, era preciso estar pronto para levá-lo, ou melhor, para segui-lo e ele tinha sempre muito cuidado em escolher o momento em que via seu governante mais ocupado. Queria

ter sobre mim o mesmo domínio e vingar-se de dia do repouso que era obrigado a me dar à noite. Prestei-me de bom grado a tudo e comecei fazendo com que ele verificasse por si o prazer que eu tinha em agradar-lhe. Depois disso, quando se tratou de curá-lo de sua fantasia adotei outro método. Foi necessário primeiramente levá-lo a sentir-se sem razão. E isso não foi difícil. Sabendo que as crianças não pensam senão no presente, assegurei-me a vantagem fácil da previdência; tive o cuidado de arranjar para ele, dentro de casa, um divertimento que sabia ser muito de seu gosto; e, no momento em que o vi mais entusiasmado, propus-lhe um passeio; relutou irritado; insisti, não me ouviu; foi preciso render-me e ele anotou preciosamente o sinal de sujeição.

No dia seguinte foi minha vez. Aborreceu-se. Tinha-me arranjado para que isso ocorresse. Eu, ao contrário, parecia profundamente ocupado. Não era preciso mais para determiná-lo. Não deixou de vir arrancar-me de meu trabalho para levá-lo a passear o mais depressa possível. Recusei; obstinou-se. Não, disse-lhe; fazendo tua vontade, ensinaste-me a fazer a minha: não quero sair. Pois então, retrucou com vivacidade, sairei sozinho. Como quiseses. E retornei a meu trabalho.

Ele veste-se algo inquieto por ver que o deixo fazer e não o imito. Pronto para sair, vem cumprimentar-me; eu o cumprimento; ele tenta alarmar-me com a narrativa do que vai fazer; a ouvi-lo era de crer que ia para o fim do mundo. Sem me impressionar desejo-lhe boa viagem. Seu embaraço aumenta. Entretanto ele se mostra decidido e já de saída ordena ao criado que o acompanhe. O criado, já prevenido, responde que não tem tempo e que ocupado com ordens minhas deve obedecer-me mais do que a ele. Aí o menino não compreende mais. Como conceber que o deixem sair sozinho, ele que se acredita o ser importante para todos os outros e pensa que o céu e a terra se acham interessados na sua conservação? Entretanto, começa a sentir sua fraqueza; compreende que vai encontrar-se só no meio de pessoas que não conhece; vê desde logo todos os riscos que vai correr; somente a obstinação o sustenta ainda; desce a escada devagar e bastante conturbado. Chega enfim à rua, consolando-se um pouco do mal que lhe pode acontecer na esperança de que me tornarão responsável.

Era o que eu esperava. Tudo estava preparado de antemão; e como se tratava de uma espécie de cena pública, eu me munira do consentimento do pai. Mal deu alguns passos, come-

çou a ouvir de um lado e de outro diferentes observações a seu respeito. "Vizinho, olha o mocinho! Onde irá assim sozinho? Vai perder-se; vou pedir-lhe que entre em casa. — Vizinha, não faças nada. Não vês que é um pequeno libertino que expulsaram da casa do pai porque não queria prestar para nada? Não se deve recolher um libertino; deixe-o ir para onde quiser. — Pois então que Deus o guie! Me aborreceria que lhe acontecesse algum mal." Um pouco mais longe encontra uns moleques mais ou menos de sua idade, que o provocam e zombam dele. Quanto mais anda, mais obstáculos encontra. Só e sem proteção, vê-se joguete de todo mundo e verifica com grande surpresa que sua fita no ombro e seu adorno de ouro não fazem com que o respeitem mais.

Entretanto, um de meus amigos que ele não conhecia e que eu encarregara de protegê-lo e o seguia passo a passo sem que ele o percebesse, acostou-o no momento oportuno. Esse papel que se assemelhava ao de Sbrigani em *Pourceaugnac*, exigia ser perfeitamente desempenhado e por um homem de espírito. Sem tornar o menino tímido e temeroso chocando-o com um receio demasiado, fez-lhe tão bem sentir a imprudência de sua escapada, que no fim de meia hora o trouxe de volta, dócil, confuso, não ousando sequer erguer os olhos.

Para completar o desastre de sua expedição, precisamente no momento em que entrava, seu pai descia a escada para sair e o encontrou. Foi preciso dizer de onde vinha e porque eu não saíra com ele¹⁸. O pobre menino quisera achar-se a cem pés sob a terra. Sem se divertir com um longa repreensão, o pai disse-lhe mais secamente do que eu o esperara: Quando o senhor quiser sair sozinho, pode fazê-lo; mas como não desejo um bandido na minha casa, se isso lhe acontecer, tenha a bondade de não mais voltar.

Quanto a mim, recebi-o sem censura nem zombaria, antes com alguma gravidade; de medo de que suspeitasse ter sido um jogo tudo o que ocorrera, não quis levá-lo a passear no mesmo dia. No dia seguinte vi com prazer que ele passava com um ar de triunfo diante das mesmas pessoas que encontrara, sozinho, na véspera. Concebe-se que ele não me tenha mais ameaçado de sair sem mim.

(18) Em casos semelhantes pode-se, sem risco, exigir de uma criança a verdade, pois ela bem sabe que não a poderia disfarçar e que, se ousasse dizer uma mentira, seria de imediato desmascarado.

Foi por esses meios e outros semelhantes que, durante o tempo em que estive com ele, consegui com que fizesse tudo o que eu queria, sem nada lhe prescrever, nada lhe proibir, sem sermões, sem exortações, sem aborrecê-lo com lições inúteis. Por isso, quando eu falava ele se mostrava contente; meu silêncio intimidava-o; compreendia que alguma coisa estava errada e sempre a lição decorria da própria coisa. Mas voltemos ao nosso assunto.

Não somente esses exercícios contínuos, assim deixados unicamente à direção da natureza, fortificam o corpo sem embrutecer o espírito, como também formam em nós a única espécie de razão de que a infância seja suscetível e a mais necessária em qualquer idade. Ensinam-nos a conhecer bem o emprego de nossas forças, as relações de nossos corpos com os corpos em derredor, o uso dos instrumentos naturais ao nosso alcance e que convêm a nossos órgãos. Haverá estupidez igual à de uma criança educada sempre no quarto e à vista da mãe, e que, ignorando o que sejam peso e resistência, quer arrancar uma árvore ou erguer um rochedo? A primeira vez que saí de Genebra eu queria acompanhar um cavalo a galope e jogava pedras contra a montanha do Salève que se achava a duas léguas de mim; brinquedo de todas as crianças da aldeia, era para elas um idiota. Aos dezoito anos aprende-se em filosofia o que é uma alavanca; não há camponesinho de doze que não saiba utilizar uma alavanca melhor que o primeiro professor de mecânica da Academia. As lições que os escolares aprendem entre si no pátio do colégio lhes são cem vezes mais úteis do que tudo o que se lhes diga na classe.

Vede um gato entrar pela primeira vez num quarto; visita, fareja, não fica um instante sossegado, não confia em nada senão depois de ter tudo examinado, tomado conhecimento de tudo. Assim faz a criança quando começa a andar, a entrar, por assim dizer, no espaço do mundo. Toda a diferença está em que, à vista, comum à criança e ao gato, a primeira junta, para observar, as mãos que lhe deu a natureza e o outro o faro sutil de que esta o dotou. Essa disposição, bem ou mal cultivada, é o que torna as crianças vivas ou lerdas, doentias ou saudáveis, tontas ou prudentes.

Os primeiros movimentos naturais do homem sendo os de se medir com tudo o que o cerca, e de apreender em cada objeto que percebe todas as qualidades sensíveis que lhe dizem respeito, seu primeiro estudo é uma espécie de física experimental

relativa à sua própria conservação, e de que o afastam com estudos especulativos antes que tenha tomado conhecimento de seu lugar no mundo. Enquanto seus órgãos delicados e flexíveis se podem ajustar aos corpos sobre os quais devem agir, enquanto seus sentidos ainda puros são isentos de ilusão, é tempo de exercitar uns e outros às funções que lhes são próprias; é tempo de ensinar a conhecer as relações sensíveis que as coisas têm conosco. Como tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva; ela é que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros, não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a nos servirmos da razão de outrem; é ensinar-nos a acreditar-mos muito e a nunca sabermos coisa alguma.

Para exercer uma arte cumpre começar por obter os instrumentos e, para poder empregar utilmente tais instrumentos, é preciso fabricá-los bastante sólidos para que resistam ao uso. Para aprender a pensar é preciso portanto exercitarmos nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência; e para tirar todo o proveito possível desses instrumentos, é preciso que o corpo que os fornece seja robusto e são. Assim, longe de a verdadeira razão do homem se formar independentemente do corpo, a boa constituição do corpo é que torna as operações do espírito fáceis e seguras.

Mostrando em que se deve empregar os longos lazes da infância, entro em pormenores que se afigurarão ridículos. Boas lições, dirão, que, segundo vossa própria crítica, se limitam a ensinar o que ninguém tem necessidade de aprender! Por que consumir o tempo com instruções que ocorrem por si mesmas e não exigem nem penas nem cuidados? Que criança de doze anos não sabe o que quereis ensinar à vossa e, a mais, o que os mestres lhe ensinaram?

Senhores, vós vos enganais: ensino a meu aluno uma arte que requer longo aprendizado, uma arte penosa que, por certo, não têm os vossos; a arte de ser ignorante, pois a arte de quem não crê saber senão o que reduz-se a muito pouca coisa. Vós dais a ciência; muito bem. Eu me ocupo do instrumento próprio à sua aquisição. Dizem que um dia, tendo os venezianos mostrado, com grande pompa, seu tesouro de São Marco a um embaixador da Espanha, este, tendo olhado embaixo das mesas,

lhes disse como único cumprimento: *Qui non c'è la radice* ¹⁹. Não vejo nunca um preceptor exhibir o saber de seu discípulo, sem me sentir tentado a dizer-lhe a mesma coisa.

Todos os que refletiram acerca da maneira de viver dos antigos atribuem aos exercícios de ginástica o vigor de corpo e de alma que os distingue mais sensivelmente dos modernos. O modo pelo qual Montaigne corrobora esse sentimento mostra que estava fortemente compenetrado disso; volta ao assunto sem cessar e de mil maneiras. Falando da educação de uma criança, diz que, para fortalecer-lhe a alma, cumpre enrijecer-lhe os músculos; acostumando-a ao trabalho, habituam-na à dor: é preciso afazê-la à dureza dos exercícios, para adestrá-la às asperezas das luxações, das cólicas e de todos os males. O avisado Locke, o bom Rollin, o sábio Fleury, o pedante Crouzas, tão diferentes entre si em tudo o mais, concordam todos neste único ponto: exercitar muito o corpo das crianças. É o mais judicioso de seus preceitos; é o que é e será sempre mais negligenciado. Já falei suficientemente de sua importância, e como a respeito não é possível dar melhores razões nem regras mais sensatas que as que se encontram no livro de Locke, contentar-me-ei com recomendá-lo, depois de tomar a liberdade de acrescentar algumas observações às suas.

Os membros de um corpo que cresce devem estar todos à vontade nas roupas; nada deve perturbar seus movimentos nem seu crescimento, nada portanto de muito ajustado que cole ao corpo; nada de ataduras. O vestuário francês, incômodo e mal-são para os homens, é principalmente pernicioso às crianças. Os humores, estagnados, detidos em sua circulação, adormecem num repouso que a vida inativa e sedentária aumenta, corrompem-se e provocam o escorbuto, doença dia a dia mais comum entre nós e quase ignorada pelos antigos, cuja maneira de vestir-se e viver dela os preservava. A vestimenta de tipo hussardo ²⁰, longe de remediar esse inconveniente, aumenta-o e visando a suprimir algumas ataduras da criança aperta-lhe o corpo todo. O que se pode fazer de melhor é deixá-la de jaqueta o mais possível, depois dar-lhe uma roupa bem folgada, e não procurar acentuar-lhe a cintura o que só serve para deformá-la. Seus

(19) Falta a raiz aqui.

(20) Calções largos apertados na cintura, espécie de bombachas. (N. do T.)

defeitos do corpo e do espírito vêm quase todos da mesma causa: querem fazê-la adulta antes do tempo.

Há cores alegres e cores tristes: as primeiras são mais do gosto das crianças; assentam-lhes melhor também e não sei porque não atender, nisso, a conveniências tão naturais; mas, a partir do momento em que preferem um tecido por ser rico, já seus corações estão entregues ao luxo e a todas as fantasias da opinião; e tal gosto não lhes veio por certo de si mesmas. Não se imagina quanto a escolha das roupas e as razões da escolha influem na educação. Não somente mães cegas prometem aos filhos adornos como recompensa, até insensatos governantes ameaçam seus alunos, como castigo, com vestimentas mais grosseiras e mais simples. *Se não estudardes melhor, se não conservardes mais cuidadosamente vossas roupas, tereis de vestir-vos como um camponesinho.* É como se lhes dissessem: *Sabei que o homem só vale por sua roupa, que vosso valor está nas vossas.* Será de se espantar que tão sábias lições impressionem a juventude, que ela só venha a estimar o ornato e que só julgue do mérito pela aparência exterior?

Se eu devesse corrigir uma criança assim mimada, faria com que suas roupas mais ricas fossem as mais incômodas, que nelas se sentisse sempre embaraçada, constrangida, sempre escravizada de mil maneiras; faria com que a liberdade e a alegria fugissem diante de seu luxo; se ela quisesse participar dos jogos de outras crianças mais simplesmente vestidas, tudo cessaria, tudo desapareceria no mesmo instante. Eu a aborreceria enfim, eu a fartaria de tal modo de seu fausto, eu a tornaria tão escrava de sua indumentária dourada, que desta faria o flagelo de sua vida e que ela veria com menos pavor a obscuridade de sua cela que os aprestos de seus berloques. Enquanto não escravizamos a criança a nossos preconceitos, estar à vontade e livre é sempre seu desejo; a roupa mais simples e mais cômoda, a que a constrange menos, é sempre a mais preciosa para ela.

Há um hábito do corpo conveniente aos exercícios e outro mais conveniente à inação. Este, deixando aos humores um curso igual e uniforme, deve garantir o corpo contra as alterações do ar; o outro, fazendo-o passar sem cessar da agitação ao repouso e do calor ao frio, deve acostumá-la às mesmas alterações. Disso se deduz que as pessoas caseiras e sedentárias devem agasalhar-se por qualquer tempo, a fim de conservar o corpo numa temperatura uniforme, a mesma mais ou menos em

todas as estações e em todas as horas do dia. Ao contrário, os que vão e vêm ao vento, ao sol, à chuva, que agem muito e passam seu tempo ao ar livre, devem andar sempre levemente vestidos, a fim de se habituarem a todos os graus de temperatura sem se sentir incomodados. Aconselharia a uns e outros a não mudarem de hábitos segundo as estações e isso fará sempre meu Emílio. Com o que não quero dizer que vista, no verão, roupas de inverno, como as pessoas sedentárias e sim que use no inverno suas roupas de verão, como as pessoas laboriosas. Este último hábito foi o do cavaleiro Newton durante toda a sua vida e ele viveu oitenta anos.

Pouco cabelo em qualquer estação. Os antigos egípcios tinham sempre a cabeça nua; os persas a cobriam de grandes tiaras e ainda a cobrem de pesados turbantes cujo uso, segundo Chardin, o clima do país torna necessário. Observei noutro lugar a distinção que fez Heródoto num campo de batalha entre os crânios dos persas e os dos egípcios. Como importa que os ossos da cabeça se façam mais duros, mais compactos, menos frágeis e menos porosos, para melhor protegerem o cérebro não somente contra os ferimentos, mas também contra os resfriados e todas as impressões do clima, acostumai vossas crianças a manterem a cabeça nua tanto no inverno como no verão, dia e noite. Se, por causa da limpeza ou para conservar seus cabelos em ordem, lhes quiserdes dar uma proteção para a noite, dai-lhes um boné fino e arejado, semelhante ao com que os bascos envolvem seus cabelos. Bem sei que em sua maioria as mães, mais impressionadas com a observação de Chardin do que com minhas razões, imaginarão encontrar em toda parte o clima da Pérsia; mas eu não escolhi meu aluno europeu para dele fazer um asiático.

Em geral vestimos demais as crianças, principalmente na primeira infância. Seria necessário antes torná-las refratárias ao frio do que ao calor; o grande frio não as incomoda nunca, desde que a ele as exponhamos desde cedo; mas a textura de sua pele, demasiado tenra e frouxa ainda, deixando livre passagem à transpiração, entrega-as, com o calor extremo, a um esgotamento inevitável. Por isso, observa-se que morrem mais no mês de agosto do que em qualquer outro mês. Demais, parece constante, pela comparação entre os povos do Norte e os do Sul, que se tornam mais robustas suportando o excesso de frio do que o excesso de calor. Mas, na medida em que a criança cresce e que suas fibras se fortalecem, acostumai-a pouco a

pouco a enfrentar os raios do sol; agindo gradualmente, vós a acostumareis sem perigo aos ardores da zona tórrida.

Locke, em meio aos preceitos viris e sensatos que nos dá, cai em contradições que não se esperariam de um argumentador tão preciso. Esse mesmo homem que quer que as crianças se banhem no verão na água gelada, não quer, quando estão quentes, que bebam gelado, nem que se deitem no chão em lugares úmidos ²¹. E desde que ele quer que os sapatos das crianças se encharquem por qualquer tempo, encharcar-se-ão menos quando a criança sentir calor? E não se poderá fazer do corpo em relação aos pés, a mesma indução que ele faz dos pés em relação com as mãos, e do corpo em relação com o rosto? Se que-reis, dir-lhe-ei, que o homem seja todo cara, porque me censu-rais por querer que ele seja todo pés?

Para impedir as crianças de beberem quando sentem calor, ele prescreve acostumá-las a comerem um pedaço de pão antes. É bastante estranho que, quando a criança tem sede, seja preciso dar-lhe de comer; seria a mesma coisa dar-lhe de beber quando tem fome. Nunca me persuadirão de que nossos primeiros apetites sejam tão desregrados, que não os possamos satisfazer sem nos expormos a perecer. Se assim fosse, o gênero humano ter-se-ia cem vezes destruído, antes que tivéssemos aprendido o que cumpre fazer para conservá-lo.

Todas as vezes que Emílio tiver sede, quero que lhe dêem a beber; quero que lhe dêem água pura e sem nenhum preparo, nem mesmo o de fazê-la amornar, ainda que transpirasse ou se estivesse em pleno inverno. O único cuidado que recomendo é o de atentar para a qualidade da água. Se é de regato, dai-lhe imediatamente, tal qual sai do regato; se é água de fonte, cum-pre deixá-la algum tempo ao ar antes que ele a beba. Nas estações quentes os riachos estão quentes; o mesmo não acontece com as fontes, que não receberam o contato do ar; é preciso aguardar que alcancem a temperatura da atmosfera. No inverno, ao contrário, a água de fonte é menos perigosa desse ponto de vista que a do riacho. Mas não é natural nem freqüente que se transpire no inverno, sobretudo ao ar livre, pois o

(21) Como se os pequenos camponeses escolhessem uma terra bem seca para sentar-se ou deitar-se e que se tivesse algum dia ouvido dizer que a terra houvesse feito mal a algum deles. Em se dando ouvido aos médicos a esse respeito, pensaríamos que os selvagens vivem entrevados de reumatismos.

frio, impressionando sem cessar a pele, refuga para dentro o suor e impede os poros de se abrirem bastante para lhe dar passagem. Ora, eu não pretendo que Emílio se exercite no inverno ao lado de uma lareira e sim em pleno campo entre os gelos. Enquanto ele só se aquecer fazendo e jogando bolas de neve, deixemo-lo beber enquanto tiver sede; que continue com seu exercício depois de ter bebido e não receiemos nenhum acidente. Se, em virtude de qualquer outro exercício ele começar a transpirar e tiver sede, que beba gelado então. Fazei somente de modo a levá-lo para longe e devagar buscar sua água. Com o frio que se imagina, já terá refrescado bastante, ao chegar, para bebê-la sem nenhum perigo. Sobretudo tomai tais precauções sem que ele o perceba. Preferiria que ficasse por vezes doente a que sem cessar atentasse para sua saúde.

Precisam as crianças de um longo sono porque fazem um exercício extremado. Uma coisa serve de corretivo à outra. Daí terem necessidade de ambas as coisas. O tempo de repouso é o da noite, marcado pela natureza. É sabido por observação que o sono é mais tranqüilo e mais suave quando o sol se encontra abaixo do horizonte, e que o ar aquecido por seus raios não mantém nossos sentidos em tão grande calma. Assim o hábito mais salutar é certamente o de se levantar e se deitar com o amanhecer e o anoitecer. Do que se deduz que em nossos climas o homem e os animais têm em geral necessidade de dormir mais tempo no inverno do que no verão. Mas a vida civil não é bastante simples, bastante natural, bastante isenta de revoluções, de acidentes para que se deva acostumar o homem a essa uniformidade, a ponto de lha torná-la necessária. Sem dúvida é preciso sujeitar-se às regras; mas a primeira é a de poder infringi-las sem risco quando a necessidade o exige. Não amoleceis portanto indiscretamente vosso aluno na continuidade de um sono calmo que nunca seja interrompido. Entregai-o primeiramente, sem coerção, à lei da natureza; mas não vos esqueçais de que entre nós ele deve estar acima dessa lei; deve poder deitar-se tarde, levantar-se cedo, ser despertado bruscamente, passar noites em pé, sem se sentir incomodado. Começando cedo, indo sempre devagar e gradualmente, adapta-se um temperamento às mesmas coisas que o destróem quando a elas o submetem já formado.

Cumpre acostumá-lo primeiramente a deitar-se mal; é o meio de não mais achar ruim nenhum leito. Em geral a vida dura, uma vez transformada em hábito, multiplica as sensa-

ções agradáveis; a vida fácil prepara quantidades desagradáveis delas. As pessoas educadas demasiado delicadamente só encontram o sono em leito de plumas; as pessoas habituadas a dormir no soalho o encontram em toda parte: não há cama dura para quem adormece ao deitar-se.

Um leito fofo, em que se afunda nas plumas ou no acolchoado, funde e dissolve o corpo, por assim dizer. Os rins aquecidos demais se endurecem. Disso resultam muitas vezes a pedra e outros incômodos e, infalivelmente, uma compleição delicada que os alimenta todos.

O melhor leito é o que oferece um sono melhor. Eis o que preparamos, Emílio e eu, durante o dia. Não precisamos que nos tragam escravos da Pérsia para fazerem nossas camas; trabalhando a terra amaciamos nossos colchões.

Sei por experiência que quando uma criança está com saúde, pode-se fazê-la dormir ou ficar acordada, quase à vontade. Quando a criança está deitada e que aborrece sua pagem com sua tagarelice, ela lhe diz: *durma*; é como se lhe dissesse: *passa bem*, quando está doente. O verdadeiro meio de fazê-la dormir é aborrecê-la. Falai-lhe tanto que ela seja forçada a calar-se e dentro em breve ela dormirá. Os sermões servem afinal para alguma coisa; mas se porventura empregardes esse narcótico à noite, evitai empregá-lo de dia.

Eu despertarei de vez em quando Emílio, menos de medo que se habitue a dormir demasiado do que para acostumá-lo a tudo, inclusive a ser acordado bruscamente. Demais, teria muito pouco talento para minhas funções se não soubesse forçá-lo a acordar sozinho, e a levantar-se, de acordo com minha vontade, por assim dizer, e sem pronunciar eu mesmo uma só palavra.

Se não dorme bastante, aceno-lhe para o dia seguinte com uma manhã aborrecida e ela própria encarará como lucro tudo que puder dar ao sono; se dorme demais, prometo-lhe um divertimento de sua predileção ao despertar. Quero que acorde em determinada hora? Dir-lhe-ei: *Amanhã às seis horas vamos partir para a pesca, vamos dar tal passeio; queres ir?* Ela concorda e pede-me que a desperte; prometo ou não, segundo o caso; se acorda tarde demais, não me encontra mais. É bem difícil que não aprenda, dentro em breve, a despertar sozinha.

Se acontece, o que é raro, que uma criança indolente tenha tendência para prostrar-se na preguiça, cumpre não deixá-la entregar-se a essa inclinação em que se embotaria completamente,

e sim administrar-lhe algum estimulante que a desperte. É evidente que não se trata de obrigá-la a agir pela força e sim de comovê-la com algum desejo que a leve a agir. E esse desejo, escolhido com cuidado dentro da natureza, conduz-nos ao mesmo tempo a dois fins.

Não imagino nada, nem mesmo a cólera, cujo gosto, com um pouco de habilidade, não se possa insuflar nas crianças, sem vaidade, sem emulação, sem inveja. Sua vivacidade, seu espírito de imitação, bastam; principalmente sua alegria natural, instrumento de eficiência certa, de que nenhum preceptor se lembrou. Em todos os jogos em que estão persuadidas de que se trata apenas de jogo, elas sofrem sem se queixar, rindo mesmo, o que não sofreriam nunca de outro modo sem derramar torrentes de lágrimas. Os jejuns prolongados, as pancadas, as queimaduras, as fadigas de toda espécie, são os divertimentos dos jovens selvagens; prova de que a própria dor tem seu tempero suscetível de tirar-lhe a amargura; mas não cabe a todos os mestres a ciência de preparar o prato, nem podem todos os discípulos saboreá-lo sem caretas. Eis-me de novo, se não tomar cuidado, perdido nas exceções.

Há em verdade a sujeição do homem à dor, aos males de sua espécie, aos acidentes, aos perigos da vida, à morte enfim; quanto mais familiarizarmos a criança com todas essas idéias, mais a curaremos da importuna sensibilidade que junta ao mal a impaciência de suportá-lo; quanto mais a familiarizarmos com os sofrimentos que a podem atingir, mais lhe evitaremos, como diria Montaigne, a picada do estranho e mais tornaremos sua alma invulnerável e dura. Seu corpo será a couraça que cicatrizará todos os ferimentos que poderiam atingi-la fundamente. A própria agonia, não sendo a morte, mal ela sentirá esta como tal; não morrerá, por assim dizer, estará viva ou morta, nada mais. Dela é que o mesmo Montaigne teria podido dizer o que disse de um rei do Marroco: que nenhum homem viveu tanto dentro da morte. A constância e a firmeza são, como as demais virtudes, aprendizados da infância; mas não é ensinando-lhes os nomes às crianças que lhas ensinamos; é fazendo-as provar o que são, sem que o saibam.

Mas, a propósito de morrer, como nos conduziremos com nosso aluno em relação ao perigo da varíola? Faremos com que lha inoculem²² logo cedo ou aguardaremos que a contraia na-

(22) Vacinem. Inoculação = vacina. (N. do T.)

turalmente? A primeira solução, mais conforme à nossa prática, preserva do perigo a idade em que a vida é mais preciosa, expondo-o ao risco na idade em que ela o é menos, se é que se pode falar em risco com uma inoculação bem administrada.

Mas a segunda solução está mais dentro de nossos princípios gerais, de em tudo deixar agir a natureza quanto aos cuidados que quer tomar sozinha e que ela abandona logo que o homem se imiscui. O homem da natureza está sempre preparado: deixemos que esse mestre inocule: escolherá o momento melhor do que nós.

Não tireis disto a conclusão de que condeno a inoculação; pois o raciocínio, em virtude do qual isento meu aluno, conviria mal ao vosso. Vossa educação prepara-o para não escapar da varíola quando for por ela atacado; se a deixais surgir ao acaso, é provável que ele morra. Vejo que em diferentes países resistem tanto mais à inoculação²² quanto mais ela se torna necessária; compreende-se a razão disso. Não me deterei tampouco em tratar da questão em relação a meu Emílio. Ele será inoculado ou não o será, segundo o momento, o lugar, as circunstâncias: isso é quase indiferente para ele. Se lhe dermos a varíola, teremos a vantagem de prever e conhecer seu mal de antemão; é alguma coisa; mas se ele a pegar naturalmente, teremos evitado o médico, o que é melhor.

Uma educação exclusiva que tende tão-somente a distinguir do povo os que a receberam, prefere sempre as instruções mais dispendiosas às mais comuns e por isso mesmo às mais úteis. Assim, os jovens educados com cuidado aprendem todos a montar a cavalo, porque isso custa muito, mas quase nenhum aprende a nadar, porque não custa nada e que um artesão pode saber nadar tão bem quanto quem quer que seja. Entretanto, sem ter passado pela escola de equitação, um viajante monta a cavalo; se mantém em cela, e serve-se dele o bastante para sua necessidade; na água, porém, se não se nada, afoga-se, e não se nada sem ter aprendido. Finalmente não se é obrigado a montar a cavalo sob pena de morrer, ao passo que ninguém tem certeza de evitar um perigo a que tão amiúde se expõe. Emílio estará na água como na terra. Ah, se pudesse viver em todos os elementos! Se pudéssemos aprender a voar, faria dele uma águia; faria dele uma salamandra, se pudéssemos enrigecer-nos ao fogo.

Receia-se que uma criança se afogue aprendendo a nadar; que se afogue aprendendo ou que se afogue por não ter apren-

dido, a culpa será sempre vossa. Somente a vaidade nos torna temerários; não o somos quando ninguém nos vê: Emílio não o seria, ainda que visto por todo o universo. Como o exercício não depende do risco, num canal do parque de seu pai aprenderia a atravessar o Helesponto; mas é preciso habituar-se ao risco para não se perturbar com ele; é uma parte essencial do aprendizado de que falei há pouco. Demais, atento em medir o perigo pelas suas forças e a compartilhá-lo, não terei que temer nenhuma imprudência em regrando o cuidado de sua conservação pelo que devo à minha.

Uma criança é menor do que um homem; não tem nem a força nem o raciocínio deste, mas vê e entende tão bem quanto o homem, ou quase tão bem; tem o paladar igualmente sensível, embora o tenha menos delicado, e distingue igualmente bem os odores, embora não ponha nisso a mesma sensualidade. As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são as dos sentidos. São as primeiras que se deveriam cultivar e são as únicas que se esquecem ou as que mais se negligenciam.

Exercer os sentidos não é somente fazer uso deles, é aprender a bem julgar por eles, é aprender, por assim dizer, a sentir; porque nós não sabemos nem apalpar, nem ver, nem ouvir senão da maneira que aprendemos.

Há um exercício puramente natural e mecânico que serve para tornar o corpo robusto, sem de modo algum apelar para o julgamento: nadar, correr, pular, chicotear um pião, jogar pedras; tudo isso está muito certo; mas teremos somente braços e pernas? Não teremos também olhos e ouvidos? E tais órgãos serão supérfluos ao uso dos primeiros? Não exerciteis portanto tão apenas as forças, exercitai todos os sentidos que as dirigem; tirai de cada um deles todo o proveito possível e verificai depois o resultado de um sobre o outro. Medi, contaí, pesai, comparaí. Não empregueis a força senão depois de terdes avaliado a resistência; fazei sempre de modo que a avaliação do efeito preceda o emprego dos meios. Interessai a criança a nunca fazer esforços insuficientes ou supérfluos. Se a acostumais a prever assim o efeito de todos os seus movimentos, e a corrigir seus erros pela experiência, não se torna claro que quanto mais ela agir mais se fará judiciosa?

Trata-se de abalar uma massa; se ela pegar uma alavanca demasiado comprida, despenderá movimentos em excesso; se a pegar curta demais, não terá força bastante; a experiência pode

ensinar-lhe a escolher precisamente a alavanca de que necessita. Essa sabedoria não está portanto acima de sua idade. Trata-se de carregar um fardo? Se quiser pegar o mais pesado possível e não experimentar erguê-lo, não será forçado a calcular o peso pela vista? Se se trata de comparar massas da mesma matéria e de diferentes tamanhos, que saiba também escolher entre massas do mesmo tamanho e de diferentes matérias; será preciso, por força, que se aplique em comparar seus pesos específicos. Vi um jovem muito bem educado que não quis acreditar, senão depois de verificá-lo, que um balde cheio de aparas de carvalho pesasse menos do que o mesmo balde cheio de água.

Não somos senhores igualmente do emprego de todos os nossos sentidos. Há um, o tato, cuja ação nunca cessa durante a vigília; foi espalhado por todo o nosso corpo, como uma guarda contínua para avisar-nos de tudo o que possa ofendê-lo. É também aquele cuja experiência adquirimos, de um jeito ou de outro, mediante esse exercício contínuo e ao qual, por conseguinte, não precisamos dar um cuidado particular. Contudo, observamos que os cegos têm o tato mais seguro e mais fino do que nós, porque, não sendo mais guiados pela vista, são forçados a tirar unicamente do primeiro sentido os juízos que nos fornece o outro. Por que então não nos exercitam a andarmos como eles na escuridão, a conhecermos os corpos que não podemos alcançar, a julgarmos dos objetos que nos cercam, a fazermos, em suma, à noite e sem luz, tudo o que eles fazem sem olhos? Enquanto o sol brilha levamos vantagem sobre eles; nas trevas eles são nossos guias por sua vez. Somos cegos metade da vida; com a diferença de que os verdadeiros cegos sabem sempre conduzir-se e nós não ousamos dar um passo em plena noite. Temos luz, dirão. Então sempre máquinas? Quem vos diz que vos seguirão por toda parte se necessário? Eu prefiro que Emílio tenha olhos nas pontas dos dedos a os ter na loja de um vendedor de candelabros.

Se estiverdes fechado dentro de um edifício durante a noite, batei palmas; pela ressonância percebereis se o espaço é grande ou pequeno, se estais no centro ou num canto. A meio pé de uma parede, o ar menos envolvente e mais refletido dá outra sensação a vosso rosto. Permanecei no lugar e voltai-vos sucessivamente para todos os lados; se houver uma porta aberta, uma leve aragem vo-la indicará. Se estiverdes num barco, sabereis, pela maneira por que o ar vos toca o rosto, não so-

mente em que sentido navegais, como ainda se a correnteza do rio vos arrasta devagar ou depressa. Essas observações e mil outras semelhantes só podem ser feitas útilmente à noite; por maior atenção que lhes prestemos durante o dia, seremos auxiliados, ou delas distraídos, pela vista e elas nos escaparão. Entretanto, não há ainda aqui nem mãos nem bastão. Quantos conhecimentos oculares podemos adquirir pelo tato, mesmo sem tocarmos em nada!

Muitos jogos noturnos portanto. Esta opinião é mais importante do que parece. A noite atemoriza naturalmente os homens e por vezes os animais ²³. As razões, os conhecimentos, a coragem libertam poucas pessoas desse tributo. Vi sabidos, céticos, filósofos, militares intrépidos de dia, tremerem à noite como mulheres ao ruído de uma folha de árvore. Atribuem esse medo aos contos das amas; enganam-se; têm uma causa natural. Que causa? A mesma que torna os surdos desconfiados e o povo supersticioso: a ignorância das coisas que nos cercam e do que se passa ao redor de nós ²⁴. Acostumado a

(23) Esse pavor manifesta-se sobremodo nos grandes eclipses do Sol.

(24) Eis aqui mais uma causa bem explicada por um filósofo cujo livro cito muitas vezes e cuja grande visão me instrui mais amiudadamente ainda.

“Quando, em vista de circunstâncias particulares, não podemos ter uma idéia justa da distância e que só podemos julgar os objetos pelo grau do ângulo, ou melhor, pela imagem que formam em nossos olhos, nós nos enganamos necessariamente acêrca de seu tamanho. Todo mundo verificou que, viajando à noite, toma-se um arbusto de que se está perto por uma grande árvore de que se está longe. Ou então se toma uma grande árvore afastada por um arbusto que está perto; do mesmo modo, não se conhecendo os objetos pela sua forma, e não se podendo ter por esse meio uma idéia da distância, a gente se enganará ainda, necessariamente. Uma mosca que passar com rapidez a algumas polegadas de distância de nossos olhos há de parecer-nos um pássaro a uma grande distância; um cavalo que esteja parado no meio de um campo e na atitude semelhante, por exemplo, à de um carneiro, há de parecer-nos apenas um carneiro grande, enquanto não verificarmos que se trata de um cavalo; mas logo que o verificarmos, de imediato nos parecerá grande como um cavalo e logo retificaremos nosso juízo primeiro.

Todas as vezes que nos encontrarmos à noite em lugares desconhecidos onde não possamos ajuizar a distância, e onde não pudermos reconhecer a forma das coisas por causa da escuridão, corremos o risco de incorrer a todo instante em erro acêrca dos julgamentos que faremos

perceber de longe os objetos e a prever as impressões de ante-mão, como, não vendo mais nada do que me cerca, não suporei mil seres, mil movimentos que me podem prejudicar e contra os quais não posso me garantir? Por mais que saiba estar em segurança no lugar em que me encontro, nunca o saberei tão bem quanto se o visse no momento; tenho portanto sempre um motivo de temor que não tinha de dia. Sei, em verdade, que um corpo estranho não pode agir sobre o meu, sem se anunciar por algum ruído; por isso sem cessar mantenho o ouvido atento. Ao menor ruído cuja causa não possa discernir, o interesse de minha conservação me leva, desde logo, a

sobre os objetos que se apresentarão. Daí é que vem o pavor e a espécie de receio interior que a escuridão da noite infunde em quase todos os homens; é nisso que assenta o aparecimento de espectros e de figuras gigantescas e aterrorizantes que tantas pessoas dizem ter visto. Respondem-lhes comumente que essas figuras estavam em sua imaginação; entretanto elas podiam estar realmente em seus olhos e é muito possível que tenham visto o que dizem ter visto; pois deve acontecer que todas as vezes que não pudermos julgar um objeto senão pelo ângulo que forma no olho, esse objeto desconhecido cresça na medida em que nos achemos mais perto dele; e se pareceu de início ao espectador, que não pode conhecer o que vê nem julgar a que distância o vê, se lhe pareceu, digo, de início da altura de alguns pés, quando se achava a uma distância de vinte ou trinta passos, deve parecer-lhe alto de muitas toesas quando só estiver afastado de alguns pés; o que deve, com efeito, espantá-lo e atemorizá-lo até que possa tocar o objeto ou reconhecê-lo; pois no próprio instante em que reconhece o que é, esse objeto que se lhe afigurava gigantesco diminuirá bruscamente e não lhe parecerá mais ter senão seu tamanho real. Mas se fugir ou não ousar aproximar-se, é certo que não terá outra idéia desse objeto senão a da imagem formada em seu olho, e que terá realmente visto uma figura gigantesca ou apavorante pelo tamanho e a forma. O preconceito dos espectros assenta portanto na natureza, e tais aparições não dependem, como acreditam os filósofos, unicamente da imaginação." (*Hist. Nat.* t. VI, p. 22, in-12.)

Procurei mostrar no texto como o fenômeno disso depende sempre em parte, e quanto à causa explicada neste trecho, vê-se que o hábito de andar à noite deve ensinar-nos a distinguirmos as aparências que a semelhança da forma e a diversidade das distâncias fazem que os objetos tomem, na escuridão, aos nossos olhos. Quando o dia ainda está bastante claro para deixar percebermos os contornos dos objetos, como há mais ar interposto numa distância maior, devemos sempre ver tais contornos menos acentuados quando o objeto se encontra mais longe de nós. O que basta, graças ao hábito para nos garantir contra o erro que aqui explica o senhor de Buffon. Meu método, qualquer explicação se prefira, é portanto sempre eficaz, e é o que a experiência confirma perfeitamente.

imaginar tudo o que mais deve induzir-me a tomar cuidado, e por conseguinte tudo o que mais me pode amedrontar.

Se não ouço absolutamente nada, nem por isso me sinto tranqüilo; pois, afinal, mesmo sem ruído podem surpreender-me. É preciso que eu suponha as coisas tal como eram antes, tal como devem ser ainda, que eu veja o que não vejo. Assim, forçado a pôr em jogo minha imaginação, dentro em pouco não sou mais senhor dela e o que fiz para me tranqüilizar só serve para me alarmar mais ainda. Se ouço barulho, penso em ladrões; se não ouço nada, vejo fantasmas; a vigilância que o cuidado de me conservar me inspira só me dá motivos de temor. Tudo o que deve apaziguar-me se encontra apenas na minha razão; o instinto, mais forte, fala-me linguagem bem diferente. Para que pensar que não se tem nada a temer, se então nada se tem a temer?

A descoberta da causa do mal indica o remédio. Em tudo, o hábito mata a imaginação; só os objetos novos a despertam. Nos que vemos todos os dias não é mais a imaginação que age, é a memória; e eis a razão do axioma: *Ab assuetis non fit passio*, pois é somente sob o fogo da imaginação que as paixões se acendem. Não raciocineis, portanto, com aqueles que quereis curar do terror das trevas; levai-os a elas amiúde e podeis ter certeza de que todos os argumentos da filosofia não valerão esse hábito. Não tem vertigem o pedreiro que cobre um telhado e não se vê que tenha medo da escuridão quem esteja acostumado a nela andar.

Eis, portanto, mais uma vantagem acrescida à primeira, para nossos jogos noturnos. Mas, para que tais jogos tenham êxito, nunca recomendarei demais a alegria. Nada é mais triste do que as trevas; não fecheis portanto vossa criança numa cela. Que ela ria entrando na escuridão; que torne a rir antes de sair; que, enquanto nela se ache, a idéia dos folguedos que deixa e dos que vai reencontrar, a preserve das idéias fantásticas que a poderiam invadir nas trevas. Há um momento da vida de que se retrocede avançando. Sinto que ultrapassei esse termo. Recomeço, por assim dizer, outra carreira. A vida da idade madura que se fez sentir em mim retraça o bom tempo da infância. Envelhecendo, volto a ser criança, e lembro-me mais do que fiz aos dez anos do que aos trinta. Perdoai-me, portanto, leitores de tirar por vezes meus exemplos de mim mesmo. Para fazer bem este livro, é preciso que o faça com prazer.

Eu estava no campo, em pensão na casa de um pastor chamado Lambercier. Tinha por camarada um primo mais rico do que eu que tratavam como um herdeiro, ao passo que, afastado do meu pai, eu não passava de um pobre órfão. Meu primo irmão Bernard era singularmente medroso, principalmente à noite. Zombei tanto de seus temores que o Sr. Lambercier, aborrecido com minhas jatâncias, quis pôr à prova minha coragem. Numa noite muito escura de outono, deu-me a chave do templo e disse-me que fosse buscar no púlpito a Bíblia que ali ficara. Acrescentou como desafio algumas palavras que me puseram na impossibilidade de recuar.

Saí sem luz; se tivesse tido teria sido pior ainda. Era preciso passar pelo cemitério: atravesssei-o impávidamente porque, enquanto eu me sentia ao ar livre, nunca tivera terrores noturnos.

Abrindo a porta, ouço certo ruído na abóbada, que penso assemelhar-se ao de vozes e que começa a abalar minha firmeza romana. Aberta a porta, quero entrar; porém mal dou alguns passos, paro. Percebendo a escuridão profunda que reinava no local, sou tomado de um terror de arrepiar os cabelos; retrocedo, saio, ponho-me a fugir tremendo. Encontro no adro um cãozinho chamado Sultão cujas carícias me tranquilizam. Envergonhado de meu pavor, volto, procurando entretanto levar comigo Sultão que não quer acompanhar-me. Transponho bruscamente a porta, entro na igreja. Mal me encontro dentro, o terror me toma novamente, mas tão intensamente que perco a cabeça. E, embora o púlpito fosse à direita e eu o soubesse muito bem, tendo-me voltado sem me dar conta, procuro-o durante longo tempo à esquerda, atrapalho-me com os bancos; não sei mais onde me encontro e não podendo achar nem o púlpito nem a porta, caio numa inexprimível confusão. Finalmente dou com a porta, consigo sair do templo e afasto-me como da primeira vez, resolvido a nunca mais ali entrar a não ser de dia.

Volto para casa. Prestes a entrar distingo a voz do Sr. Lambercier pelas gargalhadas. Imagino desde logo que me dizem respeito e, confuso, envergonhado de me expor a elas, hesito em abrir a porta. Nesse intervalo ouço Mlle Lambercier, inquieta comigo, dizer à criada para pegar a lanterna, e o Sr. Lambercier dispor-se a vir buscar-me, escoltado por meu intrépido primo ao qual, depois, não deixariam de atribuir as honras da expedição. No mesmo instante todos os meus temores

cessam, deixando-me apenas o de ser surpreendido na minha fuga; corro, vôo até o templo; sem me perder, sem hesitação, alcanço o púlpito, subo, pego a Bíblia, desço às pressas; em três pulos estou fora do templo, esquecendo até de fechar a porta; entro no quarto esbaforido, jogo a Bíblia sobre a mesa, assustado, mas palpitando de alegria por ter-me adiantado ao socorro que me iam prestar.

Perguntar-me-ão se apresento o caso como modelo a ser seguido, e como um exemplo da alegria que exijo nessas espécies de exercícios. Não, apresento-o como prova de que nada é mais capaz de tranquilizar alguém amedrontado com as trevas da noite, que ouvir no quarto vizinho um grupo alegre a rir e conversar calmamente. Desejaria que ao invés de divertir-se assim a sós com seu aluno, o preceptor reunisse à noite muitas crianças de bom humor; que não as enviasse a princípio sozinhas e sim muitas juntas, e que não expusesse nenhuma à solidão, antes de ter bem certeza de que não se sentiria demasiado assustada.

Não imagino nada mais agradável e útil do que semelhantes jogos, por pouco que se queira ter alguma habilidade em os organizar. Faria de uma grande sala uma espécie de labirinto com mesas, poltronas, cadeiras e biombos. Nos intricáveis meandros do labirinto, colocaria no meio de oito ou dez caixas de armadilhas, uma quase igual bem guarnecida de confeitos; designaria em termos claros mas sucintos o lugar preciso da caixa certa; daria a informação suficiente a gente mais atenta e menos avoada que as crianças para distingui-la ²⁵; em seguida depois de ter sorteado os concorrentes, eu os despacharia todos, um após outro, até que se encontrasse a caixa certa: o que eu teria o cuidado de tornar difícil na proporção de sua habilidade.

Imaginal um pequeno Hércules chegando com uma caixa na mão, muito orgulhoso de sua expedição. A caixa é colocada em cima da mesa e aberta cerimoniosamente. Ouço daqui as gargalhadas, as vaias do bando alegre, quando, em lugar dos confeitos esperados, se encontram, bem arranjadinhos sobre o

(25) Para exercitá-la a serem atentas, não lhes digais nunca senão coisas que elas tenham interesse sensível e imediato em bem entender; principalmente nada de explicações demoradas, nenhuma palavra supérflua; mas não deixeis tampouco no que disserdes nem obscuridade nem equívoco.

musgo ou o algodão, um besouro, um caracol, pedaços de carvão, bolotas, nabos ou coisas semelhantes. Outras vezes, num cômodo recém-caiado, poder-se-á suspender, perto da parede algum brinquedo, algum pequeno móvel que cumprirá ir buscar sem tocar no muro. Por pouco que tenha falhado quanto à condição, mal esteja de volta, a aba do chapéu esbranquiçada, a ponta dos sapatos, a borda de sua roupa, sua manga, denunciarão sua inabilidade. Eis o bastante, demais talvez, para fazer compreender o espírito dessas espécies de jogos. Se é preciso dizer-vos mais, então deixai de ler-me.

Que vantagens não terá, à noite, um homem assim educado sobre os outros homens! Seus pés acostumados a se firmarem nas trevas, suas mãos exercitadas em se aplicarem facilmente a todos os corpos em sua volta, o conduzirão sem dificuldade na mais espessa escuridão. Sua imaginação, imbuída dos jogos noturnos de sua juventude, voltar-se-á dificilmente para objetos apavorantes. Se acreditar ouvir gargalhadas, serão as de seus antigos camaradas, ao invés das dos fogos-fátuos; se imaginar uma assembléia, não será ela um sabá e sim o quarto de seu governante. A noite, só lhe recordando idéias alegres, não lhe será nunca horrenda; ao invés de temê-la, ele a apreciará. Se se tratar de uma expedição militar, estará disposto, a qualquer hora, tanto sozinho como com sua tropa. Entrará no campo de Saul e o percorrerá sem se perder; irá até a tenda do rei sem acordar ninguém e voltará sem ter sido percebido. Cumprir roubar os cavalos de Reso, apela para ele sem preocupação. Entre as pessoas educadas, de outra maneira, encontrareis dificilmente um Ulisses.

Vi pessoas quererem, através de surpresas, acostumar as crianças a não terem medo de nada à noite. O método é muito ruim; produz um resultado contrário ao que se procura e só serve para torná-las sempre mais medrosas. Nem a razão nem o hábito podem tranquilizar acerca da idéia de um perigo imediato, de que não se conhece nem o grau nem a espécie, nem acerca das surpresas pelas quais tantas vezes se passou. Entretanto, como garantir que mantereis vosso aluno sempre isento de acidentes semelhantes? Eis a melhor opinião, parece-me, com que se possa preveni-lo a respeito. Estais, então, direi a meu Emílio, no caso de uma defesa justificada; o agressor não vos deixa julgar se quer fazer-vos mal ou medo, e, como ele assegurou suas vantagens, a própria fuga não é um abrigo para vós. Pegai portanto com decisão quem vos surpreende à noi-

te, homem ou bicho, pouco importa; segurai-o com todas as vossas forças; se se debater, batei, não poupeis as pancadas; e o que quer que diga ou faça, não o largueis nunca antes de saberdes o que seja. O esclarecimento vos mostrará sem dúvida que não havia muito que temer, e essa maneira de tratar os brincalhões deve naturalmente os dissuadir de repetirem a farsa.

Embora o tato seja, de todos os nossos sentidos, o que mais amiúde exercitamos, seus juízos permanecem entretanto imperfeitos e grosseiros mais que os de nenhum outro, porque misturamos ao seu emprego, continuamente, o da vista, e que o olho alcançando o objeto antes da mão, o espírito julga quase sempre sem esta. Por outro lado, os julgamentos do tato são os mais seguros, precisamente porque são os mais limitados; não se estendendo senão até onde nossas mãos podem alcançar, retificam os desatinos dos outros sentidos, que se projetam ao longe sobre objetos que mal percebem, ao passo que tudo o que o tato percebe ele o percebe bem. Acrescentai que, juntando, quando queremos, a força dos músculos à ação dos nervos, unimos, numa sensação simultânea, ao julgamento da temperatura, dos tamanhos, das formas, o julgamento do peso e da solidez. Assim o tato, sendo de todos os sentidos o que mais bem nos instrui acerca da impressão que os corpos estranhos podem produzir sobre o nosso, é aquele cujo emprego é mais freqüente e nos dá imediatamente o conhecimento necessário à nossa conservação.

Como o tato exercitado supre a vista, por que não poderia também suprir até certo ponto o ouvido, posto que os sons excitam nos corpos sonoros vibrações sensíveis ao tato? Pousando a mão no corpo de um violoncelo, pode-se, sem auxílio dos olhos ou do ouvido, distinguir, unicamente pela maneira por que vibra a madeira, se o som é grave ou agudo, se vem da prima ou do bordão. Se exercitar os sentidos a tais diferenças, não duvido que com o tempo seja possível alguém tornar-se sensível a ponto de ouvir uma ária inteira com os dedos. Isso admitido, fica claro que se poderia facilmente falar aos surdos em música; pois os tons e os tempos, não sendo menos suscetíveis de combinações regulares que as articulações e as vozes, podem da mesma forma ser tomados como elementos do discurso.

Há exercícios que embotam o sentido do tato e o tornam mais obtuso; outros, ao contrário, o aguçam e o tornam mais

delicado e mais fino. Os primeiros, juntando muito movimento e força à contínua impressão dos corpos duros, tornam a pele mais rude, calosa e tiram-lhe o sentir natural; os segundos são os que variam esse mesmo sentir mediante um tato leve e freqüente, de modo que o espírito, atento a impressões incessantemente repetidas, adquire a faculdade de julgar todas as suas modificações. / Essa diferença é sensível no uso dos instrumentos de música: o toque duro e contundente do violoncelo, do contrabaixo, do próprio violino, endurece as extremidades. O toque liso e polido do cravo torna-as igualmente flexíveis e mais sensíveis ao mesmo tempo. Deve-se portanto preferir o cravo, desse ponto de vista.

Importa que a pele se enrijessa às impressões do ar e possa desafiar suas alterações, porque ela é que defende o resto. Fora disso, não gostaria que a mão, demasiado servilmente aplicada às mesmas tarefas, venha a endurecer-se, nem que sua pele tornada quase ossosa, perca o sentimento delicioso que permite conhecer quais os corpos sobre os quais passa e que, segundo a espécie de contato, nos faz por vezes tremir de diversas maneiras na escuridão.

Por que será preciso que meu aluno seja forçado a ter sempre uma pele de boi sob os pés? Que mal haveria em que a sua própria pudesse servir-lhe de sola? É claro que nessa parte a delicadeza da pele não pode nunca ser útil a nada e pode muitas vezes prejudicar. / Despertados à meia-noite, no coração do inverno em sua cidade, pelo inimigo, os genebrinos encontraram mais depressa seus fuzis do que seus sapatos. Se nenhum deles tivesse sabido andar descalço, talvez Genebra fosse tomada.

Armemos sempre o homem contra os acidentes imprevistos. Que Emílio corra todas as manhãs descalço, em qualquer estação, pelo quarto, pelas escadas, pelo jardim; longe de ralhar com ele, eu o imitarei; tomarei o cuidado, tão apenas, de tirar os vidros. Falarei dentro em pouco dos trabalhos e dos jogos manuais. Demais cumpre que aprenda a dar todos os passos que favorecem as evoluções do corpo, a tomar em todas as atitudes uma posição desembaraçada e sólida; que saiba saltar em distância e em altura, subir numa árvore, pular um muro; que sempre encontre seu equilíbrio; que todos os seus movimentos e seus gestos se ordenem segundo as leis da ponderação, muito antes que a estática lhe precise explicá-los. Pela maneira de seu

pé pousar-se no chão, de sua perna sustentar o corpo, ele deve sentir se está bem ou mal. Uma posição segura tem sempre graça e uma postura firme é também a mais elegante. Se eu fosse professor de dança, não faria todas as macaquices de Marcel²⁶, boas para o lugar onde as faz; mas ao invés de ocupar eternamente meu aluno com cabriolas eu o conduziria ao pé de um rochedo; aí lhe mostraria que atitude é preciso tomar, como postar o corpo e a cabeça, que movimento fazer, de que maneira pousar o pé ou a mão para seguir com ligeireza os atalhos escarpados, ásperos e rudes e atirar-se de ponta a ponta tanto subindo como descendo. Faria dele o êmulo de um cabrito mais que um dançarino da Opera.

Tanto quanto o tato concentra as operações ao redor do homem, a vista estende as suas além dele; é o que as torna enganadoras: num golpe de vista o homem abarca metade de seu horizonte. Nessa multidão de sensações simultâneas e de julgamentos que excitam, como não errar em nenhum? Assim a vista é de todos os sentidos o mais falho, precisamente por ser o mais amplo e que, precedendo de longe todos os outros, suas operações são demasiado rápidas e vastas para poderem ser ratificadas pelos outros sentidos. Há mais: as próprias ilusões da perspectiva nos são necessárias para conseguirmos conhecer a extensão e comparar suas partes. Sem as falsas aparências, nada veríamos ao longe, sem as graduações de tamanho e de luz, não poderíamos calcular nenhuma distância ou, antes, não haveria nenhuma para nós. Se, de duas árvores iguais, a que se acha a cem passos de nós nos parecesse tão grande e tão visível quanto a que está a dez, nós as colocaríamos uma ao lado da outra. Se percebéssemos todas as dimensões dos objetos nas suas medidas reais, não veríamos nenhum espaço e tudo se nos apresentaria segundo os nossos olhos.

O sentido da vista só tem, para julgar o tamanho dos objetos e sua distância, uma mesma medida, a saber, a abertura do

(26) Célebre professor de dança em Paris, que, conhecendo bem seu meio, fazia-se extravagante por malícia e dava a sua arte uma importância que fingiam achar ridícula, mas pela qual o respeitavam grandemente. Numa outra arte, não menos frívola, vê-se ainda hoje um comediante fazer-se de importante e de louco e não ter menor êxito. Esse método dá sempre resultados certos na França. O verdadeiro talento, mais simples e menos charlatanesco, aí não faz fortuna. A modéstia é aí a virtude dos tolos.

ângulo que fazem em nosso olho; e como essa abertura é um efeito simples de uma causa complexa, o julgamento que excita em nós deixa cada causa particular indeterminada ou se torna necessariamente falho. Pois como distinguir, à simples visão, se o ângulo pelo qual vejo um objeto menor do que outro é tal por ser o primeiro objeto efetivamente menor ou por se achar mais afastado?

Cabe portanto seguir aqui um método contrário ao precedente; ao invés de simplificar a sensação, duplicá-la, verificá-la através de outra, sujeitar o órgão visual ao órgão tátil e reprimir, por assim dizer, a impetuosidade do primeiro sentido pela marcha pesada e regrada do segundo. Em não nos dobrando a essa prática, nossas medidas por estimação serão muito inexatas. Não temos nenhuma precisão no golpe de vista para julgar das alturas, dos comprimentos, das profundidades, das distâncias; e a prova de que a culpa é menos do sentido que de seu uso, está em que os engenheiros, os agrimensores, os arquitetos, os pedreiros, os pintores têm em geral um golpe de vista muito mais seguro do que o nosso e apreciam as medidas da extensão com muito mais exatidão; porque como sua profissão lhes dá nisso a experiência que negligenciamos adquirir, eles desfazem o equívoco do ângulo pelas aparências que o acompanham, e que determinam mais exatamente a seus olhos a relação das duas causas desse ângulo.

Tudo o que dá movimento ao corpo sem o constrangir é sempre fácil obter das crianças. Há mil meios de interessá-las em medirem, conhecerem, calcularem as distâncias. Eis uma cerejeira muito alta. Como faremos para colher as cerejas? A escada da granja será indicada? Eis um regato bastante largo, como o atravessaremos? Uma das tábuas do pátio assentará nas duas margens? Gostaríamos, de nossas janelas, de pescar no fosso do castelo; quantas braças deverá ter a linha? Gostaria de armar um balanço entre duas árvores; uma corda de duas toesas bastará? Dizem-me que na outra casa nosso quarto terá vinte e cinco pés quadrados; achais que nos convirá? Será maior do que este? Estamos com muita fome; eis duas aldeias; em qual das duas chegaremos mais cedo para jantar? etc.

Tratava-se de exercitar na corrida um menino indolente, preguiçoso, sem inclinação para esse exercício nem para nenhum outro, embora o destinassem à carreira militar. Estava

persuadido, não sei como, de que um homem de seu nível social não devia nada fazer nem saber, e que sua nobreza devia isentá-lo da necessidade de braços e de pernas bem como de qualquer espécie de mérito. Mesmo a habilidade de um Quiron não bastaria para fazer desse fidalgo um Aquiles de pés alados. A dificuldade era tanto maior quanto eu não queria prescrever-lhe absolutamente nada; tinha banido de meus direitos as exortações, as promessas, as ameaças, a emulação, os desejos de brilhar; como dar-lhe o de correr sem nada lhe dizer? Correr eu próprio teria sido um meio pouco seguro e sujeito a inconveniente. Demais, tratava-se ainda de tirar desse exercício algum motivo de instrução para ele, a fim de acostumar as operações da máquina e as do julgamento a funcionarem juntas. Eis como fiz: eu, isto é, quem fala neste exemplo.

Passeando com ele às tardes, punha às vezes no meu bolso dois doces de uma espécie que ele apreciava muito; comíamos um cada um durante o passeio ²⁷ e voltávamos muito contentes. Certa vez ele percebeu que eu tinha três doces; poderia ter comido seis sem se incomodar; mas come depressa o seu para me pedir o terceiro. Não, digo-lhe: eu o comerei eu mesmo ou o repartiremos; porém prefiro seja disputado por aqueles dois meninos numa corrida. Chamei-os, mostrei-lhes o doce e propus-lhes a disputa. Não queriam outra coisa. O doce foi colocado numa pedra grande que serviu de marco; estabeleceu-se a distância e fomos sentar-nos. Dado o sinal, os meninos partiram; o ganhante pegou o doce e comeu-o sem piedade aos olhos dos espectadores e do vencido.

O divertimento valia mais do que o doce, mas de início não deu resultado. Não desanimei nem me apressei: a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para ganhá-lo. Continuamos nossos passeios; muitas vezes levávamos três doces, às vezes quatro, e não raro havia um e até dois para os competidores. Se o prêmio não era grande, os que o disputavam não eram ambiciosos: quem o ganhava era

(27) Passeio campestre como se verá logo. Os passeios públicos nas cidades são perniciosos às crianças de ambos os sexos. Neles é que elas começam a tornar-se vaidosas e a querer ser olhadas: é no Luxemburgo, nas Tulherias, e principalmente no Palais Royal, que a juventude abastada de Paris vai adquirir sua atitude impertinente e presumida que a torna tão ridícula e a faz ser apupada e detestada em toda a Europa.

elogiado, festejado; tudo se fazia com pompa. Para provocar o espírito de competição e dar maior interesse à coisa, eu organizava corridas mais longas e aceitava maior número de concorrentes. Mal se colocavam na pista, já os transeuntes paravam para vê-los; as aclamações, os gritos, as palmas os incitavam; eu via às vezes meu rapazinho fremir, levantar-se, gritar quando um deles se achava prestes a alcançar o outro ou a ultrapassá-lo; aquilo era para ele jogos olímpicos.

Entretanto os concorrentes usavam às vezes de trapagens; seguravam-se mutuamente ou se derrubavam, ou punham pedras na passagem um do outro. Isso me deu oportunidade para separá-los e fazê-los partir de diferentes pontos igualmente afastados da meta; ver-se-á logo a razão dessa providência: pois devo tratar desta importante questão com grandes pormenores.

Aborrecido com ver comerem às suas vistas doces de que tinha grande vontade, o senhor cavaleiro percebeu enfim que correr bem podia ser útil a alguma coisa e vendo que também tinha duas pernas, começou a exercitar-se secretamente. Evitei percebê-lo, mas compreendi que meu estratagema dera resultado. Quando se acreditou bastante forte, e eu li antes de seu pensamento, fingiu importunar-me para ter o doce sobrado. Recuso-o, ele se obstina e, despeitado, diz-me ao fim: pois bem, botai-o na pedra, assinalai a pista e nós veremos. Bem digo-lhe rindo, um cavaleiro sabe correr? Ganhareis mais apetite e não com que o satisfazer. Excitado por minha zombaria, ele se esforça e ganha o prêmio tanto mais facilmente, quanto eu havia fixado um percurso muito curto e tomado cuidado de afastar o melhor corredor. Concebe-se como, dado esse primeiro passo, me foi fácil mantê-lo interessado. Dentro em breve se afeiçoou tanto a esse exercício que, em verdade, estava quase certo de vencer meus moleques na corrida, por mais longa que ela fosse.

Essa vantagem obtida produziu outra em que eu não havia pensado. Quando conseguia raramente vencer, ele comia o doce quase sempre só, como o faziam seus concorrentes. Mas, acostumando-se à vitória tornou-se generoso e o partilhava muitas vezes com os vencidos. Isso me deu a mim mesmo uma observação moral e aprendi assim qual o verdadeiro princípio da generosidade.

Continuando com ele a marcar em diferentes lugares os pontos de onde cada um devia partir, estabeleci, sem que o per-

cebesse, distâncias desiguais, de modo que um, precisando fazer mais caminho do que outro para chegar à mesma meta, tinha uma desvantagem visível. E embora eu deixasse a escolha a meu aluno, ele não sabia prevalecer-se dela. Sem pensar na distância, ele escolhia sempre o caminho mais belo; de maneira que, prevendo facilmente sua escolha, eu era mais ou menos senhor de fazê-lo perder ou ganhar o doce segundo a minha vontade; e essa solução tinha também seu interesse a mais de um fim. Entretanto, como meu desejo era que ele se apercesse da diferença, procurei tornar-lha sensível; mas, embora indolente na calma, era tão vivo nos jogos e desconfiava tão pouco de mim, que tive as maiores dificuldades para que entendesse que eu trapaceava. Finalmente consegui algum resultado apesar de seu avoamento e ele mo censurou. Disse-lhe: de que vos queixais? Num dom que quero fazer não sou senhor de dar minhas condições? Quem vos obriga a correr? Escolhei a pista mais curta, ninguém vos impede. Prometi-vos por acaso fazer as pistas iguais? Não podeis escolher? Tomai a mais curta, ninguém impede. Como não vedes que eu vos favoreço e que a desigualdade, quanto à qual reclamais, vos será vantajosa se souberdes aproveitá-la? Isso era claro; ele o compreendeu e para escolher foi preciso olhar mais de perto. Primeiramente ele quis medir os passos, mas a medida dos passos de uma criança é lenta e errônea. Demais eu me lembrei de multiplicar as corridas num mesmo dia e então o divertimento tornando-se uma espécie de paixão, lamentavam perder tempo em medir as pistas em se podendo percorrê-las.

A vivacidade da infância mal se acomoda a tais lentidões; exercitaram-se portanto em ver melhor, em melhor calcular uma distância à vista. Então não tive grande dificuldade em ampliar e alimentar tal gosto. Finalmente, alguns meses de experiências e de erros corrigidos formaram de tal modo seu compasso visual, que, quando eu punha pelo pensamento um doce em algum objeto longínquo, ele tinha o golpe de vista quase tão seguro quanto a fita métrica do agrimensor.

Como a vista é de todos os sentidos aquele de que menos podemos separar os julgamentos do espírito, é preciso muito tempo para ensinar a ver; é preciso ter comparado durante muito tempo a vista ao tato para acostumar o primeiro desses sentidos a dar-nos um relato fiel das formas e das distâncias; sem o tato, sem o movimento progressivo, os mais perspicazes olhos do mundo não poderiam dar-nos nenhuma idéia da extensão. O in-

teiro universo não deve passar de um ponto, para a ostra; não lhe pareceria mais do que isso, ainda que uma alma humana a informasse. É somente à força de andar, de apalpar, de numerar, de medir as dimensões que se aprende a calculá-las; porém se só medíssemos sempre, o sentido, confiando no instrumento, não adquiriria nenhuma precisão. Não deve tampouco a criança passar de repente da medida à estimação; é preciso primeiramente que, continuando a comparar por partes o que não poderia comparar por inteiro, a partes precisas ela substitua partes por estimação e que, ao invés de aplicar sempre com a mão a medida, ela se acostuma a aplicá-la somente com os olhos. Eu gostaria, entretanto, que se verificassem suas primeiras operações mediante medidas reais, a fim de que ela corrigisse seus erros e que, se sobrasse no sentido alguma falsa aparência, aprendesse a retificá-la mediante melhor juízo. Têm-se medidas naturais que são mais ou menos as mesmas em todos os lugares: os passos de um homem, o comprimento de seus braços, sua estatura. Quando uma criança calcula a altura de um andar, seu governante pode servir-lhe de toesa: se calcula a altura de um campanário, ela a mede pelas casas; se quer saber as léguas de estrada, que conte as horas de marcha; e principalmente que nada disso se faça por ela, que ela o faça sozinha.

Não se pode aprender a bem julgar a extensão e o volume dos corpos, sem aprender a conhecer também suas formas e até a imitá-las; e no fundo essa imitação só se atém às leis da perspectiva. E não se pode estimar a extensão através de aparências sem ter alguma compreensão dessas leis. As crianças, grandes imitadoras, tentam todas desenhar: gostaria que a minha cultivasse essa arte, não precisamente pela própria arte e sim para tornar seu olho justo e sua mão flexível. E, em geral, pouco importa que ela saiba tal ou qual exercício, desde que adquira a perspicácia do sentido e os bons hábitos do corpo que se ganham com o exercício. Evitarei por conseguinte dar-lhe um professor de desenho, que só a levaria a imitar imitações e a desenhar segundo desenhos: quero que ela não tenha outro professor senão a natureza, nem outro modelo senão os objetos. Quero que tenha diante dos olhos o original e não o papel que o representa, que esboce uma casa diante de uma casa, uma árvore diante de uma árvore, um homem diante de um homem, a fim de que se acostume a bem observar os corpos e suas aparências e não a tomar imitações falsas e convencionais por verdadeiras imitações. Eu a dissuadirei mesmo de traçar

de memória o que quer que seja na ausência dos objetos, até que, através de observações freqüentes, suas formas exatas se imprimam na sua imaginação; isso de medo que, substituindo à verdade das coisas figuras estranhas e fantasistas, perca o conhecimento das proporções e o gosto pelas belezas da natureza.

Bem sei que dessa maneira ela rabiscará durante muito tempo sem nada fazer de reconhecível, que apreenderá tarde a elegância dos contornos e do traço leve do desenhista, talvez nunca o discernimento dos efeitos pitorescos e o bom gosto do desenho; em compensação, contrairá certamente um golpe de vista mais preciso, uma mão mais segura, o conhecimento das verdadeiras relações de forma e tamanho que existem entre os animais, as plantas, os corpos naturais e uma mais rápida experiência do jogo da perspectiva. Eis precisamente o que quis fazer e minha intenção é menos a de que saiba imitar os objetos do que conhecê-los. Prefiro que desenhe bem uma folha de acanto e desenhe menos bem a folhagem de um capitel.

Por outro lado, nesse exercício como em todos os outros, não pretendo que meu aluno se divirta sozinho. Quero torná-lo mais agradável ainda o divertimento partilhando-o sem cessar com ele. Não quero que tenha outro êmulo senão eu, mas eu serei seu êmulo sem descanso e sem risco; isso dará interesse a suas ocupações sem criar ciúmes entre nós. Pegarei o lápis como ele e o empregarei a princípio tão desastradamente quanto ele. Começarei desenhando um homem como os lacaios os desenham nos muros: um traço para cada braço, um traço para cada perna e dedos mais grossos do que o braço. Muito tempo depois perceberemos, um ou outro, essa desproporção: observaremos que uma perna tem espessura, que esta não é a mesma em toda parte; que o braço tem seu comprimento determinado em relação ao corpo etc. Nessa progressão eu ficarei quando muito no mesmo nível que ele ou tão pouco à frente, que sempre lhe será fácil alcançar-me e muitas vezes ultrapassar-me. Taremos tintas, pincéis; tentaremos imitar o colorido dos objetos e toda a sua aparência tanto quanto sua forma. Ilustraremos, pintaremos, rabiscaremos; mas nunca deixaremos de olhar para a natureza em nossos rabiscos; nunca faremos nada sem atentar para esse mestre.

Estávamos com carência de decoração no nosso quarto, eis uma à mão. Mando enquadrar nossos desenhos; ponho-lhes belos vidros, a fim de que não mais se toque neles e que os vendo

assim, nenhum de nós tenha interesse em negligenciar os seus. Eu os ponho em ordem ao redor do quarto, cada desenho repetido vinte, trinta vezes e mostrando, cada um, os progressos do autor, desde o momento em que a casa não passa de um quadrado quase informe até aquele em que sua fachada, seu perfil, suas proporções, suas sombras se encontram na mais exata verdade. Tais graduações não podem deixar de nos oferecer sem cessar quadros interessantes para nós, curiosos para outros e excitar cada vez mais nossa emulação. Nos primeiros, nos mais grosseiros desses desenhos, ponho molduras mais brilhantes, mais douradas, que os realçam; mas quando a imitação se faz mais exata e que o desenho é realmente bom, não lhes dou senão uma moldura preta muito simples; não precisa embelezar-se, basta-se a si mesmo e seria pena que a moldura partilhasse o mérito do objeto. Assim, cada um de nós aspira à moldura simples e quando quer fazer pouco do desenho do outro, condena-o à moldura dourada. Talvez um dia essas molduras se tornem provérbio entre nós e admiraremos quantos homens se mostram tal qual são enquadrando-se assim.

Disse que a geometria não estava ao alcance das crianças; não é culpa nossa. Não sentimos que seu método não é o nosso e que o que para nós se torna a arte de raciocinar não é para elas senão a arte de ver. Em lugar de lhes impormos nosso método, andaríamos melhor empregando o delas; pois nossa maneira de aprender a geometria é tanto uma questão de imaginação quanto de raciocínio. Quando a proposição é enunciada, cumpre imaginar a demonstração, isto é, encontrar de que proposição já sabida aquela é consequência e, de todas as consequências que se podem tirar dessa mesma proposição, escolher precisamente a de que se trata.

Dessa maneira, o raciocinador mais preciso, se não tiver imaginação não irá longe. Que ocorre então? Ao invés de nos fazerem encontrar as demonstrações, ditam-nas; ao invés de nos ensinar a raciocinar o professor raciocina por nós e só exercita a nossa memória. Desenhai figuras exatas, combinai-as, colocai-as uma sobre a outra, examinai suas relações; descobrireis toda a geometria elementar, indo de observação em observação, sem que haja necessidade de definições nem de problemas, nem de outra forma demonstrativa senão a da simples superposição. Quanto a mim, não pretendo ensinar a geometria a Emílio, ele é que me ensinará. Procurarei relações, ele as encontrará: pois as procurarei de maneira que ele as encontre. Por exemplo, em

lugar de traçar um círculo com um compasso, eu o traçarei com uma ponta presa a um fio girando em volta de um eixo. Depois disso, quando eu quiser comparar os raios entre si, Emílio zombará de mim e me fará compreender que o mesmo fio sempre retesado não pode ter traçado distâncias desiguais.

Se quiser medir um ângulo de sessenta graus, traçarei no vértice desse ângulo um círculo inteiro e não um arco, porque com as crianças nada se deve subentender. Verifico que a parte do círculo compreendida entre os dois lados do triângulo é a sexta parte do círculo. Depois disso, traço no mesmo vértice outro círculo maior e verifico que este segundo arco é também a sexta parte de seu círculo. Traço um terceiro círculo concêntrico sobre o qual faço a mesma experiência, e a continuo com novos círculos até que Emílio, chocado com a minha estupidéz me advirta de que cada arco, grande ou pequeno, será sempre a sexta parte de seu círculo etc. Eis-nos no ponto de empregar o transferidor.

Para provar que os ângulos rasos são iguais a dois retos, traça-se um círculo. Eu, ao contrário, faço de modo que Emílio observe isso primeiramente no círculo e depois digo-lhe: se tirássemos o círculo e as linhas retas, teriam os ânculos mudado de tamanho etc...

Negligenciam a justeza das figuras, supõem-na e apegam-se à demonstração. A coisa mais importante, para nós, será traçar linhas bem retas, bem certas, bem iguais; fazer um quadrado bem perfeito, traçar um círculo bem redondo. Para verificar a justeza da figura, nós a examinaremos por todas as suas propriedades sensíveis e isso nos dará a oportunidade de descobrirmos diariamente novas propriedades. Dobraremos pelo diâmetro os dois meios círculos; pela diagonal as duas metades do quadrado; compararemos nossas duas figuras para ver qual é aquela cujos bordos se ajustam mais exatamente e por conseguinte a mais bem feita; discutiremos se essa igualdade de repartição deve ocorrer sempre nos paralelogramos, nos trapézios etc. Tentaremos por vezes prever o êxito da experiência antes de a ter feito; procuraremos encontrar razões para isso etc.

A geometria, para meu aluno, é apenas a arte de se servir da régua e do compasso; ele não deve confundi-la com o desenho em que não empregará nem uma coisa nem outra. A régua e o compasso estarão fechados a chave e só raramente lhe será permitido empregá-lo e por pouco tempo, a fim de que não se

acostume a rabiscar; mas poderemos de vez em quando levar conosco nossas figuras em nossos passeios e conversar acerca do que tivermos feito ou do que desejarmos fazer.

Não esquecerei nunca ter visto em Turim um rapaz ao qual na infância tinham ensinado as relações dos contornos e das superfícies, dando-lhe todos os dias a escolher dentro de todas as figuras geométricas biscoitos isoperimétricos. O pequeno guloso esgotara a arte de Arquimedes para encontrar na qual havia mais que comer.

Quando uma criança brinca com o arco, exercita o olho e o braço na precisão; quando chicoteia um pião aumenta sua força servindo-se dela, mas sem nada aprender. Perguntei algumas vezes porque não se ofereciam às crianças os mesmos jogos de destreza que têm os homens: a péla, a malha, a flecha, a bola, os instrumentos de música. Responderam-me que alguns desses jogos estavam acima de suas forças e que seus membros e seus órgãos não estavam suficientemente formados para os outros. Acho essas explicações falhas: uma criança não tem a estatura de um homem e não deixa de usar uma roupa como a dele. Não penso em que brinque com nossos tacos num bilhar de três pés de altura; não pretendo que vá jogar pelota em nossos antros, nem que sobrecarregam sua mãozinha com raqueta de jogador de péla; mas que brinque numa sala cujas vidraças se tenham protegido; que só use primeiramente bolas moles, que suas primeiras raquetas sejam de madeira, de pergaminho depois, e finalmente de cordas retesadas na proporção de seus progressos. Preferis o arco porque cansa menos e é sem perigo. Estais errados por ambas as razões. O arco é um jogo de mulher; mas não há nenhuma que não tenha posto uma bola em movimento. Suas peles brancas não devem enrijecer-se com machucaduras e não são contusões o que seus rostos esperam. Mas nós que somos feitos para ser vigorosos pensamos em nos tornar assim sem penas? e de que defesas seremos capazes se nunca somos atacados? Jogamos sempre amedrontadamente os jogos em que podemos ser inábeis sem risco; um arco que cai não machuca ninguém; mas nada desenvolve os braços como dever cobrir a cabeça, nada torna o golpe de vista tão certo como dever cobrir os olhos. Atirar-se de um lado da sala a outro, julgar o pulo de uma bola ainda no ar, devolvê-la com uma mão forte e segura, tais jogos convêm menos ao homem do que servem para servi-lo.

As fibras de uma criança, dizem, são moles demais! Elas têm menos elasticidade, mas elas são mais flexíveis; seu braço direito é fraco mas é em suma um braço. Deve-se fazer dele, com as devidas proporções, tudo o que se faz de outra máquina semelhante. As crianças não têm nas mãos nenhuma habilidade; é por isso que eu quero que lhas dêem; um homem tão pouco exercitado quanto elas não a teria muito mais; nós só podemos compreender o uso de nossos órgãos depois de os termos empregado. Só uma longa experiência nos ensina a tirar proveito de nós mesmos e essa experiência é o verdadeiro estudo a que não nos podem nunca aplicar cedo demais.

Tudo o que se faz é factível. Ora, nada é mais comum que ver crianças hábeis e fortes terem nos membros a mesma agilidade que pode ter um homem. Em quase todas as feiras vemos fazerem equilíbrios, andarem sobre as mãos, saltarem, dançarem na corda bamba. Durante quantos anos grupos de crianças não atraíram com seus bailados espectadores à comédia italiana? Quem não ouviu falar na Alemanha e na Itália do elenco de pantomima do célebre Nicolini? Alguém observou nessas crianças movimentos menos desenvolvidos, atitudes menos graciosas, um ouvido menos afinado, uma dança menos ligeira que nos dançarinos formados? O fato de termos primeiramente os dedos espessos, curtos e grossos, pouco móveis, as mãos gorduchas e pouco capazes de pegarem alguma coisa, impede que muitas crianças saibam escrever ou desenhar na idade em que outras não sabem sequer segurar um lápis ou uma caneta? Toda Paris se lembra ainda da jovem inglesa que com dez anos fazia prodígios no cravo²⁸. Vi na casa de um magistrado seu filho, um menino de oito anos, que punham à mesa, à sobremesa, como uma estátua no meio dos pratos, a tocar um violino quase tão grande quanto ele e surpreender com sua execução os próprios artistas.

Todos esses exemplos e mil outros provam, ao que me parece, que a inaptidão que supomos às crianças quanto aos nossos exercícios é imaginária e que se não os vemos dar resultados em alguns, é porque nunca neles os exercitamos.

Dir-me-ão que caio aqui, em relação aos corpos, no defeito da cultura prematura que censuro às crianças em relação ao

(28) Um menino de sete anos fez depois disso prodígios mais espantosos ainda — Mozart.

espírito. A diferença é muito grande, porque um desses progressos é aparente e o outro é real. Já provei que o espírito que parecem ter, não o têm, enquanto tudo o que parecem fazer eles o fazem. Demais deve-se pensar sempre que tudo isto é ou não deve senão ser jogo, direção fácil ou voluntária dos movimentos que a natureza lhes exige, arte de variar seus divertimentos para tornar-lhes mais agradáveis, sem que jamais o menor constrangimento faça deles trabalho. Porque afinal com que se divertirão que eu não possa fazer um objeto de instrução para eles? E ainda que eu não o pudesse, desde que se divertissem sem inconveniente, e que o tempo passasse, seu progresso em tudo pouco importa ao presente; ao passo que quando é preciso necessariamente ensinar-lhes isto ou aquilo, o que quer que façamos será sempre impossível obter um resultado sem constrangimento, sem zanga e sem aborrecimento.

O que disse a respeito dos dois sentidos cujo emprego é o mais contínuo e o mais importante, pode servir de exemplo da maneira de exercitar os outros. A vista e o tato aplicam-se igualmente sobre os corpos em repouso e sobre os corpos que se movem; mas como só o movimento do ar pode impressionar o sentido do ouvido, só um corpo em movimento faz ruído ou som; e se tudo estivesse em repouso não ouviríamos nada nunca. A noite portanto, em que, não nos movendo senão quanto nos agrada, só temos a temer os corpos que se movem, cumpre-nos ter o ouvido atento e poder julgarmos, pela sensação que nos impressiona, se o corpo que a causa é grande ou pequeno, remoto ou próximo: se sua repercussão é violenta ou fraca. O ar estremecido é sujeito a repercussões que o refletem, que produzem ecos, repetem a sensação e fazem com que se ouça o corpo ruidoso ou sonoro em outro lugar que aquele em que está. Se, numa planície ou num vale pusermos o ouvido no chão, ouvimos o passo dos cavalos ou a voz dos homens de muito mais longe que ficando em pé.

Como comparamos a vista ao tato, cabe comparar a mesma ao ouvido e saber qual das duas impressões, partindo a um tempo do mesmo corpo, chegará mais rapidamente a seu órgão. Quando se vê o fogo de um canhão ainda se pode resguardar-se do tiro. Mas desde que se ouça o ruído, não há mais tempo, a bala já está presente. Pode-se julgar da distância em que ocorre o trovão pelo intervalo de tempo que se verifica entre o relâmpago e o ruído. Fazei com que a criança conheça todas

essas experiências; que realize as que estão a seu alcance e que preceba as outras por indução, mas prefiro ainda que as ignore a que vós lhas digais. Temos um órgão que corresponde ao ouvido, isto é, o da voz; não temos igualmente um que corresponda ao da vista e não reproduzimos as cores como os sons. É mais um meio para cultivar o primeiro sentido, exercitando o órgão ativo e o órgão passivo um pelo outro.

O homem tem três espécies de voz, a voz falante ou articulada, a voz cantante ou melodiosa e a voz patética ou acentuada que serve de linguagem às paixões e que anima o canto e a palavra; a criança tem essas três espécies de voz, bem como o homem, sem as saber aliar da mesma maneira. Ela tem como nós o riso, os gritos, as queixas, a exclamação, os gemidos, mas não sabe misturar as inflexões às duas outras vozes. Uma música perfeita é a que reúne as três vozes. As crianças são incapazes dessa música e seu canto nunca tem alma. Da mesma forma em sua voz falada sua linguagem não tem acento; gritam mas não acentuam; e assim como não têm acento em seus discursos, há pouca energia em sua voz. Nosso aluno terá a fala mais unida, mais simples ainda, porque suas paixões não estando despertadas, não misturarão sua linguagem à dele. Não lhe deis a recitar papéis de tragédia e de comédia, nem queirais que aprenda, como se diz, a declamar. Ele terá demasiado bom senso para dar um tom a coisas que não pode entender, e expressão a sentimentos que não experimenta.

Ensinai-o a falar claramente, a bem articular, a pronunciar exatamente e sem afetação, a conhecer e a seguir o acento gramatical e a prosódia, a sempre falar bastante alto para ser ouvido, porém não mais do que necessário, defeito comum às crianças educadas em colégios. Em tudo nada de supérfluo.

Do mesmo modo, no canto, tornai-lhe a voz justa, igual, flexível, sonora; seu ouvido sensível à medida e à harmonia e nada mais. A música imitativa e o teatro não são de sua idade; não gostaria sequer que cantasse as palavras; se desejasse cantar, eu procuraria fazer canções a seu nível, interessantes para sua idade e tão simples quanto suas idéias.

É evidente que, tendo tão pouca pressa em ensinar-lhe a ler a escrita, não terei mais em ensinar-lhe a ler a música. Afastemos de seu cérebro toda atenção penosa e não nos apressemos em fixar seu espírito em sinais convencionais. Isto, confesso,

parece-me ter certa dificuldade; pois se o conhecimento das notas não se afigura, de início, mais necessário para saber cantar do que o das letras para saber falar, há contudo a diferença de que, falando, exprimimos nossas próprias idéias e, cantando, as de outros. Ora, para exprimi-las é preciso lê-las.

Mas, primeiramente, antes de as ler pode-se ouvi-las e um canto mais facilmente impressiona os ouvidos do que os olhos. Demais para bem saber música não basta expressá-la, é preciso compô-la e uma coisa deve ser aprendida com a outra, sem o que nunca se sabe bem. Exercitai inicialmente vosso pequeno músico a fazer frases bem regulares, bem cadenciadas; em seguida a ligá-las mediante uma modulação muito simples, finalmente a marcar suas relações através de uma pontuação correta, o que se faz pela boa escolha das cadências e das pausas. Nunca principalmente cantos estranhos, nada de patético nem de expressão. Uma melodia sempre cantante e simples, sempre derivante das cordas essenciais do tom, e sempre indicando de tal maneira a baixa que ele a sinta e a acompanhe sem dificuldade; pois para se formar a voz e o ouvido nunca se deve cantar senão ao cravo.

Para mais bem marcar os sons cumpre articulá-los pronunciando-os; daí o uso de solfejar com certas sílabas. Para distinguir as graduações é preciso dar-lhes nomes, bem como a seus diferentes termos fixos; daí os nomes dos intervalos e também das letras do alfabeto com que se assinalam as teclas do teclado e as notas da gama. C e A designam sons fixos invariáveis, sempre expressos pelas mesmas teclas. *Ut* e *lá* são outra coisa. *Ut* é constantemente a tônica de um modo maior ou a mediantes de um modo menor. *Lá* é constantemente a tônica de um modo menor ou a sexta nota de um modo maior. Assim as letras marcam os termos imutáveis das relações de nosso sistema musical e as sílabas marcam os termos homólogos das relações semelhantes em diversos tons. As letras indicam as teclas do teclado e as sílabas as graduações do modo. Os músicos franceses embaralharam estranhamente essas distinções; confundiram o sentido das sílabas com o sentido das letras; e dobrando inutilmente os sinais das teclas não deixaram sinais para exprimir as cordas dos tons; de maneira que para eles *ut* e C são sempre a mesma coisa, o que não é e não deve ser, pois então para que serviria C? Por isso seu modo de solfejar é de uma dificuldade excessiva sem ser de nenhuma utilidade, sem fornecer nenhuma idéia nítida ao espírito, porquanto, por

esse método as duas sílabas *ut* e *mi*, por exemplo, podem igualmente significar uma terça maior, menor, supérflua ou atenuada. Em virtude de que estranha fatalidade o país do mundo onde se escrevem os mais belos livros sobre a música é precisamente aquele em que se aprende mais dificilmente?

Sigamos com nosso aluno uma prática mais simples e mais clara; que só haja para ele dois modos cujas relações sejam sempre as mesmas e sempre indicadas pelas mesmas sílabas. Tocando ou cantando, que ele saiba estabelecer seu modo segundo cada um dos doze sons que podem servir de base e que modulando em D, em C, em G, a final seja sempre *lá* ou *ut* segundo o modo. Dessa maneira, ele vos compreenderá sempre; as relações essenciais do modo para cantar e tocar com justeza estarão sempre presentes em seu espírito, sua execução será mais nítida e seus progressos mais rápidos. Não nada mais estranho do que aquilo a que os franceses chamam solfejar ao natural; é afastar as idéias da coisa para substituí-las por outras a ela estranhas, que não fazem senão desnortear. Nada é mais natural do que solfejar por transposição, quando o modo é transposto. Mas já falamos demais da música: ensinaí-a como quiserdes, desde que não passe de um divertimento.

Eis-nos bem alertados acerca do estado dos corpos estranhos em relação ao nosso, de seu peso, de sua forma, de sua cor, de sua solidez, de seu tamanho, de sua distância, de sua temperatura, de sua estabilidade, de seus movimentos. Estamos instruídos acerca dos que convêm que aproximemos ou afastemos de nós, da maneira por que devemos agir para dominar sua resistência ou para opor-lhes uma que nos preserve de sermos por eles ofendidos, mas não é bastante; nosso próprio corpo se esgota sem cessar, precisa sem cessar ser renovado. Embora tenhamos a faculdade de transformar outros em nossa própria substância, a escolha não é indiferente: nem tudo é alimento para o homem; e, entre as substâncias que o podem ser, as há mais ou menos convenientes, segundo a constituição de sua espécie, segundo o clima em que ele habita, segundo seu temperamento particular e segundo a maneira de viver que sua condição lhe prescreve.

Morreríamos de fome ou envenenados, se devêssemos esperar para escolher os alimentos que nos convêm, que a experiência nos ensinasse a conhecê-los e a escolhê-los; mas a suprema bondade que fez do prazer dos seres sensíveis, o ins-

trumento de sua conservação, nos avisa, pelo que agrada ao nosso paladar, do que convém a nosso estômago. Não há naturalmente, para o homem, médico mais seguro que seu próprio apetite; e em se o tomando em seu estado primitivo, não duvido que os alimentos que achasse mais agradáveis lhe fossem os mais saudáveis.

Há mais. O Autor das coisas não provê apenas nossas necessidades próprias, sempre ainda as que nos damos nós mesmos; e foi para pôr sempre o desejo ao lado da necessidade, que fez com que nossos gostos mudem e se alterem com nossas maneiras de viver. Quanto mais nos afastamos do estado de natureza mais perdemos nossos gostos naturais; ou melhor, o hábito cria em nós uma segunda natureza que substituímos a tal ponto à primeira, que nenhum de nós conhece mais esta.

Decorre disso que os gostos mais naturais devem ser também os mais simples; porque são os que se transformam mais facilmente. Ao passo que se aguçando, se irritando com nossas fantasias, adquirem uma forma que não muda mais. O homem que não é ainda de nenhum país adapta-se sem dificuldade aos usos de qualquer país; mas o homem de um país não se torna mais o de outro.

Isso me parece verdadeiro em todos os sentidos e mais ainda aplicado ao gosto propriamente dito. Nosso primeiro alimento é o leite; só aos poucos nos acostumamos aos sabores fortes; de início eles nos repugnam. Frutas, legumes, verduras e enfim algumas carnes grelhadas, sem tempero de nenhuma espécie e sem sal, fizeram os festins dos primeiros homens²⁹. A primeira vez que um selvagem bebe vinho, faz careta e rejeita-o; e, mesmo entre nós, quem viveu até aos vinte anos sem provar bebidas fermentadas a elas não se acostuma; seríamos todos abstêmios se não nos dessem vinho na infância. Finalmente, quanto mais simples nossos gostos, mais universais; as repugnâncias mais comuns recaem nos pratos complicados. Viu-se jamais alguém ter nojo de água e pão? Eis o que indica a natureza, eis também a nossa regra. Conservemos na criança seu gosto primitivo o mais possível; que sua alimentação seja comum e simples, que seu paladar só se familiarize com sabores pouco condimentados e não adquira um gosto exclusivo.

(29) Vede a *Arcadia* de Pausânias; vede também o trecho de Plutarco adiante transcrito.

Não examino aqui se essa maneira de viver é mais sadia ou não; não é por este aspecto que a encaro. Basta-me saber, para preferi-la, que é a que mais se aproxima da natureza, e a que mais facilmente se pode dobrar a qualquer outra. Os que dizem que é preciso acostumar as crianças aos alimentos que terão quando grandes, não raciocinam bem, parece-me. Porque sua alimentação deverá ser a mesma, se sua maneira de viver será tão diferente? Um homem esgotado de trabalho, de preocupações, de penas, precisa de alimentos suculentos que levem um novo espírito ao cérebro; uma criança que mal engatinha e cujo corpo cresce, tem necessidade de uma alimentação abundante que produza muito quilo. Demais o homem feito já tem sua condição, seu emprego, seu domicílio; mas quem pode estar certo do que a sorte reserva à criança? Em nada lhe demos uma forma tão determinada que lhe custe demais mudar, se preciso. Não façamos com que morra de fome em outros países se não levar por toda parte, em seu séquito, um cozinheiro francês, nem que diga um dia que só se sabe comer na França. Eis, entre parênteses, um elogio divertido! Eu diria, ao contrário, que somente os franceses não sabem comer, posto que é preciso uma arte tão particular para tornar seus pratos comíveis.

Entre as nossas diversas sensações, o gosto dá as que geralmente nos afetam mais. Por isso estamos mais interessados em julgar as substâncias que devem fazer parte da nossa do que as que somente a cercam. Mil coisas são indiferentes ao tato, à vista, ao ouvido; quase nenhuma é indiferente ao gosto.

Demais, a atividade desse sentido é toda física e material; é o único que não fala à imaginação, aquele, ao menos, em cujas sensações ela entra menos; ao passo que a imitação e a imaginação misturam muitas vezes o moral à impressão de todos os outros. Por isso, geralmente, os corações ternos e voluptuosos, os caracteres apaixonados e realmente sensíveis, fáceis de se comoverem pelos outros sentidos, são assaz indiferentes a esse. Do próprio fato de que parece colocar-se o gosto abaixo deles, e tornar mais desprezível a inclinação que a este nos entrega, eu concluiria que o meio mais conveniente de governar as crianças é levá-las pela boca. O móvel da gulodice é principalmente preferível ao da vaidade, porquanto a primeira é um apetite da natureza, preso imediatamente ao sentido, e a segunda é obra da opinião, sujeita aos caprichos dos homens

e a toda espécie de abusos. A gulodice é a paixão da infância; essa paixão não resiste a nenhuma outra; desaparece ante a menor concorrência. E, acreditai-me, a criança deixará sempre cedo demais de pensar no que come; e quando seu coração estiver demasiado ocupado, seu paladar não o preocupará absolutamente. Quando for grande, mil sentimentos impetuosos substituirão a gulodice e não abolirão a vaidade; pois esta última paixão sozinha tira seu proveito das outras e ao fim as engole todas. Examinei por vezes essas pessoas que davam importância aos bons pratos, que pensavam, ao despertarem, no que comeriam durante o dia e descreviam uma refeição com maior exatidão do que Políbio descreve um combate. Verifiquei que esses pretensos homens não passavam de crianças de quarenta anos, sem vigor e sem consistência, *fruges consumere nati*. A gulodice é o vício dos corações sem estofo. A alma de um guloso está toda no seu paladar; ele só é feito para comer; na sua estúpida incapacidade só à mesa está em seu lugar, só sabe julgar de pratos. Deixemo-lo sem lamentar esse emprego; mais lhe beneficia esse que um outro e tanto melhor para nós como para ele.

Temer que a gulodice se enraíze numa criança capaz de alguma coisa é uma precaução tola. Na infância só se pensa no que se come; na adolescência não se pensa mais nisso; tudo serve e tem-se outra coisa na cabeça. Não gostaria, entretanto, que se apelasse indiscretamente para tão baixo impulso, nem se assentasse num bom petisco a honra de uma bela ação. Mas não vejo porque, não sendo toda a infância, ou não devendo ser, senão jogos e divertimentos galhofeiros, exercícios puramente corporais não teriam um valor material e sensível. Não será justo que um menino de Maiorca, vendo um cesto no alto de uma árvore e o derrubando com uma fronda, aproveite, e um bom almoço renove a força que gastou para ganhá-lo³⁰? E se um jovem espartano, correndo o risco de cem chicotadas, se introduz habilmente numa cozinha, vê uma raposinha viva, carrega-a na sua vestimenta, é arranhado, ensanguentado, e para não sentir a vergonha de ser surpreendido, deixa-se ferir sem dar um grito, sem pestanejar, não será justo que aproveite enfim sua presa e a coma depois de ter por ela sido comido? Nunca

(30) Há séculos que os maiorquinos perderam o uso da fronda; esse é do tempo da celebridade de seus frondeiros.

uma boa refeição deve ser uma recompensa; mas por que não seria por vezes o resultado dos cuidados tomados para consegui-la? Emílio não encara o doce que coloquei na pedra como um prêmio por ter bem corrido; sabe tão-somente que o único meio de ter o doce é chegar à meta antes dos outros.

Isto não contradiz as máximas que propus há pouco acerca da simplicidade dos pratos, sim porque para provocar o apetite das crianças, não se trata de excitar sua sensualidade e sim, tão-somente, de satisfazê-la; e isto se obterá com as coisas mais comuns do mundo, desde que não se procure requintar-lhe o gosto. Seu apetite contínuo, que a necessidade de crescer excita, é um condimento seguro que substitui outros. Frutas, laticínios, alguma coisa de forno mais delicada que o pão comum, e principalmente a arte de distribuir sobriamente tudo isto: eis com que levar exércitos de crianças ao fim do mundo, sem lhes desenvolver o gosto pelos sabores fortes, nem correr o risco de lhes corromper o paladar.

Uma das provas de que o gosto pela carne não é natural no homem, é a indiferença que têm as crianças por esse alimento e a preferência que dão a todos os alimentos vegetais, aos laticínios, aos doces, às frutas etc. É principalmente importante não corromper esse gosto natural e não tornar as crianças carnívoras; se não por sua saúde, por seu caráter; pois, como quer que se explique a experiência, o fato é que os grandes comedores de carne são em geral cruéis e ferozes mais do que os outros homens; esta observação é de todos os lugares e de todos os tempos. A barbaria inglesa é conhecida³¹; os guebros, ao contrário, são os mais afáveis dos homens³². Todos os selvagens são cruéis e seus costumes não os levam a sê-lo: essa crueldade vem de seus alimentos. Vão à guerra como à caça e tratam os homens como ursos. Na própria Inglaterra os açougueiros não são aceitos como testemunhas³³, como não o são

(31) Bem sei que os ingleses louvam muito sua humanidade e o bom natural de sua nação, a que chamam *good natured people*; mas por mais que o proclamem, ninguém o repete com eles.

(32) Os banianos (brâmanes), que se abstêm de carne mais severamente do que os guebros, são quase tão mansos; mas como sua moral é menos pura e seu culto menos racional, eles não são tão boa gente.

(33) Um dos tradutores ingleses deste livro anotou meu engano e ambos o corrigiram. Os açougueiros e os cirurgiões são aceitos

os cirurgiões. Os grandes celerados tornam-se indiferentes à morte, bebendo sangue. Homero faz dos Ciclopes, comedores de carne, homens horrendos, e dos Lotófagos um povo tão amável, que quando se entrava em relações com ele esquecia-se seu próprio país para viver em sua companhia.

"Perguntas-me, dizia Plutarco, porque Pitágoras se abstinha de comer carne de animais; mas eu te pergunto, ao contrário, que coragem de homem teve o primeiro que aproximou de sua boca uma carne ferida, que quebrou com os dentes os ossos de um bicho agonizante, que fez servirem diante de si corpos mortos, cadáveres, e jogou no estômago membros de animais que, momentos antes, baliavam, mugiam, andavam e enxergavam. Como pôde sua mão afundar um ferro no coração de um ser sensível? Como seus olhos puderam suportar uma morte? Como pôde ver sangrar, esfolar, esquartejar um pobre animal sem defesa? Como pôde suportar o aspecto das carnes palpitantes? Como seu cheiro não lhe provocou náuseas? Como não ficou enojado, repugnado, tomado de horror quando chegou a comer a imundície dessas feridas, a limpar o sangue preto e coagulado que as cobria?

*As peles partiam-se sobre a terra, esfoladas,
As carnes ao fogo mugiam no espêto;
O homem não as pôde comer sem fremir,
e em seu seio as ouviu gemerem.*

"Eis o que ele deve ter imaginado e sentido da primeira vez que venceu a natureza para fazer tão horríveis refeições, a primeira vez que teve fome de um animal vivo, que quis se alimentar de um bicho que pastava ainda, e que disse como era preciso matar, esquartejar, cozinhar a ovelha que lhe lambia as mãos. É dos que iniciaram esses cruéis festins e não dos que os abandonam que devemos nos espantar: e esses ainda podiam justificar sua barbaria com desculpas de que a nossa carece e cuja falta nos torna ainda mais bárbaros do que eles.

"Mortais bem amados dos deuses, nos diriam esses primeiros homens, vede a que ponto sois felizes e nós éramos mi-

como testemunhas; mas os primeiros não são admitidos como jurados no julgamento dos crimes e os segundos o são.

seráveis. A terra recém-formada e os ares cheios de vapores eram ainda indolentes à ordem das estações; o curso incerto dos rios destruíram-lhes as margens todas; lagoas, lagos, profundos pantanais inundavam os três quartos da superfície do mundo; a outra era coberta por bosques e florestas estéreis. A terra não produzia nenhum fruto bom; não tínhamos nenhum instrumento de lavração; ignorávamos a arte de empregá-los e o momento da colheita não chegava nunca para quem não tinha semeado nada. Por isso a fome não nos abandonava. No inverno o musgo e a casca das árvores eram nossos alimentos habituais; algumas raízes verdes de grama e de urzes eram para nós um regalo; e quando os homens conseguiam encontrar faias, nozes ou bolotas, dançavam de alegria ao redor de um carvalho ou de uma faia ao som de alguma canção rústica, chamando à terra sua nutriz e sua mãe; era sua única festa; eram seus únicos jogos; todo o resto da vida humana não passava de dor, pena e miséria.

“Finalmente, quando a terra despojada e nua nada mais nos oferecia, forçados a ultrajar a natureza para conservar-nos, comíamos os companheiros de nossa miséria de preferência a morrer com eles. Mas vós, homens cruéis, quem vos obriga a derramar sangue? Vede que afluência de bens vos cerca! Quantos frutos a terra produz para vós! Quantas riquezas vos dão os campos e os vinhedos! Quantos animais vos oferecem seu leite para vos alimentardes e sua lã para vos vestirdes! Que lhes pedis mais? E que furor vos leva a cometer tantas mortes, fartos de bens e com abundância de víveres? Por que mentis contra vossa mãe acusando-a de não poder alimentar-vos? Porque pecai contra Ceres, inventora das santas leis e contra o gracioso Baco, consolador dos homens? Como se seus dons prodigalizados não bastassem à conservação do gênero humano! Como tendes a coragem de misturar em vossas mesas ossos a seus frutos, e comer com o leite o sangue dos animais que o vos dão? As panteras e os leões, a que chamais animais ferozes, seguem seu instinto por força das coisas e matam os outros animais para viver. Mas vós, cem vezes mais ferozes do que eles, combateis o instinto sem necessidade, para vos entregardes a vossas cruéis delícias. Os animais que comeis não são os que comem os outros; vós não comeis esses animais carnívoros, vós os imitais; só tendes fome de bichos inocentes que não fazem mal a ninguém, que se apegam a vós, que vos servem e que, devorais como paga de seus serviços.

“O assassino contra a natureza! se te obstinas em sustentar que ela te fez para devorar teus semelhantes, seres de carne e ossos, sensíveis e vivos como tu, sufoca então o horror que te inspira por tão horrendas refeições; mata os animais com tuas próprias mãos, sem ferros nem facões; despedaça-os com as unhas como fazem os leões e os ursos; morde o boi e põe-no em pedaços; afunda tuas garras na sua pele; come vivo o carneirinho, devora suas carnes ainda quentes, bebe sua alma com seu sangue. Tremes? não ousas sentir palpitar entre os dentes uma carne viva! Homem digno de lástima, comes matando o animal e depois o comes, como que para fazê-lo morrer duas vezes. E não basta: a carne morta ainda te repugna, tuas entranhas não a podem suportar; é preciso transformá-la pelo fogo, cozê-la, assá-la, condimentá-la com drogas que a mascaram: precisas de salsicheiros, de cozinheiros, de assadores, gente que tire de ti o horror da morte e vista os corpos mortos, a fim de que, iludido por esses disfarces, o paladar não rejeite o que lhe é estranho e saboreie com prazer cadáveres cujo aspecto o próprio olho mal suportaria.”

Embora este trecho seja estranho a meu assunto, não pude resistir à tentação de transcrevê-lo e acho que poucos leitores mo censurarão.

Demais, qualquer que seja a dieta que deis às crianças, desde que as acostumeis a alimentos comuns e simples, deixai-as que comam, corram e brinquem quanto lhes agrade; podeis ter certeza de que não comerão nunca demasiado e não terão indigestões; mas se as deixardes com fome metade do tempo, e que encontrem jeito de escapar a vossa vigilância, comerão até se encherem, até rebentarem. Nosso apetite só é desmedido porque queremos dar-lhe outras regras que não as da natureza; sempre regrando, prescrevendo, acrescentando, cortando, nada fazemos sem a balança na mão; mas essa balança é de nossa fantasia, não de nosso estômago. Volto sempre a meus exemplos. Entre os camponeses a arca e o armário das frutas estão sempre abertos, e nem as crianças nem os homens sabem o que seja indigestão.

Se acontecesse, entretanto, que uma criança comesse demais, o que não acredito possível com meu método, mediante divertimentos de seu gosto conseguir-se-ia esgotá-la de inanição sem que pensasse sequer em comer. Como meios assim

tão fáceis e seguros escapam a todos os institutores? Heródoto conta que os Lídios, atormentados por extrema penúria de alimentos, lembraram-se de inventar jogos e divertimentos com os quais enganavam a fome e passavam dias inteiros sem pensar em comer³⁴. Vossos sábios institutores talvez tenham lido cem vezes tal trecho sem perceberem como o aplicar às crianças. Algum deles me dirá, talvez, que uma criança não larga de bom grado seu jantar para ir estudar sua lição. Mestre, tendes razão: não estou pensando nesse divertimento.

O sentido do olfato está para o do paladar como o da vista para o do tato; ele o previne, ele o adverte da maneira pela qual tal ou qual substância deve afetá-lo e dispõe-no a procurá-la, ou evitá-la segundo a impressão recebida de antemão. Ouvi dizer que os selvagens têm o olfato bem mais sensível do que o nosso e julgam diferentemente os bons e os maus odores. Acredito que assim seja. Os odores em si são sensações fracas; abalam mais a imaginação do que os sentidos e afetam menos pelo que dão do que pelo que induzem a esperar. Aceita a suposição, tornando-se os gostos de uns, em virtude de sua maneira de viver, diferentes dos gostos de outros, devem levá-los a juízos opostos dos sabores e por conseguinte dos odores que os anunciam. Um Tártaro deve farejar com tanto prazer um cavalo morto quanto nossos caçadores uma perdiz semipodre.

Nossas sensações gratuitas, como a de sentirmos o perfume das flores de um canteiro, devem ser insensíveis a homens que andam demais para gostarem de passear e que não trabalham bastante para fazerem uma volúpia do descanso. Gente sempre esfomeada não pode ter grande prazer em perfumes que não sugerem algo que comer.

O olfato é o sentido da imaginação; dando aos nervos um tom mais forte, deve agitar muito o cérebro; é por isso que reanima durante um momento o temperamento e o esgota afinal.

(34) Os historiadores antigos são cheios de pontos de vista que poderíamos adotar, ainda que os fatos com que os apresentam fossem falsos. Mas não sabemos tirar nenhum proveito útil da história; a crítica de erudição tudo absorve; como se importasse muito que um fato seja verdadeiro, desde que se possa tirar dele uma lição útil. Os homens sensatos devem encarar a história como uma sucessão de fábulas, cuja moral é muito apropriada ao coração humano.

Tem no amor efeitos bastante conhecidos; o perfume doce de um gabinete feminino não é uma armadilha tão frágil quanto se pensa; e não sei se se deve felicitar um homem muito bem comportado e pouco sensível ao odor das flores que sua amante traz no seio, ou se se deve ter pena dele.

O olfato não deve pois ser muito ativo na primeira infância, em que a imaginação, ainda pouco animada por paixões, não é muito suscetível de emoção e em que não se tem ainda suficiente experiência para prever com um sentido o que nos promete outro. De resto, essa consequência é perfeitamente confirmada pela observação; e é certo que esse sentido é ainda mais obtuso e quase aturdido na maioria das crianças. Não por não ser nelas a sensação tão fina e talvez mais do que nos homens, mas porque não juntando a ela nenhuma outra idéia, não são tomadas facilmente por um sentimento de prazer ou de desgosto e que não experimentam euforia ou dor como nós. Creio que, sem sair do mesmo sistema e sem recorrer à anatomia comparada dos dois sexos, encontraríamos facilmente a razão por que as mulheres em geral são mais vivamente afetadas pelos odores do que os homens.

Dizem que os selvagens do Canadá tornam seu olfato tão sensível já na juventude que, embora tenham cães, não se dignam servir-se deles na caça, eles próprios são seus cães. Admito, com efeito, que se se ensinasse a criança a farejar seu jantar como o cão fareja e levanta a caça, chegar-se-ia talvez a aperfeiçoar-lhe o olfato no mesmo grau; mas não vejo, no fundo, que se possa tirar, nela, desse sentido uma aplicação muito útil, senão a de tornar-lhe conhecidas suas relações com o sentido do gosto. A natureza cuidou de nos pôr a par dessas relações. Ela tornou a ação deste último sentido quase inseparável da do outro, fazendo seus órgãos vizinhos e colocando na boca uma comunicação imediata entre ambos, de modo que nada provamos sem lhe sentirmos o cheiro. Quisera apenas que não se alterassem essas relações naturais a fim de enganar uma criança, cobrindo, por exemplo com um aroma agradável o mau gosto de um remédio; pois a discordância entre os dois sentidos é grande demais então para poder abusá-la; o sentido mais ativo absorvendo o efeito do outro, ela não toma o remédio com menos desgosto. Esse desgosto estende-se a todas as sensações que o atingem ao mesmo tempo; à presença da mais fraca, sua imaginação lembra-lhe a outra; um perfume muito

suave passa a ser para ela um odor nojento; e é assim que nossas precauções indiscretas aumentam a soma das sensações desagradáveis em detrimento das agradáveis.

Resta-me falar nos livros seguintes do desenvolvimento de uma espécie de sexto sentido, denominado senso comum, menos por ser comum a todos os homens, do que por resultar do uso bem regrado dos outros sentidos e por nos instruir acerca da natureza das coisas pelo concurso de todas as suas aparências. Esse sexto sentido não tem, portanto, um órgão particular: reside unicamente no cérebro e suas sensações, puramente internas, chamam-se percepções ou idéias. É pelo número dessas idéias que se mede a extensão de nossos conhecimentos: é sua nitidez, sua clareza, que faz a justeza de nosso espírito; é a arte de as comparar entre si que chamam razão humana. Assim aquilo a que eu chamava razão sensitiva ou pueril consiste em formar idéias simples mediante o concurso de várias sensações; e aquilo a que chamo razão intelectual ou humana consiste em formar idéias complexas mediante o concurso de várias idéias simples.

Supondo portanto que meu método seja o da natureza e que eu não me tenha enganado na aplicação, teremos levado nosso aluno, através do país das sensações até os confins da razão pueril: o primeiro passo que vamos dar além deve ser um passo de homem. Mas antes de entrar neste novo caminho deitemos os olhos no que acabamos de percorrer. Cada idade, cada condição na vida tem sua perfeição conveniente, sua espécie de maturidade própria. Amiúde ouvimos falar de um homem feito; mas consideremos uma criança feita; este espetáculo será mais novo para nós e não será talvez menos agradável.

A existência dos seres acabados é tão pobre, tão limitada, que, quando só vemos o que é, não nos comovemos nunca. São as quimeras que enfeitam os objetos reais; e se a imaginação não acrescenta um encanto ao que nos impressiona, o estéril prazer que disto tiramos cinge-se ao órgão e deixa sempre o coração frio. A terra adornada com os tesouros do outono exhibe uma riqueza que o olho admira; mas essa admiração não é comovente, vem mais da reflexão que do sentimento. Na primavera, o campo quase nu não se acha ainda coberto de nada, os bosques não oferecem sombra, a verdura mal começa a surgir e o coração se comove com seu aspecto. Vendo renascer

assim a natureza, a gente também se sente reanimar; cerca-nos a imagem do prazer; essas companheiras da volúpia, as doces lágrimas, sempre prestes a juntar-se a todo sentimento delicioso já molham nossas pálpebras; mas o aspecto das vindimas, por mais que seja animado, agradável, nós o vemos sempre de olhos secos.

Por que essa diferença? É que ao espetáculo da primavera a imaginação une o das estações que se devem seguir; aos tenros brotos que o olho percebe, ela acrescenta as flôres, os frutos, as sombras, por vezes os mistérios que elas podem cobrir. Ela reúne em um ponto tempos que se devem suceder, e vê menos os objetos como são do que como os deseja, porque depende delas escolhê-los. No outono, ao contrário, não se tem mais a ver senão o que é. Se queremos chegar à primavera, o inverno nos detém e a imaginação enregelada expira sobre a neve e o gelo.

Essa é a fonte do encanto que encontramos em contemplar uma bela infância preferivelmente na perfeição da idade adulta. Quando experimentamos um verdadeiro prazer em ver um homem? é quando a memória de suas ações nos faz retroceder em sua vida e o rejuvenesce, por assim dizer, aos nossos olhos. Se somos levados a considerá-lo tal qual é ou a supô-lo tal qual será em sua velhice, a idéia da natureza declinante apaga nosso prazer. Não há nenhum em ver avançar um homem a grandes passos para sua tumba e a imagem da morte torna tudo feio.

Mas quando eu imagino um menino de dez a doze anos, sadio, vigoroso, bem formado para sua idade, ele não dá origem a uma idéia que não seja agradável tanto no presente como no futuro; eu o vejo vivo, animado, sem preocupação atormentando, sem longa e penosa previdência, todo atento a sua sorte atual, e gozando de uma plenitude de vida que parece querer estender-se fora de si. Eu o prevejo numa outra idade exercitando seus sentidos, seu espírito, suas forças, que se desenvolvem dia a dia e de que ele dá a cada instante novos índices; eu o contemplo criança e ele me agrada; eu o imagino homem e ele me agrada mais ainda; seu sangue ardente parece aquecer o meu; acredito viver sua vida e sua vivacidade me rejuvenesce.

A hora soa, que mudança! No mesmo momento sua alegria arrefece, seu olho se apaga; adeus a alegria, adeus os jogos

gratuitos. Um homem severo e zangado toma-a pela mão e diz-lhe gravemente: Vamos, rapaz, e arrasta-o. No quarto onde entram entrevejo livros. Livros! Que triste mobiliário para sua idade! O pobre menino deixa-se arrastar, volta um olhar de saudade para tudo o que o cerca, cala-se, e vai-se, os olhos cheios de lágrimas que não ousa verter e o coração cheio de suspiros que não ousa exalar.

Ó tu que nada de semelhante tens a temer, tu para quem nenhum tempo na vida é um tempo de aborrecimento e de inquietação, tu que vês chegar o dia sem inquietação, a noite sem impaciência, e só contas as horas por teus prazeres, vem, meu feliz, meu amável aluno consolar-nos com tua presença da partida desse desgraçado: vem... chega e sinto à sua aproximação, um movimento de alegria que o vejo compartilhar. É seu amigo, é seu camarada, é o companheiro de seus jogos que ele encontra; está bem certo, vendo-me, que não ficará muito tempo sem divertimento; nunca dependemos um do outro, sempre nos entendemos, e com ninguém estamos melhor do que juntos.

Sua figura, seu porte, sua maneira de ser denunciam a segurança e a satisfação; a saúde brilha em seu rosto; seus passos firmes dão-lhe um ar de vigor; sua tez ainda delicada sem ser insossa nada tem de uma moleza efeminada; o ar e o sol nela já puseram a marca honrosa de seu sexo; seus músculos ainda moles começam a acentuar alguns traços de uma fisionomia nascente, seus olhos que o fogo do sentimento não ama ainda, têm pelo menos toda a sua serenidade nativa³⁵; longas tristezas não os obscureceram, lágrimas sem fim não sulcaram ainda suas faces. Vede em seus movimentos prontos mas seguros, a vivacidade de sua idade, a firmeza de sua independência, a experiência dos exercícios multiplicados. Ele parece aberto e livre mas não insolente e vão; seu rosto que não se colou sobre livros não lhe cai sobre o estômago; não se tem necessidade de dizer-lhe: erguei a cabeça. Nem a vergonha nem o temor a fizeram jamais baixar.

Demos-lhe um lugar no meio da assembléia: senhores, examinai-o, interrogai-o em toda confiança; não temais nem suas

(35) *Natia*. Emprego esta palavra numa acepção italiana por não encontrar um sinônimo em francês. Se erro, pouco importa conquanto me entendam.

importunidades nem suas baboseiras, nem suas perguntas indiscretas. Não tenhais medo de que se assenhoreie de vós, que pretenda com que vós vos ocupeis dele tão sómente e que não possais mais desfazer-vos dele.

Não espereis dele tampouco propósitos agradáveis nem que vos diga o que eu lhe houvera ditado; esperai unicamente a verdade ingênua e simples, sem ornato, sem arranjo e sem vaidade. Ele vos dirá o mal que tiver feito ou aquele em que pensa, tão livremente quanto o bem, sem se incomodar de jeito nenhum com o efeito que terá em vós o que houver dito: usará da palavra em toda a simplicidade de sua primeira instituição.

Gostamos de prever boas coisas para as crianças e sempre lamentamos o fluxo de inépcias que quase sempre destrói as esperanças que gostaríamos de ter de algum feliz achado que por acaso lhes cai na língua. Se o meu dá porventura raramente tais esperanças, nunca dará essa lamentação; pois não diz nunca uma palavra inútil, não se esgota numa tagarelice que sabe que não se ouvirá. Suas idéias são limitadas mas nítidas; ele nada sabe de cor, mas sabe muito por experiência; se lê menos bem que outra criança em nossos livros, lê melhor no da natureza; seu espírito não está em sua língua, está em sua cabeça; tem menos memória que julgamento; só sabe falar uma linguagem, mas entende o que diz; e se não diz tão bem quanto os outros, faz melhor do que eles fazem.

Não sabe o que seja rotina, uso, hábito; o que fez ontem não influi no que faz hoje ³⁶: não adota nunca uma fórmula, não atende nem à autoridade nem ao exemplo e não age nem fala senão como lhe convém. Por isso não espereis dele discursos ditados nem modos estudados, e sim, sempre, a expressão fiel de suas idéias e a conduta que nasce de suas inclinações.

(36) A atração do hábito vem da preguiça natural ao homem e essa preguiça aumenta em se entregando a ela; faz-se mais facilmente o que já se fez: o caminho aberto torna-se mais fácil de seguir. Por isso pode-se observar que o império do hábito é muito grande nos velhos e nas pessoas indolentes, muito pequeno na juventude e nas pessoas vivas. Tal regime só é bom para as almas fracas e as enfraquece dia a dia mais. O único hábito útil às crianças é dobrar-se sem dificuldade à necessidade das coisas e o único hábito útil aos homens é dobrar-se sem dificuldade à razão. Qualquer outro hábito é um vício.

Vós encontrareis nele um pequeno número de noções morais que se relacionam ao seu estado presente, nenhuma sobre o estado relativo dos homens; e de que lhe serviram, se uma criança não é ainda um membro ativo da sociedade? Falai-lhe de liberdade, de propriedade, de convenções até; pode saber até aí, pode saber porque o que é seu é seu e porque o que não é seu não o é; além disso não sabe mais nada. Falai-lhe de dever, de obediência, ele não sabe o que quereis dizer; ordenai-lhe alguma coisa, ele não compreenderá; mas dizei-lhe: se me desseis tal prazer eu vos retribuiria oportunamente; de imediato ele se apressará em vos ser agradável, pois não quer mais do que ampliar seu domínio e adquirir sobre vós direitos que sabe invioláveis. Talvez mesmo não desgoste de ter um lugar, de fazer número, de contar para alguma coisa; mas se tiver este último motivo, ei-lo já fora da natureza e não fechastes bem de antemão tôdas as portas da vaidade.

Por seu lado, tendo necessidade de qualquer assistência, ele a pedirá indiferentemente ao primeiro que encontrar; tanto a pediria ao rei como a seu laçao: todos os homens ainda são iguais a seus olhos. Vereis pelo jeito com que pede, que sabe que nada lhe devem; o que pede é um favor. Sabe também que a humanidade leva a fazê-lo. Suas expressões são simples e lacônicas. Sua voz, seu olhar, seu gesto são de um ser igualmente acostumado à complacência e à recusa. Não é nem a rastejante e servil submissão do escravo nem o tom imperioso de um senhor; é uma modesta confiança em seu semelhante, é a nobre e comovente doçura de um ser livre, mas sensível e frágil, que implora a assistência de um ser livre, mas forte e benevolente. Se lhe concederdes o que pede, ele não vos agradecerá, mas sentirá que contraiu uma dívida. Se o recusardes, não se queixará, não insistirá, sabe que seria inútil. Não dirá: recusaram-me, e sim: não podia ser. E, como eu já o disse, ninguém se rebela contra a necessidade bem reconhecida.

Deixai-o sozinho em liberdade, e vede-o atuar sem nada lhe dizer; olhai o que fará e como o fará. Não tendo necessidade de se provar a si mesmo que é livre, nada faz avoadamente, nem para fazer um ato de poder sobre si mesmo: não sabe que é sempre senhor de si? Ele é vivo, leve, bem disposto; seus movimentos têm toda a vivacidade de sua idade, mas não vereis nenhum que não tenha um objetivo. O que quer que queira fazer, nada empreenderá acima de suas forças,

pois as testou e as conhece; seus meios estarão sempre adequados a seus desejos e raramente ele agirá sem estar certo do êxito. Terá o olho atento e judicioso: não andará tólamemente interrogando os outros acerca do que vê; há de examiná-lo ele próprio e cansar-se-á para encontrar o que quer aprender, antes de perguntar. Se tiver de enfrentar problemas imprevistos, perturbar-se-á menos do que outro; se houver risco, assustar-se-á menos também. Como sua imaginação continua ainda inativa e que nada se fez para animá-la, ele só vê o que é, só avalia os perigos pelo que valem e mantém sempre seu sangue frio. A necessidade pesa demasiadas vezes sobre ele para que ainda se rebele; carrega-a desde o nascimento, está acostumado com ela; está sempre disposto a tudo.

Que se ocupe com alguma coisa ou que se divirta, é-lhe indiferente; seus divertimentos são ocupação, ele não vê a diferença. Põe em tudo o que faz um interesse que leva a rir e uma liberdade que agrada, mostrando a um tempo seu espírito e a esfera de seus conhecimentos. Não é o espetáculo dessa idade, um espetáculo encantador e suave, ver uma criança bonita, de olho vivo e alegre, com um ar de contentamento e serenidade, com uma fisionomia aberta e sorridente, fazer brincando as coisas mais sérias, ou profundamente ocupada com os divertimentos mais frívolos?

Quereis agora julgá-la por comparação? Misturai-a com outras crianças e deixai-a agir. Vereis logo qual a mais realmente formada, quem mais se aproxima da perfeição de sua idade. Entre as crianças da cidade nenhuma é mais esperta do que ela, mas ela é mais forte do que qualquer outra. Entre os jovens camponeses ela os iguala em força e os ultrapassa em habilidade. Em tudo o que está ao alcance da infância, ela julga, raciocina, prevê melhor do que os outros. Trata-se de agir, de correr, de pular, de sacudir alguma coisa, de carregar pesos, de calcular distâncias, de inventar jogos, de ganhar prêmios? dir-se-á que a natureza está às suas ordens a tal ponto ela sabe dobrar as coisas à sua vontade. Ela é feita para guiar, para governar seus iguais: o talento, a experiência dão-lhe direito e autoridade. Dai-lhe o traje e o nome que vos agradar, pouco importa, ela brilhará em toda parte, em toda parte se tornará chefe dos outros; estes sentirão sempre sua superioridade; sem querer comandar ela será o senhor; sem pensar em obedecer os outros obedecerão.

Ela chegou à maturidade da infância, viveu a vida de uma criança, não adquiriu sua perfeição a expensas de sua felicidade; ao contrário, ambas se ajudaram. Tendo alcançado toda a razão de sua idade, ela foi feliz e livre tanto quanto sua constituição o permitia. Se a foice fatal vier colher nela a flor de nossas esperanças, não teremos que chorar a um tempo sua vida e sua morte, não amargaremos nossas dores com as lembranças daquelas que lhe teríamos causado. Diremos: pelo menos gozou sua infância; nada lhe fizemos perder do que a natureza lhe dera.

O grande inconveniente dessa primeira educação é que não é sensível senão aos homens clarividentes e que, numa criança educada com tanto cuidado os olhos vulgares não vêem senão um moleque. Um preceptor pensa em seu interesse mais que no de seu discípulo; procura provar que não perde seu tempo e que merece ganhar o que ganha; ele o provê de uma aquisição de fácil exibição e que se possa mostrar quando se quiser; não lhe importa que o que ensina seja útil, desde que se perceba facilmente. Acumula, sem escolha, sem discernimento, mil coisas em sua memória. Quando se trata de examinar a criança faz-se com que exponha sua mercadoria; ele a espalha e ficam contentes; depois ele recolhe tudo e vai embora. Meu aluno não é tão rico assim, nada tem a mostrar senão ele próprio. Ora, uma criança, tal qual um homem, não se vê num instante. Onde estão os observadores que sabem apreender da cara os traços que a caracterizam? Há-os, porém poucos; e entre cem mil pais não se encontrará um desse tipo.

As perguntas demasiado multiplicadas aborrecem todo mundo, com muito mais razão as crianças. Ao fim de alguns minutos sua atenção se exaure, não ouvem mais o que um obstinado questionador lhes pergunta e só respondem ao acaso. Essa maneira de examiná-las é vã e pedante; amiúde uma palavra pegada no ar pinta melhor seu sentido e seu espírito do que longos discursos; mas é preciso cuidar de que essa palavra não seja nem ditada nem fortuita. É preciso ter muito critério, a gente mesmo, para apreciar o de uma criança.

Ouvi contar pelo falecido Lorde Hyde que um de seus amigos, de volta da Itália depois de três anos de ausência, quis examinar os progressos do filho de nove ou dez anos. Vão uma noite passear com o governante num prado onde es-

colares se divertiam empinando papagaios. O pai, de passagem diz a seu filho: *Onde está o papagaio cuja sombra aqui se vê?* Sem hesitar, sem erguer a cabeça a criança diz: *Na estrada.* Efetivamente, acrescentava o lorde, a estrada estava entre o sol e nós. Diante da resposta o pai beija o filho e, acabando com o exame, vai-se sem nada mais dizer. No dia seguinte mandou ao governante uma pensão vitalícia além de seus emolumentos.

Que grande homem esse pai e que grande filho podia esperar! A pergunta é precisamente da idade: a resposta é muito simples. Mas vede que nitidez de julgamento infantil ela demonstra. Assim era que o discípulo de Aristóteles domava o cavalo célebre que ninguém pudera domar.

LIVRO TERCEIRO

Embora, até a adolescência, todo o curso da vida seja um tempo de fraqueza, há um momento, na duração dessa primeira idade, em que o progresso das forças, tendo ultrapassado o das necessidades, o animal em crescimento, ainda absolutamente fraco, torna-se forte relativamente. Suas necessidades não estando todas desenvolvidas, suas forças, no presente, são mais do que suficientes para provê-las. Como homem seria muito fraco, como menino é muito forte.

De onde vem a fraqueza do homem? Da desigualdade que se encontra entre sua força e seus desejos. São nossas paixões que nos tornam fracos, pois fôra preciso, para contentá-las, mais forças do que nos dá a natureza. Diminuí pois os desejos; será como se aumentasseis as forças: quem pode mais do que deseja, as tem, de resto; é certamente um ser muito forte. Eis o terceiro estado da infância e aquele de que me cabe agora falar. Continuo a chamá-lo infância, na falta de um termo mais adequado para exprimi-lo; porquanto essa idade aproxima-se da adolescência sem ser ainda a da puberdade.

Aos doze ou treze anos as forças da criança desenvolvem-se muito mais rapidamente que suas necessidades. A mais violenta, a mais terrível não se faz ainda sentir; o próprio órgão permanece imperfeito e parece, para sair da imperfeição, esperar que sua vontade o leve a isso. Pouco sensível às injúrias do ar e das estações, a criança as enfrenta sem dificuldade: seu calor em desenvolvimento serve-lhe de roupa; seu apetite serve de condimento; tudo que pode alimentar é bom na sua idade; se tem sono deita-se no chão e dorme: vê-se por toda parte cercada de tudo que lhe é necessário; nenhuma necessidade imaginária a atormenta; a opinião nada pode contra

ela; seus desejos não vão além de seus braços. Não somente ela pode bastar-se a si mesma, como tem ainda mais força de que precisa; é o único momento de sua vida em que isso acontece.

Pressinto a objeção. Não me dirão que a criança tem mais necessidades que as que lhe dou, mas negarão que tenha a força que lhe atribuo. Não pensarão que falo de meu aluno e não dessas bonecas ambulantes que viajam de um quarto a outro, que lavram num caixote e carregam fardos de papelão. Dir-me-ão que a força viril só se manifesta com a virilidade; que só os espíritos vitais, elaborados nos vasos convenientes, e expandidos por todo o corpo, podem dar aos músculos a consistência, a atividade, o tom, a mola de que resulta uma força verdadeira. Eis a filosofia de gabinete; eu apelo para a experiência. Vejo em vossos campos rapagões lavrando, amanhando, conduzindo o arado, carregando tonéis de vinho, guiando carroça, como seus pais; poderiam ser considerados homens, se o tom da voz não os traísse. Mesmo em nossas cidades, jovens operários, ferreiros, ferradores, serralheiros, são quase tão robustos quanto seus mestres e não seriam menos hábeis se exercitados antes. Se há diferença, e convenho em que há, ela é bem menor, repito-o, que a que existe entre os desejos fogosos de um homem e os desejos limitados de uma criança. De resto, não se trata aqui tão somente de forças físicas e sim, principalmente, da força e da capacidade do espírito que as supre e que as dirige.

Esse intervalo em que o indivíduo pode mais do que deseja, embora não seja o tempo de sua maior força absoluta, é, como já o disse, o de sua maior força relativa. É o tempo mais precioso de sua vida, tempo que só ocorre uma vez; tempo muito curto, tanto mais curto, como se verá, quanto mais lhe importa bem empregá-lo.

Que fará ele desse excedente de faculdade e de forças, que tem demais no momento, e que lhe faltará numa outra idade? Ele procurará empregá-lo em cuidados que lhe possam ser úteis oportunamente; jogará, por assim dizer, no futuro o supérfluo de seu ser no momento; a criança robusta fará provisões para o homem fraco; mas não estabelecerá seus armazéns nem em cofres que lhe podem roubar, nem em granjas que lhe são estranhas; para desfrutar verdadeiramente sua aquisição, é nos braços, na cabeça, que ele a guardará. Eis portanto o tempo

dos trabalhos, das instruções, dos estudos, e observai que não sou eu que faço arbitrariamente essa escolha, é a própria natureza que a indica. A inteligência humana tem seus limites. Não somente um homem não pode tudo saber, como não pode sequer saber por inteiro o pouco que sabem os outros homens. Como a contraditória de cada posição falsa é uma verdade, o número de verdades é tão inexgotável quanto o de erros. Há portanto uma escolha nas coisas que devemos ensinar, bem como no momento em que devem ser aprendidas. Dos conhecimentos ao nosso alcance, uns são falsos, outros são inúteis, outros, ainda, servem para alimentar o orgulho de quem os tem. O pequeno número dos que contribuem realmente para nosso bem-estar é o único digno das pesquisas de um homem sábio e, por conseguinte, de uma criança que desejamos tornar tal. Não se trata de saber o que é, e sim, somente, o que é útil.

Desse pequeno número cumpre ainda afastar os que exigem, para ser compreendidos, um espírito já formado: os que pressupõem o conhecimento das relações do homem, que uma criança não pode adquirir; os que, embora verdadeiros em si, levam uma alma inexperiente a pensar erroneamente acerca de outros assuntos.

Eis-nos reduzidos a um bem pequeno círculo relativamente à existência das coisas; mas como esse círculo constitui ainda uma esfera imensa para a medida do espírito de uma criança! Trevas do entendimento humano, que não temerária ousou tocar em vosso véu? Quantos abismos vejo cavados por nossas vãs ciências ao redor do jovem infeliz! Ó tu que o vais conduzir por esses perigosos atalhos, e tirar da frente de seus olhos a cortina sagrada da natureza, treme. Assegura-te primeiramente de sua razão e da tua, teme que nem uma nem outra se perturbe, se exalte, o que pode ocorrer até às duas. Teme a atração especiosa da mentira e os vapores embriagantes do orgulho. Lembra-te, lembra-te sem cessar de que a ignorância nunca fez mal, de que só o erro é funesto, e de que ninguém se perde pelo que não sabe e sim pelo que pensa saber.

Seus progressos na geometria poderiam servir-vos de teste e de medida certa para o desenvolvimento de sua inteligência: mas logo que ele possa discernir o que é útil e o que não o é, será preciso ter muito cuidado e habilidade para conduzi-lo aos estudos especulativos. Quereis, por exemplo, que ele pro-

cure uma média proporcional entre duas linhas; começai fazendo de modo que ele precise encontrar um quadrado igual a um triângulo dado; em se tratando de duas médias proporcionais, seria necessário primeiramente tornar o problema da duplicação do cubo interessante etc. Estais vendo como nos aproximamos gradualmente das noções morais que distinguem o bem e o mal. Até aqui não conhecemos outra lei que não a da necessidade: agora atentamos para o que é útil; chegaremos em breve ao que é conveniente e bom.

O mesmo instinto anima as diversas faculdades do homem. À atividade do corpo, que procura desenvolver-se, sucede a atividade do espírito que busca instruir-se. A princípio as crianças são apenas turbulentas, tornam-se curiosas depois; e essa curiosidade bem dirigida é o móvel da idade a que chegamos. Distingamos sempre as inclinações que vêm da natureza das que vêm da opinião. Há um ardor de saber que assenta unicamente no desejo de ser considerado sábio; há outro que nasce da curiosidade natural ao homem por tudo o que pode interessar de perto ou de longe. O desejo inato do bem-estar e a impossibilidade de contentá-lo plenamente fazem com que procure sem cessar novos meios de alcançá-lo. Tal é o primeiro princípio da curiosidade; princípio natural ao coração humano e cujo desenvolvimento só ocorre em proporção de nossas paixões e de nossas luzes. Imaginai um filósofo relegado numa ilha deserta com instrumentos e livros, certo de aí ficar o restante de seus dias. Não se incomodará mais com o sistema do mundo, das leis da atração, do cálculo diferencial: talvez não abra em sua vida um só livro, mas nunca deixará de visitar sua ilha até o último recanto, por grande que ela possa ser. Rejeitemos, portanto, de nossos primeiros estudos os conhecimentos cujo gosto não é natural ao homem, e cinjamo-nos aos que o instinto nos leva a procurar.

A ilha do gênero humano é a Terra; o objeto que mais impressiona nossos olhos é o sol. Logo que começamos a afastar-nos de nós, nossas primeiras observações devem recair numa ou noutro. Por isso a filosofia de quase todos os povos selvagens se desenvolve unicamente sobre divisões imaginárias da terra e a divindade do sol.

Que falta de continuidade, dirão. Há pouco estávamos ocupados com o que nos diz de perto, com o que nos cerca imediatamente; de repente eis-nos percorrendo o globo e pu-

lando para as extremidades do universo! Essa falta de continuidade vem do progresso de nossas forças e da inclinação de nosso espírito. No estado de fraqueza e de insuficiência, o cuidado de nos conservarmos concentra-nos dentro de nós; no estágio de potência e de força, o desejo de expandir nosso ser nos leva além e faz lançarmo-nos tão longe quanto possível; mas como o mundo intelectual ainda nos é desconhecido, nosso pensamento não vai mais longe do que nossos olhos e nosso entendimento só se estende com o espaço que mede.

Transformemos nossas sensações em idéias, mas não pulemos de repente dos objetos sensíveis aos objetos intelectuais. É pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Que os sentidos sejam sempre os guias em nossas primeiras operações do espírito: nenhum outro livro senão o do mundo, nenhuma outra instrução senão os fatos. A criança que lê não pensa, só lê; não se instrui, aprende palavras.

Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza, muito breve o tornareis curioso. Mas, para alimentar sua curiosidade, não vos apresseis nunca em satisfazê-la. Ponde os problemas ao seu alcance e deixai-o que os resolva. Que nada saiba, porque vós lho dissestes, e sim porque o compreendeu sozinho. Que ele não se avizinha à ciência, que a invente. Se jamais substituírdes em seu espírito a autoridade à razão, ele não raciocinará mais; não será mais do que o brinquedo da opinião dos outros.

Quereis ensinar-lhe a geografia e ides procurar globos, esferas, mapas: quanta estória! Por que todas essas representações? Por que não começais mostrando-lhe o próprio objeto, a fim de que ele saiba, ao menos, de que lhe falais?

Uma bela tarde vamos passear num lugar favorável, onde o horizonte bem descoberto deixa ver em cheio o sol morrendo e observam-se os objetos que tornam reconhecível o lugar de seu crepúsculo. No dia seguinte, para respirar o frescor, voltamos ao mesmo local, antes que o sol se levante. Vemo-lo anunciar-se de longe pelos traços de fogo que lança à sua frente. O incêndio aumenta, o oriente parece em chamas; pelo seu brilho aguardamos o astro durante muito tempo antes que se mostre; a cada instante acreditamos vê-lo aparecer; vemo-lo finalmente. Um ponto brilhante lança-se como um relâmpago e enche logo todo o espaço; o véu das trevas, apaga-se e cai. O homem reconhece sua terra e a acha embelecida. A verdu-

ra tomou, durante a noite, um novo vigor; o dia nascente que a clareia, os primeiros raios que a douram, mostram-na coberta de um luzido colar de orvalho que reflete em nosso olho a luz e as cores. Os pássaros em coro se reúnem e saúdam, juntos, o pai da vida; nesse momento nenhum só se cala; seu pepiar, ainda fraco, é mais lento e mais doce que durante o resto do dia, ressentido-se do langor de um sereno despertar. A reunião de todos esses objetos leva aos sentidos uma impressão de frescor que parece penetrar até a alma. Há nisso uma meia hora de encanto a que nenhum homem resiste; um espetáculo tão grande, tão belo, tão delicioso não deixa ninguém de sangue frio.

Cheio do entusiasmo que sente, o mestre quer comunicá-lo ao aluno; pensa comovê-lo tornando-o atento às sensações com que se comove ele próprio. Pura tolice! é no coração do homem que está a vida do espetáculo da natureza; para vê-lo cumprir senti-lo. A criança percebe os objetos, mas não pode perceber as relações que os unem, não pode ouvir a doce harmonia de seu concerto. É preciso uma experiência que não adquiriu, sentimentos que não sentiu, para experimentar a impressão compósita que resulta ao mesmo tempo de todas as sensações. Se durante muito tempo não percorreu as planícies áridas, se areias ardentes não lhe queimaram os pés, se a reverberação sufocante dos rochedos batidos de sol não o oprimiu jamais, como poderá apreciar o ar fresco de uma bela manhã? Como o perfume das flores, o encanto da verdura, o úmido vapor do orvalho, o andar mole e doce sobre a relva encantarão seus sentidos? Como o canto dos pássaros lhe causará uma emoção voluptuosa, se os acentos do amor e do prazer lhe são ainda desconhecidos? Com que transportes verá nascer tão bela manhã, se sua imaginação não sabe pintar-lhe aqueles com que se a pode encher? Finalmente, como se enternecerá com a beleza do espetáculo da natureza, se ignora que mão cuidou de orná-lo?

Não façais para a criança discursos que não pode compreender. Nada de descrições, nada de eloquência, nada de figuras, nada de poesia. Não se trata agora de sentimento, nem de gosto. Continuai a ser claro, simples e frio; o tempo de adotar outra linguagem nunca virá cedo demais.

Educado no espírito de nossas máximas, acostumado a tirar todos os seus instrumentos de si mesmo, a não recorrer

nunca a ninguém, senão depois de ter reconhecido sua insuficiência, a cada novo objeto que vê, ele o examina muito tempo sem nada dizer. Ele é pensativo e não perguntador. Contentai-vos com apresentar-lhe os objetos no momento certo; depois, quando virdes sua curiosidade suficientemente ocupada, propõe alguma pergunta lacônica que o ponha no caminho de responder.

Nessa ocasião, depois de terdes bem contemplado com ele o despertar do sol, depois de terdes feito observar do mesmo lado as montanhas e os outros objetos vizinhos, depois de o terdes deixado falar a propósito, à vontade, conservai-vos alguns minutos em silêncio como um homem que sonha e em seguida lhe dizeis: estou pensando em que o sol ontem à tarde se deitou aqui e que lá se levantou esta manhã. Como pode ser isto? Nada mais acrescenteis; se vos fizer perguntas, não respondais; falai de outra coisa. Deixai-o entregue a si mesmo e podeis ter a certeza de que ele pensará nisso.

Para que uma criança se acostume a ser atenta, e se impressione com alguma verdade sensível, é bem preciso que esta lhe dê alguns dias de inquietação antes que a descubra. Se não a concebe bem dessa maneira, há meio de tornar-lha mais sensível ainda e esse meio é o de inverter a pergunta. Se não sabe como o sol vai de seu deitar ao seu despertar, ela sabe, ao menos como vai de seu nascer ao seu deitar, seus olhos tão-só lho ensinam. Esclarecei portanto a primeira pergunta pela outra: ou seu aluno é absolutamente estúpido, ou a analogia é demasiado clara para que lhe escape. Eis vossa primeira lição de cosmografia.

Como procedemos sempre lentamente de idéia sensível em idéia sensível, como nos familiarizamos longamente com a mesma antes de passar a outra, e que finalmente não forçamos nunca nosso aluno a ser atento, vai longe dessa primeira lição ao conhecimento do curso do sol e da forma da terra: mas como todos os movimentos aparentes dos corpos celestes participam do mesmo princípio, e que a primeira observação leva a todas as outras, é preciso menos esforço, embora seja necessário mais tempo, para ir de uma revolução diurna ao cálculo dos eclipses, do que para bem compreender o dia e a noite.

Desde que o sol gira ao redor do mundo, descreve um círculo e todo círculo deve ter um centro; já sabemos disso. Esse

centro não pode ser visto porque está no coração da terra, mas podemos, na superfície, marcar dois pontos opostos que a ele correspondem. Um espêto passando pelos três pontos, e prolongado até o céu de parte e de outra, será o eixo do mundo e do movimento diário do sol. Um pião redondo girando sobre a ponta representa o céu girando sobre seu eixo. As duas pontas do pião são os dois pólos: a criança ficará muito satisfeita de conhecer um; eu o mostro na cauda da Ursa menor. Eis um divertimento para a noite; pouco a pouco a gente se familiariza com as estrélas e daí nasce o prazer de conhecer os planetas e de observar as constelações.

Vimos o nascer do sol no dia de São João; vamos vê-lo também no dia de Natal ou em qualquer outro belo dia de inverno; pois sabem que não somos preguiçosos e é para nós um jogo enfrentar o frio. Cuido de fazer esta segunda observação no mesmo lugar da primeira; e mediante alguma habilidade em preparar o comentário, um ou outro não deixará de exclamar: Oh! Oh! como é engraçado, o sol não nasce mais no mesmo lugar. Segundo nossas antigas informações era aqui e agora é lá etc. Há portanto um oriente de verão e um oriente de inverno etc. Jovem mestre, eis-vos no bom caminho. Estes exemplos já vos devem bastar para ensinar muito claramente a esfera, tomando o mundo como mundo e o sol como sol.

Em geral, não deveis nunca substituir a coisa pelo sinal, a menos que vos seja impossível mostrá-la, porque o sinal absorve a atenção da criança e a leva a esquecer a coisa representada.

A esfera armilar parece-me um instrumento mal composto e executado dentro de más proporções. Essa confusão de círculos e as estranhas figuras nela desenhadas dão-lhe um aspecto de engrimanco rebarbativo ao espírito das crianças. A terra é pequena demais, os círculos são demasiado grandes, numerosos demais; alguns, como os coluros, são perfeitamente inúteis; cada círculo é mais largo do que a terra; a espessura do papelão dá-lhes um quê de solidez que faz com que pareçam massas circulares realmente existentes; e quando dizeis à criança que tais círculos são imaginários, ela não sabe o que vê, não compreende mais nada.

Nunca sabemos colocar-nos no lugar das crianças; não penetramos em suas idéias, emprestamos-lhes as nossas; e seguin-

do sempre nossos próprios raciocínios, com cadeias de verdades só enchemos suas cabeças de extravagâncias e erros.

Discute-se acerca da síntese e da análise para estudar as ciências; nem sempre há necessidade de escolher. As vezes pode-se resolver e compor nas mesmas pesquisas, e guiar a criança pelo método de ensino quando ela não crê senão analisar. Então, empregando ao mesmo tempo uma coisa e outra, eles servem mutuamente de provas. Partindo a um tempo dos dois pontos opostos, sem pensar em seguir o mesmo caminho, a criança se surpreenderia com se encontrar, e essa surpresa só poderia ser muito agradável. Eu gostaria, por exemplo, de pegar a geografia por esses dois termos e juntar ao estudo das revoluções do globo a medida de suas partes, começando do lugar em que se habita. Enquanto a criança estuda a esfera e se transporta assim para o céu, trazei-a de volta à divisão da terra e mostrai-lhe primeiramente sua própria localização.

Seus dois primeiros pontos de geografia serão a cidade onde mora e a casa de campo de seu pai, depois os lugares intermediários, em seguida os rios da vizinhança, finalmente o aspecto do sol e o modo de se orientar. Eis o ponto de reunião. Que desenhe ela mesma a carta disso tudo, carta muito simples e de início constituída de dois únicos objetos aos quais acrescentará pouco a pouco os outros, na medida em que sabe ou avalia sua distância e sua posição. Já podeis ver que vantagem lhe outorgamos, pondo-lhe um compasso nos olhos.

Apesar disso será preciso, sem dúvida, guiá-la um pouco, mas muito pouco e sem que o pareça. Se se enganar, deixai-a fazer, não corrijaís seus erros, esperai em silêncio que ela esteja em condição de vê-los e de corrigi-los ela própria. Quando muito, numa ocasião favorável, imaginai alguma operação que a faça senti-los. Se ela não se enganasse nunca, não aprenderia tão bem. Não se trata afinal de levá-la a conhecer exatamente a topografia de sua terra e sim do meio de apreendê-la; pouco importa que tenha cartas na cabeça, desde que conceba bem o que representam e tenha uma idéia nítida da arte de realizá-las. Vede desde já a diferença que existe entre o saber de vossos alunos e a ignorância do meu! Eles sabem as cartas, o meu as faz. E temos assim novos motivos de decoração para seu quarto.

Lembraí-vos sempre de que o espírito de minha instituição não é ensinar à criança muitas coisas e sim não deixar en-

trar em seu cérebro senão idéias justas e claras. Que não saiba nada, pouco me importa, conquanto não se engane, e só ponho verdades em sua cabeça para defendê-la dos erros que aprenderia em seu lugar. [A razão, o juízo chegam lentamente, os preconceitos acorrem em multidão; é destes que cumpre preservá-lo. Mas se encarais a ciência em si mesma, entraís num mar sem fundo, sem margens, cheio de arrecifes; não conseguireis nunca vos safar dele.] Quando vejo um homem tomado pelo amor dos conhecimentos deixar-se seduzir por seu encanto e correr de um a outro sem saber parar, acredito ver uma criança na praia pegando conchas, começando por se sobrecarregar com elas e depois, tentado por outras que vê ainda, jogá-las fora, tornar a pegá-las até que, esmagado pelo número e não sabendo mais que escolher, lança tudo fora e volta sem nada.

Durante a primeira infância o tempo era longo: só procurávamos perdê-lo, de medo de mal o empregar. Agora é o contrário e não temos mais bastante para fazer tudo que seria útil. Pensai em que as paixões se aproximam e que logo que baterem à porta, vosso aluno só prestará atenção a elas. A idade serena da inteligência é tão curta, passa tão rapidamente, tem tantas utilizações necessárias, que seria loucura querer que baste para tornar sábia uma criança. Não se trata de ensinar-lhe as ciências e sim de dar-lhe inclinação para as amar e métodos para as aprender, quando a inclinação se tiver desenvolvido bastante. Eis certamente um princípio fundamental de uma boa educação.

Eis chegado o tempo também de acostumá-la a, pouco a pouco, prestar uma atenção mais constante ao mesmo objeto: mas não é nunca o constrangimento, é sempre o prazer ou o desejo que deve provocar essa atenção; é preciso ter grande cuidado em que ela não a abata e não vá até o tédio. Ficai sempre portanto de sobreaviso; e aconteça o que acontecer, abandonai tudo antes que ela se aborreça; pois importa menos que ela aprenda do que faça alguma coisa contra a vontade.

Se ela vos questionar de moto próprio, respondi na medida necessária para satisfazer sua curiosidade, nunca para fartá-la. E, principalmente, quando virdes que ao invés de questionar para se instruir, ela principia a divagar e acabrunhar-vos de perguntas tolas, deixai imediatamente de responder, porquanto podeis ter certeza de que ela não se preocupa mais com a

coisa e assim, tão-somente, como vos escravizar a suas interrogações. (É preciso considerar menos as palavras que pronuncia do que o motivo que a faz falar/ Esta advertência, até aqui menos necessária, torna-se da maior importância logo que a criança começa a raciocinar.

Há uma cadeia de verdades gerais em virtude da qual todas as ciências se prendem a princípios comuns e de que se desenvolvem sucessivamente: essa cadeia é o método dos filósofos. Não é dessa que se trata aqui. Há uma bem diferente pela qual cada objeto particular atrai outro e mostra sempre o que o segue. Essa ordem que alimenta, através de uma curiosidade contínua, a atenção que todos exigem, é a que segue a maioria dos homens e, principalmente, a de que precisam as crianças. Orientando-nos para desenhar nossas cartas foi necessário traçar meridianas. Dois pontos de interseção entre as sombras iguais da manhã e da tarde dão uma meridiana excelente para um astrônomo de treze anos. Mas essas meridianas apagam-se, é preciso tempo para traçá-las; elas obrigam a trabalhar sempre no mesmo lugar: tantos cuidados, tantos embaraços, o aborreceriam afinal. Nós o previmos e a isso atendemos de antemão.

Eis-me de novo nos meus longos e minuciosos pormenores. Leitores, ouço vossos murmúrios e os enfrento; não quero sacrificar à vossa impaciência a parte mais útil deste livro. Acomodai-vos com meus excessos como eu me acomodo com vossas queixas.

De há muito tínhamos percebido, meu aluno e eu, que o âmbar, o vidro, a cera, diversos corpos esfregados atraem as palhas e que outros não as atraem. Por acaso encontramos um que tem uma virtude mais singular ainda: atrai a alguma distância e sem ser esfregado a limalha e outras partículas de ferro. Durante quanto tempo essa qualidade nos diverte sem que vejamos nela nada mais? Finalmente verificamos que ela se comunica ao próprio ferro, imantado em certo sentido. Um dia vamos à feira ¹; um prestidigitador atrai com um pedaço de

(1) Não pude deixar de rir lendo uma fina crítica de Mr. Formey sobre este pequeno conto: "Esse prestidigitador, diz ele, que se vangloria de emulação contra um menino e admoesta gravemente seu institutor, é um indivíduo do mundo dos Emílios. "O espirituoso Mr. Formey não pôde supor que essa pequena cena era arranjada

pão um marreco de cera flutuando no tanque. Embora espantados, não dizemos que se trata de um feiticeiro; pois não sabemos o que seja um feiticeiro. Sem cessar impressionados por efeitos cujas causas ignoramos, não nos apressamos em julgar nada e permanecemos quietos em nossa ignorância até encontrarmos a oportunidade de sair dela.

De volta ao lar, à força de falar do marreco da feira, enfiamos na cabeça o desejo de imitá-lo: pegamos uma boa agulha bem imantada, envolvemo-la em cera branca, que esculpimos do melhor modo possível em forma de marreco, de maneira que a agulha atravessasse o corpo e que a cabeça se encontrasse no bico. Pousamos o marreco na água e aproximamos do bico um anel de chave e vemos, com uma alegria fácil de se compreender, que nosso marreco segue a chave precisamente como o da feira seguia o pedaço de pão. Observar em que direção o marreco se detém na água quando o deixamos sossegado, é o que poderemos fazer de outra feita. No momento, ocupados com nosso objeto, não queremos mais.

Na mesma noite voltamos à feira com pão preparado em nossos bolsos; e logo que o prestidigitador faz sua mágica, meu pequeno doutor, que mal se contém, lhe diz que a coisa não é difícil e que ele próprio fará o mesmo. Aceitam o desafio: no mesmo momento ele tira de seu bolso o pão em que se esconde o pedaço de ferro; aproximando-se da mesa, bate-lhe o coração; ele apresenta o pão quase tremendo; o marreco vem e segue-o; o menino grita de alegria. Com as palmas e as aclamações da assembléia, vira-lhe a cabeça, está fora de si. O feirante espantado vem contudo abraçá-lo, felicitá-lo e pedir-lhe que o honre ainda no dia seguinte com sua presença, acrescentando que cuidará de reunir mais gente para aplaudir sua habilidade. Meu pequeno naturalista envaidecido quer falar, mas de imediato eu lhe fecho a boca e arrasto-o cumulado de elogios.

O menino, até o dia seguinte conta os minutos com risível inquietação. Convida todos os que encontra; gostaria que todo o gênero humano fosse testemunha de sua glória, aguarda a

e que o prestidigitador estava instruído acerca do que devia fazer; porque é, com efeito, o que eu não disse. Mas quantas vezes, em compensação não declarei que não escrevia para as pessoas às quais é preciso tudo dizer!

hora sofrendo, antecipa-se a ela; voamos ao encontro marcado; a sala já está cheia. Ao entrar, seu jovem coração desabrocha. Outros jogos devem preceder; o prestidigitador supera-se a si e faz coisas surpreendentes. O menino nada vê; agita-se, sua, mal respira; passa seu tempo mexendo no pedaço de pão que tem no bolso, com uma mão trêmula de impaciência. Chega finalmente sua vez; o mestre anuncia-o ao público pomposamente. Ele aproxima-se algo confuso, tira o pão do bolso... Nova vicissitude das coisas humanas! O marreco, tão dócil na véspera, tornou-se agora selvagem; ao invés de apresentar o bico, vira a cauda e foge; evita o pão e a mão que o apresenta, tão cuidadosamente quanto o fazia para segui-los antes. Depois de mil tentativas inúteis e sempre vaiadas, o menino se queixa, diz que o enganam e que substituíram o primeiro marreco por outro e desafia o prestidigitador a atrair o que ali está.

O prestidigitador, sem responder, pega um pedaço de pão e o apresenta ao marreco; este no mesmo instante o segue e chega-se à mão que o retira. O menino pega o mesmo pedaço de pão, mas longe de ter um resultado melhor, vê o marreco zombar dele e fazer piruetas ao redor do tanque: afasta-se então envergonhado e não ousa mais expor-se às vaias.

Então o prestidigitador pega o pedaço de pão que o menino trouxera e dele se serve com igual êxito; arranca o ferro diante de todos, outra vaia contra nós. Depois, com esse pão assim esvaziado, atrai o marreco como antes. Faz a mesma coisa com outro pedaço cortado diante de todo mundo por uma terceira pessoa; faz coisa idêntica com sua luva, com a ponta do dedo; finalmente afasta-se até o meio da peça e, com a ênfase bem dessa gente, declara que seu marreco não obedecerá menos à sua voz do que a seu gesto. Fala e o marreco obedece; diz-lhe que vá para a direita e ele vai, que volte e ele volta, que vire e ele vira: o movimento é tão rápido quanto a ordem. Os aplausos recrudescentes são afrontas para nós. Fugimos sem sermos percebidos e nos encerramos em nosso quarto, sem irmos contar nossos êxitos a todo mundo como havíamos projetado.

No dia seguinte de manhã batem à nossa porta; abro: é o prestidigitador. Queixa-se modestamente de nossa conduta. Que nos fizera para levar-nos a querer desacreditar seus jogos e tirar-lhe seu ganha-pão? Que pode haver de tão maravilhoso na arte de atrair um marreco para comprar-se tal honra a ex-

pensas da subsistência de um homem honesto? Palavra, senhores, que se tivesse outro talento para viver, não me vangloriaria deste. Deveríeis pensar que um homem que passou a vida a exercitar-se neste pobre malabarismo deve saber a respeito mais do que vós, que com isto só vos ocupais durante alguns momentos. Se não vos mostrei de início meus melhores truques, é porque ninguém deve apressar-se em exhibir avoadamente tudo o que sabe; tive sempre cuidado de conservar os melhores para as ocasiões propícias, e depois deste tenho ainda outros para confundir os jovens indiscretos. De resto, senhores, venho de bom grado ensinar-vos o segredo que tanto vos embarçou, pedindo-vos que dele não abuseis para me prejudicar e que sejais mais discretos de outra feita.

Ele mostra-nos então seu aparelho e vemos com grande surpresa que consiste apenas em um ímã muito forte e bem disposto, que uma criança escondida embaixo da mesa fazia mover-se sem que se percebesse.

O homem embrulha seu aparelho e, depois de lhe termos agradecido, e desculpado, queremos dar-lhe um presente; ele recusa. "Não, Senhores, não tenho de que me mostrar suficientemente satisfeito convosco para aceitar presentes; eu vos deixo devendo-me favores ainda que contra a vontade: é minha única vingança. Aprendei que há generosidade em todas as condições; eu faço com que paguem meus truques, não minhas lições".

Ao sair, ele se dirige a mim pessoalmente e em voz alta me censura. Desculpo de bom grado, diz-me, este menino; pecou tão-somente por ignorância. Mas vós, senhor, que devéis conhecer seu erro, porque o deixaste cometê-lo? Desde que viveis juntos, como mais velho vós lhe deveis cuidados e conselhos; vossa experiência é a autoridade que o deve guiar. Censurando-se a si mesmo, quando adulto, os erros de sua juventude, ele vos censurará sem dúvida aqueles de que não o tendeis prevenido ².

(2) Terei imaginado algum leitor bastante estúpido para não sentir nesta censura um discurso ditado palavra por palavra pelo governante para auxiliá-lo em sua orientação. Ter-me-ão imaginado bastante estúpido, eu mesmo, para dar naturalmente tal linguagem a um prestidigitador? Eu pensava ter, ao menos, dado prova do talento

Ele parte e deixa-nos ambos muito confundidos. Eu me censuro minha descuidada leviandade; prometo ao menino sacrificá-la, outra vez, a seu interesse e adverti-lo de seus erros antes que os cometa; pois o tempo vai chegar em que nossas relações vão mudar, em que a severidade do mestre deverá succeder à complacência do camarada; tal mudança deverá ocorrer por etapas; é preciso tudo prever, e tudo prever muito antes.

No dia seguinte voltamos à feira para rever o truque cujo segredo aprendemos. Abordamos com profundo respeito nosso prestidigitador Sócrates; mal ousamos erguer os olhos para ele; ele nos cumula de gentilezas e nos localiza com uma distinção que nos humilha mais ainda. Faz seus truques como de costume; mas diverte-se e compraz-se durante muito tempo com o do marreco, olhando-nos amiúde com satisfação. Sabemos tudo e não dizemos nada. Se meu aluno ousasse abrir a boca sequer, seria um menino digno de surra.

Toda a pormenorização deste exemplo importa mais do que parece. Quantas lições numa só! Quantas mortificações provoca o primeiro movimento de vaidade! Jovem mestre, atentai com cuidado para esse primeiro movimento. Se souberdes fazer com que ressaltem dele humilhação e tristezas³, ficai certo de que não ocorrerá durante muito tempo um segundo. Quanto rebuscamento, direis. Concorro, mas tudo para dar-nos uma bússola que nos sirva de meridiana.

Tendo aprendido que o ímã age através de outros corpos, nada temos mais urgente do que fazer um aparelho semelhante ao que vimos: uma mesa rasa, um tanque bem chato ajustado à mesa e com algumas camadas de água, um marreco feito com mais cuidado etc. Prestando atenção ao tanque, observamos que o marreco em repouso permanece sempre mais ou menos na mesma direção. Acompanhamos a experiência, examinamos

assaz medíocre de fazer as pessoas falarem dentro do espírito de sua condição. Vede ainda o fim da alínea seguinte. Não se diz tudo para quem quer que não seja Mr. Formey?

(3) Essas humilhações, essas tristezas são portanto de meu arranjo e não do prestidigitador. Desde que Mr. Formey queria apossar-me de meu livro, eu ainda vivo, e mandá-lo imprimir sem outra precaução senão a de tirar meu nome e colocar o seu, devia ao menos dar-se ao trabalho, já não digo de o recompor, mas tão-somente de o ler.

a direção; verificamos que é do sul para o norte. Não é preciso mais: nossa bússola está encontrada e eis-nos na física.

Há diversos climas na terra e diversas temperaturas nesses climas. As estações variam mais sensivelmente na medida em que nos aproximamos do pólo; todos os corpos se encolhem ao frio e se dilatam ao calor; esse efeito é mais mensurável nos líquidos e mais sensível nos alcoolizados; daí o termômetro. O vento toca na cara; o ar é portanto um corpo, um fluído; sentimo-lo embora não tenhamos nenhum meio de vê-lo. Virai um copo dentro da água, a água não o encherá, a menos que deixeis uma saída para o ar; o ar é portanto capaz de resistência. Afundai mais o copo, a água ganhará espaço sobre o ar sem entretanto poder encher inteiramente esse espaço; o ar é portanto capaz de compressão até certo ponto. Uma bola cheia de ar comprimido pula mais do que cheia de qualquer outra matéria; o ar é portanto um corpo elástico. Estendido no banho, erguei horizontalmente o braço fora da água e o sentireis terrivelmente pesado; o ar é pois um corpo que pesa. Pondo o ar em equilíbrio com outros fluidos, pode-se medir-lhe o peso: daí o barômetro, o sifão, o tubo para soprar o vidro, a máquina pneumática. Todas as leis da estática e da hidroestática se encontram mediante experiências igualmente grosseiras. Não quero que se entre para tudo isso num laboratório de física experimental; todo aquele conjunto de instrumentos e de máquinas me desagrada. Ou todas essas máquinas assustam uma criança ou suas formas diminuem ou roubam a atenção que ela deveria prestar-se aos seus efeitos.

Quero que façamos nós mesmos todas as nossas máquinas; e não quero começar por fazer o instrumento antes da experiência; mas quero que, depois de ter entrevisto a experiência como por acaso, inventemos pouco a pouco o instrumento que a deve verificar. Prefiro que nossos instrumentos não sejam tão perfeitos e tão certos e que tenhamos idéias mais nítidas do que devem ser e das operações que deles devem resultar. Para minha primeira lição de estática, em lugar de ir buscar balanças, ponho um bastão de través no dorso de uma cadeira, meço o comprimento das duas partes do bastão em equilíbrio, acrescento, de um lado e de outro, pesos ora iguais ora diferentes; e, puxando-o ou empurrando-o, quanto necessário, descobro afinal que o equilíbrio resulta de uma proporção recíproca entre a quantidade dos pesos e o comprimento das alavancas. E

eis já meu pequeno físico capaz de retificar balanças antes de as ter visto.

Sem dúvida aprendemos noções bem mais claras e bem mais seguras das coisas que aprendemos assim por nós mesmos, que das que recebemos dos ensinamentos de outrem; e, além de não acostumarmos nossa razão a submeter-se servilmente à autoridade, tornamo-nos mais engenhosos em encontrar relações, em ligar idéias, em inventar instrumentos do que quando, adotando tudo isso tal qual nos é dado, deixamos cair nosso espírito na preguiça. Da mesma forma um homem, sempre vestido, calçado, servido por seus criados e levado por seus cavalos, perde finalmente a força e o uso de seus membros. Boileau vangloriava-se de ter ensinado Racine a rimar dificilmente. Entre tantos métodos admiráveis para abreviar o estudo das ciências, teríamos grande necessidade de alguém que nos desse um para aprendê-las com esforço.

A vantagem mais sensível dessas lentas e laboriosas pesquisas está em manter, em meio aos estudos especulativos, o corpo na sua atividade, os membros na sua flexibilidade, e adaptar sem cessar as mãos ao trabalho e aos usos úteis ao homem. Tantos instrumentos inventados para guiar-nos em nossas experiências e suprir a precisão de nossos sentidos, fazem com que negligenciemos exercitá-los. O grafômetro dispensa-nos de calcular o grau dos ângulos; o olho que media com exatidão as distâncias confia na fita que as mede por ele; a balança romana me isenta de julgar pela mão o peso que conheço por ela. Quanto mais nossos instrumentos são engenhosos, mais nossos órgãos se tornam grosseiros e inábeis: à força de juntar máquinas ao redor de nós, não mais as encontramos em nós mesmos.

Mas quando pomos, em fabricar tais máquinas, a habilidade que as substituíamos, quando empregamos, para fazê-las, a sagacidade de que precisávamos para as dispensarmos, ganhamos sem nada perdermos, acrescentamos a arte à natureza e tornamo-nos mais engenhosos sem nos tornarmos menos hábeis. Se ao invés de colar um menino nos livros ou o ocupar num *atelier*, suas mãos trabalharão em proveito de seu espírito: torna-se filósofo e acredita ser apenas um operário. Finalmente esse exercício tem outras serventias de que falarei adiante; e ver-se-á como, dos jogos da filosofia, pode alguém se elevar às verdadeiras funções do homem.

Já disse que os conhecimentos puramente especulativos não convinham às crianças, ainda que se aproximando da adolescência; mas sem as fazer entrar na física sistemática, fazei, entretanto, com que todas as suas experiências se liguem uma a outra por uma espécie de dedução, a fim de que, com a ajuda desse encadeamento, elas as possam pôr em ordem em seu espírito e delas se lembrar oportunamente; pois é bem difícil que fatos e mesmo raciocínios permaneçam durante muito tempo na memória, quando se carece de ponto de apoio para a ela trazê-los de volta.

Na procura das leis da natureza, começai sempre pelos fenômenos mais comuns e mais sensíveis, e acostumai vosso aluno a não tomar esses fenômenos por razões e sim por fatos. Pego uma pedra, finjo colocá-la no ar; abro a mão, a pedra cai. Olho para Emílio, atento ao que faço, e digo-lhe: por que esta pedra caiu?

Qual a criança que não saberá responder a esta pergunta? Nenhuma, nem mesmo Emílio se eu não tiver tomado grande cuidado em prepará-lo para não saber responder. Todas dirão que a pedra cai porque pesa. E que é peso? É o que cai. Então a pedra cai porque cai? Aqui meu pequeno filósofo não sabe mesmo que dizer. Eis sua primeira lição de física sistemática, e, seja-lhe ela útil ou não nesse sentido, será sempre uma lição de bom senso.

Na medida em que a criança progride em inteligência, outras considerações importantes nos obrigam a melhor escolha nas suas ocupações. Logo que ela chega a conhecer-se bastante a si mesma para conceber em que consiste seu bem-estar, logo que pode apreender relações bastante extensas para julgar do que lhe convém e do que não lhe convém, ela se acha em condições de sentir a diferença entre o trabalho e o divertimento e encarar este como descanso do outro. Então, objetos de utilidade real podem entrar em seus estudos e levá-la a dar-lhes uma aplicação mais constante da que daria a simples folguedos. A lei da necessidade, sempre renascente, ensina desde cedo o homem a fazer o que não lhe agrada a fim de prevenir um mal que lhe desagradaria mais ainda. Tal é o emprego da previdência e desta previdência bem ou mal regrada nasce toda a sabedoria ou toda a miséria humanas.

Todo homem quer ser feliz; mas para chegar a sê-lo seria preciso começar por saber o que é a felicidade. A felicidade do

homem natural é tão simples quanto sua vida; consiste em não sofrer: a saúde, a liberdade, o necessário a constituem. A felicidade do homem moral é outra coisa; mas não é deste que se trata aqui. Não repetirei nunca demais que só os objetos físicos podem interessar as crianças, principalmente aquelas cuja vaidade não se despertou e que não se corromperam de antemão com o veneno da opinião.

Quando, antes de sentir suas necessidades, elas as prevêm, sua inteligência já está bastante adiantada, começam a conhecer o valor do tempo. Importa então acostumá-las a dirigir seu emprego para objetos úteis, mas de uma utilidade sensível a sua idade e ao alcance de sua compreensão. Tudo que participa da ordem moral e do interesse da sociedade não deve desde logo ser-lhes apresentado, pois elas não se acham em condições de entendê-lo. É uma inépcia exigir delas que se interessem por coisas que lhes dizemos vagamente serem para seu bem, sem que saibam que bem é este, e que lhes asseguramos de que tirarão proveito quando grandes, sem que por ora se preocupem em absoluto com o pretenso proveito que não poderiam compreender.

Que a criança nada faça por simples recomendação; só é certo e bom para ela o que sente assim ser. Lançando-a à frente de sua compreensão, imaginai ser providente e careceis de providência. Para armá-la com alguns vãos instrumentos cujo uso nunca entenderá talvez, vós lhe tirais o instrumento mais universal do homem que é o bom senso; vós a acostumais a sempre se deixar guiar, a não passar nunca de uma máquina nas mãos de outrem. Quereis que seja dócil em criança; é querer que seja crédula e facilmente enganável quando grande. Dizeis-lhe sem cessar: "tudo o que lhe peço é para seu bem; mas não estais em condições de conhecer esse bem. Que importa a mim que você faça ou não o que exijo? É tão-somente para você que você trabalha". Com todas estas belas palavras que lhe dizeis para torná-la bem comportada, preparaís o êxito daquelas que lhe dirá um dia um visionário, um vigarista, um charlatão, um malandro ou um louco, a fim de pegá-la em sua armadilha ou para que compartilhe sua loucura.

É importante que um homem saiba muitas coisas cuja utilidade uma criança não pode compreender; mas será preciso, e poderá ser, que uma criança aprenda tudo o que importa a um homem saber? Tratai de ensinar à criança tudo o que é

útil a sua idade e vereis que todo seu tempo estará mais do que cheio. Por que quereis, em detrimento dos estudos que lhe convêm hoje, aplicá-la nos de uma idade a que não é certo que chegue? Mas, direis, haverá tempo para aprender o que se deve saber quando chegar o momento de empregá-lo? Ignoro-o; o que sei é que é impossível aprendê-lo antes; porque nossos verdadeiros mestres são a experiência e o sentimento e nunca o homem sente bem o que convém ao homem senão nas situações em que se encontra. Uma criança sabe que é feita para se tornar homem, todas as idéias que pode ter da condição de homem são oportunidades de instrução para ela; mas acerca das idéias sobre essa condição, que não estão a seu alcance, ela deve permanecer numa ignorância total. Todo o meu livro não passa de uma prova contínua deste princípio de educação.

Logo que conseguimos dar a nosso aluno uma idéia da palavra *útil*, temos mais um meio de orientá-lo. Em verdade essa palavra o impressiona muito, porque não tem para ele senão um sentido relativo à sua idade e que ele vê claramente sua relação com o seu estar presente. Vossos filhos não se impressionam com essa palavra porque não cuidastes de lhes dar uma idéia a seu alcance e que, outros se encarregando sempre de prover ao que lhes é útil, nunca precisaram pensar nisso eles próprios e não sabem o que seja utilidade.

Para que serve isto? Eis, a partir de agora, as palavras sagradas, determinantes entre mim e ele em todas as ações de nossa vida; eis a pergunta que, de minha parte, acompanha inevitavelmente todas as suas perguntas e que serve de freio ao ror de interrogações tolas e fastidiosas com que as crianças aborrecem sem cessar e sem resultado todos os que as cercam, mais para exercer sobre os outros alguma espécie de domínio do que para tirar algum proveito. Aquele a quem, como mais importante lição, se ensina a não querer nada saber senão o útil, interroga como Sócrates; não faz pergunta sem pensar na razão que lhe vão solicitar antes de a resolver.

Vede que instrumento potente vos ponho nas mãos para agirdes sobre vosso aluno. Não sabendo os motivos de nada, ei-lo quase reduzido ao silêncio quando isso vos agrada; e vós, ao contrário, quantas vantagens vossos conhecimentos e vossa experiência vos dá para lhe mostrardes a utilidade de tudo o que lhe propondes! Sim, não vos iludais, fazer-lhe uma per-

gunta é ensinar-lhe a vo-la fazer por sua vez. E deveis esperar que a tudo o que propuserdes depois, ela não deixará ante o vosso exemplo de dizer: *Para que serve isto?*

Está aqui talvez a armadilha mais difícil de evitar para um governante. Se, no problema da criança, não buscando senão vos safar disso, vós lhe derdes uma só razão que ela não esteja em condição de entender, vendo que raciocinais com vossas idéias e não as suas, ela considerará boa para vossa idade e não para a sua o que lhe direis. Não confiará mais em vós e tudo estará perdido. Mas onde está o mestre que concorde em não responder e confesse seus erros perante seu aluno? Todos farão uma lei em não convir nem mesmo nos que têm; e eu farei uma de convir até nos que não tenha, quando não puder pôr minhas razões a seu alcance. Assim minha conduta, sempre nítida em seu espírito, nunca lhe será suspeita e terei mais crédito atribuindo-me erros do que eles escondendo os seus.

Primeiramente pensai bem em que raramente vos cabe propor-lhe o que deve aprender; ele é que deve desejá-lo, procurá-lo, encontrá-lo; a vós a tarefa de fazer nascer habilmente o desejo e de fornecer-lhe os meios de satisfazê-lo. Disso se deduz que vossas perguntas devem ser pouco freqüentes, mas bem escolhidas e como ele terá muito mais a fazer-vos do que vós a ele, vós estareis sempre menos desprevenido e o mais das vezes no caso de lhe dizer: *Em que o que me perguntais é útil a saber?*

Demais, como importa pouco que ele aprenda isto ou aquilo, desde que conceba bem o que aprende, e o uso do que aprende, desde que não tenhais a dar-lhe um esclarecimento que seja bom para ele, não lhe deis nenhum. Dizei-lhe sem escrúpulo: Não tenho uma boa resposta para dar a você; erreí, deixemos isto. Se vossa instrução era realmente deslocada não haveria mal em abandoná-la inteiramente; se não o era, com algum cuidado encontrareis dentro em breve a oportunidade de tornar-lhe sensível a utilidade dela.

Não gosto das explicações em discurso; os jovens prestam pouca atenção e não as retêm. As coisas! as coisas! Nunca repetirei bastante que damos demasiada importância às palavras; com nossa educação tagarela, não fazemos senão tagarelas.

Suponhamos que enquanto estudo com meu aluno o curso do sol e a maneira de me orientar, de repente ele me inter-

rompa para me perguntar para que serve tudo isto. Que lindo discurso vou fazer-lhe! De quantas coisas aproveito a oportunidade para instruí-lo respondendo a sua pergunta, principalmente se tivermos testemunhas de nosso diálogo⁴. Falar-lhe-ei da utilidade das viagens das aventuras do comércio, das produções particulares em cada clima, dos costumes dos diferentes povos, do uso do calendário, da suputação da volta das estações para a agricultura, da arte da navegação, da maneira de se orientar no mar e de seguir exatamente sua rota sem saber onde se está. A política, a história natural, a astronomia, a moral mesma e o direito das gentes entrarão na minha explicação de maneira a dar a meu aluno uma grande idéia de todas as ciências e um grande desejo de aprendê-las. Quando eu tiver tudo dito, terei feito uma exibição de verdadeiro pedante, em que ele não terá compreendido uma única idéia. Ele teria grande vontade de me perguntar, como antes, para que serve orientar-se; mas não ousa de medo que me zangue. Acha melhor solução fingir que entende o que lhe obrigaram a ouvir. Assim se praticam as belas educações!

Mas nosso Emílio, mais rusticamente educado, e a quem damos com tanto esforço uma educação dura, não ouvirá nada disso. À primeira palavra que não entender, fugirá, irá brincar no quarto e me deixará discursar sozinho. Busquemos uma solução mais grosseira: meu aparelhamento científico não lhe serve de nada.

Observávamos a posição da floresta ao norte de Montmorency, quando ele me interrompeu com sua importuna pergunta: *Para que serve isto?* Tendes razão, lhe digo, é preciso pensar em lazer; e se achamos que este trabalho não vale nada, não voltaremos a ele, pois não carecemos de divertimentos úteis. A gente se ocupa com outra coisa e não se pensa mais em geografia, durante o dia todo.

No dia seguinte pela manhã eu lhe proponho um passeio antes do almoço; não quer outra coisa; as crianças estão sempre dispostas a correr e esta tem boas pernas. Subimos à floresta, percorremos os Champeaux, perdemos-nos, não sabemos mais

(4) Observei muitas vezes que, nas doudas instruções que damos às crianças, pensamos menos em que as escutem do que os adultos presentes. Estou muito seguro do que digo porque o observei em mim mesmo.

onde nos encontramos; e quando se trata de voltar não conseguimos encontrar nosso caminho. O tempo passa, vem o calor, temos fome; apressamo-nos, erramos em vão de lado e de outro, por toda parte não deparamos senão com bosques, pedreiras, planícies, nenhuma informação nos permite reconhecermos o caminho. Cansados, esgotados, esfomeados, com nossas corridas não fazemos senão nos perdermos mais. Sentamo-nos enfim para descansar, para deliberar. Emílio, que suponho educado como outra criança, não delibera, chora. Não sabe que estamos às portas de Montmorency, e que um simples bosque no-la esconde; mas esse bosque é uma floresta para ele, um homem de sua estatura se enterra entre arbustos.

Depois de alguns momentos de silêncio, digo-lhe com um ar inquieto: Meu caro Emílio, como vamos fazer para sairmos daqui?

EMÍLIO,

suando e chorando copiosamente.

Não sei. Estou cansado, estou com fome, estou com sede, não agüento mais.

JEAN-JACQUES

Imaginais-me, porventura, em melhor estado? E imaginai que não choraria se pudesse almoçar as minhas lágrimas? Mas não se trata de chorar, trata-se de se orientar. Vejam vosso relógio, que horas são?

EMÍLIO

Meio-dia e estou em jejum.

JEAN-JACQUES

É verdade, meio-dia e estou em jejum.

EMÍLIO

Ah, como deveis ter fome!

JEAN-JACQUES

A desgraça é que meu almoço não me virá buscar aqui. É meio-dia, precisamente a hora em que observávamos ontem, em

Montmorency, a posição da floresta. Se pudéssemos, da floresta, observar a posição de Montmorency!...

EMÍLIO

É, mas ontem nós víamos a floresta e daqui não vemos a cidade.

JEAN-JACQUES

É o problema... Se pudéssemos não nos incomodar com ela para encontrar sua posição!...

EMÍLIO

Meu pobre amigo!

JEAN-JACQUES

Não dizíamos que a floresta se achava...

EMÍLIO

Ao norte de Montmorency.

JEAN-JACQUES

Por conseguinte Montmorency deve estar...

EMÍLIO

Ao sul da floresta.

JEAN-JACQUES

E teremos algum meio de encontrar a direção a meio-dia?

EMÍLIO

Sim, pela direção da sombra.

JEAN-JACQUES

Mas o sul?

EMÍLIO

Que fazer?

JEAN-JACQUES

O sul opõe-se ao norte.

EMÍLIO

É verdade; basta então procurar o lado oposto à sombra. Ah! eis o sul! eis o sul, por certo Montmorency é deste lado.

JEAN-JACQUES

Podeis ter razão; sigamos este atalho através da floresta.

EMÍLIO,

batendo palmas e dando um grito de alegria.

Estou vendo Montmorency! Aí na frente de nós, bem visível. Vamos almoçar, vamos depressa; a astronomia serve para alguma coisa.

Considerai que se ele não disser esta última frase, ele a pensará; pouco importa, desde que não seja eu quem a diga. Mas ficai certo de que ele não esquecerá nunca a lição desse dia; ao passo que se eu o tivesse levado a supor tudo isso no seu quarto, minhas palavras teriam sido esquecidas no dia seguinte. É preciso falar tanto quanto possível pelas ações e só dizer o que não se pode fazer.

Não imagine o leitor que o despreze, dando-lhe um exemplo de cada espécie de estudo: mas, qualquer que seja o problema, não exortarei nunca demais o governante a bem testar sua prova pela capacidade do aluno; mais uma vez, o mal não está no que ele não entende e sim no que acredita entender.

Lembro-me de que, querendo infundir num aluno o gosto pela química, depois de lhe ter mostrado várias precipitações metálicas eu lhe explicava como se fazia a tinta. Dizia-lhe que o negrume provinha apenas de um ferro muito pulverizado, destacado do vitríolo, e precipitado num líquido alcalino. No meio de minha douda explicação, o pequeno malandro me deteve repentinamente com o que eu lhe ensinara: vi-me bastante embaraçado.

Depois de ter pensado um pouco, tomei meu partido: mandei buscar vinho na adega do dono da casa e outro vinho ba-

rato na mercearia. Peguei de um pequeno frasco uma solução de álcali fixo; depois, tendo à minha frente dois copos dos dois vinhos diferentes⁵, assim lhe falei:

Falsificam-se muitos produtos para fazer com que pareçam melhores do que são. Essas falsificações enganam o olho e o paladar; mas são nocivas e tornam a coisa falsificada pior, com sua bela aparência do que o era antes.

Falsificam-se principalmente as bebidas, e sobretudo os vinhos, porque a falsificação é mais difícil de se descobrir e dá maiores lucros ao falsificador.

A falsificação dos vinhos verdes ou azedos, faz-se com litargírio, uma preparação de chumbo. O chumbo unido aos ácidos produz um sal muito doce que corrige, ao paladar, o verdor do vinho, mas é um veneno para os que o bebem. Cumpre portanto, antes de beber o vinho, verificar se contém litargírio ou não. Ora, eis como raciocino para descobrir isso.

O líquido do vinho não contém somente álcool inflamável, como se pode ver da aguardente que dele se tira; contém ainda ácido, como se pode perceber pelo vinagre e o tártaro que dele também se tiram.

O ácido alia-se às substâncias metálicas por dissolução, para formar um sal composto, como por exemplo a ferrugem, que não passa de um ferro dissolvido pelo ácido contido no ar ou na água, e como o azinhavre que não passa de um cobre dissolvido pelo vinagre.

Mas esse mesmo ácido tem mais afinidades ainda com as substâncias alcalinas do que com as substâncias metálicas, de maneira que, pela intervenção das primeiras nos sais compostos de que acabo de falar, o ácido é forçado a largar o metal a que está unido para se prender ao álcali.

Então a substância metálica, libertada do ácido que a mantinha dissolvida, precipita-se e torna o líquido opaco.

Por conseguinte, se um destes dois vinhos contém litargírio, seu ácido o mantém em dissolução. Jogando nele um líquido alcalino, este forçará o ácido a desprender-se para se unir a ele; o chumbo, não estando mais mantido em dissolução,

(5) Em qualquer explicação que se dê à criança, uma pequena encenação precedente é muito útil para provocar sua atenção.

reaparecerá, turvará o líquido e se precipitará finalmente no fundo do copo.

Se não houver chumbo ⁶, nem outro metal no vinho, o álcali unir-se-á tranqüilamente ao ácido ⁷, tudo permanecerá dissolvido e não haverá nenhuma precipitação.

Depois disso derramei meu líquido alcalino sucessivamente nos dois copos: o do vinho de casa ficou claro, diáfano; o outro durante um momento ficou turvo e ao fim de uma hora viu-se nitidamente o chumbo precipitado no fundo do copo.

Eis, continuei, o vinho natural e puro que se pode beber e eis o vinho falsificado que envenena. Isso se descobre através dos mesmos conhecimentos cuja utilidade indagáveis: quem sabe bem como se faz tinta sabe conhecer os vinhos adulterados.

Eu estava muito contente com meu exemplo e, no entanto, percebi que meu aluno não se impressionava. Precisei de algum tempo para sentir que eu tinha feito apenas uma tolice, pois, sem falar da impossibilidade de um menino de doze anos poder acompanhar minha explicação, a utilidade da experiência não entrava em seu espírito porque, tendo provado os dois vinhos e achado ambos bons, não juntava nenhuma idéia à palavra falsificação que eu pensava lhe ter tão bem explicado. As outras palavras, *malsão*, *veneno*, não tinham nenhum sentido para ele; estava no caso como o historiador do médico de Filipe: é o caso de tôdas as crianças.

As relações entre as causas e os efeitos, cuja ligação não percebemos, os bens e os males de que não temos nenhuma idéia, as necessidades que nunca sentimos, são nulos para nós; é impossível interessarmo-nos, por eles, a fazer qualquer coisa que com eles se relacione. Vê-se a quinze anos a felicidade

(6) Os vinhos que vendem a varejo nas mercearias de Paris, embora não contenham todos litargírio, são raramente isentos de chumbo, porque os balcões desses mercadores são guarnecidos desse metal e o vinho que se derrama da medida, passando e se demorando sobre o chumbo, sempre dissolve um pouco dele. É estranho que um abuso tão manifesto e tão perigoso seja tolerado pela polícia. Mas é verdade que as pessoas abastadas, não bebendo tais vinhos, não estão sujeitas a envenenamento.

(7) O ácido vegetal é muito doce. Se se tratasse de um ácido mineral e menos dissolvido, a união não se faria sem efervescência.

de um homem sábio, como a trinta a glória do paraíso. Se não concebemos bem nem um nem outro, pouco faremos para adquiri-las; e ainda que as concebêssemos, pouco faríamos se não as desejassemos, se não as sentíssemos convenientes a nós. É fácil convencer uma criança de que o que lhe queremos ensinar é útil; não basta entretanto convencê-la, é preciso persuadi-la. É em vão que a razão tranqüila nos leve a aprovar ou condenar; somente a paixão nos faz agir; e como apaixonar-se por interesses que ainda não se têm?

Não mostreis nunca à criança nada que ela não possa ver. Enquanto a humanidade quase lhe é estranha, não podendo elevá-la ao estado adulto, abaixai para ela o homem à condição de criança. Pensando naquilo que lhe pode ser útil noutra idade, não lhe faleis senão do que ela vê como útil desde já. Nunca façais comparações com outras crianças, nada de rivais, nada de concorrentes mesmo na corrida, logo que começar a raciocinar; prefiro cem vezes que não aprenda nada a que aprenda somente através da inveja ou da vaidade. Mas tomarei nota todos os anos dos progressos que tiver realizado; compará-los-ei com os que vier a fazer no ano seguinte; dir-lhe-ei: Cresceste e melhoraste tanto. Eis o fosso que saltavas, o fardo que carregavas; eis a distância a que lançavas uma pedra, a distância que percorrias de um fôlego etc.; vejamos agora o que farás. Assim a incentivo sem a tornar invejosa de ninguém. Ela quererá superar-se. Deve-o querer; não vejo inconveniente em que seja êmulo de si mesma.

Detesto os livros; só ensinam a falar do que não se sabe. Dizem que Hermes gravou em colunas os elementos das ciências para pôr suas descobertas ao abrigo de um dilúvio. Se os tivesse gravado na cabeça dos homens, aí se teriam conservado por tradição. Cérebros bem preparados são os monumentos em que se gravam mais seguramente os conhecimentos humanos.

Não haveria um meio de reunir tantas lições esparsas em tantos livros num objeto comum que pudesse ser visto facilmente, ser acompanhado com interesse e servir de estimulante mesmo nessa idade? Se se puder inventar uma situação em que todas as necessidades naturais do homem se mostrem de maneira sensível ao espírito de uma criança e em que os meios de atender a tais necessidades se desenvolvam sucessivamente com a mesma facilidade, pela pintura viva e ingênua desse es-

tado é que seria preciso dar o primeiro exercício à sua imaginação.

Filósofo ardoroso, já estou vendo excitar-se a vossa. Não deis tratos à bola; essa situação existe, está descrita e, sem vos incriminar, muito melhor que a poderíeis descrever, com mais verdade e simplicidade, ao menos. Desde que precisamos absolutamente de livros, existe um que fornece, a meu ver, o mais feliz tratado de educação natural. Esse livro será o primeiro que meu Emílio lerá; ele sozinho constituirá durante muito tempo toda a sua biblioteca e sempre terá nela um lugar importante. Será o texto a que todas as nossas conversações acerca das ciências naturais servirão apenas de comentários. Servirá para comprovar os progressos de nossos juízos. E enquanto nosso gosto não se estragar ele nos agradará sempre. Mas qual será esse livro maravilhoso? Aristóteles? Plínio? Buffon? Não: Robinson Crusoé.

Robinson Crusoé na sua ilha, sozinho, desprovido da assistência de seus semelhantes e dos instrumentos de todas as artes, provendo contudo a sua subsistência, a sua conservação, e alcançando até uma espécie de bem-estar, eis um objeto interessante para qualquer idade e que temos mil meios de tornar interessante às crianças. Eis como realizamos a ilha deserta que me servia a princípio de comparação. Essa situação, convenho, não é a do homem social; com toda verossimilhança não deve ser a de Emílio: mas é segundo essa situação que deve apreciar todas as outras. O meio mais seguro de elevar-se acima dos preconceitos e de ordenar seus julgamentos sobre as verdadeiras relações das coisas, está em colocar-se no lugar de um homem isolado e tudo julgar como esse homem deve julgar ele próprio, em razão de sua utilidade.

Esse romance, despojado de toda a sua farragem, começando com o naufrágio de Robinson perto de sua ilha e acabando com a chegada do navio que o deve recolher, será a um tempo o divertimento e a instrução de Emílio durante a época de que se trata aqui. Quero que a cabeça lhe vire, que se ocupe sem cessar com seu castelo, suas cabras, suas plantações: que aprenda pormenorizadamente, não nos livros e sim com as coisas, tudo o que é preciso saber em tais casos; que pense ser Robinson ele próprio; que se veja vestido de peles, com um grande boné, um grande sabre, todo o equipamento grotesco da imagem, salvo o guarda-sol de que não precisará.

Quero que se inquiete com as medidas a serem tomadas, com isto ou aquilo de que venha a carecer, que examine a conduta de seu herói, que procure ver se nada omitiu, se não podia fazer melhor; que anote atentamente os erros e que disso se aproveite para não os repetir, pois não duvideis de que não projete atirar-se a semelhante proeza; é o verdadeiro castelo na Espanha dessa idade feliz, em que não se conhecem outras felicidades senão o necessário e a liberdade.

Que recurso uma tal loucura para um homem hábil que só a soube inventar para dela tirar proveito! A criança apressada em juntar material para sua ilha, terá mais ardor em aprender do que o mestre em ensinar. Há de querer saber tudo que é útil e só há de querer saber isso; não tereis mais necessidade de guiá-la, bastará retê-la. Apressai-vos, de resto, em estabelecer a na ilha enquanto nela ela confina sua felicidade; pois já se aproxima o dia em que, se ainda quiser viver nela, não desejará mais viver só e em que *Sexta-Feira*, que agora não o impressiona muito, não lhe bastará.

A prática das artes naturais a que pode atender um homem só, leva à procura das artes industriais e que reclamam o concurso de muitas mãos. As primeiras podem ser exercidas por solitários, por selvagens; mas as outras não podem nascer senão na sociedade e a tornam necessária. Enquanto só se conhece a necessidade física, todo homem se basta a si mesmo; a introdução do supérfluo torna indispensáveis a divisão e a distribuição do trabalho; porque, embora um homem trabalhando sozinho ganhe apenas a subsistência de um homem, cem homens trabalhando juntos ganham com que dar subsistência a duzentos. Portanto, desde que uma parte dos homens descanse, é preciso que o concurso dos braços dos que trabalham supra a ociosidade dos que não fazem nada.

Vosso maior cuidado deve ser o de afastar do espírito de vosso aluno todas as noções das relações sociais que não estejam a seu alcance; mas quando o encadeamento dos conhecimentos vos forçar a mostrar-lhe a dependência mútua dos homens, ao invés de a mostrar-lhe pelo lado moral, desviai desde logo toda a sua atenção para a indústria e as artes mecânicas que as tornam úteis umas às outras. Levando-o de oficina em oficina, não deixeis nunca que veja algum trabalho sem pôr ele próprio mão à obra, nem que saia sem saber exatamente a razão de tudo que se faz, ou, pelo menos, de tudo o que

observou. Para isso trabalhai vós mesmo, dai-lhe em toda parte o exemplo. Para torná-lo mestre, sede aprendiz, e considerai que uma hora de trabalho lhe ensinará mais coisas do que um dia de explicações.

Há uma estima pública ligada às diversas artes em razão inversa de sua utilidade real. Essa estima mede-se diretamente pela sua própria inutilidade e assim deve ser. As artes mais úteis são as que rendem menos, porque o número dos operários é proporcional à necessidade dos homens, e que o trabalho necessário a todo mundo se mantém forçosamente a um preço que o pobre pode pagar. Ao contrário, os importantes a que não chamam artesãos e sim artistas, trabalhando unicamente para os ociosos e os ricos, atribuem um preço arbitrário a suas bugigangas; e como o mérito desses vãos trabalhos depende apenas da opinião, seu preço mesmo participa desse mérito e estimam-nos na proporção do que custam. O caso que deles faz o rico não vem de seu uso e sim do fato de que o pobre não os pode pagar: *Nolo habere bona nisi quibus populus invidet*.

Que se tornarão vossos alunos se os deixardes adotar tão tolo preconceito, se os favorecerdes vós mesmo, se vos virem, por exemplo, entrar com mais consideração na loja de um joalheiro do que na de um serralheiro? Que juízo farão do verdadeiro mérito das artes e do verdadeiro valor das coisas, quando virem por toda parte o preço da fantasia em contradição com o preço tirado da utilidade real, e que quanto mais a coisa custa menos vale? Desde o momento em que deixardes essas idéias entrarem em suas cabeças, abandonai o resto de sua educação; serão educados como todo mundo e tereis perdido catorze anos de cuidados.

Emílio, pensando em mobiliar sua ilha, terá outras maneiras de ver. Robinson teria dado muito mais importância à loja do serralheiro que a todos os penduricalhos de Saíde. O primeiro teria-lhe parecido um homem muito respeitável e o outro um charlatão.

“Meu filho é feito para viver na sociedade; não viverá com sábios e sim com loucos; é preciso portanto que conheça suas loucuras, porquanto é por elas que querem ser conduzidos. O conhecimento real das coisas pode ser bom, mas o dos homens e de seus julgamentos vale ainda mais; pois na sociedade humana o maior instrumento do homem é o homem; e o mais sábio é o que mais habilmente se serve dêsse instrumento.

Para que dar às crianças a idéia de uma ordem imaginária inteiramente contrária à que encontrarão estabelecida e de acôrdo com a qual deverão guiar-se? Dai-lhe primeiramente lições para serem sábios e depois lhes dareis para julgarem em que os outros são loucos."

Eis as máximas especiosas segundo as quais a falsa prudência dos pais se exerce para tornar seus filhos escravos dos preconceitos com que os alimentam, e joguetes eles próprios da turba insensata de que pensam fazer o instrumento de suas paixões. Para chegar a conhecer o homem, quantas coisas é preciso conhecer antes! O homem é o último estudo do sábio e quereis fazer dele o primeiro de uma criança! Antes de instruí-la acerca de nossos sentimentos, começai por ensinar-lhe a apreciá-los. Será conhecer uma loucura encará-la como razão? Para ser sábio cumpre discernir o que não o é. Como vosso filho conhecerá os homens, se não sabe nem pesar seus juízos nem deslindar seus erros? É um mal saber o que pensam, quando se ignora se o que pensam é verdadeiro ou falso. Ensinai-lhe pois, primeiramente, o que são as coisas em si mesmas, e lhe ensinareis depois o que elas são aos nossos olhos; assim é que saberá comparar a opinião com a verdade e elevar-se acima do vulgar; pois não conhecemos os preconceitos quando os adotamos e não conduzimos o povo quando a ele nos assemelhamos. Mas se começardes instruindo-a acerca da opinião pública antes de lhe ensinardes a apreciá-la, o que quer que façais, ela se tornará a dele e não a destruireis mais. Chego à conclusão de que para tornar um jovem judicioso, é preciso bem formar seus juízos ao invés de ditar-lhe os nossos.

Observais que até aqui falei dos homens a meu aluno, teria tido bom senso demais para me entender; suas relações com sua espécie não são ainda bastante sensíveis para que possa julgar os outros por si; não conhece outro ser humano senão ele próprio e ainda está mesmo bem longe de se conhecer; mas se ele expande poucos julgamentos sobre sua pessoa, pelo menos não os expande senão justos. Ele ignora qual seja o lugar dos outros, mas ele sente o seu e nele se mantém. Em lugar das leis sociais que não pode compreender, nós o ligamos às cadeias da necessidade. Não é ainda senão quase um ser físico, continuemos a tratá-lo como tal.

É por sua relação sensível com sua utilidade, sua segurança, sua conservação, seu bem-estar, que ele deve apreciar to-

dos os corpos da natureza e todos os trabalhos dos homens. Por isso o ferro deve ser a seus olhos de um preço maior que o ouro, e o vidro do que o diamante. Do mesmo modo ele honra muito mais um sapateiro, ou um pedreiro do que um Lempereueur ou um Le Blanc ou quaisquer outros joalheiros da Europa. Um confeitiro é principalmente a seus olhos um homem muito importante e ele daria toda a academia das ciências pelo menor doceiro da rua dos Lombardos. Os joalheiros, os gravadores, os douradores, não são de seu ponto de vista senão vagabundos que se divertem com jogos perfeitamente inúteis; nem se quer ele dá muita importância à relojoaria. A feliz criança goza seu tempo sem dele ser escrava: aproveita-o e não lhe conhece o preço. A calma das paixões que torna para ela o seu curso sempre igual, dispensa o instrumento para medi-lo se necessário⁸. Supondo-lhe um relógio, tanto quanto o fazendo chorar, eu me dava um Emílio vulgar, para ser útil e fazer-me compreender. Quanto ao verdadeiro, uma criança tão diferente das outras não serviria de exemplo a nada.

Há uma ordem não menos natural e mais judiciosa ainda, pela qual se consideram as artes segundo as relações de necessidade que as ligam, pondo no primeiro plano as mais independentes e no último as que dependem de maior número de outras. Essa ordem que fornece importantes considerações sobre a da sociedade geral, é semelhante à precedente, e sujeita à mesma inversão no espírito dos homens. De modo que o emprego das matérias-primas se faz em profissões sem glória, quase sem lucro, e que quanto mais mudam de mãos, mais a mão-de-obra se torna mais cara e mais honrosa. Não examino aqui se é verdade que a indústria seja maior e mereça maior recompensa nas artes minuciosas que dão a última forma a tais matérias, que no primeiro trabalho que as converte ao uso dos homens: mas digo que em cada coisa a arte cujo uso geral é mais indispensável é incontestavelmente a que merece mais estima e que aquela à qual menor número de outras artes se faz necessário, a merece acima de todas as outras, mais subordinadas, porque é mais livre e se acha mais perto da independência.

(8) O tempo perde para nós sua medida, quando nossas paixões querem reger-lhe o curso à vontade. O relógio do sábio é a igualdade de humor e a paz da alma: ele está sempre na hora certa, ele a conhece sempre.

Eis as verdadeiras regras da apreciação das artes e da indústria; tudo o mais é arbitrário e depende da opinião.

A primeira e a mais respeitável de todas as artes é a agricultura: poria a forja em segundo lugar, a construção em terceiro e assim por diante. A criança que não tiver sido seduzida pelos preconceitos vulgares julgará precisamente assim. Quantas reflexões importantes não tirará nosso Emílio de seu Robinson, a propósito! Que pensará vendo que as artes só se aperfeiçoam se subdividindo, multiplicando ao infinito os instrumentos de umas e outras? Dir-se-á: Toda essa gente é totalmente engenhosa; é de crer que tem medo de que seus braços e seus dedos sirvam para alguma coisa, a tal ponto inventa instrumentos para dispensá-los. Para exercer uma só arte escraviza-se a mil outras; é preciso uma cidade para cada operário. Meu camarada e eu pomos nosso engenho na nossa habilidade; fazemos instrumentos para nós que podemos carregar conosco por toda parte. Toda essa gente tão orgulhosa de seus talentos em Paris nada saberia em nossa ilha, e seria por sua vez nossa aprendiz.

Leitor, não vos limiteis a ver aqui o exercício do corpo e a habilidade das mãos de nosso aluno; considerai que orientação damos a essas curiosidades infantis; considerai o sentido, o espírito inventivo, a previdência; considerai que mentalidade lhe vamos formar. Em tudo o que verá, em tudo o que fará, quererá tudo conhecer, quererá saber a razão de tudo. De instrumento em instrumento quererá sempre remontar ao primeiro; nada admitirá por suposição; recusar-se-á a aprender o que exigiria um conhecimento anterior que não teria; se vir fazer uma mola, quererá saber como o aço foi tirado da mina; se vir juntarem-se as peças de uma arca, quererá saber como a árvore foi cortada; se trabalhar ele próprio com cada ferramenta de que se servir, não deixará de dizer: se não tivesse esta ferramenta, como me arranjaria para fazer uma semelhante ou para dispensá-la?

De resto, um erro difícil de evitar nas ocupações pelas quais o mestre se apaixona está em supor sempre o mesmo gosto na criança: evitai, quando o divertimento do trabalho vos empolgar, que ela se aborreça sem ousar demonstrá-lo. A criança deve estar bem interessada na coisa: mas vós deveis estar inteiramente atento à criança, observá-la, fiscalizá-la sem cessar e sem que isso se perceba, pressentir todos os seus senti-

mentos, e prevenir os que não deve ter, ocupá-la, enfim, de maneira que não somente se sinta útil à coisa como ainda que com ela se agrade à força de bem compreender para que serve o que faz.

A sociedade das artes consiste em troca de indústrias, a do comércio em permuta de coisas, a dos bancos na de sinais e de dinheiro; todas essas idéias se encadeiam e as noções elementares já são sabidas; lançamos os fundamentos disso tudo, já na primeira infância, com a ajuda do jardineiro Robert. Só nos resta agora generalizar essas mesmas idéias e estendê-las a maior número de exemplos para fazê-la compreender o jogo do tráfico em si, tornado sensível pelos pormenores de história natural relativos às produções particulares de cada país, pelos pormenores de artes e de ciências que dizem respeito à navegação, finalmente pela maior ou menor dificuldade do transporte, segundo a distância dos lugares, a situação das terras, dos mares, dos rios etc.

Nenhuma sociedade pode existir sem trocas, nenhuma troca sem medida comum, nenhuma medida comum sem igualdade. Assim, toda sociedade tem como primeira lei alguma igualdade convencional, seja dos homens, seja das coisas.

A igualdade convencional entre os homens, bem diferente da igualdade natural, torna necessário o direito positivo, isto é, o governo e as leis. Os conhecimentos políticos de uma criança devem ser nítidos e limitados; não deve conhecer do governo em geral senão o que se relaciona com o direito de propriedade, de que já tem alguma idéia.

A igualdade convencional entre as coisas fez com que se inventasse a moeda; pois a moeda não passa de um termo de comparação para o valor das coisas de diferentes espécies; e nesse sentido a moeda é o verdadeiro elo da sociedade; mas tudo pode ser moeda; outrora o gado o era, conchas ainda o são em alguns povos primitivos; o ferro foi moeda em Esparta, o couro na Suécia, o ouro e a prata o são entre nós.

Os metais, por serem de mais fácil transporte, foram geralmente escolhidos como termos médios de todas as trocas; e converteram-se esses metais em moeda para evitar a medida ou o peso em cada troca: pois a marca da moeda não é senão uma atestação de que a peça assim marcada é de tal peso; só o príncipe tem direito de cunhar moeda porquanto só ele tem direito

de exigir que seu testemunho tenha autoridade perante o povo todo.

O uso dessa invenção, assim explicado, faz-se compreensível ao mais estúpido. É difícil comparar de imediato coisas de naturezas diversas, tecido, por exemplo, com trigo; mas quando se encontra uma medida comum, a saber a moeda, é fácil ao fabricante e ao lavrador relacionar o valor das coisas que querem trocar com essa medida comum. Se tal quantidade de tecido vale tal importância em dinheiro e que tal quantidade de trigo também vale a mesma importância, segue-se que o negociante, recebendo esse trigo por seu tecido, faz uma troca equitativa. Portanto, é pela moeda que os bens de espécies diferentes se tornam comensuráveis e se podem comparar.

Não ides mais longe, não entreis na explicação dos efeitos morais dessa instituição. Em todas as coisas importa bem expor os usos antes de mostrar os abusos. Se pretendesseis ensinar às crianças como os sinais fazem negligenciarem-se as coisas, como da moeda nasceram todas as quimeras da opinião, como os países ricos de dinheiro devem ser pobres de tudo, trataríeis essas crianças, não somente como filósofos mas também como homens sábios e pretenderíeis ensinar-lhes o que mesmo poucos filósofos conceberam bem.

Sobre que quantidade de assuntos interessantes não se pode atrair assim a curiosidade de um aluno, sem nunca deixar de lado as relações reais e materiais a seu alcance, nem deixar que se apresente a seu espírito uma só idéia que ele não possa conceber! A arte do mestre não consiste em deixar que suas observações se atardem em minúcias que a nada se prendem, e sim aproximá-lo sempre das grandes relações que deverá conhecer um dia para bem julgar da boa e da má organização da sociedade civil. É preciso saber adequar as conversações com as quais o divertimos à mentalidade que lhe demos. Tal ou qual questão que não poderia sequer tocar de leve a atenção de um outro, vai atormentar Emílio durante meses.

Vamos almoçar numa casa opulenta; deparamos com os preparativos de um festim; muita gente, muitos lacaios, muitos pratos, um serviço elegante e fino. Todo esse aparato de prazer e de festa tem qualquer coisa de embriagante, que sobe à cabeça quando não se está acostumado. Pressinto o efeito de tudo isso sobre meu jovem aluno. Enquanto a refeição se prolonga, enquanto os pratos se sucedem, enquanto reinam à mesa

mil comentários brilhantes, eu me achego a seu ouvido e digo-lhe: por quantas mãos estimas que passou tudo o que vês nesta mesa, antes de nela chegar? Quantas idéias não desperto em seu cérebro com essas poucas palavras! No mesmo instante se desfazem todos os vapores da embriaguez. Ele sonha, reflete, calcula, inquieta-se. Enquanto os filósofos, animados pelo vinho, talvez por suas vizinhas, dizem tolices e fazem-se de crianças, ele filosofa sozinho no seu canto; interroga-me; não respondo, deixo para outra oportunidade; impacienta-se, esquece de comer e de beber, fica aflito para sair da mesa a fim de conversar comigo à vontade. Que objeto para sua curiosidade! Que texto para sua instrução! Com um julgamento sadio, que nada pôde corromper, que pensará do luxo, quando verificar que todas as regiões do mundo foram solicitadas, que vinte milhões de mãos trabalharam, talvez durante muito tempo, que isso custou a vida de milhares de homens talvez, e tudo para apresentar-lhe pomposamente a meio-dia o que à noite vai depositar na privada?

Observai com cuidado todas as conclusões secretas que tira, em seu coração, de todas essas observações. Se o preservastes menos bem do que supponho, ele pode ser tentado a orientar suas reflexões noutro sentido e a se encarar como um personagem importante na sociedade, vendo tantos cuidados concorrerem para o preparo de sua refeição. Se pressentis esse raciocínio, podeis facilmente preveni-lo antes que o faça, ou, ao menos, destruir essa impressão. Não sabendo ainda apropriar-se das coisas, senão mediante um gozo material, ele não pode julgar de sua conveniência ou inconveniência a não ser pelas relações sensíveis. A comparação de um almoço simples e rústico preparado pelo exercício, condimentado pela fome, pela liberdade, pela alegria, com seu festim tão magnífico e tão bem regrado, bastará para fazê-lo sentir que toda a pompa do festim, não lhe tendo dado nenhum proveito real, e saindo seu estômago tão satisfeito da mesa do camponês quanto da do financista, não havia nada mais num do que no outro a que pudesse chamar verdadeiramente seu.

Imaginemos o que em semelhante caso um governante poderá dizer-lhe. Recorda bem as duas refeições e julga em ti mesmo qual delas fizeste com mais prazer; na qual observaste maior alegria? na qual se comeu com mais apetite, se bebeu mais alegremente, se riu com mais espontaneidade? qual durou mais tempo sem aborrecimento e sem necessidade de ser renovada com

novos pratos? Entretanto, vê a diferença: esse pão de rala que achaste tão bom, vem do trigo colhido por esse camponês; seu vinho escuro e grosseiro, mas que desaltera e é sadio, vem de sua vinha; a toalha vem de seu cânhamo fiado no inverno por sua mulher, por suas filhas, por sua criada; nenhuma das mãos senão as de sua família prepararam a mesa; o moinho mais próximo e o mercado vizinho são para ele as fronteiras do universo. Em que realmente gozaste de tudo o que forneceram a mais a terra longínqua e a mão dos homens na outra mesa? Se tudo isto não te deu uma melhor refeição, que ganhaste com tanta abundância? Que havia lá feito para ti? Se fosses o dono da casa — poderá acrescentar — tudo isso te teria parecido mais estranho ainda: porque o cuidado de exhibir aos olhos dos outros teu gozo teria acabado por tirá-lo de ti: terias tido o trabalho e eles o prazer.

Tais palavras são talvez muito belas; mas nada valem para Emílio de quem ultrapassam o entendimento e a quem não se ditam suas reflexões. Falai-lhe portanto mais simplesmente. Depois das duas experiências, disse-lhe certa manhã: Onde jantaremos hoje? ao redor da montanha de prata a cobrir três quartos da mesa, e dos canteiros de flores de papel servidos à sobremesa sobre espelhos, entre essas mulheres de anquinhas que nos tratam como bonecos e querem que digamos o que não sabemos, ou nessa aldeia a duas léguas daqui, em casa dessa boa gente que nos recebe tão alegremente e nos dá tão bom creme? A escolha de Emílio não é duvidosa, pois não é nem tagarela nem fútil; não suporta o constrangimento e os pratos finos não lhe agradam; mas está sempre disposto a andar pelos campos e gosta muito das boas frutas, dos bons legumes, do bom creme e da gente boa⁹. Entrementes, a reflexão vem sozinha. Vejo que essas multidões de homens que trabalham

(9) O gosto do campo, que supponho em meu aluno, é fruto natural de sua educação. Não tendo, de resto, nada de presunçoso nem de parvilho, o que tanto agrada às mulheres, é por elas menos mimado do que outros; em consequência compraz-se menos na companhia delas, cujo encanto não está ainda em condições de sentir. Evitei ensinar-lhe a beijar-lhes a mão, a dizer-lhes baboseiras e até a demonstrar, mais do que aos homens, as atenções que lhes são devidas; adotei como lei inviolável nada exigir dele cuja razão de ser não estivesse a seu alcance; e não há motivo justificável para uma criança tratar um sexo diferentemente do outro.

para essas refeições perdem seu esforço, ou que não pensam em nossos prazeres.

Meus exemplos, bons talvez para um indivíduo, serão maus para mil outros. Em se atendo a seu espírito, será fácil variá-los se necessário; a escolha prende-se ao estudo do temperamento de cada um, e esse estudo decorre das oportunidades que lhes damos de se revelarem. Não se há de imaginar que, no espaço de quatro a cinco anos que devemos encarar aqui, possamos dar à criança mais bem dotada uma idéia de todas as artes e de todas as ciências naturais suficiente para aprendê-las um dia sozinha; mas fazendo passar assim diante dela todos os objetos que lhe importa conhecer, nós a pomos na condição de desenvolver seu gosto, seu talento, de dar os primeiros passos para aquilo a que a impele seu temperamento, e a indicar-nos o caminho a seguir, a fim de secundar-lhe a natureza.

Outra vantagem desse encadeamento de conhecimentos limitados mas certos, está em lhes mostrar através de suas ligações, de suas relações, de os colocar todos em seu lugar na estima dela e de evitar os preconceitos que tem a maior parte dos homens pelos talentos que cultivam, contra os que negligenciaram. Quem vê bem a ordem do todo, vê o lugar em que deve se encontrar cada parte; quem vê bem uma parte e a conhece a fundo, pode ser um homem sábio: o outro é um homem judicioso; e vós vos lembrais de que o que nos propomos adquirir é menos a ciência do que o bom senso.

Seja como for, meu método é independente de meus exemplos; assenta na medida das faculdades do homem em suas diversas idades e na escolha das ocupações que convêm a suas faculdades. Creio que se encontraria facilmente outro método com o qual pareceria fazer-se coisa melhor; mas sendo menos apropriado à espécie, à idade, ao sexo, duvido que tenha melhor êxito? Iniciando este segundo período, valemo-nos da superabundância de nossas forças em relação às nossas necessidades para levar-nos além de nós; lançamo-nos nos céus; medimos a terra; colhemos as leis da natureza, em resumo percorremos a ilha inteira; agora voltamos a nós; aproximamo-nos insensivelmente de nossa residência. Muito felizes, em nela reencontrando, de não encontrarmos ainda em sua posse o inimigo que nos ameaça e que se dispõe a apoderar-se dela.

Que nos resta fazer depois de termos observado tudo o que nos cerca? Converter a nosso uso tudo de que nos pode-

mos beneficiar, e tirar proveito de nossa curiosidade pela vantagem de nosso bem-estar. Até aqui fizemos provisão de instrumentos de toda espécie, sem sabermos dos quais teríamos necessidade. Inúteis talvez a nós mesmos, talvez os nossos possam servir a outros; e talvez, por nossa vez, teremos necessidade dos deles. Desse modo sempre nos acharemos satisfeitos com nossas permutas; mas, para as fazermos, precisamos conhecer nossas necessidades mútuas, é preciso que cada um saiba o que outros têm à sua disposição, e o que pode oferecer-lhes de volta. Imaginemos dez homens, cada um dos quais tem dez espécies de necessidades. É preciso que cada um, para suas necessidades, se aplique a dez espécies de tarefas; mas, em virtude da diferença de temperamento e de talento, um terá menor êxito em alguma dessas tarefas, outro em outra. Todos, predispostos a diversas coisas, farão as mesmas e serão mal servidos. Formemos uma sociedade com esses dez homens e que cada qual se aplique, para ele só e para os nove outros, no gênero de ocupação que lhe convém melhor; cada qual se aproveitará dos talentos dos outros, como se ele só os tivesse todos; cada qual aperfeiçoará os seus através de um exercício contínuo; e acontecerá que os dez, perfeitamente bem providos, ainda terão sobras para os demais. Eis o princípio aparente de todas as nossas instituições. Não é de meu intuito examinar aqui as conseqüências disso: foi o que fiz noutro texto *.

Segundo este princípio, um homem que se quisesse olhar como um ser isolado, não atendendo a nada e bastando-se a si mesmo, só poderia ser um miserável. Ser-lhe-ia até impossível subsistir, pois encontrando a terra inteira coberta com o teu e o meu, e nada tendo de seu senão seu corpo, de onde tiraria o de que necessita? Saindo da condição natural, forçamos nossos semelhantes a saírem também; ninguém nela pode permanecer contra a vontade dos outros; e seria realmente dela sair querendo permanecer na impossibilidade de viver nela: porque a primeira lei da natureza é o cuidado de se conservar.

Assim se formam pouco a pouco no espírito de uma criança as idéias das relações sociais, mesmo antes de que ela possa ser realmente membro ativo da sociedade. Emílio percebe que

(*) No *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. ("Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.") (N. da E.).

para ter instrumentos a seu uso, lhe é necessário ainda os ter ao uso dos outros, mediante os quais possa obter em troca as coisas de que precisa e que estão em poder deles. Levo-o facilmente a sentir a necessidade dessas trocas e a pôr-se em condições de se aproveitar delas.

Monsenhor, preciso viver, dizia um pobre autor satírico ao ministro que lhe censurava a infâmia da profissão. — *Não vejo a necessidade disso*, retorquiu friamente o homem importante. Esta resposta, excelente para um ministro, teria sido bárbara e falsa em qualquer outra boca. Todo homem precisa viver. Este argumento, ao qual cada um dá mais ou menos força na proporção em que tem mais ou menos humanidade, parece-me sem réplica para quem o apresenta relativamente a si próprio. Desde que de tôdas as aversões que nos dá a natureza a mais forte é a aversão à morte, deduz-se que tudo é permitido a quem não tem nenhum outro meio possível para viver. Os princípios, em obediência aos quais o homem virtuoso aprende a desprezar a vida e a imolá-la a seu dever, estão longe da simplicidade primitiva. Felizes os povos entre os quais se pode ser bom sem esforço e justo sem virtude. Se há algum miserável estado no mundo onde ninguém possa viver sem fazer o mal e onde os cidadãos sejam patifes por necessidade, não é o malfeitor que deve ser enforcado e sim quem o faça a assim se tornar.

Logo que Emílio souber o que seja a vida, meu cuidado consistirá em ensinar-lhe a conservá-la. Até aqui não distingui as classes, as situações, as fortunas; e não as distinguirei daqui em diante porque o homem é o mesmo, quaisquer que elas sejam; o rico não tem o estômago maior do que o pobre e não digere melhor do que ele; o senhor não tem braços mais compridos e mais fortes do que seu escravo; um grande não é maior do que um homem do povo. As necessidades naturais, sendo em toda parte as mesmas, os meios de satisfazê-las são em toda parte iguais. Adaptai a educação do homem ao homem e não ao que não é ele. Não vedes que trabalhando para formá-lo exclusivamente em vista de uma situação, vós o tornais inútil a qualquer outra e que, em o querendo o destino, tereis trabalhado unicamente para torná-lo infeliz? Haverá coisa mais ridícula do que um grande senhor que virou mendigo carregando na sua miséria os preconceitos de seu nascimento? Que haverá de mais vil do que um rico empobrecido que, se lembrando do desprezo que se deve ter pela pobreza, se sente o último dos ho-

mens? Um tem como último recurso a profissão de malandro público, o outro o de laçao rastejante com esta bela frase: *preciso viver*.

Confiais na ordem presente da sociedade, sem pensar que esta ordem está sujeita a revoluções inevitáveis e que vos é impossível prever ou evitar a que possa dizer respeito a vossos filhos. O grande torna-se pequeno, o rico fica pobre, o monarca passa a ser súdito: os caprichos da sorte serão assim tão raros que possais esperar ver-vos ao abrigo dele? Aproximamo-nos do estado de crise e do século das revoluções¹⁰. Quem pode prever o que vos tornareis então? Tudo o que os homens fizeram os homens podem destruir: indeléveis são somente os caracteres que a natureza imprime e a natureza não faz nem príncipes, nem ricos, nem grandes senhores. Que fará então na desgraça esse sátrapa que educastes para a grandeza? Que fará na pobreza esse publicano que só sabe viver de ouro? Que fará, despojado de tudo, esse faustoso imbecil que não sabe usar de si mesmo e não põe o seu ser senão no que lhe é estranho? Feliz quem sabe largar então a situação que o abandona e permanecer homem a despeito da má sorte! Que louvem quanto quiserem o rei vencido que quer se enterrar como louco sob os destroços de seu trono; eu o desprezo; vejo que só existe em virtude de sua coroa e que não é nada, em não sendo rei: porém quem a perde e a dispensa está acima dela. Da condição de rei, que um covarde, um mau, um louco pode preencher como qualquer um, ele se eleva à condição de homem, que tão poucos homens sabem preencher. Então ele triunfa sobre a sorte, ele a enfrenta; nada deve senão a si mesmo; e quando só lhe resta mostrar o que é, ele não é nulo, é alguma coisa. Sim, prefiro cem vezes o rei de Siracusa professor primário em Corinto, e o rei da Macedônia escrivão em Roma, a um infeliz Tarquínio, não sabendo que ser em não reinando, senão herdeiro do senhor de três reinos, joguete de quem quer que ouse insultar sua miséria, deambulando de corte em corte, procurando por toda parte auxílio e por toda parte en-

(10) Considero impossível que as grandes monarquias da Europa ainda possam durar muito tempo; todas brilharam e todo estado que brilha se acha no seu declínio. Tenho razões mais particulares do que esta máxima; mas não é o momento de enunciá-las e são mais do que claras.

contrando afrontas, por não saber fazer outra coisa senão um ofício que não está mais a seu alcance.

O homem e o cidadão, qualquer que seja, não tem outro bem a dar à sociedade senão ele próprio; todos os seus outros bens nela se encontram a despeito de sua vontade; e quando um homem é rico, ou não goza de sua riqueza ou o povo dela também goza. No primeiro caso rouba dos outros aquilo de que se priva; no segundo, nada lhes dá. Assim sua dívida para com a sociedade permanece inteira, enquanto só a paga com seus bens. Mas meu pai, ganhando-os, serviu a sociedade... Seja, pagou sua dívida mas não a vossa. Deveis mais aos outros do que se tivésseis nascido sem bens, porque nascestes privilegiado. Não é justo que o que um homem fez para a sociedade isente outro do que lhe deve; porque cada qual se devendo inteiramente, só pode pagar por si e nenhum pai pode transmitir a seu filho o direito de ser inútil a seus semelhantes; ora, é no entanto o que faz, a vosso ver, transmitindo-lhe suas riquezas que são a prova e o preço de seu trabalho. Quem come no ócio o que não ganhou por si mesmo rouba-o; e um homem que vive de rendas pagas pelo Estado para não fazer nada, não difere muito a meus olhos de um bandido que vive a expensas dos viajantes. Fora da sociedade, o homem isolado, nada devendo a ninguém, tem o direito de viver como lhe agrade; mas na sociedade, onde vive necessariamente a expensas de outros, deve-lhes em trabalho o custo de sua manutenção; isto sem exceção. Trabalhar é portanto um dever indispensável ao homem social. Rico ou pobre, poderoso ou fraco, todo cidadão ocioso é um patife.

Ora, de todas as ocupações que podem outorgar a subsistência ao homem, a que mais se aproxima do estado natural é o trabalho das mãos; de todas as condições, a mais independente da sorte dos homens é a do artesão. O artesão só depende de seu trabalho; ele é livre, tão livre quanto o lavrador é escravo; porque este se acha preso a seu campo, cuja colheita está à mercê de outrem. O inimigo, o príncipe, um vizinho poderoso, um processo, podem arrancar-lhe a terra; por êsse campo podem humilhá-lo de mil maneiras; mas onde quer que se deseje humilhar o artesão, sua bagagem não toma tempo; pega seu braço e vai-se embora. Entretanto a agricultura é o primeiro ofício do homem: o mais honesto, o mais útil, e por conseguinte o mais nobre que se possa exercer. Não digo a

Emílio: aprende a agricultura; ele a conhece. Todos os trabalhos do campo lhe são familiares; foi por eles que começou, a eles é que volta sem cessar. Digo-lhe, pois: cultiva a herança de teus pais. Mas se perderes essa herança, ou nenhuma tiveres, que fazer? Aprende um ofício.

Um ofício para meu filho! meu filho artesão! Pensais realmente nisso? Penso mais do que vós, senhora, que quereis reduzi-lo a não ser senão um lorde, um marquês, um príncipe e talvez um dia menos do que nada: eu quero dar-lhe uma condição que não possa perder, que o honre em qualquer tempo; quero elevá-lo à condição de homem; e o que quer que possais dizer, ele terá menor número de iguais com esse título do que com todos que receber de vós.

A letra mata e o espírito vivifica. Trata-se menos de aprender um ofício, para saber um ofício, do que para vencer os preconceitos que o desprezam. Nunca sereis forçado a trabalhar para viver. Tanto pior. Mas pouco importa; não trabalheis por necessidade, trabalhai pelo prazer. Abaixai-vos à condição de artesão para que fiqueis acima da vossa. Para dominar a sorte e as coisas, começai tornando-vos independente. Para reinar pela opinião começai reinando sobre ela.

Lembraí-vos de que não é um talento que vos peço; é um ofício, um ofício de verdade, uma arte puramente mecânica em que as mãos trabalhem mais que a cabeça, e que não leva à fortuna, mas graças à qual podereis dispensar essa fortuna. Em certas casas muito acima do perigo de carecer de pão, eu vi pais levarem a previdência a ponto de juntar, ao cuidado de instruir os filhos, o de provê-los de conhecimentos de que, em qualquer circunstância, pudessem tirar proveito para viver. Esses pais previdentes acreditam fazer muito; não fazem nada, porque os recursos que pensam dar a seus filhos dependem dessa mesma fortuna acima da qual os querem pôr. De modo que com todos esses belos talentos, quem não se encontrar em situações favoráveis para empregá-los, morrerá na miséria como se não tivesse nenhum.

Em se tratando de arranjos e intrigas, mais vale empregá-los em se manter na abundância do que em voltar a ganhar, na miséria, com que retornar à sua primeira condição. Se cultivais artes cujo êxito decorre da reputação do artista; se vos preparais para cargos que só se obtêm pela proteção, que adiantará

isso quando, justamente desgostoso da sociedade, desprezareis os meios sem os quais nela não se pode vencer? Estudastes a política e o interesse dos príncipes. Está certo; mas que fareis desses conhecimentos se não sabeis chegar aos ministros, às mulheres da corte, aos diretores das repartições; se não possuíis o segredo de agradar-lhes, se eles não encontram em vós o malandro que lhes convém? Sois arquiteto ou pintor, muito bem; mas é preciso tornar vosso talento conhecido. Pensais que podeis expor, assim sem mais nem menos, uma obra no Salão? Não, isso não se faz assim. É preciso ser da Academia; é preciso até ser protegido para obter um lugar obscuro num canto de muro. Deixai de lado a régua e o pincel; tomai um carro e ide de porta em porta; assim é que se adquire celebridade. Ora, deveis saber que todas essas ilustres portas têm porteiros que só entendem gestos e cujos ouvidos estão nas mãos. Quereis ensinar o que aprendestes e vos tornar professor de geografia, de matemática, de línguas, de música ou de desenho? mesmo para isso é preciso encontrar alunos e, por conseguinte, quem recomende. Atentai ainda para que é mais importante ser charlatão do que hábil e, se não souberdes outro ofício senão o vosso, nunca passareis de um ignorante.

Vede portanto a que ponto tão brilhantes recursos são pouco sólidos e quantos outros recursos vos são necessários para tirar proveito dos demais. E depois, que será de vós nesse covarde rebaixamento? O reveses, sem vos instruírem vos aviltam; joguete mais do que nunca da opinião pública, como vos erguereis acima dos preconceitos, árbitros de vosso destino? Como desprezareis a baixeza e os vícios de que necessitais para subsistir? Dependíeis unicamente das riquezas e agora dependeis dos ricos; não fizestes mais que aumentar vossa escravidão, sobrecarregando-a com vossa miséria. Sois agora pobre sem ser livre; é a pior condição em que um homem pode cair.

Mas, se ao invés de recorrer para viver a esses conhecimentos elevados, feitos para alimentar a alma e não o corpo, recorrerdes, se necessário, a vossas mãos e ao uso que delas sabeis fazer, todas as dificuldades desaparecem, todas as artimanhas se tornam inúteis; o recurso está sempre à mão no momento de empregá-lo; a probidade, a honra não são mais um obstáculo à vida; não precisais mais ser covarde e mentiroso diante dos grandes, acomodado e rastejante diante dos patifes, adulator servil de todo mundo, facadista ou ladrão, o que é

mais ou menos a mesma coisa quando não se tem nada; a opinião alheia não vos impressiona, não precisais cortejar ninguém, lisonjear nenhum tolo, subornar nenhum porteiro, pagar nenhuma cortesã e nem, o que é pior, incensá-la. Que malandros dirijam os grandes negócios, pouco vos importa; isso não vos impedirá, em vossa vida obscura, de ser um homem honesto e ter pão. Entrais na primeira oficina da profissão que aprendestes: "Mestre, preciso trabalhar. Amigo, entrai e trabalhai". Antes que tenha soado a hora do almoço já o tereis ganho. Se fordes diligente e sóbrio, antes que oito dias se passem já tereis com que viver outros oito dias: e tereis vivido livre, sadiamente, laboriosamente e acertadamente. Não é perder tempo, ganhá-lo assim.

Faço questão fechada de que Emílio aprenda um ofício. Um ofício honesto, pelo menos, direis. Que significa esta palavra? Não é honesto todo ofício útil ao público? Não quero que seja bordador, nem dourador, nem envernizador como o fidalgo de Locke; não quero que seja músico nem comediante, nem fazedor de livros¹¹. A exceção dessas profissões e outras que a elas se assemelham, que siga a que quiser; não pretendo perturbá-lo em coisa nenhuma. Prefiro que seja sapateiro a que seja poeta; prefiro que seja calceteiro a que faça flores de porcelana. Mas direis, os arqueiros, os espiões, os carrascos são gente útil. Só cabe ao governo fazer com que não sejam. Deixemos isso de lado porém. Eu estava errado: não basta escolher um ofício útil, é preciso ainda que não exija dos que o exercem qualidades de alma odiosas e incompatíveis com a humanidade. Voltemos portanto à primeira observação, siga-se um ofício honesto: mas lembrai-vos sempre de que não há honestidade sem utilidade.

Um autor célebre deste século¹², cujos livros são cheios de grandes projetos e de pequena visão, tinha feito o voto, como todos os padres de sua ordem, de não ter mulher própria;

(11) Vós o sois, me dirão. Eu o sou para minha desgraça, confesso-o; e meus erros que penso ter expiado suficientemente, não são para outrem motivos para ter semelhantes. Não escrevo para desculpar-me de minhas falhas, e sim para impedir meus leitores de imitá-las.

(12) O abade de Saint-Pierre.

mas, achando-se mais escrupuloso do que os outros acerca do adultério, dizem que tomou o partido de ter bonitas criadas, com as quais corrigia da melhor maneira o ultraje que fizera a sua espécie com tão temerário compromisso. Ele encarava como um dever do cidadão dar outros à pátria. E com o tributo que assim pagava, ampliava a classe dos artesãos. Logo que seus filhos alcançavam a devida idade, mandava ensiná-los um ofício de seu agrado, excluindo tão somente as profissões ociosas, fúteis ou sujeitas à moda, tais como, por exemplo, a do cabelereiro, que não é nunca necessária e pode ser inútil do dia para a noite, enquanto a natureza não se recusar a nos dar cabelos.

Eis o espírito que nos deve guiar na escolha do ofício de Emílio, ou, antes, não cabe a nós fazermos essas escolhas, cabe a ele. Pois as máximas de que está imbuído, conservando nele o desprezo natural pelas coisas inúteis, nunca ele há de querer desperdiçar seu tempo em trabalhos de nenhum valor, e ele não dá valor às coisas senão o de sua utilidade real; precisa de um ofício suscetível de servir a Robinson na sua ilha.

Fazendo passar em revista, diante de uma criança, as produções da natureza e da arte, irritando sua curiosidade, seguindo-a aonde ela a leva, tem-se a vantagem de estudar seus gostos, suas inclinações, suas tendências e de ver acender-se a primeira fagulha de seu gênio, se é que tem algum bem marcado. Mas um erro comum e que deveis evitar, é o de atribuir ao ardor do talento o efeito da ocasião e de tomar por uma inclinação acentuada, para tal ou qual arte, o espírito de imitação comum ao homem e ao macaco e que leva maquinalmente um e outro a fazerem tudo o que vêem fazer, sem saber muito bem para que isso serve. O mundo está cheio de artesãos e principalmente de artistas, que não têm o talento natural da arte que exercem, e para a qual os orientaram desde a infância, seja determinados por outras conveniências, seja enganados por um zelo aparente que os teria impelido da mesma maneira para qualquer outra arte se a tivessem visto praticar. Tal sujeito ouve um tambor e se acredita general; outro vê construir e quer ser arquiteto. Todos são atraídos pelo ofício que vêem fazer, quando o acredita estimado.

Conheço um lacaio que, vendo seu patrão desenhar e pintar, pôs na cabeça ser desenhista e pintor. Logo que adotou essa resolução, pegou do lápis que nunca mais largou a não ser

para pegar o pincel, que não abandonará nunca mais. Sem lições e sem método, pôs-se a desenhar tudo que lhe caía nas mãos. Passou três anos inteiros debruçado sobre seus borrões, de que somente seu serviço o arrancava e sem nunca desanimar ante o diminuto progresso que medíocres disposições lhe permitiam. Vi-o durante seis meses de um verão rigoroso, numa pequena antecâmara que dava para o sol e na qual só de passar já se sufocava, sentado, ou antes pregado o dia todo à sua cadeira diante de um globo, desenhando esse globo e o redenhando, começando e recomeçando sem cessar com invencível obstinação, até ter conseguido obter a forma suficientemente boa para ficar contente de seu trabalho. Finalmente, protegido por seu patrão e guiado por um artista, chegou a largar a libré e viver de seu pincel. Até certo ponto a perseverança supre o talento: atingiu esse ponto e não o ultrapassará nunca. A constância e a emulação desse rapaz são louváveis. Far-se-á sempre estimar por sua assiduidade, sua fidelidade, seus costumes; mas nunca passará de um pintor de parede. Quem não teria sido enganado pelo seu zelo e não o teria tomado por um verdadeiro talento? Há muita diferença entre gostar de um trabalho e ser indicado para ele. São necessárias observações mais finas do que se pensa para assegurar-se do verdadeiro gênio e do verdadeiro gosto de uma criança, que mostra muito mais seus desejos do que suas disposições e que julgamos sempre pelos primeiros, por incapacidade de estudarmos os outros. Gostaria que um homem judicioso nos desse um tratado da arte de observar as crianças. Essa arte seria de grande interesse conhecermos; os pais e os mestres ainda não têm elementos para conhecê-la.

Mas talvez demos aqui uma importância demasiada à escolha de um ofício. Desde que não se trata senão de um trabalho das mãos, a escolha não tem importância para Emílio. E seu aprendizado já está feito por mais de metade, de acordo com os exercícios que o induzimos a aprender até aqui. Que quereis que ele faça? Ele está disposto a tudo; já sabe manejar a enxada e o arado; sabe servir-se do torno, do martelo, da plaina, da lima; os instrumentos de todos os ofícios já lhe são familiares. Trata-se unicamente de adquirir, de algum desses instrumentos, um uso bastante imediato, bastante fácil para igualar em diligência os operários que deles se servem; e ele tem nesse ponto uma grande vantagem acima de todos, é a

de ter o corpo ágil, os membros flexíveis, para tomar sem dificuldade toda espécie de atitudes e prolongar sem esforço toda sorte de movimentos. Demais, ele tem todos os órgãos perfeitos e bem treinados; toda a mecânica das artes já lhe é conhecida. Mas para trabalhar como mestre falta-lhe o hábito e o hábito só se adquire com o tempo. Qual, então, dentre os ofícios cuja escolha nos resta fazer, dará bastante tempo para que alguém nele se torne diligente? Agora só se trata disso.

Dai ao homem um ofício que convenha a seu sexo, e ao jovem um ofício que convenha a sua idade: uma profissão sedentária e caseira, que efemina e amolece o corpo, não lhe agradará nem lhe convirá. Nunca um jovem aspirou espontaneamente a ser alfaiate; é preciso arte para levar a esse ofício de mulher o sexo para o qual não foi feito¹³. A agulha e a espada não podem ser manejadas pelas mesmas mãos. Se eu fosse soberano não permitiria a costura e as artes da agulha senão às mulheres e aos mancos reduzidos a trabalharem como elas. Supondo-se sejam necessários os eunucos, acho os orientais malucos por fazê-los propositamente. Por que não se contentam com os que a natureza fez, com essa multidão de homens covardes cujos corações ela mutilou? Teriam demais, até, para suas necessidades. Todo homem fraco, delicado, tímido, é condenado por ela à vida sedentária; é feito para viver com as mulheres ou à maneira delas. Que exerçam algum dos ofícios que lhe convêm, muito bem; e se forem absolutamente necessários verdadeiros eunucos, que reduzam a esse estado os homens que desonram seu sexo exercendo empregos que não lhe são próprios. Sua escolha anuncia o erro da natureza: corrija esse erro de um modo ou de outro e não tereis feito senão um bem.

Proíbo a meu aluno os ofícios malsãos, não porém os penosos, nem os perigosos. Estes exercitam a um tempo a força e a coragem; somente aos homens convêm; as mulheres não aspiram a eles. Como não têm eles vergonha de usurpar os que elas fazem?

(13) Não havia alfaiate entre os antigos; as roupas dos homens eram feitas em casa pelas mulheres.

*Luctantur paucae, comedunt coliphia paucae.
Vos lanam trahitis, calathisque peracta refertis
Vellera...*

Na Itália não se vêem mulheres nas lojas; e não se pode imaginar nada mais triste que o aspecto das ruas dessa terra, a quem está acostumado com o das ruas da França e da Inglaterra. Vendo negociantes de modas venderem às mulheres fitas, enfeites, malhas, passamanes, eu achava essas coisas delicadas bem ridículas em mãos grosseiras, feitas para manejarem o fole ou o malho na bigorna. Dizia a mim mesmo: neste país as mulheres deveriam como represália montar lojas de armeiros. Ah! que cada qual faça e venda as armas de seu sexo! Para conhecê-las é preciso saber empregá-las.

Jovem, imprime a teus trabalhos a mão do homem. Aprende a manejar com braço vigoroso, o machado e a serra, a esquadrinhar uma tábua, a subir num telhado, a ajeitar a cumeeira, a reforçá-la com vigas; depois chama tua irmã para que te venha ajudar, assim como ela te pedia para auxiliá-la no seu tricô.

Estou falando demais para meus agradáveis contemporâneos, sinto-o; mas deixo-me às vezes levar pelo encadeamento das conseqüências. Se um homem, qualquer que seja, tem vergonha de trabalhar em público armado de uma plaina e com um avental de couro, não vejo mais nele senão um escravo da opinião, prestes a enrubescer por estar agindo certo, desde que riam da gente honesta. Contudo, conformemo-nos com os preconceitos dos pais em tudo que não possa prejudicar o julgamento das crianças. Não é necessário exercer todas as profissões úteis para as honrar todas; basta não considerarmos nenhuma indigna de si. Quando se pode escolher, e que nada se nos imponha, porque não consultar o prazer, a inclinação, a conveniência entre as profissões do mesmo nível? Os trabalhos dos metais são úteis e até os mais úteis de todos; entretanto, a menos que uma razão particular me force, não farei de vosso filho um ferrador, um serralheiro, um ferreiro; não gostaria de vê-lo em sua forja com um aspecto de ciclope. Não faria dele tampouco um pedreiro e menos ainda um sapateiro. É preciso que todos os ofícios se exerçam, mas quem pode escolher deve ter em vista a conveniência, pois nisso não entra a opinião pública; nisso os sentidos decidem. Finalmente, não gostaria dessas pro-

fissões estúpidas em que os operários, sem engenho e quase autômatos, só exercitam suas mãos no mesmo trabalho; os tecelões, os fazedores de meias, os canteiros: que adianta empregar nesses ofícios homens de bom senso? É uma máquina que conduz outra.

Tudo bem pesado, o ofício que apreciaria fosse do gosto de meu aluno é o de marceneiro. É limpo, é útil, pode exercer-se em casa; mantém suficientemente o corpo em atividade, exige do operário engenho e habilidade e a elegância e o gosto não se excluem da forma das obras que a utilidade determina.

Se porventura a inclinação de vosso aluno se voltasse decididamente para as ciências especulativas, não censuraria que lhe dessem um ofício de acordo com suas tendências; que aprendesse, por exemplo, a fazer instrumentos de matemáticas, lunetas, telescópios etc.

Quando Emílio aprender seu ofício, quero aprendê-lo com ele, pois estou convencido que só aprenderá bem o que aprendermos juntos. Seremos, então, ambos aprendizes e não pretendemos ser tratados como gente fina e sim como verdadeiros aprendizes, pois por que não o seríamos de verdade? O czar Pedro era carpinteiro no *atelier* e tambor no seu exército; e pensais que esse príncipe não vos valesse pelo nascimento ou pelo mérito? Compreendeis por certo que não é a Emílio que digo isto; é a vós, quem quer que possais ser.

Infelizmente não podemos passar a vida à banca de trabalho. Não somos aprendizes de operário, somos aprendizes de homem; e o aprendizado deste último ofício é mais penoso e demorado que o outro. Como faremos então? Contrataremos um professor de plaina durante uma hora por dia, como se contrata um professor de dança? Não. Não seríamos aprendizes e sim alunos; e nossa ambição é menos aprender a marcenaria que nos elevarmos ao estado de marceneiro. Acho portanto que devemos ir, ao menos uma ou duas vezes por semana, passar o dia inteiro com o mestre, que devemos levantar-nos à mesma hora e estar no local antes dele, comer à sua mesa, trabalhar sob suas ordens e que, depois de termos tido a honra de jantar com sua família, voltarmos, se quisermos, para dormir em nossas camas duras. Eis como se aprende mais de um ofício ao mesmo tempo e como a gente se exercita no trabalho das mãos sem negligenciar o outro aprendizado.

Sejamos simples obrando bem. Não vamos tornar-nos vaidosos combatendo a vaidade. Orgulhar-se de ter superado os preconceitos, é submeter-se a eles. Dizem que, em virtude de uma antiga tradição da corte otomana, o Sultão é obrigado a trabalhar com suas mãos; e todos sabem que as obras de uma mão real só podem ser obras-primas. Ele distribui, pois, magnificamente essas obras-primas aos grandes da Porta e a obra é paga segundo a qualidade do operário. O que vejo de mal nisso não é esse pretensso vexame; este é, ao contrário, um bem. Forçando os grandes a partilharem com ele os despojos do povo, o príncipe é menos obrigado a pilhar o povo diretamente. É um alívio necessário ao despotismo e sem o qual esse horrível governo não subsistiria.

O verdadeiro mal de semelhante prática está na idéia que dá a esse pobre homem de seu mérito. Como o rei Midas, ele vê transformar-se em ouro tudo o que toca, mas não percebe o tamanho das orelhas que em virtude disso crescem. Para conservar o tamanho das de nosso Emílio, preservemos suas mãos de tão rico talento; que o que faz não tire seu preço do operário e sim da obra. Não deixemos nunca que julguem do seu, somente comparando-o ao dos bons mestres. Que seu trabalho seja apreciado pelo trabalho mesmo e não por ser dele. Dizei do que é bem feito: *isto é bem feito*; mas não acrescenteis: *Quem fez isto?* Se ele disser ele próprio com orgulho e contente de si: *Fui eu que fiz*, acrescentai friamente: *vós ou outro pouco importa; é um trabalho bem*feito*.

Boa mamãe, cuidado principalmente com as mentiras que te preparam. Se teu filho sabe muitas coisas, desconfia de tudo o que sabe; se tem a infelicidade de ser educado em Paris, e de ser rico, está perdido. Enquanto aí se encontrarem artistas hábeis, ele terá todos os talentos; mas longe deles não terá mais nenhum. Em Paris o rico sabe tudo; só o pobre é ignorante. Essa capital está cheia de amadores e, principalmente, de amadoras que fazem suas obras como Guillaume inventava suas cores. Conheço três exceções honrosas entre os homens, e pode haver outras; mas não conheço nenhuma entre as mulheres e duvido que se encontre. Em geral conquista-se um nome nas artes como no forum; a gente se torna artista ou juiz dos artistas como se torna doutor em direito ou magistrado.

Assim, se ficasse um dia estabelecido que é bonito saber um ofício, vossos filhos o saberiam sem aprendê-lo; passariam

a ser mestres como os conselheiros de Zurique. Nada de semelhante cerimonial com Emílio; nada de aparências e sim a realidade sempre. Que não digam que ele sabe: que aprenda em silêncio. Que faça sempre sua obra-prima e que nunca se torne mestre; que não se mostre operário por seu título e sim por seu trabalho.

Se até aqui consegui fazer-me entender, deve-se conceber como, com o hábito do exercício do corpo e do trabalho das mãos, dou insensivelmente a meu aluno o gosto pela reflexão e a meditação, a fim de compensar nele a preguiça que resultaria de sua indiferença pelos julgamentos dos homens e da calma de suas paixões. É preciso que ele trabalhe como camponês e que pense como filósofo, para não ser tão vagabundo quanto um selvagem. O grande segredo da educação consiste em fazer com que os exercícios do corpo e os do espírito sirvam mutuamente de distração.

Mas evitemos antecipar-nos acerca das instruções que exigem um espírito mais amadurecido. Emílio não será muito tempo operário sem sentir a desigualdade das condições que mal percebera de início. Com as máximas que lhe dou e que estão a seu alcance, vai querer examinar-me também. Tudo recebendo somente de mim, e vendo-se tão perto da pobreza, há de querer saber porque eu me acho tão longe desse estado. Far-me-á, talvez, inesperadamente, perguntas escabrosas: “Sois rico, vós o dissestes, e eu o vejo. Um rico também deve seu trabalho à sociedade, porque é homem. Mas vós, que fazeis por ela?” Que responderia um governante reputado? Eu o ignoro. Talvez fosse bastante tolo para falar ao rapaz dos cuidados que lhe presta. Quanto a mim, o *atelier* me dá uma solução: “Eis, meu caro Emílio, uma excelente pergunta; eu te permito responder por mim, quando aches uma resposta que te satisfaça. Entrementes, cuidarei de devolver, a ti e aos pobres, o que tenho em demasia, e de fazer uma mesa ou um banco por semana, a fim de não ser totalmente inútil.”

Eis-nos de volta a nós mesmos. Eis nosso menino prestes a deixar de ser uma criança, novamente dentro do indivíduo. Ei-lo sentindo, mais do que nunca, a necessidade que o prende às coisas. Depois de ter começado por exercitar-lhe o corpo e os sentidos, exercitamos seu espírito e seu julgamento. Finalmente unimos o uso dos membros ao de suas faculdades; fizemos um ser atuante e pensante; só nos resta, para comple-

tar o homem, fazer dele um ser amante e sensível, isto é, aperfeiçoar-lhe a razão pelo sentimento. Mas antes de entrar nesta nova ordem de coisas, deitemos um olhar sobre aquela de que saímos, e vejamos o mais exatamente possível até onde chegamos.

Nosso aluno não tinha, no início, senão sensações; tem idéias agora: Não fazia senão sentir, julga agora. Porque, da comparação de várias sensações sucessivas ou simultâneas, e do julgamento que delas se faz, nasce uma espécie de sensação mista ou complexa a que chamo idéia.

O modo de formar as idéias é que dá um caráter ao espírito humano. O espírito que só forma suas idéias segundo relações reais, é um espírito sólido; o que se contenta com relações aparentes é um espírito superficial; o que vê as relações tal qual são é um espírito justo; o que as aprecia mal é um espírito falso; o que inventa relações imaginárias, sem realidade nem aparência, é um louco; quem não compara nada é um imbecil. A aptidão mais ou menos grande de comparar relações é o que dá nos homens mais ou menos espírito etc.

As idéias simples não passam de sensações comparadas. Há julgamentos nas sensações simples, tanto quanto nas complexas, a que chamo idéias simples. Na sensação o julgamento é puramente passivo, afirma que se sente o que se sente. Na percepção ou idéia, o julgamento é ativo; aproxima, compara, determina relações que o sentido não determina. Eis toda a diferença, mas ela é grande. Nunca a natureza nos engana; sempre somos nós que nos enganamos.

Vejo servirem a uma criança de oito anos um sorvete de creme; ela leva a colher à boca, sem saber o que é, e sentindo o frio, exclama: "*Está queimando!*" Experimenta uma sensação muito viva e não conhece mais viva que a do fogo; por isto pensa sentir esta. No entanto, se engana: o frio fere mas não queima e as duas sensações não são semelhantes, porquanto quem experimentou as duas não as confunde. Não é, portanto, a sensação que o engana, é o julgamento que dela tira.

O mesmo ocorre com quem vê pela primeira vez um espelho ou um instrumento de ótica, ou quem entra numa gruta profunda em pleno inverno ou em pleno verão, ou quem mergulha na água morna uma mão muito quente ou muito fria, ou quem faz girar entre dois dedos cruzados uma pequena bola etc.

Se se contenta em dizer o que percebe, ou o que sente, sendo seu julgamento puramente passivo, é impossível que se engane; mas quando julga a coisa pela aparência é ativo, compara, estabelece por indução relações que não percebe; então se engana ou pode enganar-se. Para corrigir ou prevenir o erro, precisa de experiência.

Mostrai à noite, a vosso aluno, as nuvens passando entre a lua e ele; imaginará que a lua é que passa em sentido contrário e que as nuvens estão paradas. Ele o pensará em virtude de uma indução precipitada, porque vê em geral os pequenos objetos se mexerem preferivelmente aos grandes, e as nuvens lhe parecem maiores do que a lua, cuja distância da terra não pode estimar. Quando num barco em movimento ele olha de um pouco longe a costa, cai no erro contrário e pensa ver a terra correr, porque, não se sentindo em movimento, olha o barco, o mar ou o rio, e todo o horizonte, como um todo imóvel, do qual a costa que vê correr se lhe afigura uma parte.

A primeira vez que uma criança vê um bastão mergulhado na água, vê um bastão quebrado: a sensação é verdadeira e não o deixaria de ser ainda que soubéssemos ou não a razão dessa aparência. Por isso, se lhe perguntais o que vê, ela diz: *um bastão quebrado*, e diz certo, pois está perfeitamente segura de que tem a sensação de um bastão quebrado. Mas quando, iludido por seu julgamento, vai mais longe e que, depois de ter afirmado que vê um bastão quebrado, afirma ainda que o que vê é com efeito um bastão quebrado, então o que diz é falso. Por quê? Porque então se torna ativo, e que não julga mais por inspeção e sim por indução, afirmando o que não sente, a saber, que o julgamento que recebe por um sentido seria confirmado por outro.

Desde que nossos erros vêm de nosso julgamento, é claro que se nunca precisássemos julgar, não teríamos nenhuma necessidade de aprender; não estaríamos nunca no caso de nos enganarmos; seríamos mais felizes de nossa ignorância que o poderíamos ser de nosso saber. Quem negará que os sábios sabem mil coisas verdadeiras que os ignorantes nunca saberão? Estão com isso os sábios mais perto da verdade? Muito pelo contrário, dela se afastam avançando; porque a vaidade de julgar, fazendo mais progresso ainda do que as luzes, cada verdade que aprendem vem acompanhada de cem julgamentos falsos. É perfeitamente evidente que as sociedades científicas da Europa não pas-

sam de escolas públicas de mentiras; e há certamente mais erros na Academia de Ciências que em todo um povo de Huronianos.

Desde que quanto mais os homens sabem mais se enganam, o único meio de evitar o erro é a ignorância. Não julgueis e nunca vos enganareis. É a lição da natureza, tanto quanto a da razão. À exceção das relações imediatas, em muito pequeno número e muito sensíveis que as coisas têm conosco, nós não temos naturalmente senão profunda indiferença pelo resto. Um selvagem não daria um passo para ir ver o movimento da mais bela máquina e todos os prodígios da eletricidade. *Que me importa!* eis a reflexão mais familiar ao ignorante e mais conveniente ao sábio.

Mas infelizmente a reflexão não nos serve mais. Tudo nos importa, pôsto que somos dependentes de tudo; e nossa curiosidade aumenta necessariamente com nossas necessidades. Eis porque atribuo uma muito grande ao filósofo e nenhuma ao selvagem. Este não precisa de ninguém; o outro precisa de todo mundo, e principalmente de admiradores.

Dirão que saio da natureza; não creio. Ela escolhe seus instrumentos e os regula segundo as necessidades e não segundo a opinião. Ora, as necessidades mudam de acôrdo com a situação dos homens. Há grande diferença entre o homem natural, vivendo em estado natural, e o homem natural vivendo em estado social. Emílio não é um selvagem a ser largado no deserto, é um selvagem feito para viver na cidade. É preciso aí que saiba encontrar o de que necessita, tirar proveito de seus habitantes e viver, senão como eles, com eles pelo menos.

Desde que, no meio de tantas relações novas de que vai depender, deverá, ainda que contra a vontade, julgar, ensinemos-lhe a bem julgar.

A melhor maneira de ensinar a bem julgar, é a que tende mais a simplificar nossas experiências e a poder mesmo fazer com que as dispensemos sem cairmos no erro. Do que decorre que, depois de ter durante muito tempo verificado as relações dos sentidos um pelo outro, é preciso ainda verificar as relações de cada sentido por si mesmo, sem precisar recorrer a outro sentido; então cada sensação se tornará para nós uma idéia e esta sempre conforme à realidade. Tal é a espécie de aquisição que tentei preencher nessa terceira idade da vida humana.

Esta maneira de proceder exige uma paciência e uma circunspeção de que poucos mestres são capazes e sem a qual o discípulo não aprenderá a julgar. Se, por exemplo, quando êle se engana sobre a aparência do bastão quebrado, para mostrar-lhe seu erro, vós vos apressais em tirar o bastão da água, vós o desiludireis, mas que lhe tereis ensinado? Nada que não teria aprendido sozinho. Ora, não é isso que se faz mister. Trata-se menos de lhe ensinar uma verdade que de lhe mostrar como se deve fazer para descobrir sempre a verdade. Para melhor instruí-lo cumpre não desiludi-lo desde logo. Tomemos Emílio e eu como exemplo.

Primeiramente à segunda das duas perguntas supostas, qualquer aluno educado como o fazem não deixará de responder afirmativamente. É seguramente um bastão quebrado, dirá. Duvindo que Emílio dê a mesma resposta. Não vendo a necessidade de ser sábio nem de o parecer, não tem pressa em julgar, só julga de acordo com a evidência; e está longe de encontrá-la na oportunidade, êle que sabe quanto nossos julgamentos, segundo a aparência, são sujeitos a enganos, a começar pela perspectiva.

De resto, como sabe por experiência que minhas perguntas mais frívolas têm sempre algum objetivo que ele não percebe de início, não adquiriu o hábito de responder avoadamente; ao contrário, desconfia, presta atenção, examina-as com cuidado antes de responder. Nunca me dá uma resposta de que não esteja satisfeito ele próprio; e contenta-se dificilmente. Finalmente, não pretendemos, nem ele nem eu, conhecer a verdade da coisa, mas tão-somente não elaborar em erro. Muito mais envergonhados ficaríamos com uma explicação errada do que sem nenhuma. *Não sei* é uma frase que nos convém a ambos e que repetimos tão amiúde que não nos perturba em absoluto. Mas que lhe escape uma tolice, ou que responda pelo cômodo *não sei*, minha réplica é a mesma: vejamos, examinemos.

Esse bastão semimergulhado na água acha-se posto numa posição perpendicular. Para saber se é quebrado como parece, quantas coisas não temos que fazer, antes de tirá-lo da água ou de mexer nele!

1 — Primeiramente viramos ao redor do bastão e vemos que a quebra vira conosco. Só nosso olho é que a muda de lugar e os olhares não mexem os corpos.

2 — Olhamos bem a prumo a ponta do bastão que está fora da água; então o bastão não é mais curvo, a ponta vizinha de nosso olho esconde exatamente a outra ¹⁴. Terá nosso olho endireitado o bastão?

3 — Agitamos a superfície da água; vemos o bastão dobrar-se em vários pedaços, mover-se em ziguezague e acompanhar as ondulações da água. O movimento que damos à água bastará para quebrar, amolecer, fundir assim o bastão?

4 — Fazemos esgotar-se a água e vemos o bastão endireitar-se pouco a pouco, na medida em que a água baixa. Não é isso mais que suficiente para esclarecer o fato e descobrir a refração? Não é portanto verdade que a vista nos engana, posto que não precisamos senão dela para retificar os erros que lhe atribuímos.

Suponhamos a criança bastante estúpida para não sentir o resultado dessas experiências; será então o momento de chamar o tato em auxílio da vista. Em lugar de tirar o bastão para fora da água, deixai-o na sua posição e que a criança passe a mão nele de uma ponta a outra; não sentirá ângulo, logo o bastão não está quebrado.

Dereis que não há aqui unicamente julgamentos e sim raciocínios em boa forma. É verdade, mas não vedes que logo que o espírito chega às idéias, todo julgamento é um raciocínio? A consciência de qualquer situação, é uma proposição, um julgamento. Logo, portanto, que se compara uma sensação a outra, raciocina-se. A arte de julgar e a arte de raciocinar são exatamente a mesma.

Emílio não saberá nunca a dioptrometria, ou quero que aprenda com esse bastão. Não terá dissecado insetos; não terá contado as manchas do sol; não saberá o que seja um microscópio ou um telescópio. Vossos doutos alunos zombarão da ignorância dele. Terão razão; pois antes de se servir de tais instrumentos quero que os invente e, sem dúvida, isso não virá tão cedo.

(14) Achei, depois, o contrário mediante uma experiência mais exata. A refração age circularmente, e o bastão parece mais grosso pelo pedaço dentro da água do que pelo outro; mas isso não muda em nada a força do raciocínio e a consequência não é menos certa.

Eis o espírito de todo o meu método, nesta parte. Se a criança faz uma bola rolar entre seus dois dedos cruzados e imagina sentir duas bolas, não lhe permitirei olhar senão depois de estar convencido de que só há uma.

Estes esclarecimentos bastarão, penso, para assinalar nitidamente os progressos feitos até aqui pelo espírito de meu aluno, e o caminho que seguiu para realizá-los. Mas talvez esteja assustado com a quantidade de coisas que fiz passar diante dele. Temeis que eu sobrecarregue seu espírito com a multidão dos conhecimentos. É o contrário: ensino-lhe bem mais a ignorá-los do que sabê-los. Mostro-lhe o caminho da ciência, fácil à verdade, mas longo, imenso, lento a percorrer. Faço-lhe dar os primeiros passos para que conheça a entrada, mas nunca lhe permito ir longe.

Forçado a aprender por si, usa sua razão e não a de outrem; porque para nada dar à opinião é preciso não dar nada à autoridade; e, em sua maioria, nossos erros vêm menos de nós que dos outros. Dêsse exercício contínuo deve resultar um vigor de espírito semelhante ao que damos ao corpo pelo trabalho e a fadiga. Outra vantagem está em que só se avança na medida de suas forças. O espírito, tal qual o corpo, não carrega senão o que pode carregar. Quando o entendimento se apropria das coisas antes de depositá-las na memória, o que delas tira a seguir é seu; ao passo que sobrecarregando a memória sem que o perceba, expõe-se a nada tirar delas que lhe seja próprio.

Emílio tem poucos conhecimentos, mas os que tem são verdadeiramente seus; nada sabe pela metade. No pequeno número de coisas que sabe e sabe bem, a mais importante é que há muitas que ignora e que pode vir a saber um dia, muitas outras que outros homens sabem e que ele não saberá nunca, e uma infinidade de outras que nenhum homem saberá jamais. Ele tem um espírito universal, não por suas luzes e sim pela faculdade de adquiri-las; um espírito aberto, inteligente, preparado para tudo e, como diz Montaigne, senão instruído, ao menos suscetível de ser instruído. Basta-me que saiba achar o *para que* de tudo o que faz e o *porquê* de tudo o que crê. Pois, mais uma vez, meu objetivo não é dar-lhe a ciência e sim ensinar-lhe a adquiri-la se necessário, é fazer com que a estime exatamente pelo que vale e levá-lo a amar a verdade acima de tudo. Com

tal método avança-se devagar, mas não se dá um passo inútil e não se é forçado a retroceder.

Emílio só tem conhecimentos naturais e puramente físicos. Não sabe sequer o nome da história nem o que seja metafísica ou moral. Conhece as relações essenciais entre o homem e as coisas, mas nenhuma das relações morais entre o homem e o homem. Sabe pouco generalizar idéias ou fazer abstrações. Vê qualidades comuns a certos corpos sem raciocinar sobre tais qualidades em si. Conhece a extensão abstrata com a ajuda das figuras da geometria; conhece a quantidade abstrata com o auxílio dos sinais da álgebra. Essas figuras e esses sinais são os suportes dessas abstrações em que seus sentidos descansam. Não procura conhecer as coisas por sua natureza, mas tão-somente pelas relações que o interessam. Não estima o que lhe é estranho senão em relação a si mesmo; mas essa apreciação é exata e segura. A fantasia, a convenção nada têm a ver com ela. Faz mais caso do que lhe é mais útil; e, não se afastando nunca dessa maneira de apreciar, nada dá à opinião.

Emílio é laborioso, sóbrio, paciente, firme, cheio de coragem. Sua imaginação, nunca excitada, não amplia nunca os perigos; é sensível a poucos males e sabe sofrer com resignação porque não aprendeu a disputar-se com o destino. Em relação à morte, não sabe bem ainda o que seja; mas, acostumado a sofrer sem resistência a lei da necessidade, quando precisar morrer, morrerá sem gemer e sem se debater; é tudo o que a natureza permite nesse momento odiado por todos. Viver livre e apegar-se pouco às coisas humanas é o melhor meio de aprender a morrer.

Em uma palavra, Emílio tem a virtude de tudo que se relaciona consigo mesmo. Para ter também as virtudes sociais, falta-lhe unicamente conhecer as relações que as exigem; faltam-lhe tão apenas as luzes que seu espírito está preparado para receber.

Ele se considera sem deferências para com os outros e acha bom que os outros não pensem nele. Nada exige de ninguém, e acredita nada dever a ninguém. Está só na sociedade humana e não conta senão consigo mesmo. Tem o direito também de, mais do que ninguém, contar consigo mesmo, porque é tudo o que se pode ser na sua idade. Não tem erros ou só tem os que nos são inevitáveis; não tem vícios, ou só tem os

que nenhum homem pode evitar. Tem o corpo sadio, os membros ágeis, o espírito justo e sem preconceitos, o coração livre e sem paixões. O amor-próprio, a primeira e a mais natural de todas, nele mal se acha exaltado ainda. Sem perturbar o repouso de ninguém, viveu contente, feliz e livre, tanto quanto a natureza o permitiu. Achais que um menino que alcançou assim seus quinze anos tenha perdido os precedentes?

LIVRO QUARTO

Com que rapidez passamos pela Terra! O primeiro quarto da vida já findou antes que lhe tenhamos conhecido o uso; o último quarto passa depois que já deixamos de gozá-la. No princípio não sabemos viver; muito logo não o podemos mais; e, no intervalo que separa essas duas extremidades inúteis, três quartos do tempo que nos resta são consumidos pelo sono, pelo trabalho, pela dor, pelo constrangimento, pelas penas de toda espécie. A vida é curta, menos pelo pouco que dura do que porque desse pouco tempo quase nenhum temos para apreciá-la. Por mais que o momento da morte esteja longe do do nascimento, a vida é sempre demasiado curta quando esse espaço é mal preenchido.

Nascemos, por assim dizer, em duas vezes: uma para existirmos, outra para vivermos; uma para a espécie, outra para o sexo. Os que encaram a mulher como um homem imperfeito estão sem dúvida errados; mas a analogia exterior está com eles. Até a idade núbil, as crianças dos dois sexos nada têm de aparente que as distinga; mesmo rosto, mesmo porte, mesma tez, mesma voz, tudo é igual; as meninas são crianças, os meninos são crianças; a mesma palavra basta para seres tão diferentes. Os machos, em que se impede o desenvolvimento ulterior do sexo, conservam essa conformidade durante toda a sua vida; são sempre crianças grandes, e as fêmeas, não perdendo essa mesma conformidade, parecem, por muitos aspectos, nunca ser outra coisa.

Mas o homem em geral não é feito para permanecer sempre na infância. Dela sai no tempo prescrito pela natureza; e esse momento de crise, embora bastante curto, tem influências demoradas.

Assim como o mugido do mar precede de longe a tempestade, essa tormentosa revolução se anuncia pelo murmúrio das paixões nascentes; uma fermentação surda adverte da aproximação do perigo. Uma mudança de humor, exaltações frequentes, uma contínua agitação do espírito, tornam o menino quase indisciplinável. Faz-se surdo à voz que o tornava dócil; é um leão na sua febre; desconhece seu guia, não quer mais ser governado.

Aos sinais morais de um humor que se altera, juntam-se modificações sensíveis no aspecto. Sua fisionomia desenvolve-se e assume um caráter; a pelugem escassa que cresce nas suas faces escurece e toma consistência. Sua voz muda, ou antes ele a perde: não é nem criança nem homem e não pode pegar o tom de nenhum dos dois. Seus olhos, esses órgãos da alma, que nada diziam até então, encontram uma linguagem e uma expressão; um ardor nascente os anima. Seus olhares mais vivos ainda têm uma santa inocência, mas não tem mais sua imbecilidade primeira: ele já sente que podem dizer demais; ele começa a saber baixá-los e enrubecer; torna-se sensível antes de saber o que sente; mostra-se inquieto sem razão de sê-lo. Tudo isso pode ocorrer lentamente e podereis ter tempo ainda de atender. Mas, se sua vivacidade se faz demasiado impaciente, se sua exaltação se transforma em furor, se ele se irrita e se entenece de um momento para outro, se verte lágrimas sem motivo, se, perto dos objetos que começam a tornar-se perigosos para ele, seu pulso se acelera e seu olhar se inflama, se a mão de uma mulher pousando na sua o faz fremir, se se perturba ou se intimida perto dela, Ulisses, ó sábio Ulisses, toma cuidado; os odres que com tanto cuidado fechavas estão abertos; os ventos já se desencadearam; não largues um só momento o leme ou tudo estará perdido.

Eis o segundo nascimento de que falei; agora é que o homem nasce verdadeiramente para a vida e que nada de humano lhe é estranho. Até aqui nossos cuidados não passaram de jogos infantis; só agora adquirem uma importância real. Esta época em que terminam as educações comuns é precisamente aquela em que a nossa deve iniciar-se; mas para bem expor este novo plano, voltemos a analisar o estado das coisas que a ele se referem.

Nossas paixões são os principais instrumentos de nossa conservação: é portanto empresa tão vã quão ridícula querer des-

truí-las; é controlar a natureza, é reformar a obra de Deus. Se Deus dissesse ao homem que aniquilasse as paixões que lhe dá, Deus quererá e não quererá; estaria em contradição consigo mesmo. Nunca ele deu tão insensata ordem, nada de semelhante está escrito no coração humano; e o que Deus quer que um homem faça não o faz dizer por outro homem; di-lo ele próprio, escreve-o no fundo do coração do homem.

Eu acharia, quem quisesse impedir as paixões de nascerem, quase tão louco quanto quem as quisesse aniquilar. E os que pensassem tal fosse minha intenção até aqui, ter-me-iam certamente muito mal compreendido.

Mas raciocinaríamos bem se, pelo fato de ser da natureza do homem ter paixões, concluíssemos que todas as paixões que sentimos em nós e vemos nos outros são naturais? A fonte é natural sem dúvida, mas mil riachos a ela estranhos ampliaram-na; é um grande rio que aumenta sem cessar e no qual encontraríamos com dificuldade algumas gotas das primeiras águas. Nossas paixões naturais são muito restritas; são os instrumentos de nossa liberdade, tendem a conservar-nos. Todas as que nos subjugam e nos destroem vêm de fora; a natureza não no-las dá, nós nos apropriamos delas em detrimento dessa natureza.

A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e não o deixa nunca durante sua vida, é o amor a si mesmo; paixão primitiva, inata, anterior a qualquer outra e da qual todas as outras não são, em certo sentido, senão modificações. Assim, se quisermos, todas são naturais. Mas essas modificações em sua maioria têm causas estranhas sem as quais não ocorreriam nunca; e essas modificações, longe de nos serem vantajosas, nos são nocivas; mudam o primeiro objeto e vão contra seu princípio. É então que o homem se encontra fora da natureza e se põe em contradição consigo mesmo.

O amor de si mesmo é sempre bom e sempre conforme à ordem. Estando cada qual encarregado de sua própria conservação, o primeiro e o mais importante de seus cuidados é, e deve ser, o de continuamente atentar para ela: e como o faria se não concentrasse nisso seu maior interesse?

É preciso portanto que nos amemos para nos conservarmos, é preciso que nos amemos mais do que tudo; e, em consequência imediata do mesmo sentimento, nós amamos o que nos

conserva. Toda criança se apega a sua ama: Rômulo tinha que se apegar à loba que o amamentou. De início este apego é puramente maquinal. O que favorece o bem-estar de um indivíduo, o atrai; o que o prejudica o repele; não passa isso de um instinto cego. O que transforma esse instinto em sentimento, o apego em amor, a aversão em ódio, é a intenção manifesta de nos prejudicar ou de nos ser útil. Não nos apaixonamos pelos seres insensíveis que seguem tão-somente o impulso que lhes damos. Mas aqueles de que esperamos um bem ou um mal pela sua disposição interior, por sua vontade, aqueles que vemos agir livremente a favor ou contra, nos inspiram sentimentos análogos aos que nos demonstram. O que nos serve, nós o procuramos; mas o que nos quer servir, nós o amamos. O que nos prejudica, nós o evitamos; mas o que nos quer prejudicar, nós o odiamos.

O primeiro sentimento de uma criança é de se amar a si mesma; o segundo, que deriva do primeiro, é de amar aos que dela se aproximam, pois, no estado de fraqueza em que se encontra, ela não conhece ninguém a não ser pela assistência e os cuidados que recebe. A princípio o apego que tem a sua ama e a sua governante não passa de hábito. Procura-as porque precisa delas e que se acha bem com as ter; é mais compreensão do que amizade. Precisa de muito tempo para entender que, não somente elas lhe são úteis, como ainda o querem ser; e é então que começa a amá-las.

Uma criança inclina-se portanto naturalmente para a benevolência, pois vê que tudo que se aproxima dela é levado a assisti-la; ela tira assim, dessa observação, o hábito de um sentimento favorável à sua espécie. Mas na medida em que suas relações se estendem, que se ampliam suas necessidades, suas dependências ativas ou passivas, o sentimento de suas ligações com os outros desperta e provoca o dos deveres e das preferências. Então, a criança torna-se imperiosa, ciumenta, astuciosa, vingativa. Se a dobram à obediência, não vendo a utilidade do que lhe ordenam, atribui-o ao capricho, à intenção de atormentá-la, e se revolta. Se se obedece a ela, vê em qualquer coisa que lhe resista uma rebeldia, uma intenção de contrariá-la; bate a mesa ou a cadeira por lhe terem desobedecido. O amor a si mesmo, que só a nós diz respeito, satisfaz-se quando nossas necessidades estão satisfeitas; mas o amor-próprio, que se compara, nunca está satisfeito e não o poderia estar, por-

que tal sentimento, em nos preferindo aos outros, exige também que os outros nos prefiram a eles; o que é impossível. Eis como as paixões ternas e afetuosas nascem do amor a si mesmo, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e se comparar pouco aos outros; e o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e atentar muito para a opinião. Segundo este princípio é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. É verdade que não podendo viver sempre sós, dificilmente viverão sempre bons: essa dificuldade mesma aumentará necessariamente com suas relações; e é nisso, principalmente, que os perigos da sociedade nos tornam a arte e os cuidados mais indispensáveis para prevenir, no coração humano, a depravação que nasce de suas novas necessidades.

O estudo conveniente ao homem é o de suas relações. Enquanto ele só se conhece pelo seu ser físico, deve estudar-se em suas relações com as coisas: é no que se emprega sua infância. Quando começa a sentir seu ser moral, deve estudar-se em suas relações com os homens: é no que se emprega sua vida inteira, a começar pelo ponto a que chegamos.

Logo que o homem precisa de uma companheira, não é mais um ser isolado, seu coração não está mais só. Todas as suas relações com sua espécie, todas as afeições de sua alma nascem daquela. Sua primeira paixão faz com que, sem demora, fermentem as outras.

A inclinação do instinto é indeterminada. Um sexo é atraído pelo outro: eis o movimento da natureza. A escolha, as preferências, a afeição pessoal são obra da instrução, dos preconceitos, do hábito; são precisos conhecimentos e tempo para que nos tornemos capazes de amor: só se ama depois de ter julgado, só se prefere depois de ter comparado. Tais julgamentos ocorrem sem que nos apercebamos, mas nem por isso deixam de ser reais. O verdadeiro amor, digam o que disserem, será sempre honrado pelos homens: pois, embora suas exaltações nos alucinem, embora ele não exclua do coração que o sente qualidades odiosas, e até provoque algumas, ele supõe entretanto sempre outras estimáveis, sem as quais não estaríamos em condições de senti-lo. Essa escolha, que colocam em oposição à razão, nos vem desta. Fizeram o amor cego porque tem melhores olhos do que nós e vê relações que não podemos perceber. Para

quem não tivesse nenhuma idéia de mérito nem de beleza, qualquer mulher seria igualmente boa, e a primeira sempre a mais amável. Longe de vir da natureza, o amor é a regra e o freio de suas tendências; é por ele que, excetuado o objeto amado, um sexo nada mais é para o outro.

Queremos obter a preferência que damos; o amor deve ser recíproco. Para ser amado é preciso tornar-se amável; para ser preferido é preciso tornar-se mais amável do que outro, do que qualquer outro, ao menos aos olhos do objeto amado. Daí os primeiros olhares sobre nossos semelhantes; daí as primeiras comparações, daí a emulação, as rivalidades, o ciúme. Um coração cheio de um sentimento que transborda gosta de se expandir: da necessidade de uma amante nasce logo a de um amigo. Quem sente quanto é doce ser amado gostaria de sê-lo por todo mundo e não podem todos desejar preferências sem que haja muitos descontentes. Com o amor e a amizade nascem as dissensões, as inimizades, o ódio. Do seio de tantas paixões diversas, vejo a opinião erguer para si mesma um trono inabalável e os estúpidos mortais, escravizados a seu império, não assentarem sua própria existência senão nos julgamentos alheios.

Desenvolvi estas idéias e vereis de onde vem a forma que acreditamos natural a nosso amor-próprio; e como o amor a si mesmo, deixando de ser um sentimento absoluto, se torna orgulho nas grandes almas, vaidade nas pequenas e em todas se alimenta sem cessar a expensas do próximo. A espécie dessas paixões, não tendo seu germe no coração das crianças, nele não pode nascer sozinha; somos nós que a pomos nele e nunca tais paixão, não tendo seu germe no coração das crianças, nele não ocorre o mesmo com o coração do jovem; elas nascerão nele, ainda que tudo façamos para evitá-lo. É tempo, portanto, de mudar de método.

Começemos por algumas reflexões importantes acerca do estado crítico de que se trata aqui. A passagem da infância à puberdade não é assim tão determinada pela natureza a ponto de não variar nos indivíduos segundo os temperamentos e nos povos segundo os climas. Todo mundo conhece as distinções observadas a propósito entre os países quentes e os países frios e todos sabem que os temperamentos ardentes se formam mais cedo do que os outros; mas é possível nos enganarmos a respeito das causas e muitas vezes atribuímos ao físico o que cabe

imputar ao moral; é um dos erros mais freqüentes da filosofia de nosso século. As instruções da natureza são tardias e lentas; as dos homens são quase sempre prematuras. No primeiro caso, os sentidos despertam a imaginação; no segundo, a imaginação desperta os sentidos; ela lhes dá uma atividade precoce que não pode deixar de enervar, de enfraquecer primeiramente os indivíduos e depois a própria espécie, com o andar do tempo. Uma observação mais geral e mais segura que a do efeito dos climas é a de que a puberdade e a força do sexo são sempre mais precoces entre os povos instruídos e policiados do que entre os ignorantes e bárbaros¹. As crianças têm sempre uma sagacidade singular para discernir, através das macaquices da decência, os maus costumes que ela esconde. A linguagem expurgada que lhes ensinam, as lições de bom comportamento que lhes dão, o véu de mistério que fingem estender diante de seus olhos, são verdadeiros excitantes de sua curiosidade. Pela maneira por que agem, torna-se claro que o que fingem esconder-lhes visa a ser-lhes ensinado; e de todas as instruções que lhes dão é a que elas aproveitam mais.

Consultai a experiência, compreenderéis a que ponto êsse método insensato acelera o trabalho da natureza e arruína o temperamento. É uma das causas principais que fazem com que as raças degenerem nas cidades. Os jovens, cedo esgotados, permanecem pequenos, frágeis, mal feitos, envelhecem ao invés de

(1) "Nas cidades, diz o Sr. de Buffon, e entre as pessoas abastadas, as crianças, acostumadas a alimentos abundantes e succulentos, alcançam mais cedo êsse estado; no campo e entre a gente pobre, as crianças são mais tardias, porque são mal e muito pouco alimentadas; precisam de dois ou três anos mais". (*Hist. nat.* t. IV, p. 238). Admito a observação mas não a explicação, porquanto nas regiões em que o camponês se alimenta bem e come muito, como no Valais, e mesmo em certos cantões montanhosos da Itália, como o de Friul, a idade da puberdade nos dois sexos é igualmente mais tardia do que nas cidades onde, para satisfazer a vaidade, se alimentam com parcimônia e em sua maioria as pessoas andam de roupa de veludo e estômago vazio. Espantamo-nos com ver, nessas regiões, rapazes já fortes como homens ainda com voz fina e sem barba no queixo, e grandes moças, bem formadas, sem nenhum sinal periódico do sexo. Diferença que me parece provir unicamente do fato, de que, na simplicidade de seus costumes, sua imaginação, durante mais tempo serena, calma, faz seu sangue fermentar mais tarde e torna seu temperamento menos precoce.

crescer, como a videira que se obriga a dar frutos na primavera, enlanguesce e morre antes do outono.

É preciso ter vivido entre os povos grosseiros e simples para verificar até que idade uma feliz ignorância pode prolongar a inocência das crianças. É um espetáculo, a um tempo comovente e divertido, ver os dois sexos, entregues à segurança de seus corações, prolongarem na flor da idade e da beleza seus jogos ingênuos da infância e mostrarem por sua própria familiaridade a pureza de seus prazeres. Quando finalmente essa amável juventude se casa, os esposos, dando-se mutuamente as primícias de suas pessoas, tornam-se tanto mais caros um a outro; numerosos filhos sadios robustos, são o penhor de uma união que nada altera e o fruto da sabedoria de seus primeiros anos.

Se a idade em que o homem adquire a consciência de seu sexo difere tanto por efeito da educação quanto pela ação da natureza, segue-se que é possível acelerar ou retardar essa idade segundo a maneira de criar as crianças; e se o corpo ganha ou perde consistência na medida em que se atrasa ou acelera tal progresso, segue-se também que quanto mais a retardarem mais o jovem adquirirá vigor e força. Não falo por ora senão dos efeitos puramente físicos; veremos outros dentro em pouco.

Destas reflexões tiro a solução dessa questão tão amiúde posta, se convém esclarecer as crianças desde cedo acerca dos objetos de sua curiosidade ou se se deve iludi-las mediante pequenos erros. Acho que não se deve fazer nem uma coisa nem outra. Para começo de conversa, essa curiosidade não lhes ocorre sem que se lha proporcione. Logo, é preciso agir de modo que não a tenham. Em segundo lugar as questões que não somos obrigados a resolver não exigem que enganemos quem as põe: é melhor impor silêncio que responder mentindo. Não serão surpreendidos com esta lei, se tivermos tido o cuidado de aplicá-la nas coisas indiferentes. Finalmente, em tomando o partido de responder, que o façamos com a maior simplicidade, sem mistério, sem embaraço, sem sorrir. Há muito menos perigo em satisfazer a curiosidade da criança do que em excitá-la.

Que vossas respostas sejam sempre graves, curtas, decididas, e sempre sem hesitação. Não preciso acrescentar que devem ser verdadeiras. Não se pode ensinar às crianças o perigo de mentir aos homens, sem sentir, da parte dos homens, o pe-

rigo maior de mentir às crianças. / Uma só mentira averiguada do mestre ao aluno arruinaria para sempre todo o fruto da educação.

Uma ignorância absoluta de certas matérias seria talvez o que mais conviria às crianças; mas que aprendam desde cedo o que é impossível esconder-lhes sempre. É preciso, ou que sua curiosidade não desperte de jeito nenhum, ou que seja satisfeita antes da idade em que não seria mais sem perigo. Vossa conduta com vosso aluno depende muito, nisso, de sua situação particular, da sociedade que o cerca, das circunstâncias em que prevemos que poderá encontrar-se etc. Importa nada deixar ao acaso; e se não tendes certeza de que ignore até dezesseis anos a diferença dos sexos, cuidai que a aprenda antes dos dez.

Não gosto que se empregue com as crianças uma linguagem demasiado expurgada, nem que se lhes façam longos discursos, para evitar de dar às coisas seus nomes verdadeiros — o que elas percebem. Os bons costumes, nessas matérias, têm sempre muita simplicidade; mas as imaginações contaminadas pelo vício tornam os ouvidos delicados e obrigam a requintar sempre mais as expressões. Os termos grosseiros são sem consequência; as idéias lascivas é que cumpre afastar.

Embora o pudor seja natural na espécie humana, as crianças não o têm naturalmente. O pudor só nasce com o conhecimento do mal: e como as crianças que não o têm, nem o poderiam ter, teriam o sentimento que dele resulta? Dar-lhes lições de pudor e de honestidade, é ensinar-lhes que há coisas vergonhosas e desonestas, é dar-lhes um desejo secreto de conhecer essas coisas. Cedo ou tarde elas o saberão e a primeira fagulha que toca a imaginação acelera necessariamente a efervescência dos sentidos. Quem quer enrubesça já é culpado; a verdadeira inocência não tem vergonha de nada.

As crianças não têm os mesmos desejos que os homens; mas, sujeitas como eles à sujidade que fere os sentidos, podem, unicamente em virtude dessa sujeição, receber as mesmas lições de decoro. Segui o espírito da natureza que, colocando nos mesmos lugares os órgãos dos prazeres secretos e os das necessidades repugnantes, inspira-nos os mesmos cuidados em idades diferentes, ora por uma idéia, ora por outra: ao homem pela modéstia, à criança pela limpeza.

Só vejo um bom meio de conservar a inocência das crianças; é respeitarem-na todos os que as cercam, e amá-la. Sem isso, toda a discrição que lhes mostrarem será desmentida mais dia menos dia. Um sorriso, uma piscadela, um gesto involuntário, dizem-lhes tudo o que lhes procuram não lhes dizer; basta-lhes para aprendê-lo, verem que lhes quiseram esconder. A delicadeza das palavras e expressões que empregam entre si as pessoas bem educadas, supondo conhecimentos que as crianças não devem ter, é inteiramente deslocada em relação a estas; mas quando se respeita realmente sua simplicidade, ter-se-á, em lhes falando a dos termos que lhes convêm. Há uma certa ingenuidade de linguagem que agrada à inocência: eis o verdadeiro tom que desvia uma criança de uma curiosidade perigosa. Falando-lhe simplesmente de tudo, não se a leva a suspeitar de que haja mais alguma coisa a dizer-lhe. Juntando às palavras grosseiras as idéias desagradáveis que lhes são necessárias, apaga-se o primeiro impulso da imaginação: não se lhe proíbe pronunciar essas palavras e ter essas idéias, mas dá-se-lhe, sem que o perceba, a repugnância de lembrá-las. E quantos aborrecimentos não evita essa liberdade ingênua àqueles que, tirando-a de seu próprio coração, dizem sempre o que é preciso dizer e o dizem sempre como o sentiram!

Como se fazem as crianças? Pergunta embaraçante que ocorre assaz naturalmente às crianças e cuja resposta indiscreta ou prudente decide por vezes de seus costumes e de sua saúde para o resto da vida. A maneira mais curta que uma mãe imagina para se desobrigar, sem enganar o filho, é impor-lhe silêncio. Isso seria bom, se o tivessem acostumado a tal em relação a perguntas indiferentes e que ele não entreviesse um mistério no novo tom. Mas raramente ela fica nisso. É o segredo das pessoas casadas, lhe dirá; as crianças não devem ser tão curiosas. Eis o que resolve muito bem o problema da mãe: mas que saiba que, despeitado com o ar de desprezo, o menino não terá mais um minuto de descanso enquanto não tiver descoberto o segredo das pessoas casadas, e não tardará em descobri-lo.

Que me permitam transcrever aqui uma resposta bem diferente que ouvi dar à mesma pergunta e que me impressionou tanto mais quanto partia de uma mulher tão modesta nas suas palavras como nas suas maneiras, mas que sabia, se necessário, em prol de seu filho e da virtude, desprezar falso temor da

censura e os comentários vãos dos engraçadinhos. O menino, tempos antes, expulsara na urina um pequeno cálculo que lhe rasgara a uretra; mas a dor fora esquecida. *Mamãe*, disse o pequeno tonto, *como se fazem as crianças?* — *Meu filho*, respondeu a mãe sem hesitar, *as mulheres mijam-nas com dores que por vezes lhes custam a vida*. Que riam os loucos e os tolos se escandalizem; mas que os sábios verifiquem se jamais encontrarão resposta mais judiciosa e conveniente a seus fins.

Primeiramente a idéia de uma necessidade natural e conhecida da criança desvia a de uma operação misteriosa. As idéias acessórias da dor e da morte cobrem a outra de um véu de tristeza que amortece a imaginação e reprime a curiosidade; tudo conduz o espírito às consequências do parto e não às suas causas. As enfermidades da natureza humana, objetos asquerosos, imagens de sofrimento eis os esclarecimentos a que leva essa resposta, se é que a repugnância que inspira permite à criança solicitá-los. De que modo as inquietações dos desejos teriam oportunidade de nascer através de diálogos assim orientados? E, no entanto, bem vedes que a verdade não foi alterada e que não se precisou enganar o menino ao invés de instruí-lo.

Vossos filhos lêem; tiram de suas leituras conhecimentos que não teriam se não houvessem lido. Se estudam, a imaginação se aguça no silêncio do quarto. Se vivem na sociedade, ouvem um jargão estranho, vêem exemplos que os impressionam: tão bem lhes persuadiram de que eram homens, que em tudo o que fazem os homens em sua presença, eles buscam de imediato ver em que isso lhes pode convir. É inevitável que as ações dos outros lhes sirvam de modelo, posto que os julgamentos lhes servem de lei. Criados que dependem deles, interessados portanto em agradar-lhes, fazem-lhes a corte a expensas dos bons costumes; governantas sorridentes mantêm com eles, aos quatro anos, conversação que a mais impudente não ousaria manter aos quinze. Elas não demoram em esquecer o que disseram, mas eles não esquecem o que ouviram. As conversações gaiatas preparam os costumes libertinos: o laçao malandro torna o menino debochado; e o segredo de um serve de garantia ao do outro.

O menino educado de acôrdo com sua idade é só. Não conhece apegos senão os do hábito; gosta da irmã como de

seu relógio, de seu amigo como de seu cão. Não se sente de sexo nenhum, de nenhuma espécie: o homem e a mulher são-lhe igualmente estranhos; ele não transfere para si nada do que fazem ou dizem: não o vê nem o entende, ou não presta atenção; os discursos deles não o interessam, como não lhe interessam os exemplos: nada disso é feito para ele. Não é um erro artificial que lhe dão com tal método, é a ignorância da natureza. Ocorre um momento em que a mesma natureza se encarrega de esclarecer seu aluno; e é somente então que ela o põe em condições de se beneficiar sem riscos das lições que lhe dá. Eis o princípio: a pormenorização das regras não está no meu assunto; e os meios que proponho em vista de outros objetos servem também de exemplo para este.

Quereis pôr ordem e regra nas paixões nascentes, ampliai o espaço durante o qual elas se desenvolvem, a fim de que tenham tempo de se ordenarem na medida em que nascem. Então não é mais o homem que as ordena, é a própria natureza; vossa tarefa consiste apenas em a deixar trabalhar. Se vosso aluno fosse só, nada teríeis que fazer; mas tudo que o cerca inflama sua imaginação. O caudal de preconceitos arrasta-o: para retê-lo, é preciso empurrá-lo em sentido contrário. É preciso que o sentimento acorrente a imaginação e que a razão faça calar a opinião dos homens. A fonte de todas as paixões é a sensibilidade, a imaginação determina seu declive. Todo ser que sente suas relações deve sentir-se afetado quando essas relações se alteram ou quando ele imagina outras mais convenientes à sua natureza. São os erros da imaginação que transformam em vícios as paixões de todos os seres limitados e até dos anjos, se é que as têm, pois seria preciso que conhecessem a natureza de todos os seres para saberem que relações convêm mais à sua.

Eis portanto o sumário de toda a sabedoria humana no emprêgo das paixões: 1.º sentir as verdadeiras relações do homem tanto na espécie como no indivíduo; 2.º ordenar todas as afeições da alma segundo essas relações. Mas será o homem senhor de ordenar suas afeições segundo tais ou quais relações? Sem dúvida ele é senhor de dirigir sua imaginação para tal ou qual objeto, ou de lhe dar tal ou qual hábito. De resto, trata-se menos aqui do que um homem pode fazer sobre si mesmo que do que nós podemos fazer com nosso aluno pela escolha das circunstâncias em que o colocamos. Expor os meios

indicados para mantê-lo dentro da ordem da natureza, já é dizer como ele pode sair dela.

Enquanto sua sensibilidade permanece limitada a seu indivíduo, não há nada moral em suas ações; é só quando ela começa a estender-se para fora dele que ele adquire sentimentos, primeiramente, e em seguida noções do bem e do mal que o fazem verdadeiramente homem e parte integrante de sua espécie. É portanto neste primeiro ponto que devemos de início fixar nossas observações.

São difíceis porquanto, para fazê-las, é preciso rejeitar os exemplos que se encontram diante de nossos olhos e procurar aqueles em que os desenvolvimentos sucessivos se verificam segundo a ordem da natureza.

Um jovem educado, polido, civilizado, que só aguarda o poder de pôr em ação as instruções prematuras que recebeu, não se engana nunca acerca do momento em que esse poder lhe é dado. Longe de esperá-lo ele o acelera, dá a seu sangue uma fermentação precoce, sabe qual deve ser o objeto de seus desejos, muito tempo antes de os sentir. Não é a natureza que o excita, ele é que a força; ela nada mais tem a ensinar-lhe, tornando-o homem. Ele já o era pelo pensamento muito antes de o ser efetivamente.

A verdadeira marcha da natureza é mais gradual e mais lenta. Pouco a pouco o sangue se inflama, elaboram-se os pensamentos, forma-se o temperamento. O prudente operário que dirige a fábrica tem o cuidado de aperfeiçoar todos os seus instrumentos antes de manuseá-los: uma longa inquietação precede os primeiros desejos, uma longa ignorância os ilude: deseja-se sem saber o quê. O sangue fermenta e agita-se: uma superabundância de vida busca exteriorizar-se. Anima-se o olhar e examina os outros seres, começa-se a mostrar interesse pelos outros, a sentir que não se é feito para viver só: assim é que o coração se abre para as afeições humanas e torna-se capaz de apego.

O primeiro sentimento de que é suscetível um jovem cuidadosamente educado não é o amor, é a amizade. O primeiro ato de sua imaginação nascente é ensinar-lhe que tem semelhantes, e a espécie afeta-o antes do sexo. Eis portanto mais uma vantagem da inocência prolongada: a de aproveitar-se da sensibilidade nascente para jogar no coração do adolescente as

primeiras sementes da humanidade. Vantagem tanto mais preciosa quanto é o único momento da vida em que os mesmos cuidados podem ter um êxito real.

Sempre verifiquei que os jovens corrompidos cedo, e entregues às mulheres e ao deboche, eram inumanos e cruéis; a fuga do temperamento tornava-os impacientes, vindicativos, furiosos; sua imaginação, tomada por um só objeto, recusava-se ao resto; não conheciam nem piedade nem misericórdia; teriam sacrificado pai, mãe e o universo inteiro ao menor de seus prazeres. Ao contrário, um jovem educado dentro de uma simplicidade feliz é levado pelos primeiros movimentos da natureza às paixões ternas e afetuosas. Seu coração compadecente comove-se com as atribulações de seus semelhantes; ele fremente de alegria quando revê seu camarada, seus braços sabem encontrar amplexos carinhosos, seus olhos sabem verter lágrimas de ternura; ele é sensível à vergonha de desagradar, ao remorso de ter ofendido. Se o ardor de um sangue que se inflama o torna vivo, exaltado, colérico, vê-se no momento seguinte toda a bondade de seu coração na efusão de seu arrependimento; ele chora, geme por causa do ferimento feito; quisera à custa de seu sangue resgatar o que verteu; toda a sua exaltação se extingue, todo o seu orgulho se humilha diante do sentimento de sua falta. Foi ele próprio ofendido? No ápice de seu furor uma desculpa, uma palavra o desarma; perdoa os erros dos outros da mesma maneira que corrige os seus. A adolescência não é a idade nem da vingança nem do ódio; é a da comiseração, da clemência, da generosidade. Sim, sustento-o e não temo ser desmentido pela experiência, um menino que não é mal nascido e que conservou até vinte anos sua inocência, é nessa idade o mais generoso, o melhor, o mais amante e o mais amável dos homens. Nunca vos disseram coisa semelhante, bem o creio; vossos filósofos, educados na corrupção dos colégios, não cuidam de saber isto.

É a fraqueza do homem que o torna sociável; são nossas misérias comuns que incitam nossos corações à humanidade: nada lhe deveríamos se não fôssemos homens. Todo apego é sinal de insuficiência: se nenhum de nós tivesse necessidade de outrem, não pensaria em unir-se a ninguém. Assim de nossa própria enfermidade nasce nossa frágil felicidade. Um ser realmente feliz é um ser solitário; só Deus goza de uma felicidade absoluta, mas quem de nós tem uma idéia disso? Se

algun ser imperfecto pudesse bastar-se a si mesmo, de que gozaria segundo nós? Seria só e miserável. Não concebo que quem não precisa de nada possa amar alguma coisa: não concebo que quem não ama nada possa ser feliz.

Disto se deduz que nos apegamos a nossos semelhantes menos pelo sentimento de seus prazeres que pelo de suas penas; pois nestas, vemos melhor a identidade de nossa natureza e a garantia de seu apego a nós. Se nossas necessidades comuns nos unem por interesse, nossas misérias comuns nos unem por afeição. O aspecto de um homem feliz inspira aos outros menos amor do que inveja; de bom grado o acusaríamos de usurpar um direito que não tem, obtendo para si uma felicidade exclusiva; e o amor-próprio ainda sofre fazendo-nos sentir que esse homem não precisa de nós. Mas quem não se apieda do desgraçado que vê sofrer? Quem não o desejaria libertar de seus males, se bastasse um desejo para tanto? A imaginação nos põe no lugar de um miserável mais que de um homem feliz. Sentimos que uma dessas condições nos toca mais de perto que a outra. A piedade é doce porque, colocando-nos no lugar de quem sofre, ainda sentimos o prazer de não sofrer-mos como ele. A inveja é amarga porque o aspecto de um homem feliz, longe de colocar o invejoso no lugar dele, faz com que lamente não estar nesse lugar. Parece que um nos isenta dos males de que sofre, e que o outro nos tira os bens de que goza.

Se quereis pois suscitar e alimentar no coração de um jovem os primeiros movimentos da sensibilidade nascente, e voltar seu caráter para a piedade e a bondade, não façais germinar nêle o orgulho, a vaidade, a inveja, pela enganosa imagem da felicidade dos homens; não mostreis primeiramente a seus olhos a pompa das cortes, o fausto dos palácios, a sedução dos espetáculos; não o passeeis pelos círculos, em brilhantes assembléias, não lhe mostreis o exterior da grande sociedade, senão depois de tê-lo posto em condições de apreciá-la em si mesma. Mostrar-lhe o mundo antes que conheça os homens, não é formá-lo, é corrompê-lo; não é instruí-lo, é enganá-lo.

Os homens não são naturalmente nem reis, nem grandes, nem cortesãos, nem ricos; todos nascem nus e pobres, todos sujeitos às misérias da vida, às tristezas, aos males, às necessidades, às dores de toda espécie; e finalmente todos estão condenados à morte. Eis o que é realmente do homem, eis o de

que nenhum mortal está isento. Logo, começai por estudar o que é mais inseparável da natureza do homem, o que melhor constitui a humanidade.

Aos dezesseis anos o adolescente sabe o que é sofrer, porque ele próprio já sofreu; mal sabe porém que outros seres também sofrem; vê-lo sem o sentir não é sabê-lo e, como já o disse cem vezes, a criança, não imaginando o que sentem os outros, só conhece seus próprios males: mas quando o primeiro desenvolvimento dos sentidos acende nele o fogo da imaginação, ele começa a sentir-se em seus semelhantes, a comover-se com suas queixas, a sofrer com suas dores. É então que o triste quadro da humanidade sofredora deve levar a seu coração a primeira ternura que tenha experimentado.

Se esse momento não é fácil de observar em vossos filhos, de quem a culpa? Vós os ensinais desde tão cedo a representarem o sentimento, vós lhes ensinais tão logo essa linguagem que, falando sempre no mesmo tom, eles voltam vossas lições contra vós e não vos deixam nenhum meio de distinguir quando, deixando de mentir, começam a sentir o que dizem. Mas vede meu Emílio; até à idade em que o conduzi, nada sentiu nem mentiu. Antes de saber o que seja amar, ele não disse a ninguém: *gosto de vós*. Não lhe prescreveram a atitude que devia ter ao entrar no quarto de seu pai, de sua mãe, ou de seu governante doente; não lhe ensinaram a arte de mostrar uma tristeza que não tinha. Não fingiu chorar a morte de ninguém, porque não sabe o que seja morrer. A mesma insensibilidade que tem no coração está também em seus modos. Indiferente a tudo, com exceção de si mesmo, como todas as demais crianças, não demonstra interesse por ninguém; tudo o que o distingue é que não quer parecer interessar-se e não é falso como os outros.

Emílio, não tendo refletido sobre os seres sensíveis, saberá tarde o que significa sofrer e morrer. As queixas e os gritos começarão a agitar suas entranhas; o aspecto do sangue escorrendo fá-lo-á desviar o olhar das convulsões de um animal expirando, dar-lhe-ão uma certa angústia antes que saiba de onde vêm tais sensações. Se tivesse ficado estúpido e bárbaro, não as teria; se fosse mais instruído, conheceria a fonte; já comparou idéias demais para nada sentir e não bastantes para conceber o que sente.

Assim nasce a piedade, primeiro sentimento relativo que toca o coração humano dentro da ordem da natureza. Para tornar-se sensível e piedoso, é preciso que a criança saiba que há seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que sentiu, e outras de que deve ter idéia como as podendo sentir também. Com efeito, como nos comoveremos até a piedade, senão em nos transportando para fora de nós e nos identificando com o animal sofredor, abandonando, por assim dizer, nosso ser para pegar o dele? Nós só sofremos na medida em que julgamos que ele sofre; não é em nós, é nele que sofremos. De modo que ninguém se torna sensível, senão quando sua imaginação se anima e começa a transportá-lo para fora de si.

Para excitar e alimentar essa sensibilidade nascente, para a guiar ou a seguir na sua tendência natural, que podemos fazer senão oferecer ao rapaz objetos sobre os quais possa atuar a força expansiva de seu coração, que o dilatem, que o estendam aos outros seres, que o façam sempre encontrá-los fora de si. Em suma, afastar com cuidado os que o limitam, o concentram, e estiram a mola do eu humano. Em outros termos, isso significa excitar nele a bondade, a humanidade, a comiseração, a benevolência, todas as paixões atraentes e doces que agradam naturalmente aos homens, e impedir que nasçam a inveja, a cobiça, o ódio, todas as paixões repugnantes e cruéis que tornam, por assim dizer, a sensibilidade não somente nula como até negativa e fazem o tormento de quem as exprimenta.

Creio poder resumir todas as reflexões precedentes em duas ou três máximas precisas, claras e fáceis de se entenderem.

PRIMEIRA MÁXIMA

Não é do coração humano pôr-se no lugar das pessoas que são mais felizes do que nós, mas tão-somente das que são mais dignas de pena.

Se se encontram exceções a esta máxima, elas são mais aparentes do que reais. Assim, ninguém se põe no lugar do rico ou do grande a quem se apegar; mesmo em se apegando sinceramente, não se faz senão apropriar-se de uma parte de seu bem-estar. Às vezes a gente o ama em suas desgraças; mas, enquanto prospera, só tem como amigo verdadeiro quem não se

ilude quanto às aparências e dele tem mais pena que inveja, apesar da prosperidade.

Impressionamo-nos com a felicidade de certas condições, como por exemplo da vida campestre e pastoral. O encanto de ver essa boa gente feliz não é envenenado pela inveja; interessamo-nos por ela verdadeiramente. Por quê? Porque nos sentimos capazes de descer a essa condição de paz e de inocência, de gozar a mesma felicidade; é uma solução que só dá idéias agradáveis, porquanto basta querer gozá-la para o poder. Há sempre prazer em ver nossos recursos, em contemplar nosso próprio bem, ainda que não queiramos fazer uso dele.

Segue-se daí que, para levar um jovem à humanidade, longe de fazê-lo admirar a sorte brilhante dos outros, cumpre mostrar-lha pelos seus lados tristes; cumpre fazer com que a tema. Então, por uma consequência evidente, ele precisa abrir seu caminho para a felicidade, um caminho que não siga as pegadas de ninguém.

SEGUNDA MÁXIMA

Só temos piedade nos outros dos males de que não nos cremos isentos nós mesmos.

"Non ignara mali, miseris succurrere disco".

Não conheço nada mais belo, mais profundo, mais comovente, mais verdadeiro do que este verso.

Por que os reis são sem piedade com seus súditos? É porque esperam nunca ser homens. Por que os ricos são tão duros com os pobres? É porque não têm medo de o serem. Por que a nobreza tem tão grande desprezo pelo povo? É por que um nobre nunca será plebeu. Por que os turcos são em geral mais humanos, mais hospitaleiros do que nós? É porque em seu governo puramente arbitrário, sendo a grandeza e a fortuna dos particulares sempre precárias e cambaleantes, eles não encaram a miséria e o rebaixamento como um estado estranho a eles²: cada um pode ser amanhã o que é hoje quem ele

(2) Isso parece mudar um pouco atualmente: as condições sociais parecem tornar-se mais fixas e os homens também se fazem mais duros.

assiste. Esta reflexão, que se apresenta continuamente nos romances orientais, dá à sua leitura algo enternecedor que não tem todo o requinte de nossa seca moral.

Não acostumeis portanto vosso aluno a olhar de cima de sua glória as penas dos infortunados, os trabalhos dos miseráveis; não espereis ensinar-lhe a lamentar a sorte deles, se os encara como estranhos. Fazei com que compreenda que o destino desses infelizes pode ser o dele, que todos os males podem encontrar-se a seus pés, que mil acontecimentos imprevisíveis e inevitáveis podem neles mergulhá-lo, de um momento para outro. Ensinai-lhe a não contar nem com a origem, nem com a saúde, nem com a riqueza; mostrai-lhe todas as vicissitudes da fortuna; dai-lhe os exemplos, sempre muito frequentes, de pessoas que, de uma posição bem mais elevada que a dele, caíram abaixo da dos desgraçados; por culpa própria ou não, não é de que se trata agora aqui; e saberá ele o que seja uma culpa? Não perturbeis nunca a ordem de seus conhecimentos e só o esclarece com conhecimentos a seu alcance. Não precisa ser muito instruído para sentir que nem toda a prudência humana lhe poderá responder se dentro de uma hora estará vivo ou agonizante, se as dores da nefrite não lhe farão ranger os dentes antes da noite, se dentro de um mês será rico ou pobre, se dentro de um ano, talvez, não remarará sob o chicote nas galeras de Argel. Principalmente não lhe digais isso tudo friamente, como lhe fala seu catecismo; que veja, que sinta as calamidades humanas. Abalai, assustai sua imaginação com os perigos de que o homem anda sempre cercado. Que veja ao redor dele todos esses abismos e que, vos ouvindo descrevê-los, se aproxime de vós com medo de neles cair. Nós o tornaremos tímido e covarde, direis. Veremos. Por enquanto comecemos por torná-lo humano. É o que importa.

TERCEIRA MÁXIMA

A piedade que se tem do mal de outrem não se mede pela quantidade desse mal e sim pelo sentimento que se empresta a quem o sofre.

Só temos pena de um desgraçado na medida em que acreditamos que mereça dó. O sentimento físico de nossos males é mais limitado do que parece; mas é pela memória que nos faz sentir a continuidade deles, é pela imaginação que os pro-

jeta no futuro, que temos pena realmente. Eis uma das causas, penso, que nos deixam mais indiferentes aos males dos animais que aos dos homens, embora a sensibilidade comum devesse igualmente identificar-nos com eles. Não temos pena de um cavalo de carroceiro na estrebaria, porque não presumimos que comendo sua alfafa pense nas pancadas recebidas nem nas fadigas que o esperam. Não temos pena tampouco de um carneiro que vemos pastando, embora saibamos que dentro em pouco será degolado, porque julgamos que não prevê seu destino. Por extensão, enrijecemos-nos em relação à sorte dos homens; e os ricos consolam-se do mal que fazem aos pobres, supondo-se bastante estúpidos para nada sentirem. Em geral eu julgo o preço que cada qual dá à felicidade de seus semelhantes pelo caso que parece fazer deles. É natural que se dê pouca importância à felicidade de quem se despreza. Não vos espanteis portanto com o fato de os políticos falarem do povo com tanto desdém, nem com o de tantos filósofos afetarem considerar o homem tão ruim.

É o povo que constitui o gênero humano; o que não é povo é tão pouca coisa que não vale a pena contar. O homem é o mesmo em todas as situações: se assim é, as classes mais numerosas merecem mais respeito. Diante de quem pensa, todas as distinções civis desaparecem: ele vê as mesmas paixões, os mesmos sentimentos no vagabundo e no homem ilustre; só discerne neles a linguagem, um colorido mais ou menos requintado; e se alguma diferença essencial os distingue é em prejuízo dos mais dissimulados. O povo mostra-se tal qual é e isso não é agradável; mas é necessário que a gente da sociedade se disfarce: se se mostrasse tal qual é provocaria horror.

Há, dizem ainda nossos sábios, mesma dose de felicidade e de pena em todas as classes. Máxima tão funesta quão insustentável: pois se todos são igualmente felizes porque me incomodar com alguém? Que cada qual fique como é: que o escravo seja maltratado, que o enfermo sofra, que o mendigo morra; nada podem ganhar com mudar de situação. Eles enumeram as penas do rico e mostram a inanidade de seus vãos prazeres: que sofisma grosseiro! As penas do rico não vêm de sua situação social e sim dele só, que delas abusa. Ainda que fosse mais infeliz do que o pobre, não seria de se ter piedade, porque seus males são todos obra sua e que lhe basta querer para ser feliz. Mas a pena do miserável vem-lhe das coisas, do rigor da

sorte que pesa sobre ele. Não há hábito que lhe possa tirar o sentimento físico da fadiga, do esgotamento, da fome: o bom estado de espírito nem a sabedoria lhe servem para isentá-lo dos males de sua condição. Que ganha Epíteto prevendo que seu mestre vai quebrar-lhe a perna? Quebra-a menos por isso? Ele tem, além de seu mal, o mal da providência. Se o povo fosse tão sensato quanto o acreditamos estúpido, poderia ser diferente do que é? Que poderia fazer fora do que faz? Estudai as pessoas deste tipo, vereis que, com outra linguagem, têm mais espírito e bom senso do que vós. Respeitai portanto vossa espécie; pensai em que é essencialmente composta pelo conjunto dos povos; que se todos os reis e todos os filósofos fossem retirados dela mal se perceberia e que as coisas não seriam piores. Em uma palavra, ensinaí a vosso aluno a amar todos os homens, inclusive os que os desdenham; fazei com que ele não se coloque em nenhuma classe, mas que se encontre em todas; falai diante dele, e com ternura, do gênero humano, com piedade até, mas nunca com desprezo. Homem, não desonres o homem.

É por esses caminhos e outros semelhantes, bem contrários aos que se acham abertos, que convém penetrar no coração de um jovem adolescente, a fim de nele excitar os primeiros movimentos da natureza, desenvolvê-lo e estendê-lo sobre seus semelhantes. Nada de vaidade sobretudo, nada de emulação, nada de glória, nada de sentimentos que nos forcem a comparar-nos aos outros, pois tais comparações nunca se fazem sem alguma impressão de ódio contra os que nos disputam a preferência, ainda que somente em nossa própria estima. Então é preciso cegar-se ou se irritar, ser um mau ou um tolo: tratemos de evitar esta alternativa. Essas paixões tão perigosas virão cedo ou tarde, dirão. Não o nego: tudo tem seu tempo e seu lugar; digo apenas que não devemos ajudá-las a nascerem.

Eis o espírito do método que é preciso prescrever a si mesmo. Aqui os exemplos e os pormenores são inúteis, porque aqui começa a divisão quase infinita dos caracteres, e que cada exemplo que eu desse não conviria talvez a um sobre cem mil. É nessa idade também que se inicia, no mestre hábil, a verdadeira função de observador e do filósofo que conhece a arte de sondar os corações, trabalhando para os formar. Enquanto o jovem não pensa ainda em se mascarar, nem o aprendeu ainda, a cada objeto que lhe apresentam vê-se no seu olhar, no seu

gesto, a impressão que recebe; lêem-se em seu rosto todos os movimentos de sua alma; à força de espia-los, chega-se a prevê-los e, finalmente, a dirigi-los.

Observa-se em geral que o sangue, os ferimentos, os gritos, os gemidos, o conjunto das operações dolorosas, e tudo o que leva aos sentidos motivos de sofrimento, atingem mais cedo e mais geralmente todos os homens. A idéia de destruição, sendo mais complexa, não os atinge do mesmo modo; a imagem da morte chega-lhes mais tarde e mais fracamente, porque ninguém tem em relação a si a experiência de morrer; é preciso ter visto cadáveres para sentir as angústias dos agonizantes. Mas quando essa imagem se forma realmente em nosso espírito, não há espetáculo mais horrível a nossos olhos, tanto pela idéia de destruição total, que dá então pelos sentidos, quanto porque, sabendo que esse momento é inevitável para todos os homens, nos sentimos mais vivamente afetados por uma situação a que estamos certos de não podermos escapar.

Essas impressões diversas têm suas modificações e suas gradações que dependem do caráter particular de cada indivíduo e de seus hábitos anteriores; mas são universais e ninguém está inteiramente isento delas. Algumas há, mais tardias e menos gerais, que são mais peculiares às almas sensíveis; são as que recebemos das penas morais, das dores interiores, das aflições, das tristezas. Há pessoas que só sabem comover-se com gritos e choros; os longos e surdos gemidos de um coração magoado nunca lhes arrancaram suspiros; nunca o aspecto de uma desgraça abatida, de um rosto macilento e terroso, de um olho amortecido e que não sabe mais chorar, não as fez chorar elas próprias, os males das almas nada são para elas; estão julgados, a delas não sente nada; não espereis delas senão rigor inflexível, endurecimento, crueldade. Poderão ser íntegras e justas, nunca clementes, generosas, piedosas. E digo que poderão ser justas, se é que um homem o pode ser quando não é misericordioso.

Mas não vos apresseis em julgar os jovens com esta regra, sobretudo os que, tendo sido educados como o devem ser, não têm nenhuma idéia das penas morais que nunca experimentaram, pois, mais uma vez, só podem ter pena dos males que conhecem e esta aparente insensibilidade, que só vem da ignorância, transforma-se dentro em breve em ternura, quando começam a sentir que há na vida humana mil dores que desco-

nhecem. Quanto a meu Emílio, se teve simplicidade e bom senso em sua infância, estou certo de que terá alma e sensibilidade em sua juventude, porque a verdade dos sentimentos está muito ligada à justeza das idéias.

Mas por que lembrá-lo aqui? Mais de um leitor me censurará sem dúvida o esquecimento de minhas primeiras resoluções e da felicidade constante que eu prometera a meu aluno. Desgraçados, agonizantes, espetáculos de dor e miséria! que delícia para um jovem coração que nasce para a vida! Seu triste institutor, que lhe destinava uma educação tão suave, só o faz nascer para sofrer. Eis o que dirão. Que me importa! Prometi torná-lo feliz, não que o parecesse. Será culpa minha se, sempre iludido pela aparência, vós a encarais como a realidade?

Tomemos dois jovens saindo da primeira fase da educação e entrando na sociedade por duas portas diretamente opostas. Um sobe subitamente ao Olimpo e frequenta a mais brilhante sociedade; levam-no à Corte, às casas dos grandes e dos ricos, e das mulheres bonitas. Imagino-o festejado por toda parte e não examino o efeito dessa acolhida sobre seu espírito: suponho que resiste. Os prazeres voam à sua frente, novos objetos o divertem; a tudo ele se entrega com um interesse que seduz. Vós o vedes atento, solícito, curioso; sua primeira admiração vos impressiona; vós o considerais satisfeito; mas olhai para sua alma. Vós imaginais que ele está contente; eu creio que ele sofre.

Primeiramente, que percebe ele ao abrir os olhos? Uma multidão de pretensos bens que não conhecia mas que, estando em sua maioria apenas um momento a seu alcance, não parecem mostrar-se a ele senão para que lamente estar privado deles. Se passeia num palácio, logo vedes, por sua curiosidade inquieta, que se pergunta porque a casa paterna não é igual. Todas as suas perguntas vos dizem que ele se compara sem cessar ao dono dessa casa e tudo o que encontra de mortificante nesse paralelo aguça sua vaidade, revoltando-a. Se depara com um jovem mais elegante do que ele, vejo-o murmurar em segredo contra a avareza de seus pais. Está mais bem vestido do que outro, tem a dor de ver esse outro dominá-lo por seu nascimento ou seu espírito, e todo o seu luxo humilhado por um simples terno de pano ordinário. Brilha ele sózinho numa reunião, ergue-se na ponta dos pés para ser mais bem visto? Quem não

tem uma disposição secreta para aviltar o ar soberbo e vão de um jovem enfatuado? Tudo se junta logo como de propósito: os olhares inquietantes de um homem grave, as zombarias de um cáustico não tardam em atingi-lo; e ainda que fosse menosprezado por um só homem, o desprezo desse homem envenena de imediato os aplausos dos demais.

Demos-lhe tudo, prodigalizemos-lhe os divertimentos e o mérito; que seja bem feito, cheio de espírito, amável: será procurado pelas mulheres, mas, procurando-o antes que as ame, elas o tornarão mais louco do que amoroso. Terá belas aventuras, mas não terá nem entusiasmo nem paixão para apreciá-las. Seus desejos, sendo sempre satisfeitos sem terem tempo de nascer, no meio dos prazeres ele só sente o aborrecimento do embaraço: o sexo feito para a felicidade do seu, desgosta-o e farta-o antes mesmo que o conheça. Se o continua a ver é só por vaidade, e ainda que a ele se apegasse realmente, não seria o único jovem, o único amável, o único brilhante e não encontraria sempre em suas amantes prodígios de fidelidade.

Não digo nada dos tormentos, das traições, dos arrependimentos de toda espécie inseparáveis de semelhante vida. A experiência do mundo dele nos desgosta, eu o sei: falo apenas dos aborrecimentos ligados à primeira desilusão.

Que contraste para quem, encerrado até aqui no seio da família, e de seus amigos, se viu o único objeto de suas atenções, entra de repente numa ordem de coisas em que conta tão pouco; encontrar-se como que afogado numa atmosfera estranha, ele que foi durante tanto tempo o centro da sua! Quantas afrontas, quantas humilhações tem que suportar antes de perder, entre os desconhecidos, os preconceitos de sua importância, adquiridos e alimentados com os seus! Criança, tudo cedia diante dele, todos o mimavam; jovem, deve ceder diante de todo mundo; e por pouco que se esqueça e conserve suas atitudes antigas, duras lições o farão cair em si. O hábito de obter facilmente os objetos de seus desejos leva-o a muito desejar e faz-lhe sentir privações contínuas. Tudo que lhe agrada o tenta; tudo que os outros têm ele quer ter; tudo ambiciona, a todos inveja, desejaria dominar em toda parte; a vaidade o corrói, o ardor dos desejos desenfreados inflama-lhe o coração; o ciúme e o ódio com eles nascem; todas as paixões devoradoras nele explodem ao mesmo tempo e ele carrega sua agitação no tumulto.

to do mundo e com ela volta para casa todas as noites, descontente consigo mesmo e com os outros; dorme cheio de mil projetos vãos, perturbado por mil fantasias e seu orgulho pinta-lhe, até nos sonhos, os bens quiméricos que o atormentam e que nunca possuirá. Eis vosso aluno. Vejamos o meu.

Se o primeiro espetáculo com que depara é um objeto de tristeza, seu primeiro exame de consciência é um sentimento de prazer. Vendo de quantos males está isento, sente-se mais feliz do que o pensava ser. Compartilha as penas de seus semelhantes; mas essa comunhão é voluntária e suave. Goza a um tempo a piedade que tem pelos males deles e felicidade de se achar imune; sente-se nesse estado de força que nos projeta além de nós mesmos e nos faz aplicar alhures a atividade supérflua ao nosso bem-estar. Para ter pena do mal de outrem é sem dúvida necessário conhecê-lo, não senti-lo. Quando se sofreu, ou se teme sofrer, tem-se dó dos que sofrem; mas enquanto se sofre, só de si mesmo se tem pena. Mas se, todos estando sujeitos às misérias da vida, ninguém dá aos outros senão a sensibilidade de que não precisa no momento, segue-se que a comiseração deve ser um sentimento muito suave, porquanto depõe em nosso favor e que, ao contrário, um homem duro é sempre infeliz, porquanto o estado de seu coração não lhe deixa nenhuma sensibilidade superabundante que possa conceder às penas dos demais.

Julgamos demasiadamente a felicidade pelas aparências: supomo-la onde menos se encontra; procuramo-la onde não pode estar: a alegria não passa de um sinal equívoco. Um homem alegre não é muitas vezes senão um infeliz que busca iludir os outros e aturdir-se ele próprio. Essas pessoas tão risonhas, tão abertas, tão serenas numa roda, são quase todas tristes, zangonas em casa, e seus criados carregam o fardo do divertimento que elas dão à sua sociedade. O contentamento verdadeiro não é nem alegre nem brincalhão; ciumentos de tão doce sentimento, experimentando-o pensamos nisso, saboreamo-lo, receamos que se evapore. Um homem realmente feliz não fala muito, não ri muito: prende, por assim dizer, a felicidade no coração. Os jogos barulhentos, a alegria turbulenta, escondem desgostos e tédio. Mas a melancolia é amiga da volúpia; o enternecimento e as lágrimas acompanham os gozos mais doces, e a alegria excessiva, ela própria, antes arranca lágrimas e não gritos.

Se de início a multidão e a variedade dos divertimentos parecem contribuir para a felicidade, se a uniformidade de uma vida igual parece a princípio tediosa, olhando de mais perto, vemos, ao contrário, que o mais doce hábito da alma consiste numa moderação do prazer que dá pouca margem ao desejo e ao desgosto. A inquietude dos desejos produz a curiosidade, a inconstância: o vazio dos prazeres turbulentos produz o tédio. Não nos aborrecemos nunca com nossa condição, quando não conhecemos outra mais agradável. De todos os homens do mundo, os selvagens são os menos curiosos e os menos entediados; tudo lhes é indiferente: não gozam as coisas, gozam-se; passam o tempo a não fazer nada e não se aborrecem nunca.

O homem da sociedade está todo inteiro na sua máscara. Não estando quase nunca em si mesmo, quando está se acha estranho e mal à vontade. O que é, não é nada, o que parece, é tudo para ele.

Não posso impedir-me de ver na fisionomia do jovem, de quem falei antes, algo impertinente, piegas, afetado, que desagrada, que repugna às pessoas, e na do meu jovem um ar interessante e simples que revela a satisfação, a verdadeira serenidade da alma, que inspira estima, confiança e que parece não esperar senão o desabrochar da amizade, para dar a sua aos que dele se aproximam. Acredita-se que a fisionomia é apenas um simples desenvolvimento de traços já marcados pela natureza. Eu penso que, além desse desenvolvimento, os traços do rosto de um homem se formam insensivelmente e adquirem caráter pela pressão freqüente e habitual de certas afeições da alma. Estas marcam o rosto, não há dúvida; e, quando se tornam habituais, devem deixar nele impressões duradouras. Eis como concebo que a fisionomia anuncia o caráter e como se pode às vezes julgar este por aquela, sem buscar explicações misteriosas, que supõem conhecimentos que não temos.

Uma criança só tem dois sentimentos bem marcados, o de alegria e o de dor: ri ou chora: os intermediários nada são para ela e sem cessar ela passa de um desses sentimentos ao outro. Essa alternativa contínua impede que deixem no rosto uma impressão constante e lhe dêem uma fisionomia. Porém na idade em que, mais sensível, o jovem é mais vivamente, ou mais constantemente afetado, as impressões mais profundas deixam traços mais difíceis de se destruírem; e do estado habitual

da alma resulta um arranjo de traços que o tempo torna indeléveis. Entretanto, não é raro ver homens mudarem de fisionomia em idades diferentes. Vi muitos nesse caso: e sempre achei que os que pude observar bem e acompanhar tinham também mudado de paixões. Esta simples observação, bem confirmada, parece-me decisiva e não é deslocada num tratado de educação em que importa julgar os movimentos da alma pelos sinais exteriores.

Não sei se, por não ter aprendido a imitar maneiras convencionais, nem a fingir sentimentos que não tem, meu rapaz será menos amável. Não é disso que se trata aqui. Sei apenas que será mais terno e custo a acreditar que quem só ama a si mesmo possa mascarar-se suficientemente para agradar, tanto quanto o que tira de seu amor aos outros um novo sentimento de felicidade. Quanto a este sentimento mesmo, creio ter dito bastante para orientar neste ponto um leitor sensato e mostrar que não me contradisse.

Volto portanto a meu método e digo: em se aproximando a idade crítica, ofereci aos jovens espetáculos que os prendam e não espetáculos que os excitam; ocupai sua imaginação nascente com objetos que, longe de inflamar seus sentidos, lhes reprimam a atividade. Afastai-os das grandes cidades onde os atavios e a imodéstia das mulheres apressam as lições da natureza e a elas se antecipam, onde tudo apresenta aos olhos prazeres que eles só devem conhecer quando souberem escolher. Trazei-os de volta às suas primeiras residências, onde a simplicidade campestre deixa as paixões de sua idade desenvolverem-se menos rapidamente. Ou, se seu gosto pelas artes os prendem ainda à cidade, preveni neles, através dessa inclinação, uma ociosidade perigosa. Escolhei com cuidado suas companhias, suas ocupações, seus prazeres: só lhes mostrei quadros comoventes mas modestos, que os impressionem sem os seduzir e que alimentem sua sensibilidade sem lhes perturbar os sentidos. Pensai também em que há sempre excessos temíveis, e que as paixões desmedidas fazem sempre maior mal que o que se quer evitar. Não se trata de fazer de vosso aluno um enfermeiro, um irmão de caridade, de afligir seus olhares com objetos contínuos de dor e de sofrimento, de levá-lo de um enfermo a outro, de hospital em hospital, do local do patíbulo às prisões: é preciso comovê-lo e não empederni-lo ante os aspectos das misérias humanas. Assistindo-se durante muito

tempo aos mesmos espetáculos, não se sente mais nenhuma impressão. O hábito acostuma a tudo; o que se vê demais, não mais se imagina e é somente a imaginação que nos faz sentir os males dos outros. Por isso é que, à força de ver morrer e sofrer, os padres e os médicos se tornam isentos de piedade. Que vosso aluno conheça portanto a sorte do homem e as misérias de seus semelhantes; mas que não seja amiudadamente testemunha delas. Um só caso bem escolhido e mostrado sob um aspecto conveniente servirá para um mês de enternecimento e de reflexões. Não é tanto o que vê quanto a meditação sobre o que viu que lhe determina o julgamento. E a impressão duradoura que recebe de uma coisa vem-lhe menos da própria coisa que do ponto de vista sob o qual o levam a lembrá-la. Assim, escolhendo com cuidado os exemplos, as lições, as imagens, tornareis menos sensível, durante muito tempo, o agulhão dos sentidos e iludireis a natureza seguindo suas próprias direções.

Escolhei idéias que se relacionem com tais conhecimentos na medida em que ele os adquira; na medida em que os desejos desabrocham, escolhei quadros suscetíveis de reprimi-los. Um velho militar, que se distinguiu por seus costumes tanto quanto por sua coragem, contou-me que, quando jovem, seu pai, homem de bom senso, mas muito religioso, vendo seu temperamento nascente entregá-lo às mulheres, nada poupou para contê-lo. Ao fim, vendo que ele lhe escapava apesar de todos os esforços, levou-o a um hospital de sifilíticos e, sem o prevenir, fê-lo entrar numa sala onde um grupo desses infelizes expiava, mediante um tratamento terrível, a desordem que a tanto os expusera. Diante do horroroso quadro que revolta a um tempo todos os sentidos o jovem quase se sentiu mal. “Vai, miserável debochado, disse-lhe então o pai em tom veemente, segue a vil inclinação que te arrasta, dentro em breve serás ainda muito feliz por poderes entrar nesta sala onde, vítima das mais infames dores, forçarás teu pai a agradecer a Deus a tua morte”.

Essas poucas palavras, acrescidas ao quadro tétrico que comovia o rapaz, causaram-lhe uma impressão que não se apagou nunca. Condenado por sua profissão a passar sua juventude em quartéis, preferiu suportar todas as zombarias de seus camaradas a imitar sua libertinagem. “Fiz-me homem, disse-me, tive fraquezas, mas cheguei à minha idade sem nunca ter podido

ver uma prostituta sem horror”. Mestre, poucos discursos; mas aprendei a escolher os lugares, os momentos, as pessoas, e daí todas as vossas lições com exemplos. Podereis confiar nos resultados.

O emprego da infância é pouca coisa: o mal que nela se introduz não é sem remédio; e o bem que se realiza pode surgir mais tarde. Mas o mesmo não ocorre na idade em que o homem começa realmente a viver. Essa idade não dura nunca bastante para o uso que dela devemos fazer e sua importância exige uma atenção contínua: eis porque insisto na arte de prolongá-la. Tornai os progressos lentos e seguros; impedi que o adolescente se faça homem no momento em que nada lhe resta por fazer, a fim de o ser. Enquanto o corpo cresce, os espíritos destinados a dar bálsamo ao sangue e força às fibras formam-se e se elaboram. Se fazeis com que tomem um rumo diferente, e que o que se destina a aperfeiçoar um indivíduo sirva à formação de outro, ambos permanecem num estado de fraqueza e a obra da natureza fica imperfeita. As operações do espírito ressentem-se por sua vez dessa alteração; e a alma, tão débil como o corpo, não tem senão funções fracas e lânguidas. Membros volumosos e robustos não fazem a coragem nem o gênio; e concebo que a força da alma não acompanhe a do corpo, quando os órgãos de comunicação entre as duas substâncias se acham mal dispostos. Mas, por mais bem dispostos que se encontrem, agirão sempre fracamente se tiverem por princípio um sangue empobrecido e desprovido dessa substância que dá força e movimento a todas as molas da máquina. Em geral, percebemos mais vigor de alma nos homens, cujos jovens anos foram preservados de uma corrupção prematura, do que naqueles, cuja desordem se iniciou com o poder de a ela se entregarem. É sem dúvida uma das razões pelas quais os povos que têm bons costumes ultrapassam normalmente em bom senso os que não os têm. Estes brilham geralmente por pequenas qualidades esparsas a que chamam espírito, sagacidade, finura; mas essas grandes e nobres funções de sabedoria e de razão, que distinguem e honram o homem por belas ações, por virtudes, por cuidados verdadeiramente úteis, não se encontram senão nos primeiros.

Os mestres queixam-se de que o ardor dessa idade torna a juventude indisciplinável e bem o vejo: mas não será de sua

culpa? Desde que deixem esse ardor invadir os sentidos, ignoram que não se pode mais apontar-lhes outro caminho? Os longos e frios sermões de um pedante apagarão no espírito de seu aluno os desejos que o atormentam? Amortecerão o ardor de um temperamento cujo emprego ignora? Não se irritará ele contra os obstáculos que se opõem à única felicidade de que tem idéia? E na dura lei, que lhe prescrevem sem que a possa entender, não verá ele apenas o capricho e o ódio de um homem que procura atormentá-lo? É de se estranhar que se revolte e o odeie por sua vez?

Concebo muito bem que, em nos mostrando acomodaticios, podemos tornar-nos mais suportáveis e conservar uma autoridade aparente. Mas não vejo bem para que serve a autoridade que se conserva sobre o aluno fomentando vícios que ela deveria reprimir; é como se, para acalmar um cavalo feroz, o picador o fizesse pular num precipício.

Longe de ser um obstáculo à educação, esse ardor do adolescente a realiza e termina; é o que vos dá uma ascendência sobre o jovem quando ele deixa de ser menos forte do que vós. Suas primeiras afeições são as rédeas com as quais dirigis todos os seus movimentos: ele era livre e ei-lo domado. Enquanto não amava coisa nenhuma só dependia de si mesmo e de suas necessidades; desde que ama, depende de suas afeições. Assim se formam os primeiros laços que o unem a sua espécie. Dirigindo para esta sua sensibilidade nascente, não penseis que abarcará desde logo todos os homens e que a expressão gênero humano signifique alguma coisa para ele. Não, essa sensibilidade limitar-se-á primeiramente a seus semelhantes e seus semelhantes não serão para ele desconhecidos e sim aqueles com os quais tem ligações, aqueles que o hábito lhe tornou caros ou necessários, os que ele vê terem, evidentemente, maneiras de sentir e pensar comuns, os que vê expostos às mesmas penas que sofreu e sensíveis aos mesmos prazeres que experimentou, os que, em suma, em quem a identidade de natureza mais manifesta lhe dá uma maior disposição para se amar a si mesmo. Será somente depois de ter cultivado seu natural de mil maneiras, depois de muitas reflexões sobre seus próprios sentimentos e sobre os que observará nos outros, que poderá chegar a generalizar suas noções individuais na idéia abstrata de humanidade e unir a suas afeições particulares as que o podem identificar com sua espécie.

Tornando-se capaz de afeição, ele se torna sensível à dos outros³ e por isso mesmo atento aos sinais dessa afeição. Vêdes que nova ascendência ides adquirir sobre ele? Com quantas cadeias envolverdes seu coração antes que ele o percebesse! Que não sentirá ele quando, abrindo os olhos sobre si mesmo, verá o que fizestes por ele; quando puder comparar-se aos outros jovens de sua idade e comparar-vos aos outros governantes! Digo quando o verá, mas evitai dizer-lhe; se lho disserdes, ele não o verá mais. Se exigirdes dele obediência em troca dos cuidados que lhe prestastes, ele acreditará que o enganastes: dir-se-á que fingindo auxiliá-lo gratuitamente pretendestes infligir-lhe uma dívida e amarrá-lo mediante um contrato a que não consentiu. Em vão acrescentareis que o que exigis dele é para ele próprio: exigis afinal, e exigis em virtude do que fizestes sem sua anuência. Quando um desgraçado pega o dinheiro que fingimos dar-lhe e se acha obrigado a contragosto, falais de injustiça; não sois mais injusto ainda ao cobrar de vosso aluno o preço dos cuidados que ele não aceitou?

A ingratidão seria mais rara se os benefícios usurários fossem menos conhecidos. Amamos o que nos faz bem; é um sentimento tão natural! A ingratidão não está no coração do homem, mas o interesse está: há menos favorecidos ingratos do que benfeitores interessados. Se me vendeis vossos favores, eu discutirei o preço; mas se fingis dar para vender em seguida à vossa vontade, usais de fraude: é o fato de serem gratuitos que os torna inestimáveis. O coração só aceita leis de si mesmo; querendo acorrentá-lo, libertam-no; acorrentamo-lo deixando-o livre.

Quando o pescador põe a isca na água, o peixe vem e fica perto dele sem desconfiança; mas quando, preso ao anzol escondido sob a isca sente puxar a linha, procura fugir. É o pescador benfeitor? É ingrato o peixe? Já se viu um homem, esquecido por seu benfeitor, esquecê-lo? Ao contrário,

(3) A afeição pode prescindir de reciprocidade. A amizade nunca. Esta é uma troca, um contrato como os outros; mas é o mais santo de todos. A palavra *amigo* não tem outro correlativo senão ela própria. Todo homem que não é o amigo de seu amigo é certamente um patife; pois é somente retribuindo ou fingindo retribuir a amizade que se consegue obtê-la.

dele fala sempre com prazer, nele não pensa sem ternura: se encontra uma oportunidade de mostrá-lo mediante algum serviço inesperado, com que contentamento interior satisfaz então sua gratidão! Com que doce alegria se faz reconhecer! Com que entusiasmo lhe diz: chegou minha vez. Essa realmente é a voz da natureza: nunca um benefício real fez um ingrato.

Se, portanto, o reconhecimento é um sentimento natural e se vós lhe destruis o efeito por vossa culpa, ficai certo de que vosso aluno, começando a perceber o valor de vossos cuidados, a eles será sensível, conquanto não os tenhais apressado vós mesmo, e eles vos darão em seu coração uma autoridade que nada poderá destruir. Mas antes de estardes bem seguro dessa vantagem, evitai perdê-la em vos valorizando a seus olhos. Louvar vossos serviços é torná-los insuportáveis a ele; esquecê-los é fazer com que ele os lembre. Até o momento de tratá-lo como homem, que nunca se mencione o que ele vos deve e sim o que ele deve a si mesmo. Para torná-lo dócil, deixai-lhe toda liberdade; subtraí-vos para que ele vos procure; elevai sua alma ao nobre sentimento de gratidão, não lhe falando nunca senão de seu interesse. Que não se lhe diga que o que se faz é para seu bem, antes que esteja em condição de o compreender; não veria senão vossa dependência e vos encararia como seu criado. Mas agora que começa a sentir o que é amar, sente também que doces laços podem unir um homem ao que ama; e no zelo com que vos ocupais dele sem cessar, não mais vê a felicidade de um escravo e sim a afeição de um amigo. Ora, nada pesa tanto no coração humano como a voz da amizade, pois bem sabemos que só fala para nosso bem. Podemos acreditar que um amigo se engane, não que nos queira enganar. Por vezes resistimos a seus conselhos mas nunca os desprezamos.

Entramos finalmente na ordem moral; acabamos de dar mais um passo de homem. Se fosse oportuno, aqui e agora, tentaria mostrar como dos primeiros movimentos do coração se erguem as primeiras vozes da consciência e como dos sentimentos de amor e de ódio nascem as primeiras noções do bem e do mal: mostraria que *justiça* e *bondade* não são apenas palavras abstratas, puras entidades morais formadas pela inteligência, e sim verdadeiras afeições da alma esclarecida pela razão, um progresso ordenado de nossas afeições primitivas; mos-

traria que unicamente pela razão, independentemente da consciência, não se pode estabelecer nenhuma lei natural; e que todo o direito da natureza não passa de quimera em não se baseando numa necessidade natural do coração humano⁴. Mas penso que não me cabe fazer aqui tratados de metafísica e de moral, nem dar cursos de espécie alguma; basta-me assinalar a ordem e o progresso de nossos sentimentos e de nossos conhecimentos em relação à nossa constituição. Outros demonstrarão talvez o que não faço senão indicar aqui.

Meu Emílio, não tendo até agora olhado senão para si mesmo, o primeiro olhar que deita em seus semelhantes leva-o a comparar-se com eles; e o primeiro sentimento que essa comparação excita nele é o de desejar o primeiro lugar. Eis o momento em que o amor se transforma em amor-próprio e em que começam a nascer todas as paixões que se prendem a esta. Mas para afirmar se as paixões que dominam em seu caráter serão humanas e doces, ou cruéis e perniciosas, se serão paixões de benevolência e de comiseração, ou de inveja e de ambição, é preciso saber em que lugar ele se sentirá entre os homens e que tipos de obstáculos ele poderá pensar que terá de vencer para chegar ao lugar que deseja ocupar.

Para guiá-lo nessa procura, depois de lhe ter mostrado os homens através dos acidentes da espécie, cumpre mostrá-los

(4) O preceito de agir com os outros, como queremos que ajam conosco, só tem como alicerce real a consciência e o sentimento; pois onde se encontra a razão precisa de agir, sendo eu, como se fôsse um outro, sobretudo quando estou moralmente certo de nunca me encontrar no mesmo caso? E quem me garantirá que, seguindo fielmente a máxima, conseguirei que a sigam comigo? O mau tira proveito da probidade do justo e de sua própria injustiça; compraz-lhe que todo mundo seja justo, menos ele. Esse acôrdo, digam o que disserem, não é muito vantajoso para as pessoas honestas. Mas quando a força de uma alma expansiva me identifica com meu semelhante, e me sinto por assim dizer nele, é para não sofrer que quero que ele não sofra. Interesse-me por ele por amor a mim e a razão do preceito está na própria natureza que me inspira o desejo de meu bem-estar onde quer que me sinta existir. Daí concluo que não é verdade que os preceitos da lei natural assentem somente na razão: têm uma base mais sólida e segura. O amor dos homens é o princípio da justiça humana. O sumário de toda a moral é dado no Evangelho pelo da lei.

através de suas diferenças. Aqui surge a medida da desigualdade natural e civil e o quadro de toda a ordem social.

É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade: os que quiserem tratar separadamente da política e da moral nunca entenderão nada de nenhuma das duas. Estudando primeiramente as relações primitivas, vê-se como os homens devem ser por elas afetados e que paixões delas devem nascer: vê-se que é reciprocamente pelo progresso das paixões que tais relações se multiplicam e se fortalecem. É menos a força dos braços que a moderação dos corações que torna os homens independentes e livres. Quem quer que deseje pouca coisa, prende-se a poucas pessoas; mas confundindo sempre nossos vãos desejos com nossas necessidades físicas, os que fizeram destas o fundamento da sociedade humana sempre tomaram os efeitos pelas causas e não fizeram senão perder-se em seus raciocínios.

Há no estado natural uma igualdade de fato real e indestrutível, porque é impossível nesse estado que a única diferença de homem para homem seja bastante grande para tornar um diferente do outro. Há no estado civil uma igualdade de direito quimérica e vã, porque os meios destinados a mantê-la servem eles próprios para destruí-la e que a força pública acrescida ao mais forte para oprimir o fraco, rompe a espécie de equilíbrio que a natureza colocara entre eles⁵. Desta primeira contradição decorrem todas as outras que se observam na ordem civil entre a aparência e a realidade. Sempre o maior número será sacrificado ao menor e o interesse público ao particular; sempre estes nomes especiosos de justiça e subordinação servirão de instrumentos à violência e de armas à iniquidade: daí a conclusão de as classes privilegiadas, que se pretendem úteis às outras, serem, efetivamente, úteis a elas próprias a expensas das outras; pelo que se pode julgar da consideração que lhes é devida segundo a justiça e a razão. Resta saber se a posição que se outorgaram é mais favorável à felicidade, para verificar que julgamento cada um de nós deve fazer acerca de sua própria sorte. Eis agora o estudo que nos interessa; mas para realizá-lo cumpre começar por conhecer o coração humano.

(5) O espírito universal das leis de todos os países é favorecer sempre o forte contra o fraco, e o que tem contra o que nada tem: este inconveniente é inevitável e sem exceção.

Se se tratasse somente de mostrar aos jovens o homem por sua máscara, não seria necessário mostrar-lhes, eles o veriam sempre. Mas como a máscara não é o homem e que é preciso que o verniz não seduza, em lhes pintando os homens, pintai-os como são, não para que os detestem e sim para que deles se apiedem e não queiram assemelhar-se a eles. É, a meu ver, o sentimento mais inteligente que o homem possa ter de sua espécie.

Tendo isso em vista, importa seguir aqui um caminho oposto ao que seguimos até agora e instruir o jovem mais pela experiência de outrem que pela sua. Se os homens o enganam, ele os odiará; mas se respeitado por eles, ele os vê se enganarem mutuamente, terá piedade deles. O espetáculo do mundo, dizia Pitágoras, assemelha-se ao dos jogos olímpicos: uns armam barracas e só pensam em seus lucros; outros dão tudo e procuram a glória; outros, ainda, contentam-se com ver os jogos, e não são os piores.

Gostaria que se escolhessem tão cuidadosamente as companhias do jovem, que ele só pensasse bem dos que com ele vivem; e que lhe ensinassem tão bem a conhecer sua sociedade, que ele pensasse mal de tudo que nela se faz. Que saiba que o homem é naturalmente bom e julgue o próximo por si mesmo; mas que veja como a sociedade deprava e perverte os homens; que encontre nos preconceitos deles a fonte de todos os seus vícios; que seja levado a estimar cada indivíduo mas que despreze a multidão; que veja que todos os homens usam mais ou menos a mesma máscara, mas que saiba também que há rostos mais belos do que a máscara que os cobre.

Este método, cumpre confessá-lo, tem seus inconvenientes e não é fácil na prática; pois se o jovem se torna observador cedo demais, se o acostumais a olhar de demasiado perto as ações de outrem, vós o tornareis maledicente e satírico, decisivo e apressado em julgar; terá um prazer odioso em achar para tudo interpretações sinistras e em não ver, no bem, nem mesmo o que é bem. Habituar-se-á ao menos ao espetáculo do vício, a ver os maus sem horror, como a gente se acostuma a ver os desgraçados sem piedade. Dentro em breve a perversão generalizada lhe servirá menos de lição que de desculpa; dir-se-á que, se o homem é assim, ele não deve querer ser de outro jeito.

Se quiserdes instruí-lo por princípio e fazê-lo conhecer, com a natureza do coração humano, a aplicação das causas externas que transformam nossas inclinações em vícios, transportando-o assim de um golpe dos objetos sensíveis aos objetos intelectuais, empregareis uma metafísica que ele não está em condições de compreender; recaireis no inconveniente, até agora evitado, de dar-lhe lições, de substituir sua própria experiência e o progresso de sua razão pela experiência e a autoridade do mestre.

Para destruir ao mesmo tempo esses dois obstáculos e para pôr o coração humano a seu alcance, sem correr o risco de perturbar o seu, gostaria de mostrar-lhe os homens de longe, de lhes mostrar em outros tempos e outros lugares, de maneira que pudesse ver a cena sem nunca poder atuar nela. Eis o momento da história; é através dela que lerá nos corações, sem as lições da filosofia; através dela é que os verá, simples espectador, sem interesse e sem paixão, como juiz, não como cúmplice nem como acusador.

Para conhecer os homens é preciso vê-los agindo. Na sociedade ouvimo-los falando; mostram seus discursos, escondem suas ações: mas na história estão sem véus e os julgamos pelos fatos. Mesmo suas palavras ajudam a apreciá-los, porque, comparando o que fazem com o que dizem vemos, ao mesmo tempo, o que são e o que querem parecer: quanto mais se mascararam, mais os conhecemos.

Infelizmente este estudo tem seus perigos, seus inconvenientes de vários tipos. É difícil colocar-se num ponto de vista de que se possa julgar os semelhantes com equidade. Um dos grandes vícios da história está em que pinta muito mais os homens pelas suas más qualidades do que pelas boas; como só é interessante pelas revoluções, as catástrofes, enquanto um povo cresce e prospera na calma de um governo sereno, ela nada diz; só começa a falar deste quando, não podendo mais bastar-se a si mesmo, toma parte nos negócios dos vizinhos ou os deixa tomar parte nos seus; ela só o ilustra quando ele já está no declínio: todas as nossas histórias começam onde deveriam terminar. Temos com bastante exatidão a dos povos que se destroem; o que nos falta é a dos povos que se multiplicam; são bastante felizes e sábios para que ela nada tenha a dizer deles: e efetivamente vemos, mesmo em nossos dias, que os governos que melhor se conduzem são os de que menos falamos. Sabemos apenas o mal portanto; o bem mal se as-

sinala. Só os maus são célebres, os bons são esquecidos ou ridicularizados: e eis como a história, tal qual a filosofia, calunia sem cessar o gênero humano.

Demais, muito falta para que os fatos descritos na história sejam a pintura exata dos mesmos fatos como ocorreram: mudam de forma na cabeça do historiador, amoldam-se a seus interesses, tomam a cor de seus preconceitos. Quem sabe pôr o leitor exatamente no local da cena para ver um acontecimento tal qual se verificou? A ignorância, ou a parcialidade, fantasia tudo. Sem sequer alterar um traço histórico, desenvolvendo ou sintetizando as circunstâncias que a ele se referem, quantos aspectos diferentes se lhe podem dar! Colocai o mesmo objeto sob diferentes pontos de vista, mal se afigurará o mesmo e no entanto nada terá mudado senão o olho do espectador. Bastará, para honrar a verdade, narrar-me um fato verdadeiro fazendo-me vê-lo diversamente de como ocorreu? Quantas vezes uma árvore a mais ou a menos, um rochedo à direita ou à esquerda, um turbilhão de poeira erguido pelo vento trouxeram a decisão de um combate sem que ninguém o percebesse! Impede isso que o historiador vos diga a causa da derrota ou da vitória com a mesma segurança de que se tivesse estado em toda parte? Ora, que me importam os fatos em si, quando sua razão de ser me permanece desconhecida? E que lições posso tirar de um acontecimento cuja verdadeira causa ignoro? O historiador dá-me uma, mas a inventa; e a própria crítica, de que tanto falam, não passa de uma arte de conjecturar, a arte de escolher entre várias mentiras a que mais se assemelha à verdade.

Nunca lestes *Cleópatra* ou *Cassandra*, ou outros livros da mesma espécie? O autor escolhe um acontecimento conhecido, depois, acomodando-o a suas intenções, ornando-o de pormenores de sua invenção, de personagens que nunca existiram, e de retratos imaginários, junta a tudo ficções e mais ficções a fim de tornar a leitura agradável. Vejo pouca diferença entre esses romances e vossas histórias, a não ser a de que o romancista se entrega mais à sua própria imaginação e que o historiador se escraviza mais à de outrem; ao que acrescentarei, se quiserem, que o primeiro se propõe um objetivo moral, bom ou mau, de que o outro pouco se preocupa.

Dir-me-ão que a fidelidade da história interessa menos que a verdade dos costumes e dos caracteres; desde que o coração

humano seja bem pintado, pouco importa sejam os acontecimentos fielmente narrados: pois, afinal, acrescentam, que interesse podem ter para nós fatos ocorridos há dois mil anos? Têm razão em sendo os retratos fiéis e tirados do natural; mas se, em sua maioria têm seu modelo na imaginação do historiador, não vamos cair no inconveniente que queríamos evitar, e dar à autoridade dos escritores o que se queria tirar da do mestre? Se meu aluno só deve ver quadros fantasiosos, prefiro que sejam traçados por mim; ser-lhe-ão ao menos mais apropriados.

Os piores historiadores para um rapaz são os que julgam. Dêem-lhe fatos, unicamente fatos, e que ele próprio os julgue. Assim é que aprende a conhecer os homens. Se o julgamento do autor o orienta sem cessar, ele se limita a ver pelo olho de outro; e quando lhe falta esse olho ele não vê mais nada.

Deixo de lado a história moderna, não somente porque ela não tem mais fisionomia e que nossos homens se assemelham todos, como também porque nossos historiadores, unicamente preocupados com brilhar, só pensam em fazer retratos fortemente coloridos e que muitas vezes nada representam⁶. Em geral os antigos fazem menos retratos, põem menos espírito e mais bom senso em seus julgamentos; ainda assim cabe selecioná-los com cuidado e não escolher primeiramente os mais judiciosos e sim os mais simples. Não gostaria de pôr nas mãos de um jovem nem Políbio nem Salústio; Tácito é leitura dos velhos; os jovens não são feitos para entendê-lo; é preciso aprender a ver nas ações humanas os primeiros traços do coração do homem, antes de querer fazer sondagens em profundidade; é preciso saber ler muito bem nos fatos antes de ler nas máximas. A filosofia em máximas só convém à experiência. A juventude não deve nada generalizar: toda a sua instrução deve obedecer a regras particulares.

Tucídides é, a meu ver, o verdadeiro modelo dos historiadores. Narra os fatos sem os julgar; mas não omite nenhuma das circunstâncias suscetíveis de nos fazê-los julgar nós mesmos. Põe tudo o que conta sob os olhos do leitor; ao invés

(6) Vede Davila, Guicciardini, Strada, Solis, Machiavel e algumas vezes o próprio de Thou. Verrot é quase o único a ter sabido pintar sem fazer retratos.

de se interpor entre os acontecimentos e o leitor, ele se afasta; não pensamos mais ler, e sim ver. Infelizmente ele fala sempre em guerra e quase não vemos em suas narrativas senão a coisa do mundo menos instrutiva, os combates. A *retirada dos dez mil* e os *Comentários de César* têm mais ou menos a mesma sabedoria e os mesmos defeitos. O bom Heródoto, sem retratos, sem máximas, mas fácil, ingênuo, cheio de pormenores capazes de agradar e de interessar, seria talvez o melhor dos historiadores se esses mesmos pormenores não degenerassem amiúde em simplicidades pueris, mais suscetíveis de estragar o gosto da juventude do que formá-lo; já é preciso discernimento para lê-lo. Não digo nada de Tito Lívio, voltarei a ele; mas ele é político, é retórico, é tudo o que não convém à idade do jovem.

A história é em geral defeituosa porque só registra os fatos sensíveis e marcantes, que se podem fixar com nomes, lugares, datas; mas as causas lentas e progressivas desses fatos, que não se podem apontar da mesma maneira, permanecem desconhecidas. Encontramos muitas vezes numa batalha ganha ou perdida a razão de uma revolução que, já antes da batalha, se tornara inevitável. A guerra não faz senão manifestar acontecimentos já determinados por causas morais que os historiadores raramente sabem ver.

O espírito filosófico voltou para este lado as reflexões de muitos escritores de nosso século; mas duvido que a verdade tenha ganho com esse trabalho. O furor dos sistemas tendo-se apossado deles, ninguém procura ver as coisas como são e sim como se acordam a seu sistema.

Acrescentai a todas estas reflexões que a história mostra muito mais as ações do que os homens, porque ela não vê estes senão em certos momentos escolhidos, com suas vestimentas de gala; ela só apresenta o homem público que se arranjou para ser visto: não o acompanha em sua casa, em seu gabinete, na sua família, entre seus amigos; só o pinta quando ele representa: é muito mais sua vestimenta que sua pessoa que pinta.

Preferiria a leitura das vidas particulares para dar início ao estudo do coração humano; porque então, por mais que o homem se esconda, o historiador o segue por toda parte; não lhe dá nenhum momento de descanso, não lhe deixa nenhum recanto para evitar o olhar pesquisador do espectador; e é

quando um pensa mais bem se esconder, que o outro o faz mais facilmente reconhecível. “Aqueles, diz Montaigne, que escrevem as vidas, na medida em que se divertem mais com os conselhos do que com os acontecimentos, mais com o que parte de dentro do que com o que chega de fora, são os que mais me convêm: eis porque, de todos os pontos de vista, meu homem é Plutarco”.

É verdade que o gênio dos homens em sociedade ou dos povos é muito diferente do caráter do homem em particular, e que seria conhecer muito imperfeitamente o coração humano não o examinando também na multidão; mas não é menos verdade que é preciso começar por estudar o homem para julgar os homens e que quem conhecesse perfeitamente as inclinações de cada indivíduo poderia prever todos os seus efeitos combinados no corpo do povo.

Cumpre, mais uma vez aqui, recorrer aos antigos por razões que já expus e, demais, porque todos os pormenores familiares e baixos, mas verdadeiros e característicos, sendo banidos do estilo moderno, os homens se mostram tão ataviados por nossos autores em suas vidas particulares quanto no palco do mundo. A decência, não menos severa nos escritos como nas ações, não permite mais dizer em público o que permite fazer e, como só se pode mostrar os homens representando sempre, não os conhecemos mais em nossos livros do que em nossos teatros⁷. Por mais que façamos cem vezes a vida dos reis, não teremos mais Suetônios.

Plutarco excele por esses mesmos pormenores que não ousamos mais ventilar. Tem uma graça inimitável em pintar os grandes homens em suas pequenas coisas; e é tão feliz na escolha dos traços que uma palavra lhe basta muitas vezes, um gesto, para caracterizar seu herói. Com uma palavra divertida, Aníbal tranquiliza seu exército aterrorizado, e o faz marchar sorrindo para a batalha que lhe entregou a Itália; Agesilas, a cavalo num bastão, fez-me amar o vencedor do grande rei; César, atravessando uma pobre aldeia e conversando com seus

(7) Um só dos nossos historiadores (Duclos), que imitou Tácito de um modo geral, ousou imitar Suetônio e por vezes transcrever Comines entre os menores; e isso, que dá maior valor a seu livro, levou-o a ser criticado por nós.

amigos, revela, sem pensar, o velhaco que dizia só querer ser igual a Pompeu; Alexandre engole um remédio e não diz uma palavra: é o mais belo momento de sua vida. Aristides escreve seu nome numa concha e justifica assim seu cognome; Filipoemen, tirando o manto, racha lenha na cozinha de seu hospedeiro. Eis a verdadeira arte de pintar. A fisionomia não se mostra nos grandes traços, nem o caráter nas grandes ações; é nas bagatelas que o natural se descobre. As coisas públicas ou são demasiado comuns ou por demais articuladas, e é quase unicamente nelas que a dignidade moderna permite aos autores se deterem.

Um dos grandes homens do século passado foi seguramente M. de Turenne. Tiveram a coragem de tornar sua vida interessante por minúcias que o fazem conhecer e amar; mas quantas se esforçaram por suprimir, que o teriam feito conhecer e amar mais ainda! Citarei um pormenor apenas que tenho de boa fonte e que um Plutarco não houvera omitido mas que Ramsai não o teria revelado em sabendo.

Um dia de verão muito quente, o visconde de Turenne, com um casaco branco e boné, achava-se à janela de sua antecâmara. Um de seus lacaios surgiu e, enganado pelas vestimentas, tomou-o por seu auxiliar na cozinha com quem tinha familiaridade. Aproxima-se devagar por trás e com uma mão que não era leve aplica-lhe uma palmada nas nádegas. O homem vira-se e o laçao vê, tremendo, o rosto de seu senhor. Ajoelha-se apavorado: *Monsenhor, pensei que fosse George. — E ainda que fosse George*, observou Turenne esfregando o traseiro, *não devias ter batido com tanta força*. Eis o que não ousais dizer, miseráveis? Continuai pois sem naturalidade, sem entranhas; tornai-vos desprezíveis à força de dignidade. Mas tu, jovem, que lês este traço e que sentes com ternura a doçura de alma que mostra, mesmo na primeira reação, lê também as mesquinhas desse grande homem quando se tratava de seu nascimento ou de seu nome. Lembra-te de que é o mesmo Turenne que fazia menção de dar sempre a precedência a seu sobrinho, a fim de que se visse bem que o menino era o chefe de uma casa soberana. Compara esses contrastes, ama a natureza, despreza a opinião e conhece o homem.

Muito poucas pessoas estão em condições de perceber os efeitos que leituras assim dirigidas podem ter no espírito ainda

tão novo do jovem. Debruçados sobre livros desde a infância, acostumados a ler sem pensar, o que lemos nos impressiona tanto menos quanto, já carregando em nós mesmos as paixões e os preconceitos que enchem a história e as vidas dos homens, tudo o que fazem nos parece natural, pois julgamos fora da natureza e julgamos os outros por nós. Mas que se imagine um jovem educado segundo minhas máximas, que se imagine meu Emílio, em quem dezoito anos de cuidados assíduos só tiveram em vista conservar um julgamento íntegro e um coração sadio; que se imagine Emílio, ao erguer-se o pano de boca, deitando pela primeira vez os olhos no palco do mundo, ou melhor, colocado atrás do teatro e vendo os atores endossarem ou largarem seus trajes, e contando as cordas e as roldanas cujo prestígio grosseiro ilude os espectadores: à sua primeira surpresa sucederão movimentos de vergonha e de desdém por sua espécie. Indignar-se-á com ver assim todo o gênero humano enganando-se a si mesmo e aviltando-se com tais jogos infantis; afligir-se-á com ver seus irmãos estraçalharem-se por sonhos, transformarem-se em animais ferozes por não se terem contentado com ser homens.

Certamente, com as disposições naturais do aluno, por pouco que o mestre escolha com prudência e critério suas leituras, por pouco que o oriente no caminho das reflexões que delas deve tirar, este exercício será para êle um curso de filosofia prática, melhor sem dúvida e mais bem compreendido que todas as vãs especulações com que perturbam o espírito dos rapazes nas escolas. Quando, depois de ter ouvido os projetos romancescos de Pirro, Cinéas lhe pergunta que benefícios lhe trará a conquista do mundo, de que não possa gozar no presente sem maiores tormentos, vemos na estória apenas uma frase divertida e que se esquece. Mas Emílio nela verá uma reflexão muito sábia, que teria sido o primeiro a fazer e que não se apagará nunca em seu espírito, porque nele não encontra nenhum preconceito contrário suscetível de destruir a impressão. Quando mais tarde, lendo a vida do insensato, verificar que todas as suas grandes intenções só o levaram a se fazer matar por uma mulher, ao invés de admirar o pretenso heroísmo, que verá ele em todos os feitos de tão grande capitão, em todas as intrigas de tão grande político, senão muitos passos para ir buscar um maldito acontecimento que devia acabar com sua vida e seus projetos através de uma morte desonrosa?

Nem todos os conquistadores foram assassinados, nem todos os usurpadores malograram em seus empreendimentos, vários parecerão felizes aos espíritos imbuídos das opiniões vulgares; mas aquele que, sem se deter nas aparências, só julga a felicidade dos homens pelo estado de seus corações, verá suas misérias em seus próprios êxitos; verá seus desejos e suas preocupações roedoras ampliarem-se e se multiplicarem com sua fortuna; vê-los-á perderem fôlego, em avançando sem nunca chegarem ao termo, semelhantes aos viajores inexperientes penetrando pela primeira vez nos Alpes, pensando tê-los atravessado a cada monte e vendo no cume, com desânimo montanhas mais altas ainda à sua frente.

Augusto, depois de ter submetido seus concidadãos e destruído seus rivais, reinou durante quarenta anos sobre o maior império que haja existido; mas todo esse imenso poder o impedia de bater com a cabeça nos muros e encher seu vasto palácio de gritos reclamando de Varus suas legiões exterminadas? Ainda que tivesse vencido todos os seus inimigos de que lhe teriam valido seus vãos triunfos, enquanto as penas de toda espécie nasciam sem cessar à sua volta, enquanto seus mais caros inimigos atentavam contra sua vida e ele era reduzido a chorar a vergonha e a morte de seus próximos? O infeliz quis governar o mundo e não soube governar sua casa! Que decorreu dessa negligência? Viu perecerem na flor da idade seu sobrinho, seu filho adotivo, seu genro; seu neto foi obrigado a comer a palha do colchão para prolongar de algumas horas sua vida; sua filha e sua neta, depois de o terem coberto com sua infâmia, morreram, uma de miséria e de fome numa ilha deserta, outra na prisão, pela mão de um arqueiro. Ele próprio enfim, último de sua infeliz família, se viu forçado por sua própria mulher a deixar junto de si um monstro para suceder-lhe. Tal foi a sorte desse senhor do mundo tão celebrado por sua glória e sua felicidade. Admitirei que alguém dos que o admiram as quisessem adquirir pelo mesmo preço?

Tomei a ambição como exemplo; mas o jogo de todas as paixões humanas oferece lições semelhantes a quem quer estudar a história para conhecer-se e tornar-se sábio a expensas dos mortos. Aproxima-se a hora em que a vida de Antônio dará ao jovem uma instrução mais útil que a de Augusto. Emílio não se reconhecerá muito nos estranhos objetos que impressionarão seus olhos durante seus novos estudos; mas saberá de

antemão afastar a ilusão das paixões antes que nasçam; e vendo que desde sempre cegaram os homens, será prevenido da maneira por que poderão cegá-lo por sua vez, sem jamais a elas se entregar⁸. Tais lições, bem o sei, são mal apropriadas a ele; talvez sejam tardias, insuficientes; mas lembrai-vos de que não são as que quis tirar deste estudo. Começando-o, eu me propunha outro objetivo; e por certo se tal objetivo não foi alcançado, caberá a culpa ao mestre.

Pensai em que logo que o amor-próprio se desenvolve, o *eu* relativo se põe sem cessar em jogo e que nunca o jovem observa os outros sem se voltar para si mesmo e comparar-se a eles. Trata-se, portanto, de saber em que lugar se colocará entre seus semelhantes depois de os haver examinado. Vejo, pela maneira por que fazem os jovens ler a história, que os transformam por assim dizer, em todos os personagens que vêem, por fazerem com que se tornem ora Cícero, ora Trajano, ora Alexandre; por desanimá-los quando entram em si mesmos; por dar a cada um a tristeza de não ser senão ele próprio. Tal método tem certas vantagens que não nego; mas, quanto a meu Emílio, se lhe acontecer uma única vez, nesses paralelos, preferir ser outro, ainda que Sócrates ou Catão, tudo estará perdido; quem começa por se tornar estranho a si mesmo não demora em se esquecer por completo.

Não são os filósofos que conhecem mais de perto o homem; eles só os vêem através dos preconceitos da filosofia; e não sei de profissão que os tenha mais. Um selvagem julga-nos mais sadiamente do que um filósofo. Este sente seus vícios, indigna-se com os nossos e diz: somos todos ruins. O outro olha-nos sem se comover e diz: sois todos loucos. Tem razão, pois ninguém faz o mal pelo mal. Meu aluno é esse selvagem, com a diferença de que tendo refletido mais, comparado mais idéias, visto nossos erros de mais perto, mostra-se mais precavido contra si mesmo e julga unicamente o que conhece.

São nossas paixões que nos irritam contra as dos outros; é nosso interesse que nos faz odiar os maus; se não nos fizes-

(8) É sempre o preconceito que fomenta em nossos corações a impetuosidade das paixões. Aquêle que só vê o que é, e só estima o que conhece, não se apaixona quase. Os erros de nossos julgamentos produzem o ardor de nossos desejos. (Nota do manuscrito original.)

sem nenhum mal, teríamos por eles mais piedade do que ódio. O mal que nos fazem os maus leva-nos a esquecermos o que fazem a si mesmos. Perdoaríamos mais facilmente seus vícios, se pudéssemos conhecer quanto seu coração os pune. Sentimos a ofensa e não vemos o castigo; as vantagens são aparentes, o tormento interior. Quem acredita gozar o fruto de seus vícios não é menos atormentado do que se não o conseguisse; o objeto muda, a inquietude é a mesma; por mais que mostrem sua sorte e escondam seu coração, sua conduta o mostra, queiram ou não: mas para vê-lo é preciso não ter um igual.

As paixões que partilhamos nos seduzem; as que chocam nossos interesses nos revoltam, e, por uma inconseqüência que nos vem delas, censuramos nos outros o que desejaríamos imitar. A aversão e a ilusão são inevitáveis, quando se é obrigado a sofrer por parte de outrem o mal que se faria no lugar dele.

Que seria então necessário para bem observar os homens? Um grande interesse em conhecê-los, uma grande imparcialidade em julgá-los, um coração bastante sensível para conceber todas as paixões humanas sem as sentir. Se existe na vida um momento favorável a este estudo, é o que escolhi para Emílio: mais cedo, eles lhes teriam sido estranhos, mais tarde ele teria sido semelhante a eles. A opinião, cujo jogo percebe, não o domina ainda; as paixões cujos efeitos sente ainda não agitaram seu coração. Ele é homem, interessa-se por seus irmãos; é equitativo, julga seus pares. E, seguramente, se os julga bem, não desejará estar no lugar de nenhum deles, porque o objetivo de todos os tormentos, tendo assento em preconceitos que não alimenta, se lhe afigura um objetivo vão. Para ele, tudo que deseja está ao seu alcance. De quem dependeria, bastando-se a si mesmo e isento de preconceitos? Tem braços, saúde⁹, moderação, poucas necessidades e com que as satisfazer. Educado dentro da liberdade mais absoluta, o maior mal que concebe é a servidão. Tem pena desses reis miseráveis, escravos de tudo que lhes obedece; tem pena dos falsos sábios acorrentados à sua vã reputação; tem pena desses ricos tolos, mártires de seu fasto; tem pena desses voluptuosos exibicionistas

(9) Creio poder ousadamente contar a saúde e a boa constituição entre as vantagens adquiridas por sua educação, ou antes entre os dons da natureza que sua educação conservou,

que entregam toda a sua vida ao tédio para fingir que são do prazer. Teria pena até do inimigo que porventura lhe fizesse mal, porquanto veria a miséria nas maldades dele. Dir-se-ia: com essa necessidade de me prejudicar faz com que sua sorte dependa da minha.

Mais um passo e chegamos ao fim. O amor-próprio é um instrumento útil mas perigoso; fere amiúde a mão que dele se serve e faz raramente o bem sem o mal. Emílio, considerando seu lugar na espécie humana e vendo-se tão felizmente colocado, será tentado a atribuir à sua razão a obra da vossa, e seu mérito ao efeito de sua felicidade. Dir-se-á sou sábio e os homens são loucos. Lastimando-os, ele os desprezará; felicitando-se, estimar-se-á mais; e, sentindo-se mais feliz do que eles, acreditar-se-á mais digno de sê-lo. Eis o erro a ser mais temido, porque o mais difícil de destruir. Se permanecesse nesse estado, pouco teria ganho com nossos cuidados; e se me coubesse optar, não sei se não preferiria a ilusão dos preconceitos à do orgulho.

Os grandes homens não superestimam sua superioridade; eles a vêem, eles a sentem mas nem por isso são menos modestos. Quanto mais têm, mais conhecem tudo que lhes falta. São menos vaidosos de sua elevação sobre nós, que humilhados pelo sentimento de sua miséria; e, com os bens exclusivos que possuem, são demasiado sensatos para se envaidecerem de um dom que não se deram. O homem de bem pode orgulhar-se de sua virtude porque ela é dele; mas de que pode ter orgulho o homem de espírito? Que fez Racine para não ser Pradon? Que fez Boileau para não ser Cotin?

Mas trata-se de outra coisa ainda. Fiquemos dentro da ordem comum. Não supus meu aluno nem com um gênio transcendente, nem com um entendimento inferior. Escolhi-o entre os espíritos vulgares para mostrar o que pode a educação sobre um homem. Todos os casos raros colocam-se fora das regras. Quando, portanto, em consequência de meus cuidados, prefere sua maneira de ser, de ver, de sentir, à dos outros homens, Emílio tem razão; mas quando se acredita de uma natureza excelente e mais feliz de nascimento que eles, Emílio erra: engana-se; cumpre desenganá-lo, ou antes prevenir o erro, de medo que seja tarde demais depois para destruí-lo.

Não há loucura de que não se possa curar um homem que não é louco, à exceção da vaidade; esta, nada senão a experiên-

cia corrige, se é que alguma coisa a pode corrigir; pode-se contudo impedi-la de crescer, atacando-a desde cedo. Não vos percais em belos raciocínios para provar ao adolescente que ele é homem como os outros e sujeito às mesmas fraquezas. Faizei com que o sinta, ou jamais ele o saberá. É este mais um caso de exceção às minhas próprias regras; é o caso de expor voluntariamente meu aluno a todos os acidentes que podem provar-lhe que não é mais sábio do que nós. A aventura do charlatão ser-lhe-ia repetida de mil maneiras, eu deixaria aos adúladores tirarem todas as vantagens dele: se cabeças de vento o arrastassem para alguma extravagância, eu o deixaria correr o perigo; se malandros o explorassem no jogo, eu deixaria que fizessem dele um tolo¹⁰; deixaria que o incensassem, que o limpassem; e quando, tendo-o largado a nenhum, acabassem zombando dele, eu os agradeceria ainda na presença dele pela lição que bem quiseram dar-lhe. As únicas armadilhas contra as quais eu o garantiria seriam as das cortesãs. Os últimos cuidados que teria com ele seriam os de partilhar todos os perigos que o deixasse enfrentar e todas as afrontas que lhe deixasse receber. Suportaria tudo em silêncio, sem queixa, sem censura, sem nunca lhe dizer uma só palavra, e podeis ficar certo de que com essa descrição bem decidida, tudo o que me terá visto sofrer por ele fará mais impressão em seu coração do que o que terá sofrido ele próprio.

Não posso impedir-me de apontar aqui a falsa dignidade dos governantes que, a fim de parecerem tölamente sábios, re-

(10) De resto, nosso aluno raramente cairá nessa armadilha, ele que tantos divertimentos cercam, ele que nunca se aborreceu e que mal sabe para que serve o dinheiro. Sendo o interesse e a vaidade os dois móveis com que conduzimos as crianças, são também os de que se valem as cortesãs e os escroques para tomar conta delas mais tarde. Quando vedes excitarem sua atividade com prêmios, com recompensas, quando vêdes aplaudi-las aos dez anos em um ato público no colégio, já vedes como farão com que aos vinte anos deixem a bolsa num jogo e a saúde numa taverna. É de se apostar sempre que o mais instruído de sua classe se tornará também o mais jogador e o mais debochado. Ora os meios que não se usaram na infância não têm na juventude o mesmo perigo. Mas deve-se lembrar que aqui minha máxima constante é de imaginar sempre o pior. Procuro primeiramente prevenir o vício; suponho-o, depois, a fim de lhe dar remédio.

baixam seus alunos, insistem em tratá-los sempre como crianças e buscam distinguir-se sempre deles em tudo o que os obrigam a fazer. Longe de diminuir assim suas jovens coraças, nada poupei para elevar-lhes a alma; fazei deles vossos iguais, a fim de que se tornem iguais; e se eles não puderem ainda erguer-se até vós, descei a eles sem vergonha, sem escrúpulo. Pensai em que vossa honra não está mais em vós e sim em vosso aluno; reparti os erros com ele, a fim de que se corrija; assumi o peso de sua vergonha para apagá-la; imitai o bravo romano que, vendo seu exército fugir e não podendo detê-lo, pôs-se a fugir à frente de seus soldados gritando: — *não estão fugindo, seguem seu capitão*. Ficou desonrado com isso? Em absoluto: sacrificando assim sua glória, auementou-a. A força do dever, a beleza da virtude conquistam, ainda que não queiramos, nossos sufrágios e derrubam nossos preconceitos insensatos. Se eu recebesse uma bofetada desempenhando minhas funções junto a Emílio, longe de me vingar, iria vangloriar-me por toda parte; e duvido que houvesse no mundo um homem bastante vil para não me respeitar mais ainda ¹¹.

Não é que o aluno deva supor em seu mestre conhecimentos tão limitados quanto os seus próprios, nem a mesma facilidade em se deixar seduzir. Esta opinião é boa para uma criança que, não sabendo ver nada, nada comparar, põe todo mundo a seu alcance e só confia nos que sabem assim se colocar. Mas um jovem da idade de Emílio, e tão sensato quanto ele, não é bastante tolo para se iludir assim e não seria bom que o fosse. A confiança que deve ter no seu governante é de outra espécie: deve assentar na autoridade da razão, na superioridade dos conhecimentos, nas vantagens que o jovem está em condições de compreender e cuja utilidade sente. Uma longa experiência convenceu-o de que é amado por seu guia; de que este guia é um homem sábio, esclarecido, que, querendo sua felicidade, sabe o que pode dar-lhe. Emílio precisa saber que, no seu próprio interesse, deve ouvir os conselhos dele. Ora, se o mestre se deixasse enganar como o discípulo, perderia o direito de exigir sua deferência e de dar-lhe lições. E menos ainda deve o aluno supor que o mestre o deixa propositada-

(11) Enganava-me, descobri um: M. Formey.

mente cair em armadilhas oferecidas a sua simplicidade. Que é preciso fazer então para evitar estes dois inconvenientes ao mesmo tempo? O que há de melhor e de mais natural: ser simples e verdadeiro como ele; adverti-lo dos perigos a que se expõe, mostrá-los claramente, sem exibição de pedantismo, sem, principalmente, dar conselhos como ordens, até que assim se tenham tornado e o tom imperativo necessário. Obstina-se ele depois disso, como o fará muitas vezes? E não digais mais nada; deixai-o em liberdade, acompanhai-o, imitai-o, tudo alegremente, francamente; diverti-vos tanto quanto ele, se possível. Se as conseqüências se fazem demasiado fortes, estais a seu lado para contê-las; e no entanto, quanto esse rapaz, testemunha de vossa providência e de vossa complacência, ficará a um tempo impressionado com uma coisa e comovido com a outra! Todos os seus erros são laços que vos fornece para tê-lo em mãos se necessário. Ora, o que faz aqui a maior arte do mestre é provocar as oportunidades e dirigir as exortações de maneira que saiba de antemão quando o jovem cederá e quando se obstinará, a fim de cercá-lo por toda parte com as lições da experiência, sem nunca o expor a perigos grandes demais.

Adverti-o de seus erros antes que neles caia: em caindo, não lho censureis; só serviria para inflamar e revoltar seu amor-próprio. Uma lição que revolta não é proveitosa. Nada sei de nada mais inepto do que esta frase: *bem que eu disse*. O melhor meio de fazer com que se lembre do que lhe foi dito é parecer esquecê-lo. Ao contrário, quando o vereis envergonhado por não ter acreditado em vós, apagai docemente essa humilhação com boas palavras. Ele se afeiçoará seguramente a vós, vendo que vós vos esqueceis por ele e que ao invés de acabar de esmagá-lo vós o consolais. Mas se à sua tristeza acrescentais censuras, ele vos odiará e fará questão de não mais vos ouvir, como que para vos provar que não pensa como vós acerca de vossos conselhos.

O acento de vossas consolações pode ainda ser para ele uma instrução tanto mais útil quanto dela menos desconfiar. Dizendo-lhe que mil outros cometem as mesmas faltas, agis contra o que espera; vós o corrigis parecendo ter pena dele; pois, para quem acredita valer mais do que os outros homens, é uma desculpa bem doída consolar-se com o exemplo deles; é conceber que o máximo a que pode pretender é que eles não valem mais do que ele próprio,

O tempo dos erros é o das fábulas. Censurando o culpado sob a máscara de um estranho, instruímo-lo sem o ofender; e ele compreende então que o apólogo não é mentira, pela verdade que aplica a si mesmo. A criança, que nunca se enganou com adulações, nada entende da fábula que examinei, mas o tolo que foi vítima de um adulator concebe desde logo que o corvo é um tonto. Assim, de um fato ele tira uma máxima; e a experiência, que teria esquecido em breve, grava-se, por meio da fábula, em seu julgamento. Não há conhecimento moral que não se possa adquirir pela experiência de outrem ou da própria. No caso de ser a experiência perigosa, ao invés de a fazermos nós mesmos, tiramo-la da história. Quando é sem consequência, é bom que o jovem fique exposto a ela; depois, por meio do apólogo pomos em máximas os casos particulares que lhe são conhecidos.

Não penso, entretanto, que tais máximas devam ser desenvolvidas nem mesmo enunciadas. Nada é tão vão nem tão mal entendido do que a moral com que termina a maioria das fábulas; como se essa moral não estivesse ou não devesse estar exposta na própria fábula de modo a ser sensível ao leitor! Por que então, acrescentando essa moral no fim, tirar-lhe o prazer de encontrá-la por si? O talento de instruir está em fazer com que o discípulo se compraza na instrução. Ora, para que se compraza, é preciso que seu espírito não permaneça tão passivo, que não tenha nada a fazer para vos entender. É preciso que o amor-próprio do mestre deixe sempre algum interesse para o dele; é preciso que ele possa dizer: concebo, penetro, ajo, instruo-me. Uma das coisas que tornaram aborrecido o Pantaleone da comédia italiana é o cuidado que tem de interpretar, para a platéia, as banalidades que esta já entende demais. Não quero que um governante seja um Pantaleone, menos ainda um autor. É preciso fazer-se entender sempre, mas não dizer tudo sempre: quem diz tudo, diz pouca coisa, pois ao fim não o ouvem mais. Que significam os quatro versos que La Fontaine põe no fim da fábula da rã que incha? Tem medo de que não compreendam? Tem esse grande pintor necessidade de escrever os nomes embaixo dos objetos que pinta? Longe de generalizar assim sua moral, ele a restringe, até certo ponto, aos exemplos citados e impede que a apliquem a outros. Gostaria que antes de pôr as fábulas desse autor inimitável nas mãos de um jovem, tirassem tôdas as conclusões

com as quais se dá ao trabalho de explicar o que acaba de dizer tão clara e agradavelmente. Se vosso aluno só entende a fábula através da explicação, podeis ter certeza de que não a entenderá nem mesmo assim.

Cumpriria ainda dar a essas fábulas uma ordem mais didática e mais conforme aos progressos dos sentimentos e dos conhecimentos do adolescente. Conceber-se-á algo menos razoável do que seguir exatamente a ordem numérica do livro, sem atentar para a necessidade e a oportunidade? Primeiramente o corvo, depois a cigarra ¹², depois a rã, depois os dois burros etc. Penso nos dois burros porque me lembro de ter visto um menino educado para a finança, e que atormentavam com o emprego que ia ter, ler essa fábula, aprendê-la, dizê-la e redizê-la cem vezes, sem dela nunca tirar nenhuma objeção à profissão a que o destinavam. Não somente nunca vi crianças fazerem qualquer aplicação das fábulas aprendidas, como nunca vi ninguém preocupar-se com induzi-las a fazerem essa aplicação. O pretexto de um tal estudo é a instrução moral; mas o verdadeiro objetivo da mãe e da criança é apenas o de interessar por ela uma sociedade enquanto recita a fábula; por isso ele as esquece todas em crescendo, quando não se trata mais de recitá-las e sim de aproveitá-las. Mais uma vez, só os homens se instruem com fábulas; e eis, para Emílio, o momento de começar.

Mostro de longe, porque não quero dizer tudo, os caminhos que se afastam do bom, a fim de que aprendam a evitá-los. Acredito que seguindo o que marquei, vosso aluno adquirirá o conhecimento dos homens e de si mesmo da maneira mais fácil possível; que o poreis em condições de contemplar os caprichos da fortuna sem invejar a sorte de seus favoritos e ficar contente consigo mesmo, sem se imaginar mais sábio do que os outros. Começastes fazendo-o ator para torná-lo espectador; é preciso terminar, pois vêem-se os objetos como parecem, mas do palco eles são vistos como são. Para tudo abarcar é preciso colocar-se no ponto de vista certo; é necessário aproximar-se para enxergar os pormenores. Mas a que título um jovem penetrará os negócios do mundo? Que direi-

(12) Cabe ainda aplicar aqui a correção de M. Formey. É a cigarra, depois o corvo etc.

to tem êle de ser iniciado nesses mistérios tenebrosos? Intri-
gas de prazer limitam os interêsses de sua idade; êle não dis-
põe ainda senão de si mesmo; é como se não possuísse nada.
O homem é a mercadoria mais vil e, entre nossos importantes
direitos de propriedade, o da pessoa é sempre o menor de
todos.

Quando vejo que na idade da maior atividade, limitam os
jovens a estudos puramente especulativos, e que depois, sem a
menor experiência, êles são subitamente jogados na sociedade
e nos negócios, acho que não chocam menos a razão do que a
natureza, e não me surpreende mais que tão pouca gente saiba
conduzir-se. Em virtude de que estranha mentalidade nos en-
sinam tantas coisas inúteis, enquanto a arte de agir é contada
por nada? Pretendem instruir-nos para a sociedade e instruem-
nos como se cada um de nós devesse passar a vida a pensar
sôzinho em sua cela ou a tratar de assuntos vagos com indife-
rentes. Acreditais ensinar a viver a vossos filhos ensinando-lhes
certas contorsões do corpo e certas fórmulas de palavras que
não significam nada. Eu também aprendi a viver com meu
Emílio, porque lhe ensinei a viver consigo mesmo e, demais,
a saber ganhar seu pão. Mas não é bastante. Para viver na
sociedade é preciso saber tratar com os homens, é preciso co-
nhecer os instrumentos que têm influência sobre êles; é preciso
calcular a ação e a reação do interesse particular na sociedade
civil e prever com tanta justeza os acontecimentos que raramen-
te nos enganemos em nossos empreendimentos, ou ao menos
que tenhamos adotado os melhores meios para o êxito. As leis
não permitem que os jovens realizem êles próprios seus negó-
cios e disponham de seus próprios bens: mas de que serviriam
tais precauções se até a idade prescrita êles não pudessem ad-
quirir nenhuma experiência? Nada teriam ganho com esperar
e seriam tão ingênuos aos vinte e cinco anos quanto aos quin-
ze. Sem dúvida é preciso impedir que um jovem enceguedido
pela sua ignorância, ou enganado por suas paixões, se faça mal
a si mesmo; mas em qualquer idade é permitido fazer o bem,
pode-se proteger em qualquer idade, sob a direção de um
homem sábio, o infeliz que não tem necessidade senão de apoio.

As amas, as mães apegam-se às crianças pelos cuidados
que lhes prestam; o exercício das virtudes sociais leva ao fun-
do dos corações o amor à humanidade: é fazendo o bem que
nos tornamos bons; não conheço nenhuma prática mais segu-

ra. Ocupai vosso aluno com todas as boas ações a seu alcance; que o interesse dos indigentes seja sempre o dele; que não os assista tão-somente com sua bolsa como também com seus cuidados; que os proteja, que lhes consagre sua pessoa e seu tempo; que se faça seu homem de negócios; nunca fará melhor emprego de sua vida. Quantos oprimidos, que ninguém nunca teria ouvido, obterão justiça quando ele a pedir para eles com a firmeza intrépida que dá o exercício da virtude; quando ele forçar as portas dos grandes e dos ricos, quando ele for, se preciso, até ao pé do trono fazer com que se ouça a voz dos infelizes, aos quais tudo se proíbe em virtude de sua miséria e que o temor de serem punidos pelo mal que lhes fazem impede até de ousarem queixar-se!

Mas faremos de Emílio um cavaleiro andante, um paladino? Irá imiscuir-se nos negócios públicos, exhibir-se como um sábio defensor das leis entre os grandes e os magistrados, junto ao príncipe, solicitador dos juizes e advogado nos tribunais? Nada sei disso. Os nomes *badins* ou ridículos não mudam a natureza das coisas. Ele fará tudo que sabe ser útil e bom. Não fará nada de mais e ele sabe que nada é útil e bom para ele se não convém a sua idade; sabe que seu primeiro dever é para consigo mesmo; que os jovens devem desconfiar de si, ser circunspectos em sua conduta, respeitosos para com as pessoas mais idosas, sóbrios e discretos ao falarem em assunto, modestos nas coisas indiferentes, mas ousados em fazerem o bem e corajosos em dizerem a verdade. Assim eram esses ilustres romanos que, antes de serem admitidos em seus cargos, passavam a juventude perseguindo o crime e defendendo a inocência, sem outro interesse senão o de se instruírem servindo a justiça e protegendo os bons costumes.

Emílio não gosta nem de barulho nem de brigas, nem entre os homens nem mesmo entre os animais ¹³. Nunca incitou

(13) Mas se buscam briga com ele próprio, como se conduzirá? Respondo que nunca terá briga, que não se prestará suficientemente a tanto para ter. Mas enfim, acrescentarão, quem está a salvo de uma bofetada ou de uma réplica de um brutal, de um bêbado, ou de um patife que, para ter o prazer de matar um homem, começa por desonrá-lo? É outra coisa; não deve a honra dos cidadãos estar à mercê de um bruto, de um bêbado, de um patife; e ninguém pode preservar-se mais de semelhante acidente que da queda de uma te-

dois cães a se baterem, nunca fez um cachorro perseguir um gato. Este espírito pacífico é um efeito de sua educação que, não tendo fomentado o amor-próprio e a alta opinião acerca de si mesmo, evitou que buscasse seus prazeres no domínio dos outros e na desgraça alheia. Ele sofre quando vê sofrer; é um sentimento natural. O que faz com que um jovem se enrijeça e se compraza em ver atormentarem um ser sensível, é quando um impulso de vaidade o faz olhar-se como isento das mesmas penas por sua sabedoria ou sua superioridade. Quem se preservou dessa vaidade não pode cair no vício que dela decorre. Emílio ama pois a paz. A imagem da felicidade agrada-lhe e quando pode contribuir para produzi-la é um meio a mais de compartilhá-la. Não supus que, vendo desgraçados, não tivesse por eles essa espécie de piedade estéril e cruel que se contenta com lamentar os males que não pode curar. Porém sua maneira ativa de auxiliar os outros dá-lhe uma compreensão que um coração mais duro não houvera adquirido, ou teria adquirido muito mais tarde. Se vê reinar a discórdia entre seus camaradas, procura reconciliá-los; se vê aflitos, busca informar-se acerca de suas penas; se vê dois homens se odiarem, quer conhecer a causa de sua inimizade; se vê um oprimido gemer por causa dos vexames do poderoso e do rico, esforça-se por saber que manobras cobrem tais vexames; e, no interesse que tem por todos os miseráveis, os meios de acabar com os males deles não lhe são nunca indiferentes. Que nos cabe

lha. Uma bofetada ou um insulto recebidos têm efeitos civis que nenhuma sabedoria pode prevenir, e nenhum tribunal pode vingar o ofendido. A insuficiência das leis devolve-lhe portanto, a esse respeito, a independência; é ele então o único magistrado, o único juiz em relação ao ofensor; é o único intérprete e ministro da lei natural; deve justiça a si mesmo e só ele pode julgar, e não há sobre a terra nenhum governo assaz insensato para puni-lo de o tê-lo feito em caso semelhante. Não digo que deva ir bater-se; é uma extravagância; digo que tem direito à justiça e é o único que a pode dar. Sem tantos vãos editos contra os duelos, se eu fôsse soberano, respondo que não haveria nunca nem bofetada nem insulto em meus Estados e isso em virtude de um meio muito simples de que os tribunais não tomariam conhecimento. Como quer que seja, Emílio sabe, em casos semelhantes, a justiça a que tem direito e o exemplo que deve à segurança dos homens de honra. Não depende do homem mais decidido impedir que o insultem, mas depende dele impedir que se vangloriem durante muito tempo de tê-lo insultado.

fazer então para tirarmos proveito dessas disposições de maneira conveniente a sua idade? Regular seus cuidados e seus conhecimentos e empregar seu zelo em os aumentar.

Não me canso de repeti-lo: ponde tôdas as lições aos jovens em ações e não em discursos; que nada aprendam nos livros do que a experiência lhes pode ensinar. Que projeto extravagante exercitá-los a falar sem que tenham o que dizer; pensar fazê-los sentir, nos bancos do colégio, a energia da linguagem das paixões e a força da arte de persuadir, sem interesse em persuadir o que quer que seja a ninguém! Todos os preceitos da retórica não se afiguram senão puro palavrário a quem não sente o proveito que dela pode tirar. Que importa a um estudante saber como falou Aníbal para determinar que seus soldados passassem os Alpes? Se em lugar dessas magníficas arengas, vós lhe dissésseis como deve agir para levar seu vigilante a dar-lhe licença, podeis ter certeza de que prestará atenção a vossas regras.

Se eu quisesse ensinar retórica a um jovem cujas paixões já se tivessem desenvolvido, eu lhe apresentaria sem cessar objetos adequados a agradarem a suas paixões, e examinaria com ele que linguagem deve ter com os outros homens, a fim de incitá-los a favorecerem seus desejos. Mas meu Emílio não se encontra em situação tão vantajosa para a arte da oratória; atento quase somente à necessidade física, precisa menos dos outros que os outros dele; e nada tendo a pedir para si mesmo, o de que os querem persuadir não o interessa suficientemente para comovê-lo demasiado. Segue-se daí que, em geral, êle deve ter uma linguagem simples e pouco figurada. Fala comumente no sentido próprio e unicamente para ser entendido. É pouco sentencioso, porque não aprendeu a generalizar suas idéias: tem poucas imagens porque está raramente apaixonado.

Não é, entretanto, porque seja fleumático e frio; nem sua idade, nem seus costumes, nem seus gostos o permitem; no ardor da adolescência os humores retidos e distilados em seu sangue, levam a seu jovem coração um calor que brilha em seus olhos, que se sente em suas palavras, que se vê em suas ações. Sua linguagem adquire caráter e às vezes veemência. O nobre sentimento que o inspira dá-lhe força e elevação. Tomado de terno amor pela humanidade, transmite, falando, os

movimentos de sua alma; sua generosa franqueza tem algo mais encantador que a eloqüência artificiosa dos outros; ou melhor, só ele é realmente eloqüente, porquanto lhe basta mostrar o que sente para comunicá-lo aos que o escutam.

Quanto mais penso mais acho que pondo assim o hábito de fazer o bem em ação e tirando de nossos êxitos ou malogros reflexões acerca de suas causas, há poucos conhecimentos úteis que não possamos cultivar no espírito de um jovem e que com todo o verdadeiro saber que pode adquirir nos colégios ele adquirirá, a mais, uma ciência mais importante ainda, a aplicação dessa aquisição aos usos da vida. Não é possível que, interessando-se tanto por seus semelhantes, não aprenda desde cedo a apreciar suas ações, seus gostos, seus prazeres e a dar, em geral, mais justo valor ao que pode contribuir para a felicidade dos homens ou para prejudicá-la do que os que, não se interessando por ninguém, nada fazem pelos outros. Os que só tratam sempre de seus próprios negócios apaixonam-se demasiado para julgar sadiamente as coisas. Tudo voltando para si mesmos, e regrando unicamente por seu interesse as idéias do bem e do mal, enchem o espírito com mil preconceitos ridículos e em tudo que lhes perturbe a menor das vantagens, vêem logo a subversão de todo o universo.

Estendamos o amor-próprio sobre os outros seres, nós o transformaremos em virtude, e não há coração humano em que esta virtude não tenha sua raiz. Quanto menos o objeto de nossos cuidados se prende a nós mesmos, menos é de se temer a ilusão do interesse particular; quanto mais generalizamos esse interesse mais ele se torna equitativo; e o amor ao gênero humano não é outra coisa em nós senão o amor à justiça. Se quisermos, portanto, que Emílio ame a verdade, se quisermos que a conheça, afastemo-lo de si mesmo nos negócios. Quanto mais seus cuidados forem consagrados à felicidade dos outros, mais serão esclarecidos e sábios e menos ele se enganará acerca do bem e do mal; mas não admitemos nunca nele uma preferência cega, baseada unicamente em acepções de pessoas ou prevenções injustas. E por que prejudicaria ele um para servir a outro? Pouco lhe importa a quem cabe maior parte da felicidade em partilha, desde que concorre para a maior felicidade de todos. Esse é o maior interesse do sábio depois do interesse particular; porque cada um é parte de sua espécie e não de outro indivíduo.

Para impedir que a piedade degenera em fraqueza é preciso pois generalizá-la e estendê-la a todo o gênero humano. Então, só nos entregamos a ele na medida em que está de acordo com a justiça, porque, de todas as virtudes, a justiça é a que mais concorre para o bem comum dos homens. É preciso por razão, por amor a nós, ter piedade de nossa espécie mais que do nosso próximo, e é uma grande crueldade para com os homens ter pena dos maus.

De resto é preciso lembrar-se de que todos esses meios pelos quais arranco meu aluno de si mesmo, têm contudo uma relação direta com ele, posto que, não somente deles resulta uma alegria interior, como também, em o tornando propenso ao bem dos outros, eu trabalho para sua própria instrução.

Dei primeiramente os meios e agora mostro os efeitos. Que grande visão vejo organizar-se pouco a pouco em sua cabeça! Que sentimentos sublimes esmagam em seu coração o germe das pequenas paixões! Que nitidez de julgamento, que justeza de raciocínio vejo formar-se nele de suas tendências cultivadas, da experiência que concentra os desejos de uma alma grande no estreito limite dos possíveis e faz com que um homem superior aos outros, não podendo elevá-los a seu nível, sabe abaixar-se ao deles! Os verdadeiros princípios do justo, os verdadeiros modelos do belo, todas as relações morais dos seres, todas as idéias da ordem, gravam-se em seu entendimento; ele vê o lugar de cada coisa e a causa que a afasta desse lugar; ele vê o que pode fazer o bem e o que o pode impedir. Sem ter experimentado as paixões humanas, conhece suas ilusões e seu jogo.

Avanço atraído pela força das coisas, mas sem me impor ao julgamento dos leitores. De há muito eles me vêem no país das quimeras; eu os vejo sempre no país dos preconceitos; afastando-me tão decididamente das opiniões vulgares, não deixo de as ter presentes no meu espírito: examino-as, medito sobre elas, não para segui-las ou delas fugir, mas para pesá-las na balança do raciocínio. Todas as vezes que este me força a afastar-me delas, instruído pela experiência, já tenho certeza de que eles não me imitarão: sei que, obstinando-se a só imaginar o que vêem, encararão o jovem que apresento como um ser imaginário, de fantasia, porque difere daqueles a que o comparam; sem pensarem que é preciso mesmo que difira, porquanto, educado diferentemente, com sentimentos contrários

aos dos outros, instruído de outra maneira, seria muito mais surpreendente que a eles se assemelhasse do que ser como o supenho. Não é o homem do homem, é o homem da natureza. Seguramente deve ser muito estranho aos olhos deles.

Começando esta obra, eu não supunha nada que todo mundo não pudesse observar como eu, porque há um ponto, o nascimento do homem, de que todos partimos igualmente; mas quanto mais avançamos, eu para cultivar a natureza, vós para depravá-la, mais nos afastamos uns dos outros. Meu aluno com seis anos pouco diferia dos vossos, que não tivestes ainda tempo para desfigurar; agora eles nada mais têm de parecido; e a idade de homem feito, de que aproxima, deve mostrá-lo sob uma forma absolutamente diferente, em eu não tendo perdido meus cuidados. A quantidade das aquisições talvez seja igual de parte e de outra; mas as coisas adquiridas não se asseme-
lham. Vós vos espantais com encontrar nuns sentimentos sublimes que nem sequer em germe se deparam nos outros; mas considerai também que estes já são todos filósofos e teólogos, antes que Emílio saiba o que seja filosofia e nem mesmo tenha ouvido falar em Deus.

Se, pois, viessem dizer-me: nada do que supondes existe; os jovens não são assim; têm tais ou quais paixões; fazem isto ou aquilo; seria como se negassem que a pereira é uma árvore grande por só se verem pereiras anãs em nossos jardins.

Peço a esses juízes sempre dispostos à censura, que considerem que o que dizem eu o sei tanto quanto eles, que provavelmente refleti mais demoradamente sobre o assunto, e que, não tendo nenhum interesse em valorizar-me a seus olhos, tenho o direito de exigir se dêem o trabalho de procurar em que me engano. Que examinem bem a constituição do homem, que acompanhem os primeiros desenvolvimentos do coração em tais ou quais circunstâncias, a fim de ver quanto um indivíduo pode diferenciar-se de outro pela força da educação; que em seguida comparem a minha aos efeitos que lhe dou; e que digam em que eu raciocinei mal. Nada terei então a responder-lhes.

O que me torna mais afirmativo e, creio, mais desculpável de sê-lo, é que em lugar de me entregar ao espírito de sistema, dou o menos possível ao raciocínio e só confio na observação. Não me baseio no que imaginei e sim no que vi. É verdade que não encerrei minhas experiências dentro dos muros de uma cidade nem numa só espécie de gente; mas, depois

de ter comparado classes e povos que pude ver numa vida passada e observá-los, deixei de lado como artificial o que era de um povo e não de outro, e só encarei como pertencendo incontestavelmente ao homem o que era comum a todos de qualquer idade, de qualquer classe e de qualquer nação.

Ora, se segundo este método, acompanhardes desde a infância um jovem que não se tenha formado num molde particular e que se prenderá o menos possível à autoridade e à opinião de outrem, a quem pensais que se assemelhará mais, a meu aluno ou aos vossos? Eis, parece-me, a questão a ser resolvida para saber se me perdi.

O homem não começa a pensar facilmente, mas logo que começa não se detém mais. Quem quer tenha pensado, pensará sempre e a inteligência uma vez exercida na reflexão não terá mais descanso. Poderão pensar que exagero para mais ou para menos, que o espírito humano não se abre tão rapidamente e que, depois de lhe ter dado facilidades que não tem, eu o mantenho por demais encerrado num círculo de idéias que deve ter transposto.

Mas considerai primeiramente que, querendo formar um homem da natureza, nem por isso se trata de fazer dele um selvagem, de jogá-lo no fundo da floresta; mas que, entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe arrastar pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; que veja com seus olhos, que sinta com seu coração; que nenhuma autoridade o governe a não ser sua própria razão. Nesta posição, é claro que a multidão de objetos que o impressionam, os frequentes sentimentos que o afetam, os diversos meios de prover a suas necessidades reais, devem dar-lhe muitas idéias que nunca houvera tido ou que houvera adquirido lentamente. O progresso natural do espírito é acelerado, nunca invertido. O mesmo homem que deve permanecer estúpido nas florestas deve tornar-se racional nas cidades, ainda que nelas seja simples espectador. Nada mais próprio a tornar sábio do que as loucuras que vemos sem as compartilharmos; e mesmo aquele que as compartilha se instrui ainda, desde que não se iluda e não carregue o erro dos que as fazem.

Considerai também que, limitados por nossas faculdades às noções sensíveis, não damos vaza às noções abstratas da filosofia, às idéias puramente intelectuais. Para chegar a isso é preciso ou nos libertarmos do corpo a que estamos tão forte-

mente presos ou fazermos, de objeto em objeto, um progresso gradual e lento, ou enfim transpormos rapidamente, quase de um salto, o intervalo num passo de gigantes que a infância é incapaz de dar, e para o qual mesmo os homens necessitam de degraus estabelecidos expressamente para eles. A primeira idéia abstrata é o primeiro desses degraus; mas custa-me ver como os estabelecer.

O Ser incompreensível que tudo abarca, que dá movimento ao mundo e forma todo o sistema dos seres, não é visível a nossos olhos, nem palpável às nossas mãos; escapa a todos os nossos sentidos: a obra mostra-se, mas o operário se esconde. Não é fácil sentir finalmente que ele existe e quando a tanto chegamos nós nos perguntamos: quem é? onde está? Nosso espírito confunde-se, perde-se, e não sabemos mais que pensar.

Locke quer que se comece pelo estudo dos espíritos, e que se passe em seguida ao dos corpos. Este método é o da superstição, dos preconceitos, do erro: não é o da razão, nem o da natureza bem ordenada; é fechar os olhos para aprender a ver. É preciso ter-se estudado durante muito tempo os corpos para se ter uma verdadeira noção dos espíritos e suspeitar que existem. A ordem contrária só serve para estabelecer o materialismo.

Como nossos sentidos são os primeiros instrumentos de nossos conhecimentos, os seres corporais e sensíveis são os únicos de que temos imediatamente idéias. A palavra *espírito* não tem nenhum sentido para quem não filosofou. Um espírito não passa de um corpo para o povo e para as crianças. Pois não imaginam espíritos que gritam, que falam, que batem, que fazem barulho? Ora, terão de confessar que espíritos com braços e língua se assemelham muito a corpos. Eis porque todos os povos do mundo, inclusive o dos judeus, criaram deuses corporais. (Nós mesmos com nossos termos de espírito, Trindade, Pessoas, somos, em maioria, verdadeiros antropomorfistas. Confesso que nos ensinam a dizer que Deus está em toda parte: mas acreditamos também que o ar está em toda parte, pelo menos em nossa atmosfera; e a palavra *espírito*, em sua origem só significa mesmo *sopro* e *vento*. Desde que acostumemos as pessoas a dizerem palavras sem as entender, torna-se fácil fazermos com que digam o que bem quisermos.

O sentimento de nossa ação sobre os outros corpos deve ter-nos levado a crer primeiramente que quando agiam sobre

nós era do mesmo modo por que agíamos sobre eles. Por isso o homem começou por animar todos os seres cuja ação sentia. Sentindo-se menos forte do que a maioria desses seres, por desconhecer os limites do poder deles, ele o imaginou ilimitada e deles fez deuses logo que deles fez corpos. Durante as primeiras idades, os homens, apavorados com tudo, nada viram de morto na natureza. A idéia da matéria não foi menos lenta em formar-se neles que a do espírito, porquanto esta primeira idéia é ela própria uma abstração. Encheram assim o universo de deuses sensíveis. Os astros, os ventos, as montanhas, os rios, as árvores, as cidades, as casas mesmo, tudo tinha sua alma, seu deus, sua vida. Os bonecos de Labão, os manitus dos selvagens, os fetiches dos negros, todas as obras da natureza e dos homens foram as primeiras divindades dos mortais; o politeísmo foi sua primeira religião, a idolatria seu primeiro culto. Só puderam reconhecer um Deus único quando, generalizando sempre mais suas idéias, chegaram a poder remontar a uma causa primeira, a reunir o sistema total dos seres numa só idéia, e a dar um sentido à palavra *substância*, que é no fundo a maior das abstrações. Toda criança que crê em Deus é portanto necessariamente idólatra, ou pelo menos antropomorfista; e quando a imaginação viu Deus, é muito raro que a inteligência o conceba. Eis precisamente o erro a que leva a ordem de Locke.

Chegando, não sei como, à idéia abstrata da substância, vemos que, para admitir uma substância única, é preciso supor-lhe qualidades incompatíveis que se excluem mutuamente, como o pensamento e a extensão, uma das quais é essencialmente divisível e a outra exclui qualquer divisibilidade. Concebe-se de resto que o pensamento, ou se preferirem o sentimento, é uma qualidade primitiva e inseparável da substância a que pertence; que o mesmo ocorre com a extensão em relação a sua substância. Daí a conclusão de que os seres que perdem uma dessas qualidades perdem a substância a que ela pertence, que por conseguinte a morte não é senão uma separação de substâncias, e que os seres nos quais essas duas qualidades se reúnem são compostos de duas substâncias a que essas duas qualidades pertencem.

Ora, considerai agora que distância existe ainda entre a noção das duas substâncias e a da natureza divina; entre a idéia incompreensível da ação de nossa alma sobre nosso corpo

e a idéia da ação de Deus sobre todos os seres. As idéias de criação, de anilação, de ubiquidade, de eternidade, de poder infinito, a dos atributos divinos, que poucos homens podem ver, tão confusas e obscuras são, e que nada têm de obscuro para o povo, porque este nada compreende, como se apresentarão com toda a sua força, isto é com toda a sua obscuridade a espíritos jovens ainda preocupados com as primeiras operações dos sentidos e que só concebem o que tocam? Em vão os abismos do infinito se abrem ao redor de nós; uma criança não se amedronta com isso; seus olhos não podem avaliar-lhes a profundidade. Tudo é infinito para as crianças; não sabem pôr limites a nada; não por ser a medida longa demais e sim por terem o entendimento curto. Observei mesmo que põem o infinito menos além do que aquém das dimensões que lhes são conhecidas. Estimarão um espaço imenso muito mais por seus pés do que por seus olhos; ele não se estenderá mais longe do que puderem ver, porém mais longe de onde puderem ir. Se lhes falam do poder de Deus, elas o estimarão quase tão forte como seu pai. Em tudo, o conhecimento sendo para elas a medida dos possíveis, julgam que lhes dizem sempre menos do que sabem. Tais são os julgamentos naturais à ignorância e à fraqueza de espírito. Ajax teria receado medir-se com Aquiles e desafia Júpiter, porque conhece Ajax e não conhece Júpiter. Um camponês suíço que se acreditava o mais rico dos homens, e a quem tentavam explicar o que era um rei, perguntava com um ar orgulhoso se o rei podia ter cem vacas na montanha.

Vejo quanto meus leitores se surpreenderão com me ver acompanhar a infância de meu aluno sem lhe falar de religião. Aos quinze anos ele não sabia se havia uma alma e talvez aos dezoito não seja ainda o momento de aprendê-lo, pois, se o aprender antes da hora necessária, correrá o risco de não o saber nunca.

Se tivesse que pintar a estupidez nefasta, pintaria um pedante ensinando catecismo a crianças; se quisesse fazer uma criança ficar louca, obrigá-la-ia a explicar o que diz dizendo o catecismo. Poderão objetar-me que, sendo em sua maioria mistérios os dogmas do cristianismo, esperar que o espírito humano seja capaz de os conceber, não é esperar que a criança seja homem e sim esperar que o homem não seja mais. A isso, responderia primeiramente que há mistérios que é impos-

sível ao homem conceber, ou acreditar, e que não vejo o que se ganha em ensiná-los a crianças, a não ser que se queira ensinar-lhes a mentirem desde cedo. Digo ainda que para admitir os mistérios é preciso compreender, ao menos, que são incompreensíveis; e as crianças não são capazes sequer dessa concepção. Na idade em que tudo é mistério, não há mistérios propriamente ditos.

É preciso acreditar em Deus para ser salvo. Este dogma mal entendido é o princípio da intolerância sangüinária e a causa de todas as vãs instruções com que aplicam um golpe mortal na razão humana acostumando-a a satisfazer-se com palavras. Sem dúvida não se pode perder um minuto para merecer a salvação eterna: mas se, para obtê-la, basta repetir certas palavras, não vejo que nos impede de povoar o céu com estorninhos e pegas, tanto quanto com crianças.

A obrigação de crer supõe a possibilidade. O filósofo que não crê erra, porque emprega mal a razão que cultivou e tem condições para entender as verdades que rejeita. Mas a criança que professa a religião cristã, em que acredita? no que concebe e concebe tão pouco o que lhe fazem dizer, que se lhe disserdes o contrário ela o adotará igualmente. A fé das crianças e de muitos homens é uma questão de geografia. Serão eles recompensados por terem nascido em Roma ao invés de Meca? Dizem a um que Maomé é o profeta de Deus e ele diz que Maomé é o profeta de Deus; dizem a outro que Maomé é um vigarista e ele diz que Maomé é um vigarista. Cada um deles teria afirmado o que diz o outro, se se encontrassem em posições antagônicas. Pode-se partir de duas disposições tão semelhantes para mandar um para o Paraíso e o outro para o Inferno? Quando uma criança diz que acredita em Deus, não é em Deus que ela acredita, é em Pedro ou Tiago que lhe dizem que há alguma coisa a que se chama Deus; e ela o crê à maneira de Eurípides:

*Ó Júpiter! Porque de ti nada senão,
que eu só conheço o nome*¹⁴.

(14) PLUTARCO, *Tratado do amor*, tradução de Amyot. Era assim que começava primeiramente a tragédia de *Menalipe*; mas os clamores do povo de Atenas forçaram Eurípides a modificar este começo.

Consideramos que nenhuma criança morta antes da idade da razão será privada da felicidade eterna; os católicos acreditam a mesma coisa de todas as crianças que receberam o batismo, embora não tenham nunca ouvido falar de Deus. Há portanto casos em que podemos ser salvos sem acreditarmos em Deus, e tais casos ocorrem tanto na infância como na demência, quando o espírito humano é incapaz das operações necessárias para reconhecer a Divindade. Toda a diferença que vejo aqui entre mim e vós é que vós pretendeis que as crianças têm a sete anos essa capacidade e que eu não lhas concedo nem mesmo a quinze. Tenha eu razão ou não, não se trata aqui de um artigo de fé e sim de uma simples observação de história natural.

Em virtude do mesmo princípio, é claro que tal homem chegando à velhice sem acreditar em Deus, não será por isso privado de sua presença na outra vida se sua cegueira não foi voluntária; e eu digo que ela não o é sempre. Vós concordais quanto aos insensatos, que uma enfermidade priva de suas faculdades espirituais, mas não de sua qualidade de homens, nem, por conseguinte, do direito às benesses do Criador. Por que então não o aceitar para aqueles que, sequestrados de qualquer sociedade desde a infância, teriam levado uma vida absolutamente selvagem, privados das luzes que só se adquirem no comércio dos homens ¹⁵? Pois é de uma impossibilidade demonstrada que semelhante selvagem pudesse jamais elevar suas reflexões até o conhecimento do verdadeiro Deus. A razão diz-nos que um homem só é punível pelos erros de sua vontade e que uma ignorância invencível não poderia ser-lhe imputada como crime. Daí se deduz que, diante da justiça eterna, todo homem que acreditasse, em tendo as luzes necessárias, seria considerado como crendo, e que só haverá incrédulos punidos, aqueles cujos corações se fecham para a verdade.

Evitemos anunciar a verdade a quem não está em condições de entendê-la, pois seria querer substituí-la pelo erro. Seria melhor não ter nenhuma idéia da Divindade a ter dela idéias baixas, fantasiosas, injuriosas, indignas; é mal menor des-

(15) Acerca do estado natural do espírito humano e da lentidão de seus progressos, vêde a primeira parte do *Discurso sobre a desigualdade*.

conhecê-la do que ultrajá-la. Preferiria, diz o bom Plutarco, que se imaginasse não haver Plutarco no mundo a que se dissesse que Plutarco é injusto, invejoso, e tão tirânico que exige mais do que dá o poder de fazer.

O grande mal das imagens disformes da Divindade que traçamos no espírito das crianças está em que nelas permanecem durante toda a vida e que elas não concebem mais, quando adultas, outro Deus senão o das crianças. Vi na Suíça uma boa e piedosa mãe de família tão convencida desta máxima que não quis instruir o filho na religião na primeira infância de medo que, contente com essa instrução grosseira, negligenciasse uma melhor na idade da razão. Esse menino nunca ouvia falar de Deus senão com recolhimento e reverência e quando queria falar ele próprio lhe impunham silêncio, como se se tratasse de um assunto demasiado sublime e demasiado grande para ele. Uma tal reserva excitava-lhe a curiosidade e seu amor-próprio aspirava ao momento de conhecer o mistério que com tanto cuidado lhe escondiam. Quanto menos lhe falavam de Deus, quanto menos admitiam que ele próprio falasse, mais ele se preocupava com Deus; via Deus por toda parte. E o que eu receiaria mais desse ar de mistério indiscretamente afetado seria que, inflamando demais a imaginação de um jovem, lhe alterasse o raciocínio e fizesse finalmente dele um fanático ao invés de um crente.

Mas não temos nada semelhante para meu Emílio, que, recusando constantemente sua atenção a tudo o que se encontra fora de seu alcance, ouve com a mais profunda indiferença as coisas que não entende. Há tantas a cujo respeito está acostumado a dizer: isto não é comigo, que uma a mais não o perturba muito; e quando começa a inquietar-se com esses grandes problemas, não é por tê-los ouvido propor e sim em consequência do progresso natural de seus conhecimentos, que o leva então a pesquisas nesse campo.

Vimos por que caminhos o espírito humano cultivado se aproxima desses mistérios; e convenho de bom grado em que só chega a tanto mesmo no seio da sociedade, numa idade mais avançada. Mas como há na mesma sociedade causas inevitáveis em virtude das quais o progresso das paixões é acelerado: em não acelerando igualmente o progresso dos conhecimentos que servem para regradar tais paixões, sairíamos então realmente da ordem da natureza e o equilíbrio seria rompido.

Quando não somos senhores de dominar um desenvolvimento demasiado rápido, temos que conduzir com a mesma rapidez os que devem corresponder a esse desenvolvimento, de modo que a ordem não seja invertida, que o que deve caminhar junto não seja separado, e que o homem, integral em todos os momentos de sua vida, não chegue a determinado ponto por uma de suas faculdades e a outro pelas outras.

Que dificuldade vejo erguer-se aqui! Dificuldade tanto maior quanto está menos nas coisas do que na pusilanimidade dos que não ousam resolvê-la. Uma criança deve ser educada na religião de seus pais; prova-se-lhe sempre muito bem que essa religião é a única verdadeira: que todas as outras não passam de extravagância e absurdo. Neste ponto a força dos argumentos depende absolutamente do país em que são apresentados. Que um turco, que acha o cristianismo tão ridículo em Constantinopla, vá ver como acham o maometismo em Paris! É principalmente em matéria de religião que a opinião triunfa. Mas nós que queremos evitar-lhe o jugo em todas as coisas, nós que nada queremos dar à autoridade, nós que não queremos ensinar a nosso Emílio nada que não pudesse aprender sozinho em todo o país, em que religião o educaremos? A resposta é muito simples, parece-me; não o amarraremos nem a esta nem àquela, mas o poremos em condições de escolher a que o melhor emprêgo de sua razão o deve conduzir.

*Incedo per ignes
Suppositos cineri doloso.*

Não importa: o zelo e a boa fé fizeram em mim até agora as vezes da prudência: espero que tais fiadores não me abandonarão. Leitores, não receieis de mim precauções indignas de um amigo da verdade: não esquecerei nunca minha divisa; mas é-me por demais permitido desconfiar de meus julgamentos. Ao invés de dizer-vos aqui o que penso eu mesmo, direi o que pensava um homem que valia mais do que eu. Garanto a verdade dos fatos que vão ser relatados; aconteceram realmente ao autor do texto que vou transcrever: cabe a vós saberdes se é possível tirar dele reflexões úteis ao assunto de que se trata. Não vos proponho o sentimento de outrem ou o meio como regra: ofereço-o em exame.

"Há trinta anos, numa cidade da Itália, um jovem expatriado via-se num estado de miséria total. Nascera calvinista; mas, em consequência de uma leviandade, achando-se foragido em país estrangeiro e sem recursos, mudou de religião para ter pão. Havia nesse país um abrigo para os prosélitos: foi admitido. Instruindo-o sobre a controvérsia, deram-lhe dúvidas que não tinha, ensinaram-lhe o mal que ignorava: conheceu dogmas novos, viu costumes ainda mais novos; vi-os e quase foi vítima deles. Quis fugir, prenderam-no; queixou-se, puniram-no: à mercê dos tiranos, viu-se tratado como criminoso por não ter querido concordar com o crime. Que os que sabem a que ponto a primeira provação da violência irrita um jovem coração sem experiência, imaginem o estado do dele. Lágrimas de raiva escorriam de seus olhos, a indignação esmagava-o: implorava o céu e os homens, confiava-se a todo mundo, não era ouvido por ninguém. Só via lacaios vis, submetidos ao infame que o ultrajava, ou cúmplices do mesmo crime que zombavam de sua resistência e o incitavam a imitá-los. Estava perdido, sem um honesto eclesiástico que veio ao abrigo a negócios e que ele achou meio de consultar em segredo. O eclesiástico era pobre e precisava de todos: mas o oprimido tinha mais necessidade ainda dele; ele não hesitou em facilitar-lhe a evasão, correndo o risco de granjear um inimigo poderoso.

"Escapando do vício para retornar à indigência, o jovem lutava sem êxito contra seu destino: em dado momento acreditou-se acima dele. Ao primeiro aceno da fortuna esqueceu seus males e seu protetor. Não demorou em ser punido pela ingratidão: todas as suas esperanças se dissiparam; por mais que sua juventude o favorecesse, suas idéias romanescas estragavam tudo. Não tendo nem batante talento nem bastante habilidade para se abrir um caminho fácil, não sabendo ser nem moderado nem mau, tantas coisas ambicionou que não conseguiu chegar a nada. Recaindo na desgraça, sem pão, sem asilo, quase morrendo de fome, lembrou-se de seu benfeitor.

"Volta-o, encontra-o, é bem recebido; sua presença lembra ao eclesiástico uma boa ação, o que é sempre reconfortante para a alma. Este homem era naturalmente humano, compassivo; sentia as dores dos outros pelas suas e o bem-estar não lhe endurecera ainda o coração; finalmente as lições da sabedoria e uma virtude esclarecida tinham reforçado sua boa in-

dole. Ele acolhe o jovem, arranja-lhe um domicílio, recomenda-o; reparte com ele o necessário apenas suficiente para dois. Faz mais, instrui o jovem, consola-o ensina-lhe a arte difícil de suportar a adversidade com paciência. Gente de preconceitos teríeis esperado isso de um padre e na Itália?

“Esse honesto eclesiástico era um pobre vigário saboiano que uma aventura de mocidade indispusera com seu bispo e que atravessara os montes a fim de obter os recursos que não tinha em sua terra. Não carecia de espírito nem de letras; e, com um aspecto interessante, encontrara protetores que o colocaram junto a um ministro para educar-lhe o filho. Preferia a pobreza à dependência e ignorava como se conduzir com os grandes. Não ficou muito tempo no emprego; abandonando seu senhor, não perdeu contudo sua estima e como vivia sabiamente, e fazia-se amar por todos, esperava confiantemente voltar às boas graças de seu bispo e obter uma pequena cúria nas montanhas, para viver nela seus dias de velhice. Era o objetivo final de sua ambição.

“Uma inclinação natural interessara-o pelo fugitivo e levou-o a examiná-lo com cuidado. Viu que a má sorte já lhe magoara o coração, que o opróbrio e o desprezo lhe tinham abatido a coragem, que sua altivez, transformada em amargo despeito, só lhe mostrava, na injustiça e na dureza dos homens, o vício de sua natureza e a quimera da virtude. O jovem vira que a religião serve apenas de máscara ao interesse e o culto sagrado de salvaguarda para a hipocrisia: vira na sutileza das vãs disputas, o paraíso e o inferno oferecidos como prêmios a jogos de palavras; vira a sublime e primitiva idéia da Divindade desfigurada pela imaginação fantasiosa dos homens; e achando que, para crer em Deus, era preciso renunciar à razão que dêle se recebera, englobou no mesmo desdém nossos ridículos devaneios e o objeto a que os aplicamos. Sem nada saber do que é, sem nada imaginar acêrca da geração das coisas, mergulhara em sua estúpida ignorância com um profundo desprezo por todos os que pensavam saber mais do que ele.

“O esquecimento da religião conduz ao esquecimento dos deveres do homem. Este progresso já fizera mais de meio caminho no coração do libertino. Não era porém um jovem de maus instintos; mas a incredulidade, a miséria, abafando pouco a pouco o natural, arrastavam-no rapidamente para sua perda

e só lhe preparavam os costumes de um miserável e a moral de um ateu.

“O mal, quase inevitável, não estava inteiramente consumado. O jovem tinha conhecimentos e sua educação não fora negligenciada. Ele estava nessa idade feliz em que o sangue em fermentação começa a aquecer a alma sem a escravizar ao furor dos sentidos. A dele tinha ainda toda a sua força. Uma vergonha inata, um caráter tímido substituíram nele o embaraço e prolongavam essa época em que conservais vosso aluno com tantos cuidados. O exemplo odioso de uma depravação brutal e de um vício sem encanto, longe de excitar-lhe a imaginação como que a embotara. Durante muito tempo o nojo substituiu nele a virtude para preservar sua inocência; só iria sucumbir a mais doces seduções.

“O eclesiástico viu o perigo e os recursos. As dificuldades não o desencorajaram; comprazia-se em seu trabalho; resolveu terminá-lo e devolver à virtude a vítima que arrancara da infâmia. Pensou longamente para realizar seu projeto: a beleza do objetivo animava-lhe a coragem e inspirava-lhe meios dignos de seu zelo. Qualquer que fosse o resultado tinha certeza de não haver perdido seu tempo. Tem-se sempre êxito quando não se quer senão fazer bem.

“Começou conquistando a confiança do prosélito em não lhe vendendo seus favores, não se tornando importuno, não lhe fazendo sermões, pondo-se sempre ao seu alcance, mostrando-se humilde para igualar-se a ele. Era, parece-me, um espetáculo assaz comovente ver um homem grave tornar-se camarada de um rapazola, e a virtude baixar-se ao tom da licença para dela triunfar mais seguramente. Quando o avoador lhe ia fazer suas loucas confidências, e expandir-se com ele, o padre escutava-o punha-o à vontade; sem aprovar o mal, interessava-se por tudo; nunca uma censura indiscreta lhe detinha a palavra ou lhe magoava o coração; e o prazer que o jovem sentia em se imaginar ouvido aumentava o de tudo dizer. Assim se efetuou sua confissão total, sem que pensasse em se confessar.

“Depois de ter bem estudado os sentimentos e o caráter do jovem, o padre viu claramente que, embora não fosse ignorante para sua idade, o rapaz esquecera tudo o que lhe importava saber, e que o opróbrio a que o reduzira a sorte abafava nele qualquer sentimento verdadeiro do bem e do mal. Há

um grau de embrutecimento que mata a vida da alma; e a voz interior não sabe fazer-se ouvir de quem só pensa em se alimentar. Para defender o infortunado jovem contra essa morte moral de que se achava tão perto, o padre começou por acordar nele o amor-próprio e a estima a si mesmo: mostrava-lhe um futuro mais feliz no bom emprego de seus talentos; reanimava no coração dele um ardor generoso com a narrativa das belas ações de outros. Fazendo-o admirar os que as tinham realizado, devolvia-lhe o desejo de realizar coisas semelhantes. Para afastá-lo insensivelmente de sua vida ociosa e vagabunda, mandava-o fazer resumos de livros escolhidos; e, fingindo ter necessidade de tais resumos, nutria nele o nobre sentimento da gratidão. Instruía-o indiretamente com esses livros; fazia-o ter novamente boa opinião de si mesmo para que não se acreditasse um ser inútil ao bem e para que não quisesse mais tornar-se desprezível a seus próprios olhos.

“Uma bagatela fará com que se julgue a arte que empregava esse benfeitor para elevar insensivelmente o coração de seu discípulo acima da baixeza, sem parecer pensar na instrução dele. O eclesiástico tinha uma probidade tão reconhecida e um discernimento tão seguro, que muitas pessoas preferiam depositar suas esmolas em suas mãos a o fazerem nas mãos dos curas ricos das cidades. Um dia em que lhe tinham dado algum dinheiro para ser distribuído aos pobres, o jovem, como pobre, teve a covardia de pedir algum. Não, respondeu o padre, somos irmãos, vós me pertenceis e não devo tocar nesse dinheiro em meu proveito. Depois deu-lhe de seu próprio bolso o que o rapaz lhe pedira. Lições dessa espécie raramente se perdem no coração dos jovens não inteiramente corrompidos.

“Canso-me de falar na terceira pessoa; e é um cuidado assaz supérfluo, porque bem sentis, caro concidadão, que esse desgraçado fugitivo sou eu mesmo. Acredito-me bastante longe das desordens de minha juventude para ousar confessá-las, e a mão que delas me tirou merece bem que a expensas de alguma vergonha eu revele alguma gratidão pelas suas mercês.

“O que me impressionava mais era ver na vida particular de meu digno mestre a virtude sem hipocrisia, a humanidade sem fraqueza, palavras sempre simples e retas e uma conduta sempre conforme a seus discursos. Não o via de jeito nenhum perguntar-se se aqueles a quem ajudava iam às rezas, se se con-

fessavam amiúde, se jejuavam nos dias prescritos, se comiam peixe, nem lhes impor outras condições semelhantes, sem as quais, ainda que se deva morrer de miséria, não se tem como esperar assistência dos devotos.

“Encorajado por suas observações, longe de exhibir a seus olhos um falso zelo, de recém-convertido, não lhe escondia muito minhas maneiras de pensar e não o via muito escandalizado. As vezes eu poderia dizer: ele me perdoa minha indiferença pelo culto que escolhi em razão da que tenho pelo culto em que nasci; sabe que meu desdém não é coisa de partido. Mas que devia pensar quando o ouvia às vezes aprovar dogmas contrários aos da Igreja romana e parecer estimar mediocrementemente todas as suas cerimônias? Eu o teria acreditado protestante mascarado, se o houvesse visto menos fiel a esses mesmos cultos de que parecia fazer pouco caso; mas sabendo que cumpria sem testemunha seus deveres de padre tão pontualmente quanto aos olhos do público, não sabia como julgar suas contradições. À parte o erro que outrora provocara sua desgraça, e de que não se corrigira inteiramente, sua vida era exemplar, seus costumes irreprocháveis, seus discursos honestos e judiciosos. Vivendo como ele na maior intimidade, aprendia a respeitá-lo dia a dia mais; e tantas bondades tendo-me conquistado o coração, esperava com uma inquietação curiosa o momento de aprender sobre que princípio ele baseava a uniformidade de uma vida tão singular.

“Esse momento não chegou tão depressa. Antes de abrir-se com seu discípulo, esforçou-se por fazer com que germinassem as sementes da razão e da bondade que plantava em minha alma. O que havia em mim mais difícil de destruir era uma orgulhosa misantropia, certo azedume contra os ricos e os felizes do mundo, como se os fossem a minhas expensas e que sua pretensa felicidade fôsse usurpada da minha. A louca vaidade da juventude, que se revolta contra qualquer humilhação, não me dava senão muita inclinação para esse tipo de humor colérico, e o amor-próprio que meu mentor procurava despertar em mim, levando-me à altivez, tornava os homens ainda mais vis a meus olhos e não fazia senão acrescentar o desprêzo ao ódio por eles.

“Sem combater diretamente esse orgulho, ele o impediu de tornar-se dureza de alma; e, sem tirar-me a estima a mim mesmo, ele a fez menos desdenhosa pelo meu próximo. Afas-

tando sempre a vã aparência e mostrando-me os males reais que ela cobre, ele me ensinava a deplorar os erros de meus semelhantes e a enternecer-me com suas misérias e a lastimá-los mais do que a invejá-los. Comovido de compaixão pelas fraquezas humanas, em virtude do profundo sentimento das próprias, ele via por toda parte os homens vítimas dos próprios vícios e dos de outrem; via os pobres gemerem sob o jugo dos ricos e os ricos sob o jugo dos preconceitos. Acreditai-me, dizia ele, nossas ilusões, longe de esconder nossos males, os aumentam, dando um valor ao que não tem e tornando-nos sensíveis a mil falsas privações que não sentiríamos sem elas. A paz da alma consiste no desprezo a tudo que a pode perturbar: o homem que mais caso faz da vida é aquele que menos sabe gozá-la e quem aspira mais avidamente à felicidade é sempre o mais miserável.

“Que tristes perspectivas, exclamava eu, com amargura: se é preciso recusar-se a tudo, para que então ter nascido? E se é necessário desprezar a própria felicidade, quem sabe ser feliz? Eu, respondeu um dia o padre, num tom que me impressionou. Vós feliz! tão pouco afortunado, tão pobre, exilado, perseguido, vós sois feliz? E que fizestes para sê-lo? Meu filho, insistiu ele, eu vo-lo direi de bom grado.

“Aí deu-me a entender que depois de ter acolhido minhas confissões queria fazer-me as suas. Confiarei a vosso coração, disse-me abraçando-me, todos os sentimentos do meu. Vós me vereis, senão tal como sou, ao menos tal como me vejo. Quando tiverdes conhecido minha inteira profissão de fé, quando conhecerdes bem o estado de minha alma, sabereis porque me estimo feliz, e se pensardes como eu sabereis também o que deveis fazer para sê-lo. Mas tais confissões não são coisa de um momento; é preciso tempo para vos expor tudo o que penso acerca da sorte do homem e o verdadeiro valor da vida: escolhamos uma hora e um lugar propício para nos entregarmos sossegadamente a essa conversa.

“Demonstrei interesse em ouvi-lo. O encontro não foi adiado para além do dia seguinte pela manhã. Estávamos no verão e levantamos com o raiar do dia. Ele levou-me para fora da cidade, numa alta colina, embaixo da qual passava o Pó, cujo curso víamos através das margens férteis que banha; ao longe a imensa cadeia dos Alpes coroava a paisagem; os raios do sol nascente já deslizavam sobre as planícies, e projetando nos cam-

pos as longas sombras das árvores, dos outeiros, das casas, enriqueciam com mil acidentes de luz o mais lindo quadro suscetível de impressionar o olho humano. Dir-se-ia que a natureza exhibia a nossos olhos toda a sua magnificência para oferecer o texto a nossas conversações. Foi somente depois de ter contemplado tais objetos em silêncio que o homem de paz me falou assim:"

Profissão de fé do vigário saboiano

Meu filho, não espereis de mim nem discursos eruditos nem raciocínios profundos. Não sou um grande filósofo nem me preocupo com sê-lo. Mas tenho às vezes bom senso e sempre amo a verdade. Não quero argumentar convosco, nem mesmo tentar convencer-vos; basta-me expor-vos o que penso na simplicidade de meu coração. Consultai o vosso durante meu discurso; é tudo o que vos peço. Se me engano, é de boa-fé; isso basta para que meu erro não me seja imputado como um crime ainda que vos enganásseis igualmente, não haveria grande mal nisso. Se penso certo, a razão nos é comum e temos o mesmo interesse em ouvi-la; porque não pensaríeis como eu?

Nasci pobre e camponês, destinado pela minha condição a cultivar a terra; mas acharam mais bonito que aprendesse a ganhar meu pão na profissão de padre e encontraram meios para fazer-me estudar. Por certo nem meus pais, nem eu imaginávamos procurar nisso o que era bom, verdadeiro, útil, e sim o que era preciso saber para ser ordenado. Aprendi o que quiseram que aprendesse, disse o que quiseram que dissesse, prometi o que quiseram e fui feito padre. Mas não demorei em sentir que, obrigando-me a não ser homem, eu prometera mais do que podia cumprir.

Dizem-nos que a consciência é obra dos preconceitos; entretanto, sei por minha experiência que ela se obstina em seguir a ordem da natureza contra todas as leis dos homens. Por mais que nos proibam isto ou aquilo, o remorso nos censura sempre docemente o que nos permite a natureza bem ordenada e, com mais razão ainda, o que nos prescreve. Bom jovem, ela nada disse ainda a vossos sentidos: vivei o mais possível no estado feliz em que sua voz é a da inocência. Lembrai-vos de que a ofendemos ainda mais quando nos antecipamos a ela do

que quando a combatemos; é preciso começar por aprender a resistir, a fim de saber quando se pode ceder sem crime.

Na minha juventude respeitei o casamento como a primeira e a mais santa instituição da natureza. Tendo tirado de mim o direito de sujeitar-me a ela, resolvi não a profanar. Pois, apesar de meus estudos, tendo sempre levado uma vida uniforme e simples, conservara em meu espírito toda a luz dos conhecimentos primitivos: as máximas da sociedade não os haviam ainda obscurecido, e minha pobreza afastava-me das tentações que ditam os sofismas do vício.

Esta resolução foi precisamente o que me perdeu; meu respeito pelo leito de outrem deixou meus erros a descoberto. Foi necessário expiar o escândalo: detido, interditado, escorçado, fui bem mais a vítima de meus escrúpulos que de minha incontinência; e pude compreender, pelas censuras que acompanharam minha desgraça, que basta às vezes agravar a falta para escapar ao castigo.

X Umas poucas experiências semelhantes levam longe um espírito que reflete. Vendo através de tristes observações inverterem-se as idéias que eu tinha do justo, do honesto, e de todos os deveres do homem, perdia todos os dias alguma das opiniões que recebera; não bastando mais as que me restavam para formarem juntas um corpo capaz de se sustentar sozinho, senti pouco a pouco em meu espírito a evidência dos princípios e, reduzido finalmente a não saber mais que pensar, cheguei ao mesmo ponto em que estais; com esta diferença de que minha incredulidade, fruto tardio de idade mais madura, se formara com maior pena e devia ser mais difícil de destruir.

Estava nessas disposições de incerteza e de dúvida que Descartes exige para a procura da verdade. Esse estado é pouco feito para durar, é inquietante e penoso; só o interesse do vício ou a preguiça da alma nele nos deixa. Eu não tinha o coração bastante corrompido para comprazer-me nele; e nada conserva mais o hábito de refletir do que estar mais contente de si que de sua fortuna.

Meditei pois sobre a triste sorte dos mortais flutuando nesse mar de opiniões humanas, sem leme, sem bússola, e entregues a suas paixões borrascosas, sem outro guia senão um piloto inexperiente que desconhece a rota, que não sabe de onde vem nem para onde vai. Eu me dizia: amo a verdade,

procuro-a e não a posso reconhecer; que ma mostrem e ficarei apegado a ela: porque deverá fugir à ânsia de um coração feito para adorá-la?

Embora tenha sofrido males maiores, nunca levei uma vida tão constantemente desagradável quanto nesses tempos de confusão e ansiedade em que, sem cessar errando de dúvida em dúvida, não trazia de minhas longas meditações senão incerteza, obscuridade, contradições sobre a causa de meu ser e a regra de meus deveres.

Como é possível ser cético por sistema e de boa fé? Não o posso compreender. Esses filósofos, ou não existem, ou são os mais desgraçados dos homens. A dúvida acerca das coisas que nos importa conhecer é um estado demasiado violento para o espírito humano: este não resiste muito tempo; decide-se ainda que de mau grado, de um modo ou de outro, e prefere enganar-se a não acreditar em nada.

O que dobrava meu embaraço era que, tendo nascido numa Igreja que decide de tudo, que não permite nenhuma dúvida, um só ponto rejeitado me fazia rejeitar todo o resto, e que a impossibilidade de admitir tantas decisões absurdas me desligava também das que não o eram. Dizendo-me: crê em tudo, impediam-lhe de acreditar em alguma coisa e eu não sabia mais onde parar.

Consultei os filósofos, folheei seus livros, examinei suas diversas opiniões; achei-os todos orgulhosos, afirmativos, dogmáticos, mesmo em seu pretenso ceticismo, nada ignorando, nada provando, zombando uns dos outros; e este ponto comum a todos se me afigurou o único em que todos têm razão. Triunfantes quando atacam, carecem de vigor quando se defendem. Se pesais as razões, só as têm para destruir; se contaís as rotas, cada qual se acha preso à sua; só concordam para se disputarem; ouvi-los não era o meio de sair de minha incerteza.

Verifiquei que a insuficiência do espírito humano é a primeira causa dessa prodigiosa diversidade de sentimentos e que o orgulho é a segunda. Não temos a medida dessa máquina imensa, não podemos calcular-lhe as relações; não lhe conhecemos nem as primeiras leis nem a causa final; ignoramo-nos nós mesmos; não conhecemos nem nossa natureza nem nosso princípio ativo; mal sabemos se o homem é um ser simples ou composto: mistérios impenetráveis nos cercam de todos os lados; encontram-se acima da região sensível; para desvendá-los

pensamos ter inteligência e só temos imaginação. Cada qual abre, através desse mundo imaginário, um caminho que acredita ser o certo; ninguém pode saber se o seu leva ao fim. Entretanto, queremos tudo penetrar, tudo conhecer. A única coisa que não sabemos é ignorar o que não podemos saber. Preferimos determinar-nos ao acaso, e crer o que não é, a confessar que nenhum de nós pode ver o que é. Pequena parte de um grande todo cujos limites nos escapam, e que seu autor entrega a nossas loucas disputas, somos bastante vãos para querermos decidir o que seja esse todo em si mesmo e o que somos em relação a ele.

Ainda que os filósofos estivessem em condições de descobrir a verdade, qual dentre eles teria interesse nela? Cada um deles bem sabe que seu sistema não é mais bem alicerçado que o dos outros, mas o sustenta porque é seu. Não há um só que, chegando a conhecer o verdadeiro e o falso, não prefira a mentira que encontrou à verdade descoberta por outro. Onde se encontra o filósofo que, por sua glória, não enganaria de bom grado o gênero humano? Onde se encontra o que, no segredo de seu coração, se proponha outro objetivo senão o de se distinguir? Conquanto se eleve acima do vulgo, conquanto destrua seus concorrentes, que quer mais? O essencial está em pensar diferentemente dos outros. Entre os crentes ele é ateu, entre os ateus seria crente.

O primeiro fruto que colhi dessas reflexões foi aprender a limitar minhas pesquisas ao que me interessava imediatamente, a descansar numa profunda ignorância acerca do resto, e a não me inquietar, até à dúvida, senão com as coisas que me importava saber.

Compreendi ainda que, longe de me libertar de minhas dúvidas inúteis, os filósofos não fariam senão multiplicar as que me atormentavam sem resolver nenhuma. Tomei pois outro guia e disse a mim mesmo: consultemos a luz interior, ela me enganará menos do que eles, ou, ao menos, meu erro será meu e eu me depravarei menos seguindo minhas próprias ilusões do que me entregando às mentiras deles.

Então, repassando em meu espírito as diversas opiniões que sucessivamente me tinham impressionado desde meu nascimento, vi que, embora nenhuma delas fôsse assaz evidente para levar imediatamente à convicção, tinham diversos graus de ve-

rossimilhança e que o assentimento interior as recusava ou as acolhia dentro de medidas diferentes. De acordo com esta primeira observação, comparando entre si todas essas diferentes idéias no silêncio dos preconceitos, achei que a primeira e a mais comum era também a mais simples e a mais razoável e que só lhe faltava, para reunir todos os sufrágios, o fato de ter sido proposta por último. Imaginai todos os vossos filósofos antigos e modernos tendo inicialmente esgotado seus estranhos sistemas de força, de possibilidades, de fatalidade, de necessidade, de átomos, de mundo animado, de matéria viva, de materialismo de toda espécie, e depois de todos o ilustre Clarke iluminando o mundo, anunciando enfim o Ser dos seres e o dispensador das coisas! Com que admiração universal, com que aplauso unânime não teria sido recebido esse novo sistema, tão grande, tão consolador, tão sublime, tão próprio a elevar a alma, a dar uma base à virtude, e ao mesmo tempo tão impressionante, tão luminoso, tão simples e, parece-me, apresentando menos coisas incompreensíveis ao espírito humano que as absurdas de outros sistemas! Eu me dizia: as objeções insolúveis são comuns a todos, porque o espírito do homem é demasiado limitado para resolvê-las; elas não provam nada portanto contra ninguém por preferência: mas que diferença entre as provas diretas! Quem explica tudo não deve ser preferido em não tendo mais dificuldade do que os outros?

Tendo pois em mim o amor à verdade como filosofia, e como método único uma regra fácil e simples que me dispensa da vã sutileza dos argumentos, volto com esta regra ao exame dos conhecimentos que me interessam, resolvido a admitir como evidentes todos aos que, na sinceridade de meu coração, não puder recusar meu assentimento, como verdadeiros todos os que me parecerem ter uma ligação necessária com os primeiros, e deixar todos os outros na incerteza, sem os rejeitar nem os admitir, e sem me atormentar com os esclarecer desde que não me levam a nada de útil na prática.

Mas quem sou eu? Que direito tenho de julgar as coisas? E que determina meus julgamentos? Se são arrastados, forçados pelas impressões que recebo, canso-me em vão nessas pesquisas, não se farão ou se farão por si mesmas sem que eu me meta a dirigi-las. É preciso portanto voltar meus olhos para mim mesmo para conhecer o instrumento de que me quero servir e saber até que ponto posso confiar no seu emprego.

Existo e tenho sentidos pelos quais sou afetado. Eis a primeira verdade que me impressiona e que sou forçado a aceitar. Tenho um sentimento próprio de minha existência ou só a sinto através de minhas sensações? Eis minha primeira dúvida a que me é impossível, no momento, dar solução. Pois, estando continuamente afetado por sensações, ou imediatamente ou pela memória, como posso saber se o sentimento do *eu* é alguma coisa fora dessas sensações, e se pode ser independente delas?

* Minhas sensações ocorrem em mim, porquanto me fazem sentir minha existência; mas sua causa me é estranha, porquanto me afetam, queira eu ou não queira, não dependendo de mim nem produzi-las nem aniquilá-las. Concebo pois claramente que minha sensação, que está em mim, e sua causa ou seu objeto, que está fora de mim, não são a mesma coisa.

Assim, não somente existo como existem outros seres, objetos de minhas sensações; e ainda que tais objetos não fossem senão idéias, essas idéias não seriam eu.

Ora, tudo o que sinto fora de mim e que age sobre meus sentidos, eu chamo matéria; e a todas as porções de matéria que concebo reunidas em seres individuais eu chamo corpos. Por isso todas as disputas dos idealistas e dos materialistas nada significam para mim: suas distinções acerca da aparência e da realidade dos corpos são quimeras.

E eis-me, desde já, tão seguro da existência do universo quanto da minha. Em seguida reflito sobre os objetos de minhas sensações; e, encontrando em mim a faculdade de compará-las, sinto-me dotado de uma força ativa que antes eu não sabia ter.

† Perceber é sentir; comparar é julgar; julgar e sentir não são a mesma coisa. Pela sensação os objetos se oferecem a mim separados, isolados, como o são na natureza; pela comparação eu os desloco, os transporto por assim dizer, eu os coloco um sobre outro para pronunciar-me acerca de sua diferença ou de sua similitude e, em geral acerca de todas as suas relações. A meu ver, a faculdade distintiva do ser ativo ou inteligente está em poder dar um sentido à palavra *ser*. Procuro em vão no ser puramente sensitivo essa força inteligente que superpõe e depois se pronuncia; não a posso ver na natureza. Esse ser passivo sentirá cada objeto separadamente ou talvez

sinta o objeto total formado dos dois; mas, não tendo nenhuma força para colocá-los um sobre o outro, não os comparará nunca, não os julgará.

Ver dois objetos ao mesmo tempo, não é ver suas relações nem julgar suas diferenças; perceber vários objetos uns fora dos outros não é enumerá-los; posso ter no mesmo momento a idéia de um bastão grande e de um bastão pequeno, sem julgar que um é menor do que o outro, como posso ver minha mão inteira sem fazer a conta de meus dedos¹⁶. Essas idéias comparativas, *maior*, *menor*, assim como as idéias numéricas, *um*, *dois* etc. não são por certo sensações, embora meu espírito só as tenha quando de minhas sensações.

Dizem-nos que o ser sensitivo distingue as sensações umas das outras pelas diferenças que elas têm entre si: isto exige explicação. Quando as sensações são diferentes, o ser sensitivo as distingue por suas diferenças: quando são semelhantes, ele as distingue porque as sente umas fora das outras. De outro modo, como, numa sensação simultânea, distinguiria dois objetos iguais? Confundiria necessariamente os dois objetos ou os tomaria pelo mesmo, sobretudo num sistema em que se pretende que as sensações representativas da extensão não são extensas.

Quando as duas sensações a serem comparadas são percebidas, sua impressão ocorre, cada objeto é sentido, os dois são sentidos, mas nem por isso sua relação é sentida. Se o julgamento dessa relação não fosse senão uma sensação, e viesse unicamente do objeto, meus julgamentos não me enganariam nunca, porquanto nunca é falso que eu sinto o que sinto.

Por que então me engano acerca da relação entre os dois bastões, sobretudo se não se acham paralelamente um ao lado do outro? Por que digo, por exemplo, que o bastão pequeno é um terço do grande, quando não passa de um quarto? Por que a imagem, que é a sensação, não é conforme o seu modelo que é o objeto? É porque sou ativo quando julgo, que a operação que compara é errônea, e que meu entendimento que julga as relações, mistura seus erros à verdade das sensações, que só mostram os objetos.

(16) As narrativas de La Condamine falam-nos de um povo que só sabia contar até três. Entretanto os homens desse povo, tendo mãos, muitas vezes olharam seus dedos sem saber contar até cinco.

Acrescentai a isso uma reflexão que vos impressionará, creio, quando nela tiverdes pensado; é que, se fôssemos puramente passivos no emprêgo de nossos sentidos, não haveria entre eles nenhuma comunicação; ser-nos-ia impossível saber que o corpo que tocamos e o objeto que vemos são o mesmo. Ou não sentiríamos nunca nada fora de nós, ou haveria para nós cinco substâncias sensíveis cuja identidade não teríamos meios de perceber.

Que se dê tal ou qual nome a essa força de meu espírito que aproxima e compara minhas sensações; que a chamem atenção, meditação, reflexão, como queiram; o fato é que ela está em mim e não nas coisas, que só eu a produzo, embora só a produza por ocasião da impressão que recebo dos objetos. Sem ser senhor de sentir ou de não sentir, eu o sou de examinar mais ou menos o que sinto.

Não sou portanto apenas um ser sensitivo e passivo, sou um ser ativo e inteligente e, apesar do que possa dizer a filosofia, ousarei pretender à honra de pensar. Sei somente que a verdade está nas coisas e não em meu espírito que as julga, e quanto menos ponho de mim nos julgamentos mais certo estou de aproximar-me da verdade: assim, a regra de entregar-me ao sentimento mais do que à razão é confirmada pela própria razão.

Tendo-me, por assim dizer, assegurado de mim mesmo, começo a olhar para fora de mim e considero-me, com uma espécie de calafrio, jogado, perdido neste vasto universo e como que afogado na imensidade dos seres, sem nada saber do que são, nem entre si nem em relação a mim. Estudo-os, observo-os; e o primeiro objeto que se apresenta a mim para compará-los sou eu mesmo.

Tudo o que percebo pelos sentidos é matéria, e deduzo todas as propriedades essenciais da matéria das qualidades sensíveis que me fazem percebê-la e que são inseparáveis dela. Eu a vejo ora em movimento, ora em repouso ¹⁷, e disto infiro que

(17) Este repouso é, se quiserem, apenas relativo; mas, como observamos mais ou menos no movimento, concebemos muito claramente um dos dois termos extremos, que é o repouso, e o concebemos tão bem que somos mesmo inclinados a encarar como absoluto o re-

nem o repouso nem o movimento lhe são essenciais; mas o movimento sendo uma ação, é efeito de uma causa de que o repouso é apenas uma ausência. Quando portanto nada age sobre a matéria ela não se mexe e, por isso mesmo que é indiferente ao repouso e ao movimento, seu estado natural é o do repouso.

Percebo nos corpos duas espécies de movimentos, movimento comunicado e movimento espontâneo ou voluntário. No primeiro, a causa motora é estranha ao corpo movido, no segundo ela está em si mesmo. Não concluirei daí que o movimento de um relógio, por exemplo, é espontâneo; pois se nada de estranho à mola não atuasse nela, ela não tenderia a distender-se e não puxaria a corrente. Pela mesma razão não concederia a espontaneidade aos fluidos, nem ao próprio fogo que faz sua fluidez ¹⁸.

Perguntareis se os movimentos dos animais são espontâneos; eu vos direi que não sei, mas a analogia é pela afirmativa. Perguntareis ainda como sei que há movimentos espontâneos; eu vos direi que sei porque o sinto. Quero mexer o braço e mexo-o sem que este movimento tenha outra causa imediata senão minha vontade. Em vão raciocinariam para destruir em mim este sentimento, ele é mais forte do que qualquer evidência; seria como se quisessem provar que não existo.

Se não houvesse nenhuma espontaneidade nas ações dos homens, nem em nada do que se faz na terra, muito mais embaraçados estaríamos em imaginar a causa primeira de todo movimento. Quanto a mim, sinto-me tão persuadido de que o estado natural da matéria é o repouso e de que ela não tem por si mesma nenhuma força para agir, que vendo um corpo em movimento julgo de imediato, ou que se trata de um corpo animado, ou que o movimento lhe foi comunicado. Meu espírito recusa qualquer assentimento à idéia da matéria não organizada movimentando-se por si ou produzindo alguma ação.

pouso que não é senão relativo. Ora não é verdade que o movimento seja da essência da matéria, se ela pode ser concebida em repouso.

(18) Os químicos encaram o flogístico ou elemento do fogo como esperso, imóvel, e estagnante nos mistos de que faz parte até que causas estranhas o libertem, o reúnam, o ponham em movimento e o transformem em fogo.

Ora, este universo visível é matéria esparsa e morta¹⁹, que nada tem em seu todo da união, da organização, dos sentimentos comuns das partes de um corpo animado, pois é certo que nós, que somos partes, não nos sentimos em absoluto no todo. Este mesmo universo está em movimento e em seus movimentos regrados, uniformes, sujeitos a leis constantes, nada tem dessa liberdade que aparece nos movimentos espontâneos dos homens e dos animais. O mundo não é portanto um grande animal que se move sozinho; há pois uma causa estranha de seus movimentos, causa que não percebo; mas a persuasão interior torna-me essa causa tão sensível que não posso ver mover-se o sol sem imaginar uma força que o empurre, ou, se a terra gira, acredito sentir uma mão que a faz girar.

Se é preciso admitir leis gerais cujas relações essenciais com a matéria não percebo, em que estarei mais avançado? Tais leis, não sendo seres reais, substâncias, têm portanto alguma base que me é desconhecida. A experiência e a observação fizeram-nos conhecer as leis do movimento. E essas leis determinam os efeitos sem mostrar as causas; não bastam para explicar o sistema do mundo e a marcha do universo. Descartes com dados extinguiu o céu e a terra; mas não pôde dar o primeiro movimento a esses dados nem pôr em jogo sua força centrífuga senão com a ajuda de um movimento de rotação. Newton encontrou a lei da atração, mas a atração sozinha reduziria dentro em breve o universo a uma massa móvel. A essa lei foi preciso juntar uma força projétil para fazer com que os corpos celestes descrevessem curvas. Que Descartes nos diga que lei física fez com que girassem seus turbilhões, que Newton nos mostre a mão que lançou os planetas sobre a tangente de suas órbitas.

As primeiras causas do movimento não estão na matéria; esta recebe o movimento e o comunica, mas não o produz. Quanto mais observo a ação e a reação das forças da natureza agindo umas sobre as outras, mais acho que, de efeito em efeito, é

(19) Fiz todos os esforços para conceber uma molécula viva, sem o conseguir. A idéia da matéria sentindo sem ter sentidos parece-me ininteligível e contraditória. Para adotar ou rejeitar essa idéia, seria preciso começar por compreendê-la, e confesso que não tenho essa felicidade.

sempre preciso remontar a alguma vontade como causa primeira; pois supor um progresso de causas ao infinito é não supor nenhum. Em uma palavra, qualquer movimento que não seja produzido por outro só pode vir de um ato espontâneo, voluntário; os corpos inanimados não agem senão pelo movimento e não há ação verdadeira sem vontade. Eis meu primeiro princípio. Acredito portanto que uma vontade move o universo e anima a natureza. Eis meu primeiro dogma, e meu primeiro artigo de fé.

Como uma vontade produz uma ação física e corporal? Não sei, mas sinto em mim que a produziu. Quero agir e ajo; quero mover meu corpo e meu corpo se move. Mas que um corpo inanimado e em repouso venha a mover-se sozinho ou produza o movimento, isto é incompreensível e sem exemplo. A vontade me é conhecida por seus atos, não por sua natureza. Conheço essa vontade como causa motriz; mas conceber a matéria produtora do movimento, é claramente conceber um efeito sem causa, é não conceber absolutamente nada.

Não me é mais possível conceber como minha vontade move meu corpo, do que como minhas sensações afetam minha alma. Nem sei porque um desses mistérios pareceu mais explicável do que outro. Quanto a mim, seja quando sou passivo, seja quando sou ativo, o meio de união das duas substâncias se me afigura absolutamente incompreensível. E é bastante estranho que se parta dessa incompreensibilidade mesma para confundir as duas substâncias, como se operações de natureza tão diferente se explicassem melhor num só sujeito do que em dois.

O dogma que acabo de estabelecer, é obscuro, é certo mas, enfim, ele oferece um sentido e nada tem que repugne à razão e à observação: pode-se dizer a mesma coisa do materialismo? Não está bem claro que se o movimento fosse essencial à matéria, dela seria inseparável, nela estaria sempre no mesmo grau, sempre o mesmo em cada porção de matéria e seria incomunicável, não poderia nem aumentar nem diminuir e não se poderia sequer conceber a matéria em repouso. Quando me dizem que o movimento não lhe é essencial e sim necessário, querem enganar-me com palavras que seriam mais fáceis de refutar se tivessem um pouco mais de sentido. Porquanto, ou o movimento da matéria vem dela própria, e então

lhe é essencial, ou lhe vem de uma causa estranha, não é necessária à matéria senão enquanto a causa motora age sobre ela: deparamos com a primeira dificuldade.

As idéias gerais e abstratas são a fonte dos maiores erros dos homens; nunca o jargão ~~da metafísica~~ fez que se descobrisse uma única verdade e esse jargão encheu a filosofia de absurdidades de que temos vergonha logo que as despojamos de sua ênfase. Dizei-me, amigo, se quando vos falam de uma força cega expandida por toda a natureza, levam alguma idéia verdadeira a vosso espírito. Acreditam dizer alguma coisa com estas palavras vagas *força universal, movimento necessário*, e não dizem coisa alguma. A idéia de movimento não é senão a idéia de transporte de um lugar para outro; não há movimento sem uma direção qualquer; porque um ser individual não poderia mover-se ao mesmo tempo em todos os sentidos. Em que sentido então a matéria se move necessariamente? Toda a matéria em corpo tem um movimento uniforme ou cada átomo tem seu movimento próprio? Segundo a primeira idéia o universo inteiro deve formar uma massa sólida e indivisível; de acordo com a segunda, deve formar apenas um fluido esparso e incoerente sem que seja jamais possível que dois átomos se reúnam. Em que direção se fará esse movimento comum de toda a matéria? Será em linha reta, para o alto, para baixo, para a direita ou para a esquerda? Se cada molécula de matéria tem sua direção particular, quais serão as causas de todas essas direções e de todas essas diferenças? Se cada átomo, ou molécula de matéria, não fizesse senão girar sobre seu próprio centro, nunca nada sairia de seu lugar e não haveria movimento comunicado; e ainda assim fora preciso que esse movimento circular fosse determinado em algum sentido. Dar à matéria o movimento por abstração é dizer palavras que não significam nada; e dar-lhe um movimento determinado é supor uma causa que o determine. Quanto mais multiplico as forças particulares, mais causas tenho a explicar, sem nunca encontrar um agente comum que as dirija. Longe de poder imaginar alguma ordem na multidão fortuita dos elementos, não posso sequer imaginar sua luta, e o caos do universo me é mais inconcebível do que a harmonia. Compreendo que o mecanismo do mundo possa não ser inteligível ao espírito humano; mas, quando um homem se mete a explicá-lo, deve dizer coisas que os homens entendam.

Se a matéria em movimento me mostra uma vontade, a matéria em movimento segundo certas leis mostra-me a uma inteligência: é meu segundo artigo de fé. Agir, comparar, escolher, são as operações de um ser ativo e pensante: logo esse ser existe. Onde o vedes existir? me direis. Não somente nos céus que giram, no astro que nos ilumina, não somente em mim mesmo, como também na ovelha que pasce, no pássaro que voa, na pedra que cai, na folha que o vento carrega.

Julgo a ordem do mundo, embora lhe ignore a finalidade, porque para julgar essa ordem basta comparar as partes entre si, estudar suas relações, observar sua harmonia. Ignoro porque o universo existe, mas não deixo de ver como é modificado; não deixo de perceber a correspondência íntima em virtude da qual os seres que o compõem se prestam auxílio mútuo. Sou como um homem que visse pela primeira vez um relógio aberto e não deixasse de admirar a obra, embora não conhecesse o uso da máquina e nem tivesse visto o mostrador. Não sei, diria, para que serve o conjunto; mas vejo que cada uma das peças é feita para as outras; admiro o artesão no pormenor de sua obra e tenho certeza de que todas estas engrenagens só funcionam juntas para um fim comum que me é impossível perceber.

Comparemos os fins particulares, os meios, as relações ordenadas de toda espécie, depois ouçamos o sentimento interior: que espírito sadio pode recusar-se a seu testemunho? A que olhos não prevenidos à ordem sensível do universo não anuncia uma suprema inteligência? E quantos sofismas não é preciso juntar para menosprezar a harmonia dos seres e a admirável contribuição de cada peça para a conservação das outras? Falem-me quanto quiserem de combinações e de possibilidades; que vos adianta reduzir-me ao silêncio se não podeis levar-me à persuasão? E como tirareis de mim o sentimento involuntário que sempre vos desmente, que o queira ou não? Se os corpos organizados se combinaram de mil maneiras fortuitamente, antes de adquirirem formas constantes, formaram-se primeiramente estômagos sem bocas, pés sem cabeças, mãos sem braços, órgãos imperfeitos de toda espécie, mortos por não poderem conservar-se. Por que nenhuma dessas tentativas informes não se apresenta mais aos nossos olhos? Por que a natureza prescreveu a si mesma leis a que de início não estava sujeita? Não deve surpreender-me que uma coisa aconteça quan-

do é possível e que a dificuldade do acontecimento é compensada pela quantidade de ações propulsoras; concordo. Entretanto, se me viessem dizer que caracteres tipográficos lançados ao acaso deram a *Eneida* já composta, não me dignaria sequer fazer alguma coisa para verificar a mentira. Vós me direis que esqueço a quantidade das ações propulsoras. Mas quantas eu teria de imaginar para tornar a operação verossímil? Para mim, que só vejo uma, posso apostar o infinito contra um que seu produto não é efeito do acaso. Acrescentai que combinações e acasos nunca darão senão produtos da mesma natureza que os elementos combinados, que a organização e a vida não resultarão de um jorro de átomos e que um químico combinando mistos não fará como que sintam e pensem em seu cadinho ²⁰.

Li com surpresa Nieuwetit, e quase com escândalo. Como pôde esse homem querer fazer um livro das maravilhas da natureza que mostram a sabedoria do seu autor? Ainda que seu livro fosse do tamanho do mundo, não esgotaria o assunto; e desde que se queira entrar em pormenores, a maior maravilha escapa, que é a harmonia, a concordância do todo. A simples geração dos corpos vivos e organizados é um abismo para o espírito humano; a barreira intransponível que a natureza colocou entre as diversas espécies, a fim de que não se confundissem, mostra suas intenções com toda evidência. Não se contentou com estabelecer a ordem, tomou medidas certas para que nada a pudesse perturbar.

Não há um ser no universo que não se possa, de algum ponto de vista, encarar como o centro comum de todos os outros, em volta do qual estes se ordenaram, de modo que todos

(20) Acreditar-se-ia, se não se tivesse prova, que a extravagância humana pode ser levada a este ponto? Amatus Lusitanus assegurava ter visto um homúnculo de uma polegada encerrado num vidro, que Julius Camillus, como um outro Prometeu, tinha feito pela ciência da alquimia. E Paracelso, *de Natura rerum*, ensina a maneira de produzir esses homúnculos e sustenta que os pigmeus, os faunos, os sátiros e as ninfas foram engendrados pela química. Não vejo muito bem que mais resta a fazer, para estabelecer a possibilidade de tais fatos, senão afirmar que a matéria orgânica resiste ao ardor do fogo e que as moléculas podem conservar-se vivas dentro de um forno incandescente.

são reciprocamente fins e meios, uns relativamente aos outros. O espírito confunde-se e se perde nessa infinidade de relações que não se confundem nem se perdem, entretanto, na multidão. Quantas absurdas suposições para deduzir toda essa harmonia do mecanismo cego da matéria movida fortuitamente! Os que negam a unidade de intenção que se manifesta nas relações de todas as partes do grande todo, podem cobrir à vontade seu palavrório de abstrações, de coordenações, de princípios gerais, de termos emblemáticos; façam o que fizerem, é-me impossível conceber um sistema de seres com tanta constância ordenados, sem conceber uma inteligência que os ordene. Não depende de mim acreditar que a matéria passiva e morta tenha podido produzir seres vivos e sensíveis, que uma fatalidade cega tenha podido produzir seres inteligentes, que o que não pensa tenha podido produzir seres que pensam.

Acredito portanto que o mundo é governado por uma vontade poderosa e sábia; eu o vejo, ou melhor, eu o sinto e é que me importa saber. Mas este mundo é eterno ou foi criado? Haverá um princípio único das coisas? Haverá dois ou muitos? E qual sua natureza? Não sei, e pouco me importa. Na medida em que esses conhecimentos se me tornem interessantes eu me esforçarei por adquiri-los; até lá renuncio a perguntas ociosas que podem inquietar meu amor-próprio, mas que são inúteis à minha conduta e superiores à minha razão.

Lembra-vos sempre de que não ensino meu sentimento, exponho-o. Que a matéria seja eterna ou criada, que haja ou não um princípio passivo, o fato é que tudo é um e anuncia uma inteligência única; porque não vejo nada que não seja ordenado no mesmo sistema, que não concorra para o mesmo fim, a saber, a conservação do todo na ordem estabelecida. Esse ser que quer e que pode, esse ser ativo por si mesmo, esse ser, enfim, qualquer que seja, que move o universo e ordena todas as coisas, eu chamo Deus. Junto a este nome as idéias de inteligência, de poder, de vontade, que reuni, e a de bondade que se constitui em consequência necessária; mas nem por isso conheço melhor o ser a quem dei tal nome; ele escapa igualmente a meus sentidos e a meu entendimento; quanto mais penso nisso, mais me confundo; tenho certeza de que existe e que existe por si mesmo; sei que minha existência está subordinada à dele e que todas as coisas que conheço se encontram absolutamente no mesmo caso. Percebo Deus por toda parte em suas obras;

sinto-o em mim, vejo-o ao redor de mim; mas logo que quero contemplá-lo em si mesmo, logo que quero procurar onde se acha, o que é, qual sua substância, ele me escapa e meu espírito perturbado não percebe mais nada.

Compenetrado de minha insuficiência, nunca raciocinarei acerca da natureza de Deus, senão em sendo forçado pelo sentimento de suas relações comigo. Esses raciocínios são sempre temerários, um homem prudente a eles não se deve entregar senão com temor e certo de que não é feito para aprofundá-los: pois o que há de mais injurioso para a Divindade não é não pensar nela e sim pensar errado a seu respeito.

Depois de ter descoberto seus atributos pelos quais concebo minha existência, volto a mim e procuro saber que lugar ocupo na ordem das coisas que ela governa e que posso examinar. Encontro-me incontestavelmente no primeiro em virtude de minha espécie; pois, pela minha vontade e pelos instrumentos em meu poder para executá-la, tenho mais força para agir sobre todos os corpos que me cercam, para aceitá-los ou escapar-lhes segundo me agrada, do que nenhum deles para agir sobre mim unicamente por seu impulso físico; e, por minha inteligência, sou o único que tenha inspeção sobre o todo. Que ser, nesta terra, à exceção do homem, sabe observar todos os outros, medir, calcular, prever seus movimentos, seus efeitos e juntar, por assim dizer, o sentimento da existência comum ao de sua existência individual? Que há de ridículo em pensar que tudo é feito para mim, se sou o único que sabe tudo relacionar consigo mesmo?

É certo portanto que o homem é o rei da terra em que habita; não somente doma todos os animais, não somente dispõe dos elementos com sua indústria, como é o único na terra que sabe deles dispor e ainda por cima ele se apropria, pela contemplação, dos próprios astros de que não pode aproximar-se. Que me mostrem outro animal na terra capaz de fazer uso do fogo, capaz de admirar o sol. Então, eu posso observar, conhecer os seres e suas relações? Posso sentir o que é ordem, beleza, virtude, posso contemplar o universo, elevar-me à mão que o governa, posso amar o bem e fazê-lo, e me compararia aos bichos? Alma abjeta, é tua triste filosofia que te torna semelhante a eles: ou antes, tu queres em vão aviltar-te, teu gênio depõe contra teus princípios, teu coração bondoso des-

mente tua doutrina e o próprio abuso de tuas faculdades prova sua excelência a despeito de ti.

Para mim, que não tenho sistema a defender, eu, homem simples e verdadeiro, que o furor de nenhum partido arrasta e não aspiro a ser chefe de seita, eu que me contento com o lugar que Deus me deu, não vejo nada, depois d'ele, melhor do que minha espécie; e se me coubesse escolher meu lugar na ordem dos seres, que poderia escolher a mais do que ser homem?

Esta reflexão me orgulha menos do que me comove; pois tal condição não é de minha escolha nem foi devida a um ser que ainda não existia. Posso ver-me assim distinguido, sem me felicitar pelo posto honroso e sem abençoar a mão que nele me colocou? De meu primeiro exame interior nasce em meu coração um sentimento de reconhecimento e amor pelo autor de minha espécie, e desse sentimento minha primeira veneração pela Divindade benfeitora. Adoro o poder supremo e entorneço-me com suas mercês. Não preciso que me ensinem este culto, ele me é ditado pela própria natureza. Não é uma consequência natural do amor a si, honrar o que nos protege, e amar o que nos quer bem?

Mas quando, para conhecer depois meu lugar individual, dentro da minha espécie, considero os diversos lugares e os homens que os ocupam, que acontece? Que espetáculo! Onde a ordem que observara? O quadro da natureza só me oferecia harmonia e proporções, o do gênero humano não me oferece senão confusão e desordem! A concordância reina entre os animais, os homens estão no caos! Os animais são felizes, só seu rei é miserável! Ó sabedoria, onde tuas leis? Ó Providência, é assim que reges o mundo? Ser de bondade, que aconteceu com teu poder? Vejo o mal sobre a terra.

Acreditaríeis, meu bom amigo, que dessas tristes reflexões, dessas contradições aparentes, se formaram em meu espírito as sublimes idéias da alma, que não tinham até então resultado de minhas pesquisas? Meditando sobre a natureza dos homens, acreditei descobrir nela dois princípios distintos, um dos quais a elevava ao estudo das verdades eternas, ao amor à justiça e ao belo moral, às regiões do mundo intelectual cuja contemplação faz as delícias do sábio, e outro que o diminuía baixamente dentro de si, escravizava-o ao império dos sentidos, às

paixões que são seus ministros e contrariava, através delas, tudo o que lhe inspirava o sentimento do primeiro. Sentindo-me arrastado, combatido por esses dois movimentos contrários, eu me dizia: não, o homem não é um: quero e não quero, sinto-me ao mesmo tempo escravo e livre; vejo o bem, amo-o e faço o mal; sou ativo quando ouço a razão, passivo quando minhas paixões me dominam; e meu pior tormento, quando sucumbo, é sentir que podia resistir.

Jovem, ouvi com confiança, serei sempre de boa-fé. Se a consciência é obra dos preconceitos, estou errado sem dúvida e não há moral demonstrada; mas, se se preferir a tudo, é um pendor natural do homem, e se no entanto o primeiro sentimento da justiça é inato no coração humano, que quem faz do homem um ser simples suprima essas contradições, e eu só reconheço então uma substância.

Vós observareis que, com esta palavra *substância*, entendo em geral o ser dotado de alguma qualidade primitiva, abstração feita de todas as modificações particulares ou secundárias. Se, portanto, todas as qualidades primitivas que nos são conhecidas podem reunir-se em um mesmo ser, só se deve admitir uma substância; mas se as há que se excluem mutuamente, há tantas substâncias diversas quanto as exclusões semelhantes que se possam fazer. Refletireis sobre isto; quanto a mim, diga Locke o que quiser, só preciso conhecer a matéria como estendida e divisível para ter certeza de que não pode pensar; e quando um filósofo me vier dizer que as árvores sentem e as pedras pensam, por mais que procure confundir-me com argumentos sutis, não poderei ver nele senão um sofista de má fé que prefere dar o sentimento às pedras do que ceder uma alma ao homem ²¹.

(21) Parece-me que, longe de dizer que os rochedos pensam, a filosofia moderna descobriu, ao contrário, que os homens não pensam. Ela só conhece seres sensíveis na natureza e toda a diferença que encontra entre um homem e uma pedra é que o homem é um ser sensitivo que tem sensações e a pedra um ser sensitivo que não as tem. Mas se é verdade que toda matéria sinta, onde conceberia a unidade sensitiva ou o eu individual? Será em cada unidade de matéria ou em corpos agregativos? Colocarei igualmente essa unidade nos fluidos e nos sólidos, nos mistos ou nos elementos? Há somente, dizem, indivíduos na natureza! Mas quais são esses indivíduos? Uma pedra é

Suponhamos um surdo que nega a existência dos sons, porque nunca lhe impressionaram o ouvido. Ponho sob seus olhos um instrumento de cordas cujo unísono faço soar mediante outro instrumento escondido. O surdo vê vibrar a corda. Eu lhe digo: é o som que faz isto. De jeito nenhum, diz ele, a causa do frêmito da corda está nela mesma; é uma qualidade comum a todos os corpos tremerem assim. Mostrei-me então, respondo, esses frêmitos em outros corpos ou, ao menos, sua causa nessa corda. Não o posso, replica o surdo, mas como não concebo como freme esta corda, por que devo explicar com vossos sons, de que não tenho a menor idéia? É explicar um fato obscuro por uma causa ainda mais obscura. Ou me tornareis vossos sons sensíveis, ou digo que eles não existem.

Quanto mais penso no pensamento e na natureza do espírito humano mais acho que o raciocínio dos materialistas se assemelha ao deste surdo. Eles são surdos com efeito à voz interior que lhes grita em tom difícil de menosprezar: uma máquina não pensa, não há nem movimento nem figura que produza a reflexão: alguma coisa em ti procura quebrar os laços que a comprimem; o espaço não é tua medida, o universo inteiro não é bastante grande para ti; teus sentimentos, teus desejos, tua inquietude, teu orgulho mesmo, têm outro princípio que este corpo estreito em que te sentes acorrentado.

um indivíduo ou uma agregação de indivíduos? É um só ser sensitivo ou contém tantos seres quanto grãos de areia? Se cada átomo elementar é um ser sensitivo, como conceberei essa íntima comunicação pela qual um se sente no outro, de modo que seus dois *eus* se confundem num? A atração pode ser uma lei da natureza, cujo mistério nos é desconhecido; mas concebemos que a atração, agindo segundo as massas, nada tem de incompatível com a extensão e a divisibilidade. Concebeis a mesma coisa do sentimento? As partes sensíveis são estendidas, mas o ser sensitivo é invisível e um; não se divide, é inteiro ou nulo; o ser sensitivo não tem portanto um corpo. Não sei como o entendem nossos materialistas, mas parece-me que as mesmas dificuldades que lhes fizeram rejeitar o pensamento deveriam também fazer-lhes rejeitar o sentimento; e não vejo porque, tendo dado o primeiro passo, não dariam também o outro; que lhes custaria a mais? E se estão seguros de que não pensam como ousam afirmar que sentem?

Nenhum ser material é ativo por si mesmo, e eu o sou. Por mais que discutam isto eu o sinto e este sentimento que me fala é mais forte do que a razão que o combate. Tenho um corpo sobre o qual os outros agem e que age sobre eles; esta ação recíproca não é duvidosa; mas minha vontade é independente de meus sentidos; consinto ou resisto, sucumbo ou sou vencedor e sinto perfeitamente em mim mesmo quando faço o que quis fazer ou quando não faço senão ceder a minhas paixões. Tenho sempre o poder de querer, não a força de executar. Quando me entrego às tentações, ajo segundo o impulso dos objetos externos. Quando me censuro essa fraqueza, não ouço senão minha vontade; sou escravo de meus vícios e livre quanto a meus remorsos; o sentimento de minha liberdade só se apaga em mim quando me depravo e impeço enfim a voz da alma de erguer-se contra a lei do corpo.

Só conheço a vontade pelo sentimento da minha e o entendimento não me é mais conhecido. Quando me perguntam qual é a causa que determina minha vontade, eu me pergunto qual a causa que determina meu julgamento: porque é claro que essas duas causas não são senão uma; e se se compreende bem que o homem é ativo em seus julgamentos, que seu entendimento não é senão o poder de comparar e julgar, vê-se que seu orgulho é apenas um poder semelhante ou derivado daquele; escolhe o bom como julgou o verdadeiro; se julga errado, escolhe o mal. Qual a causa então que determina sua vontade? Sua faculdade inteligente, seu poder de julgar; a causa determinante está em si mesmo. Além disto não entendo mais nada.

Por certo não tenho a liberdade de não querer meu próprio bem, nem de querer meu mal; mas minha liberdade consiste nisto mesmo que só posso querer o que me é conveniente ou o que julgo conveniente, sem que nada de estranho a mim o determine. Deve-se deduzir que não sou meu senhor por não ser senhor de querer ser outro?

O princípio de toda ação está na vontade de um ser livre; não se pode ir além disto. Não é a palavra liberdade que não significa nada, é a palavra necessidade. Imaginar um ato qualquer, ou um efeito, que não derive de um princípio ativo, é realmente supor efeitos sem causa, é cair num círculo vicioso. Ou não há primeiro impulso, ou todo primeiro impulso não

tem causa anterior, e não há verdadeira vontade sem liberdade. O homem é portanto livre em suas ações e, como tal, animado por uma substância imaterial: eis meu terceiro artigo de fé. Desses três primeiros deduziteis todos os outros, sem que os continue a contar.

Se o homem é ativo e livre, ele age por si mesmo; tudo o que faz livremente não entra no sistema ordenado da Providência e a esta não pode ser imputado. Ela não quer o mal que o homem faz, abusando da liberdade que ela lhe dá; mas ela não o impede de fazê-lo, ou porque da parte de um ser tão fraco esse mal seja nulo a seus olhos, ou porque não o pôde impedir sem perturbar a liberdade d'ele e fazer um mal maior degradando-lhe a natureza. Ela o quis livre, a fim de que fizesse, não o mal, mas o bem de vontade própria. Ela o pôs em condições de fazer esta escolha usando bem das faculdades com que o dotou; mas de tal modo limitou-lhe as forças, que o abuso da liberdade que lhe permite não pode perturbar a ordem geral. O mal que o homem faz recai n'ele sem nada mudar no sistema do mundo, sem impedir que a espécie humana ela própria se conserve apesar dele. Observar que Deus não o impede de fazer o mal, é revoltar-se contra Deus a ter feito de natureza excelente, contra ele ter posto nas ações dela a moralidade que as enobrece, contra êle lhe ter dado direito à virtude. A suprema satisfação está em se achar contente consigo mesmo; é para merecer essa satisfação que somos postos na terra e dotados da liberdade, que somos tentados pelas paixões e contidos pela consciência. Que podia mais em nosso favor o poder divino? Podia pôr contradição em nossa natureza e dar prêmio por ter feito bem a quem não teria o poder de fazer mal? Então, para impedir o homem de ser mau fora preciso limitá-lo ao instinto e fazê-lo estúpido? Não, Deus de minha alma, nunca te censurarei tê-la feito à tua imagem, a fim de que eu possa ser livre, bom e feliz como tu.

É o abuso de nossas faculdades que nos torna infelizes e maus. Nossas tristezas, nossas preocupações, nossas penas vêm de nós. O mal moral é incontestavelmente nossa obra, e o mal físico nada seria sem nossos vícios que no-lo tornaram sensível. Não é para nos conservar que a natureza nos faz sentir nossas necessidades? A dor do corpo não é um sinal de que a máquina se perturba e uma advertência para atendermos a isso? A morte... Não envenenam os maus sua vida e a

nossa? Quem desejaria viver sempre? A morte é o remédio para os males que vós vos fazeis; a natureza quis que não sofresseis sempre. Como o homem vivendo na simplicidade primitiva é sujeito a poucos males! Vive quase sem doenças, quase sem paixões, e não prevê nem sente a morte; quando a sente, suas misérias lha tornam desejável; e então não é mais um mal para ele. Se nos contentássemos com sermos o que somos, não deploraríamos nossa sorte; mas para procurar um bem-estar imaginário, damo-nos mil males reais. Quem não sabe suportar um pouco de sofrimento, deve esperar sofrer muito. Quando se estragou sua constituição através de uma vida desregrada, quer-se restabelecê-la com remédios; ao mal que se sente, acrescenta-se o que se teme; a previsão da morte torna-a horrível e a acelera; quanto mais se quer fugir dela, mais se a sente; e morre-se de pavor durante toda a vida murmurando contra a natureza dos males adquiridos em a ofendendo.

Homem, não procures mais o autor do mal; és tu mesmo esse autor. Não existe outro mal senão o que fazes ou sofres, e um e outro te vêm de ti. O mal geral não pode estar senão na desordem, e eu vejo no sistema do mundo uma ordem que não se desmente nunca. O mal particular não está senão no sentimento do ser que sofre; e este sentimento o homem não o recebeu da natureza, ele o criou. A dor age pouco sobre quem, tendo pouco refletido, não tem nem lembrança nem previsão. Ponde de lado nossos tristes progressos, ponde de lado nossos erros, ponde de lado a obra do homem e tudo estará certo.

Onde tudo está certo, nada é injusto. A justiça é inseparável da bondade; ora, a bondade é o efeito necessário de um poder sem limites e do amor a si mesmo, essencial a todo ser que sente. Quem pode tudo amplia sua existência com a dos outros seres. Produzir e conservar são o ato perpétuo do poder; este não age sobre o que não é. Deus não é o Deus dos mortos, não poderia ser mau e destruidor sem se prejudicar. Quem pode tudo não pode querer senão o que é bem²². Logo

(22) Quando os antigos chamavam *optimus maximus* ao Deus supremo, falavam certo; mas dizendo *maximus optimus* teriam falado com mais exatidão, pois que sua bondade vem de seu poder: ele é bom porque é grande.

o Ser soberanamente bom, porque é todo-poderoso, deve ser também soberanamente justo, sem o que se contradiria; pois o amor da ordem que o produz chama-se *bondade*, e o amor da ordem que o conserva chama-se *justiça*.

Deus, dizem, não deve nada a suas criaturas. Eu creio que ele lhes deve tudo o que lhes prometeu dando-lhes o ser. Ora, é prometer-lhes um bem, dar-lhes a idéia desse bem e fazer com que sintam a necessidade dele. Quanto mais me volto para mim, quanto mais me consulto, mais leio estas palavras escritas em minha alma: *Sê justo e serás feliz*. Não é o que ocorre, entretanto, a julgar pelo estado presente das coisas; o mau prospera e o justo permanece oprimido. Vede também de que indignação somos tomados quando essa espera é frustrada! A consciência revolta-se e murmura contra seu autor; grita-lhe gemendo: enganaste-me!

Enganei-te, temerário! E quem te disse? Está tua alma aniquilada? Deixaste de existir? Ó Brutus, meu filho, não manches tua nobre vida em a terminando; não jogues tua esperança e tua glória juntamente com teu corpo nos campos de Philippes. Porque dizes: *a virtude não é nada*, quando vais gozar o prêmio da tua? Vais morrer, pensas: não, vais viver e é então que cumprirei tudo o que te prometi.

Dir-se-ia, pelos murmúrios dos mortais impacientes, que Deus lhes deve a recompensa antes do mérito, e que obrigado a pagar-lhes a virtude de antemão. Ora, sejamos bons primeiramente e depois seremos felizes. Não exijamos o prêmio antes da vitória, nem o salário antes do trabalho. Não é na liça, dizia Plutarco, que os vencedores de nossos torneios são coroados, é depois de tê-la percorrido.

Se a alma é imaterial, pode sobreviver ao corpo; e se sobrevive a ele, a Providência está justificada. Se não tivesse outra prova da imaterialidade da alma senão o triunfo do mau e a opressão do justo neste mundo, já essa me impediria de duvidar. Uma tão chocante dissonância na harmonia universal me levaria a procurar resolvê-la. Eu me diria: tudo não acaba para nós com a vida, tudo volta à ordem com a morte. Sentiria em verdade o embaraço de me perguntar onde está o homem, quando tudo o que tinha de sensível é destruído. Essa questão não é mais uma dificuldade para mim quando admito duas substâncias. É muito natural que, durante minha vida

corporal, nada percebendo senão através de meus sentidos, o que a estes não se acha sujeito me escape. Quando a união do corpo e da alma é rompida, concebo que um pode dissolver-se e a outra conservar-se. Porque a destruição de um acarretaria a destruição da outra? Ao contrário, sendo de naturezas tão diferentes, estavam, com sua união, sendo violentados. E quando essa união cessa, voltam os dois a seu estado natural: a substância ativa e viva recupera toda a força que empregava para mover a substância passiva e morta. Ai de mim, sinto-o muito bem por meus vícios, o homem só vive por metade durante sua vida, e a vida da alma só começa com a morte do corpo.

Mas que vida é essa? E a alma é imortal por sua natureza? Minha inteligência limitada nada pode conceber que não tenha limites; tudo a que chamam infinito me escapa. Que posso negar, afirmar? Que raciocínios posso fazer acerca do que não concebo? Acredito que a alma sobrevive ao corpo o bastante para a manutenção da ordem: quem sabe se é o bastante para durar sempre? Entretanto, concebo como o corpo se usa e se destrói pela divisão das partes; mas não posso conceber semelhante destruição do ser pensante; e, não imaginando como pode morrer, presumo que não morre. E desde que esta presunção me consola e não é absurda, porque recearia entregar-me a ela?

Sinto minha alma, conheço-a pelo sentimento e pelo pensamento, sei que é, sem saber qual seja sua essência; não posso raciocinar sobre idéias que não tenho. O que eu sei bem é que a identidade do *eu* só se prolonga pela memória e que, para ser o mesmo, efetivamente, é preciso que me lembre de ter sido. Ora, eu não poderia lembrar-me, depois da morte, do que fui durante a vida, sem que me lembre também do que senti, por conseguinte do que fiz; e não duvido que essa recordação faça um dia a felicidade dos bons e o tormento dos maus. Neste mundo, mil paixões ardentes absorvem o sentimento interior e substituem-se aos remorsos. As humilhações, as desgraças que o exercício das virtudes acarreta, impedem de sentir-lhes os encantos. Mas quando, libertados das ilusões que nos dão o corpo e os sentidos, gozarmos da contemplação do Ser supremo e das verdades eternas de que é a fonte, quando a beleza da ordem impressionar todas as forças de nossa alma, e quando estivermos ocupados unicamente com com-

parar o que fizemos com o que deveríamos ter feito, então a voz da consciência recuperará sua força e seu império, então a volúpia pura, que nasce da satisfação consigo mesmo, e a lamentação amarga de nos termos envilecido, distinguirão por sentimentos inesgotáveis a sorte que cada um de nós terá preparado. Não pergunteis, meu bom amigo, se haverá outras fontes de felicidade e de penas; basta as que imagino para me consolar desta vida e fazer-me esperar outra. Não digo que os bons serão recompensados, pois que outro bem pode esperar um ser excelente senão o de existir segundo sua natureza? Mas digo que serão felizes, porque seu autor, o autor de toda justiça, tendo-os feito sensíveis, não os fez para sofrerem; e que não tendo abusado de sua liberdade na terra, não enganaram seu destino por sua culpa: sofreram entretanto nesta vida e serão indenizados numa outra. Este sentimento é menos baseado no mérito do homem que na noção de bondade que se me afigura inseparável da essência divina. Não faço senão supor observadas as leis da ordem, e Deus fiel a si mesmo ²³.

Não me pergunteis tampouco se os tormentos dos maus serão eternos; ignoro-o ainda e não tenho a vã curiosidade de esclarecer questões inúteis. Que me importa o que acontecerá com os maus? Tenho pouco interesse em sua sorte. Contudo custa-me crer que serão condenados a tormentos sem fim. Se a suprema justiça se vinga, vinga-se nesta vida. Vós e vossos erros, ó nações, sois seus ministros. Ela emprega os males que vós fazeis em punir os crimes que os acarretaram. É em vossos corações instáveis, corroídos de inveja, de avareza e de ambição, que no seio de vossas falsas prosperidades as paixões vingadoras punem vossas perversidades. Que necessidade tem de inventar o inferno na outra vida? Ele está já nesta, no coração dos maus.

Onde acabam nossas necessidades perecíveis, onde terminam nossos desejos insensatos devem cessar também nossas paixões e nossos crimes. De que perversidade puros espíritos seriam suscetíveis? Não tendo necessidade de nada, por que

(23) Não por nós, não por nós, Senhor,
Mas por teu nome, mas por tua própria honra,
Ó Deus, faz-nos reviver!

(Salmos, 115)

seriam maus? Se, destituídos de nossos sentidos grosseiros, toda a sua felicidade está na contemplação dos seres, não podem querer senão o bem; e quem deixa de ser mau pode permanecer miserável para sempre? Eis o que tenho inclinação para acreditar, sem dar-me ao trabalho de decidir a respeito. Ó Ser clemente e bom, quaisquer que sejam teus decretos, eu os adoro; se punes os maus esqueço minha fraca razão ante tua justiça. Mas se os remorsos desses infortunados devem extinguir-se com o tempo, se seus males devem acabar, se a mesma paz nos espera todos um dia, eu te louvo. Não é o mau meu irmão? Quantas vezes tentei assemelhar-me a ele! Que, libertado de sua miséria, ele perca também a malignidade que o acompanha; que seja feliz como eu: longe de excitar ciúme, sua felicidade aumentará a minha, tão-somente.

Foi assim que, contemplando Deus em suas obras, e estudando-o pelos atributos que me importava conhecer, cheguei a estender e ampliar paulatinamente a idéia, de início imperfeita e limitada, que eu tinha desse ser imenso. Mas se essa idéia se tornou mais nobre e maior, também se fez menos proporcionada à razão humana. Na medida em que me aproximo em espírito da luz eterna, seu brilho me ofusca, me perturba, e sou forçado a abandonar todas as noções terrestres que me ajudavam a imaginá-la. Deus não é mais corporal e sensível; a suprema Inteligência que rege o mundo não é mais o próprio mundo: elevo e canso em vão meu espírito para conceber sua essência. Quando penso que é ela que dá a vida e a atividade à substância viva e ativa que rege os corpos animados; quando ouço dizerem que minha alma é espiritual e que Deus é um espírito, eu me indigno contra esse aviltamento da essência divina; como se Deus e minha alma fossem da mesma natureza; como se Deus não fosse o único ser absoluto, o único verdadeiramente ativo, sentindo, pensando, querendo por si mesmo, e de quem recebemos o pensamento, o sentimento, a atividade, a vontade, a liberdade, o ser! Só somos livres porque ele quer que o sejamos, e sua substância inexplicável está para nossas almas, como nossas almas estão para nossos corpos. Se criou a matéria, os corpos, os espíritos, o mundo, não sei. A idéia de criação me confunde e me ultrapassa: nela acredito na medida em que a posso conceber; mas sei que ele formou o universo e tudo que existe, que tudo fez, tudo ordenou. Deus é eterno, sem dúvida; mas pode meu espírito abarcar a idéia

de eternidade? Por que me iludir com palavras sem idéia? O que concebo é que ele é antes das coisas, que será enquanto elas subsistirem e ainda seria além, se tudo devesse acabar um dia. Se um ser que não concebo dá existência a outros seres, isso é apenas obscuro e incompreensível; mas que o ser e o nada se convertem de si mesmos um no outro, é uma contradição palpável, uma obscuridade clara.

Deus é inteligente; mas como o é? O homem é inteligente quando raciocina, e a suprema Inteligência não precisa raciocinar; não há para ela nem premissas nem conseqüências, não há sequer proposição: ela é puramente intuitiva, vê igualmente tudo o que é e tudo o que pode ser; todas as verdades não são para ela senão uma só idéia, como todos os lugares um só ponto e todos os tempos um só momento. O poder humano age por meios, o poder divino age por si mesmo. Deus pode porque quer; sua vontade faz seu poder. Deus é bom; nada é mais evidente: mas a bondade no homem é o amor a seus semelhantes e a bondade de Deus é o amor à ordem; porque é pela ordem que ele mantém o que existe e liga cada parte ao todo. Deus é justo; estou convencido disso, é uma conseqüência de sua bondade; a injustiça dos homens é sua própria obra e não dele; a desordem moral que depõe contra a Providência aos olhos dos filósofos, não faz senão a demonstrar aos meus. Mas a justiça dos homens é de devolver a cada um o que lhe pertence e a justiça de Deus é de pedir a cada um que preste contas do que ele lhe deu.

Se chego a descobrir sucessivamente esses atributos de que não tenho nenhuma idéia absoluta, é através de conseqüências forçadas, é pelo bom emprego de minha razão; mas os afirmo sem os entender e, no fundo, é não afirmar nada. Por mais que diga Deus é assim, eu o sinto, eu o provo a mim mesmo, não chego a compreender melhor como Deus pode ser assim.

Finalmente, quanto mais me esforço por contemplar sua essência infinita, menos a concebo; mas ela é, isto me basta; quanto menos a concebo, mais a adoro. Eu me humilho e lhe digo: Ser dos seres, eu sou porque tu és; é remontar a minha fonte meditar sem cessar sobre ti. O mais digno emprego de minha razão está em me aniquilar diante de ti: é o enlevo de meu espírito, é o encanto de minha fraqueza, sentir-me esmagado por tua grandeza.

Depois de ter assim deduzido, da impressão dos objetos sensíveis e do sentimento interior que me induz a julgar as causas segundo minhas luzes naturais, as principais verdades que me importava conhecer, resta-me procurar que máximas devo tirar disso para minha conduta e que regras devo prescrever-me para realizar meu destino na terra, segundo a intenção de quem nela me colocou. Sempre seguindo meu método, não tiro essas regras dos princípios de uma alta filosofia, mas as encontro no fundo de meu coração escritas pela natureza em caracteres indeléveis. Basta consultar-me acerca do que quero fazer: tudo o que sinto ser bem é bem, tudo o que sinto ser mal é mal: o melhor de todos os casuístas é a consciência. E é somente quando negociamos com ela que recorremos às sutilezas do raciocínio. O primeiro de todos os cuidados é o de si mesmo; no entanto quantas vezes a voz interior nos diz que fazendo nosso bem a expensas de outrem fazemos o mal! Acreditamos seguir o impulso da natureza e lhe resistimos; ouvindo o que diz a nossos sentidos, desprezamos o que diz a nossos corações; o ser ativo obedece, o passivo comanda. A consciência é a voz da alma, as paixões são a voz do corpo. Será de espantar que ^{amante}maíude essas vozes se contradigam? E que linguagem cumpre então ouvir? Vêzes demais a razão nos engana, temos mais do que o direito de recusá-la; mas a consciência não engana nunca; ela é o verdadeiro guia do homem: está para a alma como o instinto para o corpo²⁴; quem a se-

(24) A filosofia moderna, que só admite o que explica, evita admitir esta obscura faculdade chamada instinto, que parece guiar, sem nenhum conhecimento adquirido, os animais para algum fim. O instinto, segundo um dos nossos mais sábios filósofos (Condillac) não passa de um hábito privado de reflexão, mas adquirido refletindo; e pela maneira por que explica este progresso, deve-se concluir que as crianças refletem mais do que os homens; paradoxo bastante estranho para que valha a pena ser examinado. Sem entrar aqui nessa discussão, pergunto que nome devo dar ao ardor com que meu cão faz guerra às toupeiras que não come, à paciência com que as espreita horas inteiras, à habilidade com que as pega e as joga fora da terra quando aparecem, e as mata em seguida para as largar no lugar, sem que ninguém o tenha instruído nessa caça, nem lhe tenha ensinado que havia toupeiras ali. Pergunto ainda, e isto é mais importante, porque, da primeira vez que ameacei esse mesmo cão, ele se pôs de costas no chão, patas dobradas, numa atitude suplicante, a

que obedece à natureza e não receia perder-se. Este ponto é importante, continuou meu benfeitor, vendo que eu ia interrompê-lo: deixai que eu me detenha um pouco mais em esclarecê-lo.

Toda a moralidade de nossas ações está no julgamento que temos de nós mesmos. Se é verdade que o bem seja bem, é preciso que se ache no fundo de nossos corações como em nossas obras, e a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos. Se a bondade moral está de conformidade com a nossa natureza, o homem não pode ser são de espírito nem bem constituído senão na medida em que é bom. Se não o é, e o homem é naturalmente mau, não o pode deixar de ser sem se corromper, e a bondade não passa nele de um vício contra a natureza. Feito para prejudicar seus semelhantes, como o lobo para esganar sua presa, um homem humano seria um animal tão depravado quanto um lobo piedoso; e somente a virtude nos deixaria remorsos.

Reflitamos, meu jovem amigo. Examinemos, pondo de lado qualquer interesse pessoal, a que nos levam nossas inclinações. Que espetáculo nos agrada mais, o dos tormentos ou o da felicidade alheia? Que nos é mais agradável fazer, e nos deixa uma impressão mais confortadora por o ter feito, um benefício ou um ato de maldade? Por quem vos interessais em vossos teatros? São os crimes que vos dão prazer? São os autores punidos que vos arrancam lágrimas? Tudo nos é indiferente, dizem, à exceção de nosso interesse; mas, ao contrário, as doçuras da amizade, da humanidade, consolam-nos em nossas penas: e mesmo em nossos prazeres, nós nos sentiríamos de-

mais suscetível de me comover; postura que por certo não teria conservado se, sem me deixar impressionar, eu o houvesse batido. Como, meu cão ainda pequenino, como que acabando de nascer, já adquirira idéias morais! Sabia o que eram clemência e generosidade? Com que conhecimentos adquiridos esperava acalmar-me em se entregando assim a minha discricção? Todos os cães do mundo fazem mais ou menos a mesma coisa no mesmo caso, e nada digo aqui que não possa ser verificado. Que os filósofos que rejeitam tão desdenhosamente o instinto, expliquem a coisa unicamente pelo jôgo das sensações e dos conhecimentos que elas nos fazem adquirir; que a expliquem de uma maneira satisfatória para qualquer homem sensato; então não terei mais nada a dizer e não falarei mais de instinto.

masiado sós, demasiado miseráveis se não tivéssemos com quem os partilhar. Se não há nada de moral no coração do homem, de onde lhe vêm êsses transportes de admiração pelas ações heróicas, êsses arroubos de amor pelas grandes almas? Esse entusiasmo da virtude, que relação tem com nosso interêsse particular? Por que desejaria ser Catão rasgando as entranhas, de preferência a César triunfante? Tirai de nossos corações esse amor ao belo e tirareis todo o encanto da vida. Aquele cujas vis paixões abafaram em sua alma estreita êsses sentimentos deliciosos; aquele que, à força de se concentrar em si, chega a não amar senão a si mesmo, não tem mais transportes, seu coração gelado não palpita mais de alegria; uma doce ternura não umedece mais seus olhos; não aprecia mais nada; o infeliz não sente mais, não vive mais; já está morto.

Mas, por grande que seja o número dos maus na terra, há poucas almas tornadas insensíveis, fora de seu interesse, a tudo o que é justo e bom. A iniquidade só satisfaz na medida em que nos aproveitamos dela; no restante ela quer que o inocente seja protegido. Se vemos na rua ou num caminho qualquer um ato de violência e de injustiça, de imediato um movimento de cólera e indignação se ergue do fundo de nosso coração e nos leva a tomar a defesa do oprimido: mas um dever mais forte nos retém, e as leis nos tiram o direito de proteger a inocência. Ao contrário, se presenciemos algum ato de clemência ou de generosidade, que admiração, que amor nos inspira! Quem não se diz: gostaria de fazer o mesmo? Importa-nos certamente muito pouco que um homem tenha sido mau ou justo há dois mil anos; e no entanto o mesmo interesse nos afeta na história antiga, tal qual se tudo se passasse em nossos dias. Que me importam os crimes de Catilina? Tenho medo de ser sua vítima? Por que então tenho dele o mesmo horror que teria se fosse meu contemporâneo? Nós não odiamos os maus apenas porque nos prejudicam, odiamo-los porque são maus. Não somente queremos ser felizes, como queremos a felicidade alheia, e quando essa felicidade não custa nada à nossa, ela a aumenta. Temos enfim, independentemente de nossa vontade, piedade dos desgraçados; quando somos testemunhas de seu mal, sofremos. Os mais perversos não podem perder inteiramente esta tendência que, amiúde, os põe em contradição consigo mesmos. O ladrão que despoja os transeun-

tes ainda é capaz de cobrir a nudez do pobre; e o mais feroz dos assassinos ampara um homem que desfalece.

Fala-se do grito dos remorsos, que pune em segredo os crimes ocultos e os põe tantas vezes em evidência. Em verdade, quem dentre nós não ouviu nunca essa voz importuna? Falamos por experiência; e desejaríamos abafar esse sentimento tirânico que nos dá tanto tormento. Obedeçamos à natureza, e veremos com que doçura ela reina, e que encanto encontramos, depois de a ter escusado, em darmos um bom testemunho de nós mesmos. O mau teme a si próprio e de si foge; alivia-se jogando-se fora de si; deita em derredor olhares inquietos e busca um objeto que o distraia; sem a sátira amarga, sem a zombaria insultante, estaria sempre triste; o riso de escárnio é seu único prazer. Ao contrário, a serenidade do justo é interior; seu riso não tem maldade e sim alegria; carrega-lhe a fonte em si mesmo; está tão alegre sozinho como numa roda; não tira seu consentimento dos que se aproximam dele, e sim lhos comunica.

Deitai os olhos em todas as nações do mundo, percorrei todas as histórias. Em meio a tantos cultos inumanos, e estranhos, em meio a essa prodigiosa diversidade de costumes e de caracteres, encontrareis por toda parte as mesmas idéias de justiça e de honestidade, as mesmas noções do bem e do mal. O antigo paganismo engendrou deuses abomináveis, que teríamos punido aqui como celerados, e que só ofereciam para quadro da felicidade supremos crimes a se cometerem e paixões a se satisfazerem. Mas o vício, armado de uma autoridade sagrada, descia em vão de seu ambiente eterno, o instinto moral rejeitava-o do coração dos humanos. Celebrando as orgias de Júpiter, admirava-se a continência de Xenocrates; a casta Lucrécia adorava a impudica Vênus; o intrépido Romano sacrificava ao Medo; invocava o deus que mutilou seu pai e morria sem murmurar nas mãos do dele; as mais desprezíveis divindades foram servidas pelos maiores homens. A santa voz da natureza, mais forte que a dos deuses, fazia-se respeitar na terra, e parecia relegar ao céu o crime com os culpados.

Há portanto no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude de acordo com o qual, apesar de nossas próprias máximas, julgamos boas ou más nossas ações e as alheias e é a esse princípio que chamo consciência.

Mas ante esta palavra ouço esguer-se de toda parte o clamor dos pretensos sábios: erros da infância, preconceitos da educação, exclamam em coro. Nada existe no espírito humano que não tenha sido introduzido pela experiência e nada julgamos senão segundo idéias adquiridas. Eles vão além: ousam negar essa harmonia evidente e universal de tôdas as nações; e, contra a incontestável uniformidade do julgamento dos homens, vão procurar nas trevas algum exemplo obscuro e só deles conhecido; como se tôdas as tendências da natureza fôsem aniquiladas pela depravação de um povo e que, em havendo monstros, a espécie nada mais significasse. Mas que adianta o céptico Montaigne atormentar-se para desterrar em um recanto do mundo um costume oposto às noções da justiça? Que lhe adianta dar aos viajantes mais suspeitos a autoridade que recusa aos escritores mais célebres? Alguns usos incertos e estranhos baseados em causas locais que nos são desconhecidas, destruirão a indução geral tirada do concerto de todos os povos, opostos em tudo o mais, e de acôrdo nesse único ponto? Ó Montaigne, tu que te vanglorias de franqueza e de verdade, sê sincero e verdadeiro, se é que um filósofo o pode ser, e diz-me se existe algum país na terra onde seja um crime manter sua palavra, ser clemente, amigo de fazer o bem, generoso; onde o homem de bem seja desprezível, e o pérfido honrado.

+ Todos, dizem, contribuem para o bem público por interesse próprio. Mas de onde vem que o justo contribua em seu prejuízo? Que significa ir à morte por interesse próprio? Não há dúvida de que ninguém age senão para seu bem; mas se há um bem moral que se deve ter em conta, só se explicarão pelo interesse próprio as ações dos maus. É mesmo de se acreditar que ninguém tentará ir mais longe. Seria uma filosofia demasiado abominável aquela em que nos veríamos embaraçados com as ações virtuosas; aquela em que só encontraríamos solução opondo-lhes intenções baixas e motivos sem virtude; aquela em que seríamos forçados a rebaixar Sócrates e caluniar Régulo. Se jamais semelhantes doutrinas pudessem germinar entre nós, a voz da natureza, bem como a da razão, se ergueriam incessantemente contra elas e não deixariam nunca a um só de seus adeptos a desculpa da boa fé.

Minha intenção não é entrar aqui em discussões metafísicas, fora do meu alcance e do vosso e que, no fundo, não con-

duzem a nada. Já vos disse que não queria filosofar convosco e sim ajudar-vos a consultar vosso coração. Ainda que todos os filósofos provem que estou errado, se sentirdes que tenho razão, estarei satisfeito.

Basta para isso fazer-vos distinguir nossas idéias adquiridas de nossos sentimentos naturais, porque sentimos antes de conhecermos. E como não aprendemos a querer nosso bem e a fugir de nosso mal e recebemos essa vontade da natureza, o amor ao bom e o ódio ao mau nos são tão naturais quanto o amor a nós mesmos. Os atos da consciência não são julgamentos e sim sentimentos. Embora todas as nossas idéias nos venham de fora, os sentimentos que as apreciam estão dentro de nós e é unicamente por eles que conhecemos a conveniência ou a inconveniência que existe entre nós e as coisas que devemos respeitar ou evitar.

Existir para nós é sentir. Nossa sensibilidade é incontavelmente anterior a nossa inteligência, e tivemos sentimentos antes de idéias²⁵. Qualquer que seja a causa de nosso ser, ela proveu a nossa conservação, dando-nos sentimentos convenientes à nossa natureza; e não há como duvidar de que pelo menos esses sejam inatos. Esses sentimentos, quanto ao indivíduo, são o amor a si mesmo, o medo da dor, o horror à morte, o desejo de bem-estar. Mas se, como não se pode pôr em dúvida, o homem é sociável por sua natureza, ou ao menos feito para sê-lo, ele só o pode ser através de outros sentimentos inatos, relativos à sua espécie; pois, em se considerando unicamente a necessidade física, ela deve certamente dispersar os homens ao invés de aproximá-los. Ora, é do sistema moral formado por essa dupla relação consigo mesmo e com suas relações com seus semelhantes que nasce o impulso da consciência. Conhecer o bem não é amá-lo: o homem não tem o conhe-

(25) A certos respeito, as idéias são sentimentos e os sentimentos são idéias. Os dois nome convêm a toda percepção que nos ocupa, e de seu objeto e de nós mesmos por ela afetados: só a ordem desta afetação determina o nome que lhe convém. Quando ocupados com o objeto, só pensamos em nós por reflexão, é uma idéia; ao contrário, quando a impressão recebida excita nossa primeira atenção, e que não pensamos senão por reflexão ao objeto que a causa, é um sentimento.

cimento inato dele, mas logo que sua razão o faz conhecer, sua consciência o leva a amá-lo: este sentimento é que é inato.

Não creio pois, meu amigo, que seja impossível explicar por conseqüências de nossa natureza o princípio imediato da consciência, indepedente da própria razão. E se isso fosse impossível, não seria contudo necessário: porque, desde que os que negam esse princípio admitido e reconhecido por todo o gênero humano, não provam que não existe e contentam-se com o afirmar; quando afirmamos que ele existe temos base tão sólidas quanto eles e temos, a mais, o sentimento interior, e a voz da consciência que depõe a favor dela própria. Se as primeiras luzes do julgamento nos ofuscam e confundem de início os objetos a nossos olhos, esperemos que estes se reabram, se afirmem; e dentro em breve reveremos esses mesmos objetos às luzes da razão, tais como no-los mostrava a princípio a natureza. Ou melhor, sejamos mais simples e menos vãos; limitemo-nos aos primeiros sentimentos que encontramos em nós mesmos, posto que é sempre a eles que o estudo nos traz de volta quando não nos desvia do caminho.

Consciência! Consciência! instinto divino, voz celeste e imortal; guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre; juiz infalível do bem e do mal, que tornas o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti nada sinto em mim que me eleve acima dos bichos, a não ser o triste privilégio de me perder de erro em erro com a ajuda de um entendimento sem regra e de uma razão sem princípios.

Graças aos céus, eis-nos libertados de qualquer pavoroso sistema de filosofia: podemos ser homens sem sermos sábios; dispensados de consumir nossa vida no estudo da moral, temos por menor preço um guia mais seguro no labirinto imenso das opiniões humanas. Mas não basta que esse guia exista, é preciso saber reconhecê-lo e segui-lo. Se fala a todos os corações por que então tão poucos entendem? É porque fala a língua da natureza que tudo nos leva a esquecer. A consciência é tímida, ama o retiro e a paz; o mundo e o ruído assustam-na: os preconceitos de que a fizeram nascer são seus mais cruéis inimigos; ela foge ou se extingue diante deles: a voz barulhenta destes abafa a dela e a impede de se fazer ouvir; o fanatismo ousa contrariá-la, e ditar o crime em nome dela. Ela

se cansa enfim à força de ser molestada: não nos fala mais, não nos responde mais e, depois de tão longo desprezo por ela, custa tanto chamá-la de volta quanto custou bani-la.

Quantas vezes me cansei em minhas pesquisas da frieza que sentia em mim! Quantas vezes a tristeza e o tédio, vertendo seu veneno em minhas primeiras meditações, as tornaram insuportáveis! Meu coração árido não dava senão um zelo languesciente e morno ao amor à verdade. Eu me dizia: por que me atormentar em procurar o que não é? O bem moral não passa de uma quimera; não há nada de bom senão os prazeres dos sentidos. E quando se perdeu uma vez o gosto pelos prazeres da alma, como é difícil recuperá-lo! E como é mais difícil ainda adquiri-lo quando nunca se o teve! Se existisse um homem bastante miserável para nada ter feito na vida, cuja recordação o tornasse contente de si mesmo e satisfeito com ter vivido, esse homem seria incapaz de se conhecer; e por não sentir que a bondade convém à sua natureza permaneceria mau forçosamente e seria eternamente infeliz. Mas acreditais que haja na terra inteira um homem bastante depravado para nunca ter entregue seu coração à tentação de fazer o bem? Essa tentação é tão natural e tão doce, que é impossível resistir-lhe sempre; e a lembrança do prazer que provocou uma vez basta para lembrá-la sem cessar. Infelizmente ela é, a princípio, penosa. Temos mil e uma razões para desobedecermos à inclinação de nosso coração; a falsa prudência encerra-a dentro dos limites do *eu* humano; mil esforços de coragem são necessários para ousar transpô-los. Comprazer-se em fazer bem é o prêmio de ter feito bem, e tal prêmio só se obtém depois de o ter merecido. Nada é mais amável do que a virtude; mas é preciso gozar dela para assim a achar. Quando a queremos abraçar, semelhante ao Proteu da fábula, ela assume de início mil formas assustadoras, e não se mostra enfim, com a sua, senão aos que não desistiram.

Combatido sem cessar por meus sentimentos naturais que falavam em prol do interesse comum, e por minha razão que tudo ligava a mim, teria hesitado durante toda a minha vida ante essa contínua alternativa, fazendo o mal, amando o bem, e sempre contrário a mim mesmo, se novas luzes não houvessem iluminado meu coração, se a verdade que fixou minhas opiniões não tivesse assegurado minha conduta e me posto de acordo comigo mesmo. Por mais que se queira estabelecer a verdade

unicamente pela razão, que base sólida se lhe pode dar? A virtude, dizem, é o amor à ordem. Mas esse amor pode e deve ser mais forte em mim que o de meu bem-estar? Que me dêem uma razão clara e bastante para preferi-lo. No fundo, seu pretenso princípio é um simples jogo de palavras; pois, digo eu também que o vício é o amor à ordem, tomado em sentido diferente. Há alguma ordem moral por toda parte onde haja sentimento e inteligência. A diferença está em que o bom se ordena em relação ao todo e o mau ordena o todo em relação a si. Este faz-se o centro de todas as coisas; o outro mede seu raio e mantém-se na circunferência. Então é ordenado em relação ao centro comum, que é Deus, e em relação a todos os círculos concêntricos, que são as criaturas. Se a Divindade não existe, só o mau raciocina, o bom é um insensato.

Ó meu filho, possais sentir um dia de que peso nos aliviámos, quando, depois de ter esgotado a vaidade das opiniões humanas e experimentado a amargura das paixões, encontramos afinal perto de nós o caminho da sabedoria, e a fonte da felicidade que não mais esperávamos! Todos os deveres da lei natural, quase apagados em meu coração pela injustiça dos homens, nele se retraçam em nome da eterna justiça que nos impõe e que os vê desempenhar. Não vejo mais em mim senão a obra e o instrumento do grande Ser que quer o bem, que o faz, que fará o meu com a ajuda de minhas vontades às dele e o bom emprego de minha liberdade; aquiesço à ordem que ele estabelece, certo de gozar eu mesmo um dia dessa ordem e de nela encontrar minha felicidade, pois que mais doce felicidade haverá senão a de se sentir ordenado dentro de um sistema em que tudo é bem? Prêsa da dor, suporto-a com paciência, lembrando que é passageira e vem de um corpo que não é meu. Se faço uma boa ação sem testemunha, sei que é vista, e levo em conta para a outra vida a minha conduta nesta. Sofrendo uma injustiça, digo-me: o Ser justo que tudo rege saberá compensar-me; as necessidades do corpo, as misérias da vida tornam a idéia da morte mais suportável. Tantos laços a menos que caberá romper na hora de tudo deixar!

Por que minha alma se acha submetida a meus sentidos e acorrentada a um corpo que a escraviza e a incomoda? Não sei: posso entender os segredos de Deus? Mas posso sem

temeridade formar modestas conjecturas. Digo-me: se o espírito do homem tivesse permanecido livre e puro, que mérito teria emanar e seguir a ordem que veria estabelecida e que não teria nenhum interesse em perturbar? Seria feliz, é verdade; mas faltaria à sua felicidade o degrau mais sublime, a glória da virtude e o bom testemunho de si; seria apenas como os anjos; e sem dúvida o homem virtuoso será mais do que eles. Unida a um corpo mortal por laços não menos fortes do que incompreensíveis, o cuidado da conservação desse corpo excita a alma a tudo relacionar a ele, e dá-lhe um interesse contrário à ordem geral que é, entretanto, capaz de ver e amar; é então que o bom emprego de sua liberdade se torna a um tempo o mérito e a recompensa, e que ela se prepara uma felicidade inalterável combatendo suas paixões terrestres e mantendo-se na sua vontade primeira.

Se, mesmo no estado de aviltamento em que estamos nesta vida, todas as nossas primeiras inclinações são legítimas, se todos os nossos vícios nos vêm de nós, por que nos queixamos de ser subjugados por eles? Porque censuramos ao autor das coisas os males que fazemos e os inimigos que granjeamos contra nós mesmos? Não estraguemos o homem; ele será sempre bom sem penas e sempre feliz sem remorsos. Os culpados que se dizem forçados ao crime são tão mentirosos quanto os maus: como não vêem que a fraqueza de que se queixam é sua própria obra? Que sua primeira depravação vem de sua vontade; que à força de querer ceder a suas tentações, cedem ao fim independentemente de sua vontade e as tornam irresistíveis? Sem dúvida não depende mais deles não serem maus e fracos, mas dependeu deles assim não se tornarem. Como permaneceríamos facilmente mestres de nós e de nossas paixões, mesmo durante esta vida, se, quando nossos hábitos ainda não se acham adquiridos, quando nosso espírito começa a abrir-se, soubéssemos ocupá-lo com os objetos que deve conhecer para apreciar os que não conhece; e como o permaneceríamos se quiséssemos sinceramente nos esclarecer, não para brilharmos aos olhos dos outros, mas para sermos bons e sábios segundo a natureza, para nos tornarmos felizes praticando nossos deveres! Esse estudo nos parece aborrecido e penoso, porque só pensamos nele quando já corrompidos pelo vício, quando já entregues a nossas paixões. Fixamos nossos julgamentos e nossa esti-

ma antes de conhecer o bem e o mal; e depois, tudo relacionando com essa medida, a nada damos seu justo valor.

Há uma idade em que o coração, livre ainda, mas ardente, inquieto, ávido da felicidade que não conhece, a procura com uma curiosa incerteza, e, enganado pelos sentidos, fixa-se enfim na sua vã imagem e pensa encontrá-la onde ela não está. Essas ilusões duraram demasiado para mim. Infelizmente eu as conheci tarde demais e não as pude destruir totalmente: durarão tanto quanto o corpo mortal que as causa. Entretanto, se muito me seduzem, não me iludem; conheço-as exatamente como são; seguindo-as, eu as desprezo; longe de ver nelas o objeto de minha felicidade, nelas vejo o obstáculo. Aspiro ao momento em que, libertado das peias do corpo, serei *eu* sem contradições, sem partilha, e não precisarei senão de mim para ser feliz; entretanto, eu o sou nesta vida porque subestimo os males, e a encaro como quase estranha a meu ser, e considero que todo o verdadeiro bem que dela posso tirar depende de mim.

Para me elevar de antemão e quanto possível a esse estado de felicidade, exercito-me nas sublimes contemplações. Medito sobre a ordem do universo, não para explicá-la mediante vãos sistemas, mas para admirá-la sem cessar, para adorar o sábio autor que nela se faz sentir. Converso com ele, introduzo em todas as minhas faculdades sua divina essência; entorneço-me com suas mercês, abençoo-as por seus dons; mas nada lhe peço. Que lhe pediria? Que mudasse para mim o curso das coisas, que fizesse milagres para mim? Eu que devo amar acima de tudo a ordem estabelecida por sua sabedoria e mantido por sua providência, desejaria que essa ordem fosse perturbada para mim? Não, esse desejo temerário mereceria mais ser punido do que atendido. Não lhe peço tampouco o poder de fazer o bem: por que lhe pedir o que me deu? Não me deu ele a consciência para amar o bem, a razão para conhecê-lo, a liberdade para escolhê-lo? Se faço o mal, não tenho desculpa; faço-o porque quero: pedir-lhe para mudar minha vontade é pedir-lhe o que ele me pede; é querer que execute minha obra e eu receba o salário; não estar contente com minha condição é não querer mais ser homem, é querer outra coisa fora do que é, é querer a desordem e o mal. Fonte de justiça e de verdade, Deus clemente e bom! na minha confiança em ti, o supremo desejo de meu coração é que tua vontade seja feita. A

ela juntando a minha, faço o que fazes, aquiesço a tua bondade; creio compartilhar de antemão a felicidade suprema, que é o prêmio dela.

Na justa desconfiança de mim mesmo, a única coisa que lhe peço, ou melhor, que espero de sua justiça, é de corrigir meu erro se me perco e se esse erro é perigoso para mim. Por ser de boa-fé não me creio infalível: minhas opiniões mais verdadeiras a meu ver talvez sejam mentiras, pois qual o homem que não se apega às suas? E quantos homens estão de acordo em tudo? Só ele pode curar-me da ilusão que me engana. Fiz o que pude para alcançar a verdade; mas sua fonte está alta demais; quando me faltam forças para ir mais longe, de que posso ser culpado? Cabe a ela aproximar-se.

O bom padre falara com veemência; estava comovido, e eu também. Eu acreditava ouvir o divino Orfeu cantar os primeiros hinos e ensinar aos homens o culto dos deuses. Entretanto, eu via multidão de objeções: não fiz nenhuma, porque eram menos sólidas do que embaraçosas e que a persuasão estava com ele. Na medida em que me falava segundo sua consciência, a minha parecia confirmar-me o que ele me dizia.

Os sentimentos que acabais de expor-me, disse-lhe, parecem-me mais novos pelo que confessais ignorar do que pelo no que dizeis acreditar. Vejo neles, com pequenas diferenças, o ateísmo ou a religião natural que os cristãos se inclinam a confundir com o ateísmo ou a irreligião, doutrina diretamente oposta. Mas no estado atual de minha fé, tenho mais a remontar do que a descer para adotar vossas opiniões, e acho difícil situar-me no ponto em que vos encontrais, a menos de ser tão sábio quanto vós. Para ser ao menos tão sincero, quero discutir comigo mesmo. É o sentimento interior que deve conduzir-me a vosso exemplo. e vós mesmo me ensinastes que, depois de lhe ter imposto silêncio durante muito tempo, chamá-lo de volta não é coisa de um momento. Levo vossas palavras dentro de meu coração, preciso meditá-las. Se, depois de me ter bem consultado, me sentir tão convencido quanto vós, sereis meu último apóstolo e eu serei vosso prosélito até a morte. Continuai entretanto a instruir-me, não me dissesseis senão a metade do que devo saber. Falai-me da revelação, das escrituras, desses dogmas obscuros entre os quais vou errando desde a infância, sem os poder conceber nem neles acreditar, sem saber admiti-los nem rejeitá-los.

Sim, meu filho, disse ele abraçando-me, acabarei de dizer o que penso; não quero abrir-vos meu coração pela metade: mas o desejo que me demonstraís era necessário para autorizar-me a não ter nenhuma reserva convosco. Nada vos disse até aqui que não acreditasse poder ser-vos útil e de que eu não estivesse intimamente persuadido. O exame que me resta fazer é bem diferente; só vejo nele embaraço, mistério, obscuridade; não tenho senão incerteza e desconfiança. Só me resolvo tremendo e digo-vos antes minhas dúvidas que minhas opiniões. Se vossos sentimentos fôsem mais estáveis, eu hesitaria em vos expor os meus; mas no estado em que vos encontraís, ganhareís em pensar como eu ²⁶. De resto, não deis a meus discursos senão a autoridade da razão; ignoro se laboro em erro. É difícil, quando se discute, não empregar às vezes o tom afirmativo; mas lembrai-vos de que aqui tôdas as minhas afirmações não são senão razões de duvidar. Procurai a verdade vós mesmo: eu não prometo senão boa-fé.

Vedes na minha exposição unicamente a religião natural; é estranho que se faça necessário outra. De que maneira conhecerei essa necessidade? De que posso ser culpado servindo Deus segundo as luzes que dá a meu espírito e segundo os sentimentos que inspira a meu coração? Que pureza de moral, que dogma útil ao homem e honroso para seu autor, posso tirar de uma doutrina positiva que não possa tirar, sem ela, do bom emprêgo de minhas faculdades? Mostrai-me o que se pode acrescentar, para a glória de Deus, para o bem da sociedade e minha própria vantagem, aos deveres da lei natural, e que virtude fareis nascer de um novo culto, que não seja consequência do meu. As maiores idéias da divindade vêm-nos pela razão somente. Vede o espetáculo da natureza, ouvi a voz interior. Não disse Deus tudo a nossos olhos, a nossa consciência, a nosso julgamento? Que nos dirão a mais os homens? Suas revelações não fazem senão degradar Deus, dando-lhe as paixões humanas. Longe de esclarecer as noções do grande Ser, vejo que os dogmas particulares as embrulham; que longe de as enobrecer, elles as aviltam; que aos mistérios inconcebíveis que o cercam acrescentam contradições

(26) Eis, creio o que o bom vigário poderia dizer agora ao público.

absurdas; que tornam o homem orgulhoso, intolerante, cruel; que longe de estabelecer a paz na terra, nela introduzem o ferro e o fogo. Pergunto-me para que tudo isso, sem saber responder. Só vejo nisso os crimes dos homens e as misérias do gênero humano.

Dizem-me que era preciso uma revelação para ensinar aos homens a maneira pela qual Deus queria ser servido; apontam como prova a diversidade dos cultos estranhos que instituíram e não vêem que essa diversidade provém da fantasia das revelações. A partir do momento em que os povos pensaram em fazer Deus falar, cada qual o fez falar a seu modo e dizer o que queria que dissesse. Se só se tivesse escutado o que Deus diz ao coração do homem, nunca tivera havido mais do que uma religião na terra.

Era preciso um culto uniforme; concordo; mas era este ponto tão importante que exigisse todo o aparelhamento da potência divina para estabelecê-lo? Não confundamos cerimonial da religião com a religião. O culto que Deus pede é o do coração e este, quando sincero, é sempre uniforme. É de uma vaidade maluca imaginar que Deus se interesse tanto pela forma da vestimenta do padre, pela ordem das palavras que ele pronuncia, pelos gestos que faz no altar, por todas as suas genuflexões. Sim, meu amigo, por mais que queiras alçar-te, sempre permanecerás bastante perto da terra. Deus quer ser adorado em espírito e em verdade: este dever é de todas as religiões, de todos os países, de todos os homens. Quanto ao culto exterior, se deve ser uniforme para a boa ordem das coisas, é questão puramente de polícia; não é preciso revelação para isso.

Não comecei por todas estas reflexões. Levado pelos preconceitos da educação e por esse perigoso amor-próprio que quer sempre erguer o homem acima de sua esfera, não podendo elevar minhas frágeis concepções até ao grande Ser, esforcei-me por rebaixá-lo a mim. Encurtava as relações infinitamente longínquas que ele pôs entre sua natureza e a minha. Queria comunicações mais imediatas, instruções mais particulares; e não contente com fazer Deus semelhante ao homem, para ser privilegiado eu mesmo entre meus semelhantes, eu queria luzes sobrenaturais; queria um culto exclusivo; queria que Deus me houvesse dito o que não dissera a outros, ou o que outros não teriam entendido como eu.

Encarando o ponto a que eu chegara como o ponto comum de que partiam todos os crentes para chegar a um culto mais esclarecido, não encontrava nos dogmas da religião natural senão os elementos de qualquer religião. Eu considerava essa diversidade de seitas que reinam sobre a terra e que se acusam mutuamente de mentira e de erro; eu me perguntava: *qual a boa?* Cada qual me respondia: a minha. Cada qual dizia: só eu e meus partidários pensamos certo; todos os outros erram. *E como sabeis que vossa seita é a boa?* Porque Deus o disse²⁷. E quem vos disse que Deus o disse? Meu pastor que o sabe muito bem. Meu pastor disse-me de acreditar assim e assim acredito: ele assegura-me que todos os que dizem de outra maneira mentem e eu não os escuto.

Como, eu pensava, não é a verdade uma só? e o que é verdade para mim pode ser falso para vós? Se o método de quem segue o bom caminho e o de quem se perde é o mesmo, que mérito tem ou que erro comete um mais do que outro? Sua escolha é efeito do acaso; imputar-lha é iniquidade, é recompensar ou punir por ter nascido em tal ou qual país. Ousar dizer que Deus nos julga assim é ultrajar sua justiça.

Ou todas as religiões são boas e agradáveis a Deus, ou, se há alguma que ele prescreva aos homens e os castigue por desconhecer-lha, ele lhe deu sinais certos e manifestos para ser distinguida e conhecida como a única verdadeira. Esses si-

(27) "Todos, diz um bom e sábio padre, afirmam que a recebem e nela crêem (todos empregam o mesmo jargão) e não a recebem dos homens nem de nenhuma criatura e sim de Deus.

"Mas em verdade, sem nada embelezar nem mascarar, isso não é verdade; as religiões, digam o que disserem, são mantidas por mãos e meios humanos; testemunha-o primeiramente a maneira pela qual as religiões foram recebidas no mundo e o são ainda todos os dias pelos particulares: a nação, o país, o lugar dão a religião: somos daquela que é do lugar onde nascemos e fomos educados: somos circuncisos, batizados, judeus, maometanos, cristãos, antes de sabermos que somos homens; a religião não é de nossa escolha e eleição: testemunha-o, depois, a vida e os costumes tão mal conformes à religião; testemunha-o irmãos, em certas ocasiões humanas, contra o conteúdo de nossa religião". CHARRON, *De la Segesse*, liv. II cap. V, pág. 257.

Há grande aparência de que a profissão de fé sincera do virtuoso teólogo de Condom não teria sido muito diferente da do vigário saboiano.

nais são de todos os tempos e de todos os lugares, igualmente sensíveis a todos os homens, grandes e pequenos, sábios e ignorantes, europeus, índios, africanos, selvagens. Se houvesse uma religião na terra, fora da qual só houvesse pena eterna, e que em qualquer lugar do mundo um só mortal de boa-fé não fosse impressionado por sua evidência, o Deus dessa religião seria o mais iníquo e o mais cruel dos tiranos.

Procuramos então sinceramente a verdade? Não concedamos nada ao direito do berço nem à autoridade dos pais e dos pastores mas submetamos ao exame da consciência e da razão tudo o que nos ensinaram desde a infância. Podem gritar-me: submete tua razão; o mesmo pode dizer-me quem me engana: preciso de razões para submeter minha razão.

Toda a teologia que posso adquirir de mim mesmo pela inspeção do universo, e pelo bom emprego de minhas faculdades, limita-se ao que vos expliquei aqui. Para saber mais cumpre recorrer a meios extraordinários. Tais meios não podem ser a autoridade dos homens, porquanto, nenhum homem sendo de espécie diferente da minha, tudo o que um homem conhece naturalmente eu também o posso conhecer, e outro homem pode enganar-se tanto quanto eu; quando acredito no que diz, não é porque o diz e sim porque o prova. O testemunho dos homens não é portanto senão o de minha própria razão e nada acrescenta aos meios naturais de conhecer a verdade, que Deus me deu.

Apóstolo da verdade, que tendes a dizer-me que eu não seja senhor de julgar? Deus ele próprio falou; escutai sua revelação. É outra coisa. Deus falou! Eis, por certo, uma coisa muito séria. E a quem falou ele? Falou aos homens. Então por que nada ouvi? Encarregou outros homens de comunicar-vos sua palavra. Compreendo! São homens que vão dizer-me o que Deus disse. Teria preferido ter ouvido Deus ele próprio; não lhe houvera custado mais. E eu teria ficado ao abrigo da sedução. Ele vo-la assegura tornando manifesta a missão de seus enviados. Como assim? Por meio de prodígios. E onde estão tais prodígios? Nos livros. E quem fez tais livros? Homens. E quem viu esses prodígios? Homens que os atestam. Como, sempre testemunhos humanos! Sempre homens que me dizem o que outros homens disseram! Quantos homens entre mim e Deus! Vejamos entretanto, com-

paremos, verifiquemos. Ah, se Deus tivesse desdenhado dispensar-me de todo esse trabalho, tê-lo-ia servido com menos boa vontade?

Considerai, meu amigo, em que horrível discussão vos fiz entrar; de que imensa erudição preciso para remontar à mais remota antiguidade, para examinar, pesar, confrontar as profecias, as revelações, os fatos, todos os monumentos de fé propostos em todos os países do mundo, assinalar-lhes os tempos, os lugares, os autores, as ocasiões! Que acuidade crítica me é necessária para distinguir as peças autênticas das supostas; para comparar as objeções às respostas, as traduções aos originais; para julgar da imparcialidade dos testemunhos, de seu bom senso, de suas luzes; para saber se não suprimiram nada, se nada acrescentaram, transpuseram, modificaram, falsificaram; para apagar as contradições restantes, para julgar que peso deve ter o silêncio dos adversários nos fatos alegados contra eles; e se tais alegações foram de seu conhecimento; se as tiveram suficientemente em conta para se dignarem responder; se os livros eram assaz comuns para que os nossos lhes chegassem às mãos; se fomos de suficiente boa-fé para permitir aos deles circularem entre nós e deixarem nesses livros suas mais fortes objeções tal como foram feitas.

Reconhecidos todos esses monumentos como incontestáveis, cumpre passar às provas da missão de seus autores; cumpre saber as leis dos destinos, as probabilidades eventuais, para julgar que predição não pode ocorrer sem milagre; o gênio das línguas originais para distinguir o que é predição nessas línguas do que é imagem oratória; que fatos estão na ordem da natureza e que outros fatos não estão; para dizer até que ponto um homem hábil pode fascinar os olhos dos simples, pode até espantar as pessoas esclarecidas; buscar saber de que espécie deve ser um prodígio, e que autenticidade deve ter, não somente para ser acreditado como também para que se seja merecedor de punição por duvidar dele; comparar as provas dos verdadeiros e dos falsos prodígios e encontrar as regras seguras de discerni-los; dizer enfim porque Deus escolhe, para atestar sua palavra, meios que têm eles próprios tanta necessidade de atestação, como se brincasse com a credulidade dos homens e evitasse propositadamente os verdadeiros meios de os persuadir.

Suponhamos que a majestade divina se digne rebaixar-se bastante para tornar um homem o órgão de suas vontades sagradas; é razoável, é justo exigir que todo o gênero humano obedeça à voz desse ministro sem revelar que tenha tal qualidade? Haverá equidade em só lhe dar, como credenciais, alguns sinais particulares feitos diante de gente obscura e de que os demais homens nada saberão a não ser por ouvir dizer? Por toda parte no mundo, se concordássemos em achar verdadeiros todos os prodígios que o povo e os simples dizem ter visto, qualquer seita seria a boa; haveria mais prodígios que acontecimentos naturais, e o maior de todos os milagres seria que onde se vissem fanáticos perseguidos, não houvesse milagres. É a ordem inalterável da natureza que mais bem mostra a sábia mão que a rege; se se verificassem muitas exceções, eu não saberia que pensar e, quanto a mim, acredito demasiado em Deus para acreditar em tantos milagres tão pouco dignos dele.

Que um homem assim nos fale: Mortais, eu vos anuncio a vontade do Altíssimo; reconhecei em minha voz quem me envia; ordeno ao sol que mude de curso, às estrelas que formem outro concerto, às montanhas que se achatem, às águas que se elevem, à terra que tome outro aspecto. Ante tais maravilhas quem não reconhecerá de imediato o senhor da natureza! Ela não obedece aos impostores; seus milagres se fazem nas encruzilhadas, nos desertos, nos quartos; e aí é que encontram facilmente um pequeno número de espectadores dispostos de antemão a tudo acreditar. Quem ousará dizer-me quantas testemunhas oculares são necessárias para tornar um prodígio digno de fé? Se vossos milagres, feitos para provarem vossa doutrina, precisam eles próprios ser provados, para que servem? Era melhor não fazê-los.

Resta enfim o exame mais importante na doutrina anunciada; pois, como os que dizem que Deus faz na terra milagres pretendem que o diabo os imita às vezes, mesmo com os prodígios mais atestados não estamos mais adiantados do que antes; e como os magos do Faraó ousavam, até em presença de Moisés, fazer os mesmos sinais que ele fazia por ordem expressa de Deus, por que, na ausência dele, não teriam ao mesmo título tido a mesma autoridade? Assim, portanto, depois de ter provado a doutrina pelo milagre, é preciso provar o milagre

pela doutrina²⁸, de medo de tomar a obra do demônio pela obra de Deus. Que pensais desta petição de princípios?

Essa doutrina, vindo de Deus, deve apresentar o caráter sagrado da Divindade; não somente deve esclarecer as idéias confusas que o raciocínio traça em nosso espírito, como também nos propor um culto, uma moral e máximas convenientes aos atributos pelos quais concebemos sua essência. Se, pois, ela não nos ensinasse senão coisas absurdas, se não nos inspirasse senão sentimentos de aversão por nossos semelhantes e de medo de nós mesmos, se não nos pintasse senão um Deus colérico, ciumento, vingativo, parcial, odiando os homens, um Deus da guerra e dos combates, sempre disposto a fulminar, sempre falando de tormentos, de castigos e vangloriando-se de punir até os inocentes, meu coração não seria atraído para esse Deus terrível e eu evitaria abandonar a religião natural para adotar essa, pois bem vedes que seria imprescindível optar. Vosso Deus não é o nosso, diria a esses sectários. Quem começa por escolher um só povo e proscrever o resto do gênero humano, não é o pai comum dos homens; quem destina ao suplício eterno a maior parte de suas criaturas, não é o Deus clemente e bom que minha razão me mostrou.

(28) Isto é formal em mil textos das Escrituras, entre outros no *Deuteronomio*, capítulo XIII, onde está dito que, se um profeta, anunciando deuses estrangeiros, confirma seus discursos com prodígios e o que prediz acontece, longe de levar o fato em consideração, cumpre condenar à morte o profeta. Quando portanto os pagãos condenavam à morte os apóstolos anunciando-lhes um deus estrangeiro, e provando sua missão com predições e milagres, não vejo que objetar-lhes que não pudessem retorquir contra nós. Que fazer então em tais casos? Uma única coisa: retornar ao raciocínio e deixar de lado os milagres. Melhor fora não recorrer a eles. É isso do mais simples bom senso, que só se obscurece à força de distinções muito sutis. Sutilezas no cristianismo! Mas então Jesus Cristo fez mal em prometer o reino dos céus aos simples; fez mal então em começar o mais belo de seus sermões felicitando os pobres de espírito, em sendo preciso tanto espírito para entender sua doutrina e aprender a acreditar nele. Quando me provardes que devo submeter-me, tudo irá bem; mas para me provar isso colocai-vos a meu alcance; medi vossos raciocínios pela capacidade de um pobre de espírito, ou não reconhecerei mais em vós o verdadeiro discípulo de vosso senhor, e não será sua doutrina que me anunciareis.

Em relação aos dogmas, ela diz que devem ser claros, luminosos, impressionantes por sua evidência. Se a religião natural é insuficiente, é pela obscuridade que deixa nas grandes verdades que nos ensina: cabe à revelação ensinar-nos essas verdades de uma maneira sensível ao espírito do homem, pô-las a seu alcance, fazê-lo concebê-las a fim de que nelas acredite. A fé se afirma pelo entendimento; a melhor de todas as religiões é infalivelmente a mais clara: quem sobrecarrega de mistérios, de contradições o culto que me prega, ensina-me a desconfiar dele. O Deus que adoro não é um Deus de trevas, não me deu um entendimento para proibir-me o uso: dizer-me que submeta minha razão é ultrajar seu autor. O ministro da verdade não tiraniza minha razão, ilumina-a.

Pusemos de lado toda autoridade humana; e sem ela não posso ver como um homem pode convencer outro pregando uma doutrina insensata. Ponhamos esses dois homens em face um do outro e vejamos o que poderão dizer nessa aspereza de linguagem comum aos dois partidos.

O INSPIRADO

A razão vos ensina que o todo é maior do que sua parte; eu vos ensino, da parte de Deus, que a parte é maior do que o todo.

O ARGUMENTADOR

E quem sois para ousar dizer-me que Deus se contradiz e em quem acreditarei de preferência, nele que me ensina pela razão as verdades eternas, ou em vós que me anunciais de sua parte um absurdo?

O INSPIRADO

Em mim, pois minha instrução é mais positiva; e vou provar-vos indiscutivelmente que é ele quem me envia.

O ARGUMENTADOR

Como? Provareis que Deus é quem vos envia depor contra ele? E de que gênero serão vossas provas para me convencer que é mais certo Deus falar por vossa boca do que pelo entendimento que me deu?

O INSPIRADO

O entendimento que vos deu! Homem pequeno e vão! Como se fosseis o primeiro ímpio que se perde na sua razão corrompida pelo pecado!

O ARGUMENTADOR

Homem de Deus, não seríeis tampouco o primeiro velhaco que dá sua arrogância como prova de sua missão.

O INSPIRADO

Como! Os filósofos também dizem injúrias!

O ARGUMENTADOR

As vezes, quando os santos lhes dão o exemplo.

O INSPIRADO

Ora, eu tenho o direito de dizê-las, falo da parte de Deus.

O ARGUMENTADOR

Seria bom mostrar vossos títulos antes de usar vossos privilégios.

O INSPIRADO

Meus títulos são autênticos, a terra e os céus deporão por mim. Atentai para meus raciocínios, peço-vos.

O ARGUMENTADOR

Vossos raciocínios! não penseis nisso. Ensinar-me que minha razão me engana, não será refutar o que ela me dirá de vós? Quem quer que deseje recusar a razão deve convencer sem se valer dela. Suponhamos que raciocinando vós me tenhais convencido; como saberei se não é minha razão corrompida pelo pecado que me faz aceitar o que me dizeis? Ademais, que prova, que demonstração podereis jamais empregar mais evidente do que o axioma que deve destruir? Tão admissível quanto um bom silogismo é uma mentira, e o é no que diz que a parte é maior do que o todo.

O INSPIRADO

Que diferença! Minhas provas são sem réplica; são de ordem sobrenatural.

O ARGUMENTADOR

Sobrenatural! Que significa esta palavra? Não a compreendo.

O INSPIRADO

Mudanças na ordem da natureza, das profecias, dos milagres, dos prodígios de toda espécie.

O ARGUMENTADOR

Prodígios, milagres! Nunca vi nada disso.

O INSPIRADO

Outros o viram por vós. Nuvens de testemunhas... o testemunho dos povos...

O ARGUMENTADOR

Será o testemunho dos povos de uma ordem sobrenatural?

O INSPIRADO

Não, mas quando é unânime, é incontestável.

O ARGUMENTADOR

Não há nada mais incontestável do que os princípios da razão e não se pode autorizar um absurdo de acordo com o testemunho dos homens. Mais uma vez, vejamos as provas sobrenaturais, pois a atestação do gênero humano não é uma.

O INSPIRADO

Ó coração empedernido, a graça não vos fala.

O ARGUMENTADOR

Não é de minha culpa; pois, a vosso ver, é preciso ter já recebido a graça para saber pedi-la. Começai então a falar-me em lugar dela.

O INSPIRADO

É o que faço e não me ouvis. Mas que dizeis das profecias?

O ARGUMENTADOR

Digo primeiramente que não entendi mais as profecias do que os milagres. Digo ademais que nenhuma profecia pode ter autoridade para mim.

O INSPIRADO

Satélite do demônio! E por que as profecias não podem ter autoridade para vós?

O ARGUMENTADOR

Porque para que a tivessem, foram preciso três coisas cuja união é impossível: que eu tivesse sido testemunha do acontecimento e que me fosse demonstrado que o acontecimento não podia enquadrar-se fortuitamente dentro da profecia. Fosse esta mais clara, mais luminosa que um axioma de geometria, desde que a clareza de uma predição feita ao acaso não torna o acontecimento impossível, este, em ocorrendo, nada prova em verdade em prol de quem o predisse.

Vede pois a que se reduzem vossas pretensas provas, vossos milagres, vossas profecias. A em tudo acreditar segundo a afirmação de outrem, e a substituir a autoridade dos homens pela de Deus falando a minha razão. Se as verdades eternas que meu espírito concebe pudessem sofrer qualquer golpe, não haveria para mim nenhuma espécie de certeza; e longe de crer que me falais da parte de Deus, não estaria mais seguro sequer de que ele existe.

Inúmeras são as dificuldades, meu filho, e não é tudo ainda. Entre tantas religiões diversas que se proscrevem e se excluem mutuamente, uma só é boa, se é que alguma o seja. Para reconhecê-la, não basta examinar uma, é preciso examiná-las todas; e qualquer que seja a matéria, não se deve condená-la sem a ouvir ²⁹. É preciso comparar as objeções com as

(29) Plutarco conta que os estóicos, entre outros estranhos paradoxos, sustentavam que, num julgamento contraditório, era inútil ouvir as duas partes. Pois, diziam, ou a primeira provou o que disse

provas; é preciso saber o que cada um opõe aos outros e que lhe respondem. Quanto mais um sentimento nos parece demonstrado, mais devemos procurar em que tantos homens se baseiam para assim não o achar. É preciso ser muito simples para acreditar que basta ouvir os doutores de seu partido para saber das razões dos partidos contrários. Onde estão os teólogos que se jataam de boa-fé? Onde estão os que, a fim de refutar as razões de seus adversários não começam por enfraquecê-los? Cada qual brilha em seu partido; mas há quem, no meio dos seus, se mostra muito orgulhoso de suas provas e que faria um triste papel entre a gente de outro partido. Quereis instruir-vos com os livros, quanta erudição cumpre adquirir! Quantas línguas é preciso aprender! Quantas bibliotecas consultar! Que imensa leitura ter! Quem me guiará na escolha? Dificilmente se encontrarão num país os melhores livros do partido contrário, e muito menos os de todos os partidos: e se se encontrassem, seriam logo refutados. O ausente é sempre culpado, e más razões expostas com segurança apagam facilmente as boas expostas com desdém. De resto nada é mais enganador, muitas vezes, do que os livros e não mostra menos fielmente os sentimentos dos que os escreveram. Quando quisestes julgar a fé católica de Bossuet, não vos encontrastes à vontade depois de terdes vivido entre nós. Vistes que a doutrina com que respondem aos protestantes não é a que ensinam ao povo e que o livro de Bossuet não se assemelha às instruções da pregação. Para bem estudar uma religião, se a deve estudar nos livros de seus adeptos, é preciso ir aprendê-la com eles; é muito diferente. Cada um tem seus sentidos, seus costumes, seus preconceitos, suas tradições, que fazem o espírito de sua crença e que é preciso conhecer para julgar.

Quantos grandes povos não imprimem livros ou não lêem os nossos! Como julgarão nossas opiniões? Zombamos deles, eles nos desprezam e, se nossos viajantes os ridicularizam, só lhes falta, para devolver a zombaria, viajar em nossa terra. Em

ou não o provou: se o provou, tudo está dito e a parte contrária deve ser condenada; ou não o provou, está errada e deve ser rejeitada. Acho que o método de todos os que admitem uma revelação exclusiva se assemelha muito ao dos estóicos. Desde que cada qual quer ter razão, para escolher entre tantos partidos é preciso escutá-los todos, ou se é injusto.

que país não há gente sensata, gente de boa-fé, gente honesta amiga da verdade e que, para a professar, não faz senão procurá-la? Entretanto cada qual a vê em seu culto, achando absurdos os cultos das outras nações: logo estes cultos estrangeiros não são tão extravagantes como nos parecem, ou a razão que encontramos nos nossos nada prova.

Temos três religiões principais na Europa. Uma admite uma só revelação, outra admite duas revelações, outra três. Cada uma delas detesta e amaldiçoa as outras, as acusa de cegueira, de dureza, de obstinação, de mentira. Que homem imparcial ousará escolher entre elas, se não pesou bem, primeiramente, suas provas, se não ouviu bem suas razões? A que não admite senão uma revelação é a mais antiga e parece a mais segura; a que admite três é a mais moderna e parece ser a mais conseqüente; a que admite duas e rejeita a terceira pode muito bem ser a melhor, mas tem seguramente todos os preconceitos contra ela, a inconseqüência salta aos olhos.

Nas três revelações os livros sagrados são escritos em línguas desconhecidas dos povos que as professam. Os judeus não entendem mais o hebraico, os cristãos não entendem nem o hebraico nem o grego, nem os turcos nem os persas entendem o árabe e os árabes modernos, eles próprios, não falam mais a língua de Maomé. Não é uma maneira muito simplista de instruir os homens falando-lhes numa língua que não entendem? Tais livros são traduzidos, dirão. Bela resposta! Quem me garante que esses livros são fielmente traduzidos, que seja mesmo possível serem-nos? E quando Deus resolve falar aos homens, por que deve ter necessidade de intérpretes?

Não admitirei nunca que o que todo homem é obrigado a saber se ache encerrado em livros, e que quem não está ao alcance desses livros nem das pessoas que os entendem seja punido por uma ignorância involuntária. Sempre livros, que mania! Como a Europa está cheia de livros, os europeus os encaram como indispensáveis, sem pensar que nos três quartos da terra nunca viram livros. E não foram todos os livros escritos por homens? Como então o homem precisaria de livros para conhecer seus deveres? E que meios tinha de conhecê-los, antes que os livros fossem escritos? Ou ele aprende seus deveres consigo mesmo, ou é dispensado de sabê-los.

Nossos católicos falam muito da autoridade da Igreja; mas que ganham com isso, se necessitam de tal conjunto de provas

para estabelecer essa autoridade, quanto às outras seitas para estabelecer diretamente sua doutrina? A Igreja decide que a Igreja tem o direito de decidir. Não é uma autoridade bem provada? Saí disto e tornareis a todas as nossas discussões.

Conheceis muitos cristãos que se tenham preocupado com examinar cuidadosamente o que o judaísmo alega contra eles? Se alguns viram alguma coisa, foi nos livros dos cristãos. Boa maneira de se instruir acerca das razões dos adversários! Mas que fazer? Se alguém ousasse publicar entre nós livros favorecendo o judaísmo, puniríamos o autor, o editor, o livreiro ³⁰. Um tal policiamento é cômodo e seguro, para sempre ter razão. Há prazer em refutar quem não ousa falar.

Os dentre nós que podem conversar com os judeus não vão muito mais longe. Os infelizes sentem-se nas nossas mãos; a tirania que se exerce contra eles os torna temerosos; sabem que a tirania e a injustiça custam pouco à caridade cristã; que ousariam dizer sem se exporem a nos ver gritarmos que blasfemam? A avidez nos torna zelosos, eles são demasiado ricos para não estarem errados. Os mais sábios, os mais esclarecidos são sempre os mais circunspectos. Vós convertereis algum miserável, pago para caluniar sua seita; fareis falar algum vil malandro que cederá para vós adular; triunfareis de sua ignorância ou de sua covardia, enquanto seus doutores sorrirão em silêncio de vossa inépcia. Mas imaginais que nos lugares onde se sentissem em segurança tão facilmente liquidaríeis com eles? Na Sorbonne é claro como o dia que as predições do Messias se referem a Jesus Cristo. Entre os rabinos de Amsterdã não é menos claro que com ele não têm a menor relação. Não acreditarei nunca ter bem compreendido as razões dos judeus, enquanto não tiverem um Estado livre, escolas, universidades em que possam falar e discutir sem risco. Só então poderemos saber o que têm a dizer.

(30) Entre mil fatos conhecidos, eis um que não necessita de comentário. No século XVI, os teólogos católicos, tendo condenado a fogueira todos livros dos judeus, sem distinção, o ilustre e sábio Reuchlin, consultado sobre o caso, viu-se alvo de terríveis aborrecimentos, tão apenas por ter sido de opinião que se deviam conservar os livros deles que não se opunham ao cristianismo e tratavam de matérias indiferentes à religião.

Em Constantinopla os turcos dizem suas razões, mas não ousamos dizer as nossas; aí nós é que devemos rastejar. Se os turcos exigem de nós, para Maomé, em quem não acreditamos, o mesmo respeito que exigimos, para Jesus Cristo, dos judeus, que nele não acreditam, estão os turcos errados? Temos nós razão? De acôrdo com que princípio equitativo resolveremos a questão?

Os dois terços do gênero humano não são nem judeus, nem maometanos, nem cristãos; e quantos milhões de homens nunca ouviram falar de Moisés, de Jesus Cristo ou de Maomé? Negam-no: sustentam que nossos missionários estão em toda parte. É fácil dizê-lo. Mas vão eles ao coração da África ainda desconhecida e onde nunca até hoje os europeus penetraram? Vão eles à Tartária mediterrânea acompanhar a cavalo as hordas ambulantes de que nenhum estrangeiro se aproxima e que, longe de ter ouvido falar do papa, mal conhecem o grande lama? Vão eles ao continente imenso das Américas onde nações inteiras não sabem ainda que povos de outro mundo pisaram suas terras? Vão eles ao Japão de onde seus atos fizeram com que fossem expulsos para sempre e onde seus predecessores somente são conhecidos das novas gerações como intrigantes astuciosos, chegados com um zelo hipócrita para se apoderarem docemente do império? Vão eles nos haréns dos príncipes asiáticos anunciar os Evangelhos a milhares de pobres escravos? Que fizeram as mulheres dessa parte do mundo para que nenhum missionário lhes possa pregar a fé? Irão todas elas para o inferno por serem reclusas?

Ainda que fosse verdade que o Evangelho é anunciado em toda a terra, que se ganharia com isso? Na véspera do dia em que o primeiro missionário chegou num país, seguramente morreu alguém que não o pôde ouvir. Ora, disse-me que faremos desse alguém. Ainda que só houvesse no mundo um único homem a quem não se tivesse jamais pregado Jesus Cristo, a objeção seria tão forte quanto para o quarto do gênero humano.

Quando os ministros do Evangelho se fizeram ouvir dos povos longínquos, que lhes disseram que se pudesse razoavelmente admitir sob palavra e que não exigisse mais precisa verificação? Anunciai-me um Deus nascido e morto há dois mil anos na outra extremidade do mundo, numa aldeia, e vós me

dizeis que quem não acreditar nesse mistério será condenado. São coisas bem estranhas para nelas acreditar tão depressa, em virtude da autoridade, tão-sòmente, de um homem que não conheço! Vosso Deus fez que acontecessem tão longe de mim ocorrências de que quer que eu esteja a par? Será um crime ignorar o que se passa nas antípodas? Posso adivinhar que houve em outro hemisfério um povo de judeus e uma cidade de Jerusalém? Seria o mesmo que me obrigar a saber o que ocorre na lua. Vinde, dizeis-me, mo revelar; mas por que não o viestes revelar a meu pai? Ou por que condenai esse bom velho por de nada ter tido conhecimento? Deve ele ser eternamente punido de vossa preguiça, ele que era tão bom, tão generoso e que só buscava a verdade? Sede de boa-fé e colocai-vos em meu lugar: vede se devo, unicamente de acordo com vosso testemunho, acreditar nas coisas incríveis que me contaís e conciliar tantas injustiças com o Deus justo que me anunciais. Deixai-me, por favor, ir ver esse país longínquo em que se verificaram tantas maravilhas inéditas neste e que eu possa saber porque os habitantes dessa Jerusalém trataram Deus como um bandido. Não o reconheceram como Deus, dizeis-me. Que farei então eu que nunca dele ouvi falar a não ser por vós? Vós acrescentais que eles foram punidos, dispersados, oprimidos, escravizados, que nenhum deles se aproxima mais da mesma cidade. Por certo bem mereceram isso; mas os habitantes de hoje, que dizem do deicídio de seus predecessores? Eles o negam, não reconhecem tampouco Deus como Deus. Então era melhor deixar os filhos dos outros.

Então nessa mesma cidade onde Deus morreu, os antigos e os novos habitantes não o reconhecem e quereis que eu o reconheça, eu que nasci dois mil anos depois e a duas mil léguas de distância? Não vedes que antes de confiar nesse livro a que chamais sagrado, e que não compreendo, devo saber por outros quando e por quem foi feito, como se conservou, como vos chegou às mãos, o que dele dizem na terra em seu favor e quem o rejeita, embora saibam tão bem quanto vós o que me ensinai? Vós bem sentis que é preciso que eu vá à Europa, à Ásia, à Palestina para examinar tudo eu mesmo: seria preciso que eu fosse louco para vos ouvir antes disso.

Não somente essas palavras me parecem razoáveis, como sustento que qualquer homem sensato deve em caso semelhante assim falar e despedir o missionário que, antes da verificação

das provas, quer apressar-se em instruí-lo e batizá-lo. Ora, eu sustento que não há revelação contra a qual as mesmas objeções não tenham tanto ou mais força do que contra o cristianismo. Daí se segue que, se só há uma religião verdadeira, e que todo homem é obrigado a segui-la sob pena de danação, cumpre passar a vida estudando todas, aprofundando-as, comparando-as, e percorrendo os países em que se acham estabelecidas. Ninguém fica isento do primeiro dever do homem, ninguém tem o direito de confiar no julgamento de outrem. O artesão que só vive de seu trabalho, o lavrador que não sabe ler, a jovem delicada e tímida, o enfermo que mal pode sair da cama, todos, sem exceção, devem estudar, meditar, discutir, viajar, percorrer o mundo: não haverá mais povo fixo e estável; a terra inteira será coberta unicamente de peregrinos indo, com grandes despesas e longas fadigas, comparar, examinar por si mesmos os cultos diversos. Então, adeus os ofícios, as artes, as ciências humanas e todas as ocupações civis; não mais haverá outro estudo que não o da religião. Com muita dificuldade, quem tiver gozado da saúde mais robusta, mais bem empregado seu tempo, ou sua razão, vivido maior número de anos, saberá na velhice a quantas anda; e será muito se aprender antes da morte em que culto deveria ter vivido.

Quereis mitigar este método e dar o menor valor possível à autoridade dos homens? De imediato lhe devolveis tudo. E se o filho de um cristão faz bem em seguir, sem um exame profundo e imparcial, a religião de seu pai, por que o filho de um turco faria mal seguindo do mesmo modo a religião do dele? Desafio todos os intolerantes a responderem a isso alguma coisa que satisfaça um homem sensato.

Instados por essas razões, uns preferem fazer Deus injusto e punir os inocentes pelo pecado de seus pais a renunciar a seu dogma bárbaro. Outros se arranjam mandando delicadamente um anjo instruir quem, numa ignorância invencível tenha vivido moralmente bem. Bela invenção êsse anjo! Não contentes com nos escravizar a suas maquinações, põem Deus ele próprio na necessidade de empregá-las.

Vede, meu filho, a que absurdo levam o orgulho e a intolerância, quando alguém quer abundar em seu sentido e acreditar ter razão exclusivamente contra o resto do gênero humano. Invoco o testemunho dêsse Deus de paz que adoro e vos anuncio: todas as minhas pesquisas foram sinceras. Mas ven-

do que não tinham, que nunca teriam êxito, e que eu me abismava num oceano sem margens, voltei sobre meus passos e encerrei minha fé em minhas noções primitivas. Nunca pude crer que Deus me ordenasse, sob pena de inferno, ser um sábio. Fechei pois todos os meus livros. Um só permanece aberto a todos os olhos, o da natureza. É nesse grande e sublime livro que aprendo a servir e adorar seu divino autor. Ninguém é desculpável por não o ler, porque ele fala a todos os homens uma língua inteligível a todos os espíritos. Se eu estivesse numa ilha deserta, se não tivesse visto outro homem que não eu, se não houvesse sabido do que se fez antigamente em um recanto do mundo, exercendo minha razão, cultivando-a, usando bem as faculdades imediatas que Deus me deu, aprenderia sozinho a conhecê-lo, a amá-lo, a amar suas obras, a querer o bem que ele quer e a cumprir, para agradar-lhe, todos os meus deveres na terra. Que me ensinará a mais todo o saber dos homens?

Quanto à revelação, melhor argumentador ou mais bem instruído, talvez eu sentisse sua verdade, sua utilidade para os que têm a felicidade de reconhecê-la; mas se vejo em seu favor provas que não posso combater, vejo também contra ela objeções a que não posso responder. Há tantas razões sólidas pró e contra, que, não sabendo que resolver, não a admito nem a rejeito; rejeito tão-somente a obrigação de reconhecê-la, porque essa pretensa obrigação é incompatível com a justiça de Deus e que, longe de suprimir com ela os obstáculos à salvação, ele os teria multiplicado, ele os teria tornado insuperáveis à maior parte do gênero humano. Isso posto, mantenho-me, neste ponto, numa dúvida respeitosa. Não tenho a presunção de me crer infalível: outros homens podem ter decidido o que me parece indeciso; raciocino para mim e não para eles; não os censuro nem os imito; seu julgamento pode ser melhor do que o meu; mas não é minha culpa se não é o meu.

Confesso também que a majestade das Escrituras me espanta, que a santidade do Evangelho me comove. Vêde os livros dos filósofos com toda a sua pompa: como são pequenos ao lado daquele! Será possível que um livro a um tempo tão sublime e tão simples seja obra dos homens? Será possível que aquele cuja história conta seja ele próprio um homem? Tem-se nele o tom de um entusiasta ou de um sectário ambicioso? Que doçura, que pureza em seus costumes! Que

graça comovedora em suas instruções! Que elevação em suas máximas! Que profunda sabedoria em suas palavras! Que presença de espírito, que finura, que justeza em suas respostas! Que domínio sobre suas paixões! Onde o homem, o sábio que sabe agir, sofrer e morrer sem fraqueza e sem ostentação? Quando Platão pinta seu justo imaginário, coberto com todo o opróbrio do crime e digno de todos os prêmios da virtude, pinta traço por traço Jesus Cristo: a semelhança é tão impressionante que todos os Pais da Igreja a sentiram, e que não é possível enganar-se. Que preconceitos, que cegueira é preciso ter para comparar o filho de Sophronisque ao filho de Maria! Que distância de um a outro! Sócrates morrendo sem dor, sem agonia, sustentou facilmente até o fim seu personagem; e se essa morte fácil não tivesse honrado sua vida, duvidar-se-ia que Sócrates, com todo seu espírito fôsse outra coisa que um sofista. Inventou, dizem, a moral; outros antes dele a tinham pôsto em prática; não fez senão dizer o que esses tinham feito, não fez senão pôr em lições os exemplos deles. Aristides fôra justo antes que Sócrates dissesse o que era a justiça; Leônidas morrera por seu país antes que Sócrates fizesse um dever do amor à pátria; Esparta era sóbria antes que Sócrates tivesse louvado a sobriedade; antes que houvesse definido a virtude, os homens virtuosos abundavam na Grécia. Mas onde Jesus tirara, dentre os seus, essa moral elevada e pura de que só ele deu lições e exemplos³¹? Do seio do mais furioso fanatismo, a mais alta sabedoria fez-se ouvir; e a simplicidade das mais heróicas virtudes honrou o mais vil de todos os povos. A morte de Sócrates, filosofando tranqüilamente com seus amigos, é a mais suave que se possa desejar; a de Jesus, expirando em meio a tormentos, injuriado, zombado, amaldiçoado por todo um povo, é a mais horrível que se possa temer. Sócrates pegando a taça de veneno, abençoa quem lha apresenta e que chora; Jesus no meio de um suplício horroroso reza por seus carrascos encarniçados. Sim, se a vida e a morte de Sócrates são de um sábio, a vida e a morte de Jesus são de um Deus. Diremos que a história do Evangelho foi inventada por prazer?

(31) Vede no Sermão da Montanha o paralelo que faz ele próprio entre a moral de Moisés e a sua. (Mateus, cap. V, versículos 21 e segs.)

Meu amigo, não é assim que se inventa; e os fatos de Sócrates, de que ninguém duvida, são menos atestados que os de Jesus Cristo. No fundo, é afastar a dificuldade sem a destruir. Seria mais inconcebível que vários homens de comum acordo tivessem fabricado esse livro, que o fato de um só ter fornecido o assunto. Nunca os autores judeus teriam encontrado nem esse tom nem essa moral; e o Evangelho tem traços de verdade tão grandes, tão impressionantes, tão perfeitamente inimitáveis, que seu inventor seria mais espantoso do que o herói. Com tudo isso, esse mesmo Evangelho está cheio de coisas incríveis que ferem a razão e que um homem sensato não pode conceber nem admitir. Que fazer em meio a todas essas contradições? Ser sempre modesto e circunspecto, meu filho; respeitar em silêncio o que não se pode rejeitar, nem compreender, e humilhar-se diante do grande Ser, o único que sabe a verdade.

Eis o ceticismo involuntário em que me quedei; mas este ceticismo não me é em absoluto penoso, porque não se estende aos pontos essenciais à prática, e que estou bem convencido dos princípios de todos os meus deveres. Sirvo a Deus na simplicidade de meu coração. Não procuro saber senão o que importa à minha conduta. Quanto aos dogmas que não influem nem nas ações nem na moral, e com os quais tanta gente se atormenta, não me preocupo absolutamente. Encaro todas as religiões particulares como instituições salutares que prescrevem em cada país uma maneira uniforme de honrar Deus através de um culto público, e que podem todas ter suas razões no clima, no governo, no gênio do povo, ou em qualquer outra causa local que torna uma preferível a outra, segundo os tempos e os lugares. Acredito todas serem boas quando se serve a Deus convenientemente. O culto essencial é o do coração. Deus não rejeita a homenagem quando é sincera, qualquer que seja a forma em que é oferecida. Chamado na que professo a serviço da Igreja, cumprio com toda exatidão todos os deveres que me são prescritos e minha consciência me censuraria falhar em qualquer ponto. Depois de uma longa interdição, sabeis que obtive, por intervenção do senhor de Mellarède, a permissão de retomar minhas funções, a fim de auxiliarem-me a viver. Outrora eu dizia a missa com a leviandade que a pomos, ao fim de algum tempo, nas coisas mais graves quan-

do as fazemos demasiado amiudadamente; desde meus novos princípios eu a celebro com mais veneração: compenetro-me da majestade do Ser supremo, de sua presença, da insuficiência do espírito humano, que concebe tão pouco o que se refere a seu autor. Pensando em que lhe levo os votos do povo sob uma forma prescrita, sigo com cuidado todos os ritos; recito atentamente, aplico-me em não omitir nenhuma palavra da mais insignificante cerimônia: quando me aproximo do momento da consagração, recolho-me para fazê-la com todas as disposições que exigem a Igreja e a grandeza do sacramento; procuro aniquilar minha razão diante da inteligência suprema e digo-me: quem és tu, para medires o poder infinito? Pronuncio com respeito as palavras sacramentais e dou a seu efeito toda a fé que depende de mim. Haja o que houver com esse mistério inconcebível, não receio que no dia do julgamento eu seja punido por tê-lo profanado no meu coração.

Honrado com o ministério sagrado, embora em último lugar, não farei nem direi nunca nada que me torne indigno de cumprir seus sublimes deveres. Pregarei sempre a virtude aos homens, exotá-los-ei sempre a fazerem o bem, e tanto quanto puder, dar-lhes-ei o exemplo. Não estará em meu poder tornar-lhes a religião amável; não estará em meu poder fortalecer sua fé nos dogmas realmente úteis e em que todo homem é obrigado a acreditar: mas Deus não permita que lhes venha algum dia a pregar o dogma cruel da intolerância; que nunca os leve a detestarem o próximo e a dizerem a outros homens: sereis danados ³². Se eu estivesse numa posição mais importante, essa reserva poderia acarretar-me aborrecimentos; mas sou pequeno demais para ter muito que temer e não posso cair mais baixo do que estou. O que quer que aconteça, não blasfemarei muito contra a justiça divina e não mentirei contra o Espírito Santo.

(32) O dever de seguir e amar a religião de seu país, não se estende aos dogmas contrários à boa moral, como o da intolerância. Este dogma horrível é que arma os homens uns contra os outros e os torna todos inimigos do gênero humano. A distinção entre tolerância civil e tolerância teológica é pueril e vã. Essas duas tolerâncias são inseparáveis e não se pode admitir uma sem outra. Nem anjos viveriam em paz com homens que encarassem como inimigos de Deus.

Durante muito tempo ambicionei a honra de ser cura; ambiciono-a ainda mas não a espero mais. Meu bom amigo, não vejo nada mais belo do que ser cura. Um bom cura é um ministro de bondade, como um bom magistrado é um ministro de justiça. Um cura nunca tem mal a fazer a ninguém; se nem sempre pode fazer o bem por si mesmo, está sempre no seu lugar quando o solicita, e muitas vezes o alcança quando sabe fazer-se respeitar. Ah, se um dia nas nossas montanhas eu tivesse um curato de boa gente para servir! Seria feliz, pois me parece que faria a felicidade de meus paroquianos. Não me tornaria rico, mas partilharia sua pobreza; desta tiraria a condenação e o desprezo, mais insuportável do que a indignidade. Faria com que amassem a concórdia e a igualdade, que expulsam amiúde a miséria, e a fazem sempre suportar. Quando vissem que eu não seria em nada melhor do que eles e que, no entanto, viveria contente, aprenderiam a consolar-se de sua sorte e a viver contentes como eu. Nas minhas instruções me apegaria menos ao espírito da Igreja do que ao espírito do Evangelho, em que o dogma é simples e a moral sublime, em que se vêem poucas práticas religiosas e muitas obras de caridade. Antes de lhes ensinar o que se deve fazer, eu me esforçaria sempre por fazê-lo, a fim de que vissem bem que tudo o que lhes digo eu o penso. Se tivesse protestantes na minha vizinhança ou na minha paróquia, não os distinguiria de meus verdadeiros paroquianos em tudo o que diz respeito à caridade cristã; eu os levaria todos a se amarem, a se encararem como irmãos, a respeitar todas as religiões e a viverem em paz cada qual dentro da sua. Penso que solicitar alguém a abandonar aquela em que nasceu, é solicitá-lo a fazer mal, e por conseguinte fazer mal a si mesmo. Aguardando maiores luzes, zelmemos pela ordem pública; em todos os países respeitemos as leis, não perturbemos o culto que prescrevem; não levemos os cidadãos à desobediência; pois não sabemos certamente se é um bem para eles abandonarem suas opiniões por outras, e sabemos muito certamente que é um mal desobedecer às leis.

Acabo, meu jovem amigo, de recitar a profissão de fé que Deus lê em meu coração: sois o primeiro a quem a faço; talvez sejais o único a quem a farei. Enquanto resta uma boa crença entre os homens cumpre não perturbar as almas serenas, nem alarmar a fé dos simples com dificuldades que não podem vencer e que os inquietam sem os esclarecerem. Mas

quando tudo está abalado, deve-se conservar o tronco a expensas dos galhos. As consciências agitadas, incertas, quase extintas, no estado em que vi a vossa, precisam ser robustecidas e acordadas; e para restabelecê-las na base das verdades eternas, cumpre arrancar os pilares flutuantes em que pensam assentar ainda.

Vós estais na idade crítica em que o espírito se abre para a certeza, em que o coração recebe sua forma e seu caráter, e em que o homem se determina para toda a vida, pelo bem ou pelo mal. Mais tarde, a substância se acha endurecida e as novas impressões não se marcam mais. Jovem, recebi em vossa alma ainda flexível o cunho da verdade. Se eu fosse mais seguro de mim mesmo, teria adotado convosco um tom dogmático e decisivo: mas sou homem, ignorante, sujeito ao erro; que podia fazer? Abri-vos meu coração sem reservas; o que considero certo, eu vo-lo dei como certo; como dúvidas, dei-vos minhas dúvidas, e como opiniões minhas opiniões; dei-vos minhas razões de duvidar e de crer. Cabe-vos julgar agora: não vos apressastes; a precaução é sábia e leva-me a bem pensar de vós.) Começai pondo vossa consciência em condições de querer ser esclarecida.) Sede sincero convosco. Apropriai-vos daquilo que vos houver persuadido nos meus sentimentos, rejeitai o resto. Não estais ainda bastante depravado pelo vício para correrdes o risco de escolher mal. Eu vos proporia discutirmos juntos, mas quando discutimos nos exaltamos; a vaidade e a obstinação entram em jogo, perdemos a boa-fé. Meu amigo, não discutais nunca, pois a discussão não nos esclarece nem aos outros. Eu só tomei meu partido depois de muitos anos de meditações: fico nele; minha consciência está tranqüila, meu coração contente. Se quisesse reiniciar um novo exame de meus sentimentos, não poria nisso um amor mais puro à verdade; e meu espírito, já menos ativo, estaria menos em condições de conhecê-la. Ficarei como sou, de medo que, insensivelmente, o gosto pela contemplação, transformando-se numa paixão ociosa, me torne mais morno no exercício de meus deveres; de medo de recair no meu pirronismo inicial, sem encontrar a força de dele sair. Mais de metade de minha vida já passou; não tenho mais tempo senão para tirar proveito do resto a fim de apagar meus erros com as minhas virtudes. Se me engano, é contra minha vontade. Aquele que lê no fundo de meu coração bem sabe que não amo minha cegueira. Na

impotência de sair dela pelas minhas próprias luzes, o único meio que me resta é uma vida honesta; e se até das pedras Deus pode dar filhos a Abraão, todo homem tem direito de ser iluminado, em se tornando digno. —

Se minhas reflexões vos levam a pensar como penso, sendo meus sentimentos os vossos e tendo ambos a mesma fé, eis o conselho que vos dou: não exponhais mais vossa vida às tentações da miséria e do desespero; não a arrasteis mais com ignomínia à mercê dos estrangeiros, e deixai de comer o pão vil da esmola. Voltai para vossa pátria, retornai à religião de vossos pais, segui-a na sinceridade de vosso coração e não mais a abandoneis: ela é muito simples e muito santa; de todas as religiões sobre a terra, creio ser ela a de moral mais pura e a que mais satisfaz a razão. Quanto às despesas de viagem, não vos preocupeis, proveremos a isso. Não temais tampouco a má vergonha de uma volta humilhante; cumpre pejar-se de cometer um erro, não de repará-lo. Estais ainda numa idade em que tudo se perdoa, mas em que não se peca mais impunemente. Quando quiserdes escutar vossa consciência, mil obstáculos vãos desaparecerão em a ouvindo. Sentireis que, na incerteza em que estamos, é presunção indisciplpável professar uma religião que não aquela na qual se nasceu e uma falsidade não praticar sinceramente a que se professa. Se nos perdemos, já não precisaremos de uma grande desculpa no tribunal do juiz soberano. Não perdoará ele de preferência o erro que trazemos do berço ao que ousamos escolher nós mesmos?

Meu filho, conservai vossa alma em condições de desejar sempre, que haja um Deus, e não duvidareis nunca. Demais, qualquer partido que tomeis, lembrai-vos de que os verdadeiros deveres da religião são independentes das instituições dos homens; de que um coração justo é o verdadeiro templo da Divindade; de que, em qualquer país e em qualquer seita, amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo é o sumário da lei; de que não há religião que dispense dos deveres da moral, só eles realmente essenciais; de que o culto interior é o primeiro dos deveres, pois sem a fé nenhuma virtude verdadeira existe.

Fugi dos que, a pretexto de explicar a natureza, semeiam no coração dos homens doutrinas desoladoras, cujo ceticismo aparente é cem vezes mais dogmático que o tom decidido de seus adversários. Sob o orgulhoso pretexto de que só eles são esclarecidos, verdadeiros, de boa-fé, submetem-nos imperiosa-

mente a suas decisões categóricas, e pretendem dar-nos, por verdadeiros princípios das coisas, os ininteligíveis sistemas que construíram em sua imaginação. Demais, derrubando, destruindo, calcando aos pés tudo o que os homens respeitam, tiram dos aflitos o último consolo para a miséria deles, e dos ricos e poderosos o único freio para suas paixões; arrancam do fundo do coração o remorso do crime, a esperança da virtude, e ainda se vangloriam de serem os benfeitores do gênero humano. Nunca, dizem, a verdade é nociva ao homem. Assim o creio também e é, a meu ver, uma grande prova de que o que ensinam não é a verdade ³³.

(33) Os dois partidos se atacam reciprocamente com tantos sofismas que seria empresa imensa e temerária querer anotá-los todos; já é muito apontar alguns na medida em que se apresentam. Um dos mais familiares ao partido filsofista consiste em opor um povo suposto de bons filósofos a um povo de maus cristãos: como se um povo de verdadeiros filósofos fosse mais fácil fazer que um povo de verdadeiros cristãos. Não sei se, entre os indivíduos, é mais fácil encontrar um do que outro; mas entre os povos é preciso supor os que abusarão da filosofia sem religião, como os nossos abusam da religião sem filosofia; e isto parece-me modificar bastante a questão.

Bayle provou muito bem que o fanatismo é mais pernicioso do que o ateísmo, e é incontestável; mas o que não pensou em dizer, e não é menos verdadeiro, é que o fanatismo, embora sanguinário e cruel, não deixa de ser uma paixão grande e forte que eleva o coração do homem, que o faz desprezar a morte, que lhe dá uma energia prodigiosa, o que basta bem dirigir para tirar dele as mais sublimes virtudes: ao passo que a irreligião, e em geral o espírito argumentador e filosófico, prende à vida, enfraquece, avilta as almas, concentra todas as paixões na baixeza do interesse particular, na abjeção do eu humano e solapa assim aos poucos os verdadeiros alicerces de qualquer sociedade; porque o que os interesses particulares têm em comum é tão pouca coisa que não compensará nunca o que eles têm de oposto.

Se o ateísmo não verte o sangue dos homens, é menos por amor à paz do que por indiferença pelo bem: como quer que as coisas andem, pouco importa ao pretenso sábio, conquanto ele fique sossegado em seu gabinete. Seus princípios não fazem matar homens, mas impedem que nasçam, destruindo os costumes que os multiplicam, desligando-os de sua espécie, reduzindo todas as suas afeições a um secreto egoísmo, tão funesto à população quanto à virtude. A indiferença filosófica assemelha-se à tranqüilidade do Estado sob o despotismo: é a tranqüilidade da morte. É mais destruidora do que a própria guerra.

Assim o fanatismo, embora mais funesto em seus efeitos imediatos do que aquilo a que chamamos hoje espírito filosófico, o é ainda

Bom jovem, sede sincero e verdadeiro sem orgulho; sabeis ser ignorante: não enganareis nem a vós nem aos outros. Se porventura vossos talentos cultivados vos puserem em condições de falar aos homens, não lhes faleis senão de acordo com vossa consciência, sem vos preocupardes com os aplausos. O abuso do saber produz a incredulidade. Todo sábio desdenha o sentimento vulgar; cada qual quer ter um seu. A orgulhosa

menos nas suas conseqüências. É fácil, de resto, espalhar belas máximas em livros; tudo está em saber se decorrem realmente e necessariamente da doutrina; e é o que não me pareceu claro até agora. Resta saber ainda se a filosofia, tão à vontade em seu trono, dominaria bem a vaidade, o interesse, a ambição, as pequenas paixões do homem, se praticaria essa humanidade tão doce que apregoa com a pena.

Pelos princípios, a filosofia não pode fazer nenhum bem que a religião não faça melhor, e a religião faz muitos que a filosofia não pode fazer.

Na prática é diferente; mas é preciso examinar. Nenhum homem segue em tudo sua religião quando tem uma, é verdade. A maioria não tem religião e não segue absolutamente a que porventura tem, é verdade igualmente. Mas afinal alguns homens têm uma e a seguem ao menos em parte e é indiscutível que motivos religiosos os impedem amiúde de fazer mal, e obtêm deles virtudes, ações louváveis, que não existiriam sem tais motivos.

Que um monge negue um depósito; que dedução tirar senão a de que um tolo lho confiara? Se Pascal tivesse negado um, isso provaria que Pascal era um hipócrita e nada mais. Mas um mongel... As pessoas que fazem comércio da religião são então os que a têm? Todos os crimes que se verificam no clero como alhures não provam que a religião é inútil e sim que muito poucas pessoas têm religião.

Nossos governos modernos devem incontestavelmente ao cristianismo sua autoridade mais sólida e a menor freqüência de suas revoluções; ele os tornou eles próprios menos sanguinários: isso se prova com os fatos comparando-os aos governos antigos. A religião mais bem compreendida, afastando o fanatismo, deu maior doçura aos costumes cristãos. Tal mudança não é obra das letras; pois onde quer que tenham brilhado a humanidade não foi por isso mais respeitada. As crueldades dos atenienses, dos egípcios, dos imperadores de Roma, dos chineses o comprovam. E quantas obras de misericórdia cabem ao Evangelho! Quantas restituições, quantas reparações não faz a confissão entre os católicos! Entre nós quantas reconciliações e esmolas não se verificam às vésperas da comunhão! E o jubileu dos hebreus não tornava os usurpadores menos ávidos? Quantas misérias não prevenia! A fraternidade legal unia toda a nação: não se via

filosofia leva ao fanatismo. Evitai tais extremismos; conservai-vos com firmeza no caminho da verdade, ou o que vos parecer sê-lo na simplicidade de vosso coração, sem nunca vos desviardes por vaidade ou fraqueza. Ousai proclamar Deus entre os filósofos; ousai pregar humanidade aos intolerantes. Talvez sejais o único de vosso partido; mas levareis convosco um testemunho que vos dispensará do dos homens. Que vos amem ou vos detestem, que leiam ou desprezem vossos escritos pouco

um mendigo. Não se vêem tampouco entre os turcos onde as fundações religiosas são numerosas; eles são por princípio religioso hospitaleiros, mesmo em relação aos inimigos de seu culto.

“Os maometanos dizem, segundo Chardin, que depois do exame que se seguirá à ressurreição universal, todos os corpos terão que atravessar uma ponte chamada *Poul-Serbo*, por cima do fogo eterno, ponte que se pode considerar como o terceiro e último exame e o verdadeiro julgamento final, porque aí é que se fará a separação dos bons e dos maus... etc.

“Os persas, continua Chardin, orgulham-se dessa ponte; e quando alguém sofre uma injúria de que de maneira nenhuma pode obter reparação, seu último consolo é dizer-se: *Pois bem, pelo Deus vivo, tu me pagarás em dobro no último dia; não passarás a ponte Poul-Serbo sem que antes me dês satisfação; eu me agarrarei a tuas vestes e a tuas pernas*. Vi muitas pessoas eminentes e de todas as profissões que receavam que contra elas se revoltassem à passagem da ponte temível e solicitavam aos que se queixavam que lhes perdoassem. Isto me aconteceu cem vezes, a mim mesmo. Pessoas de qualidade que me haviam importunamente obrigado a gestões que de outro modo eu não fizera, virem a mim ao fim de algum tempo, quando pensavam que o aborrecimento se atenuara, dizendo-me: *Peço-te, halal becon antchifra*, isto é, *torna-me essa questão lícita ou justa*. Algumas, até, deram-me presentes e prestaram-me serviços a fim de que as perdoasse, declarando que o fazia de boa vontade: e não é a causa disso senão a crença de que não se passa a ponte do inferno sem que se tenha desculpado com os que se haja oprimido.” (Tomo VII, in-12, pág. 50).

Será de se acreditar que a idéia dessa ponte que repara tantas iniquidades não as previne também? Se suprimissem essa idéia persuadindo aos persas que não há *Poul-Serbo*, nem coisa semelhante onde os oprimidos sejam vingados de seus tiranos depois da morte, não fica claro que isso os poria muito à vontade e os libertaria do cuidado de acalmar os infelizes? Uma tal doutrina não poderia deixar de ser nociva; não seria pois a verdade.

Filósofo, tuas leis morais são muito bonitas; mas mostra-me, peço, a sanção. Deixa um instante de devanear e dize-me com nitidez o que pões no lugar da *Poul-Serbo*.

importa. Dizei o que é verdade, fazei o que é bem; o que importa ao homem é cumprir seus deveres na terra; e é se esquecendo que se trabalha para si. Meu filho, o interesse particular nos engana; só a esperança do justo não engana.

Transcrevi este escrito, não como uma regra dos sentimentos que devemos seguir em matéria de religião, mas sim como um exemplo da maneira por que podemos raciocinar com nosso aluno para não nos afastarmos do método que procurei estabelecer. Na medida em que nada damos à autoridade dos homens, nem aos preconceitos do país em que nascemos, as únicas luzes da razão não podem, na instituição da natureza, levar-nos mais longe do que à religião natural; e é ao que me restrinjo com meu Emílio. Se deve ter outra, não tenho mais o direito de nisso ser seu guia; só a ele cabe escolher.

Trabalhamos de acôrdo com a natureza e enquanto ela forma o homem físico, procuramos formar o homem moral; mas nossos progressos não são os mesmos. O corpo já é robusto e forte quando a alma ainda se mostra languesciente e fraca; e por mais que faça a arte humana, o temperamento precede sempre a razão. É por reter um e excitar a outra que nos esforçamos até aqui, a fim de que o homem permaneça quanto possível sempre um. Desenvolvendo o natural atentamos para a sensibilidade nascente; regramos-la cultivando a razão. Os objetos intelectuais moderavam a impressão dos objetos sensíveis. Remontando ao princípio das coisas, subtraímos-lo ao império dos sentidos; era simples elevar-se do estudo da natureza à procura de seu autor.

Em chegando a este ponto, já alcançamos maior autoridade sobre nosso aluno. Já temos novos meios de falar a seu coração. É só então que êle descobre seu verdadeiro interesse em ser bom, em fazer o bem longe do olhar dos homens, em ser justo perante Deus, em cumprir seu dever, ainda que em detrimento da vida, em ter em seu coração a virtude, não somente por amor à ordem, ao qual cada qual prefere o amor a si próprio, mas por amor ao autor de seu ser, amor que se confunde com êsse mesmo amor a si mesmo, para gozar enfim da felicidade duradoura que a serenidade de uma boa consciência e a contemplação do Ser supremo lhe prometem na outra vida, depois de ter bem empregado esta. Fora disto não vejo mais senão injustiça, hipocrisia e mentira entre os ho-

mens. O interesse particular que, na concorrência, leva necessariamente a melhor em todas as coisas, ensina a cada um deles a disfarçar o vício com a máscara da virtude. Que todos os outros homens façam meu bem a expensas do deles; que tudo me diga unicamente respeito; que todo o gênero humano morra se preciso, na pena e na miséria, para poupar-me um momento de dor ou de fome: eis a linguagem de todo incrédulo que raciocina. Sim, eu o sustentarei durante toda a minha vida, quem quer tenha dito em seu coração: não há Deus, não fala senão como um mentiroso ou um insensato.

Leitor, por mais que eu faça, sinto que vós e eu não veremos jamais meu Emílio sob os mesmos traços; vós o imaginais sempre semelhante a vossos jovens, sempre avoadado, petulante, volúvel, deambulando de festa em festa, de divertimento em divertimento, sem nunca poder fixar-se em nada. Rireis de me ver fazê-lo um contemplativo, um filósofo, um verdadeiro teólogo, um jovem ardente, vivo, entusiasta, fogoso, na idade mais ativa de sua vida. Direis: este sonhador continua a perseguir sua quimera; dando-nos um aluno de seu gosto, não o forma apenas, ele o cria, ele o tira do cérebro; e acreditando seguir sempre a natureza, dela se afasta a cada instante. Eu, comparando meu aluno aos vossos, mal descubro o que podem ter em comum. Educado tão diferentemente, será quase um milagre que a eles se assemelhe em alguma coisa. Como passou a infância na liberdade que eles adquirem na juventude, ele começa a conquistar na juventude a regra a que os submeteram na infância; essa regra torna-se o flagelo deles, eles a têm em horror, nela só vêem a longa tirania dos mestres, acreditam só sair da infância sacudindo qualquer espécie de jugo³⁴, ressarciam-se assim da longa opressão em que foram mantidos, assim como um preso, livre de seus ferros, estica, agita e dobra seus membros.

Emílio, ao contrário, sente-se honrado com se tornar homem e sujeitar-se ao jugo da razão nascente; seu corpo, já formado, não tem mais necessidade dos mesmos movimentos

(34) Não há ninguém que veja a infância com tanto desprezo como os que dela saem, da mesma forma que não há país em que as posições sejam guardadas com mais afetação do que aqueles em que a desigualdade não é grande e onde cada qual receia sempre ser confundido com seu inferior.

e começa a moderar-se sozinho, enquanto seu espírito, menos desenvolvido, procura por sua vez alçar vôo. Assim a idade da razão, que é para uns a idade da licença, faz-se, para o outro, a idade do raciocínio.

Quereis saber quem, eles ou ele, se encontra mais dentro da ordem da natureza? Considerai as diferenças nos que estão mais ou menos afastados dela: observai os jovens entre os aldeões e vede se são tão petulantes como os vossos. “Durante a infância dos selvagens, diz o senhor Le Beau, vemo-los sempre ativos, ocupados sempre em diferentes jogos que lhes agitam o corpo; mal alcançam porém a idade da adolescência, tornam-se tranquilos, sonhadores; não se entregam mais senão aos jogos sérios ou de acaso³⁵”. Emílio, tendo sido educado com toda a liberdade dos jovens camponeses e dos jovens selvagens, deve mudar e parar como eles, em crescendo. / Toda a diferença está em que em lugar de agir unicamente para divertir-se ou se alimentar, em seus trabalhos e seus jogos, aprendeu a pensar. Trazido a este ponto por tal caminho, acha-se inteiramente disposto para aquele em que o introduzo: os assuntos de reflexão que lhe apresento irritam sua curiosidade, porque são belos em si, são novos para ele e ele está em condições de compreendê-los. Ao contrário, aborrecidos com vossas insossas lições, fartos de vossas longas morais, de vossos eternos catecismos, como vossos jovens não se recusariam à aplicação de espírito que lhes tornaram triste, aos pesados preceitos com que não cessaram de acabrunhá-los, às meditações sobre o autor de seu ser, de quem fizeram inimigo de seus prazeres? Só conceberam por isso aversão, desgosto, tédio; o constrangimento desgostou-os disso: como fazer com que a isso se entreguem quando começam a dispor de si? Necessitam de novidade que lhes agrade, nada mais querem do que se disse às crianças. Acontece o mesmo com meu aluno; quando se torna homem, eu lhe falo como a um homem e só lhe digo coisas novas; é precisamente porque aborrecem os outros que ele as deve achar interessantes.

Eis como o faço ganhar duplamente tempo, atrasando em benefício da razão o progresso da natureza. Mas atrasei efetivamente esse progresso? Não; não fiz senão impedir a ima-

(32) Aventuras do senhor Le Beau, advogado no Parlamento, T. II, p. 70.

ginação de acelerá-lo; compensei com lições de outra espécie as lições precoces que o jovem recebe de alhures. Enquanto a torrente de nossas instituições o arrasta, atraí-lo em sentido contrário por outras instituições não é arrancá-lo de seu lugar, é nele mantê-lo.

O momento verdadeiro da natureza chega enfim, é preciso que chegue. Assim como é preciso que o homem morra, é preciso que se reproduza, a fim de que a espécie dure e que a ordem do mundo seja conservada. Quando pelos sinais de que falei, pressentirdes o momento crítico, abandonai de imediato com ele vosso tom antigo. É ainda vosso discípulo mas não é mais vosso aluno. É vosso amigo, é um homem, tratai-o então como tal:

Mas então, devo abdicar de minha autoridade quando ela me é mais necessária? Devo abandonar o adulto a si mesmo no momento em que menos sabe conduzir-se e comete os maiores erros? Devo renunciar a meus direitos no momento em que mais importa que deles use? Vossos direitos? Quem vos diz de renunciar a eles? É só agora que começam para ele. Até agora não obtínheis nada senão pela força e a astúcia; a autoridade, a lei do dever eram-lhe desconhecidas; era preciso constrangê-lo ou enganá-lo para que vos obedecesse. Mas vede com quantas novas cadeias acorrentastes-lhe o coração. A razão, a amizade, a gratidão, mil afeições lhe falam num tom que êle não pode desconhecer. O vício não o tornou ainda surdo às vozes delas. Só é sensível às paixões da natureza. A primeira de todas, que é o amor a si mesmo, vo-lo entrega; o hábito também. Se o transporte de um momento vo-lo arranca, o remorso vo-lo traz logo de volta; o sentimento que o prende a vós é o único permanente; todos os outros passam e se apagam mutuamente. Não o deixeis corromper-se, ele será sempre dócil, pois só começa a ser rebelde quando já pervertido.

Confesso que se, chocando de frente seus desejos nascentes, fósseis tólamente tratar de crime suas novas necessidades, não seríeis ouvido durante muito tempo; logo que abandonar-des meu método não responderei por nada. Lembrai-vos sempre de que sois o ministro da natureza e nunca sereis o inimigo.

Mas que partido tomar? Só se coloca aqui a alternativa de favorecer suas inclinações ou de combatê-las, de ser seu tirano ou seu compadre; e ambas as coisas são tão perigosas em suas conseqüências que já é demais hesitar na escolha.

O primeiro meio que se oferece para resolver a dificuldade é casá-lo bem depressa; é incontestavelmente o expediente mais seguro e mais natural. Duvido entretanto que seja o melhor ou o mais útil. Direi logo minhas razões; entretantes, convirei em que é preciso casar os jovens na idade núbil. Mas essa idade vem para eles antes do tempo; nós é que o tornamos precoce; devemos prolongá-la até a maturidade.

Se bastasse atentar para as inclinações e seguir as indicações isso não teria dificuldades; mas há tantas contradições entre os direitos da natureza e nossas leis sociais, que, para conciliá-las, é preciso tergiversar sem cessar: é preciso empregar muita arte para impedir o homem social de ser inteiramente artificial.

Pelas razões aqui expostas, estimo que pelos meios que dei e outros semelhantes, pode-se estender ao menos até vinte anos a ignorância dos desejos e a pureza dos sentidos: tanto isto é verdade que, entre os germânicos, um jovem que perdia sua virgindade antes dessa idade ficava difamado: e os autores atribuem com razão à continência desses povos durante sua juventude, o vigor de sua constituição e o número de filhos que têm.

Pode-se mesmo prolongar muito esse período e há poucos séculos nada era mais comum na própria França. Entre outros exemplos, o pai de Montaigne, homem não menos escrupuloso e verdadeiro do que forte e bem constituído, jurava ter-se casado virgem a trinta e três anos, depois de ter servido muito tempo nas guerras da Itália; e pode-se ver nos escritos do filho que alegria conservava o pai com mais de sessenta anos. Certamente a opinião contrária decorre mais de nossos costumes e nossos preconceitos que do conhecimento da espécie em geral.

Posso portanto deixar de lado o exemplo de nossa mocidade; ele nada prova para quem não foi educado como ela. Considerando que a natureza não tem nisso termo fixo que não se possa avançar ou retardar, acredito poder, sem sair da lei, supor que Emílio permaneça, graças a meus cuidados, na sua inocência primitiva até essa idade e vejo esse feliz período prestes a acabar. Cercado de perigos sempre crescentes, vai escapar-me, por mais que eu faça, na primeira oportunidade e esta não demorará em surgir; ele vai seguir o instinto cego dos sentidos; é de apostar mil contra um que vai perder-se. Refleti demais sobre os costumes dos homens para não ver a influência invencível desse primeiro momento no resto da vida.

Dissimulo e finjo nada ver, ele se prevalece de minha fraqueza; pensando enganar-me, ele me despreza e eu fico sendo cúmplice de sua queda. Se tento recuperá-lo, já não é mais tempo, ele não me ouve mais; eu me torno incômodo a ele, odioso, insuportável; não demorará em se livrar de mim. Não tenho portanto senão um partido razoável a tomar; o de fazê-lo controlador de suas ações, de preveni-lo ao menos contra as surpresas dos erros, e de mostrar-lhe a descoberto os perigos de que se acha cercado; até agora eu o retinha pela sua ignorância; agora é mediante esclarecimentos que cumpre retê-lo.

Estas novas instruções são importantes e convém remontar ao passado. Eis o momento de prestar-lhe contas, por assim dizer; de mostrar-lhe o emprego de seu tempo e do meu; de declarar-lhe o que é e o que sou; o que fiz e o que ele fez; o que devemos um ao outro; tôdas as suas relações morais, todos os compromissos que contraiu, todos os que contraíram com ele, a que ponto chegou no progresso de suas faculdades, qual o caminho que lhe resta percorrer, as dificuldades que encontrará, os meios de vencer os obstáculos; no que lhe posso ajudar ainda, no que ele só pode doravante se ajudar, finalmente o ponto crítico em que se encontra, os novos perigos que o cercam, e todas as sólidas razões que o devem determinar a observar-se atentamente antes de ouvir seus desejos nascentes.

Pensai em que para guiar um adulto é preciso fazer o contrário de tudo o que se fez para guiar uma criança. Não hesiteis em instruí-lo acerca dos perigosos mistérios que durante tanto tempo lhe escondestes com cuidado. Desde que é preciso que os conheça afinal, importa que os conheça por vós e não por outros ou por si mesmo; como doravante tem de combater, é preciso, de medo de surpresas, que conheça o inimigo.

Nunca os jovens que consideramos sábios em tais matérias, sem sabermos como se fizeram sábios, não se tornaram impunemente sábios. Essa indiscreta instrução, não podendo ter um objeto honesto, emporcalha a imaginação dos que a recebem e os dispõe aos vícios dos que lhas dão. Não é tudo; criados se insinuam assim no espírito de um jovem, conquistam sua confiança, fazem-lhe encarar seu governante como um personagem triste e aborrecido; e um dos assuntos preferidos dos secretos colóquios é falar mal dele. Quando o aluno che-

ga a este ponto, o mestre pode retirar-se, nada de bom tem mais a fazer.

Mas por que o jovem escolhe confidentes particulares? Sempre por causa da tirania dos que o governam. Por que se esconderia destes se não fosse obrigado a esconder-se? Por que se queixaria se não tivesse motivo de queixa? Naturalmente eles são seus primeiros confidentes; vemos pela diligência com que vai dizer-lhes o que pensa, que acredita não o ter pensado senão em parte antes de dizer-lhes. Crêde que se o jovem não receia de vossa parte nem sermão nem reprimenda, ele vos dirá sempre tudo, que não ousarão nada lhe confiar que ele deva vos calar, desde que tenham certeza de que nada vos esconderá.

O que mais me leva a contar com meu método é que, acompanhando seus efeitos da maneira mais exata possível, não vejo nenhuma situação na vida de meu aluno que me deixe dele alguma imagem desagradável. No momento mesmo em que os ardores do temperamento o arrastam e que, revoltado contra a mão que o detém, ele se debate e começa a escapar-me, em suas agitações, em seus impulsos, ainda reencontro sua simplicidade primeira. Seu coração, tão puro quanto seu corpo, não conhece nem a máscara nem o vício; nem as censuras nem o desprezo o tornaram covarde, nunca o vil temor lhe ensinou a disfarçar. Ele tem toda a indiscrição da inocência; é ingênuo sem escrúpulo; não sabe ainda para que serve enganar. Não se verifica nenhum movimento em sua alma que sua boca ou seus olhos não o digam; e amiúde os sentimentos que experimenta me são conhecidos antes do que a ele.

Enquanto ele continua a abrir-me assim livremente sua alma, e dizer-me com prazer o que sente, nada tenho a temer, o perigo não está próximo ainda; mas se se faz mais tímido, mais reservado, se percebo em conversas o embaraço da vergonha, já o instinto se desenvolve, já a noção do mal começa a agregar-se a ele, não há mais um instante a perder; e se eu não me apressar em instruí-lo, ele será dentro em breve instruído, ainda que contra minha vontade.

Mais de um leitor, mesmo adotando minhas idéias, pensará que não se trata aqui senão de uma conversa ocasional com o jovem, e que tudo se arranja. Não, não é assim que o coração humano se governa! O que dizemos nada significa se não preparamos o momento para dizê-lo. Antes de semear

cumprir arar a terra; a semente da virtude germina dificilmente; muitos cuidados são necessários para que crie raízes. Uma das coisas que tornam as prédicas mais inúteis é o fato de que as fazemos indiferentemente a todo mundo sem discernimento e sem escolha. Como pensar que o mesmo sermão convenha a tantos ouvintes tão diversamente dispostos, tão diferentes de espírito, de humor, de idade, de sexo, de condições e de opiniões? Não há talvez dois aos quais o que dizemos a todos possa convir; e todos os nossos sentimentos têm tão pouca constância, que não há talvez dois momentos na vida de um homem em que as mesmas palavras provoquem nele a mesma impressão. Imaginai se, quando os sentidos inflamados alienam o entendimento e tiranizam a vontade, é o momento de ouvir as graves lições da sabedoria. Não faleis portanto nunca em razão aos jovens, mesmo na idade da razão, antes de os terdes primeiramente posto em condições de entender. Os sermões perdidos o são em sua maioria mais por culpa dos mestres do que por culpa dos discípulos. O pedante e o professor dizem mais ou menos as mesmas coisas; mas o primeiro as diz por um sim e por um não; o segundo só as diz quando tem certeza de seu efeito.

Como um sonâmbulo, deambulando durante seu sono, ainda dormindo à beira de um precipício, no qual cairia se despertado de repente, assim meu Emílio, no sono da ignorância, escapa de perigos que não percebe: se o desperto subitamente, está perdido. Tratemos primeiramente de afastá-lo do precipício, e depois o despertaremos para mostrar-lho de longe.

A leitura, a solidão, a ociosidade, a vida fácil e sedentária, o comércio das mulheres e dos jovens, eis os atalhos perigosos para sua idade e que o mantêm sem cessar à beira do perigo. É com outros objetos sensíveis que engano seus sentidos, é traçando outro caminho para os espíritos que os desvio daquele que começavam a tomar; é exercitando seu corpo em trabalhos árduos que detenho a atividade da imaginação que o arrasta. Quando os braços trabalham muito, a imaginação descansa; quando o corpo está cansado, o coração não se inflama. A precaução mais imediata e mais fácil consiste em arrancá-lo ao perigo local. Levo-o primeiramente para longe das cidades, longe dos objetos suscetíveis de tentá-lo. Mas isto não basta: em que deserto, em que asilo selvagem escapará ele das imagens que o perseguem? Nada significa afastá-lo dos objetos perigosos, se não afasto também a lembrança deles;

se não encontro a arte de destacá-lo de tudo, se não distraio de si mesmo, mais vale deixá-lo onde se acha.

Emílio sabe um ofício, mas este ofício não é aqui nosso recurso; ele gosta da agricultura, mas a agricultura não nos basta: as ocupações que conhece tornam-se uma rotina; entregando-se a elas, é como se nada estivesse fazendo; pensa em outra coisa; a cabeça e os braços agem separadamente. Ele precisa de uma ocupação nova que o interesse pela sua novidade, que o apaixone, que exija sua atenção, uma ocupação a que se entregue por inteiro. Ora, a única que me parece reunir todas essas condições é a caça. Se a caça é um prazer inocente, se é conveniente ao homem, agora é que cumpre recorrer a ela. Emílio tem tudo o que é preciso para obter êxito nessa ocupação; é robusto, hábil, paciente, incansável. Infalivelmente tomará gosto por esse exercício; porá nele todo o ardor de sua idade; nele perderá, ao menos por algum tempo, as inclinações que nascem da moleza. A caça enrijece o coração tanto quanto o corpo; ela acostuma ao sangue, à crueldade. Fizeram Diana inimiga do amor; e a alegoria é muito justa; os langores do amor só nascem num doce repouso; um exercício violento abafa os sentimentos ternos. Nos bosques, nos lugares campestres, o amante, o caçador são tão diversamente impressionados que têm, dos mesmos objetos, imagens inteiramente diferentes. As sombras frescas, os arvoredos, doces abrigos do primeiro, não são para o outro senão pastagens, coutos, covis; onde um não ouve senão sons de flauta, rouxinóis, gorjeios, o outro acredita ouvir trompas e latidos de cães; um imagina dríades e ninfas, o outro picadores, maltas e cavalos. Passeai no campo com esses dois tipos de homens; pela diferença da linguagem logo perceberéis que a terra não tem para eles um aspecto semelhante e que suas idéias são tão diferentes quanto a escolha de seus prazeres.

Compreendo como esses gostos se reúnem e como se encontra afinal tempo para tudo. Mas as paixões da mocidade não se partilham assim: dai-lhe uma só ocupação de que goste e o resto será dentro em pouco esquecido. A variedade dos desejos vem da dos conhecimentos, e os primeiros prazeres que conhecemos são durante muito tempo os que procuramos. Não quero que toda a mocidade de Emílio decorra matando animais, e não pretendo sequer justificar em tudo essa paixão feroz; basta-me que ela sirva o suficiente para tolher uma paixão mais

perigosa e levá-lo a ouvir-me de sangue frio falar dela, para me dar tempo de pintá-la sem o excitar.

Há épocas na vida humana que são feitas para nunca serem esquecidas. Tal é para Emílio a da instrução de que falo; deve influir no restante de seus dias. Tratemos pois de gravá-la em sua memória de maneira que não se apague mais. Um dos erros de nosso tempo está em empregar a razão demasiado nua, como se os homens não fossem senão espírito. Negligenciando a língua dos sinais que falam à imaginação, perde-se a mais enérgica das linguagens. A impressão das palavras é sempre fraca, e fala-se ao coração pelos olhos bem mais eficientemente do que pelos ouvidos. Querendo tudo dar ao raciocínio, reduzimos a palavras nossos preceitos; nada pusemos nas ações. A razão sozinha não é ativa; ela retém por vezes, raramente excita e nada fez de grande nunca. Sempre argumentar é a mania dos espíritos pequenos. As almas fortes têm outra linguagem; é por esta que persuadimos e fazemos agir.

Observo que nos séculos modernos os homens não têm mais influência uns sobre os outros senão pela força e pelo interesse, ao passo que os antigos agiam muito mais pela persuasão, pelas afeições da alma, porque não negligenciavam a linguagem dos sinais. Todas as convenções decorriam com solenidade, a fim de se tornarem invioláveis; antes que a força se estabelecesse, os deuses eram os magistrados do gênero humano; era diante deles que os particulares faziam seus contratos, suas alianças, suas promessas; a face da terra era o livro em que se conservavam os arquivos. Rochedos, árvores, montes de pedras consagrados por tais atos e tornados respeitáveis aos homens bárbaros eram as folhas desse livro, sempre aberto a todos os olhos. O poço do juramento, o poço do vivente e do vidente, o velho carvalho de Mambré, o monte da testemunha, eis quais eram os monumentos grosseiros, mas augustos, da santidade dos contratos; ninguém ousaria com uma mão sacrílega atentar contra tais monumentos: e a palavra dos homens era mais garantida por essas testemunhas mudas, do que hoje por todo o vão rigor das leis.

No governo, o augusto aparato do poder real impressionava os povos. Marcas de dignidade, um trono, um cetro, um manto de púrpura, uma coroa, uma faixa, eram para eles coisas sagradas. Esses sinais respeitados tornavam-lhes venerável o homem que os envergava: sem soldados, sem ameaças, lo-

go que falava era obedecido. Agora que se afeta abolir tais sinais ³⁶, que decorre desse desprezo? Acontece que a majestade real se esvai dos corações, que os reis não se fazem mais obedecer senão à força de tropas e que o respeito dos súditos não é senão o medo do castigo. Os reis não precisam mais usar seu diadema, nem os grandes as marcas de suas dignidades; mas são necessários cem mil braços sempre preparados para a execução de suas ordens. Embora talvez isto lhes pareça mais belo, é fácil ver que com o tempo essa permuta não lhes trará vantagem.

O que os antigos fizeram com a eloquência é prodigioso: mas essa eloquência não consistia somente em belos discursos bem torneados; e nunca produziu mais efeito do que quando o orador falava menos. O que se dizia mais vivamente não se exprimia por palavras e sim por sinais; não o diziam, mostravam-no. O objeto que se expõe aos olhos excita a imaginação, a curiosidade, mantém o espírito à espera do que vai ser dito; e muitas vezes esse objeto sozinho disse tudo. Trasíbulo e Tarquínio cortando papoilas, Alexandre selando a boca de seu favorito, Diógenes andando à frente de Zenon, não falavam mais certo do que se tivessem feito longos discursos? Que agrupamento de palavras teria mais bem expressado suas idéias? Dario, entrando na Cítia com seu exército, recebe da parte do rei dos Citos um pássaro, uma rã, um camundongo e cinco flechas. O embaixador entrega seu presente e volta sem nada dizer. Em nossos dias esse homem seria encarado como louco.

(36) O clero romano os conservou muito habilmente e, seguindo seu exemplo, algumas repúblicas, entre outras a de Veneza. Por isso o governo veneziano, apesar da queda do Estado, goza ainda, sob o aparato de sua antiga majestade, de toda a afeição, de toda a adoração do povo; e depois do Papa com sua tiara, não há talvez nem rei, nem potentado, nem homem no mundo mais respeitado do que o doge de Veneza, sem poder, sem autoridade, mas tornado sagrado por sua pompa, e ornamentado sob o corno ducal com um toucado de mulher. Essa cerimônia do Bucentauro, que provoca o riso dos tolos, faria o povo de Veneza verter todo o seu sangue para a manutenção de seu governo tirânico. (— O Bucentauro era o nome dado a uma grande e magnífica embarcação sem mastros e sem velas, assaz semelhante a um galeão e a que subia o doge de Veneza quando, anualmente, no dia da Ascensão, desposava o mar. Essa cerimônia deixou de se realizar mais ou menos na época em que Veneza ficou de posse da Áustria pelo tratado de Campo-Formio, em 1797.)

Essa terrível arenga foi compreendida e Dario não pensou mais senão em retornar à sua terra da melhor maneira possível. Substituí uma carta a esses sinais; quanto mais ameaçadora menos amedrontará; seria uma fanfarronada apenas, e Dario houvera rido tão-somente.

Que importância davam os romanos à língua dos sinais! Trajes diferentes segundo a idade e segundo as condições; togas, mantos, pretextos, selos, túnicas, púlpitos, lictores, fascas, machados, coroas de ouro, de ervas, de folhas, ovações, triunfos: tudo entre eles era aparato, representação, cerimônia e tudo impressionava o coração dos cidadãos. Importava ao Estado que o povo se reunisse em tal ou qual local; que visse ou não visse o Capitólio; que se voltasse ou não para o Senado; que deliberasse de preferência tal ou qual dia. Os acusados trocavam de traje, os candidatos também; os guerreiros não se vangloriavam de seus feitos, mostravam seus ferimentos. Imagino um de nossos oradores quando da morte de César. Querendo comover o povo esgotaria todos os lugares-comuns da arte para fazer uma patética descrição de suas chagas, de seu sangue, de seu cadáver: Antônio, embora eloqüente, não diz nada disso: manda trazer o corpo. Que retórica!

Mas esta digressão leva-me insensivelmente longe de meu assunto, assim como fazem muitos outros, e meus desvios são demasiado freqüentes para poderem ser longos e toleráveis. Volto pois ao assunto.

Não argumenteis nunca secamente com a juventude. Dai um corpo à razão se quiserdes lha torná-la sensível. Fazei passar pelo coração a linguagem do espírito, a fim de que se faça entender. Repito-o, os argumentos frios podem determinar nossas opiniões, nossas ações: fazem acreditar, não agir; demonstra-se o que é preciso pensar, não o que é preciso fazer. Se isso é verdade para os homens, com muito mais razão o é para os jovens ainda envolvidos em seus sentidos e que só pensam na medida em que imaginam.

Evitarei portanto, mesmo depois das preparações de que falei, ir de repente ao quarto de Emílio fazer-lhe um longo discurso sobre o assunto em que quero instruí-lo. Começarei excitando sua imaginação; escolherei o momento, o lugar, os objetos mais favoráveis à impressão que quero provocar; chamarei, por assim dizer, toda a natureza como testemunha de nossas conversações; invocarei o Ser eterno, autor dessa natureza,

como juiz entre mim e Emílio; assinalarei o lugar em que nos encontramos, os rochedos, as montanhas que nos cercam como monumentos de seus compromissos e dos meus; porei em meus olhos, em meu acento, em meu gesto o entusiasmo e o ardor que lhe quero inspirar. Então lhe falarei e ele me ouvirá, eu me enternecerei e ele ficará comovido. Compenetrando-me da santidade de meus deveres, tornarei os seus mais respeitáveis; animarei a força dos argumentos com imagens e figuras; não serei longo e difuso em máximas, mas abundante em sentimentos; minha razão será grave e sentenciosa, mas meu coração nunca dirá demais. Então, mostrando-lhe o que fiz por ele, eu o mostrarei como feito para mim mesmo e ele verá em minha terna afeição a razão de todos os meus cuidados. Que surpresa, que agitação vou dar-lhe mudando subitamente de linguagem! Ao invés de lhe amesquinhar a alma falando-lhe sempre de seu interesse, somente do meu é que lhe falarei a partir de então, e o comoverei mais. Inflamarei seu jovem coração com todos os sentimentos de amizade, de generosidade, de reconhecimento que fiz nascer e que são de tão doce cultivo. Eu o abraçarei vertendo lágrimas de ternura; dir-lhe-ei: és minha riqueza, meu filho, minha obra; é de tua felicidade que espero a minha; se frustrares minha esperança, roubarás vinte anos de minha vida e farás a desgraça de minha velhice. É assim que nos fazemos ouvir de um jovem e gravamos no fundo de seu coração a lembrança do que lhe dizemos.

Até aqui tentei dar exemplos da maneira pela qual um governante deve instruir seu discípulo nas ocasiões difíceis. Tentarei fazer o mesmo nesta; mas após muitas tentativas, renuncio, convencido de que a língua francesa é demasiado preciosa para encerrar num livro a ingenuidade das primeiras instruções acerca de certos assuntos.

A língua francesa é, dizem, a mais casta das línguas; eu acredito que é a mais obscena; pois parece-me que a castidade de uma língua não consiste em evitar com cuidado as expressões desonestas e sim em não as ter. Com efeito, para evitá-las, é preciso nelas pensar; e não há língua em que seja mais difícil falar puramente em todo sentido do que a francesa. O leitor, sempre mais hábil a descobrir sentidos obscenos, do que o autor em escondê-los, scandaliza-se com tudo. Como o que passa por ouvidos impuros não contrairia sua impureza? Ao contrário, um povo de bons costumes tem termos próprios para todas as coisas; e esses termos são sempre honestos

porque são empregados honestamente. É impossível imaginar uma linguagem mais modesta que a da Bíblia, precisamente porque tudo nela é dito com ingenuidade. Para tornar impuras as mesmas coisas, basta traduzi-las para o francês. O que devo dizer a meu Emílio não será senão honesto e casto a seus ouvidos; mas para assim achá-lo à leitura, fora preciso um coração tão puro quanto o seu.

Pensaria mesmo que reflexões sobre a verdadeira pureza do discurso e a falsa delicadeza do vício, poderiam ser úteis nos colóquios acerca da moral a que o assunto nos conduz. Aprendendo a linguagem da honestidade, ele deve aprender também a da decência e é preciso que ele saiba porque essas duas linguagens são tão diferentes. Como quer que seja, sustento que em lugar de vãos preceitos com que enchem antes do tempo os ouvidos da juventude e de que ela zomba na idade em que seriam indicados, se esperamos, se preparamos o momento de nos tornarmos entendidos e então lhe expomos as leis da natureza em toda a sua verdade; se lhe mostramos a sanção dessas mesmas leis nos males físicos e morais que sua infração provoca; se, em lhe falando desse inconcebível mistério da geração, juntamos à idéia da atração que o autor da natureza dá a esse ato a do apego exclusivo que o torna delicioso, a dos deveres de fidelidade, de pudor que o cercam e que aumentam seu encanto; se pintando-lhe o casamento, não somente como a mais doce das sociedades, mas também como o mais santo dos contratos, se dizemos com energia todas as razões que tornam um laço tão sagrado respeitável a todos os homens, e cobrem de ódio e de maldição quem quer ousa manchar-lhe a pureza; se lhe traço um quadro impressionante e verdadeiro dos horrores da devassidão, de seu estúpido embrutecimento, do declive insensível pelo qual uma primeira desordem conduz a todas e arrasta à sua perda quem a elas se entrega; se lhe mostro com evidência como ao gosto da castidade se ligam a saúde, a força, a coragem, as virtudes, o próprio amor e todos os verdadeiros bens do homem, sustento que então lhe teremos tornado essa castidade desejável e cara, e que veremos seu espírito dócil aos meios que lhe daremos para conservá-la; pois, enquanto a conservamos, nós a respeitamos; só a desprezamos depois de a termos perdido.

Não é verdade que a inclinação para o mal seja indomável e que não sejamos senhores de vencê-la antes que tenha-

mos adquirido o hábito de a ela succumbir. Aurelius Victor diz que vários homens arrebatados de amor compraram de bom grado com a vida uma noite de Cleópatra, e esse sacrifício não é impossível na embriaguez da paixão. Mas suponhamos que o homem mais furioso, e menos senhor de seus sentidos, visse o aparelho do suplício na certeza de morrer um quarto de hora mais tarde; não somente esse homem, a partir desse instante, se tornaria superior à tentação, como pouco lhe custaria resistir a ela; dentro em breve a imagem horrível de que se acompanharia o distrairia dela; e sempre rechaçada, ela deixaria de voltar. É somente a mornidão de nossa vontade que faz nossa fraqueza e somos sempre fortes para fazer o que queremos fortemente: *volenti nihil difficile*. Ah! se detestássemos o vício como amamos a vida, nós nos absteríamos tão facilmente de um crime agradável quanto de um veneno mortal num manjar delicioso.

Como não vêem que todas as lições que se dão a um jovem nesse ponto são sem êxito, porque são sem razão para sua idade e que importa em qualquer idade revestir a razão com formas que a façam amar? Falai-lhe gravemente quando preciso; mas que o que lhe dizeis tenha sempre uma atração que o force a vos ouvir. Não combatais seus desejos com secura; não abafeis sua imaginação, guiai-a de medo que engendre monstros. Falai-lhe do amor, das mulheres, dos prazeres; fazei com que ele encontre em vossos colóquios um encanto que lhe envaideça o jovem coração; nada poupeis para tornar-vos seu confidente: só dessa maneira sereis realmente seu mestre. Então não receeis mais que vossas conversas o aborreçam; ele vos fará falar mais do que desejareis.

Não duvido um só instante que, se tiver tomado todas as precauções necessárias com essas máximas, e dito a meu Emílio as palavras convenientes à conjuntura a que o progresso dos anos o fez chegar, ele venha por si mesmo ao ponto aonde quero conduzi-lo, ele se ponha de bom grado sob a minha proteção, e me diga com todo o calor de sua idade, impressionado pelos perigos de que se vê cercado: O meu amigo, meu protetor, meu mestre, recuperai a autoridade que quereis abandonar no momento em que mais me importa que a conserveis; só a tínheis até agora em virtude de minha fraqueza, vós a tereis daqui por diante por minha vontade, e mais sagrada me será ela ainda. Defendei-me contra todos os inimigos que me

assediam, e principalmente contra os que trago em mim, e que me traem; cuidai de vossa obra, a fim de que permaneça digna de vós. Quero obedecer a vossas leis, quero-o sempre, é minha vontade constante; se jamais vos desobedecer, será contra minha vontade: tornai-me livre protegendo-me contra minhas paixões que me violentam; impedi-me de ser escravo delas, e forçai-me a ser meu próprio senhor não obedecendo a meus sentidos e sim a minha razão.

Quando tiverdes levado vosso aluno a este ponto (e se-reis culpado se a ele não chegar), evitai pegá-lo de imediato na palavra, de medo que, em lhe parecendo vossa autoridade demasiado rude, ele se acredite no direito de se subtrair a ela acusando-vos de tê-lo surpreendido. É nesse momento que a reserva e a gravidade se impõem; e este tom se imporá tanto mais quanto será a primeira vez que vos verá empregá-lo.

Vós lhe direis então: “Jovem, assumis levianamente compromissos penosos; fora preciso conhecê-los, para estar em condições de o fazerdes: não sabeis com que furor os sentidos arrastam vossos semelhantes para o abismo dos vícios, ao apelo dos prazeres. Não tendes uma alma abjeta, bem o sei; não faltareis nunca a vossa palavra, mas quantas vezes, possivelmente, vos arrependeréis de tê-la dado! Quantas vezes amaldiçoareis quem vos ama, quando, para vos afastar dos males que vos ameaçam, ele se vir forçado a ferir vosso coração! Assim como Ulisses, comovido com o canto das Sereias, conclamava seus guias a desacorrentá-lo, seduzido pelo apelo dos prazeres, desejareis desfazer os laços que vos incomodam; vós me importunareis com vossas queixas; censurareis minha tirania quando eu estiver mais ternamente ocupado convosco; pensando apenas em vos fazer feliz, provocarei vosso ódio. Ó meu Emílio, não suportarei nunca a dor de te ser odioso; tua felicidade mesma é cara demais por este preço. Bom jovem, não vêdes que me obrigando a me obedecer, vós me obrigais a vos conduzir, a esquecer-me para dedicar-me a vós, a não ouvir vossas queixas, nem vossos murmúrios, a combater incessantemente vossos desejos e os meus? Vós me impondes um jugo mais duro do que o vosso. Antes de nos comprometermos ambos, consultemos nossas forças; não vos apresseis, deixai-me pensar também e sabeí que o mais lento a prometer é sempre o mais fiel a cumprir.”

Sabei também vós mesmo que quanto mais difícil vos mostrardes a respeito do compromisso, mais lhe facilitareis a exe-

cução. Importa que o jovem sinta que promete muito, e que vós prometeis mais ainda. Quando chegar o momento e que êle tiver, por assim dizer, assinado o contrato, trocai de linguagem, e ponde tanto maior doçura em vosso domínio quanto maior severidade tiverdes anunciado. Vós lhe direis: Meu jovem amigo, careceis de experiência mas eu agi de maneira que a razão não vos faltasse. Estais em condições de ver em tudo os motivos de minha conduta; basta para tanto esperar que estejais de sangue frio. Começai por obedecer-me sempre, e depois pedi que vos preste conta de minhas ordens; estarei disposto a vo-las prestar logo que estiverdes em estado de me entender, e não temerei nunca tomar-vos como juiz entre mim e vós. Vós prometeis ser dócil, e eu prometo não usar dessa docilidade senão para vos tornar o mais feliz dos homens. Dou como garantia de minha promessa a sorte que tivestes até aqui. Encontrai alguém de vossa idade que tenha desfrutado uma vida tão suave como a vossa e nada mais vos prometo.

Depois de estabelecer minha autoridade, meu primeiro cuidado será afastar a necessidade de empregá-la. Não pouparei nada para alicerçar-me dia a dia mais na sua confiança, para tornar-me sempre mais o confidente de seu coração e o árbitro de seus prazeres. Longe de combater as inclinações de sua idade, eu as consultarei para me assenhorear delas; atentarei para seus pontos de vista a fim de orientá-los, não procurarei para ele uma felicidade remota a expensas do presente. Não quero que seja feliz uma vez e sim sempre, se possível.

Os que querem guiar com prudência a juventude para garanti-la contra as ciladas dos sentidos, procuram infundir-lhe o horror ao amor e de bom grado fariam um crime de nisso pensar nessa idade, como se o amor fôsse feito para os anciãos. Todas essas lições enganadoras que o coração desmente não persuadem. O jovem, guiado por um instinto mais seguro, ri em segredo das tristes máximas em que finge aceitar, e não espera senão o momento de as tornar vãs. Tudo isso é contrário à natureza. Seguindo um caminho oposto, chegarei mais seguramente ao mesmo fim. Não recearei lisonjear nêle o doce sentimento de que se mostra ávido; pintá-lo-ei como a suprema felicidade da vida, porque o é em verdade; pintando-o quero que a ele se entregue; fazendo-o sentir que encanto a união dos corações acrescenta à atração dos sentidos, eu o desgostarei da libertinagem e o farei sábio tornando-o amoroso.

Como é preciso ser curto de vistas para não ver nos desejos nascentes de um jovem senão um obstáculo às lições da razão! Eu vejo nisso o verdadeiro meio de o tornar dócil a essas mesmas lições. Só se tem domínio sobre as paixões pelas paixões; é pelo domínio sobre elas que cumpre combater-lhes a tirania, e é sempre da própria natureza que é preciso tirar os instrumentos suscetíveis de regrá-la.

Emílio não é feito para permanecer sempre solitário; membro da sociedade, deve cumprir seus deveres. Feito para viver com os homens, deve conhecê-los. Conhece o homem em geral, resta-lhe conhecer os indivíduos. Sabe o que se faz no mundo: resta-lhe saber como nele se vive. É tempo de mostrar-lhe o exterior desse grande palco cujos jogos interiores já conhece. Não lhes dará mais a admiração estúpida de um jovem avoadado e sim o discernimento de um espírito reto e justo. Suas paixões podem iludi-lo sem dúvida; mas quando não iludem os que a elas se entregam? Ao menos ele não será enganado pelas dos outros. Se as vê, as verá com o olho do sábio, sem ser levado por seus exemplos nem seduzido pelos seus preconceitos. Assim como há uma idade adequada ao estudo das ciências, há uma para bem aprender os usos da sociedade. Quem aprende tais usos demasiado cedo segue-os durante toda a vida sem escolha, sem reflexão, e, embora com suficiência, sem saber muito bem o que faz. Mas quem os aprende em lhes percebendo as razões, segue-os com mais discernimento e, por conseguinte, com mais justeza e graça. Dai-me um menino de doze anos que não saiba nada de nada, aos quinze devo vo-lo devolver tão sábio quanto o que instruísse desde cedo, com a diferença de que o saber do vosso não estará senão na memória e o do meu estará em seu julgamento. Introduzi um jovem de vinte anos no mundo; bem conduzido, será dentro de um ano mais amável, mais judiciosamente polido do que aquele que nele terá sido educado desde a infância: porque o primeiro, sendo capaz de sentir as razões de todos os processos relativos à idade, ao sexo, que constituem tais usos, pode reduzi-los a princípios e estendê-los ao caso previsto; ao passo que o outro, tendo somente sua rotina por regra, vê-se embaraçado quando sai dela.

As moças francesas são todas educadas em conventos até a hora do casamento. Percebe-se que tenham alguma dificuldade em adquirir maneiras de ser tão novas? E acusarão as

mulheres de Paris de parecerem embaraçadas, de ignorarem os costumes da sociedade por não a haverem freqüentado desde a infância? Esse preconceito vem da própria gente da sociedade, que, não conhecendo nada mais importante do que tão pequena ciência, imagina falsamente que cumpre começar cedo para adquiri-la.

É verdade que não se deve tampouco esperar demais. Quem haja vivido sua mocidade inteira longe da alta sociedade nela se apresenta durante o resto de sua vida com um ar embaraçado, constrangido, com reflexões fora de propósito, maneiras pesadas e desajeitadas que a vida social não desfaz mais, e a que o esforço de libertação empresta um pouco mais de ridículo. Cada tipo de instrução tem seu momento próprio que cumpre conhecer, e seus perigos que cabe evitar. É sobretudo nesta instrução que eles se reúnem; mas não exponho tampouco a eles meu aluno sem precauções que o defendam.

Quando meu método apresenta um mesmo objeto a todas as perspectivas, e quando, sustando um inconveniente, previne outro, julgo que é bom e que estou certo. É o que creio ver no expediente que me sugere aqui. Se quiser ser austero e seco com meu aluno, perderei sua confiança e dentro em pouco ele se esconderá de mim. Se quiser ser complacente, fácil, ou fechar os olhos, que lhe adiantará estar sob as minhas ordens? Não faço senão autorizar sua desordem e aliviar sua consciência em detrimento da minha. Se o introduzo na sociedade tão-somente com o projeto de instruí-lo, ele se instruirá mais do que quero. Se o mantenho afastado até o fim, que terá aprendido comigo? Tudo, talvez, menos a arte mais necessária ao homem e ao cidadão, que é a de saber viver com seus semelhantes. Se dou a esses cuidados uma utilidade demasiadamente remota, esta será nula para ele, ele só se interessa pelo presente. Se me contento com lhe fornecer divertimentos, que bem lhe faço? Ele se amolece e não se instrui.

Nada de tudo isso. Meu expediente provê a tudo. Teu coração, digo ao jovem, precisa de uma companheira; vamos procurar a que te convém: não a encontraremos facilmente talvez, o verdadeiro mérito é sempre raro, mas não nos apressemos nem desanimemos. Há sem dúvida uma e nós a encontraremos afinal, ou ao menos a que mais se aproxima dela. Com um projeto assim tão lisonjeiro para ele, introduzo-o na sociedade. Que preciso dizer mais? Não vedes que fiz tudo?

Pintando-lhe a amante que lhe destino, saberei fazer-me ouvir, saberei tornar-lhe agradáveis e caras as qualidades que ele deve amar, saberei orientar todos os seus sentimentos para o que deve procurar ou evitar. É preciso que eu seja o mais inábil dos homens, para não o tornar apaixonado sem saber por quem. Não importa que o objeto que lhe pintar seja imaginário, basta que o desgoste dos que poderiam tentá-lo, basta que encontre por toda parte comparações que o façam preferir sua quimera aos objetos reais que o impressionarão: e que é o verdadeiro amor êle próprio senão quimera, mentira, ilusão? Amamos muito mais a imagem que criamos que o objeto a que aplicamos. Se víssemos o que amamos exatamente como é, não haveria mais amor na terra. Quando deixamos de amar, a pessoa que amávamos continua a mesma, mas não a vemos mais da mesma maneira; o véu do prestígio cai e o amor se extingue. Ora, fornecendo o objeto imaginário, sou senhor das comparações e impeço facilmente a ilusão dos objetos reais.

Não quero com isso que se engane um jovem pintando-lhe um modelo de perfeição que não possa existir; mas escolherei tão bem os defeitos de sua amante, que eles lhe convirão, lhe serão agradáveis e servirão para os dele próprio. Não quero tampouco que lhe mintam, afirmando falsamente que o objeto pintado existe; mas se êle se compraz com a imagem, desejará logo um original semelhante. Do desejo à suposição o trajeto é fácil; é questão de algumas descrições hábeis que, com traços mais sensíveis, darão a êsse objeto um ar maior de verdade. Eu gostaria de ir até nomeá-lo. Diria, rindo: Chamemos *Sofia* vossa futura amante: *Sofia* é nome de bom augúrio: se a que escolherdes não o tiver, será ao menos digna de tê-lo; podemos dar-lho de antemão. Depois dêsses pormenores, se, sem afirmar, sem negar, ocorrerem derrotas, suas suspeitas se transformarão em certezas; acreditará que lhe fazemos mistério da esposa que lhe é destinada e que a verá no momento oportuno. Se se encontra neste ponto e se escolhemos bem o que cumpre mostrar-lhe, o resto é fácil; podemos expô-lo à sociedade quase sem risco: defendei-o somente contra os sentidos, o coração está em segurança.

Mas, personalize ou não o modelo que lhe tiver tornado amável, êsse modelo, sendo bem feito, não deixará de apegá-lo a tudo que se lhe assemelhar, nem deixará de afastá-lo de tudo o que não se lhe assemelhar, tal qual se tivesse um objeto real.

Grande vantagem para preservar seu coração dos perigos a que sua pessoa deve ser exposta, para reprimir seus sentidos pela imaginação, para arrancá-lo, sobretudo, dessas fornecedoras de educação, que a fazem pagar caro, e não formam um jovem sociável senão tirando-lhe a honestidade. Sofia é tão modesta! Como verá as promessas das outras?/ Sofia tem tanta simplicidade! Como apreciará a afetação das outras? Vai longe demais, de suas idéias a suas observações, para que estas lhe sejam perigosas.

Todos os que falam da educação dos jovens, seguem os mesmos preconceitos e as mesmas máximas, porque observam mal e refletem mal. Não é nem pelo temperamento nem pelos sentidos que começa a perdição da juventude, é pela opinião. Se se tratasse aqui de meninos educados em colégios e de meninas educadas em conventos, eu mostraria que isso é verdade mesmo em relação a eles; pois as primeiras lições que recebem uns e outras, as únicas que frutificam, são as do vício. Não é a natureza que os corrompe, é o exemplo. Mas abandonemos pensionistas de colégios e conventos a seus maus costumes: serão sempre sem remédio. Não falo senão da educação doméstica. Pegai um jovem educado prudentemente na residência de seu pai na província, examinai-o no momento em que chega a Paris, em que entra na sociedade; vós o vereis pensando certo em relação às coisas honestas e tendo a vontade tão sadia quanto a razão; vê-lo-eis com desprezo pelo vício e horror à devassidão; diante da simples palavra prostituta vereis em seus olhos o escândalo da inocência. Sustento que nenhum só poderia decidir-se a entrar sozinho nas tristes casas dessas infelizes, ainda que soubesse para que servem e sentisse necessidade delas.

Considerai o mesmo indivíduo seis meses depois, não o reconheceréis mais; expressões livres, máximas pretensiosas, atitudes displicentes vo-lo fariam tomar por outro homem, se suas zombarias acerca de sua simplicidade primeira, sua vergonha quando lha lembram, não mostrassem que é o mesmo e disto se peja. Como se formou em pouco tempo! De onde vem tão grande e brusca mudança? Do progresso do temperamento? Seu temperamento não teria feito o mesmo progresso na casa paterna? E por certo aí não teria adquirido esse tom nem essas máximas. Dos primeiros prazeres dos sentidos? Ao contrário: quando começamos a entregar-nos a eles, somos timoratos, inquietos, fugimos de todos e do ruído. As primei-

ras volúpias são sempre misteriosas, o pudor as condimenta e as esconde: a primeira amante não torna impudente e sim tímido. Todo absorvido num estado tão novo para ele, o jovem se recolhe e receia sempre perdê-lo. Se é barulhento, não é nem voluptuoso nem terno; enquanto se vangloria não gozou.

Somente outras maneiras de pensar produziram tais diferenças. Seu coração é ainda o mesmo, mas suas opiniões mudaram. Seus sentimentos mais lentos em se alterar, se alterarão com elas; e é somente então que estará verdadeiramente corrompido. Mal entra na sociedade passa por uma segunda educação inteiramente oposta à primeira e pela qual aprende a desprezar o que estimava e a estimar o que desprezava; fazem-no encarar as lições de seus pais e de seu mestre como um jargão pedante, e os deveres que lhe foram pregados como uma moral pueril que se deve desdenhar quando adulto. Ele se acredita obrigado, por honra, a mudar de conduta; torna-se atrevido sem desejos e enfatuado por falsa vergonha. Zomba dos bons costumes antes de se ter afeiçoado aos maus, e se jata de devassidão sem saber ser devasso. Não esquecerei nunca a confissão de um jovem oficial da guarda suíça, que se aborrecia com os prazeres ruidosos de seus camaradas mas não ousava recusar-se a participar deles de medo das caçadas: "Exercito-me nisso, dizia, como a tomar rapé apesar de minha repugnância: o gosto virá com o hábito; é preciso não continuar sempre criança."

Assim, pois, é bem menos da sensualidade que da vaidade que cumpre preservar um jovem que entra na sociedade: cede mais às inclinações de outrem que às próprias, e o amor-próprio faz mais libertinos que o amor.

Isto posto, pergunto se há alguém na terra mais armado do que o meu jovem contra tudo o que pode atacar seus costumes, seus sentimentos, seus princípios; se há alguém mais em condições de resistir à torrente. Pois, contra que sedução não tem ele defesa? Se seus desejos o arrastam para o sexo, nele não encontra o que procura e seu coração preocupado o retém. Se seus sentidos o agitam e o pressionam onde encontrará como contentá-los? O horror ao adultério e à devassidão afasta-o tanto das prostitutas quanto das mulheres casadas, e é sempre por umas ou outras que começam as desordens da juventude. Uma moça casadoira pode ser dengosa; mas não será provocadora; não irá jogar-se nos braços de um

jovem que a pode desposar se a crê honesta; demais terá alguém para a vigiar. Emílio por seu lado não estará inteiramente entregue a si mesmo; ambos terão ao menos como guardas o temor e a vergonha, inseparáveis dos primeiros desejos; não irão abruptamente às últimas familiaridades, e não terão tempo de chegar a elas sem obstáculos. Para agir de outro modo, é preciso que já tenha recebido lições de seus camaradas, que tenha aprendido com eles a zombar da contenção, a tornar-se insolente imitando-os. Que homem no mundo, porém, é menos imitador que Emílio? Que homem é menos conduzido pelo tom zombeteiro do que quem não tem preconceitos e não sabe nada creditar aos dos outros? Trabalhei vinte anos para encorajá-lo contra os trocistas; precisarão de tempo para fazer com que vá na onda deles; pois o ridículo não é, aos olhos de Emílio, senão a razão dos tolos e nada torna mais insensível à zombaria do que se colocar acima da opinião. Ao invés de zombarias ele quer razões; e enquanto assim for não tenho medo de que jovens malucos mo roubem; tenho por mim a consciência e a verdade, e se cabe um lugar ao preconceito, uma amizade de vinte anos é também alguma coisa: nunca lhe farão acreditar que o aborreci com lições inúteis; e num coração, reto e sensível à voz de um amigo fiel e verdadeiro, saberá abafar os gritos de vinte sedutores. Como não se trata senão de lhe mostrar que eles o enganam e que fingindo tratá-lo como homem o tratam realmente como criança, far-me-ei sempre simples, mas grave e claro em meus raciocínios, a fim de que sinta que eu é quem o trata como homem. Dir-lhe-ei: "Vedes que somente vosso interesse, que é o meu, dita minhas palavras; não posso ter nenhum outro. Mas por que esses rapazes o querem persuadir? É porque desejam seduzir-vos: não vos amam, não têm nenhum interesse em vós; como motivo tem apenas um despeito secreto por ver que valeis mais do que eles; querem abaixar-vos à medida deles e só vos censuram por vos deixardes governar para governar-vos eles próprios. Podeis acreditar que ganharíeis com a mudança? Sua sabedoria será assim tão superior, e sua amizade de um dia mais forte do que a minha? Para dar algum peso à sua zombaria fora preciso dá-lo também à sua autoridade. E que experiência têm eles para elevar suas máximas acima das nossas? Não fizeram senão imitar outros estouvados, como querem ser imitados por sua vez. Para colocar-se acima dos pretensos preconceitos de seus pais, escravizam-se aos de seus camaradas. Não vejo o

que ganham com isto, mas vejo que perdem seguramente duas grandes vantagens, a da afeição paterna, cujos conselhos são ternos e sinceros, e a da experiência que leva a julgar o que se conhece; porque os pais foram filhos e os filhos não foram pais.

“Mas acreditais sejam sinceros, ao menos, em suas máximas absurdas? Nem isso, caro Emílio; eles se enganam para vos enganar: seu coração os desmente sem cessar e amiúde sua boca os contradiz. Um que zomba de tudo que é honesto ficaria desesperado se a mulher pensasse da mesma maneira. Outro levará a tal indiferença pelos costumes até aos da mulher que ainda não tem, ou, por cúmulo da infâmia, até aos da mulher que já tem. Mas ide mais longe, falai-lhe de sua mãe, e vede se de bom grado quererá passar por filho adulterino, filho de uma mãe de má vida, para usurpar o nome de uma família, para roubar o patrimônio dela ao herdeiro natural; se, finalmente, se deixará pacientemente tratar de bastardo. Qual dentre eles há de querer que atribuam à sua filha a desonra com que cobre a de outrem? Não há nenhum deles que não chegasse até a atentar contra vossa vida se adotásseis com ele, na prática, todos os princípios que se esforça por vos dar. Assim é que revelam sua inconseqüência e que sentimos que nenhum deles acredita no que diz. São razões, caro Emílio; pesai as deles, se as têm, e comparai. Se eu quisesse usar contra eles o desprezo e a zombaria, vós os veríeis exporem-se ao ridículo tanto talvez e mais do que eu. Mas não tenho medo de um exame sério. O triunfo dos trocistas é de curta duração; a verdade fica, e seu riso insensato deles se extingue.”

Não imaginais como com vinte anos Emílio pode ser dócil. Como pensamos diferentemente! Não concebo como pode ser aos dez anos; pois que domínio podia ter sobre ele nessa idade? Precisei de quinze anos para adquiri-lo. Não o educava então, preparava-o para ser educado. Ele o é agora bastante para ser dócil; reconhece a voz da amizade, sabe obedecer à razão. Deixo-lhe, é verdade, a aparência da independência, mas nunca me foi mais obediente, porque o é por querer sê-lo. Enquanto não pude tornar-me senhor de sua vontade, eu o fui de sua pessoa; não o largava um instante. Agora eu o deixo por vezes só, porque o governo sempre. Deixando-o, eu o abraço e lhe digo com segurança: Emílio, eu te confio a meu amigo; eu te entrego a seu coração honesto; ele me prestará contas de ti.

Não é coisa de um momento corromper afeições que não tiveram nenhuma alteração anterior, apagar princípios derivados imediatamente das primeiras luzes da razão. Se alguma mudança se verificar durante minha ausência, nunca será duradoura, ele não saberá esconder-se bastante bem de mim para que eu não perceba o perigo antes do mal e que não tenha tempo de remediar. Como ninguém se deprava subitamente, não se aprende a dissimular de um momento para outro; e se há alguém inepto nessa arte é Emílio que nunca teve na vida oportunidade de praticá-la.

Por esses cuidados e outros semelhantes eu o acredito tão bem garantido contra objetos estranhos e máximas vulgares, que preferiria vê-lo no meio da pior sociedade de Paris a vê-lo sozinho em seu quarto ou em um parque, entregue a toda a inquietude de sua idade. Por mais que se faça, de todos os inimigos que podem atacar um jovem, o mais perigoso e o único que não se pode afastar é ele próprio; este inimigo entretanto só é perigoso por nossa culpa; pois, como o disse mil vezes, é unicamente pela imaginação que os sentidos despertam. As necessidades deles não são propriamente uma necessidade física; não é verdade que sejam uma verdadeira necessidade. Se nunca objeto lascivo houvesse impressionado nossos olhos, se nunca uma idéia desonesta tivesse entrado em nosso espírito, nunca talvez essa pretensa necessidade se fizesse sentir em nós; e teríamos permanecido castos, sem tentações, sem esforço, sem mérito. Não se conhecem que fermentações surdas certas situações e certos espetáculos excitam no sangue da juventude, sem que ela saiba deslindar ela própria a causa dessa primeira inquietude, que não se acalma facilmente e não tarda em renascer. Quanto a mim, mais reflito nessa importante crise e nas suas causas próximas ou longínquas, mais me convenço de que um solitário criado num deserto, sem livros, sem instrução e sem mulheres morreria virgem em qualquer idade a que chegasse.

Mas não se trata aqui de um selvagem dessa espécie. Educando um homem para a sociedade, é impossível, nem mesmo se pensa nisso, educá-lo sempre dentro dessa ignorância salutar; e o que há de pior para a sabedoria é ser meio sábio. A recordação dos objetos que nos impressionaram, as idéias que adquirimos, acompanham-nos no retiro, povoam-no, contra nossa vontade, de imagens mais sedutoras do que os próprios ob-

jetos e tornam a solidão tão funesta a quem as tem quão útil a quem se mantém sempre só.

Atentai portanto com cuidado para o jovem. Ele poderá defender-se de tudo mas cabe a vós defendê-lo contra ele próprio. Não o deixeis sozinho nem de dia nem de noite, dormi ao menos no quarto dele; que se ponha na cama acabrunhado de sono e que só saia na hora em que desperta. Desconfiai do instinto desde quando não vos limitardes a ele: é bom enquanto age só; é suspeito quando se mistura às instituições dos homens: não deveis destruí-lo, deveis regrá-lo; e isso talvez seja mais difícil do que aniquilá-lo. Seria muito perigoso que ensinásseis a vosso aluno a enganar seus sentidos e a suprir às oportunidades de satisfazê-los; em conhecendo uma vez esse perigoso suprimento, estará perdido. A partir de então terá sempre o coração e o corpo enervados; carregará para o túmulo os tristes efeitos desse hábito, o mais funesto a que pode um jovem ficar sujeito. Sem dúvida fora melhor ainda... Se o furor de um temperamento ardente se torna invencível, meu caro Emílio, tenho pena de ti; mas não hesitaria um momento e não deixaria que o fim da natureza fosse elidido. Se é imprescindível que um tirano te subjugué, eu te entrego de preferência aquele de quem te posso libertar. O que quer que aconteça, eu te arrancarei mais facilmente das mulheres que de ti.

Até aos vinte anos o corpo cresce, precisa de toda a sua substância: a continência está então na ordem da natureza e não se desobedece a ela senão a expensas de sua constituição própria. Depois de vinte anos a continência é um dever de moral; importa para que se aprenda a reinar sobre si mesmo, a permanecer o senhor dos próprios apetites. Mas os deveres morais têm suas modificações, suas exceções, suas regras. Quando a fraqueza humana torna uma alternativa inevitável, de dois males o menor: como quer que seja é melhor cometer um erro do que adquirir um vício.

Lembra-vos de que não é mais de meu aluno que falo aqui, é do vosso. Suas paixões, que deixastes fermentar, vos subjugam; cedei então abertamente e sem lhe mascarar a vitória dele. Se souberdes apresentar-lha na sua verdade, ele se mostrará menos envaidecido do que envergonhado; e conservareis o direito de guiá-lo durante seu desvario a fim de fazê-lo com que ao menos evite os precipícios. Importa que o

discípulo nada faça que o mestre não saiba e não queira, nem mesmo o que é mal; e é cem vezes melhor que o governante aprove um erro e se engane do que ser enganado por seu aluno e que o erro se cometa sem que o saiba. Quem crê dever fechar os olhos a qualquer coisa, vê-se logo forçado a fechá-los a tudo: o primeiro abuso tolerado acarreta outro; e este encadeamento só termina com a derrubada da ordem e o desprezo da lei.

Outro erro que já combati, mas que não sairá nunca dos pequenos espíritos, está em afetar sempre uma dignidade magistral e querer passar por um homem perfeito no espírito do discípulo. Este método é contraproducente. Como não vêm que, querendo consolidar sua autoridade eles a destroem? Que para fazer ouvir o que se diz é preciso pôr-se no lugar daquele a quem se fala, e que é preciso ser homem para tocar o coração humano? Todos esses indivíduos perfeitos não impressionam nem persuadem: é fácil demais combater paixões que não sentem. Mostrai vossas fraquezas a vosso aluno, se quiserdes curar as dele: que veja em vós as mesmas lutas que se apresentam a ele, que aprenda a dominar-se com vosso exemplo, e que não diga como os outros: estes velhos despeitados por não serem mais jovens, querem tratar os jovens como velhos: e como todos os desejos deles se extinguiram, querem incriminar-nos pelos nossos.

Montaigne diz que perguntara um dia ao senhor de Langey quantas vezes, nas suas negociações da Alemanha, se embriagara a serviço do rei. Eu perguntaria de bom grado ao governante de certo rapaz quantas vezes entrou num lupanar a serviço de seu aluno. Quantas vezes? Eu me engano. Se a primeira não tira do libertino o desejo de voltar, se não o traz da visita arrependimento e vergonha, se não verte em vosso seio torrentes de lágrimas, abandonai-o de imediato; não passa de um monstro ou vós sois um imbecil e lhe sereis inútil. Mas deixemos de lado estes expedientes extremados, tão tristes quanto perigosos e que não têm nenhuma relação com nossa educação.

Quantas precauções são necessárias com um jovem de boa estirpe antes de expô-lo aos costumes do século! Tais precauções são penosas mas indispensáveis; é a negligência quanto a isto que perde toda a juventude; é pela desordem da primeira idade que os homens degeneram e que os vemos tornarem-se

o que são hoje. Vis e covardes em seus próprios vícios, não têm senão pequenas almas, porque seus corpos gastos foram corrompidos cedo; mal lhes resta vida suficiente para se moverem. Seus pensamentos sutis marcam espíritos sem estôfo; nada sabem sentir de grande ou nobre; não têm nem simplicidade, nem vigor; abjetos em tudo, e baixamente maus, são apenas vãos, malandros, falsos. Não têm sequer bastante coragem para serem celerados ilustres. Assim são os homens desprezíveis que formam a crápula da juventude; se um somente soubesse ser temperante e sóbrio, soubesse, no meio deles, preservar seu coração, seu sangue, seus costumes, do contágio do exemplo, aos trinta anos esmagaria todos esses insetos e se tornaria senhor deles com menos pena do que teve para permanecer o de si mesmo.

Por pouco que o nascimento, ou a fortuna, tenha feito por Emílio, ele seria homem se o quisesse ser: mas ele os despreza demais para se dignar escravizá-los. Encaremo-lo agora entrando na sociedade, não para brilhar e sim para conhecê-la e nela encontrar uma companheira digna dele.

Qualquer que seja a classe em que tenha nascido, qualquer que seja a sociedade em que comece a introduzir-se, sua estréia será simples e sem brilho; e Deus queira que não seja bastante infeliz para nela brilhar! As qualidades que impressionam à primeira vista não são as dele; não as tem nem as quer ter. Dá valor demais aos julgamentos dos homens, para dá-lo aos preconceitos e não se preocupa com saber que o estimam antes de conhecê-lo. Sua maneira de apresentar-se não é nem modesta nem vã, é natural e verdadeira; não conhece nem embaraço nem disfarce e é no meio de um círculo o que é sozinho e sem testemunha. Será por isso grosseiro, desdenhoso, sem atenções para com ninguém? Ao contrário, se sozinho não conta por nada os outros homens, porque os contaria por nada vivendo com eles? Não os prefere a si nas maneiras deles, porque não os prefere a si em seu coração; mas não lhes demonstra tampouco uma indiferença que está bem longe de ter; se não tem as fórmulas da polidez, tem os cuidados da humanidade. Não gosta de ver sofrer ninguém; se não oferece seu lugar a outrem por afetação, oferecer-lho-á por bondade e, em o vendo esquecido, julgar que o esquecimento o mortifica; pois custará menos ao meu jovem ficar em pé voluntariamente do que ver o outro assim ficar à força.

Embora em geral Emílio não estime os homens, não lhes demonstrará desprezo, porque tem dó deles e com eles se comove. Não podendo dar-lhes o gosto pelos bens reais, deixa-lhes os bens da opinião com que se contentam, de medo que, em lhos retirando em pura perda, os torne mais infelizes do que antes. Não é, portanto, nem discutidor nem contraditor; não é tampouco complacente e adulator; dá sua opinião sem combater ninguém, porque ama a liberdade acima de tudo, e a franqueza é uma de suas mais belas qualidades.

Fala pouco porque não lhe importa que se ocupem dele, e pela mesma razão ele só diz coisas úteis: se assim não fôsse que o levaria a falar? Emílio é instruído demais para ser tagarela. A tagarelice vem necessariamente, ou da pretensão ao espírito, de que falarei logo adiante, ou da importância que damos a bagatelas que acreditamos tolamente interessarem tanto aos outros quanto a nós. Quem conhece bastante coisas para dar a todas seu verdadeiro valor, nunca fala demais; pois sabe apreciar também a atenção que lhe prestam e o interesse que têm em suas palavras. Geralmente as pessoas que sabem pouco falam muito e as que sabem muito falam pouco. É compreensível que um ignorante ache importante tudo o que sabe e o diga a todo mundo. Mas um homem instruído não abre facilmente seu repertório; Teria muito que dizer e vê ainda mais por se dizer depois dele; cala-se.

Longe de ferir as maneiras dos outros, Emílio a elas se ajeita de bom grado, não para parecer a par dos usos, nem para afetar modos de homem educado, mas ao contrário de medo que o distingam, para evitar ser percebido; e nunca está mais à vontade do que quando ninguém se dá conta de sua presença.

Embora errando pela sociedade, ignora-lhe absolutamente as maneiras; não é por isso nem tímido nem temeroso; se se afasta não é por embaraço, é porque, para bem ver, cumpre não ser visto. O que pensam dele não o inquieta e o ridículo não lhe causa medo. Estando sempre tranqüilo e de sangue frio, não se perturba com falsa vergonha. Que o observem ou não, faz sempre, como mais bem pode, tudo o que faz; e, sempre compenetrado em observar os outros, apreende as maneiras deles com uma desenvoltura que não podem ter os escravos da opinião. Pode-se dizer que ele tanto mais se ajeita aos usos da sociedade quanto menos caso faz deles.

Não vos enganeis, entretanto, acerca de sua continência e não a compareis à de vossos jovens agradáveis. Ele é decidido e não suficiente; suas maneiras são livres e não desdenhosas: a insolência não pertence senão aos escravos, a independência nada tem de afetado. Nunca vi homem tendo altivez na alma que a mostrasse em seu modo de ser: esta afetação é bem mais comum às almas vis e vãs que só se podem impor assim. Leio num livro que um estrangeiro se apresentando na sala do famoso Marcel, este lhe perguntou de que país era. "Sou inglês, respondeu o estrangeiro. — Vós inglês, replica o dançarino, sériéis dessa ilha onde os cidadãos participam da administração pública e são uma parte do poder soberano ³⁷! Não, senhor; essa fronte baixa, esse olhar tímido, esse andar incerto, não me anunciam senão o escravo de um eleitor."

Não sei se este julgamento mostra grande conhecimento da verdadeira relação entre o caráter de um homem e seu exterior. Eu, que não tenho a honra de ser professor de dança, teria pensado o contrário, teria dito: "este inglês não é cortesão, nunca ouvi dizer que o cortesão tivesse a fronte baixa e o andar incerto. Um homem tímido junto a um dançarino, bem poderia não o ser na Câmara dos Comuns." Seguramente esse Marcel deve encarar seus contemporâneos como romanos.

Quem ama quer ser amado. Emílio ama os homens, quer portanto agradar-lhes. Com muito mais razão quer agradar às mulheres; sua idade, seus costumes, seus projetos, tudo concorre para alimentar nele este desejo. Digo seus costumes, porque têm importância; os homens de bons costumes são os verdadeiros adoradores das mulheres. Não têm como os outros um não sei que jargão zombeteiro de galantaria; têm uma solicitação mais verdadeira, mais terna e que parte do coração. Eu reconheceria, perto de uma mulher, um homem de bons costu-

(37) Como se houvesse cidadãos que não fossem membros da cidade e não tivessem, como tais, parte da autoridade soberana! Mas os franceses tendo julgado certo usurpar esse nome respeitável de cidadãos, devido outrora aos membros das cidades gaulesas, desnaturaram-lhe a idéia a tal ponto que deixou de ter sentido. Um homem que acaba de escrever muitas tolices contra *La Nouvelle Héloïse*, acrescentou a sua assinatura o título de *cidadão de Paimbeuf* e acreditou ter feito uma excelente brincadeira.

mes e que comanda a natureza, entre cem mil devassos. Julgai o que deve ser Emílio com um temperamento novo e tantas razões para a ele resistir! Perto delas acredito que será por vezes tímido e embaraçado; mas por certo esse embaraço não lhes desagradará e as menos malandras ainda terão muito com que dele gozar e aumentá-lo. De resto seu ardor mudará sensivelmente de forma segundo a posição social delas. Será mais modesto e mais respeitoso com as mulheres e mais vivo e mais terno com as jovens casadoiras. Ele não perde de vista o objeto de sua procura e é sempre a tudo o que a lembra que ele presta maior atenção.

Ninguém será mais atento a todas as deferências baseadas na ordem da natureza e mesmo na boa ordem da sociedade; mas as primeiras serão sempre preferidas às outras; e ele respeitará mais um simples cidadão mais velho do que ele que um magistrado de sua idade. Sendo em geral um dos mais jovens da sociedade em que se encontrará, será sempre um dos mais modestos, não pela vaidade de parecer humilde, mas por um sentimento natural e baseado na razão. Não terá a cortesia impertinente de um jovem enfatuado que, para divertir a roda, fala mais alto do que os sábios e corta a palavra aos anciãos; não fará sua a resposta de um velho fidalgo a Luís XV que lhe perguntava que século preferia, o dele velho ou o atual: "Majestade, passei minha juventude respeitando os velhos, é preciso que passe minha velhice respeitando os jovens."

Tendo uma alma terna e sensível, mas nada apreciando pela opinião, embora goste de agradar aos outros não se preocupará com ser por eles considerado. Do que se segue que será mais afetuoso do que polido, que nunca terá atitudes nem fausto, e será mais comovido com uma carícia do que com mil elogios. Pelas mesmas razões não negligenciará nem suas maneiras nem sua indumentária; poderá mesmo ter algum rebuscamento em seus adornos, não para parecer um homem de gosto, mas para tornar sua pessoa agradável; não recorrerá nunca à moldura dourada, e nunca a insígnia da riqueza manchará seu ajustamento.

Vê-se que tudo isto não exige de minha parte uma exibição de preceitos e não passa de um efeito de sua educação primeira. Fazem grande mistério dos usos da sociedade; como se, na idade em que adotamos esses usos, não os adotássemos naturalmente e como se não fosse num coração honesto que devêsse-

mos buscar as primeiras leis! A verdadeira polidez consiste em mostrar benevolência para com os homens; ela se revela sem esforço quando se a tem; é para quem não a tem que somos obrigados a transformar em arte suas aparências.

“O mais desastrado efeito da polidez em uso está em ensinar a arte de prescindir das virtudes que ela imita. Que nos inspirem na educação a humanidade e a beneficência, teremos a polidez ou dela não precisaremos mais.

“Se não tivermos a que se anuncia pelas graças, teremos a que anuncia o homem de bem e o cidadão; não precisaremos recorrer à falsidade.

“Em lugar de ser artificioso para agradar, bastará ser bom; ao invés de ser falso para lisonjear as fraquezas de outrem, bastará ser indulgente.

“Aqueles com quem tivermos tais processos não se sentirão nem envaidecidos nem corrompidos; serão apenas gratos e se tornarão melhores.”

Parece-me que se alguma educação deve produzir a espécie de polidez que Duclos exige aqui, é aquela cujo plano tracei até agora.

Convenho, entretanto, em que com máximas tão diferentes Emílio não será como todo mundo, e Deus o preserve de sê-lo! Mas pelo fato de ser diferente dos outros, não será nem inconveniente nem ridículo: a diferença será sensível sem ser incômoda. Emílio será, por assim dizer, um amável estrangeiro. A princípio perdoarão suas singularidades dizendo: *ele se formará*. Mais tarde, já acostumados com seus modos e vendo que não muda, lho perdoarão, dizendo: *Ele é assim*.

Não será festejado como um homem amável, mas gostarão dele sem saber porque; ninguém elogiará seu espírito, mas o tomarão como juiz entre pessoas de espírito: o seu será limpo e limitado, terá o senso reto e o julgamento sadio. Não correndo nunca atrás das idéias novas não poderá vangloriar-se de espírito. Fiz-lhe sentir que todas as idéias salutares e realmente úteis aos homens foram as primeiras conhecidas, que constituem desde sempre os verdadeiros laços da sociedade e que não resta aos espíritos transcendentos senão se distinguirem por idéias perniciosas e funestas ao gênero humano. Esta maneira de se fazer admirar não o comove absolutamente: sabe onde deve encontrar a felicidade de sua vida e em que pode contribuir para a felicidade dos outros. A esfera de seus co-

nhecimentos não se estende mais longe daquilo que é proveitoso. Seu caminho é estreito e bem traçado; não sendo tentado a sair dele, fica confundido com os que o seguem; não quer nem se perder nem brilhar. Emílio é um homem de bom senso e não deseja ser outra coisa: por mais que o injuriem por isso, sempre se considerará honrado com isso.

Embora o desejo de agradar não o deixe mais inteiramente indiferente à opinião alheia, não tirará dessa opinião senão o que se relacione imediatamente com sua pessoa, sem se preocupar com as apreciações arbitrárias que só têm como lei a moda e os preconceitos. Ele terá o orgulho de querer fazer bem tudo o que faz, e até de o querer fazer mais bem do que os outros: na corrida há de querer ser o mais rápido; na luta o mais forte; nos jogos de destreza o mais hábil; mas procurará pouco as vantagens que não são claras em si mesmas e que precisam ser testemunhadas pelo julgamento alheio, como ter mais espírito do que outro, falar mais bem, ser mais sábio etc.; e ainda menos as que não dependem da pessoa, como ter mais nobre ascendência, ser considerado mais rico, mais influente, mais respeitável, impor-se por maior luxo.

Amendo os homens por serem seus semelhantes, amará sobretudo os que mais se lhe assemelhem, porque se sentirá bom; e julgando essa semelhança pela conformidade dos gostos nas coisas morais, em tudo o que se prende ao bom caráter, ficará contente com ser aprovado. Não se dirá precisamente: satisfaz-me ser aprovado; dirá: regozijo-me porque aprovam o que fiz bem; regozijo-me porque os que me honram merecem ser honrados: enquanto me julgarem tão sadiamente, será belo conquistar sua estima.

Estudando os homens por seus costumes na sociedade, como os estudava antes por suas paixões na história, terá muitas vezes a oportunidade de refletir sobre o que lisonjeia ou choca o coração humano. Ei-lo filosofando sobre os princípios do gosto; e eis o estudo que lhe convém no momento.

Quanto mais longe vamos buscar as definições do gosto, mais nos perdemos: o gosto não é senão a faculdade de julgar o que agrada ou desagrade ao maior número. Se sairdes disso, não sabereis mais o que seja o gosto. Isto não significa que há mais pessoas de gosto do que outras; pois embora a maioria julgue sadiamente cada objeto, há poucos homens que julgam tudo como ela; e embora a reunião dos gostos mais

gerais faça o bom gosto, há poucas pessoas de gosto, assim como há poucas belas, apesar de a reunião dos traços mais comuns fazer a beleza.

É preciso observar que não se trata aqui do que amamos por nos ser útil nem do que odiamos por nos ser nocivo. O gosto não se exerce senão em relação às coisas indiferentes ou de um interesse de divertimento quando muito, e não quanto àqueles que são de nossas necessidades; para julgar estas o gosto não é necessário, o apetite basta. Eis o que torna tão difíceis e, parece-me, tão arbitrárias as decisões do gosto; pois, fora do instinto que as determina, não vemos mais as razões de suas decisões. Deve-se ainda distinguir suas leis nas coisas morais e suas leis nas coisas físicas. Nestas os princípios do gosto parecem absolutamente inexplicáveis. Mas importa observar que há moral em tudo o que se liga à imitação: assim se explicam belezas que se afiguram físicas e não o são. Acrescentarei que o gosto tem regras locais que assim o tornam em mil coisas dependentes dos climas, dos costumes, do governo, das instituições; que outras há que dependem da idade, do sexo, do caráter e que é neste sentido que não se deve discutir gostos.

O gosto é natural a todos os homens, mas eles não o têm na mesma medida e ele não se desenvolve em todos da mesma maneira e, em todos, está sujeito a alterar-se por diversas causas. A medida do gosto que podemos ter depende da sensibilidade que recebemos; sua cultura e sua força dependem das sociedades em que vivemos. Primeiramente é preciso viver em sociedades numerosas para fazer muitas comparações. Em segundo lugar são precisas sociedades de divertimento e de ociosidade, pois nas de negócios tem-se por regra, não o prazer e sim o interesse. Em terceiro lugar há que ter sociedades em que a desigualdade não seja grande demais, em que a tirania das opiniões seja moderada e onde reine a volúpia mais do que a vaidade; pois em caso contrário a moda abafa o gosto; e não se procura mais o que agrada e sim o que distingue.

Neste último caso não é mais verdade que o bom gosto seja o do maior número. Por quê? Porque o objeto muda. Então a multidão não tem mais julgamento próprio, julga tão-somente segundo os que acredita mais esclarecidos do que ela; aprova, não o que é bom e sim o que eles aprovaram. Em

quaisquer momentos fazei com que cada homem tenha seu sentimento próprio; e o que é mais agradável em si terá sempre a pluralidade dos sufrágios.

Os homens em seus trabalhos nada fazem de belo senão por imitação. Todos os verdadeiros modelos do gosto estão na natureza. Quanto mais nos afastamos do mestre, mais nossos quadros se desfiguram. É então dos objetos que amamos que tiramos nossos modelos; e o belo de fantasia, sujeito ao capricho e à autoridade, não é nada mais do que aquilo que agrada aos que nos guiam.

Os que nos guiam são os artistas, os grandes, os ricos; e o que os guia eles próprios é seu interesse ou sua vaidade. Estes para exhibirem suas riquezas, aqueles para se aproveitarem delas, procuram novos meios de gastar. Com isso o grande luxo estabelece seu império e faz que se ame o que é difícil e caro; então o pretensso belo, longe de imitar a natureza, o é apenas à força de contrariá-la. Eis como o luxo e o mau gosto são inseparáveis. Onde quer que o gosto seja dispendioso, é falso.

É principalmente no comércio dos dois sexos que o gosto, bom ou mau, toma sua forma; sua cultura é um efeito necessário do objeto dessa sociedade. Mas quando a faculdade de gozar amorna o desejo de agradar, o gosto degenera; e está aí, parece-me, uma razão das mais sensíveis de o bom gosto ligar-se aos bons costumes.

Consultai o gosto das mulheres nas coisas físicas e que se prendem ao julgamento dos sentidos; o dos homens nas coisas morais e que dependem mais do entendimento. Quando as mulheres forem o que devem ser, elas se limitarão às coisas de sua competência e julgarão sempre bem; mas desde que se tornaram os árbitros da literatura, desde que se puseram a julgar os livros e a fazer livros à força, não conhecem mais nada. Os autores que consultam as sábias acerca de suas obras podem ter certeza de ser mal aconselhados; os galantes que as consultam sobre seus adereços estão sempre ridiculamente vestidos. Terei logo a oportunidade de falar dos verdadeiros talentos do sexo, da maneira de cultivá-los e das coisas a respeito das quais suas decisões devem ser ouvidas.

Eis as considerações elementares que porei como princípios, raciocinando com meu Emílio sobre uma matéria que lhe

é indiferente na circunstância em que se encontra e na procura em que se acha interessado. E a quem deve ser ela indiferente? O conhecimento do que pode ser agradável ou desagradável aos homens não é somente necessário a quem precisa deles, como também a quem lhes quer ser útil: importa mesmo agradar-lhes para servi-los; e a arte de escrever não é nada menos do que um estudo ocioso quando não se o emprega para fazer com que ouçam a verdade.

Se para cultivar o gosto de meu discípulo, eu tivesse que escolher entre países onde essa cultura está ainda por nascer e outros onde já houvesse degenerado, seguiria a ordem retrógrada; começaria por estes últimos e acabaria pelos primeiros. A razão desta escolha está em que o gosto se corrompe através de uma delicadeza excessiva e que torna sensível a coisas que a maioria dos homens não percebe; essa delicadeza leva ao espírito de discussão; pois quanto mais sutilizamos os objetos, mais eles se multiplicam: essa sutileza torna o tato mais delicado e menos uniforme. Formam-se então tantos gostos quantas cabeças há. Nas disputas sobre a preferência, a filosofia e as luzes se estendem; e é assim que aprendemos a pensar. Essas observações finas só podem ser feitas por pessoas muito conhecidas na sociedade, porquanto impressionam depois de todas as outras e que as pessoas pouco habituadas às sociedades numerosas esgotam sua atenção nas generalidades. Não há talvez agora na terra um lugar civilizado onde o gosto da maioria seja tão ruim quanto em Paris. No entanto é nessa capital que se cultiva o bom gosto; e publicam-se poucos livros estimados na Europa cujo autor não se tenha formado em Paris. Os que pensam que basta ler os livros que aí se fazem, enganam-se; aprende-se muito mais nas conversas do autor do que em seus livros; e os próprios autores não são com quem mais se aprende. É o espírito das sociedades que desenvolve uma cabeça pensante e que projeta a vista tão longe quanto pode alcançar. Se tiverdes uma centelha de gênio, ide passar um ano em Paris; dentro em breve sereis tudo o que podereis ser, ou nunca sereis nada.

Pode-se aprender a pensar nos lugares onde reina o mau gosto; mas não se deve pensar como os que têm esse mau gosto, e é muito difícil que tal não aconteça quando se fica muito tempo em companhia deles. Cumpre aperfeiçoar por seus cuidados o instrumento que julga, evitando empregá-lo como

êles. Eu evitarei polir o julgamento de Emílio a ponto de alterá-lo; e quando ele tiver o tato bastante fino para sentir e comparar os diversos gostos dos homens, nos objetos mais simples é que o farei fixar o seu.

Tratarei de conservar nele um gosto puro e sadio. No tumulto da dissipação saberei arranjar-me para ter com ele conversas úteis; e dirigindo-as sempre para objetos que lhe agradem, cuidarei de tornar-lhos tão divertidos quanto instrutivos. Eis chegado o momento da leitura e dos livros agradáveis; eis o momento de ensinar-lhe a fazer a análise do discurso, de torná-lo sensível a todas as belezas da eloquência e da dicção. É pouco aprender as línguas por si mesmas; seu uso não é tão importante como se acredita; mas o estudo das línguas leva ao da gramática geral. É preciso aprender o latim para bem saber o francês; é preciso estudar e comparar um a outro para compreender as regras da arte de falar.

Há, demais, certa simplicidade de gosto que toca o coração e que só se encontra nos escritos dos antigos. Na eloquência, na poesia, em qualquer tipo de literatura, bem como na história, ele os achará abundantes em coisas e sóbrios no julgamento. Nossos autores, ao contrário, dizem pouco e falam muito. Oferecer-nos sempre seu julgamento como lei, não é o meio de formar o nosso. A diferença dos dois gostos faz-se sentir em todos os monumentos e até nos túmulos. Os nossos estão cobertos de elogios; nos deles liam-se fatos.

Pára viandor, estás pisando em herói.

Se encontrasse este epitáfio num monumento antigo, teria adivinhado desde logo que é moderno; pois nada é mais comum do que heróis entre nós; mas entre os antigos eram raros. Em lugar de dizer que um homem era um herói, teriam dito o que fizera para sê-lo. Comparai o epitáfio desse herói com o do efeminado Sardanapala:

Construí Tarsa e Anchiale em um dia, e agora estou morto.

Qual diz mais na vossa opinião? Nosso estilo lapidar com sua grandiloquência não vale senão para soprar anões. Os antigos mostravam os homens em seu natural, e via-se que eram homens. Xenofonte honrando a memória de alguns guer-

reiros mortos à traição na retirada dos dez mil, diz: *morreram irreprocháveis na guerra e na amizade*. Eis tudo: mas neste elogio tão curto e tão simples que devia ter o autor no coração! Infeliz de quem não acha isto maravilhoso!

Liam-se estas palavras gravadas num mármore nas Termópolis:

*Passante, vai dizer a Esparta que morremos aqui
para obedecer a suas santas leis.*

Vê-se bem que este não foi composto pela Academia das inscrições.

Engano-me se meu aluno, que tão pouco valor dá às palavras, não orienta sua atenção primeira para essas diferenças e se elas não influem na escolha de suas leituras. Entusiasmado com a eloquência máscula de Demóstenes, dirá: é um orador, mas lendo Cícero dirá: é um advogado.

Em geral Emílio preferirá os livros antigos aos nossos; unicamente pelo fato de que, sendo os primeiros, estão mais perto da natureza e seu gênio é mais pessoal. Digam o que disserem La Motte e o abade Terrasson, não há verdadeiro progresso de razão na espécie humana, porque tudo o que se ganha de um lado se perde de outro; porque todos os espíritos partem sempre do mesmo ponto e porque, o tempo que se emprega em saber o que outros pensaram sendo perdido para aprender a pensar por si mesmo, mais conhecimentos se têm, porém menos vigor de espírito. Nossos espíritos são como nossos braços, exercitados em tudo fazerem com instrumentos e nada sozinhos. Fontenelle dizia que toda essa disputa sobre os antigos e os modernos se reduzia a saber se as árvores de outrora eram maiores que as de hoje. Se a agricultura tivesse mudado a pergunta não seria impertinente.

Depois de tê-lo feito remontar às fontes da mais pura literatura, mostro-lhe também os esgotos nos reservatórios dos modernos compiladores: jornais, traduções, dicionários. Ele deita um olhar nisto tudo e nunca mais com isto se preocupa. Faço-o ouvir, para distraí-lo, a tagarelice de nossas academias; faço-o observar que cada um dos que as compõem vale sempre mais sozinho do que com os outros; assim ele tirará êle próprio a conclusão da utilidade desses belos estabelecimentos.

Levo-o aos espetáculos para que estude, não os costumes e sim o gosto; pois é nesses espetáculos sobretudo que ele se mostra a quem sabe refletir. Deixai os preceitos e a moral, dir-lhe-ei; não é aqui que cumpre aprendê-los. O teatro não é feito para a verdade; é feito para lisonjear, para divertir os homens; não há escola em que se aprenda tão bem a arte de agradar-lhes e de interessar o coração humano. O estudo do teatro leva ao da poesia; têm ambos o mesmo objeto. Se tiver, algum gosto por ela, com que prazer cultivará as línguas dos poetas, o grego, o latim, o italiano! Tais estudos serão para ele divertimentos sem constrangimento e tanto mais úteis portanto. Ser-lhe-ão deliciosos numa idade e em circunstâncias em que o coração se interessa com encanto por todos os gêneros de beleza feitos para comovê-lo. Imaginai de um lado meu Emílio e de outro um moleque de colégio lendo o quarto livro da *Eneida*, ou Tibulo, ou o *Banquete* de Platão: que diferença! Como o coração de um se comove com o que não afeta sequer o do outro! Bom jovem, pára, suspende tua leitura, estás demasiado comovido; quero que a linguagem do amor te agrade, mas não te faça perder a cabeça; sê homem sensível, mas sê homem sábio. Se não fores senão um dos dois não serás nada. De resto, que tenha êxito nas línguas mortas, nas letras, na poesia, pouco me importa. Não terá menos valor se não souber nada disso, não é de toda essa parolagem que se trata em sua educação.

Meu principal objetivo, ensinando-lhe a sentir e amar o belo em todos os gêneros é de nele fixar suas afeições e seus gostos, e impedir que suas tendências naturais se alterem e que ele busque um dia, em sua riqueza, os meios de ser feliz, que deve encontrar perto dele. Disse alhures que o gosto não era senão a arte de se conhecer em pequenas coisas, e isto é verdade; mas como é de um tecido de pequenas coisas que depende a gostosura da vida, tais cuidados não são indiferentes; é por eles que aprendemos a apreciar os bens a nosso alcance, em toda a verdade que podem ter para nós. Não me refiro aqui aos bens morais que se ligam à boa disposição da alma, mas tão-somente ao que é de sensualidade, de volúpia real, postos de lado os preconceitos e a opinião.

Que me permitam, para desenvolver melhor minha idéia, deixar um momento de lado meu Emílio, cujo coração puro e sadio não pode mais servir de exemplo a ninguém, e buscar em mim mesmo um exemplo mais sensível e mais próximo dos costumes do leitor.

Há condições que parecem mudar a natureza e refundir, para melhor ou pior, os homens. Um poltrão torna-se valente entrando no regimento de Navarra. Não é somente no exército que adquirimos o espírito de corpo e não é sempre no bom sentido que seus efeitos se fazem sentir. Pensei cem vezes com pavor que se tivesse a desgraça de ocupar um cargo que penso em certos países, amanhã seria quase inevitavelmente tirano, concussionário, destruidor do povo, nocivo ao príncipe, inimigo de toda a humanidade, de toda eqüidade, de toda espécie de virtude.

Do mesmo modo, se fosse rico, tudo teria feito para assim tornar-me; seria portanto insolente e vil, sensível e delicado para mim só, impiedoso e duro com todo mundo, espectador desdenhoso das misérias da canalha, pois não daria outro nome aos indigentes, a fim de fazer com que esquecessem ter eu saído da mesma classe. Finalmente faria de minha fortuna o instrumento de meus prazeres, de que me ocuparia unicamente; e nisso seria como todos os outros.

Mas no que eu creio que diferiria e muito, é que eu seria sensual e voluptuoso mais do que orgulhoso e vão, e que me entregaria à moleza mais do que à ostentação. Teria mesmo alguma vergonha em exhibir demasiado minha riqueza, recearia sempre ver o invejoso, que esmagaria com meu fausto, dizer ao ouvido de seus vizinhos: *eis um malandro que tem muito medo de que não saibam que o é.*

Nessa imensa profusão de bens que cobrem a terra, eu procuraria o que me é mais agradável e mais fácil de alcançar. Para tanto o primeiro uso de minha riqueza seria comprar lazeres e liberdade, ao que acrescentaria a saúde, se estivesse à venda; mas como ela não se compra senão com a temperança, e como não há sem saúde verdadeiro prazer na vida, eu seria temperante por sensualidade.

Ficaria sempre tão perto quanto possível da natureza para beneficiar os sentidos que dela recebi, certo de que ela me ajudaria em meus gozos e, quanto mais, mais reais os acharia. Na escolha dos objetos de imitação eu a teria como modelo; em meus apetites lhe daria preferência; em meus gostos a consultaria sempre; quanto aos pratos gostaria sempre dos que se acham mais perto dela e passam por menor número de mãos antes de chegar à nossa mesa. Previniria as falsificações da fraude, antecipar-me-ia ao prazer. Minha tola e grosseira gu-

lodice não enriqueceria um mordomo. Não me venderia a peso de ouro veneno por peixe; minha mesa não seria coberta com aparato de porcarias e carniças; prodigalizaria meu próprio esforço para satisfazer minha sensualidade, porque então esse esforço seria um prazer que se acrescentaria ao que dela se espera. Se desejasse um prato de outro mundo, iria como Apicius, buscá-lo ao invés de mandá-lo vir, porque os pratos mais deliciosos carecem sempre de um condimento que só trazemos com eles e que nenhum cozinheiro lhes dá: a atmosfera em que se produzem.

Pela mesma razão, não imitaria aqueles que, só se achando bem onde não estão, põem sempre as estações em contradição entre si, e os climas em contradição com as estações; que, procurando o verão no inverno e o inverno no verão, vão sentir frio na Itália e calor no norte, sem pensar que, acreditando fugir do rigor das estações, eles o encontram no lugar onde não aprenderam a defender-se dele. Eu não sairia de meu lugar, ou faria o contrário: gostaria de tirar de uma estação tudo o que tem de agradável, e de um clima tudo o que tem de particular. Teria uma diversidade de prazeres e de hábitos que não se assemelhariam nunca, e que estariam sempre na natureza. Iria passar o verão em Nápoles, o inverno em Petersburgo; ora respirando um doce zéfiro, meio deitado nas grutas frescas de Tarento, ora na iluminação de um Palácio do gelo, já sem fôlego e cansado dos prazeres do baile.

Gostaria de, na minha mesa, na decoração de minha casa, imitar com ornatos muito simples a variedade das estações e tirar de cada uma todas as delícias, sem antecipar as que se seguem. É penoso e não agradável perturbar a ordem da natureza, arrancar-lhe frutos involuntários que ela dá contra a vontade em sua maldição, e que, não tendo nem qualidade nem sabor, não podem alimentar o estômago, nem saber bem ao paladar. Nada mais insípido do que as primícias; é somente com muitos gastos que um rico de Paris, com seus fornos e suas estufas, consegue não ter à sua mesa durante todo o ano senão maus legumes e frutas ruins. Se eu tivesse cerejas quando gela, e melões dourados no coração do inverno, que prazer teria em prová-los se meu paladar não precisa ser umedecido nem refrescado? Nos ardores da canícula as pesadas castanhas me seriam muito agradáveis? E as preferiria, saindo da grelha, à groselha, ao morango, aos frutos desalterantes que me são oferecidos

na terra com tantos cuidados? Cobrir sua lareira, no mês de janeiro com vegetações artificiais, com flores pálidas e sem odor, é menos enfeitar o inverno do que desenfeitar a primavera: é perder o prazer de ir aos bosques procurar a primeira violeta, espiar o primeiro broto, exclamar num transporte de alegria: mortais, não estais abandonados, a natureza vive ainda.

Para ser bem servido terei poucos criados: isto já foi dito e convém tornar a dizê-lo. Um burguês obtém mais préstimos de um só laçao do que um duque de dez senhores que o cercam. Pensei cem vezes em que, tendo à mesa meu copo ao meu lado, bebo no momento que me agrada, e que se tivesse serviços complicados fora preciso que me repetissem vinte vezes que cumpria beber, antes que pudesse saciar a sede. Tudo o que se faz através de outrem se faz mal. Não mandaria ninguém aos merceeiros, iria eu mesmo; iria para que meus criados não tratassem com eles antes de mim, para escolher mais seguramente e pagar menos caro; iria para fazer um exercício agradável, para ver um pouco o que se faz fora de minha casa; isso diverte e por vezes instrui; enfim iria por ir, já é alguma coisa. O tédio começa com a vida demasiado sedentária; quando se anda muito aborrece-se pouco. Um porteiro e um laçao são maus intérpretes; gostaria de nunca ter essa gente entre mim e o resto do mundo, de não passear sempre em meio ao ruído de um carro, como se tivesse medo de ser acostado. Os cavalos de um homem que se vale de suas pernas estão sempre prontos; se estão cansados ou doentes, ele o sabe antes de todos; não precisa ficar em casa com tal pretexto, quando seu cocheiro quer divertir-se; a caminho, mil embarços não o fazem impacientar-se, nem ficar parado no momento em que deseja correr. Finalmente, se ninguém nos serve tão bem quanto nós mesmos, ainda que fôssemos mais poderosos do que Alexandre, e mais ricos do que Crespo, não devemos aceitar dos outros senão os serviços que não podemos obter de nós mesmos.

Não gostaria de ter um palácio por moradia; pois que num palácio não viveria senão num quarto; nenhuma peça comum a todos é de ninguém e o quarto de cada um de meus criados me seria tão estranho quanto o de meu vizinho. Os Orientais, embora, muito voluptuosos, moram todos e se adornam todos muito simplesmente. Encaram a vida como uma viagem e sua casa como uma *boîte*. Esta razão não tem muito

cabimento entre os ricos que se preparam para viver sempre; mas eu teria uma diferente que produziria o mesmo efeito. Parecer-me-ia que, estabelecer-me com tanto aparato em certo lugar, seria banir-me por assim dizer de todos os outros e encerrar-me no meu palácio. É um palácio bastante belo o mundo. Tudo não é do rico quando ele quer gozar? *Ubi bene, ibi patria*; é sua divisa; seus lares são onde o dinheiro pode tudo, seu país é em toda parte onde se pode largar o cofre-forte, como Filipe considerava sua qualquer praça forte onde pudesse entrar uma mula carregada de dinheiro. Por que então circunscrever-se com portas e muros para não sair nunca? Uma epidemia, uma guerra me expulsam de um lugar, vou para outro e aí encontro minha casa chegada antes de mim. Por que ter o cuidado de fazer uma eu mesmo, quando encontro quem a faça para mim em todo o universo? Por que, tão apressado em viver, preparar-me com tanta antecedência prazeres que não posso encontrar desde já? Não se pode pensar num destino agradável em se pondo sem cessar em contradição consigo mesmo. É assim que Empédocles censurava os Agrigentinos por amontoarem prazeres em não tendo mais do que um ano de vida e por construírem como se devessem jamais morrer.

Demais, de que me serve tão ampla moradia, em tendo tão pouco com que a povoar e menos ainda com que a encher? Meus móveis seriam simples como meus gostos; não teria nem galeria nem biblioteca, sobretudo se amasse a leitura e me conhecesse em quadros. Saberíamos então que tais coleções nunca são completas e que o defeito do que lhes falta nos aborrece mais de que não ter nada. Nisso a abundância faz a miséria: não há um só colecionador que não o haja sentido. Em tendo conhecimentos da matéria, não devemos fazer coleções; não se tem um gabinete para mostrar aos outros quando se sabe servir dele.

O jogo não é um divertimento de homem livre, é recurso de desocupado; e meus prazeres me dariam ocupações demais para me deixarem tempo a ser tão mal empregado. Não jogo absolutamente, sendo solitário e pobre, a não ser por vezes xadrez, e já é demais. Se fosse rico jogaria menos ainda, e somente muito barato para não ver descontente nem o ser. O interesse do jogo, carecendo de motivo na opulência, não pode transformar-se em furor a não ser num espírito mal conformado. Os lucros que um homem rico pode ter no jogo são sempre menos sensíveis que os prejuízos. E como a forma dos jogos

moderados, que lhes come os benefícios a longo prazo, faz que em geral redundem mais em prejuízos do que em lucros, não podemos, raciocinando bem, afeiçoar-nos a um divertimento em que os riscos de toda espécie são contra nós. Quem alimenta sua vaidade com as preferências da fortuna, pode buscá-las em objetos bem mais picantes e tais preferências tanto se assinalam nos jogos pequenos como nos grandes. O gosto do jogo, fruto da avareza e do tédio, não se desenvolve senão num espírito e num coração fúteis; parece-me que teria bastante sentimento e conhecimentos para dispensar tal suplemento. Vemos raramente os pensadores comprazerem-se no jogo que suspende o hábito de pensar ou o volta para áridas combinações; por isso um dos bens, talvez o único, que tenha produzido o gosto pelas ciências, é o de amortecer um pouco aquela paixão sórdida: passa-se a gostar mais de provar a utilidade do jogo que de a ele se entregar. Eu o combateria entre os jogadores e teria maior prazer em zombar deles vendo-os perderem, do que em ganhar seu dinheiro.

Eu seria o mesmo em minha vida particular e na freqüentação da sociedade. Gostaria que minha fortuna pusesse em todos bem-estar e nunca fizesse com que sentisse alguma desigualdade. O brilho falso dos adornos é incômodo por mil motivos. Para conservar entre os homens toda a liberdade possível, gostaria de vestir-me de maneira que em qualquer posição eu me sentisse em meu lugar, e que não me distinguissem em nenhuma; que sem afetação, sem mudança na minha pessoa, fosse povo na taverna e de boa companhia no Palais-Royal. Com isso, mais senhor de minha conduta, eu poria sempre a meu alcance os prazeres de todas as condições sociais. Há, dizem, mulheres que fecham a porta às pessoas de punhos bordados e só recebem aos de punhos rendados; pois eu iria passar o dia alhures; mas se essas mulheres fossem jovens e bonitas, eu poderia usar por vezes punhos de renda para com elas passar uma noite, quando muito.

O único laço entre as pessoas de minhas companhias, seria o da conformidade dos gostos, o da conveniência dos temperamentos; eu agiria como homem e não como rico; não admitiria nunca que o encanto fosse envenenado pelo interesse. Se minha opulência me tivesse deixado alguma humanidade, estenderia o mais possível meus préstimos e minhas mercês; mas desejaria ter ao redor de mim uma sociedade e não uma corte,

amigos e não protegidos; não seria o patrão de meus convivas, seria seu hospedeiro. A independência e a igualdade dariam a minhas ligações toda a candura da benevolência; e onde o dever e o interesse não significassem nada, reinaria o prazer e a amizade.

Não se compra nem um amigo nem uma amante. É fácil ter mulheres com dinheiro; mas é o meio de nunca ter amante. Não somente o amor não se vende, como o dinheiro o mata infalivelmente. Quem paga, ainda que seja o mais amável dos homens, pelo simples fato de pagar, não pode ser amado durante muito tempo. Muito em breve pagará por outro ou esse outro será pago com seu dinheiro; e nessa dupla ligação formada pelo interesse, a devassidão sem amor, sem honra, sem verdadeiro prazer, a mulher ávida, infiel e miserável, tratada pelo vilão que recebe com ela trata o tolo que dá, fica quite com ambos. Seria doce ser liberal com quem se ama, em não decorrendo disso um negócio. Só conheço um meio de satisfazer essa inclinação sem envenenar o amor: é dar tudo à amante e em seguida ser sustentado por ela. Resta saber onde se encontra a mulher com a qual tal procedimento não seja extravagante.

Quem dizia: possuo Laís sem que ela me possua, carecia de espírito. A posse que não é recíproca não existe; é quando muito a posse do sexo, mas não do indivíduo; e onde não se encontra a moral do amor, por que se importar tanto com o resto? Nada é mais fácil de achar. Um tropeiro é mais feliz a esse respeito do que um milionário.

Se pudéssemos desenvolver suficientemente as inconseqüências do vício, como, obtendo o que desejamos, o acharíamos insatisfatório! Por que essa avidez bárbara de corromper a inocência, de fazer uma vítima de um jovem objeto que se deveria proteger e que com esse primeiro passo se arrasta inevitavelmente para um abismo de miséria de onde só sairá com a morte? Brutalidade, vaidade, tolice, erro e nada mais. Esse prazer ele próprio não é da natureza; é da opinião e da mais vil opinião, porquanto se liga ao desprezo por si mesmo. Quem se sente o último dos homens teme a comparação com outro e quer ultrapassar o primeiro para ser menos odioso. Vede se os mais ávidos desse acepipe imaginário são jovens amáveis, dignos de agradar, e que seriam mais desculpáveis de se mostrarem difíceis. Não: com mérito e sentimentos teme-se pouco

a experiência da amante; com justa confiança diz-se-lhe: conheces os prazeres, não importa; meu coração te promete outros que jamais conheceste.

Mas um velho sátiro, desgastado pela devassidão, sem atractivos, sem delicadeza, sem cuidados, sem nenhuma espécie de honestidade, incapaz, indigno de agradar a qualquer mulher que conheça gente amável, acredita suprir a tudo isso com uma jovem inocente, adiantando-se à experiência, e dando-lhe a primeira emoção dos sentidos. Sua última experiência consiste em agradar pela novidade; é incontestavelmente a razão secreta de sua fantasia; mas se engana, o horror que provoca não é menos da natureza que o desejo que desejaria excitar. Engana-se também em sua louca esperança: essa mesma natureza reivindica seus direitos: toda mulher que se vende já se deu; e tendo-se dado livremente, ela faz a comparação que ele receia. Compra ele portanto um prazer imaginário e nem por isso é menos detestado.

Quanto a mim, por mais que mudasse sendo rico, num ponto não mudaria nunca. Se não me sobrassem nem bons costumes nem virtude, sobrar-me-á ao menos algum gosto, algum senso, alguma delicadeza; e isso me impedirá de gastar minha fortuna a correr tolamente atrás de quimeras, de esvaizar minha bolsa e minha vida fazendo-me trair e zombar por crianças. Se fôsse môço buscaria os prazeres da juventude; e querendo-os em toda a sua volúpia, não os procuraria na qualidade de rico. Se ficasse como sou, seria diferente: eu me restringiria prudentemente aos prazeres de minha idade: teria os gostos que me dão gozo e esmagaria os que só fazem meu suplício. Não iria oferecer minha barba encanecida aos desdêns zombeteiros das jovens; não suportaria ver minhas nojentas carícias as enojarem, nem preparar para elas a minhas expensas as narrativas mais ridículas, imaginá-las descrevendo os feios prazeres do velho macaco, a fim de se vingarem por os terem suportado. Se certos hábitos mal combatidos houvessem transformado meus antigos desejos em necessidades, eu os satisfaria talvez, mas com vergonha de mim mesmo. Afastaria a paixão da necessidade, procuraria o mais possível a igualdade e ficaria nisso; não faria mais uma ocupação de minha fraqueza e desejaria sobretudo ter uma única testemunha. A vida humana tem outros prazeres, quando essês nos faltam. Correndo em vão atrás dos que fogem, perdemos os que nos são deixados. Mudemos de gostos com os anos e não desloque-

mos as idades como não devemos deslocar as estações: é preciso ser si mesmo em todos os tempos, e não lutar contra a natureza: esses vãos esforços usam a vida e nos impedem de usá-la.

O povo não se aborrece muito, sua vida é ativa; seus divertimentos são raros, se não são variados; muitos dias de fadiga, fazem-lhe apreciar com delícia os poucos dias de festa. Uma alternativa de longos trabalhos e curtos lazeres serve de condimento aos prazeres de sua condição. Para os ricos a grande tragédia é o tédio; no meio de tantos divertimentos reunidos a muito custo, no meio de tanta gente concorrendo para agradar-lhe, o tédio os consome e os mata, e eles passam a vida a fugir dele e a ser por ele alcançados; sentem-se acabrunhados pelo seu peso insuportável: as mulheres sobretudo, que não sabem mais se ocupar nem se divertir, são por ele devoradas sob o nome de perturbações da circulação; êle se transforma para elas num mal horrível, que lhe tira por vezes a razão e, enfim, a vida. Quanto a mim, não conheço sorte mais lamentável que a de uma jovem mulher de Paris, depois da do moço agradável que apegava a ela e que, transformada também em mulher ociosa, se afasta assim duplamente de sua condição, e a quem a vaidade de ser homem de grandes aventuras faz suportar o langor dos mais tristes dias que possa viver uma criatura humana.

As mostras de boa educação, as modas, os usos que derivam do luxo encerram o curso da vida na mais insôssa uniformidade: o prazer que se quer exibir aos outros é perdido para todo mundo: não se o tem nem para eles nem para si mesmo³⁸. O ridículo que a opinião teme em tudo, está sempre ao lado dela, para tiranizá-la e puni-la. Não se é nunca ridículo senão através de formas determinadas: quem sabe variar suas situações e seus prazeres apaga hoje a impressão de ontem: é como que nulo no espírito dos homens; mas goza porque está por inteiro em cada hora e em cada coisa. Minha única forma

(38) Duas mulheres da sociedade, a fim de parecer divertirem-se muito, obrigam-se a nunca se deitar antes das cinco horas da manhã. No rigor do inverno, seus criados passam a noite na rua à espera, tratando de não gelar. Entra-se uma noite, ou melhor uma manhã, no apartamento onde essas duas senhoras tão divertidas deixam que corram as horas sem as contar: verifica-se que se acham inteiramente sós, cada qual dormindo em sua poltrona.

constante seria essa; em cada situação não me preocuparia com nenhuma outra e encararia cada dia em si, como independente da véspera e do dia seguinte. Como seria povo no meio do povo, seria camponês nos campos; e quando falasse de agricultura o camponês não caçoaria de mim. Não iria construir uma cidade no campo, e pôr no fundo de uma província as Tulherias em frente de meu apartamento. Na encosta de alguma colina bem umbrosa, teria uma pequena casa rústica, uma casa branca com portas e janelas verdes; e, embora uma cobertura de palha seja em qualquer estação a melhor, preferiria magnificamente, não a triste ardósia e sim a telha, porque tem aspecto mais limpo e mais alegre do que a palha, porque assim são cobertas as casas de minha terra e porque isso me lembraria a época feliz de minha juventude. Como pátio teria um terreiro com galinheiro, como estrebaria um estábulo com vacas para ter leite e laticínios de que muito gosto. Como jardim teria uma horta e como parte um belo pomar semelhante ao de que falarei adiante. As frutas ao alcance dos passantes, não seriam nem contadas nem colhidas por meu jardineiro; e minha avarenta magnificência não exibiria soberbos dispositivos de árvores em que ninguém ousasse tocar. Ora, essa pequena prodigalidade seria pouco cara, porque eu teria escolhido meu asilo numa província remota onde se vê pouco dinheiro e há muitos gêneros, e onde reinam a abundância e a pobreza.

Lá eu reuniria uma companhia mais selecionada que numerosa de amigos amando o prazer e o conhecendo, de mulheres que pudessem sair de suas poltronas e apreciar os jogos campestres, pegar, algumas vezes, ao invés da costura ou das cartas, o anzol, a arapuca, o ancinho das ceifadeiras, o cesto dos vindimadores. Lá todos os ares da cidade seriam esquecidos e, aldeões na aldeia, nos encontraríamos entregues a divertimentos diversos que não nos dariam cada noite senão o embaraço da escolha para o dia seguinte. O exercício e a vida ativa nos dariam novo estômago e novos gostos. Todas as nossas refeições seriam festins em que a abundância agradaria mais do que a delicadeza. A alegria, os trabalhos rústicos, os jogos malucos, são os maiores cozinheiros do mundo e os pratos requintados são ridículos para os afobados desde a madrugada. O serviço não teria mais ordem que elegância; a sala de jantar estaria em toda parte, no jardim, num barco, debaixo de uma árvore; algumas vezes ao longe, perto de uma fonte, sobre a relva verdejante e fresca, sob bosques de amieiros ou de ave-

leiros; uma longa procissão de alegres convivas carregaria cantando os preparativos do festim; teríamos a relva por mesa e por cadeira; os bordos da fonte serviriam de bufete e a sobre-mesa estaria pendurada às árvores. Os pratos seriam servidos sem ordem, o apetite dispensaria as boas maneiras; cada qual se preferindo abertamente aos outros, acharia certo que os outros se preferissem a ele: desta familiaridade honesta e moderada, nasceria, sem grosseria, sem falsidade, sem constrangimento, um conflito divertido, mais encantador cem vezes do que a polidez e mais feito para ligar nossos corações. Nada de importunos lacaios ouvindo nossos discursos, criticando em voz baixa nossas atitudes, contando nossas partes com um olho ávido, divertindo-se com nos fazer esperar pela bebida e murmurando contra jantar tão demorado. Seríamos nossos criados para sermos nossos senhores, cada qual seria servido por todos; o tempo passaria sem ser contado; a refeição seria o repouso e duraria tanto quanto o ardor do dia. Se passasse perto de nós algum camponês de volta do trabalho, seus instrumentos ao ombro, alegrar-lhe-ia o coração com alguns copos de vinho que o fariam carregar mais alegremente sua miséria; e eu também teria o prazer de sentir-me comovido e de dizer-me em segredo: ainda sou homem.

Se alguma festa campestre reunisse os habitantes do lugar, eu seria um dos primeiros com minha companhia; se alguns casamentos, mais benditos que os da cidade se fizessem na minha vizinhança, saberiam que amo a alegria e seria convidado. Levaria a essa boa gente alguns presentes simples como eles, que contribuiriam para a festa; e aí encontraria em troca bens de um preço inestimável, bens pouco conhecidos de meus iguais, a franqueza e o verdadeiro prazer. Jantaria alegremente à sua mesa; faria coro ao refrão de uma velha canção rústica e dançaria na granja deles mais satisfeito do que no baile da Opera.

Até aqui tudo é maravilhoso, dir-me-ão; mas a caça? Será estar no campo, sem caçar? Compreendo: eu não queria senão um sítio e estava errado. Suponho-me rico, preciso portanto de prazeres exclusivos, de prazeres destrutivos. São outra coisa; preciso de terras, bosques, guardas, impostos, honras senhoriais, sobretudo incenso e água benta.

Muito bem. Mas essa terra terá vizinhos cônscios de seus direitos e desejosos de usurpar os dos outros; nossos guardas se desavirão e talvez seus senhores; eis então alterações, que-

relas, ódios, processos ao menos: nada disso é muito agradável. Meus vassallos não verão com prazer minhas lebres lavrarem seus trigos, meus javalis fazerem o mesmo com suas favas; não ousando matar o inimigo que destrói seu trabalho, cada qual há de querer ao menos expulsá-lo de seu campo; depois de ter passado o dia cultivando suas terras, precisarão passar a noite guardando-as, terão cães de guarda, tambores, cornos, sinos: com todo esse barulho perturbarão meu sono. Pensarei sem querer na miséria dessa gente e não poderei deixar de me censurar. Se tivesse a honra de ser príncipe, tudo isso não me impressionaria muito; mas eu, nóvo rico, ainda terei o coração bastante plebeu.

Não é tudo; a abundância de caça tentará os caçadores; terei logo caçadores furtivos a punir; precisarei de prisões, de carcereiros, de arqueiros, de galeras: tudo isto me parece bastante cruel. As mulheres d'esses infelizes virão bater à minha porta e me importunar com seus gritos ou será necessário expulsá-las, maltratá-las. Os pobres diabos que não tiverem caçado e cuja colheita minha caça terá devastado, virão também queixar-se: uns serão punidos por terem matado a caça, outros arruinados por a terem poupado: que triste alternativa! Não verei de todos os lados senão objetos de miséria, não ouvirei senão gemidos: isso deve perturbar muito, parece-me, o prazer de massacrar à vontade quantidade de perdizes e de lebres quase aos pés.

Quereis tirar os prazeres de suas penas, arrancai-as deles: quanto mais os deixardes comuns aos homens, mais os apreciareis puros. Não farei portanto tudo o que acabo de dizer; mas, sem mudar de gostos, seguirei aquele que imagino menos caro. Estabelecerei minha morada campestre num lugar onde a caça será livre e onde eu possa ter o divertimento dela sem aborrecimento. A caça será mais rara, mas haverá mais habilidade em procurá-la e prazer em alcançá-la. Eu me lembrarei das batidas de coração que sentia meu pai ao vôo da primeira perdiz e dos transportes de alegria com que encontrava a lebre procurada o dia inteiro. Sim, sustento que sozinho com seu cão, sua espingarda, sua bolsa de caça, sua merenda, sua pequena presa, ele voltava à noite, exausto e arranhado de espinhos, mais contente de seu dia que todos vossos caçadores de farra que, num bom cavalo, seguidos de vinte espingardas carregadas, não fazem senão trocar de montaria, atirar, e matar ao

derredor, sem arte, sem glória e quase sem exercício. O prazer não é portanto menor quando não se tem o inconveniente de guardar a terra, de punir o caçador intrometido, nem de atormentar o miserável: eis pois uma sólida razão de preferência. Por mais que se faça, não se atormenta sem fim o homem sem se ter também algum mal-estar; e as longas maldições do povo tornam mais cedo ou mais tarde a caça amarga.

Mais um pouco e os prazeres exclusivos são a morte do prazer. Os verdadeiros divertimentos são aqueles que repartimos com o povo. Os que queremos ter para nós somente, não os temos mais. Se os muros erguidos ao redor de meu parque se fazem uma clausura para mim, não consegui senão perder com eles o prazer do passeio: eis-me forçado a ir buscá-lo longe. O demônio da propriedade infeta tudo o que toca. Um rico quer ser em toda parte o senhor e só se sente bem onde não o é; é sempre forçado a fugir de si mesmo. Eu farei na minha riqueza o que fiz na minha pobreza. Mais rico agora com o bem dos outros do que serei com o meu, aposso-me de tudo o que me convém na minha vizinhança: não há conquistador mais decidido do que eu; ganho dos próprios príncipes; instalo-me sem distinção em todos os terrenos baldios que me agradam; dou-lhes nomes; faço de um meu parque, de outro meu terraço e eis-me senhor de tudo; a partir de então, por eles passeio impunemente e volto amiúde a fim de garantir a posse; uso quanto quero o solo à fôrça de andar; e não me persuadirão nunca que o titular daquilo de que me apropriado tire mais benefício, do dinheiro que a propriedade lhe dá, do que eu tiro de seu terreno. E se vierem me aborrecer com fossos e cercas, pouco importará; carrego meu parque às costas e vou pousá-lo alhures; lugares não faltam nas cercanias, e terei tempo para pilhar meus vizinhos antes de carecer de asilo.

Eis um ensaio de gosto na escolha dos lazeres agradáveis: eis o espírito com que se goza; o resto é apenas ilusão, quimera, vaidade tōla. Quem quer se afaste dessas regras, por mais rico que seja, gastará seu ouro em esterco e não conhecerá nunca o valor da vida.

Dirão sem dúvida que tais divertimentos estão ao alcance de todos os homens e que não é preciso ser rico para apreciá-los. É precisamente ao que quero chegar. Tem-se prazer quando se quer ter; é somente a opinião que torna tudo difícil, que expulsa a felicidade de nossa frente; é bem mais fácil ser

feliz do que parecê-lo. O homem de gosto e realmente voluptuoso não precisa da riqueza; basta-lhe ser livre e senhor de si. Quem quer goze de saúde e não careça do necessário é bastante rico, desde que arranque de seu coração os bens da opinião: é a *aurea mediocritas* de Horácio. Homens de cofres fortes, procurai pois outro emprego para vossa opulência, porquanto para o prazer ela não serve. Emílio não saberá tudo isso mais do que eu, mas tendo o coração mais puro e mais são, há de senti-lo mais ainda, e todas as suas observações na sociedade não farão senão confirmá-lo.

Passando assim o tempo, continuamos a procurar Sofia e não a encontramos. Era importante que não a encontrássemos depressa demais e procuramos onde eu tinha a certeza de que não estava ³⁹.

Mas agora está na hora de procurá-la de verdade, de medo de que apareça uma que ele tome por ela e não perceba o erro senão demasiado tarde. Adeus, pois, Paris, cidade célebre, cidade de barulho, de fumaça e de lama, onde as mulheres não acreditam mais na honra nem os homens na virtude. Adeus, Paris; procuramos o amor, a felicidade, a inocência; nunca estaremos suficientemente longe de ti.

(39) *Mulierem fortem quis inveniet? Procul, et de ultimis finibus pretium ejus.* (Provérbios, XXXI, 10)

LIVRO QUINTO

Eis-nos chegados ao último ato da juventude mas não ainda ao desenlace.

Não é bom que o homem fique só. Emílio é homem e nós lhe prometemos uma companheira. É preciso dar-lha. Esta companheira é Sofia. Onde se abriga? Onde a encontraremos? Para encontrá-la é preciso conhecê-la. Saibamos primeiramente como é e julgaremos melhor onde reside; e quando a tivermos achado ainda não estará tudo terminado. *Como nosso jovem fidalgo, diz Locke, está no ponto de se casar, é chegado o momento de deixá-lo ao lado de sua amada.* Com isto encerra sua obra. Eu, como não tenho a honra de educar um fidalgo, evitarei de imitar Locke.

SOFIA OU A MULHER

Sofia deve ser mulher como Emílio é homem, isto é, ter tudo o que convém à constituição de sua espécie e de seu sexo para ocupar seu lugar na ordem física e moral. Começemos portanto por examinar as conformidades de seu sexo com o nosso e as diferenças entre ambos.

Em tudo o que não se prende ao sexo, a mulher é homem: tem os mesmos órgãos, as mesmas necessidades, as mesmas faculdades; a máquina é construída da mesma maneira, as peças são as mesmas, o jogo de ambos é igual, o aspecto semelhante; e sob qualquer ângulo que os consideremos só diferem por mais ou por menos.

Em tudo que diz respeito ao sexo, a mulher e o homem têm em tudo relações e em tudo diferenças: a dificuldade de

compará-los vem da de determinar, na constituição deles, o que é do sexo e o que não é. Pela anatomia comparada, e mesmo pela simples inspeção, encontramos entre ambos diferenças gerais que parecem não provir do sexo; cabem ao sexo porém, mas através de ligações que não podemos perceber: não sabemos até onde tais ligações podem estender-se; a única coisa que sabemos com certeza é que tudo o que têm de comum é da espécie, e o que têm de diferente é do sexo. Deste duplo ponto de vista, encontramos entre ambos tantas relações e tantas oposições, que talvez seja uma das maravilhas da natureza ter feito dois seres tão semelhantes constituindo-se tão diferentemente.

Tais relações e tais diferenças devem influir no moral; esta consequência é sensível, conforme à experiência, e mostra a futilidade das discussões acerca da preferência ou da igualdade dos sexos: como se cada um deles, atendendo aos fins da natureza segundo sua destinação particular, não fôsse mais perfeito nisso do que se assemelhando mais ao outro! No que têm de comum, são iguais; no que têm de diferente, não são comparáveis. Uma mulher perfeita e um homem perfeito não devem assemelhar-se nem de espírito nem de fisionomia, e a perfeição não é suscetível nem de mais nem de menos.

Na união dos sexos cada qual concorre igualmente para o objetivo comum, mas não da mesma maneira. Dessa diversidade nasce a primeira diferença assinalável entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco: é necessário que um queira e possa, basta que o outro resista pouco.

Estabelecido este princípio, segue-se que a mulher é feita especialmente para agradar ao homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos direta: seu mérito está na sua força; agrada, já, pela simples razão de ser forte. Não se trata da lei do amor, concordo; mas é a da natureza, anterior ao próprio amor.

Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo. Sua violência está nos seus encantos; é por eles que ela deve constrangê-lo a encontrar sua força e empregá-la. A arte mais segura de animar essa força consiste em fazê-la necessária pela resistência. Então o amor-próprio une-se ao desejo, e um triunfa da vitória que o outro o obrigou a ganhar. Daí nascem o ataque e a defesa, a ousadia de um sexo e a timidez de outro,

finalmente a modéstia e o pudor com que a natureza armou o fraco para escravizar o forte.

Quem pode pensar que ela tenha prescrito indiferentemente as mesmas atitudes a uns e a outros, e que o primeiro a desejar deva ser também o primeiro a testemunhá-lo? Que estranha depravação de julgamento! Tendo a empresa consequências tão diferentes para os dois sexos, será natural que tenham ambos a mesma audácia nas solicitações? Como não ver que com uma tão grande desigualdade na conduta comum, se a reserva não impusesse a um a moderação que a natureza impõe a outro, ocorreria dentro em pouco a ruína de ambos, e que o gênero humano pereceria pelos meios estabelecidos para conservá-lo? Com a facilidade que têm as mulheres de impressionar os sentidos dos homens e de despertar no fundo de seus corações os restos de um temperamento quase extinto, se houvesse algum clima na terra onde a filosofia tivesse introduzido tal hábito, principalmente nos países quentes onde nascem mais mulheres do que homens, estes, por elas tiranizados, seriam enfim suas vítimas e se veriam todos arrastados para a morte sem que pudessem defender-se delas.

Se as fêmeas dos animais não têm o mesmo pudor, que conclusão tirar disso? Têm elas, como as mulheres, os desejos ilimitados a que esse pudor serve de freio? O desejo só lhes advém da necessidade; esta satisfeita, cessa o desejo; não recusam mais o macho por tática¹, mas de verdade: fazem o contrário do que fazia a filha de Augusto; não recebem mais passageiros quando o navio já tem sua carga. Mesmo quando são livres, seus momentos de boa vontade são curtos; o instinto as impele e o instinto as detém. Onde se encontrará o suplemento desse instinto negativo nas mulheres, quando lhes tiverdes tirado o pudor? Esperar que elas não se preocupem mais com os homens, é esperar que eles não prestem mais para nada.

O Ser supremo quis dar em tudo a primazia à espécie humana: dando ao homem inclinações sem medida, deu-lhe ao mesmo tempo a lei que as regula, a fim de que seja livre e

(1) Já observei que as recusas fingidas e excitantes são comuns a quase todas as fêmeas, mesmo entre os animais, e mesmo quando mais dispostas se acham a se renderem; é preciso nunca ter observado seus modos para desconvir.

senhor de si; entregando-o a paixões imoderadas, junta a elas a razão para governá-las; entregando a mulher a desejos ilimitados, junta a esses desejos o pudor para contê-los. Ademais, acrescenta ainda uma recompensa ao bom emprego de suas faculdades, a saber o gosto que se adquire pelas coisas honestas quando se faz delas a regra de todas as ações. Tudo isto vale, parece-me, o instinto dos animais.

Portanto, partilhe ou não a fêmea do homem os desejos dele, queira ou não satisfazê-los, ela o rechaça e se defende sempre, mas nem sempre com a mesma força e por conseguinte com o mesmo êxito. Para que o atacante seja vitorioso, é preciso que o atacado o permita ou o ordene, e quantos meios hábeis não tem este para obrigar o agressor a empregar a força! O mais nobre e o mais doce de todos os atos não admite a violência real, a isto se opõem a natureza e a razão: a natureza porque proveu o mais fraco de força suficiente para resistir quando quer; a razão porque uma violência real é, não somente o mais brutal de todos os atos, como também o mais contrário a seu fim, ou porque o homem declara assim a guerra à sua companheira, e a autoriza a defender sua pessoa e sua liberdade até mesmo a expensas da vida do agressor, ou porque só a mulher é juiz do estado em que se acha, e que uma criança não teria pai se qualquer homem pudesse usurpar tais direitos.

Eis portanto uma terceira consequência da constituição dos sexos: a de que o mais forte, aparentemente senhor, depende na realidade do mais fraco; e isso não em virtude de uma frívola galanteria, nem de uma orgulhosa generosidade do protetor, e sim em consequência de uma lei invariável da natureza que, dando à mulher maior facilidade de excitar os desejos do homem que a este a de satisfazê-los, faz depender o homem, apesar de tudo, da boa vontade da mulher e o leva a procurar por sua vez agradar-lhe para conseguir que ela consinta em deixá-lo ser o mais forte. Então o que há de mais doce para o homem em sua vitória está em duvidar se é a fraqueza que cede à força ou se é a vontade que se rende; e a malícia habitual da mulher está em deixar sempre essa dúvida entre ambos. O espírito das mulheres corresponde nisso perfeitamente à sua constituição: longe de se envergonharem de sua fraqueza, vangloriam-se dela; seus músculos frágeis são sem resistência; elas fingem não poder erguer os mais leves fardos; teriam vergonha de ser fortes. Por quê? Não é apenas para parecerem delicadas; é por uma precaução mais hábil; arran-

jam de antemão desculpas e o direito de serem fracas se preciso.

O progresso dos conhecimentos adquiridos com nossos vícios mudou muito neste ponto as antigas opiniões, e não mais se fala em violências desde que se tornaram tão pouco necessárias e que os homens não acreditam mais nelas²; ao passo que são muito comuns na alta antiguidade grega e judaica, porque essas mesmas opiniões estavam na simplicidade da natureza e que só a experiência da libertinagem pôde desarraigá-las. Se se citam hoje menos atos de violência, não é seguramente por serem os homens mais temperantes, é por que eles têm menos credulidade, e que uma queixa, suscetível outrora de persuadir povos simples, só provocaria risos zombeteiros; ganha-se mais em calar. Há no *Deutéronome* uma lei em virtude da qual uma jovem violentada era punida juntamente com o sedutor, se o delito fosse cometido na cidade; se cometido no campo ou em lugares afastados, somente o homem era punido; porque, diz a lei, *a jovem gritou e não foi ouvida*. Essa interpretação benigna ensinava as jovens a não se deixarem surpreender em lugares freqüentados.

O efeito dessa diversidade de opiniões acerca dos costumes é sensível. A galanteria moderna é sua obra. Os homens, achando que seus prazeres dependiam mais da vontade do belo sexo do que haviam pensado, cativaram essa vontade com complacências de que se viram recompensados.

Vedes assim como o físico nos leva insensivelmente ao moral, e como da grosseira união dos sexos nascem pouco a pouco as doces leis do amor. O domínio das mulheres não lhes cabe porque os homens o quiseram, mas porque assim o quer a natureza: já lhes pertencia antes que parecessem tê-lo. Esse mesmo Hércules, que pensou ter violentado as cinquenta filhas de Téspio, foi entretanto constrangido a fiar a lã ao lado de Ônfala; e o forte Sansão não era tão forte quanto Dalila. Esse domínio é das mulheres e não pode ser-lhes tirado, mesmo quando abusam dele; se o pudessem perder, de há muito o teriam perdido.

(2) Pode haver uma tal desproporção de forças e de idades em que uma violência real ocorra; mas tratando aqui do estado relativo dos sexos segundo a ordem da natureza, eu os encaro ambos na relação comum que constitui esse estado.

Não há nenhuma paridade entre os dois sexos quanto à consequência do sexo. O macho só é macho em certos momentos, a fêmea é fêmea durante a vida toda, ou, ao menos, durante a sua mocidade; tudo a leva sem cessar a seu sexo, e, para bem desempenhar-lhe as funções, precisam uma constituição que se prenda a ele; precisam cuidados durante a gravidez; precisam repouso quando do parto; precisam de vida fácil e sedentária para aleitar os filhos; precisam, para bem os educar, paciência e doçura, um zelo e uma afeição que nada perturbe; só elas servem de ligação entre eles e os pais, só elas os fazem amá-los e lhes dão a confiança de considerá-los seus. Quanta ternura e cuidado não precisam para manter a união em toda a família! E, finalmente, tudo isso não deve ser virtudes, mas sim gostos, sem o que a espécie humana seria dentro em breve destruída.

A rigidez dos deveres relativos dos dois sexos não é nem pode ser a mesma. Quando a mulher se queixa a respeito da injusta desigualdade que o homem impõe, não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão: cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro. Sem dúvida não é permitido a ninguém faltar à sua palavra, e todo marido infiel que priva a mulher da única recompensa aos austeros deveres de seu sexo é um homem injusto e bárbaro; mas a mulher infiel vai além, ela dissolve a família e rompe todos os laços da natureza. Dando ao homem filhos que não são dele, trai a uns e a outros, junta a perfídia à infidelidade. Custa-me ver a desordem e o crime que não se prendam a isso. Se há uma situação horrível no mundo, é a do infeliz pai que, sem confiança na mulher, não ousa entregar-se aos mais doces sentimentos de seu coração, que duvida, ao beijar o filho, se não beija o de outrem, a prova de sua desonra, o ladrão do bem de seus próprios filhos. Que é então a família senão uma sociedade de inimigos secretos que uma mulher culpada arma um contra outro, forçando-os a fingirem amar-se?

Não basta portanto que a mulher seja fiel e sim que assim seja julgada por seu marido, por seus próximos, por todo mundo; importa que seja modesta, atenta, reservada, e que apresente aos olhos de outrem, como aos seus próprios, o testemunho de sua virtude. Finalmente, se importa que um pai ame seus filhos, importa também que estime a mãe deles. Tais

são as razões que põem a própria aparência entre os deveres das mulheres e lhes tornam a honra e a reputação não menos indispensáveis que a castidade. Desses princípios deriva, com a diferença moral dos sexos, um novo motivo de dever e de conveniência que prescreve especialmente às mulheres o cuidado mais escrupuloso de sua conduta, de suas maneiras, de sua atitude. Sustentar vagamente que os dois sexos são iguais, que seus deveres são os mesmos, é perder-se em declarações vãs, é nada dizer enquanto não se responde ao resto.

Não é uma maneira bem sólida de raciocinar, apresentar exceções como resposta a leis gerais tão bem alicerçadas? As mulheres, direis, nem sempre fazem filhos! Não, mas sua destinação é fazê-los. Então, porque há no universo uma centena de grandes cidades onde as mulheres, vivendo na licença, fazem poucos filhos, pretendereis que a condição da mulher é fazer poucos? E que aconteceria com vossas cidades, se as terras longínquas, onde as mulheres vivem mais simplesmente e mais castamente, não suprissem a esterilidade das senhoras? Em quantas províncias as mulheres que só tiveram quatro ou cinco filhos não passam por pouco fecundas? ³ Enfim, que importa o fato de tal ou qual mulher ter poucos filhos? Deixa com isso a condição de mulher a de ser mãe? E não é por leis gerais que a natureza e os costumes devem atender a essa condição?

Ainda que haja entre os períodos de gravidez intervalos tão longos como o supõem, mudará a mulher assim bruscamente e alternativamente de maneira de viver sem perigo e sem riscos? Será ela ama hoje e amanhã guerreira? Mudará de temperamento e de gostos como um camaleão muda de cor? Passará ela subitamente da sombra da cerca e dos trabalhos domésticos às injúrias do ar, às tarefas, às fadigas, aos perigos da guerra? Será ela ora tímida ⁴, ora audaciosa, ora delicada,

(3) Sem isso a espécie pereceria necessariamente: para que ela se conserve, é preciso, tudo pesado, que cada mulher tenha mais ou menos quatro filhos: pois das crianças que nascem mais ou menos metade morre antes que outros possam nascer e é preciso que sobrem dois para representarem o pai e a mãe. Vede se as cidades vos fornecirão essa população.

(4) A timidez das mulheres é ainda um instinto da natureza contra o risco que correm durante a gravidez.

ora robusta? Se os jovens educados em Paris dificilmente suportam a carreira das armas, mulheres que nunca enfrentaram o sol e que mal sabem marchar, a suportariam depois de cinqüenta anos de moleza? Entrarão nessa dura carreira na idade em que os homens a deixam?

Há países onde as mulheres parem quase sem dores e nutrem seus filhos quase sem cuidados; concordo. Mas nesses mesmos países os homens andam seminus em qualquer estação, aterram as feras, carregam sua canoa como uma mochila, fazem caçadas de sete a oitocentas léguas, dormem no chão ao ar livre, suportam fadigas incriveis, passam vários dias sem comer. Quando as mulheres se tornam robustas, os homens se tornam ainda mais; quando os homens amolecem, as mulheres amolecem ainda mais; quando os dois termos mudam a diferença permanece a mesma.

Platão na sua República dá às mulheres os mesmos exercícios que aos homens. Tendo tirado de seu governo as famílias particulares, e não sabendo mais que fazer das mulheres, viu-se forçado a transformá-las em homens. Esse belo gênio tudo combinara, tudo previra: antecipava-se a uma pergunta que talvez ninguém tivesse pensado em fazer; mas resolveu mal o problema. Não falo da pretensa comunidade de mulheres, cuja censura amiúde repetida prova que os que a fazem não o leram nunca; falo dessa promiscuidade civil que confunde em tudo os dois sexos nos mesmos empregos, nos mesmos trabalhos, e não pode deixar de engendrar os mais intoleráveis abusos; falo dessa subversão dos mais doces sentimentos da natureza, imolados a um sentimento artificial que só por eles pode subsistir: como se não fosse preciso um laço natural para formar os laços de convenção! Como se o amor por seus parentes não fosse o princípio do que se deve ao Estado! Como se não fosse pela pequena pátria, que é a família, que o coração se apega à grande! Como se não fosse o bom filho, o bom marido, o bom pai que fazem o bom cidadão!

Uma vez demonstrado que o homem e a mulher não devem ser constituídos da mesma maneira, nem de caráter nem de temperamento, segue-se que não devem receber a mesma educação. Seguindo as diretrizes da natureza, devem agir de acordo, mas não devem fazer as mesmas coisas: o fim dos trabalhos é o mesmo, mas os trabalhos são diferentes, e por conseguinte os gostos que os dirigem. Depois de ter tentado formar

o homem natural, para não deixar imperfeita nossa obra, vejamos como se deve formar também a mulher que convém a êsse homem.

Quereis ser sempre bem guiado? Segui as indicações da natureza. Tudo o que caracteriza o sexo deve ser respeitado como por ela estabelecido. Dizeis sem cessar: as mulheres têm tais ou quais defeitos que nós não temos. Vosso orgulho vos engana; seriam defeitos para vós, são qualidades para elas; tudo iria menos bem se elas não os tivessem. Impedi que êsses pretensos defeitos degenerem, mas evitai destruí-los.

As mulheres por sua vez não param de gritar que nós as educamos para serem fúteis e coquetes, que as divertimos amiu-dadamente com puerilidades para permanecermos mais fácil-mente os senhores; acusam-nos de culpados dos defeitos que lhes censuramos. Que loucura! E depois, desde quando são os homens que tratam da educação das jovens? Que impede as mães de as educarem como lhes agrada? Não têm colégios: grande desgraça! Oxalá não os houvesse para os rapazes! Se-riam mais sensata e honestamente educados. Forçam vossas filhas a perderem seu tempo em tolices? Fazem-nas, contra sua vontade, passarem metade da vida a se enfeitar, seguindo vosso exemplo? Impedem-vos de as instruir ou as mandar instruir segundo a vossa vontade? Temos culpa de nos agra-darem quando são belas, de seus trejeitos nos seduzirem, da arte que aprendem convosco nos atrair e nos envaidecer, de gostarmos de as ver vestidas com gosto, de deixarmos que afiem tranqüilamente as armas com que nos subjugam? Tomai o partido de as educar como homens; eles consentirão de bom grado. Quanto mais quizerem assemelhar-se a eles, menos os governarão e então é que eles serão realmente os senhores.

Tôdas as faculdades comuns aos dois sexos não lhes são igualmente repartidas; mas encaradas em conjunto elas se com-pensam. A mulher vale mais como mulher e menos como ho-mem; em tudo em que faz valer seus direitos, ela leva vanta-gem; em tudo em que quer usurpar os nossos fica abaixo de nós. Não se pode responder a esta verdade geral senão com exce-ções; maneira constante de argumentar dos partidários do belo sexo.

Cultivar nas mulheres as qualidades do homem, e negli-genciar as que lhes são peculiares, é pois visivelmente traba-lhar contra elas. As expertas o vêem demasiado bem para se-

rem ludibriadas; tentando usurpar nossas vantagens, não abandonam as suas; mas acontece que, não podendo jogar com umas e outras, porque são incompatíveis, ficam abaixo de suas possibilidades sem alcançar as nossas, e perdem metade de seu valor. Acreditai-me, mãe judiciosa, não façais de vossa filha um homem de bem, como que para dar um desmentido à natureza; fazei dela uma mulher honesta e ficai certa de que ela valerá mais com isso, para ela e para nós.

Deduzir-se-á disto que deva ser educada na ignorância de tudo e adstrita unicamente às tarefas do lar? Fará o homem sua criada de sua companheira? Privar-se-á ao lado dela do maior encanto da sociedade? Para escravizá-la ainda mais, impedi-la-á de conhecer o que quer que seja? Fará dela uma verdadeira autômata? Não, sem dúvida, assim não o mandou a natureza, que dá às mulheres um espírito tão agradável e tão versátil; ao contrário, ela quer que elas pensem, julguem, amem, conheçam, cultivem seu espírito como seu rosto; são as armas que lhes dá para suprir a força de que carecem e para dirigir a nossa. Elas devem aprender muitas coisas, mas as que lhes convém saber.

Considere eu a destinação particular do sexo, ou observe as inclinações, ou conte os deveres, tudo concorre igualmente para me indicar a forma de educação que lhes convém. A mulher e o homem são feitos um para outro, mas sua dependência natural não é igual: os homens dependem das mulheres por seus desejos; as mulheres dependem dos homens por seus desejos e suas necessidades; nós subsistiríamos mais sem elas do que elas sem nós. Para que elas tenham o necessário, para que estejam em seu estado, é preciso que nós lho demos, que nós as estimemos dignas disso; elas dependem de nossos sentimentos, do valor que damos a seu mérito, do caso que fazemos de seus encantos e de suas virtudes. Pela própria lei da natureza, as mulheres, tanto por elas como por seus filhos, estão à mercê do julgamento dos homens: não basta que sejam estimáveis, cumpre que sejam estimadas; não basta que sejam belas, é preciso que agradem; não basta que sejam bem comportadas, é preciso que sejam reconhecidas como tal; sua honra não está apenas na sua conduta, está na sua reputação, e não é possível que a que consente em passar por infame seja um dia honesta. O homem, agindo bem, não depende senão de si e pode desafiar o juízo público; mas a mulher, agindo bem, só cumpre metade de sua tarefa, e o que pensam dela lhe importa tanto

quanto o que é efetivamente. Segue-se daí que o sistema de sua educação deve ser, a esse respeito, contrário ao do nosso; a opinião é o túmulo da virtude para os homens, o trono entre as mulheres.

Da boa constituição das mães depende inicialmente a dos filhos; do seio das mulheres depende a primeira educação dos homens; das mulheres dependem ainda os costumes destes, suas paixões, seus gostos, seus prazeres, e até sua felicidade. Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Serem úteis, serem agradáveis a eles e honradas, educá-los jovens, cuidar deles grandes, aconselhá-los, consolá-los, torná-lhes a vida mais agradável e doce; eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes devemos ensinar já na sua infância. Enquanto não remontarmos a esse princípio, afastaremos do objetivo e todos os preceptores que lhes derem servirão de nada nem para sua felicidade nem para a nossa.

Mas embora toda mulher queira agradar aos homens e o deva querer, há muita diferença entre querer agradar ao homem de mérito, ao homem verdadeiramente amável, e querer agradar a esses pequenos divertidos que desonram seu sexo e a quem imitam. Nem a natureza nem a razão podem levar a mulher a amar nos homens o que a ela se assemelha, nem é tampouco assumindo as maneiras deles que ela deve procurar fazer-se amar.

Por isso quando, abandonando o tom modesto e recatado de seu sexo, toma atitudes escandalosas, longe de seguir sua vocação a ela renuncia; tira de si mesma os direitos que pensa usurpar. Se fosse diferente, diz, não agradaria aos homens. Mente. É preciso ser louca para amar os loucos; o desejo de seduzir estes mostra o gosto de quem se entrega a ele. Se não houvesse homens frívolos ela se apressaria em criá-los. E suas frivolidades são mais obra dela que as dela são deles. A mulher que ama os homens de verdade, e que quer agradar-lhes, adota meios de acordo com sua intenção. A mulher é naturalmente coquete; mas seu coquetismo muda de forma e de objeto segundo seus desígnios; regremos esses desígnios em obediência aos da natureza e a mulher terá a educação que lhe convém.

As meninas, quase que ao nascer, gostam de adornos; não satisfeitas com ser bonitas, querem que as achem bonitas; vê-se nas suas maneiras que já se preocupam com isso; e mal alcan-

çam a possibilidade de entender o que lhes dizem, já as governam falando do que pensam delas. Muito falta para que o mesmo motivo muito indiscretamente proposto aos meninos tenha a mesma importância. Desde que sejam independentes e tenham prazer, pouco se incomodam com o que possam pensar deles. É somente à força de tempo que os sujeitam à mesma lei.

De onde quer que chegue às meninas essa primeira lição, ela é boa. Se o corpo nasce, por assim dizer, antes da alma, a primeira cultura deve ser a do corpo: esta ordem é comum aos dois sexos. Mas o objeto dessa educação é diferente; num o objetivo é o desenvolvimento das forças, noutro é o da sedução. Não porque tais qualidades devam ser exclusivas em cada sexo, a ordem é que é invertida; precisam as mulheres de forças suficientes para fazer tudo o que fazem com graça; precisam de bastante habilidade os homens para fazer tudo o que fazem com facilidade.

Pela extrema moleza das mulheres começa a dos homens. As mulheres não devem ser robustas como eles, mas para eles, para que os homens que nasçam delas o sejam também. Quanto a isto, os conventos, onde as pensionistas têm uma alimentação grosseira mas muito movimento, jogos ao ar livre nos jardins, são preferíveis à casa paterna onde a jovem, delicadamente alimentada, sempre lisonjeada ou solicitada, sempre sentada sob o olhar da mãe num quarto bem fechado, não ousa nem se levantar, nem falar, sem suspirar e não tem um momento de liberdade para brincar, correr, entregar-se à petulância natural de sua idade: sempre ócio perigoso ou severidade mal compreendida; nunca nada segundo a razão. Eis como se arruinam o corpo e o coração da juventude.

As jovens de Esparta exercitavam-se, como os jovens, nos jogos militares, não para irem à guerra, mas para terem um dia filhos capazes de agüentar as fadigas dos combates. Não é o que aprovo: não é necessário que as mães tenham carregado o fuzil e feito exercícios à prussiana para darem soldados ao Estado; mas acho que em geral a educação grega era muito bem compreendida a esse respeito. As jovens apareciam amiúde em público, não misturadas com os rapazes mas em grupos. Não havia, por assim dizer, uma festa, um sacrifício, uma cerimônia em que não se vissem bandos de jovens dos mais conspícuos cidadãos coroadas de flores, cantando hinos, formando coros de danças, carregando cestas, vasos, oferendas e apresentando aos

sentidos depravados dos gregos um espetáculo encantador e destinado a contrabalançar o mau efeito de sua ginástica indecente. Qualquer que fosse a impressão desse hábito no coração dos homens, o fato é que era excelente para dar ao sexo uma boa constituição na juventude mediante exercícios agradáveis, moderados, salutareis, e para aguçar e formar seu gosto através do desejo contínuo de agradar, sem nunca comprometer os bons costumes.

Quando casadas, essas jovens não eram vistas em público; fechadas em suas casas tratavam exclusivamente do lar e da família. Tal é a maneira de viver que a natureza e a razão prescrevem ao sexo. Por isso, dessas mães nasciam os homens mais sadios, mais robustos, mais bem constituídos da terra. E, apesar da má reputação de algumas ilhas, é certo que de todos os povos do mundo, sem a exceção sequer dos romanos, nenhum se cita entre o qual as mulheres tenham sido a um tempo mais comportadas e mais amáveis, e tenham unido os bons costumes à beleza.

Sabe-se que o conforto das roupas, que não embaraçavam o corpo, muito contribuía para deixar, em ambos os sexos, as belas proporções que ainda se vêem nas estátuas e que ainda servem de modelo para a arte, quando a natureza desfigurada cessou de fornecer-lhe entre nós. Não tinham nenhuma dessas peias góticas, nenhuma dessas ataduras que amarram e comprimem nossos membros. Suas mulheres ignoravam o uso desses colêtes com os quais as nossas deformam a cintura mais do que a acentuam. Não posso deixar de crer que esse abuso, levado na Inglaterra a um ponto inconcebível, não provoque ao fim a degenerescência da espécie, e sustento até que o objetivo de agradar que se tem em vista é de mau gosto. Não é agradável ver uma mulher cortada em dois como uma vespa. Isso choca a vista e faz a imaginação sofrer. A delicadeza da cintura tem, como o resto, suas proporções, sua medida, ultrapassada a qual é certamente um defeito: tal defeito seria até chocante ao olhar, no nu; porque seria uma beleza sob as vestimentas?

Não ouse esmiuçar as razões pelas quais as mulheres se obstinam em se encorajar assim: um seio caído, um ventre saliente etc. desagradam muito, é certo, numa pessoa de vinte anos, mas isso não impressiona mais aos trinta. E como cumpre, queiramos ou não, estar sempre de acordo com a natureza, e como o olho do homem não se engana, tais defeitos são me-

nos desagradáveis em qualquer idade que a tola afetação de parecer uma mocinha de quarenta anos.

Tudo que perturba ou constrange a natureza é de mau gosto; isso é tanto verdade dos ornamentos do corpo como dos do espírito. A vida, a saúde, o bem-estar devem passar antes de tudo; a graça não vai sem o desembaraço; a delicadeza não é langor e não é preciso ser malsã para agradar. Excitamos a piedade quando sofremos, mas o prazer e o desejo buscam o frescor da saúde.

As crianças dos dois sexos têm muitos divertimentos em comum e assim deve ser; não os terão adultos? Têm também gostos particulares que os distinguem. Os jovens buscam o movimento e o ruído: tambores, tamancos, pequenas carruagens. As jovens preferem o que dá na vista e serve de adorno: espelhos, jóias, trapos, sobretudo bonecas. A boneca é o principal divertimento desse sexo; eis evidentemente seu gosto determinado por sua destinação. O físico da arte de agradar está no adorno: é tudo o que crianças podem cultivar dessa arte.

Vede uma menina passar o dia com sua boneca, vesti-la e revesti-la sem cessar, procurar sempre novas combinações de adornos bem ou mal afinados. Pouco importa. Os dedos carecem de habilidade, o gosto não está formado, mas já se mostra a inclinação. Nessa eterna ocupação, o tempo passa sem que ela o perceba; as horas passam e ela não o sente; esquece as refeições, tem mais fome de adornos que de alimentos. Mas, direis, ela enfeita sua boneca e não sua pessoa. Sem dúvida; ela vê sua boneca e não sua pessoa. Sem nada fazer para ela própria, não está formada, não tem talento nem força, não é nada ainda, está por inteiro na sua boneca, na qual põe seu coquetismo.

Eis portanto um primeiro gosto bem marcado: basta-vos segui-lo e regrá-lo. É certo que a menina gostaria imenso de saber enfeitar sua boneca, fazer seus laços de mangas, seu xale, suas alfaias, suas rendas. Em tudo isso fazem-na depender a tal ponto de outrem que lhe seria mais cômodo tudo dever a si mesma. Daí a razão das primeiras lições que lhe dão: não são tarefas que lhe prescrevem, são presentes que lhe oferecem. Com efeito, quase todas as meninas aprendem com repugnância a ler e a escrever; mas manejar a agulha elas o aprendem sempre de bom grado. Imaginam-se de antemão grandes, e pensam com prazer que tais talentos poderão servir-lhes um dia para se enfeitarem.

Este primeiro caminho aberto é fácil de ser seguido: a costura, o bordado, a renda chegam sòzinhas. A tapeçaria já não é tão comum a seu gosto: os móveis estão longes demais delas, não se prendem à pessoa, prendem-se mais à opinião. A tapeçaria é o divertimento das mulheres; jovens não tirarão nunca grande prazer dela.

Esses progressos voluntários estender-se-ão até ao desenho, porquanto esta arte não é indiferente a quem a segue com gosto: mas eu não gostaria que as enveredassem para a paisagem e ainda menos para as figuras. Folhagens, frutas, drapejamentos, tudo o que pode servir a dar um contôrno elegante aos ajustamentos e a fazer por si mesma um cartão de bordado quando não se o encontra a seu gosto, lhes basta. Em geral, se importa aos homens limitar seus estudos a conhecimentos corriqueiros, isso mais importa ainda às mulheres, porque a vida destas, embora menos laboriosa e sendo, ou devendo ser, mais assídua a suas tarefas e mais entrecortada de cuidados diversos, não lhes permite entregarem-se arbitrariamente a nenhum talento em prejuízo de seus deveres.

Digam o que disserem os espirituosos, o bom senso é igualmente dos dois sexos. As jovens são em geral mais dóceis do que os jovens, e deve-se mesmo empregar com elas mais autoridade, como o direi adiante; mas isto não quer dizer que se deva exigir delas algo cuja utilidade não possam perceber. A arte das mães está em mostrá-la em tudo o que lhes prescrevem, e isso é tanto mais fácil quanto a inteligência nas meninas é mais precoce do que nos meninos. Esta regra exclui de seu sexo, como do nosso, não sòmente todos os estudos ociosos que não levam a nada de bom e nem sequer tornam agradáveis aos outros os que os fazem, como também todos os estudos cuja utilidade não é da idade e que a criança não pode prever. Se não quero que forcem um menino a aprender a ler, com muito mais razão não quero que forcem a menina antes que possa sentir muito bem para que serve a leitura; e com o modo que temos ordinariamente de mostrar-lhe tal utilidade seguimos mais nossa própria idéia que a dela. Afinal onde a necessidade de uma menina saber ler e escrever muito cedo? Terá ela muito logo um lar a governar? Há poucas que não abusem dessa ciência fatal, mais do que a usem; e todas são bastante curiosas para aprendê-la sem serem forçadas, tendo a oportunidade. Talvez devessem elas aprender a calcular antes de tudo; pois nada oferece utilidade mais sensível em todos os tempos, apre-

senta maior emprêgo e dá tão grande margem a erros como as contas. Se a menina só tivesse as cerejas de sua merenda através de uma operação aritmética, garanto que dentro em pouco saberia calcular.

Conheço uma jovem que aprendeu a escrever antes de ler e que começou a escrever com a agulha antes de escrever com a pena. A princípio não quis fazer senão a letra O. Fazia "ós" sem cessar, grandes e pequenos, de todos os tamanhos, uns dentro de outros e sempre traçados de trás para diante. Infelizmente um dia em que estava ocupada nesse útil exercício ela se viu num espelho; achando que sua atitude constrangida era desgraciosa, jogou fora a pena e não quis mais fazer "ós". Seu irmão não gostava tampouco de escrever, mas o que o aborrecia era o incômodo, não a aparência que este lhe dava. Usaram de outro estratagema para fazê-la voltar a escrever: a menina era delicada e fútil, não queria que sua roupa branca fosse utilizada pelas irmãs; era marcada, por isso, e não a quiseram mais marcar; ela própria precisou marcá-la. Adivinha-se o resto do progresso.

Justificai sempre as tarefas que impuserdes às jovens, mas imponde-lhes sempre tarefas. A ociosidade e a indolência são os dois defeitos mais perigosos para elas e de que mais dificilmente se curam após contraí-los. As jovens devem ser vigilantes e laboriosas; não é tudo: elas devem ser contrariadas desde cedo. Esta desgraça, se é que é uma, é inseparável de seu sexo; e dela nunca elas se libertam senão para sofrer outras bem mais cruéis. Estarão a vida inteira escravizadas a constrangimentos contínuos e severos, os do decoro e das conveniências. É preciso exercitá-las desde logo a tais constrangimentos, a fim de que não lhes pesem; a dominarem suas fantasias para submetê-las às vontades dos outros. Se quisessem trabalhar sempre, dever-se-ia forçá-las a não fazerem nada por vezes. A dissipação, a frivolidade, a inconstância, são defeitos que nascem facilmente de seus primeiros gostos corrompidos e sempre seguidos. Para prevenir tais abusos, ensinaí-lhes sobretudo a se dominarem. Nas nossas insensatas condições de vida, a existência de uma mulher honesta é um combate perpétuo contra si mesma; é justo que esse sexo partilhe as penas dos males que nos causaram.

Impedi que as jovens se aborreçam com suas ocupações e se apaixonem com seus divertimentos, como ocorre sempre nas educações comuns em que se põe, como diz Fénelon, todo o

tédio de um lado e todo o prazer de outro. O primeiro desses inconvenientes não se verificará, seguindo-se as regras precedentes, senão quando as pessoas que estiverem com elas lhes desagradarem. Uma menina que amar sua mãe ou sua amiga trabalhará o dia inteiro ao lado dela sem se aborrecer; a simples parolagem recompensará sua contrariedade. Mas se quem a governa lhe fôr insuportável, ela englobará no mesmo desgosto o que fizer na presença dela. É muito difícil que quem não se compraza na companhia da mãe, mais do que na de qualquer outra pessoa, venha a se conduzir bem um dia; mas para julgar de seus verdadeiros sentimentos cumpre estudá-la e não confiar no que diz; pois as jovens são adúladoras, dissimuladas e sabem muito bem disfarçar. Não se deve tampouco prescrever-lhes que amem a mãe; a afeição não surge por dever, e não é nosso que o constrangimento é útil. O apego, as atenções, o simples hábito farão com que a filha ame sua mãe, a menos que esta tudo faça para provocar o ódio. A própria severidade com que a dirigir, bem orientada, longe de enfraquecer a afeição, há de aumentá-la, porque sendo a dependência condição natural das mulheres, as jovens se sentem feitas para obedecer.

Pela mesma razão que têm ou devem ter de gozar de pouca liberdade, elas se excedem na que lhes deixam; extremadas em tudo, entregam-se a seus jogos com mais paixão ainda do que os rapazes: é o segundo dos inconvenientes de que falei acima. Essa paixão deve ser moderada, porque é a causa de vários vícios peculiares às mulheres, como, entre outros, a obsessão que leva uma mulher a entusiasmar-se hoje por tal ou qual objeto que desprezará amanhã. A inconstância nos gostos é-lhes tão funesta quanto esse entusiasmo e ambos provêm da mesma fonte. Não lhes tireis a alegria, os risos, o ruído, as brincadeiras loucas, mas impedi que se fartem de uns para correr aos outros; não admitais que num só momento da vida elas não conheçam freio. Acostumai-as a se verem interrompidas em seus divertimentos e levadas a outras ocupações sem protestos. Nisto o simples hábito basta também, porque não faz senão secundar a natureza.

Resulta dêsse constrangimento habitual uma docilidade de que as mulheres necessitam durante a vida toda, porque não deixam nunca de se achar submetidas ou a um homem ou ao julgamento dos homens, e que não lhes é permitido colocarem-

-se acima de tais juízos. A primeira e a mais importante qualidade de uma mulher é a doçura: feita para obedecer a um ser tão imperfeito quanto o homem, amiúde cheio de vícios, e sempre cheio de defeitos, ela deve aprender desde cedo a sofrer até injustiças e a suportar os erros do marido sem se queixar; não é por ele, é por ela mesma que deve ser doce. O aze-dume e a obstinação não fazem senão aumentar seus males e os maus procedimentos dos maridos; estes sentem que não é com tais armas que elas devem vencer. O céu não as fez insinuantes e persuasivas para se tornarem rabugentas; não as fez fracas para serem tirânicas; não lhes deu voz tão suave para dizerem injúrias; não fez seus traços tão delicados para que os desfigurassem coléricas. Quando se zangam, elas se esquecem: elas têm muitas vezes razões de queixa, mas erram sempre descompondo. Cada qual deve conservar o tom de seu sexo; um marido delicado demais pode tornar uma mulher impertinente; mas, a menos de ser um monstro, a doçura de uma mulher o convence sempre e dele triunfa cedo ou tarde.

Que as filhas sejam sempre obedientes, mas que as mães não sejam sempre inexoráveis. Para tornar doce uma jovem, cumpre não fazê-la infeliz; para torná-la modesta, cumpre não embrutecê-la; ao contrário, não me desgostaria que a deixassem por vezes usar de alguma habilidade, não para elidir o castigo com sua desobediência, e sim para fazer isentar-se de obedecer. Não se trata de tornar-lhe sua dependência penosa, basta que a sinta. A astúcia é talento natural do sexo; e persuadido de que todas as inclinações naturais são boas e retas em si, sou de opinião que a cultivem como as demais; trata-se apenas de evitar o abuso.

Sobre a verdade desta afirmação apelo para o testemunho de qualquer observador de boa-fé. Não desejo que se examinem as mulheres feitas: nossas incômodas instituições podem forçá-las a aguçar o espírito. Quero que examinem as jovens, as meninas, as mais crianças: comparem-nas com os meninos da mesma idade; se estes não parecerem pesados, avoados, tolos, ao lado delas, estarei incontestavelmente errado. Que me permitam um só exemplo tirado da ingenuidade pueril.

É muito comum proibir as crianças que peçam qualquer coisa à mesa. Pensam sempre que o êxito de sua educação é tanto maior quanto a sobrecarregam de preceitos inúteis, como se um pedaço disso ou daquilo não pudesse ser dado ou recusa-

do⁵, sem fazer uma pobre criança morrer de um desejo aguçado pela esperança. Todo mundo conhece a astúcia de um menino que, tendo sido esquecido à mesa, teve a idéia de pedir sal etc. Não direi que podiam repreendê-lo por ter pedido diretamente sal e indiretamente carne; a omissão era tão cruel que se houvesse infringido abertamente a lei e dito simplesmente que estava com fome, não posso crer que o teriam punido. Mas eis como, em minha presença, uma menina de seis anos resolveu problema bem mais difícil; porque, além de lhe ser rigorosamente proibido pedir qualquer coisa direta ou indiretamente, a desobediência não fora desculpada, uma vez que comera de todos os pratos menos um, que tinham esquecido de dar-lhe e que desejava muito.

Para obter que reparassem o esquecimento sem que a pudessem acusar de desobediência, apontando com o dedo ela passou a revista dos pratos todos, dizendo bem alto, na medida em que os mostrava: *comi isto, comi isto*; mas afetou tão visivelmente passar sem nada dizer pelo prato de que não comera, que alguém, percebendo-o, disse: e isto não comeste? *Ah! não*, retorquiu docemente a pequena gulosa, baixando os olhos. Não acrescentarei nada; comparaí: esta solução é uma astúcia de menina, a outra uma astúcia de menino.

Está certo e nenhuma lei geral é má. Esta habilidade particular dada ao sexo é uma compensação muito justa da força que tem a menos; sem isso a mulher não seria a companheira do homem, seria sua escrava. É em virtude dessa superioridade de talento que ela se mantém igual a ele, e que o governa obedecendo-lhe. A mulher tem tudo contra si, nossos defeitos, sua timidez, sua fraqueza; tem por si unicamente sua arte e sua beleza. Não é justo que cultive uma coisa e outra? Mas a beleza não é geral; perece por mil acidentes, desaparece com os anos; o hábito destrói seu efeito. O espírito somente é o verdadeiro recurso do sexo: não o tolo espírito que tanto apreciam na sociedade e que de nada adianta para tornar a vida feliz, mas o espírito de sua condição, a arte de tirar proveito da nossa e de se prevalecer de nossas próprias vantagens. Não sabem a que ponto essa habilidade das mulheres nos é útil,

(5) Uma criança se torna importuna quando tira vantagem disso; mas não pedirá duas vezes a mesma coisa, se a primeira resposta for irrevogável sempre.

quanto encanto acrescenta às relações dos dois sexos, quanto ajuda na repressão à petulância das crianças, quanto contém os maridos brutais, quanto mantém a felicidade nos lares que a discórdia perturbaria sem ela. Bem sei que as mulheres artificiosas e más abusam dessa habilidade; mas de que não abusa o vício? Não destruamos os instrumentos da felicidade porque os maus deles se valem para prejudicar.

Pode-se brilhar pelo adorno, mas só se agrada pela pessoa. Nossos adornos e roupas não são nós; muitas vezes desfeitas à força de rebuscamento, e amiúde os que mais fazem com que se admire quem os usa são os que menos notamos. A educação das jovens é, neste ponto, inteiramente errada. Prometem-lhes adornos como recompensa e fazem com que apreciem os atavios: *como está linda!* dizem-lhes quando se apresentam muito enfeitadas. Ao contrário, deveriam dizer-lhes que tanto aparato é destinado a esconder defeitos e que o verdadeiro triunfo da beleza está em brilhar por si mesma. O amor às modas é de mau gosto, porque os rostos não mudam com elas e que, permanecendo o mesmo, o que lhes vai bem uma vez lhes vai bem sempre.

Quando eu visse a jovem se pavonear nos seus adornos, pareceria inquieto com sua pessoa assim fantasiada e do que dela pudessem pensar, e diria: todos esses atavios a enfeitam demais, é pena: não acreditaís que ela possa suportar outros mais simples? Não é ela bastante bela para dispensar isto ou aquilo? Talvez seja ela então a primeira a pedir que lhe tirem os adornos e que a julguem. É o caso de aplaudi-la, em ocorrendo. Eu nunca a elogiaria tanto como quando se apresentasse mais simplesmente. Quando ela encarar seus adereços apenas como um suplemento às graças da pessoa e como uma confissão tácita de que precisa de auxílio para agradar, não se mostrará orgulhosa, será humilde; e se, mais enfeitada que de costume, ouvir dizer: *como é bela!* há de corar de despeito.

De resto, há rostos que precisam de adornos, mas não há nenhum que exija ricos atavios. [Jóias e adereços ruinosos são a vaidade da posição social, estão ligados unicamente ao preconceito. O verdadeiro coquetismo é às vezes rebuscado, mas não é nunca faustoso; e Juno se vestia mais soberbamente que Vênus. *Não a podendo fazer bela, tu a fizeste rica*, dizia Apeles a um mau pintor que pintava Helena coberta de adornos. Observei também que os mais pomposos adereços anunciavam o

mais das vezes mulheres feias; não pode haver vaidade mais infeliz. Dai a uma jovem com gosto, e que despreze a moda, fitas, tecidos finos, musselinas e flôres; sem diamantes, sem enfeites pretensiosos, sem rendas ⁶, ela vai se arranjar de maneira com vezes mais encantadora do que com os brilhantes atavios da Duchapt.

Como o que vai bem vai sempre bem, e que é preciso estar sempre o mais bem possível, as mulheres que sabem arranjar-se escolhem o que lhes vai bem e ficam nisso; não mudando todos os dias, preocupam-se menos do que as que não sabem que escolher. O verdadeiro cuidado de se apresentar bem exige pouco toucador. As jovens têm raramente vestidos aparatosos; o trabalho, as lições, enchem o seu dia; entretanto, em geral elas se vestem, à exceção do *rouge*, tão cuidadosamente quanto as senhoras e amiúde com mais gosto. O abuso do toucador provém mais do tédio que da vaidade. Uma mulher que passa seis horas no toucador não ignora que não sai mais bem arranjada do que se tivesse ficado meia hora; mas é tempo ganho contra a tremenda duração do tempo e mais vale divertir-se consigo mesma do que se aborrecer com tudo. Sem o toucador que fariam da vida de meio-dia a nove horas? Reunindo mulheres ao redor de si a mulher diverte-se com as impacientar e já é alguma coisa; evita ficar a sós com um marido que só vê nessa hora, é muito mais; e depois chegam as vendedoras, os antiquários, os peralvilhos, os atores, os versos, as canções, os panfletos: sem as horas de toucador nunca reuniria tão bem tudo isso. O único proveito real que se prende à coisa é o pretexto de se exhibir um pouco mais do que quando vestida; mas o proveito não é assim tão grande como se pode pensar, e as mulheres arrebicadas não ganham tanto como dizem. Dai sem escrúpulo uma educação de mulher às mulheres, fazei com que gostem das tarefas de seu sexo, que sejam modestas, que saibam cuidar de seu lar, ocupar-se com sua casa; o rebuscamento cairá por si mesmo e elas estarão vestidas com mais bom gosto.

A primeira coisa que observam as jovens ao crescerem é que todos os atavios estranhos a elas não lhes bastam, em não

(6) As mulheres que têm a pele bastante branca para dispensar as rendas, provocariam muito despeito nas outras em não usando. São quase sempre as pessoas feias que inventam as modas a que as demais têm a tolice de se submeter.

Canto e dança Para jovens mulheres

tendo elas próprias com que agradar. A beleza nunca pode ser dada a si mesma, e não é tão cedo que se alcança a condição de adquirir o coquetismo; mas é possível já então procurar ter gestos agradáveis, uma dicção sedutora, uma atitude, andar com leveza, com graça, aprimorar em tudo suas vantagens. A voz se firma, adquire um timbre; os braços desenvolvem-se, o andar faz-se seguro, a jovem percebe que, como quer que esteja vestida, há uma arte de provocar o olhar. A partir de então não se trata mais unicamente de agulha e habilidades; novos talentos se apresentam e já revelam sua utilidade.

Sei que os educadores severos querem que não se ensine canto às jovens, nem dança, nem nenhuma das artes agradáveis. Acho divertido; a quem querem então que ensine isso? Aos rapazes? A quem, homens ou mulheres, cabem de preferência tais talentos? A ninguém, responderão; as canções profanas são crimes; a dança é uma invenção do demônio, uma jovem não deve ter outro divertimento senão o trabalho e a oração. Estranhos divertimentos para uma menina de dez anos! Eu tenho muito receio de que todas essas pequenas santas que obrigam a passar a infância rezando passem a mocidade fazendo outra coisa e, quando casadas, compensem da melhor maneira possível o tempo que pensam ter perdido quando jovens. Estimam que cumpre atentar para o que convém à idade tanto quanto ao sexo; que uma jovem não deve viver como sua avó; que deve ser viva, jovial, alegre, deve cantar, dançar quanto lhe agrade, e gozar de todos os prazeres inocentes de sua idade; virá demasiado cedo o tempo de se mostrar circumspecta e séria.

Mas a necessidade de tal mudança é mesmo real? Não será ela talvez fruto de nossos preconceitos? Escravizando as mulheres honestas unicamente a deveres, tira-se do casamento tudo o que poderia torná-lo agradável aos homens. Será de se espantar se a taciturnidade que vêm reinar em casa os expulse de casa, ou se sentem pouco tentados a abraçar estado tão desagradável? À força de exagerar todos os deveres, o cristianismo os torna impraticável e vãos; à força de proibir às mulheres o canto, a dança, e todos os prazeres da sociedade, ele as torna insossas, rabugentas, insuportáveis em seu lar. Não há religião em que o casamento esteja sujeito a deveres tão severos, e nenhuma em que tão santo compromisso seja tão desprezado. Tanto fizeram para impedir as mulheres

de serem amáveis, que tornaram os maridos indiferentes. Assim não deveria ser, compreendo, mas eu digo que assim devia ser, porque, afinal, os cristãos são homens. Quanto a mim, gostaria que uma jovem inglesa cultivasse com tanto cuidado seus talentos agradáveis, a fim de ser aprazível ao futuro marido, quanto uma jovem albanesa os cultiva para o harém de Ispaã. Os maridos, dirão, não se preocupam demasiado com tais talentos. Sim, acredito, quando esses talentos não são empregados para agradar-lhes, e servem de isca para atrair em suas casas jovens impudentes que os desonram. Mas não acreditaís que uma mulher amável e séria, senhora de tais talentos e que os consagrasse ao divertimento de seu marido, não aumentasse a felicidade da vida dele, e não o impedisse, de, ao sair esgotado do escritório, ir procurar distrações fora de casa? Ninguém viu famílias felizes assim reunidas, em que cada qual contribui para os divertimentos comuns? Que diga se a confiança e a familiaridade que a ela se junta, se a inocência e a doçura dos prazeres, não compensam muito bem o que os prazeres públicos têm de mais ruidoso.

Transformaram demasiado em artes os talentos agradáveis; generalizaram-nos demais. Com tudo fizeram máxima, preceito, e tornaram muito aborrecido às jovens o que só deve ser para elas divertimento, jogos alegres. Não imagino nada mais ridículo do que ver um velho professor de dança ou de canto chegar carrancudo a uma jovem que não deseja senão rir, e assumir, para ensinar sua frívola ciência, um tom pedante e mais magistral que se se tratasse do catecismo. Será, por exemplo, que a arte de cantar está presa à música escrita? Não se poderia tornar a voz flexível e justa, aprender a cantar com gosto e até a se acompanhar, sem conhecer uma só nota? O mesmo gênero de canto convém a qualquer voz? O mesmo método a qualquer temperamento? Nunca me farão crer que as mesmas atitudes, os mesmos passos, os mesmos movimentos, os mesmos gestos, as mesmas danças convenham a uma jovem morena, viva e apimentada, e a uma grande loira de olhos lânguidos. Quando portanto eu vejo um professor de dança dar a ambas as mesmas lições, digo: este homem segue sua rotina, mas nada entende de sua arte.

Perguntam se as jovens devem ter professores ou professoras. Não sei: gostaria que não precisassem nem de uns nem de outras, que aprendessem livremente aquilo por que têm tão grande inclinação em querer aprender e que não víssemos sem

cessar deambularem pelas nossas cidades tantos bailarinos enfeitados. Custa às vezes a acreditar que a companhia dessa gente não seja mais nociva a moças do que suas lições, e que seu jargão, seu tom, seus ares não dêem às alunas o gosto inicial pelas frivolidades, para eles tão importantes, e de que elas não demorarão, seguindo o exemplo, em fazer sua única ocupação.

Nas artes que têm como objetivo tão somente agradar, tudo pode servir de mestre às jovens: o pai, a mãe, o irmão, a irmã, as amigas, as governantes, o espelho, e principalmente seu próprio gosto. Não devemos oferecer-lhes lições, elas é que precisam pedi-las; não se deve fazer de uma recompensa uma tarefa; e é principalmente nessa espécie de estudos que o sucesso é ter êxito. De resto, em sendo necessárias lições em regra, não determinarei o sexo dos que as devem dar. Não sei se é preciso que um professor de dança pegue uma jovem pela mão delicada e branca, que lhe faça encurtar a saia, erguer os olhos, abrir os braços, oferecer um seio palpitante; mas sei muito bem que por nada no mundo eu gostaria de ser êsse professor.

Pela habilidade e os talentos o gosto se forma; pelo gosto o espírito se abre insensivelmente às idéias do belo em todos os gêneros e, finalmente, às noções morais com que se relacionam. É talvez uma das razões pelas quais o sentimento da decência e da honestidade se insinua mais cedo nas jovens do que nos rapazes; pois, para acreditar que êsse sentimento precoce seja obra das governantes, fora preciso estar muito mal instruído acerca de suas lições e da marcha do espírito humano. O talento de falar ocupa o primeiro lugar na arte de agradar; só por ele podemos acrescentar novos encantos aos que o hábito acostuma os sentidos. O espírito não somente vivifica o corpo, como também o renova de certo modo e é pela sucessão dos sentimentos e das idéias que ele anima e varia a fisionomia; e é pelos discursos que inspira que a atenção sustenta durante muito tempo o mesmo interesse pelo mesmo objeto. É, creio, por essas razões que as jovens adquirem tão depressa um falar agradável, que põem um quê em seus propósitos antes mesmo de os sentir, e que os homens se divertem tão cedo com escutá-las antes que elas possam entendê-los; eles espiam o primeiro momento dessa inteligência para penetrar assim o do sentimento.

As mulheres têm a língua fácil, falam mais cedo, mais desembaraçadamente e mais agradavelmente do que os homens.

Acusam-nas assim de falarem demais: isso deve ser, e eu transformaria de bom grado essa censura em elogio; a boca e os olhos têm nelas a mesma atividade, e pela mesma razão. O homem diz o que sabe, a mulher o que agrada; ele, para falar, tem necessidade de conhecimento, ela de gosto; um deve ter por principal objeto as coisas úteis, outra as agradáveis. Seus discursos não devem ter formas comuns senão as da verdade.

Não cabe portanto refrear a parolagem das jovens como a dos rapazes com esta interrogação dura: *para que serve isto?* e sim com esta outra: *que efeito terá isto?* Nessa primeira idade em que, não podendo discernir ainda o bem e o mal, não são juizes de ninguém, elas devem impor-se como lei nada dizer nunca, senão de agradável a quem falam; e o que torna a prática dessa regra mais difícil é que ela permanece sempre subordinada à primeira, que é de nunca mentir.

Vejo nisso outras dificuldades ainda, mas são de uma idade mais avançada. Quanto ao presente só pode ser difícil às jovens serem verdadeiras sem grosseria. E como naturalmente essa grosseria lhes repugna, a educação lhes ensina facilmente a evitá-la. Observo em geral no comércio da sociedade que a cortesia dos homens é mais de encomenda e a das mulheres mais carinhosa. Tal diferença não é convencional, é natural. O homem parece procurar mais servir e a mulher agradar. Segue-se daí que, haja o que houver com o caráter das mulheres, sua cortesia é menos falsa do que a nossa; ela não faz senão continuar seu primeiro instinto; mas quando um homem finge preferir meu interesse ao dele, como quer que colore a mentira, eu tenho certeza de que mente. Nada custa às mulheres serem polidas, nem por conseguinte às jovens assim se tornarem. A primeira lição vem da natureza, a arte não faz senão segui-la e determinar, segundo nossos usos, de que forma deve mostrar-se. Em relação à cortesia entre elas, é outra coisa; põem nisso uma atitude tão constrangida e tão frias atenções, que, em se incomodando mutuamente, não se preocupam muito com esconder seu embaraço e parecem sinceras em sua mentira ou não procuram muito disfarçá-la. Entretanto, as jovens contraem às vezes amizades de verdade e francas. Na sua idade a alegria substitui a naturalidade; e contentes consigo mesmas o estão com todo mundo. É comum também que se beijem carinhosamente e se acariciem com mais graça diante dos homens, orgulhosas por aguçarem impunemente o desejo

deles pela imagem dos favores que sabem fazer com que os desejem.

Se não devemos permitir aos jovens perguntas indiscretas, com mais razão ainda devemos proibi-las às jovens cuja curiosidade satisfeita ou elidida é de maior consequência, dada sua capacidade de pressentir os mistérios que lhes escondem, e sua habilidade em os descobrir. Porém, sem admitir suas interrogações, gostaria que as interrogassem muito, que cuidassem de fazê-las conversar, que as aticassem a ponto de incitá-las a falar, para torná-las vivas nas respostas, para desatar-lhes a língua e libertar-lhes o espírito, enquanto isso é possível sem perigo. Tais conversações sempre alegremente e bem dirigidas, constituiriam um divertimento delicioso para essa idade e poderiam levar aos corações inocentes dessas jovens as primeiras e talvez as mais úteis lições de moral que tomariam em sua vida, ensinando-lhes, com a isca do prazer e da vaidade, a que qualidades os homens dão verdadeiramente sua estima e em que consiste a glória e a felicidade de uma mulher honesta.

Compreende-se que se os meninos não estão em condições de ter nenhuma idéia verdadeira de religião, com muito mais razão a mesma idéia se acha acima da concepção das meninas; por isso mesmo é que eu desejaria falar-lhes disso mais cedo; pois se fosse preciso esperar que estivessem em condições de discutir metodicamente esses problemas profundos, correr-se-ia o risco de nunca falar-lhes deles. A razão das mulheres é uma razão prática que faz com que encontrem habilmente os meios de chegarem a um fim conhecido, mas que não faz com que encontrem esse fim. A relação social dos sexos é admirável. Dessa sociedade resulta uma pessoa moral de que a mulher é o olho e o homem o braço, mas com tal dependência um do outro, que é com o homem que a mulher aprende o que é preciso ver, e com a mulher que o homem aprende o que é preciso fazer. Se a mulher pudesse remontar tanto quanto o homem aos princípios, e se o homem tivesse tanto quanto ela o espírito dos pormenores, sempre independentes um do outro, viveriam numa eterna discórdia e sua associação não poderia subsistir. Mas na harmonia que reina entre ambos tudo tende a um fim comum; não se sabe quem mais se dedica; cada qual segue o impulso do outro; cada qual obedece e ambos são senhores.

Pelo próprio fato de se achar a conduta da mulher submetida à opinião pública, sua crença submete-se à autoridade.

Toda jovem deve ter a religião de sua mãe, e toda mulher a de seu marido. Ainda que essa religião seja falsa, a docilidade que prende a mãe e a família à ordem da natureza elimina, junto a Deus, o pecado do erro. Incapacitadas de serem juizes elas próprias, devem receber a decisão dos pais e dos maridos como sendo a da Igreja.

Não podendo tirar somente de si mesmas a regra de sua fé, as mulheres não podem dar-lhe por marcos os da evidência e da razão; mas, deixando-se arrastar por mil impulsos estranhos, acham-se sempre aquém ou além da verdade. Sempre extremadas, são todas libertinas ou beatas; não se vêem que saibam unir a sabedoria à devoção. A fonte do mal não está somente no caráter arrebatado de seu sexo, como também na autoridade mal regrada do nosso: a libertinagem dos costumes leva a desprezá-la, o medo do arrependimento torna-a tirânica, e eis como nunca se verifica um equilíbrio.

Desde que a autoridade deve regular a religião das mulheres, trata-se menos de explicar-lhes as razões de crer que de lhes expor claramente o que se crê: pois a fé em idéias obscuras é a fonte primeira do fanatismo, e a que se exige para coisas absurdas leva à loucura ou à incredulidade. Não sei se nossos catecismos conduzem mais à impiedade do que ao fanatismo, mas sei que provocam necessariamente uma coisa ou outra.

Antes de tudo, para ensinar a religião a jovens, não façais dela nunca um objeto de tristeza e de tormento, nunca uma tarefa nem um dever; consequentemente não as obrigueis a aprender de cor o que com ela se relaciona, nem mesmo orações. Contentai-vos com fazer as vossas na frente delas, sem forçá-las entretanto a assistirem. Fazei-as curtas, segundo as instruções de Cristo. Fazei-as sempre com o recolhimento e o respeito convenientes; pensai em que pedindo ao Ser supremo atenção para nos ouvir, cumpre que a ponhamos no que lhe dizemos.

Importa pouco que as jovens saibam logo sua religião, importa mais que a saibam bem, e sobretudo que a amem. Quando lhes mostrais uma religião onerosa, quando lhes pintais sempre Deus irado contra elas, quando em nome de Deus lhes prescreveis mil deveres penosos que elas não vos vêem cumprir nunca, que podem pensar senão que o catecismo e a oração são deveres para as meninas, senão desejar ser grandes para se

isentarem como vós da servidão? O exemplo! O exemplo! Sem o que nada se consegue com as crianças.

Para explicar-lhes artigos de fé, fazei-o em forma de instrução direta e não por perguntas e respostas. Elas não devem nunca responder senão o que pensam, nunca o que lhes foi ditado. Todas as respostas do catecismo são absurdas, o aluno é que instrui o mestre; são até mentiras na boca das crianças, pois explicam o que elas não entendem e afirmam o que elas não estão em condições de acreditar. Mostrai-me entre os homens mais inteligentes os que não mentem dizendo seu catecismo.

A primeira pergunta que vejo no nosso é esta: *Quem vos criou e pôs no mundo?* Ao que a menina, acreditando que foi sua mãe, responde entretanto sem hesitar: Deus. A única coisa que vê nisso é que, a uma pergunta que não compreende muito bem, dá uma resposta que não compreende absolutamente.

Gostaria que um homem que conhecesse bem a maneira de raciocinar das crianças quisesse fazer para elas um catecismo. Seria talvez o livro mais útil jamais escrito e não seria, a meu ver, o que menos honraria seu autor. O que é certo é que, se o livro fôsse bom, em nada se assemelharia aos nossos.

Um tal catecismo só será bom quando, segundo as perguntas, a criança der suas respostas próprias, sem as ter aprendido; naturalmente lhe ocorreria interrogar por sua vez. Para mostrar o que quero dizer fôra preciso uma espécie de modelo e bem sei do que careço para traçá-lo. Tentarei contudo dar uma ligeira idéia.

Imagino pois que para chegar à primeira pergunta de nosso catecismo, fôra preciso que este começasse mais ou menos assim:

A PAJEM

Lembra-se do tempo em que sua mãe era menina?

A MENINA

Não me lembro.

A PAJEM

Por que não, você que tem tão boa memória?

A MENINA

É que eu não estava no mundo.

A PAJEM

Então você não viveu sempre?

A MENINA

Não.

A PAJEM

E você viverá sempre?

A MENINA

Sim.

A PAJEM

Você é moça ou velha?

A MENINA

Eu sou möça.

A PAJEM

E sua avó é moça ou velha?

A MENINA

É velha.

A PAJEM

E ela foi möça?

A MENINA

Foi.

A PAJEM

E por que não é mais moça?

A MENINA

Porque envelheceu.

A PAJEM

Você envelhecerá como ela?

A MENINA

Não sei ⁷.

A PAJEM

Onde estão seus vestidos do ano passado?

(7) Se onde pus *não sei*, a menina responder de outro modo, cumprirá desconfiar da resposta e obrigá-la a explicar-se melhor.

A MENINA

Desmancharam.

A PAJEM

E por que desmancharam?

A MENINA

Porque eram pequenos demais para mim.

A PAJEM

E por que eram pequenos demais?

A MENINA

Porque eu cresci.

A PAJEM

Vai crescer ainda?

A MENINA

Oh! sim.

A PAJEM

E que acontece às meninas grandes?

A MENINA

Ficam mulheres.

A PAJEM

E que acontece às mulheres?

A MENINA

Ficam mães.

A PAJEM

E que acontece às mães?

A MENINA

Ficam velhas.

A PAJEM

Você ficará velha?

A MENINA

Quando eu for mãe.

A PAJEM

E que acontece com as pessoas velhas?

A MENINA

Não sei.

A PAJEM

Que aconteceu com seu avô?

A MENINA

Morreu ⁸.

A PAJEM

E por que morreu?

A MENINA

Porque era velho.

A PAJEM

Que acontece às pessoas velhas?

A MENINA

Morrem.

A PAJEM

E você quando for velha, que...

A MENINA, interrompendo

Ah! eu não quero morrer.

A PAJEM

Minha filha, ninguém quer morrer e todo mundo morre.

A MENINA

Como! Então mamãe vai morrer também?

A PAJEM

Como todo mundo. As mulheres envelhecem como os homens, e a velhice leva à morte.

A MENINA

Que se deve fazer para envelhecer bem tarde?

(8) A menina dirá isso porque o terá ouvido dizer; mas é preciso verificar se ela tem alguma idéia justa da morte, pois essa idéia não é tão simples, nem tão ao alcance das crianças como pensam. Pode-se ter no pequeno poema *Abel* um exemplo da maneira pela qual se deve dar-lha. Essa obra encantadora comporta uma simplicidade deliciosa que nunca é demais para conversar com as crianças.

A PAJEM

Viver bem direitinho quando jovem.

A MENINA

Eu vou ser bem boazinha.

A PAJEM

Tanto melhor para você. Mas afinal você imagina viver sempre?

A MENINA

Quando eu for muito velha, muito velha...

A PAJEM

Então?

A MENINA

É que quando a gente fica tão velha assim a senhora diz que é preciso morrer.

A PAJEM

Então você vai morrer um dia?

A MENINA

Infelizmente.

A PAJEM

Quem vivia antes de você?

A MENINA

Meu pai e minha mãe.

A PAJEM

E quem vivia antes deles?

A MENINA

O pai e a mãe deles.

A PAJEM

Quem vai viver depois de você?

A MENINA

Meus filhos.

A PAJEM

E depois deles?

A MENINA

Os filhos deles etc.

Seguindo este caminho, encontra-se para a raça humana, mediante induções sensíveis, um começo e um fim, como para todas as coisas, isto é, um pai e uma mãe que não tiveram nem pai nem mãe e filhos sem filhos⁹.

É somente depois de uma longa série de perguntas semelhantes que a primeira questão do catecismo se acha suficientemente preparada. Mas daí para a segunda resposta, que é por assim dizer a definição da essência divina, que imenso pulo! Quando esse intervalo será preenchido? Deus é um espírito! Que é um espírito? Irei embarcar o de uma criança nessa obscura metafísica de que os homens costumam tanto a sair? Não cabe a uma menina resolver tais questões, pode quando muito pô-las. Então eu responderia simplesmente: Você me pergunta que é Deus; não é fácil dizê-lo: não se pode ouvir, nem ver, nem tocar Deus; só por suas obras se conhece. Para julgar o que ele é espere saber o que ele faz.

Se nossos dogmas são da mesma verdade, nem por isso todos são da mesma importância. É indiferente à glória de Deus que ela nos seja conhecida em todas as coisas; mas importa à sociedade humana e a cada um de seus membros que todo homem conheça e cumpra os deveres que lhe impõe a lei de Deus para com o próximo e para consigo mesmo. Eis o que devemos incessantemente ensinar uns aos outros, eis principalmente o que os pais e as mães são obrigados a ensinar a seus filhos. Que uma virgem seja a mãe de seu criador, que tenha engendrado Deus, ou apenas um homem a quem Deus se juntou; que a substância do pai e do filho seja a mesma, ou só seja semelhante; que o espírito proceda de um dos dois que são o mesmo, ou dos dois conjuntamente, não vejo porque a resposta a tais questões, na aparência essenciais, importe mais à espécie humana que saber que dia da lua se deve celebrar a páscoa, se é preciso desfiar o rosário, jejuar, falar latim ou francês na igreja, decorar os muros com imagens, dizer ou ouvir a missa, ou não ter esposa. Pense quem quiser a respeito como

(9) A idéia de eternidade não pode aplicar-se às gerações humanas com o consentimento do espírito. Toda sucessão numérica reduzida a ato é incompatível com essa idéia.

quiser: ignoro no que isto pode interessar os demais; quanto a mim, não me interessa absolutamente. Mas o que interessa a mim, e a todos os meus semelhantes, é que todos saibam que existe um árbitro da sorte dos humanos, de quem somos todos filhos, que nos prescreve sermos justos e amarmos uns aos outros, sermos generosos e misericordiosos, cumprirmos nossas promessas, mesmo em relação aos inimigos; que a aparente felicidade desta vida não é nada; que outra há depois dela, na qual esse Ser supremo será o recompensador dos bons e o juiz dos maus. Tais dogmas e dogmas semelhantes são os que importa ensinar à mocidade e a todos os cidadãos. Quem quer que os combata merece sem dúvida castigo; é o perturbador da ordem e o inimigo da sociedade. Quem quer que os despreze chega ao mesmo ponto por caminho oposto; para estabelecer a ordem à sua maneira, perturba a paz; em seu temerário orgulho, faz-se intérprete da Divindade, exige em nome dela as homenagens e os respeitos dos homens, faz-se Deus na medida do possível: deveriam puni-lo como sacrílego, em não o punindo como intolerante.

Negligenciai portanto todos esses dogmas misteriosos que não são para nós senão palavras sem idéias, todas essas doutrinas estranhas cujo vão estudo serve de virtude aos que a ele se entregam, e mais a enlouquecê-los do que a torná-los bons. Conservai sempre vossos filhos dentro do círculo estreito dos dogmas que se relacionam com a moral. Persuadi-os de que nada é útil saber senão o que nos ensina a bem fazer. Não façais de vossas filhas teólogas e argumentadoras; não lhes ensineis as coisas do céu senão no que são úteis à sabedoria humana; acostumai-as a se sentirem sob o olhar de Deus, a tê-lo como testemunha de suas ações, de seus pensamentos, de sua virtude, de seus prazeres, a fazerem o bem sem ostentação, porque ele o ama; a sofrerem sem murmúrio, porque ele as recompensará; a serem enfim todos os dias da vida, o que bem gostarão de ter sido no dia em que comparecerem diante dele. Eis a verdadeira religião, eis a única que não é suscetível nem de abuso, nem de impiedade, nem de fanatismo. Que preguem quanto quiserem outras mais sublimes, eu não reconheço outra.

Demais, é bom observar que até a idade em que a razão se ilumina, e o sentimento nascente faz a consciência falar, o que é bem ou mal para as pessoas jovens é aquilo que os que as cercam decidem que o seja. O que lhes recomendam é bem,

o que lhes proíbem é mal; não devem saber mais: por onde vemos de que importância é, mais para elas do que para os rapazes, a escolha das pessoas que devem aproximar-se delas e sobre elas ter alguma autoridade. Finalmente, vem o momento em que começam a julgar as coisas por si mesmas e então é chegada a hora de mudar o plano de sua educação.

Disse talvez demais até aqui. A que reduziremos as mulheres se não lhes damos por leis senão os preconceitos públicos? Não abaixemos a tal ponto o sexo que nos governa, e que nos honra quando não o aviltamos. Existe para toda a espécie humana uma regra anterior à opinião. É à inflexível direção dessa regra que devem ater-se todas as outras. Ela julga o próprio preconceito, e é somente na medida em que a estima dos homens se acorda a ela, que essa estima deve ter autoridade sobre nós.

Essa regra é o sentimento interior. Não repetirei o que a respeito foi dito antes; basta-me observar que se essas duas regras não concorrerem para a educação das mulheres, esta será sempre defeituosa. O sentimento sem a opinião não lhes dará essa delicadeza de alma que adorna os bons costumes com a honra da sociedade; e a opinião sem o sentimento não fará senão mulheres falsas e desonestas que põem a aparência no lugar da virtude.

Importa-lhes pois cultivar uma faculdade que sirva de árbitro entre os dois guias, que não deixe a consciência perder-se e que corrija os erros do preconceito. Essa faculdade é a razão. Mas com esta palavra quantas questões se põem! As mulheres são capazes de um raciocínio sólido? É importante que o cultivem? Será isto útil às funções que lhes são impostas? É ela compatível com a simplicidade que lhes convém?

As diversas maneiras de encarar e resolver tais questões fazem que, caindo nos excessos contrários, uns restrinjam a mulher a costurar e fiar no seu lar com suas criadas, e fazem dela assim a primeira serva do senhor, e outros, não contentes com assegurar seus direitos, fazem ainda com que elas usurpem os nossos. Pois deixá-la acima de nós nas qualidades próprias de seu sexo, e torná-la nossa igual no resto, será outra coisa senão transferir para a mulher a primazia que a natureza deu ao marido?

A razão que leva o homem ao conhecimento de seus deveres não é muito complexa; a razão que leva a mulher ao co-

nhecimento dos dela é mais simples ainda. A obediência e a fidelidade que deve a seu marido, a ternura e os cuidados que deve a seus filhos, são conseqüências tão naturais e tão sensíveis de sua condição que ela não pode, sem má fé, recusar seu consentimento ao sentimento interior que a guia, nem desconhecer o dever na inclinação que não se acha ainda alterada.

Não censuraria indistintamente o fato de se restringir uma mulher às tarefas de seu sexo, de deixá-la numa profunda ignorância acérca do resto; mas fora preciso para isso costumes públicos muito simples, muito sadios ou uma maneira de viver muito recatada. Nas grandes cidades e entre homens corrompidos, essa mulher seria facilmente seduzível; amiúde a virtude estaria tão somente dependente das oportunidades. Neste século filósofo ela deve ter uma virtude comprovada; é preciso que saiba de antemão o que lhe podem dizer e o que deve pensar.

Demais, sujeita ao julgamento dos homens, ela deve merecer a estima deles; deve sobretudo alcançar a de seu espôso; não deve apenas fazê-lo amar sua pessoa como também fazer com que aprove sua conduta; ela deve justificar perante o público a escolha que ele fez e tornar o marido honrado com a honra outorgada à mulher. Ora, como o fará se ignora nossas instituições, se nada sabe de nossos usos, das exigências da sociedade, se não conhece nem a fonte dos julgamentos humanos nem as paixões que os determinam? Daí depender ela ao mesmo tempo de sua própria consciência e das opiniões dos outros e por isso ser preciso que aprenda a comparar as duas regras, a conciliá-las e não preferir a primeira senão quando se encontram em oposição. Ela torna-se o juiz de seus juizes, ela decide quando deve submeter-se a eles e quando deve recusá-los. Antes de rejeitar ou admitir os preconceitos deles, ela os pesa; ela aprende a remontar às causas, a preveni-los e torná-los favoráveis; ela cuida de nunca provocar a censura quando seu dever lhe permite evitá-la. Nada disso se pode fazer sem cultivar o espírito e a razão.

Volto sempre ao princípio e ele me fornece a solução de todas as minhas dificuldades. Estudo o que é, busco a causa, e encontro enfim o que é bem. Entro em casas amigas em que as honras do lar são feitas pelo marido e pela mulher conjuntamente. Ambos tiveram a mesma educação, ambos são igualmente corteses, ambos igualmente providos de gosto e de

espírito, ambos animados pelo mesmo desejo de bem receber seus convidados e de deixá-los todos contentes. O marido não omite nenhum pormenor para estar atento a tudo: vai, vem, esforça-se de mil maneiras. A mulher mantém-se em seu lugar; uma pequena roda reúne-se ao redor dela e parece esconder-lhe o resto da sociedade; entretanto, nada se passa nesta sem que ela o perceba, não sai ninguém com quem não tenha falado; nada omitiu do que podia interessar todo mundo; nada disse a cada um que não lhe fosse agradável; e sem perturbar a ordem, não esqueceu o mais humilde, como não esqueceu o mais importante. Os convivas são servidos; põem-se à mesa; o homem conhecedor das pessoas que se dão bem as colocará de acôrdo com a conveniência; a mulher, sem nada saber, não se enganará contudo; já terá lido nos olhos, nas atitudes, todas as conveniências e todos se encontrarão colocados como o desejam. Não digo que no serviço ninguém é esquecido. O dono da casa pode não ter esquecido ninguém mas a mulher vai mais longe, ela adivinha o que olham com prazer e o oferece; falando com seu vizinho, ela está atenta à cabeceira da mesa; ela discerne quem não come porque não tem fome e quem não ousa servir-se ou pedir porque é desajeitado ou tímido. Cada qual, ao levantar-se da mesa, acredita que ela só pensou nele; ninguém pensa que ela tenha tido tempo de comer um pouco sequer, mas na verdade ela comeu mais do que ninguém.

Quando todo mundo parte, falam do que se passou. O homem conta o que lhe disseram, o que disseram e fizeram aquêles com quem conversou. Se não é sempre nisso que a mulher é mais exata, em compensação ela viu o que se disse baixinho no outro lado da mesa; sabe o que fulano pensou, a que se referia tal ou qual reflexão, tal ou qual gesto; mal houve algum movimento expressivo para o qual ela não tenha uma interpretação quase sempre conforme à verdade.

A mesma maneira de ser que faz a mulher da sociedade comportar-se na arte de dona de casa, faz brilhar uma coquete na arte de divertir vários pretendentes. As artimanhas do coquetismo exigem um discernimento ainda mais fino, pois conquanto uma mulher bem educada seja amável com todo mundo já faz muito; mas a coquete depressa perderia seu domínio com uma uniformidade inábil; em querendo seduzir todos os seus amantes desagradaria a todos. Na sociedade, o tratamento que se dá a todos os homens não deixa de agradar a cada

um em particular; bem tratado, ninguém olha muito de perto as preferências; mas no amor um favor não exclusivo é uma injúria. Um homem sensível preferiria ser o único maltratado a ser acarinhado com os demais e o pior que lhe pode acontecer é não ser distinguido. É preciso portanto que uma mulher que deseja conservar vários amantes persuada cada um deles de que é o preferido, sob as vistas dos outros que persuade da mesma maneira.

Quereis ver um personagem sobre brasas, colocai um homem entre duas mulheres com as quais tenha ligações secretas, depois observai a triste figura que fará. Colocai em caso idêntico uma mulher entre dois homens, e que por certo não será menos comum: ficareis maravilhado com a habilidade com que ela enganará ambos, e fará cada um deles rir do outro. Ora, se essa mulher lhes testemunhasse a mesma confiança e mostrasse a mesma intimidade com ambos, como poderiam enganar-se um só instante? Tratando-os igualmente não mostraria que têm os mesmos direitos? Mas ela se conduz de maneira muito mais hábil. Longe de tratá-los da mesma forma, ela finge estabelecer uma desigualdade entre eles; age tão bem que aquêle com quem se mostra mais gentil pensa que é por ternura, o que ela maltrata imagina que é por despeito. Assim, contente com sua parte, cada qual a vê sempre ocupar-se dele, quando na realidade ela não se ocupa senão consigo mesma.

No desejo geral de agradar, o coquetismo sugere meios semelhantes: os caprichos não fariam senão irritar se não fossem sábiamente dosados; e é distribuindo-os com arte que ela os transforma nas mais fortes cadeias de seus escravos.

*Usa ogn'arte la donna, onde sia colte
Nella sua rete alcun novello amante;
Nè con tutti, nè sempre un stesso volto
Serba, ma cangia a tempo atto e sembiante.*

De onde vem essá arte, se não das observações finas e contínuas que lhe fazem ver a cada instante o que se passa no coração dos homens e que a predispõem a dar a cada movimento secreto que percebe a força necessária para detê-lo ou acelerá-lo? Ora, aprende-se essa arte? Não; ela nasce; as mulheres a têm todas e nunca os homens a tiveram no mesmo grau. É um dos caracteres distintivos de seu sexo. A presen-

ça de espírito, a penetração, as observações sutis são a ciência das mulheres; a habilidade em utilizá-las é seu talento.

Eis o que é, e vimos porque isso deve ser. As mulheres são falsas, dizem-nos. Elas se tornam falsas. O dom que lhes é peculiar é a habilidade, não a falsidade: nas verdadeiras inclinações de seu sexo, mesmo mentindo, elas não são falsas. Por que consultais sua boca, quando não é sua boca que deve falar? Consultai seus olhos, sua tez, sua respiração, seu ar tímido, sua mole resistência: eis a linguagem que a natureza lhes dá para vos responderem. A boca diz sempre não, e o deve dizer; mas o acento que põe nisso nem sempre é o mesmo, e esse acento não sabe mentir. Não tem a mulher as mesmas necessidades que o homem, sem ter o mesmo direito de manifestá-las? Sua sorte seria demasiado cruel se, mesmo nos desejos legítimos, ela não tivesse uma linguagem equivalente à que não ousa usar. Deve seu pudor torná-la infeliz? Não precisa de uma arte de comunicar suas inclinações sem as descobrir? Que habilidade não precisa ter para fazer com que lhe roubem o que anseia por conceder! Quanto não lhe importa tocar o coração do homem, sem parecer pensar nele! Que delicioso discurso a maçã de Galatéia e sua fuga desajeitada! Que deverá acrescentar? Irá dizer ao pastor que a segue entre as árvores que foge com a intenção de atraí-lo? Mentiria por assim dizer; pois, então, não o atrairia mais. Quanto mais reservada, mais a mulher tem que ter arte, mesmo com o marido. Sim, sustento que mantendo a faceirice dentro de seus limites, ela se faz modesta e verdadeira, ela se faz uma lei de honestidade.

A virtude é uma só, dizia muito bem um de meus adversários; não há como decompô-la para admitir uma parte e rejeitar a outra; quando a amamos, amamo-la em toda a sua integridade; e recusamos o coração quando podemos, e sempre a boca aos sentimentos que não devemos ter. A verdade moral não é o que é, mas o que é bem; o que é mal não deveria ser, e não deve ser confessado, sobretudo quando essa confissão lhe dá um efeito que não teria sem isso. [Se tivesse a tentação de roubar e que, dizendo-o, eu tentasse alguém a ser meu cúmplice, declarar-lhe minha tentação já não seria sucumbir a ela? Por que dizeis que o pudor torna falsas as mulheres? As que mais o perdem serão mais verdadeiras do que as outras? De modo nenhum: são mais falsas mil vezes. Não se chega a este ponto de depravação senão à força de vícios, que se

conservam todos, e que reinam graças à intriga e à mentira ¹⁰. Ao contrário, as que ainda têm vergonha, que não se orgulham de seus erros, que sabem esconder seus desejos mesmo aos que os inspiram, aquelas cuja confissão se arranca com mais dificuldade, são as mais verdadeiras, as mais sinceras, as mais constantes em seus compromissos, aquelas em cuja palavra mais se pode confiar.

A que eu saiba, somente Mlle de L'Enclos se pôde citar como exceção. Por isso mesmo Mlle de L'Enclos foi citada como prodígio. No desprezo às virtudes de seu sexo, conservara, dizem as do nosso: elogiam sua franqueza, sua correção, sua fidelidade na amizade; finalmente, para completar o quadro de sua glória, dizem que se fizera homem. Ainda bem. Mas com toda sua reputação, eu não houvera querido esse homem nem como amigo nem como amante.

Tudo isto não se apresenta assim tão fora de propósito como parece. Vejo para onde tendem as máximas da filosofia moderna ridicularizando o pudor do sexo e sua pretensa falsidade; e vejo que o efeito mais seguro dessa filosofia será tirar das mulheres de nosso século o pouco de honra que lhes resta.

De acôrdo com estas considerações pode-se determinar em geral que espécie de cultura convém ao espírito das mulheres e para que objetos se devem orientar suas reflexões desde a juventude.

Já o disse, os deveres de seu sexo são mais fáceis de se verem que de se cumprirem. A primeira coisa que elas devem aprender é amá-los pela consideração de suas vantagens: é o único meio de lhos tornarmos fáceis. Cada condição e cada

(10) Sei que mulheres que tomaram seu partido em certo ponto pretendem valorizar-se com essa franqueza e juram que, à exceção disso, não há nada de estimável que não se encontre nelas; mas bem sei também que só persuadiram disso os tolos. Suprimido o maior freio de seu sexo, que sobra que as retenha? E de que honra farão caso depois de terem renunciado à que lhes é própria? Tendo posto suas paixões à vontade, não têm nenhum interesse mais em resistir a elas: "*Nec femina, amissa pudicitia, alia abnuerit.*" * Que autor conheceu mais o coração humano nos dois sexos do quem disse isto?

* "Quando uma mulher perdeu o seu pudor, ela não tem mais nada a recusar." (Tácito, *Anais*, IV, 3). (N. da E.)

idade tem seus deveres. Conhecemos logo os nossos em os amando. Honra vossa condição de mulher, e qualquer que seja a posição em que o céu vos coloque, sereis sempre uma mulher honesta. O essencial é ser o que nos fez a natureza; somos sempre demais o que os homens querem que sejamos.

A procura das verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as idéias não é da competência das mulheres, seus estudos devem todos voltar-se para a prática; cabe a elas fazerem a aplicação dos princípios que o homem encontrou, e cabe a elas fazerem as observações que levam o homem ao estabelecimento de tais princípios. Todas as reflexões das mulheres no que não diz imediatamente respeito a seus deveres, devem tender para o estudo do homem e para os conhecimentos agradáveis que só têm o gosto por objeto; as obras de invenção ultrapassam seu alcance; elas não têm bastante precisão e atenção para brilhar nas ciências exatas e, quanto aos conhecimentos físicos, cabem a quem dos dois é mais atuante, mais ativo e vê mais objetos; cabem a quem tem mais força e a exerce mais em julgar as relações dos seres sensíveis e das leis da natureza. A mulher, que é fraca e não vê nada exterior, aprecia e julga os móveis que pode empregar para suprir sua fraqueza e esses móveis são as paixões do homem. Sua mecânica é mais forte do que a nossa, todas as suas alavancas vão abalar o coração humano. Tudo o que seu sexo não pode fazer por si mesmo, e que lhe é necessário ou agradável, é preciso que ela tenha a arte de fazer com que o queiramos; cumpre pois que ela estude a fundo o espírito do homem, e não por abstração o espírito do homem em geral, mas o espírito dos homens que a cercam, o espírito dos homens a que está sujeita, ou pela lei ou pela opinião. É preciso que aprenda a penetrar os sentimentos deles pelos seus discursos, por suas ações, por seus olhares, por seus gestos. É preciso que pelas palavras, pelas ações, pelos olhares, pelos gestos ela saiba dar-lhes os sentimentos que agradam a ela, sem sequer parecer pensar nisso. Eles filosofarão mais brilhantemente do que ela sobre o coração humano, mas ela verá melhor no coração dos homens. Cabe às mulheres encontrarem, por assim dizer, a moral experimental, a nós o cuidado de sistematizá-la. A mulher tem mais espírito, o homem mais gênio; a mulher observa, o homem raciocina: dessa cooperação resultam a luz mais clara e a ciência mais completa que o espírito humano pode tirar de si

mesmo, o conhecimento mais seguro, em suma, de si e dos outros que se acham ao alcance de nossa espécie. E eis como a arte pode tender incessantemente a aperfeiçoar o instrumento dado pela natureza.

O mundo é o livro das mulheres: quando o lêem mal, cabe-lhes a culpa ou alguma paixão as cega. Entretanto, a verdadeira mãe de família, longe de ser uma mulher da sociedade, não está menos reclusa em sua casa que a religiosa em seu claustro. Seria preciso portanto fazer com as jovens que vão casar o que se faz, ou se deve fazer, com as que vão para o convento: mostrar-lhes os prazeres que abandonam de preferência a deixá-las renunciarem a eles, de medo que a imagem de prazeres que lhes são desconhecidos não venha um dia perturbar-lhes o espírito e a felicidade de seu retiro. Na França as jovens vivem em conventos e as mulheres divertem-se. Entre os antigos era o contrário: as jovens tinham, como o disse, muitos jogos e festas públicas, as mulheres viviam retiradas. Esse hábito era mais racional e preservava os bons costumes. Certo tipo de faceirice é permitido às jovens casadoiras; divertirem-se é o que lhes importa. As mulheres têm outras preocupações no lar e não precisam mais procurar marido; mas não ficariam satisfeitas com uma tal reforma e infelizmente elas é que dirigem. Mães, fazei, ao menos, vossas companheiras de vossas filhas. Dai-lhes um discernimento reto e uma alma honesta e não procureis esconder-lhes o que um olho casto pode ver. O baile, os festins, os jogos, o teatro mesmo, tudo o que, mal visto, faz o encanto de uma juventude imprudente, pode ser oferecido sem risco a olhos sadios. Quanto mais bem virem esses ruidosos prazeres mais cedo se enojarão deles.

Ouçó o clamor que se ergue contra mim. Que jovem resiste a tão perigoso exemplo? Mal vêem a sociedade e já perdem a cabeça; nenhuma delas quer abandoná-la. Talvez: mas antes de lhes oferecer um quadro enganador, tê-las-eis bem preparado para o verem sem emoção? Tereis bem mostrado os objetos que representa? Tereis pintado esses objetos como são realmente? E as tereis bem armado contra as ilusões da vaidade? Destes a seu jovem coração o gosto pelos prazeres verdadeiros que não se encontram no tumulto? Que precauções tomastes para preservá-las do falso gosto que as perturba? Ao invés de pôr em seu espírito alguma coisa contrária ao império dos preconceitos, vós os alimentastes; fizestes com que elas amassem de antemão todos os divertimentos frívolos que en-

contram. E fazeis ainda que os amem, entregando-vos, vós mesmas, a eles. As jovens entrando na sociedade não têm outra governante senão a mãe, muitas vezes mais maluca do que elas e que não pode mostrar-lhes os objetos de outro modo ~~senão como os vê.~~ O exemplo, mais forte que a própria razão, os justifica aos olhos delas, e a autoridade da mãe é para a jovem uma desculpa sem réplica. Quando quero que uma mãe introduza a filha na sociedade, supponho que lha mostrará tal qual é.

O mal começa mais cedo ainda. Os conventos são verdadeiras escolas de faceirice, não do coquetismo honesto de que falei e sim do que provoca todos os defeitos das mulheres e as faz extravagantes. Saindo do convento para entrar repentinamente ~~na sociedade~~ ruidosa, as jovens sentem-se logo à vontade. Foram educadas para viver nessa sociedade; será de espantar que se sintam bem? Não direi o que vou dizer sem receio de tomar um preconceito por observação; mas parece-me que em geral, nos países protestantes, há mais apego à família, esposas mais dignas e mães mais ternas do que nos países católicos; e se é assim, não há como duvidar que essa diferença seja devida em parte à educação nos conventos.

Para gostar da vida tranqüila e doméstica é preciso conhecê-la; é preciso ter sentido sua doçura desde a infância. É somente na casa paterna que se adquire o gosto por sua própria casa, e toda mulher que não tenha sido educada por sua mãe não gostará de educar seus filhos. Infelizmente não há mais educação particular nas grandes cidades. Nestas, a sociedade se mistura geralmente tanto, que não há mais lugar para retiro nem há intimidade. A força de viver com todo mundo, não se tem mais família; mal conhecem os pais, vêem-nos como estranhos; e a simplicidade dos costumes domésticos extingue-se juntamente com a doce familiaridade que lhe dava encanto. Assim é que se adquire logo cedo o gosto pelos prazeres do século e pelas máximas que reinam.

Impõem às jovens uma discrição aparente para encontrar tolos que as desposem iludidos com a aparência. Mas estúdaí um momento essas jovens; sob a atitude constrangida mal disfarçam a ambição que as devora, e já se lê em seus olhos o desejo ardente de imitar suas mães. O que ambicionam não é um marido e sim a licença do casamento. Para que um marido com tantas possibilidades de dispensá-lo? Mas precisa-se

de um marido para cobrir tais possibilidades ¹¹. A modéstia está em seus rostos, a libertinagem no fundo de seus corações: essa falsa modéstia, ela própria, é um sinal; afetam-na para dela se libertarem o mais depressa possível. Mulheres de Paris e de Londres, perdoai-me, peço-vos: um milagre é sempre possível, mas não conheço nenhum; e se uma só entre vós tem a alma realmente honesta, não compreendo vossas instituições.

Todas essas diversas educações entregam igualmente as jovens aos prazeres da sociedade, e às paixões que logo nascem desse gosto. Nas grandes cidades a depravação começa com a vida, e nas pequenas começa com a razão. Jovens provincianas levadas pela educação a desprezarem a feliz simplicidade de seus costumes, apressam-se em ir para Paris compartilhar a corrupção dos nossos; os vícios adornados com o belo nome de talentos, são o único objeto de sua viagem; e envergnhadas, em chegando, de se acharem tão longe da nobre licença das mulheres do lugar, não demoram em merecer serem também da capital. Onde começa o mal, na vossa opinião? Nos lugares onde o projetam ou naqueles onde o realizam?

Não exijo que uma mãe sensata traga da província sua filha a Paris para mostrar-lhe esses quadros tão perniciosos para outras: mas digo que, em acontecendo isso, ou a filha é mal educada ou esses quadros são pouco perigosos para ela. Com gosto, bom senso e amor às coisas honestas, ninguém os acha tão atraentes quanto o são para quem se encanta com êles. Vêem-se em Paris jovens avoadas que se apressam em adquirir o tom do lugar e seguir a moda durante seis meses para serem vaiadas o resto da vida; mas quem vê as que, aborrecidas com tanto barulho, voltam para sua província, contentes com seu destino depois de tê-lo comparado ao que invejam as outras? Quantas jovens mulheres eu vi, trazidas à capital por maridos complacentes e com possibilidades de ficar, dissuadi-las elas próprias, repartindo de bom grado para seus lugares de origem e dizendo com ternura na véspera da partida: "ah! vol-

(11) O caminho do homem em sua juventude era uma das quatro coisas que o sábio não podia compreender; a quinta era a impudência da mulher adúltera. "*Quae comédit, et tergens os suum dicit: Non sum operata malum*". * Provérbios XXX, 20.

* "Ela come, limpa a boca, depois diz: Não cometi nada de mal."
(N. da E.)

temos para nossa cabana, nela se vive mais feliz que nos palácios daqui.” Não se sabe quantas pessoas de bem sobram ainda que não se ajoelharam diante do ídolo e desprezam o culto insensato. Ruidosas não há senão as loucas; as mulheres honestas não fazem sensação.

Se, apesar da corrupção generalizada, apesar dos preconceitos universais, apesar da má educação das jovens, muitas conservam ainda um julgamento reto, que será quando êsse juízo tiver sido alimentado com instruções convenientes, ou, melhor, não o houverem alterado com instruções viciadas? Pois tudo consiste em conservar sempre ou restabelecer os sentimentos naturais. Não se trata, para isso, de aborrecer as jovens com longos discursos, nem de declamar vossas secas moralidades. As moralidades, para ambos os sexos, são a morte da boa educação. Lições aborrecidas só servem para infundir ódio a quem as dá e ao que diz. Não se trata de, em falando às jovens, amedrontá-las com seus deveres, nem de agravar o jugo que lhes é imposto pela natureza. Expondo-lhes seus deveres, sede precisa e fácil; não lhes deixeis acreditar que se aborrecerão cumprindo-os; nada de carrancas, nada de arrogâncias. Tudo que deve ir ao coração deve sair do coração; o catecismo de moral deve ser tão curto e claro quanto o catecismo de religião, mas não deve ser tão grave. Mostrai-lhes nos próprios deveres a fonte de seus prazeres e o alicerce de seus direitos. Será tão penoso assim amar para ser amada, ser amável para ser feliz, estimável para ser obedecida, honrar-se para ser honrada? Como esses direitos são belos! como são respeitáveis! como são caros ao coração do homem quando a mulher sabe valorizá-los! Não é preciso aguardar os anos e a velhice para gozá-los. O império da mulher começa com suas virtudes; mal seus atractivos se desenvolvem e ela já reina pela doçura de seu carácter e impõe sua modéstia. Que homem insensível e bárbaro não atenua seu orgulho e não adquire maneiras mais atenciosas junto de uma jovem de dezesseis anos, amável e bem comportada, que fala pouco, que ouve, que põe decência em sua atitude, e honestidade em seus propósitos, a quem sua beleza não faz esquecer nem o sexo nem a juventude, que sabe interessar por sua timidez mesma, e provocar o respeito que sabe dar a todo mundo?

Esses testemunhos, embora exteriores, não são frívolos; não se alicerçam tão somente na atração dos sentidos; partem desse sentimento íntimo que temos todos de que as mulheres são os

juízes naturais do mérito dos homens. Quem quer ser desprezado pelas mulheres? Ninguém, nem mesmo quem não as quer mais amar. E a mim, eu que lhes digo tão duras verdades, acreditais que seus juízos me sejam indiferentes? Não, seus sufrágios me são mais caros do que os vossos, leitores, muitas vezes mais mulheres do que elas. Desprezando seus costumes, eu ainda quero honrar sua justiça: pouco importa que me odeiem se as forço a me estimarem.

Grandes coisas faríamos com essa alavanca se a soubéssemos utilizar. Infeliz o século em que as mulheres perdem sua ascendência e em que seus juízos não interessam mais os homens! É o último degrau da depravação. Todos os povos que tiveram bons costumes respeitaram as mulheres. Vede Esparta, vede os germanos, vede Roma, Roma a sede da glória e da virtude, se é que jamais tiveram uma sede na terra. Lá é que as mulheres honravam os feitos dos grandes generais, que choravam publicamente os pais da pátria, que seus votos ou seus lutos eram consagrados como o mais solene julgamento da república. Todas as grandes revoluções vieram em Roma das mulheres: em virtude de uma mulher, Roma adquiriu a liberdade, em virtude de uma mulher os plebeus obtiveram o consulado, em virtude de uma mulher terminou a tirania dos decenviros, pelas mulheres Roma sitiada foi salva das mãos de um proscrito. Garbosos franceses, que teríeis dito vendo passar essa procissão tão ridícula a vossos olhos zombeteiros? Vós a teríeis acompanhado com vaías. Como vemos diferentemente os mesmos objetos! E talvez tenhamos todos razão. Organizai esse cortejo com belas senhoras francesas, não conheço coisa mais indecente: mas organizai-o com romanas, tereis todos os olhos dos Volscos e o coração de Coriolano.

Direis mais, e sustento que a virtude não é menos favorável ao amor do que os outros direitos da natureza, e que a autoridade das amantes não ganha com isso menos do que a das mulheres e das mães. Não há amor verdadeiro sem entusiasmo e não há entusiasmo sem objeto de perfeição real ou quimérico, mas sempre existente na imaginação. Com que se inflamarão os amantes para os quais essa perfeição não é mais nada e que não vêem no que amam senão o objeto do prazer dos sentidos? Não, não é assim que a alma se inflama e se entrega a esses transportes sublimes que fazem o delírio dos amantes e o encanto de sua paixão. Tudo não é senão ilusão no amor, confesso-o; mas o que é real são os sentimentos com

que nos anima para o belo verdadeiro que nos faz amar. Esse belo não está no objeto que amamos, é obra de nossos erros. Que importa? Sacrificamos menos nossos sentimentos baixos a esse modelo imaginário? Compenetramos menos nossos corações das virtudes que atribuímos aos que adoramos? Afastamo-nos menos da baixeza do eu humano? Onde o verdadeiro amante que não se dispõe a imolar a vida à sua amante? E onde a paixão sensual e grosseira num homem que quer morrer? Zombamos dos paladinos? É porque eles conheciam o amor e nós não conhecemos senão a devassidão. Quando essas máximas romanescas começaram a tornar-se ridículas, a mudança foi menos obra da razão que dos maus costumes.

Qualquer que seja o século as relações naturais não mudam, a conveniência ou inconveniência que delas resulta permanece a mesma, os preconceitos, sob o vão nome de razão, só mudam a aparência. Será sempre belo e grande reinar sobre si mesmo, ainda que para obedecer a opiniões fantasiosas; e os verdadeiros motivos de honra falarão sempre ao coração de toda mulher de juízo que souber buscar em sua condição a felicidade de sua vida. A castidade deve ser sobretudo uma virtude deliciosa para uma mulher que tem beleza de alma. Enquanto ela vê toda a terra a seus pés, ela triunfa de tudo e de si mesma: ela ergue em seu próprio coração um trono a que todos vêm render homenagem. Os sentimentos ternos ou ciumentos, mas sempre respeitosos dos dois sexos, a estima universal e a *própria*, pagam-lhe sem cessar como tributo de glória as lutas de alguns instantes. As privações são passageiras, mas o prêmio é permanente. Que gozo para uma alma nobre, que orgulho da virtude unida à beleza! Imaginai uma heroína de romance, ela desfrutará volúpias mais requintadas que as Laíses e as Cleópatras; e quando sua beleza não fôr mais, sua glória e seus prazeres ainda subsistirão; ela saberá gozar do passado.

Quanto maiores e penosos os deveres, mais as razões em que assentam devem ser sensíveis e fortes. Há certa linguagem devota com que, nos mais graves assuntos, encham os ouvidos das jovens, sem as persuadirem. Desta linguagem, demasiado desproporcionada com suas idéias, e do pouco caso que lhes dão em segredo, nasce a facilidade de ceder às suas inclinações, na falta de razões de resistir a elas tiradas das próprias coisas. Uma jovem, educada sábia e devotamente, tem sem dúvida boas armas contra as tentações; mas aquela que alimentamos unicamente, coração e ouvidos, com o jargão da devoção torna-se

infalivelmente a presa do primeiro sedutor hábil. Nunca uma jovem e bela pessoa desprezará seu corpo, nunca se afligirá de boa-fé com os grandes pecados que sua beleza faz cometer; nunca chorará sinceramente e perante Deus por ser um objeto de desejo, nunca poderá acreditar dentro de si mesma que o mais doce sentimento do coração seja uma invenção do diabo. Dai-lhe outras razões interiores e para ela mesma, pois aquelas não convencerão nunca. Será pior ainda se puserem, como ocorre sempre, contradição em suas idéias, e que, depois de a ter humilhado aviltando seu corpo e seus encantos como a mancha do pecado, lhe façam a seguir respeitar, como o templo de Jesus Cristo, esse mesmo corpo tornado tão desprezível. As razões demasiado sublimes ou demasiado vis são igualmente insuficientes e não podem associar-se: é preciso uma razão ao alcance do sexo e da idade. A consideração do dever não tem força senão na medida em que se lhe juntam motivos que nos levam a cumpri-lo.

*Qua quia non liceat non facit, illa facit. **

Quem imaginaria que é Ovídio quem julga tão severamente?

Quereis inspirar às jovens o amor aos bons costumes sem lhes dizerdes incessantemente: "sede bem comportadas", dai-lhes um grande interesse em sê-lo; fazei com que sintam todo o valor do bom comportamento, e as fareis amá-lo. Não basta mostrar-lhes tal interesse em futuro remoto, mostrai-o no momento mesmo, nas relações de sua idade, no caráter de seus amantes. Pintai-lhes o homem de bem, o homem de mérito; ensinai-as a reconhecê-lo, a amá-lo e a amá-lo para elas; provai-lhes que amigas, esposas ou amantes, somente esse homem as pode tornar felizes. Mostrai a virtude pela razão; fazei com que sintam que o império de seu sexo e todas as suas vantagens não se prendem somente a seu bom comportamento, a seus costumes, como também aos dos homens; que seu domínio é pequeno sobre as almas vis e baixas e que só se sabe servir a amante quando se sabe servir a virtude. Pintando-lhes então os costumes de nossos dias, podeis ter certeza de que lhes inspira-

* "Aquela que não comete a falta porque lhe é impedida, está em falta." ("Amôres", III, IV) (N. da E.)

reis um desgosto sincero; mostrando-lhes a gente da moda vós as fareis desprezá-la; não lhes dareis senão repúdio às máximas dessas pessoas, aversão aos seus sentimentos, desdém pelos seus fúteis galanteios; fareis nascer nelas uma ambição mais nobre, a de reinarem sobre as almas grandes e fortes, a das mulheres de Esparta, que era a de mandarem em homens. Uma mulher ousada, atrevida, intrigante, que só sabe atrair seus amantes pela faceirice e conservá-los por seus favores, faz com que obedeçam como lacaios nas coisas servis e vulgares; nas coisas importantes e graves ela não tem autoridade sobre eles. Mas a mulher a um tempo honesta, amável e circunspecta, a que força os seus a respeitá-la, a que tem reserva e modéstia, em uma palavra a que sustenta o amor pela estima, manda-os a um simples sinal ao fim do mundo, ao combate, à guerra, à morte em o querendo¹². Este império é belo, parece-me, e vale a pena adquiri-lo.

Eis dentro de que espírito Sofia foi educada, seguindo seu gosto mais do que o contrariando. Digamos agora uma palavra de sua pessoa, segundo o retrato que dela fiz a Emílio, e segundo ele próprio imagina a esposa que pode torná-lo feliz.

Nunca direi demais que ponho de lado os prodígios. Emílio não é um, nem Sofia tampouco. Emílio é um homem e Sofia é uma mulher; eis toda a sua glória. Na confusão dos sexos que reina entre nós, já é quase um prodígio ser do seu próprio.

Sofia é bem nascida, é de um temperamento naturalmente bom; tem o coração muito sensível e essa extrema sensibilidade dá-lhe por vezes uma atividade de imaginação difícil de ser moderada. Tem o espírito menos justo do que penetrante, o

(12) Brantôme diz que, no tempo de Francisco I, uma jovem que tinha um amante muito falante impôs-lhe um silêncio absoluto e ilimitado, que ele manteve tão fielmente durante dois anos inteiros que pensaram tivesse ficado surdo por doença. Um dia, em plena sociedade, sua amante que, nesses tempos em que o amor comportava mistério, não era conhecida como tal, vangloriou-se de curá-lo imediatamente e o fez com uma só palavra: *Falai*. Não haverá algo grande e heróico nesse amor? Que mais houvera feito a filosofia de Pitágoras com todo o seu fausto? Não se imaginaria uma divindade dando a um mortal, com uma só palavra, o órgão da fala? Que mulher poderia hoje contar com tal silêncio um só dia, ainda que o devesse pagar o mais alto preço?

humor fácil mas desigual, um rosto comum, mas uma fisionomia que promete uma alma e que não mente; pode-se ir a ela com indiferença, mas não deixá-la sem emoção. Outras têm boas qualidades que lhe faltam; outras têm mais acentuadas as que ela tem; mas ninguém tem qualidades mais bem ajustadas para criar um caráter feliz. Ela sabe tirar proveito de seus próprios defeitos; e se fosse mais perfeita, ela agradaria muito menos.

✕ Sofia não é bela; mas perto dela os homens esquecem as mulheres belas e estas sentem-se descontentes consigo mesmas. Mal parece bonita à primeira vista, porém quanto mais a vêem mais se torna bela; ganha nisso em que tantas outras perdem; e o que ganha não perde mais. Podem ter olhos mais bonitos, uma boca mais bela, uma figura mais imponente; mas não pode haver cintura mais bem feita, tão bela tez, mão mais branca, pé mais delicado, olhar mais doce, fisionomia mais agradável. Sem ofuscar ela interessa; ela encanta, e não se pode dizer porque.

Sofia gosta de atavios e entende disso; sua mãe não tem outra camareira; tem muito bom gosto para se arranjar; mas detesta os vestidos ricos; nos seus vê-se sempre a simplicidade unir-se à elegância; não aprecia o que brilha e sim o que lhe vai bem. Ignora quais as cores da moda mas sabe admiravelmente as que lhe são favoráveis. Não há jovem que se vista com menos requinte e nenhuma que se apresente mais requintadamente arranjada; nenhuma peça de sua *toilette* se deve ao acaso, e o artifício não aparece em nenhuma. Enfeita-se com muita modéstia aparentemente, mas com muita faceirice na realidade; não exhibe seus encantos; cobre-os, mas, cobrindo-os, faz com que possam ser imaginados. Vendo-a, dizem: eis uma jovem modesta e bem comportada; mas enquanto permanecem a seu lado, os olhos erram por toda a sua pessoa sem que os possam arrancar dela. É até de se imaginar que tudo isso tão simples foi arranjado para ser desarranjado peça por peça.

Sofia tem talentos naturais; ela os sente e não os desdenha; mas não tendo tido a possibilidade de pôr muita arte em seu cultivo, contentou-se com exercitar sua bonita voz em cantar bem e com gosto, seus pezinhos em andar com leveza, com facilidade e graça, em fazer medidas em quaisquer situações sem embaraço. De resto não teve como professor de canto senão seu pai, como professora de dança senão sua mãe; e um organista

da vizinhança deu-lhe ao cravo algumas lições de acompanhamento, que ela cultivou depois sozinha. A princípio não pensava senão em fazer com que sua mão ressaltasse sobre as teclas pretas, depois achou que o som acre e seco do cravo tornava mais suave o som de sua voz; pouco a pouco se tornou sensível à harmonia; finalmente, em crescendo, começou a sentir os encantos da expressão e a amar a música em si. Mas é um gosto mais do que um talento; não sabe decifrar uma ária pela partitura.

O que Sofia sabe mais a fundo, e que lhe fizeram aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo, mesmo aqueles de que não se lembram, como cortar e costurar seus vestidos. Não há trabalho de agulha que não saiba fazer e que não faça com prazer; mas o trabalho que prefere a qualquer outro é o de fazer renda, porque nenhum outro dá atitude mais agradável e em nenhum os dedos se exercitam com mais graça e ligeireza. Dedicou-se também a todas as tarefas do lar. Conhece a cozinha e a copa; sabe os preços dos mantimentos; conhece-lhes as qualidades; sabe muito bem fazer suas contas; serve de mordomo para sua mãe. Feita para ser um dia mãe de família ela própria, governando a casa paterna aprende a governar a dela; é capaz de atender às funções dos criados e sempre o faz de bom grado. Nada se dirige tão bem como o que se sabe executar: é a razão de sua mãe para ocupá-la assim. Sofia não vai tão longe, entretanto; seu primeiro dever é o de filha e é agora o único que pensa em cumprir. Sua única intenção é servir sua mãe e aliviá-la de parte das tarefas. Contudo, é verdade que não faz tudo com igual prazer. Por exemplo, embora seja gulosa, não gosta de cozinhar; há pormenores que a desgostam; nunca encontra bastante limpeza. É a este respeito de extrema delicadeza, e é essa delicadeza levada ao máximo que se tornou um de seus defeitos: deixaria perder-se o jantar para não manchar sua manga. Nunca quis meter-se no jardim pela mesma razão; a terra parece-lhe suja; mal depara com um pouco de estêrco e já lhe sente o cheiro.

Deve esse defeito às lições de sua mãe. Segundo esta, entre os deveres da mulher, um dos primeiros é a limpeza; dever especial, indispensável, imposto pela natureza. Não há no mundo objeto mais nojento do que uma mulher pouco limpa e o marido que se desgosta dela tem sempre razão. Tanto pregou esse dever à filha, desde a infância, exigiu dela tanta limpeza

peçoal, tanta para os trapos, para o apartamento, para o trabalho, para *toilette*, que todos esses cuidados, transformados em hábitos, tomam grande parte de seu tempo e ainda presidem o resto; de modo que fazer bem o que faz não é senão a segunda de suas preocupações; a primeira é sempre fazê-lo com limpeza.

Entretanto, tudo isso não degenerou em vã afetação nem em moleza; os requintes do luxo não entram nisso. Nunca teve em seu apartamento senão água pura; não conhece outro perfume senão o das flôres e seu marido não respirará nenhum mais suave que o de seu hálito. Finalmete, a atenção que presta ao exterior não lhe faz esquecer que deve sua vida e seu tempo a tarefas mais nobres; ela ignora ou desdenha essa excessiva limpeza do corpo que suja a alma; Sofia é muito mais limpa, é pura.

Disse que Sofia era gulosa. Ela o era naturalmente; mas tornou-se sóbria por hábito e agora o é por virtude. Não ocorre com as jovens o que ocorre com os meninos que podemos governar, até certo ponto, pela gulodice. Esta inclinação não é sem consequência para o sexo; é perigosa demais. Sofia na sua infância, entrando sozinha no quarto da mãe, nem sempre saía sem nada e não era de uma fidelidade à tãda prova quanto às drágeas e aos confeitos. A mãe surpreendeu-a, castigou-a e fê-la jejuar. Conseguiu persuadi-la de que os confeitos estragavam os dentes e de que comer demais punha gordura na cintura. Sofia corrigiu-se; crescendo, adquiriu outros gostos que a desviaram dessa sensualidade vulgar. Nas mulheres como nos homens, em se animando o coração, a gulodice deixa de ser um vício dominante. Sofia conservou o gosto natural a seu sexo; gosta de laticínios e de doces; gosta de sobremesas mas pouco de carne; nunca tomou vinho nem licores fortes: demais come de tudo muito moderadamente; seu sexo menos laborioso do que o nosso precisa de menos recuperação. Em tudo gosta do que é bom e sabe apreciá-lo; sabe também acomodar-se com o que não o é, sem que isso lhe pese.

Sofia tem o espírito agradável sem ser brilhante, e sólido sem ser profundo; um espírito de que nada se tem a dizer, porque ninguém nele encontra nada que não lhe seja próprio. Ela tem sempre o que agrada às pessoas que falam com ela, embora não seja muito cultivado, segundo a idéia que temos da cultura do espírito das mulheres; porque o dela não é formado pela

leitura mas tão-somente pelas conversações do pai e da mãe, por suas próprias reflexões e pelas observações que fez no mundo que viu. Sofia tem naturalmente alegria, foi mesmo maliquinha na infância, mas a mãe teve o cuidado de reprimir seus ares avoados, de medo que uma mudança demasiado súbita não revelasse o momento em que antes o devera ter feito. Tornou-se ela assim modesta e reservada até antes do momento de o ser; e agora que esse momento chegou, é-lhe mais fácil conservar o tom adquirido, que não lhe seria tomá-lo sem indicar a razão da mudança. É divertido vê-la entregar-se por vezes, por um resto de hábito, às vivacidades da infância e depois, subitamente, cair em si, calar-se, baixar os olhos e corar: é inevitável que a fase intermediária entre as duas idades participe um pouco de cada uma.

Sofia é de uma sensibilidade grande demais para conservar uma completa igualdade de humor, mas tem demasiado doçura para que essa sensibilidade importune os outros; é somente a ela mesma que faz mal. Que se diga uma só palavra que a fira, não emburra, mas seu coração se amargura; tenta fugir para ir chorar. Mas se em meio a suas lágrimas o pai a chama, ou a mãe, e diz uma simples palavra, ela volta no mesmo instante para brincar e rir, enxugando discretamente os olhos e buscando abafar seus soluços.

Ela não é tampouco inteiramente isenta de capricho; seu humor um pouco fustigado demais degenera em revolta e então pode esquecer-se. Mas daí-lhe tempo de cair em si e sua maneira de reparar o erro quase faz dele um mérito. Se a castigam, mostra-se dócil e obediente, e vê-se que sua vergonha não provém tanto do castigo quanto da falta. Se não lhe dizem nada, ela nunca deixa de repará-la sozinha, mas tão francamente e de tão boa vontade que não é possível se lhe ter rancor. Ela beijaria a terra na frente do último criado, sem que esse rebaixamento lhe causasse a menor humilhação; e logo que é perdoada, sua alegria e suas carícias mostram de que pêso seu coração se aliviou. Em uma palavra, ela sofre com paciência as faltas alheias e repara com prazer as próprias. Essa a natureza amável de seu sexo antes de a depravarmos. A mulher é feita para ceder ao homem e até para suportar a injustiça dele. Nunca levareis os jovens ao mesmo ponto; o sentimento interior ergue-se e se revolta neles contra a injustiça; a natureza não os fez para que a tolerassem.

Gravem
Pelidae stomachum cedere nescii.

Sofia tem religião, mas uma religião baseada na razão, e simples, poucos dogmas e com menos práticas de devoção. Ou melhor, não conhecendo como prática essencial senão a moral, ela dedica sua vida inteira a servir Deus fazendo o bem. Em todas as instruções que seus pais lhe deram a respeito, eles a habituaram a uma submissão respeitosa, dizendo-lhe sempre: "Minha filha, esses conhecimentos não são de tua idade; teu marido te explicará quando chegar o momento." Demais, ao invés de longos discursos sobre a devoção, contentam-se com pregá-la pelo exemplo e esse exemplo está gravado no coração dela.

Sofia ama a virtude; este amor tornou-se sua paixão dominante. Ama-a porque nada é mais belo que a virtude; ama-a porque a virtude faz a glória da mulher e que uma mulher virtuosa se lhe afigura igual aos anjos; ama-a como o único caminho da verdadeira felicidade, porque não vê senão miséria, abandono, desgraça, opróbrio, na vida de uma mulher desonesta; ama-a, enfim, porque é cara a seu respeitável pai, a sua doce e digna mãe: não contentes com serem felizes de sua própria virtude, querem sê-lo também da da filha e a maior felicidade desta está na esperança de fazer a deles. Todos esses sentimentos inspiram-lhe um entusiasmo que lhe eleva a alma e mantém todas as suas pequenas inclinações escravizadas a tão nobre paixão. Sofia será casta e honesta até ao último suspiro; ela jurou-o no fundo de sua alma e o jurou numa época em que já sentia quanto custa cumprir tal juramento; jurou-o quando devera faltar ao compromisso, se seus sentidos tivessem sido feitos para dominá-la.

Sofia não tem a felicidade de ser uma amável francesa, fria por temperamento e faceira por vaidade, querendo mais brilhar que agradar, buscando o divertimento e não o prazer. Só a necessidade de amar a devora, distrai e perturba seu coração nas festas; perdeu sua antiga alegria; os jogos malucos não são mais feitos para ela; longe de temer o tédio da solidão, ela o procura; nessa solidão pensa naquele que a deve tornar suave: todos os indiferentes a importunam; não precisa de uma corte e sim de um apaixonado; ela prefere agradar a um só homem honesto, e agradar-lhe sempre, do que provocar em seu

favor o aplauso da moda, que dura um dia e no dia seguinte se transforma em vaia.

As mulheres têm o juízo formado mais cedo que os homens: estando na defensiva quase desde a infância, e carregando um tesouro difícil de guardar, mais cedo, necessariamente, o bem e o mal se tornam conhecidos delas. Sofia precoce em tudo, porque seu temperamento a leva a sê-lo, tem também o juízo formado mais cedo que outras jovens de sua idade. Não há nada nisso de muito extraordinário; a maturidade não é sempre a mesma nem chega na mesma época.

Sofia está instruída dos deveres e direitos de seu sexo e do nosso. Conhece os defeitos dos homens e os vícios das mulheres; conhece também as qualidades, as virtudes contrárias, e tem-nas marcadas no fundo de seu coração. Não se pode ter idéia mais elevada da mulher honesta do que a que concebeu, e essa idéia não a assusta; mas ela pensa com mais complacência no homem honesto, no homem de mérito; sente que é feita para esse homem, que pode devolver-lhe a felicidade que receber dele; sente que saberá reconhecê-lo; trata-se apenas de encontrá-lo.

As mulheres são os juizes naturais do mérito dos homens, como eles o são do mérito das mulheres: é direito recíproco; e nem uns nem outros o ignoram. Sofia conhece esse direito, usa dele, mas com a modéstia que convém à sua juventude, à sua inexperiência, à sua condição; ela não julga senão as coisas que estão ao seu alcance e só as julga quando o julgamento serve para desenvolver alguma máxima útil. Não fala dos ausentes senão com a maior circunspecção, sobretudo se se trata de mulheres. Pensa que o que as faz mexiriqueiras e satíricas é falarem de seu sexo: enquanto se restringem a falar do nosso são apenas equitativas. Sofia fica nisto portanto. Quanto às mulheres, só fala delas para dizer bem; é uma honra que acredita dever a seu sexo; sobre aquelas de quem não conhece nada louvável, não fala e compreende-se o que pensa.

Sofia tem pouca prática da sociedade; mas é prestativa, atenciosa, e põe graça em tudo que faz. Uma boa índole serve-a com mais felicidade do que muita arte. Tem certa cortesia própria que não se prende a fórmulas, que não se escraviza a modas, que com estas não muda, que nada faz por obrigação, que provém de um desejo real de agradar e que agrada. Não sabe cumprimentos triviais, nem os inventa mais requintados;

não diz que se sente muito obrigada, que lhe dão muita honra, que não se preocupem etc. Pensa menos ainda em fazer belas frases. Ante um obséquio, uma cortesia, ela responde com uma reverência ou um simples *eu vos agradeço*; mas isto dito por ela vale muito. Diante de um verdadeiro serviço que lhe prestem, ela deixa o coração falar e não é um cumprimento que diz. Nunca suportou que os bons modos franceses a escravizassem ao jugo das afetações tais como estender a mão, ao passar de um quarto para outro, sobre o braço de um sexagenário que ela teria grande vontade de amparar. Quando um galanteador pedante lhe oferece essa impertinente ajuda, ela deixa o braço na escada e joga-se no quarto em dois saltos dizendo que não é manca. Com efeito, embora não seja grande, nunca quis saber de saltos altos; tem pés bastante pequenos para dispensá-los.

Não somente ela se mantém silenciosa e respeitosa com as mulheres como também com os homens casados ou muito mais idosos do que ela; não aceitará nunca um lugar privilegiado senão por obediência e retomará o dela logo que o possa, pois sabe que os direitos da idade passam antes dos do sexo, como que tendo por si os direitos da sabedoria, que deve ser honrada antes de tudo.

Com os jovens de sua idade é outra coisa; precisa de um tom diferente para impressioná-los e sabe tê-lo sem abandonar o ar modesto que lhe convém. Se são modestos e reservados eles próprios, ela conservará de bom grado a amável familiaridade da juventude; suas conversações cheias de inocência serão amáveis mas decentes; se se tornam sérias, ela quer que sejam úteis; se degeneram em futilidades ela faz logo com que cessem, porque despreza sobretudo o jargãozinho da galanteria como muito ofensivo para seu sexo. Ela bem sabe que o homem que procura não tem esse jargão e nunca admite de boa vontade o que não convém àquele cujo caráter ela tem impresso em seu coração. A alta opinião que tem dos direitos de seu sexo, a altivez que lhe dá a pureza de seus sentimentos, essa energia da virtude que sente em si mesma e que a torna respeitável a seus próprios olhos, fazem com que escute com indignação as palavras adocicadas com que pretendem divertí-la. Não as recebe com uma cólera aparente e sim com um aplauso irônico que desconcerta ou com um tom frio que não é esperado. Se um belo galanteador lhe diz gentilezas, lhe elogia espirituosamente a inteligência, a beleza, as graças, lhe

fala da felicidade de lhe ser agradável, ela é capaz de interrompê-lo, dizendo cortêsmente: "Senhor, temo conhecer essas coisas mais do que vós; se não temos nada mais curioso a dizer-nos, acho que podemos dar por finda esta conversa." Acompanhar tais palavras com uma grande reverência e logo se encontrar a vinte passos de distância é para ela coisa de um instante. Perguntai a vossos grã-finos se é fácil exhibir muita parolagem com um espírito assim tão arisco.

Não é entretanto porque não goste muito de ser elogiada; gosta, desde que o seja de verdade e que possa acreditar que pensem efetivamente o bem que lhe dizem. Para ser impressionada pelo mérito dela, cumpre primeiramente mostrar seu próprio mérito. Uma homenagem fundada na estima pode agradar a seu coração altivo, mas qualquer parolagem galante é sempre recusada; Sofia não é feita para exercer os pequenos talentos de uma mocinha desfrutável.

Com tão grande maturidade de julgamento e formada de todos os pontos de vista como uma jovem de vinte anos, Sofia, aos quinze, não será tratada como criança por seus pais. Mal percebam nela a primeira inquietação da juventude, antes que progrida tratarão de instruí-la; com ternura e sensatez. As palavras ternas e sensatas são da idade dela e de seu caráter. Se este é tal qual o imagino, porque seu pai não lhe falaria assim:

"Sofia, já és uma moça, e não é para ficar sempre moça que as pessoas se tornam moças. Queremos que sejas feliz; é por nós que o queremos, porque nossa felicidade depende da tua. A felicidade de uma mulher honesta está em fazer a de um homem honesto; cumpre portanto pensar em te casar; cumpre pensar cedo, porque do casamento depende a sorte da vida, e nunca o tempo é demais para pensar nisso.

"Nada é mais difícil do que a escolha de um bom marido, a não ser talvez a de uma boa mulher. Sofia, tu serás essa mulher rara, tu serás a glória de nossa vida e a felicidade de nossa velhice; mas quaisquer que sejam teus méritos, não carece a terra de homens que os tenham mais ainda do que tu. Nenhum há que não devesse honrar-se com te alcançar, e há muitos que te honrariam mais ainda. Entre estes, trata-se de encontrar um que te convenha, de conhecê-lo, de fazer com que ele te conheça.

"A felicidade maior do casamento depende de tantas conveniências que fôra loucura querer reuni-las todas. É preciso, antes de tudo, garantir as mais importantes: quando se encon-

tram as outras tanto melhor; quando faltam cumpre conformar-se. A felicidade perfeita não é deste mundo, mas a maior desgraça, e a que sempre podemos evitar, é a de ser infeliz por culpa própria.

“Há conveniências naturais, outras há de instituições, e outras ainda ligadas unicamente à opinião. Os pais são juizes das duas últimas espécies, os filhos das da primeira. Os casamentos que se fazem por autoridade dos pais regulam-se unicamente pelas conveniências de instituições e de opinião: não são as pessoas que se casam, são as condições e os bens; mas tudo isso pode mudar. Só as pessoas ficam e se transportam por toda parte com tais conveniências; a despeito da fortuna é somente pelas relações pessoais que um casamento pode ser feliz ou infeliz.

“Tua mãe tinha condição social, eu era rico; eis as únicas considerações que levaram nossos pais a nos unirem. Perdi meus bens, ela perdeu sua situação: esquecida da família, que lhe adianta hoje ter tido grande berço? Em nossas desgraças a união dos corações consolou-nos de tudo; a identidade de gostos fez com que escolhêssemos este retiro; aqui vivemos em paz na pobreza, somos tudo um para outro. Sofia é nosso tesouro comum; louvamos o céu por nos ter dado este e tirado o resto. Vê, minha filha, onde nos conduziu a Providência; as conveniências que nos fizeram casar, esvaíram-se; não somos felizes senão em virtude das que desprezaram.

“Cabe aos esposos se ajustarem. A inclinação mútua deve ser seu primeiro laço; seus olhos, seus corações devem ser seus primeiros guias; pois, como seu primeiro dever é de se amarem, e que amar ou não amar não depende de nós, esse dever comporta necessariamente outro, que é o de começar por amar antes de se unir. É o direito da natureza, que nada pode abrogar: os que a perturbaram com tantas leis civis pensaram mais na ordem aparente do que na felicidade do casamento e nos costumes dos cidadãos. Vê, minha Sofia, que não te pregamos uma moral difícil. Ela só tende a te tornar senhora de ti mesma e a confiarmos em ti quanto à escolha de teu esposo.

“Depois de te ter dito nossas razões para te deixar uma inteira liberdade, é justo falar-te também das vossas para que as uses com sabedoria. Minha filha, tu és boa e sensata, tens a retidão e a devoção, tens os talentos que convêm a mulheres honestas, e tu não és desprovida de encantos; mas tu és po-

bre; tens os bens mais estimáveis e careces dos que mais estimam. Não aspire pois senão ao que podes obter e regra tua ambição, não pelos teus juízos nem pelos nossos, e sim pela opinião dos homens. Se se tratasse tão-somente de uma questão de mérito, ignoro a que deveria limitar tuas esperanças; mas não a ergas acima de tua fortuna e não esqueças de que ela se encontra no mais baixo nível. Embora um homem digno de ti não tenha em conta essa desigualdade como um obstáculo, deves fazer então o que ele não fará: Sofia deve imitar sua mãe e só entrar numa família que se honre dela. Tu não viste nossa opulência, nasceste durante nossa pobreza; tu no-la tornas doce e a partilhas sem pena. Acredita-me Sofia, não procures os bens de cuja libertação louvamos o céu; só tivemos a felicidade depois de termos perdido a riqueza.

“És demasiado amável para não agradares a ninguém e tua miséria não é tal que um homem de bem se veja embaraçado contigo. Serás procurada e o poderás ser por pessoas que não nos valerão. Se se mostrassem a ti como são, tu os estimarias pelo que valem; todo seu luxo não te impressionaria muito tempo; mas, embora tenhas o juízo sadio e entendas de mérito, careces de experiência e ignoras até onde os homens podem mascarar-se. Um malandro hábil pode estudar teus gostos para te seduzir, e simular virtudes que não terá. Ele te deitaria a perder, Sofia, antes que o percebesse, e só conhecerias teu erro para chorá-lo. A mais perigosa de todas as armadilhas, e a única que a razão não pode evitar, é a dos sentidos; se jamais tiveres a infelicidade de cair nela, não verás mais senão ilusões e quimeras; teus olhos se fascinarão, teu julgamento se perturbará, tua vontade será corrompida, teu próprio erro te será caro; ainda que estivesse em condição de conhecê-la, não desejarias voltar atrás. Minha filha, é a razão de Sofia que te entrego; não à inclinação de seu coração. Na medida em que estiveres de sangue frio, permanece teu próprio juiz; mas logo que amares devolve a tua mãe o cuidado de ti.

“Proponho-te um acordo que te mostre nessa estima e restabeleça a ordem natural entre nós. Os pais escolhem o esposo da filha e só a consultam pela forma; é o costume. Nós faremos o contrário: tu escolherás e nós seremos consultados. Usa de teu direito, Sofia; usa livremente e sabiamente. O esposo que te convém deve ser de tua escolha e não da nossa. Mas a nós é que cabe julgar se não te enganas acerca das conveniências, e se, sem o saberes, não estás fazendo coisa dife-

rente do que queres. | O nascimento, os bens, a situação social, a opinião nada terão a ver com nossas razões. Escolhe um homem de bem que te agrade e cujo caráter te convenha: qualquer que seja, nós o aceitaremos como genro. Sua fortuna será bastante grande, desde que tenha braços, bons costumes e que ame sua família. Seu lugar na sociedade será sempre bastante ilustre, se o enobrecer pela virtude. E que todos nos censurem, que importa? Não procuramos a aprovação pública, basta-nos tua felicidade.”

Leitores, ignoro que efeito teriam semelhantes palavras para as jovens educadas à vossa maneira. Quanto a Sofia, talvez não responda com palavras; o pudor e a ternura não a deixariam expressar-se facilmente; mas tenho certeza de que ficarão gravadas em seu coração o resto da vida e se se pode confiar numa resolução humana, é na que a levará a ter de ser digna da estima de seus pais.

Encaremos o pior, e demos-lhe um temperamento ardente que lhe torne penosa uma longa espera; digo que seu juízo, seus conhecimentos, seu gosto, sua delicadeza, e sobretudo os sentimentos com que alimentaram seu coração desde a infância, oporão à impetuosidade de seus sentidos um contrapeso que bastará para dominá-los ou, ao menos, para resistir-lhes muito tempo. Ela morreria mártir de preferência a afligir seus pais, a desposar um homem sem mérito, a expor-se à desgraça de um casamento mal ajustado. A liberdade que recebeu não faz senão dar-lhe uma nova elevação de alma e torná-la mais difícil na escolha de seu senhor. Com o temperamento de uma italiana e a sensibilidade de uma inglesa, ela tem, para conter seu coração, o orgulho de uma espanhola que, mesmo procurando um amante, não encontra facilmente quem ela estime digno dela.

Não cabe a todo mundo sentir que força o amor às coisas honestas pode dar à alma e que energia se pode encontrar em si quando se quer ser sinceramente virtuoso. Há pessoas a quem tudo o que é grande parece quimérico e que, em sua baixa e vil razão, não conhecerão jamais o que pode a própria loucura da virtude sobre as paixões humanas. Não se deve falar a essa gente senão com exemplos; tanto pior se se obstina em negar. Se dissesse a essas pessoas que Sofia não é um ser imaginário, que somente seu nome é de minha invenção, que sua educação, seus costumes, seu caráter, e até sua fisionomia existiram realmente, e que sua lembrança ainda custa lágrimas

a toda uma honesta família, sem dúvida não acreditariam; mas finalmente que arrisco em terminar a história de um jovem tão semelhante a Sofia, que esta história poderia ser a dela sem que se devesse ficar surpreendido? Que a acreditem verdadeira ou não, pouco importa; terei, se quiserem, me valido de uma ficção, mas terei explicado meu método, e alcançado meus fins.

A jovem com o temperamento que acabo de atribuir a Sofia, tinha com esta todas as afinidades que poderiam justificar-lhe o nome e este nome eu lhe deixo. Depois do colóquio que relatei, seus pais, julgando que os partidos não viriam oferecer-se na aldeia em que moravam, mandaram-na passar um inverno na cidade, em casa de uma tia que elucidaram em segredo acerca do motivo da viagem; porque a altiva Sofia trazia no fundo de seu coração o nobre orgulho de saber triunfar por si; e por maior necessidade que tivesse de um marido, morreria solteira de preferência a ir procurá-lo.

Para atender aos desejos dos pais, a tia apresentou-a em várias casas, levou-a a reuniões, a festas, fê-la conhecer gente, ou antes mostrou-a por toda parte, pois Sofia se preocupa muito pouco com tanto barulho. Observaram, entretanto, que não fugia dos jovens de porte agradável e que pareciam decentes e modestos. Ela tinha, com sua reserva, certa arte de atraí-los, que se assemelhava bastante à faceirice; mas depois de se entreter com eles duas ou três vezes, ela se desinteressava. Ao ar de autoridade com que parecia aceitar as homenagens, ela substituíra uma atitude mais humilde e uma cortesia mais hostilizante. Sempre atenta a si mesma, não lhes fornecia mais oportunidade para o menor serviço: o que significava que não queria ser a namorada.

Nunca os corações sensíveis amaram os prazeres ruidosos, felicidade estéril e vã das pessoas que não sentem nada e que imaginam que gozar a vida consiste em se aturdir. Sofia não encontrava o que procurava e, desesperando de encontrar, aborreceu-se com a cidade. Amava ternamente os pais, e nada a compensava da sua ausência, nada podia fazer com que os esquecesse; retornou à companhia deles muito antes da data marcada para a volta.

Mal retomara suas funções na casa paterna, viram que, embora mantendo a mesma conduta, mudara de humor. Tinha distrações, impaciência, era triste e nervosa e escondia-se para chorar. Pensaram a princípio que ela amava e tinha vergonha

disso: falaram-lhe, ela protestou. Declarou não ter visto ninguém que pudesse tocar-lhe o coração e Sofia não mentia.

Entretanto seu langor aumentava incessantemente e sua saúde começava a alterar-se. Sua mãe, inquieta com a mudança, resolveu enfim descobrir a causa. Chamou-a de lado e apelou para essa linguagem insinuante e esses carinhos invencíveis que só a ternura materna sabe empregar. Minha filha, tu que eu carreguei nas entranhas e que sempre carrego no meu coração, derrama os segredos do teu no seio de tua mãe. Que segredos são esses que uma mãe não pode conhecer? Quem lamenta tuas penas, quem as partilha, quem as quer aliviar, senão teu pai e tua mãe? Ah! minha filha, queres que eu morra de tua dor sem a conhecer?

Longe de esconder suas tristezas à mãe, a jovem não desejava senão tê-la como consoladora e confidente; mas o pudor impedia-a de falar, e sua modéstia não encontrava a linguagem para descrever um estado tão pouco digno dela quanto a emoção que lhe perturbava os sentidos. Finalmente, o próprio pudor servindo de indício, sua mãe arrancou-lhe a humilhante confissão. Longe de afligi-la com injustas reprimendas, a mãe consolou-a, lamentou-a, chorou com ela; ela era demasiado bem comportada para que sua mãe encarasse como um crime um mal que somente a virtude tornava tão cruel. Mas por que suportar sem necessidade um mal cujo remédio era tão fácil e legítimo? Por que não usava da liberdade que lhe haviam dado? Por que não aceitava um marido? Por que não o escolhia? Não sabia que sua sorte dependia dela mesma e que, qualquer que fosse, a escolha seria confirmada, porquanto não podia fazer nenhuma que não fosse honesta? Tinham-na mandado à cidade e ela não quisera ficar; vários partidos se tinham apresentados, ela os recusara. Que esperava então? Que queria? Que contradição inexplicável!

A resposta era simples. Se se tratasse apenas de um recurso para a juventude, a escolha não demoraria; mas não é fácil escolher um senhor para a vida inteira; e como não é possível separar as duas escolhas, é preciso esperar e muitas vezes perder a mocidade antes de encontrar o homem com que se deseja viver. Tal era o caso de Sofia: precisava de um amante, mas esse amante devia ser seu marido; e para o que seu coração desejava, um era tão difícil de encontrar quanto o outro. Todos aqueles jovens tão brilhantes só tinham com ela a conve-

niência da idade, faltava-lhes o resto sempre; o espírito superficial deles, sua vaidade, seu jargão, seus costumes desregrados, suas frivolidades, desgostavam-na. Ela procurava um homem e só encontrava macacos; procurava uma alma e não encontrava nenhuma.

Como sou desgraçada! dizia à mãe; tenho necessidade de amar e nada vejo que me agrade. Meu coração rejeita todos os que atraem meus sentidos. Não vejo nenhum que não excite meus desejos e nenhum que não os reprima; uma inclinação sem estima não pode durar. Não, não são esses homens que Sofia precisa! Seu amável modelo está gravado demasiado fundo em sua alma. Ela não pode amar senão ele, não pode tornar feliz senão ele, não pode ser feliz senão com ele. Prefere consumir-se e lutar sem cessar, preferiria morrer infeliz e livre a morrer desesperada junto de um homem que não amasse e que tornaria desgraçado; é melhor não ser a ser somente para sofrer.

Impressionada com essas singularidades, sua mãe as achou demasiado estranhas para não suspeitar nelas algum mistério. Sofia não era nem preciosa nem ridícula. Como tão extremada delicadeza podia ocorrer-lhe, a ela a quem nada tinham ensinado desde a infância senão a acomodar-se às pessoas com as quais devia viver, e a fazer da necessidade virtude? Esse modelo de homem amável com o qual Sofia se encantava, e que voltava a todas as conversações, levou a mãe a conjecturar que o capricho tinha outro fundamento que ainda ignorava e que Sofia não lhe dissera tudo. A infeliz, sobrecarregada com sua dor secreta, não queria senão abrir-se. Sua mãe aperta-a, ela hesita; rende-se enfim, e saindo sem nada dizer, volta um momento depois com um livro na mão: "Tende pena de vossa desgraçada filha, sua tristeza é sem remédio, suas lágrimas não podem secar. Quereis saber a causa, pois bem, ei-la", diz jogando o livro sobre a mesa. A mãe pega o livro e abre-o: *Aventuras de Telêmaco*. Nada compreende a princípio nesse enigma; à força de perguntas e de respostas obscuras, ela vê enfim, com uma surpresa fácil de se conceber, que sua filha é a rival de Eucaris.

Sofia amava Telêmaco e com uma paixão de que nada a poderia curar. Logo que sua mãe e seu pai conheceram sua mania, pensaram curá-la pela razão. Enganaram-se: a razão não estava toda do lado deles; Sofia tinha também a sua e sabia fazê-la valer. Quantas vezes lhe impôs silêncio servindo-

-se contra eles de seus próprios raciocínios, mostrando-lhes que eles próprios tinham feito todo o mal, que não a tinham formado para um homem do século; fora preciso necessariamente que ela adotasse as maneiras de seu marido ou que lhes desse as dela; que eles lhe tinham tornado o primeiro meio impossível e que o outro era precisamente o que procurava. Dai-me, dizia ela, um homem imbuído de meus princípios ou aos quais eu possa trazê-lo e eu o desposo; mas até então por que me censurais? Tende pena de mim, sou infeliz e não louca. Depende o coração da vontade? Não o disse meu pai ele próprio? É culpa minha se amo o que não existe? Não sou visionária; não quero um príncipe; não procuro Telêmaco, sei que é uma ficção: procuro alguém que se assemelhe a ele. E por que esse alguém não pode existir, se existo, eu que sinto um coração tão semelhante ao dele? Não, não desonremos assim a humanidade; não pensemos que um homem amável e virtuoso não passa de uma quimera. Ele existe, ele vive, me procura talvez; procura uma alma que o saiba amar. Mas quem é ele? onde está? Eu o ignoro: não é nenhum dos que eu vi; não é sem dúvida nenhum dos que verei. Ó minha mãe, por que me tornastes a virtude tão amável? Se só a ela posso amar, a culpa cabe mais a vós do que a mim.

Levarei esta triste narrativa até sua catástrofe? Direi dos longos debates que a precederam? Mostrarei uma mãe impaciente transformando em rigor seus primeiros carinhos? Mostrarei um pai irritado esquecendo suas primeiras promessas e tratando como louca a mais virtuosa das filhas? Pintarei, enfim, a infeliz, mais presa ainda à sua quimera pela perseguição que a faz sofrer, marchando a passos lentos para a morte e descendo ao túmulo no momento em que pensam levá-la ao altar? Não, afasto esses temas funestos. Não preciso ir longe para mostrar com um exemplo assaz impressionante, parecem-me, que, apesar dos preconceitos que nascem dos costumes do século, o entusiasmo pelo honesto e o belo não é mais estranho às mulheres do que aos homens e que não há nada que não se possa obter delas como de nós sob a direção da natureza.

Detêm-me aqui para perguntar-me se é a natureza que nos prescreve tanto cuidado para reprimir desejos imoderados. Respondo que não, mas também que não é a natureza que nos dá tantos desejos imoderados. Ora, tudo o que não é ela, é contra ela: provei-o mil vezes.

Entreguemos a nosso Emílio sua Sofia: ressuscitemos essa amável jovem para dar-lhe uma imaginação menos viva e um destino mais feliz. Eu queria pintar uma mulher comum; e à força de elevar-lhe a alma perturbei sua razão; perdi-me eu mesmo. Voltemos atrás. Sofia não tem senão um bom natural numa alma comum: tudo o que tem de mais do que as outras é efeito de sua educação.

Propus a mim mesmo neste livro dizer tudo o que se podia fazer, deixando a cada um a escolha do que está a seu alcance no que pude ter dito de certo. Eu pensara desde o início formar de longe a companheira de Emílio e a educá-los um para o outro e um com o outro. Mas, refletindo, verifiquei que todos esses arranjos prematuros eram mal compreendidos e que era absurdo destinar duas crianças a se unirem antes de poder saber se essa união estava na ordem da natureza, e se teriam entre si relações convenientes para a formar. Não se deve confundir o que é natural no estado selvagem e o que o é na sociedade. No primeiro estado todas as mulheres convêm a todos os homens, porque uns e outros não têm ainda senão a forma primitiva e comum; na segunda, cada caráter sendo desenvolvido pelas instituições sociais, e cada espírito tendo recebido sua forma própria e determinada, não dá educação somente, mas do concurso bem ou mal ordenado do natural e da educação, não é mais possível ajustá-los senão os apresentando um a outro para ver se se convêm de todos os pontos de vista, ou para preferir, ao menos, a escolha que dá mais conveniências.

O mal está em que, desenvolvendo os caracteres, o estado social distingue as classes e que uma das duas ordens não sendo semelhante à outra, quanto mais se distinguem as condições mais se confundem os caracteres. Daí os casamentos desiguais e todas as desordens que deles provêm; do que se vê, por uma consequência evidente, que quanto mais nos afastamos da igualdade, mais se alteram os sentimentos naturais; quanto maior o intervalo entre os grandes e os pequenos, mais o laço conjugal se relaxa; quanto mais ricos e pobres, menos pais e maridos. Nem o senhor nem o escravo têm mais família; cada um não vê senão sua condição.

Quereis prevenir os abusos e conseguir casamentos felizes, esmagai os preconceitos, esquecei as instituições humanas, e consultai a natureza. Não junteis pessoas que só se convêm

em dada condição e que não se convirão mais, em faltando essa condição, e sim pessoas que se convirão em qualquer situação em que se achem, em qualquer país que habitem, em quaisquer condições em que possam cair. Não digo que as relações convencionais sejam indiferentes no casamento, mas digo que a influência das relações naturais têm importância tão maior que só ela decide da sorte da vida, e que há certa conveniência de gostos, humores, sentimentos, caracteres, que deveria induzir um pai sensato, príncipe, monarca que fosse, a dar sem hesitar a seu filho a jovem que tivesse essa conveniência, fôsse ela de família desonesta ou filha de carrasco. Sim, sustento que ainda que caíssem todas as desgraças imagináveis sobre dois esposos bem unidos, êles gozariam de uma felicidade mais verdadeira em chorar juntos, do que teriam, com todas as mercês da terra, de corações desunidos.

Ao invés, portanto, de destinar desde a infância uma esposa a meu Emílio, esperei conhecer a que lhe convém. Não sou eu que o estabeleço, é a natureza; minha tarefa consiste em descobrir a escolha que ela fez. Minha tarefa, e digo a minha e não a do pai, pois, em me confiando seu filho, êle substitui meu direito ao dele; eu é que sou o verdadeiro pai de Emílio, eu fui quem o fez homem. Teria recusado educá-lo sem o direito de casar segundo sua escolha, isto é, a minha. Só o prazer de fazer um homem feliz pode pagar o que custa para pô-lo em condições de o ser.

Não penseis tampouco que esperei, para encontrar a esposa de Emílio, que o tivesse posto em instância de procurá-la. Essa procura simulada não passa de um pretexto para fazê-lo conhecer as mulheres, a fim de que sinta o valor da que lhe convém. Há muito Sofia se acha encontrada; talvez Emílio já a tenha visto; mas só a reconhecerá quando chegar a hora.

Embora a igualdade de condições não seja necessária ao casamento, quando essa igualdade se junta às demais conveniências, ela lhes dá mais valor; não entra na balança com nenhuma outra, mas pesa em tudo, sendo igual.

Um homem, a menos de ser um monarca, não pode procurar mulher de qualquer condição, pois os preconceitos que não tiver ele os encontrará nos outros; e talvez não possa obter tal ou qual jovem que lhe convenha. Há portanto preceitos de prudência que devem limitar as pesquisas de um pai judicioso. Não deve querer dar ao filho uma situação aci-

ma de sua condição, pois isso não depende dele. Ainda que o pudesse não o deveria assim mesmo; pois que importa a situação ao jovem, pelo menos ao meu? Subindo, ele se expõe a mil males reais que sentirá durante toda a vida. Digo até que ele não deve querer compensar bens de naturezas diversas, como a nobreza e o dinheiro, porque cada um deles acrescenta menos valor ao outro do que recebe de alteração; demais não se concorda nunca na avaliação recíproca; finalmente a preferência que cada qual dá à sua contribuição prepara a discórdia entre duas famílias e amiúde entre dois esposos.

É também muito diferente, quanto à ordem do casamento, que o homem se alie acima ou abaixo de si. O primeiro caso é inteiramente contrário à razão; o segundo é mais razoável. Como a família só se prende à sociedade pelo seu chefe, é a condição desse chefe que regula a da família toda. Quando ele se casa num nível mais baixo, não desce, eleva a esposa; ao contrário, quando o faz em nível mais alto, ele a abaixa sem se elevar. Assim, no primeiro caso, há bem sem mal e, no segundo, mal sem bem. Demais, está na ordem da natureza que a mulher obedeça ao homem. Quando ele a escolhe num nível inferior, a ordem natural e a ordem social se acordam e tudo vai bem. É o contrário quando, casando-se num nível superior ao seu, o homem coloca-se na alternativa de ferir seu direito ou sua gratidão, de ser ingrato ou desprezado. Então a mulher, tendo pretensões à autoridade, torna-se o tirano de seu chefe; e o senhor transformado em escravo sente-se a mais ridícula e miserável das criaturas. Assim são os infelizes favoritos que os reis da Ásia honram e atormentam com seus casamentos e que, para dormirem com suas mulheres, não ousam entrar na casa senão como suplicantes.

Prevejo que muitos leitores meus, lembrando-se de que dou à mulher um talento natural para governar o homem, me acusarão de contradição; enganam-se entretanto. Há grande diferença entre se arrogar o direito de mandar e governar quem manda. O império da mulher é um império de doçura, de habilidade e de complacência; suas ordens são carinhos, suas ameaças são lágrimas. Ela deve reinar na casa como um ministro de Estado, fazendo com que comandem o que quer fazer. Neste sentido os lares mais felizes são em geral aqueles em que a mulher tem mais autoridade: mas quando ela despreza a voz do chefe, quando quer usurpar os direitos dele e mandar só-

zinha, o que resulta da desordem é miséria, é escândalo, é desonra.

Resta ainda a escolha, para o homem, entre suas iguais e suas inferiores; e creio ainda que alguma restrição deve ser feita quanto às últimas, porque é difícil na borra do povo uma esposa capaz de fazer a felicidade de um homem de bem: não porque sejam mais viciados nas últimas camadas do que nas primeiras, e sim porque nelas não se tem muita idéia do que é belo e honesto, e que a injustiça das outras situações leva-as a verem a justiça em seus vícios mesmos.

O homem não pensa naturalmente. Pensar é uma arte que se aprende como todas as outras, e até mais dificilmente. Só conheço para os dois sexos duas classes distintas: uma das pessoas que pensam, outra das que não pensam; e essa diferença vem unicamente da educação. Um homem da primeira dessas duas classes não deve unir-se com pessoa da outra; porque o maior encanto da associação falta à sua quando, tendo uma mulher, ele se vê reduzido a pensar sozinho. As pessoas que passam a vida inteira trabalhando para viver não pensam noutra coisa senão em seu trabalho e em seu interesse, e todo o seu espírito parece estar em suas mãos. Esta ignorância não é nociva nem à probidade nem aos bons costumes; amiúde até ela lhes é útil; muitas vezes a gente obvia a seus deveres, acomodando-se à força de refletir sobre eles e acaba pondo um jargão no lugar das coisas. A consciência é o mais esclarecido dos filósofos: não é preciso conhecer os *Ofícios* de Cícero para ser homem de bem; e a dama mais honesta é talvez quem menos sabe o que seja honestidade. Não é menos verdade, entretanto, que só um espírito cultivado torna as relações agradáveis. E é uma coisa triste para um chefe de família, que se compraz em seu lar, ser forçado de aí se fechar em si mesmo sem poder ser compreendido por ninguém.

Demais, como uma mulher que não tem o hábito de refletir educará seus filhos? Como poderá discernir o que lhes convém? Como os inclinará para as virtudes que não conhece? Não saberá senão lisonjeá-los ou ameaçá-los, torná-los insolentes ou medrosos; fará deles macacos alambicados ou moleques avoados, nunca bons espíritos nem crianças amáveis.

Não convém portanto, a um homem que tem educação, tomar uma mulher que não tem, nem, por conseguinte, numa classe em que não a têm. Mas eu ainda preferiria cem vezes

mais uma jovem simples e grosseiramente educada, a uma jovem culta e enfatuada, que viesse estabelecer no lar um tribunal de literatura de que seria presidenta. Uma mulher assim é o flagelo do marido, dos filhos, dos amigos, dos criados, de todo mundo. Do alto de seu gênio, ela desdenha todos os seus deveres de mulher, e começa sempre por se fazer homem à maneira de Mlle de l'Enclos. Fora de casa ela é sempre ridícula e mui justamente criticada, pois não se pode deixar de sê-lo quando se sai de sua condição e não se é feito para a que se quer ter. Todas essas mulheres de grandes talentos só aos tolos impressionam. Sabe-se sempre quem é o artista ou o amigo que maneja a pena ou o pincel quando trabalham; sabe-se qual o homem de letras que lhes dita em segredo seus oráculos. Toda essa charlatanice é indigna de uma mulher honesta. E ainda que tenha verdadeiro talento, sua pretensão o avilta. Sua dignidade está em ser ignorada, sua glória na estima de seu marido; seus prazeres na honra de sua família. Leitores, apelo para vossos próprios testemunhos, sede de boa-fé: que mais vos dá melhor impressão de uma mulher ao entrardes no seu quarto, que voz faz tratá-la com mais respeito, vê-la ocupada nos trabalhos de seu sexo, nos cuidados de seu lar, cercada de roupas das crianças, ou encontrá-la escrevendo versos no toucador, cercada de brochuras de toda espécie e de cartõezinhos pintados de todas as cores? Toda jovem letrada permanecerá solteira a vida inteira, em só havendo homens sensatos na terra.

Quaeris cur nolim te ducere, Galla? diserta es.

Depois destas considerações vem a do aspecto; é a primeira que impressiona e a última que se deve fazer, embora não deva contar por nada. A grande beleza se me afigura mais de se fugir dela que de se a procurar no casamento. A beleza desgasta-se rapidamente pela posse; ao fim de seis semanas ela nada mais é para o possuidor, mas seus perigos duram tanto quanto ela. A menos que a linda mulher seja um anjo, seu marido é o mais infeliz dos homens; e ainda que seja um anjo como poderá impedir a si mesma de estar sempre cercada de inimigos? Se a extrema feiúra não fosse asquerosa, eu a preferiria à extrema beleza; pois, tornando-se uma e outra nulas para o marido dentro de pouco tempo, a beleza vira inconveniente e a feiúra vantagem. Mas a feiúra que provoca asco é

a maior das desgraças; tal sentimento, longe de se esvaír, aumenta sem cessar e transforma-se em ódio. Um casamento dêsse tipo é um inferno. Mais vale morrer do que se unir assim.

Desejai em tudo a mediocridade, sem exceção da própria beleza. Um rosto agradável e atencioso, que não inspire o amor e sim a simpatia, é o que se deve preferir; não acarreta prejuízo para o marido e a vantagem redunda em proveito comum: as graças não se desgastam como a beleza; elas têm vida, elas se renovam sem cessar e, ao fim de trinta anos de casamento, uma mulher honesta com graças agrada a seu marido como no primeiro dia.

Tais são as reflexões que pesaram na minha escolha de Sofia. Aluna da natureza como Emílio, ela é feita para ele mais do que qualquer outra; ela será a mulher do homem. É sua igual pelo nascimento e o mérito, inferior pela fortuna. Não encanta à primeira vista mas agrada sempre e sempre mais. Seu maior encanto se exerce aos poucos; não se desenvolve senão na intimidade das relações e seu marido o sentirá mais do que ninguém no mundo. Sua educação não é nem brilhante nem negligente; tem gosto sem estudo, talentos sem arte, bom senso sem conhecimentos. Seu espírito não sabe, mas é cultivado para aprender; é uma terra bem preparada e que só espera a semente para produzir. Como livros só leu Barrême e Telêmaco, que lhe caiu nas mãos por acaso. Mas uma jovem capaz de se apaixonar por Telêmaco terá um coração sem sentimento e um espírito sem delicadeza? Ó amável ignorância! Feliz quem escolherem para instruí-la! Ela não será o professor de seu marido e sim sua discípula; longe de querer escravizá-lo a seus próprios gostos, ela adotará os dele. Valerá mais para ele do que se fôsse sábia; ele terá o prazer de tudo lhe ensinar. Já é tempo de se encontrarem; trabalhemos por aproximá-los.

Partimos de Paris tristes e pensativos. Esse lugar de focas não é nosso centro. Emílio deita um olhar de desdém para essa grande cidade e diz com desgosto: "Quantos dias perdidos em vãs pesquisas! Não é aí que se acha a esposa de meu coração. Meu amigo, vós o sabíeis muito bem, mas meu tempo não vos custa nada, e meus males pouco vos fazem sofrer". Eu o encaro fixamente e digo-lhe sem me comover: "Emílio, acreditais no que dizeis?" No mesmo instante ele me abraça confuso, sem responder. É sempre sua resposta quando não tem razão.

Eis-nos pelos campos como verdadeiros cavaleiros andantes; não como eles procurando aventuras; ao contrário, delas fugimos deixando Paris; mas imitando bastante bem seu andar desigual, ora correndo, ora andando a passos miúdos. À força de seguir meu método ter-lhe-ão sem dúvida entendido o espírito; e não imagino nenhum leitor ainda bastante imbuído dos usos para nos supor ambos adormecidos numa boa diligência bem fechada, deambulando sem nada ver, sem nada observar, tornando nulo para nós o intervalo entre a partida e a chegada, e na rapidez de nossa marcha perdendo o tempo para poupá-lo...

Os homens dizem que a vida é curta, e eu vejo que eles se esforçam para assim a tornar. Não sabendo empregá-la, queixam-se da rapidez do tempo, e eu vejo que passa demasiado lentamente para seu gosto. Sempre ansioso pelo objeto a que aspiram, lamentam o intervalo que dele os separa: um desejaria já estar no dia seguinte, outro um mês depois, outro dez anos mais tarde; nenhum quer viver hoje; ninguém está contente com a hora presente, todos a acham lenta demais. Quando se queixam de que o tempo passa demasiado depressa, mentem; pagariam de bom grado o poder de acelerá-lo; empregariam de bom grado sua fortuna em consumir a vida inteira; e talvez não haja um só que não reduzisse seus anos a poucas horas, em sendo senhor de suprimir ao sabor de seu tédio as que lhe pesem, e ao sabor de sua impaciência as que o separem do momento desejado. Há quem passe metade da vida indo de Paris a Versalhes, de Versalhes a Paris, da cidade à roça, da roça à cidade, e de um bairro a outro, e que se sentiria muito embaraçado se não tivesse o segredo de as perder assim, e que se afasta propositadamente de seus negócios para se ocupar com ir procurá-los. Pensa ganhar o tempo que gasta a mais, e que de outro não saberia como empregar; ou, ao contrário, corre por correr, e anda de diligência sem outro objetivo senão o de voltar do mesmo modo. Mortais, não deixareis nunca de caluniar a natureza? Por que vos queixardes de que a vida é curta, se ela não é ainda tão curta quanto o desejais? Se há algum de vós que saiba pôr suficiente temperança em seus desejos, para nunca desejar que o tempo passe, não a estimará tão curta; viver e gozar serão para ele a mesma coisa; e ainda que viesse a morrer jovem, morreria cumulado de dias.

Mesmo se tivesse tão-somente esta vantagem em meu método, já só por isso fôra preciso preferi-lo a qualquer outro. Não eduquei meu Emílio para desejar nem esperar, e sim para gozar; e quando ele projeta seus desejos além do presente, não o faz com tão impetuoso ardor para se sentir importunado com a lentidão do tempo. Não gozará apenas do prazer de desejar como também de ir ao objeto que deseja; e suas paixões são tão moderadas que está sempre mais onde está do que onde vai estar.

Nós não viajamos, portanto, como estafetas e sim como viajantes. Não pensamos somente nos dois termos, mas também no intervalo que os separa. A própria viagem é um prazer para nós. Não o fazemos tristemente sentados e como prisioneiros numa gaiola bem fechada. Não viajamos na moleza e no relaxamento das mulheres. Não afastamos de nós nem o ar livre, nem o panorama dos objetos que nos cercam, nem a comodidade de os contemplar à vontade quando nos agrada fazê-lo. Emílio nunca entrou numa diligência nem anda nos cavalos de posta a menos que tenha pressa. Mas de que tem pressa Emílio? De uma única coisa: gozar a vida. Acrescentarei também de fazer o bem quando pode? Não, porque mesmo isso é gozar a vida.

Só concebo uma maneira de viajar mais agradável do que a cavalo: é ir a pé. Parte-se quando se quer, pára-se quando se entende, faz-se tanto exercício quanto se deseja. Observa-se toda a região; olha-se para a esquerda e para a direita; examina-se o que apraz e a gente se detém quando se agrada do lugar. Vejo um riacho, sigo-o; um bosque copado, procuro sua sombra; uma gruta, visito-a; uma cantaria, analiso as pedras. Fico onde me apraz. Quando me aborreço, vou-me embora. Não dependo nem de cavalos nem de cocheiro. Não preciso escolher caminhos abertos, estradas cômodas; passo por toda parte onde um homem pode passar; vejo tudo que um homem pode ver; e, não dependendo senão de mim mesmo, gozo de toda a liberdade de que um homem pode gozar. Se o mau tempo me detém e que me aborreço, então pego cavalos. Se me canso... Mas Emílio não se cansa nunca; ele é robusto; e por que se cansaria? Não está com pressa. Se pára, como pode aborrecer-se? Leva consigo com que se divertir. Entra num *atelier*, trabalha; exercita seus braços para descansar os pés.

Viajar a pé é viajar como Tales, Platão e Pitágoras. Custa a compreender como um filósofo pode decidir-se por viajar diferentemente e desprezar o exame das riquezas que calca aos pés e que a terra oferece prodigamente à sua vista. Quem, em amando um pouco a agricultura, não quer conhecer as produções peculiares ao clima dos lugares que atravessa, e a maneira de cultivá-las? Quem é que, tendo algum gosto pelas ciências naturais, pode decidir-se a passar por um terreno sem o examinar, por um rochedo sem tirar uma lasca, por montanhas sem herborizar, por pedras sem procurar fósseis? Vossos filósofos de toucador estudam a história natural em gabinetes; são afetados; sabem nomes e não têm nenhuma noção da natureza. Mas o gabinete de Emílio é mais rico que os dos reis; é a terra inteira. Cada coisa tem nêle seu lugar: o naturalista que toma conta dele arranjou tudo numa bela ordem: Daubenton não faria melhor.

Quantos prazeres diferentes juntamos com essa maneira agradável de viajar! Sem contar a saúde que se afirma, o humor que se alegra. Sempre vi os que viajavam em bons carros confortáveis, sonhadores, tristes, carrancudos ou sofredores; e os pedestres sempre alegres, contentes com tudo. Como o coração ri quando nos aproximamos do pouso! Como uma refeição grosseira nos parece saborosa! Que bom sono se tem num mau leito! Quando só se quer chegar cumpre correr de diligência; mas quando se quer viajar, é preciso ir a pé.

Se antes de termos feito cinqüenta léguas assim como imagino, Sofia não estiver esquecida, será por eu ter sido pouco hábil ou Emílio pouco curioso; pois, com tantos conhecimentos elementares, é difícil que não seja tentado a adquirir outros. Só se é curioso na medida em que se é instruído; ele sabe precisamente bastante para querer aprender.

Entretanto, uma coisa chama outra e nós avançamos sempre. Estabeleci para nossa primeira jornada um termo remoto: o pretexto é compreensível; saindo de Paris, é preciso ir procurar uma mulher longe.

Um dia, depois de nos termos perdido mais que de costume pelos vales, pelas montanhas, não percebendo mais nenhum caminho, não encontramos o nosso. Pouco nos importa, todos os caminhos são bons desde que se chegue: contudo, é preciso chegar algures quando se tem fome. Felizmente encontramos um camponês que nos leva à sua cabana; comemos

com grande apetite seu magro almoço. Vendo-nos tão cansados, tão esfaimados, ele nos diz: "Se o bom Deus vos houvesse conduzido para o outro lado da colina, teríeis sido mais bem recebido... teríeis encontrado uma casa de paz... gente caridosa, tão boa gente!... Essas pessoas não têm coração melhor do que o meu mas são mais ricos, embora digam que o eram bem mais outrora... Não sofrem, graças a Deus, e toda a região aprova o que lhes resta."

Antes tais palavras, o coração de Emílio se expande. "Meu amigo, diz ele olhando-me, vamos para essa casa cujos donos são abençoados pela vizinhança; gostaria muito de os ver; talvez lhes apraza igualmente ver-nos. Estou certo de que nos receberão bem: se são dos nossos, seremos dos deles."

Bem indicada a casa, partimos, erramos pelos bosques, uma grande chuva nos surpreende em caminho; atrasa-nos sem nos deter. Finalmente à noite chegamos à casa designada. Dentro do povoado que a cerca, essa casa, embora simples, tem alguma aparência. Apresentamo-nos e pedimos hospitalidade. Fazem-nos falar com o dono; ele nos questiona, mas com cortesia: sem dizer o objeto de nossa viagem, dizemos o da volta dada. Ele conservou de sua antiga opulência a facilidade de conhecer a condição das pessoas pelas suas maneiras; quem quer tenha vivido na alta sociedade se engana dificilmente a respeito: com tal passaporte somos recebidos.

Mostram-nos um apartamento muito pequeno mas limpo e cômodo; acendem a lareira e encontramos cobertas e lençóis, tudo de que necessitamos. "Como, diz Emílio, surpreso, dir-se-ia que éramos esperados! Como o camponês tinha razão! Que atenção! Que bondade! Que previdência! E com desconhecidos! Imagino-me no tempo de Homero". Sede sensível a tudo isso, digo-lhe, mas não vos espanteis; os estrangeiros são sempre bem recebidos onde são raros; nada torna mais hospitaleiro do que não ter muitas vezes a oportunidade de o ser: é a afluência dos hóspedes que destrói a hospitalidade. No tempo de Homero quase não se viajava e os viajantes eram bem recebidos por toda parte. Somos talvez os únicos viajantes que terão visto por aqui durante o ano todo." Pouco importa, responde ele, já é um elogio saber dispensar hóspedes e recebê-los sempre bem."

Depois de nos secarmos e arranjarmos, vamos procurar o dono da casa; ele nos apresenta sua mulher, ela nos recebe,

não somente com cortesia, mas também com bondade. Seus olhares dirigem-se sobretudo para Emílio. Uma mãe, no seu caso, vê raramente sem inquietação, ou ao menos sem curiosidade, entrar em sua casa um homem dessa idade.

Apressam o jantar por nossa causa. Entrando na sala de jantar, vemos cinco lugares: tomamos assento e sobra um. Uma jovem entra, faz uma grande reverência e senta-se modestamente sem falar. Emílio, ocupado com sua fome e com suas respostas, sauda-a, fala e come. O principal objeto de sua viagem está tão longe de seu pensamento que se acredita ainda longe do fim. A conversa gira em torno dos viajantes que se perdem. “Senhor, diz o dono da casa, vós me pareceis um jovem amável e bem educado; e isto me leva a pensar que chegastes aqui, com vosso preceptor, cansados e molhados, como Telêmaco e Mentor na ilha de Calipso.” O Mentor acrescenta: “E os encantos de Eucaris.” Mas Emílio conhece a *Odisséia* mas não leu *Telêmaco*; não sabe o que seja Eucaris. Quanto à jovem, vejo-a corar até os olhos, abaixá-los para o prato e não ousar respirar. A mãe, que observa o embaraço, faz sinal ao pai e este muda de assunto. Falando de sua solidão, envereda insensivelmente pela narração dos acontecimentos que nela o confinaram; as desgraças de sua vida, a constância de sua esposa, as consolações que encontraram em sua união, a vida doce e tranqüila que levam em seu retiro, tudo sem dizer palavra da jovem. Tudo isso constitui uma narrativa agradável e comovente que não se pode ouvir sem interesse. Emílio, emocionado, enternecido, deixa de comer para escutar. Finalmente, na passagem em que o mais honesto dos homens se estende com maior prazer sobre a dedicação da mais digna das mulheres, o jovem viajante, fora de si, aperta uma das mãos do marido e com a outra toma também a da mulher sobre a qual se inclina num transporte molhando-a de lágrimas. A ingênua vivacidade do jovem comove todo mundo; mas a jovem, mais sensível do que ninguém a essa manifestação de um bom coração, imagina ver Telêmaco afetado pelas desgraças de Filocteta. Desvia discretamente o olhar para ele, a fim de melhor examinar-lhe o rosto e não encontra nada que desminta a comparação. A atitude desembaraçada mostra liberdade sem arrogância; as maneiras são vivas sem futilidade; a sensibilidade torna o olhar mais doce, a fisionomia mais amável: vendo-o chorar, a jovem quase mistura suas lágrimas às dele. Com tão bom pretexto, um pudor secreto a retém: já

se censura as lágrimas a se lhe escaparem, como se fôsse mal derramá-las sobre a própria família.

A mãe, que desde o começo do jantar não deixara de vigiá-la, vê seu constrangimento, e salva-a mandando-a fazer qualquer coisa. Um minuto depois a jovem volta, mas tão mal recuperada que seu desconcerto é visível a todos. A mãe diz-lhe com doçura: "Sofia, acalma-te, não deixarás nunca de chorar as desgraças de teus pais? Tu que os consolas delas, não sejas mais sensível a elas do que eles."

Ao nome de Sofia, teríeis visto Emílio estremecer. Impressionado com tão caro nome, sobressalta-se e deita um olhar ávido para aquela que ousa usá-lo. Sofia, ó Sofia! sois vós quem meu coração procura? sois vós quem meu coração ama? Ele observa, contempla-a com uma espécie de temor e de desconfiança. Não vê exatamente o rosto que imaginara; não sabe se o que vê vale mais ou menos. Estuda cada traço, espia cada movimento, cada gesto; para tudo encontra mil interpretações confusas; daria tudo da vida para que ela se dignasse dizer uma única palavra. Olha-me inquieto, perturbado; seus olhos fazem-me ao mesmo tempo cem perguntas e cem censuras. Parece dizer-me a cada olhar: guiai-me enquanto é tempo; se meu coração se entregar e se enganar, não me consolarei durante a vida toda.

Emílio é o homem da sociedade que menos sabe disfarçar. Como disfarçaria na maior emoção de sua vida, entre quatro espectadores que o examinam e dos quais o mais discreto na aparência é efetivamente o mais atento? Sua perturbação não escapa aos olhos penetrantes de Sofia; os seus próprios, de resto, mostram qual seu objeto: ela vê que essa inquietação ainda não é amor; mas que importa? Ele se interessa por ela e basta; ela será bem infeliz se ele se interessar à toa.

As mães têm olhos como suas filhas, com a experiência a mais. A mãe de Sofia sorri do êxito de nossos projetos. Lê nos corações dos dois jovens; vê que está na hora de fixar o do novo Telêmaco; faz a filha falar. Esta, com sua doçura natural, responde num tom tímido que não deixa de produzir efeito. Ao primeiro som dessa voz, Emílio se rende; é Sofia, não duvida mais. E se não fosse já seria tarde demais para desmentir-se.

É então que as graças dessa jovem encantadora lhe invadem o coração e que ele começa a engulir o veneno com que

ela o embriaga. Ele não fala mais, não responde mais; não vê senão Sofia; não ouve senão ela: se ela diz uma palavra, ele abre a boca; se ela baixa os olhos, ele os abaixa também; se a vê suspirar, suspira: é a alma de Sofia que parece animá-lo. Como a dele mudou em poucos instantes! Já não é mais Sofia quem treme, é Emílio. Adeus liberdade, ingenuidade, franqueza. Confuso, embaraçado, temeroso, ele não ousa mais olhar em redor de si, de medo de ver que o olham. Envergonhado de se deixar penetrar, desejaria tornar-se invisível a todos a fim de se faltar de contemplá-la sem ser observado. Sofia, ao contrário, readquire segurança com o receio de Emílio; vê seu triunfo e goza-o.

No'l mostra già, ben che in suo cor ne rida.

Ela não mudou de atitude; mas, apesar de seu ar modesto e de seus olhos abaixados, seu terno coração palpita de alegria e diz-lhe que Telêmaco foi encontrado.

Se entro aqui na história, demasiado ingênua e simples talvez de seus inocentes amôres, encararão os pormenores como um jogo frívolo e não terão razão. Não se considera suficientemente a importância que deve ter a primeira ligação de um homem com uma mulher no curso da vida de um e de outro. Não se vê que uma primeira impressão, tão viva quanto a do amor, ou da inclinação que o substitui, tem demorados efeitos cujo encadeamento não se percebe com os anos, mas que não cessam de agir até a morte. Dão-nos, nos tratados de educação, grandes digressões inúteis e pedantes sobre os quiméricos deveres das crianças; e não nos dizem nada da parte mais importante e mais difícil de toda a educação, a saber, a crise de passagem da infância à condição de homem. Se pude tornar estes ensaios úteis de algum ponto de vista, será sobretudo por me ter estendido bastante sobre essa parte essencial, omitida pelos outros, e por não me ter deixado desanimar nessa empresa por falsas delicadezas, nem assustar com as dificuldades da língua. Se disse o que é preciso fazer, disse o que devia dizer: pouco me importa ter escrito um romance. É um belo romance o da natureza humana. Não é minha culpa se só se encontra nestas páginas. Deveria ser a história de minha espécie? Sois vós, que a depravais, que fazeis um romance de meu livro.

Uma outra consideração, que reforça a primeira, é que não se trata aqui de um jovem entregue desde a infância ao medo,

à ambição, à inveja, ao orgulho e a todas as paixões que servem de instrumentos às educações comuns; trata-se de um jovem de quem se tem aqui, não somente o primeiro amor, mas também a primeira paixão; e desta paixão, a única talvez que sentirá vivamente em toda a sua vida, depende a última forma que deverá adquirir seu caráter. Suas maneiras de pensar, seus sentimentos, seus gostos, fixados por uma paixão durável, vão adquirir uma consistência que não lhes permitirá mais alterações.

Concebe-se que entre mim e Emílio a noite que se segue a essa reunião não se passa inteira dormindo. Mas como? A simples identidade de um nome deve ter tão grande poder sobre um homem sensato? Haverá apenas uma Sofia no mundo? Assemelham-se tôdas elas pela alma como pelo nome? Todas as que verá serão a sua? É ele bastante louco para se apaixonar assim por uma desconhecida a quem nunca falou? Esperai, jovem, examinai, observai. Não sabeis ainda, sequer, em casa de quem estais; e, em vos ouvindo, já vos imagináramos em vossa casa.

Não é o momento de dar lições e estas não são feitas para serem ouvidas. Não fazem senão aumentar o interesse do jovem por Sofia para justificar sua inclinação. A coincidência dos nomes, o encontro que ele imagina fortuito, minha própria reserva não fazem senão irritar sua vivacidade: já Sofia lhe parece demasiado digna de estima para que não tenha certeza de fazer com que eu a aprecie.

Desconfio muito de que pela manhã Emílio tratará de se arranjar mais cuidadosamente em sua modesta roupa de viagem. Não deixa de fazê-lo; mas eu rio de sua diligência em se acomodar à roupa branca da casa. Penetro seu pensamento; leio nele, com prazer, que procura, preparando devoluções e trocas, estabelecer uma espécie de correspondência que lhe dê o direito de voltar.

Eu esperara encontrar Sofia um pouco mais ajustada por seu lado: enganei-me. Essa faceirice vulgar é boa para aquêles a quem não se quer senão agradar. A do verdadeiro amor é mais requintada; tem outras pretensões. Sofia está vestida com mais simplicidade do que na véspera, mais negligentemente mesmo, embora com uma limpeza sempre escrupulosa. Só vejo faceirice nessa negligência porque nela vejo afetação. Sofia sabe muito bem que uma *toilette* mais requintada é uma decla-

ração; mas não sabe que uma *toilette* mais despretensiosa o é também; mostra que não se contenta com agradar pela maneira de vestir-se, quer agradar também por sua pessoa. Que importa ao apaixonado como esteja arranjada, desde que ele veja que ela se interessa por ele? Já certa de seu domínio, Sofia não se limita a impressionar com seus encantos os olhos de Emílio, quer que o coração dele os procure; não lhe basta que ele os veja, deseja que os imagine. Não viu ele bastante para ser forçado a adivinhar o resto?

É de se crer que, durante nosso colóquio desta noite, Sofia e sua mãe não permaneceram mudas; houve confissões arrancadas, instruções dadas. No dia seguinte, todos se reúnem bem preparados. Não passaram doze horas desde que nossos jovens se viram; não se disseram ainda nenhuma palavra, e vê-se, desde já, que se entendem. Seu encontro não é familiar; é embaraçado, tímido; não se falam; seus olhos parecem evitar-se e já isso é um sinal de entendimento; evitam-se, mas de comum acôrdo; sentem a necessidade do mistério antes de nada se terem dito. Ao partir, pedimos permissão para voltarmos trazer nós mesmos o que levamos. A boca de Emílio pede essa permissão ao pai, à mãe, enquanto seus olhos inquietos, voltados para a filha, lha pedem mais encarecidamente. Sofia não diz nada; não faz nenhum sinal, não parece ver nada, nada ouvir; mas ela cora, e isto é uma resposta ainda mais clara que a de seus pais.

Permitem-nos voltar, mas sem convidar-nos a ficar. Uma tal conduta é normal; oferece-se uma refeição a passantes preocupados com seu pouso, mas não é decente que um apaixonado durma na casa de sua namorada.

Mal saímos dessa casa querida, já Emílio pensa em estabelecer-se por perto: a cabana mais próxima se lhe afigura demasiado longe. Gostaria de dormir nos fossos do castelo. Jovem avoadado! digo-lhe num tom de comiseração, como! já a paixão vos cega? Já não vedes mais nem as conveniências nem a razão! Infeliz! Acreditais amar e quereis desonrar o objeto de vosso amor! Que dirão dela quando souberem que um jovem que sai de sua casa dorme nas cercanias? Vós a amais, dizeis! Cabe-vos então fazerdes com que perca sua reputação? É esse o preço da hospitalidade que seus pais vos ofereceram? Fareis o opróbrio de quem esperais vossa felicidade? “Ah! que importam, responde ele com vivacidade, os

vãos discursos dos homens e suas injustas suspeitas? Não me ensinastes, vós mesmo, a não os ter em conta? Quem sabe mais do que eu quanto respeito Sofia e quanto a quero respeitar? Minha afeição não fará sua vergonha, fará sua glória, será digna dela. Quando meu coração e minhas atenções lhe renderem por toda parte a homenagem que merece, em que poderei ultrajá-la?" Caro Emílio, retruco abraçando-o, raciocinais para vós: aprendei a raciocinar para ela. Não compareis a honra de um sexo com a de outro: têm princípios diferentes. Tais princípios são igualmente sólidos e razoáveis, porque derivam igualmente da natureza, e porque a mesma virtude que vos faz desprezar, para vós, os discursos dos homens, vos obriga a respeitá-los para vossa namorada. Vossa honra está em vós tão-somente, a dela depende de outrem. Negligenciá-la seria ferir a vossa própria, e não dais a vós mesmo o que vós vos deveis, se sois causa de não darem a ela o que lhe é devido.

Então, explicando-lhe as razões dessas diferenças, faço-lhe sentir que injustiça haveria em querer desprezá-las. Quem lhe disse que será o esposo de Sofia, ela cujos sentimentos ignora, ela cujo coração e cujos pais talvez tenham compromissos anteriores, ela que ele não conhece, que talvez não tenha com ele uma das conveniências que podem tornar feliz um casamento? Ignora que qualquer escândalo é para uma jovem uma mancha indelével, que nem sequer o casamento com quem a causa apaga? E que homem sensível quer perder aquela a quem ama? Que homem honesto quer fazer com que uma infeliz lamente para sempre a desgraça de lhe ter agradado?

O jovem, assustado com as conseqüências que o levo a encarar, e sempre extremado em suas idéias, crê já não estar bastante longe da casa de Sofia: apressa o passo para fugir mais rapidamente; olha em derredor para ver se não estamos sendo ouvidos; sacrificaria mil vezes sua felicidade à honra daquela que ama; preferiria não mais a rever a causar-lhe um só aborrecimento. É o primeiro fruto dos cuidados que tive, desde sua juventude, de formar-lhe um coração que soubesse amar.

Trata-se portanto de encontrar um abrigo afastado mas não demasiado. Procuramos, colhemos informações: ficamos sabendo que a duas grandes léguas de distância há uma cidade; vamos procurar alojar-nos aí, de preferência às aldeias mais próximas onde nossa estada se tornaria suspeita. Aí chega enfim

o novo apaixonado, cheio de amor, de esperança, de alegria e sobretudo de bons sentimentos; e eis como, orientando pouco a pouco sua paixão nascente para o que é bom e honesto, levo insensivelmente todas as suas inclinações a se disporem do mesmo modo.

Aproximo-me do fim de minha carreira: já o percebo de longe. Todas as grandes dificuldades estão vencidas, todos os grandes obstáculos superados; nada mais me resta de penoso a fazer senão não estragar minha obra apressando-me em consumá-la. Na incerteza da vida humana, evitemos sobretudo a falsa prudência de imolar o presente ao futuro. É muitas vezes imolar o que é ao que não será. Tornemos o homem feliz em todas as idades, de medo que, depois de tantos cuidados, ele morra antes de o ter sido. Ora, se há um momento feito para gozar a vida é seguramente o fim da adolescência, quando as faculdades do corpo e da alma adquiriram maior vigor, e quando o homem, no meio do seu caminho, vê de mais longe os dois termos que lhe fazem sentir sua brevidade. Se a imprudente juventude se engana, não é porque deseja gozar, é porque procura o prazer onde não está e que, preparando-se assim um futuro miserável, não sabe sequer aproveitar o momento presente.

Imaginal meu Emílio, com pouco mais de vinte anos, bem formado, bem constituído de espírito e de corpo, forte, sadio, bem disposto, hábil, robusto, sensato, dotado de razão, de bondade, de humanidade, de bons costumes, de gosto, amando o belo, fazendo o bem, liberto do império das paixões cruéis, isento do jugo da opinião, mas submisso à lei da sabedoria, e dócil à voz da amizade; possuindo todos os talentos úteis e vários talentos agradáveis, preocupando-se pouco com as riquezas, carregando seus recursos nas mãos, não tendo medo de carecer de pão, em nenhuma circunstância. Ei-lo agora embriagado com uma paixão nascente, seu coração abrindo-se às primeiras ardências do amor: suas doces ilusões fornecem-lhe um novo universo de delícias e de prazeres; ama um objeto amável e mais amável ainda pelo caráter do que pelo físico; espera, espera uma correspondência que sente lhe ser devida.

Foi da concordância dos corações e dos sentidos que se formou a primeira atração deles: esta deve durar. Ele se entrega com confiança, com razão mesmo, ao mais delicioso delírio, sem temor, sem arrependimento, sem remorso, sem outra

inquietação senão a que é inseparável do sentimento de felicidade. Que pode faltar ao seu? Vede, procurai, imaginai o que precisa ainda e possa ser ajustado ao que tem. Ele reúne todos os bens que se podem obter juntos; não há como acrescentar-lhes nenhum em detrimento de outro; ele é feliz na medida em que um homem o pode ser. Irei neste momento abreviar um destino tão doce? Irei perturbar uma volúpia tão pura? Ah! todo o valor da vida está na felicidade que experimenta. Que poderia dar-lhe que valesse o que lhe houvera tirado? Mesmo levando ao auge sua felicidade, destruiria o maior encanto dela. Essa felicidade suprema é cem vezes mais suave esperá-la do que obtê-la; aprecia-se mais quando se a espera do que quando se a experimenta. Ó bom Emílio, ama e sê amado! goza longamente antes de possuir; goza a um tempo o amor e a inocência; goza teu paraíso na terra à espera do outro; não abreviarei este momento feliz de tua vida; filarei esse encantamento; eu o prolongarei o mais possível. Infelizmente cumpre que acabe e dentro de pouco tempo; mas farei ao menos com que dure sempre em tua memória, e que não te arrependas jamais de o teres experimentado.

Emílio não esquece que temos devoluções a fazer. Logo que se acham prontas, pegamos os cavalos e partimos a galope; desta feita, ao partirmos gostaríamos de ter chegado. Quando o coração se abre às paixões ele se abre ao tédio da vida. Se não perdi meu tempo, esta não passará inteira assim.

Infelizmente a estrada é muito bifurcada e a região difícil. Nós nos perdemos; percebe-o ele em primeiro lugar e, sem se impacientar nem se queixar, põe toda a sua atenção em reencontrar o caminho; erra longamente antes de achá-lo e sempre com o mesmo sangue frio. Isso nada vos parece, mas é muito para mim que conheço seu temperamento extremado: vejo o fruto dos cuidados que tive em endurecê-lo aos golpes da necessidade.

Chegamos enfim. A recepção que nos fazem é bem mais simples e atenciosa que da primeira vez; já somos velhos conhecidos. Emílio e Sofia cumprimentam-se com algum embaraço, e não se falam ainda: que diriam na nossa presença? O colóquio de que precisam não exige testemunhas. Passeamos pelo jardim: este tem uma horta muito bem compreendida; e um pomar coberto de belas árvores frutíferas de toda espécie, cortado em diversos sentidos por lindos regatos e canteiros cheios

de flores. Lindo lugar! exclama Emílio, imbuído de seu Homero e sempre entusiasmado. Eu imagino ver o jardim de Alcínoo. A filha desejaria saber o que é Alcínoo e a mãe o pergunta. Alcínoo, digo-lhe, era um rei de Corcira, cujo jardim, descrito por Homero, é criticado pelas pessoas de gosto como demasiado simples e pouco arranjado¹³. Esse Alcínoo tinha uma filha amável que, na véspera de um estrangeiro ter recebido hospedagem na casa de seu pai, sonhou que teria logo um marido. Sofia, confusa, cora, baixa os olhos, morde a língua, não se pode imaginar tão grande embaraço. O pai que se compraz em aumentá-lo, toma a palavra e diz que a jovem princesa ia ela própria lavar a roupa no regato. Acreditai, continua, que tenha recusado tocar nas toalhas sujas dizendo que cheiravam a cozinha? Sofia, que sente a alusão, esquecendo sua timidez natural, desculpa-se com vivacidade: seu pai sabe muito bem que a roupa branca não teria tido outra lavadeira se a tivessem deixado fazer¹⁴ e que ela fizera muito mais se lho tivessem ordenado. Com tais palavras, ela me olha às escondidas com uma inquietação de que não posso deixar de rir, len-

(13) "Saindo do palácio encontra-se um vasto jardim de alguns hectares, cercado de todos os lados, plantado com grandes árvores floridas, produzindo peras, granadas, e maçãs das mais belas espécies, figueiras de doces frutos e oliveiras verdejantes. Nunca durante o ano inteiro essas belas árvores ficam sem frutos: inverno e verão, o doce sopro do vento do oeste faz a um tempo com que se formem uns e amadureçam outros. Vêem-se a maçã e a pêra envelhecerem e secarem na árvore, o figo na figueira, e o cacho na cepa. A vinha, inesgotável, nunca deixa de dar novas uvas; fazem cozinhar e secar uma ao sol, enquanto ainda colhem outras, deixando na planta as que ainda estão em flor, em agraço ou que começam a se colorir. A um dos lados, dois canteiros, bem cultivados, e cobertos o ano inteiro de flores, são ornamentados com duas fontes, uma das quais se distribui pelo jardim todo e a outra, depois de ter atravessado o palácio, é conduzida a um edifício erguido na cidade para fornecer água aos cidadãos."

Tal é a descrição do jardim real de Alcínoo, no sétimo livro da Odisséia; jardim em que, para vergonha do velho sonhador Homero e dos príncipes de seu tempo, não se vêem nem grades, nem estátuas, nem cascatas, nem tabuleiros de relva.

(14) Confesso que sou algo grato à mãe de Sofia por não lhe ter deixado maltratar no sabão mãos tão doces quanto as que Emílio deverá beijar tão amiúde.

do em seu coração ingênuo os receios que a fazem falar. Seu pai tem a crueldade de sublinhar a leviandade perguntando-lhe em tom zombeteiro a propósito de que fala por ela e o que tem em comum com a filha de Alcínoo. Envergonhada e trêmula, ela não ousa respirar nem olhar ninguém. Jovem encantadora! Não cabe mais fingir: eis-vos declarada a despeito de vós.

Logo a pequena cena é esquecida ou parece sê-lo. Muito felizmente para Sofia, Emílio é o único que não tinha compreendido nada. O passeio continua e nossos jovens, que a princípio estavam a nosso lado, custam a regular-se pela lentidão de nosso andar; insensivelmente eles nos precedem, eles se aproximam, eles se juntam enfim; e nós os vemos bastante longe à nossa frente. Sofia parece atenta e serena; Emílio fala e gesticula com ardor; não parece que o colóquio os aborreça. Ao fim de uma grande hora voltámos e os chamamos; eles voltam, mas lentamente por sua vez e vê-se que aproveitam o tempo. Finalmente, sua conversa cessa antes que estejamos ao alcance deles e eles dobram o passo para se juntarem a nós. Emílio dirige-se a nós com uma fisionomia aberta e carinhosa; seus olhos faíscam de alegria; ele volta-se contudo com alguma inquietude para a mãe de Sofia, a fim de ver a recepção que lhe dará. Sofia não tem, nem de longe, atitude tão desenvolta; aproximando-se, ela parece confusa por se ver a sós com um jovem, ela que tantas vezes se encontrou assim com outros sem se mostrar embaraçada e sem que jamais a tenham censurado. Apressa-se em correr para sua mãe, algo esbaforida, dizendo algumas palavras que não significam grande coisa, como para mostrar ali se encontrar de há muito.

Pela serenidade com que se depara nos rostos dessas amáveis crianças, vê-se que a conversa aliviou seus jovens corações de um grande peso. Não se mostram menos reservados um com o outro, mas sua reserva é menos embaraçada; ela não provém mais senão do respeito de Emílio, da modéstia de Sofia e da honestidade de ambos. Emílio ousa endereçar-lhe algumas palavras, às vezes ela ousa responder, mas ela nunca abre a boca sem deitar os olhos na mãe. A mudança que parece mais sensível nela é em relação a mim. Ela me demonstra uma consideração mais atenciosa, olha-me com interesse, fala-me afetuosamente, cuida do que me pode agradar; vejo que me honra com sua estima e que não lhe é indiferente alcançar a minha. Compreendo que Emílio lhe tenha falado de mim; dir-se-ia que

já conspiraram para me conquistar: não é o que ocorre, entretanto, e Sofia ela própria não se conquista tão depressa. Ele terá talvez mais necessidade de meus préstimos junto a ela, que dos dela junto a mim. Casal encantador!... Pensando em que o coração sensível de meu jovem amigo me deu importância, e muita, na sua primeira entrevista com sua namorada, sinto-me satisfeito com meus esforços; sua amizade pagou-me tudo.

As visitas repetem-se. As conversações entre nossos jovens tornam-se mais freqüentes. Emílio, embriagado de amor, acredita alcançar sua felicidade. Entretanto, não obtém nenhuma confissão de Sofia: ela escuta-o e não lhe diz nada. Emílio conhece essa modéstia; mas tanta discrição o espanta um pouco; sente que não é mal recebido por ela, sabe que são os pais que casam os filhos; supõe que Sofia aguarda uma ordem dos pais, pede-lhe permissão de solicitá-la; ela não se opõe. Ele fala-me disso, eu falo em seu nome, na sua presença. Que surpresa para ele saber que Sofia depende somente de si mesma e que para torná-lo feliz basta que ela o queira. Ele começa a não entender mais nada na conduta dela. Sua confiança diminui. Alarma-se, vê-se menos adiantado do que pensava e é então que o amor mais terno emprega sua linguagem mais comovente para convencê-la.

Emílio não é feito para adivinhar o que lhe prejudica; se não lhe dizem ele não o saberá nunca, e Sofia é por demais orgulhosa para dizê-lo. As dificuldades que a retêm fariam o açodamento de outra. Ela não esqueceu as lições de seus pais. É pobre. Emílio é rico, ela o sabe. Como precisa fazer-se estimado por ela! De que mérito não precisa para elidir essa desigualdade! Mas como pensaria ele em tais obstáculos? Sabe Emílio se é rico? Digna-se sequer informar-se disso? Graças aos céus ele não o precisa ser, sabe fazer o bem sem isso. Tira o bem de seu coração e não de sua bolsa. Dá aos infelizes seu tempo, seus cuidados, suas afeições, sua pessoa; e na estimação de suas mercês, mal ousa contar por alguma coisa o dinheiro que distribui aos indigentes.

Não sabendo a que atribuir sua desgraça, atribui-a a si mesmo: pois quem cusaria acusar de capricho o objeto de sua adoração? A humilhação do amor-próprio aumenta as lamentações do amor negado. Ele não se aproxima mais de Sofia com a amável confiança de um coração que se sente digno do

dela; é tímido e medroso diante dela. Não espera mais impressioná-la pela ternura, procura fazê-lo pela piedade. Por vezes sua paciência se esgota, quase lhe sucede o despeito. Sofia parece pressentir seus transportes e olha-o. O olhar basta para desarmá-lo. Fica mais escravo do que antes.

Perturbado com essa resistência obstinada a êsse silêncio invencível, abre seu coração ao amigo. Nele depõe sua lamentável tristeza; implora assistência e conselhos. "Que mistério impenetrável! Ela se interessa pela minha sorte, não posso duvidar: longe de me evitar, ela se compraz comigo; quando chego mostra alegria, e lamenta quando parto; ela recebe minhas atenções com bondade e meus obséquios parecem agradar-lhe; digna-se dar-me opiniões, por vezes até ordens. Entretanto, rejeita minhas solicitações, minhas preces. Quando ousar falar de união, ela impõe imperiosamente silêncio; e se acrescento uma palavra, abandona-me imediatamente. Por que estranha razão quer ela que eu seja dela sem querer ouvir falar em ser minha? Vós que ela respeita, vós que ela ama, e que não ousará fazer calar, fazei-a falar; servi vosso amigo, coroi vossa obra; não torneis vossos cuidados funestos a vosso amigo; o que ele recebeu de vós fará a miséria dele se não lhe derdes a felicidade."

Falo com Sofia e arranco-lhe com algum custo um segredo que eu conhecia antes que mo dissesse. Obtive com mais dificuldade a permissão de comunicá-lo a Emílio. Obtive-o afinal. Minha explicação lança-o num espanto de que não se refaz. Não compreende nada nessa delicadeza; não imagina em que escudos a mais ou a menos têm a ver com o caráter e o mérito. Quando o levo a entender o que têm com os preconceitos, ele se põe a rir e transportado de alegria quer partir imediatamente, ir dismantelar tudo, tudo deitar fora, renunciar a tudo para ter a honra de ser tão pobre quanto Sofia e voltar digno de ser seu esposo.

Como! digo-lhe detendo-o e rindo por minha vez de sua impetuosidade, essa jovem cabeça não amadurecerá nunca? e depois de terdes filosofado a vida inteira não aprendereis a raciocinar? Como não vedes que seguindo vosso projeto insensato ides piorar vossa situação e tornar Sofia mais intratável? É uma pequena vantagem ter alguns bens a mais do que ela, seria uma maior ainda sacrificá-los todos; e se seu orgulho não pode conformar-se com vos dever a primeira obrigação, como

concordaria ela em vos dever a outra? Se ela não pode admitir que um marido lhe possa censurar tê-la enriquecido, admitirá que ele lhe possa censurar tê-lo empobrecido? Infeliz! Cuidai de que ela não vos suspeite ter tido tal projeto. Tornai-vos, ao contrário, econômico e atento por amor a ela, de medo que vos acuse de querer conquistá-la com habilidade e de sacrificar-lhe voluntariamente o que perdereis por negligência.

Acreditais no fundo que grandes bens a amedrontem e que suas oposições venham precisamente das riquezas? Não, caro Emílio; elas têm uma causa mais sólida e mais grave no efeito que produzem essas riquezas na alma do possuidor. Ela sabe que os bens da fortuna são sempre preferidos a tudo pelos que os têm. Todos os ricos contam o ouro antes do mérito. Pondo em comum dinheiro e serviços, eles acham sempre que estes não pagam aquele e pensam que ainda lhe ficamos devendo quando passamos a vida servindo-os comendo seu pão. Que deveis então fazer, Emílio, para tranquilizá-la acerca de seus temores? Fazei com que ela vos conheça bem; não é coisa de um dia. Mostrai-lhe nos tesouros de vossa alma nobre com que resgatar os que tendes a infelicidade de partilhar. A força de constância e de tempo, vencei sua resistência; à força de sentimentos grandes e generosos, fazei com que esqueça vossas riquezas. Amai-a, servi-a, servi seus respeitáveis pais. Provai-lhe que vossas atenções não são o efeito de uma louca e passageira paixão e sim princípios indeléveis gravados no fundo de vosso coração. Honrai dignamente o mérito ultrajado pela fortuna, é o único meio de reconciliá-lo com o mérito por esta favorecido.

É de se conceber que transportes de alegria estas palavras dão ao jovem, como lhe devolvem a confiança e a esperança, como seu coração honesto se felicita por ter de fazer, a fim de agradar a Sofia, tudo o que faria espontaneamente ainda que Sofia não existisse ou que ele não estivesse enamorado dela. Por pouco que tenha compreendido seu caráter, quem não imaginará sua conduta na oportunidade?

Eis-me, pois, o confidente desses dois bons jovens e o intermediário de seus amores! Bela tarefa para um preceptor! Tão bela que nada fiz na vida que me elevasse tanto a meus próprios olhos e que me tornasse tão contente de mim mesmo. Afinal esse emprego não deixa de ter seus aspectos agradáveis: não sou mal recebido na casa; ao menos confiam em

mim para manter as conveniências entre os dois namorados: Emílio sempre com receio de desagradar nunca foi tão dócil. A moça cumula-me de gentilezas que não me iludem e das quais só aceito as que me cabem realmente. É assim que ela se compensa indiretamente do respeito em que mantém Emílio. Faz-lhe, através de mim, mil ternos carinhos que não faria a ele nem que devesse morrer; e ele, que sabe que não o quero prejudicar, regozija-se de meu bom entendimento com ela. Consola-se quando ela lhe recusa o braço no passeio para preferir o meu. Afasta-se sem resmungar apertando-me a mão e dizendo-me em voz baixa e com o olhar: "Amigo, falai por mim". Acompanha-nos com os olhos e com interesse; procura conhecer nossos sentimentos pela fisionomia e interpretar nossas palavras pelos gestos; sabe que nada do que se diz entre nós lhe é indiferente. Boa Sofia, como vosso coração sincero está à vontade quando, sem ser ouvida por Telêmaco, podeis conversar com seu Mentor! Com que amável franqueza vós o deixais ler tudo o que se passa em vosso doce coração! Com que ingenuidade comovente vós o deixais penetrar vossos mais ternos sentimentos! Com que fingida cólera respondeis ao importuno quando a impaciência o leva a vos interromper! Com que encantador desdém lhe censurais sua indiscrição quando ele vem vos impedir de falar bem dele, de ouvir-vos, e de tirar sempre de minhas respostas nova razão para amá-lo.

Assim, tendo conseguido fazer-se aceitar como namorado declarado, Emílio faz valer todos os direitos; fala, insiste, solicita, importuna. Pouco importa que lhe falem duramente, que o maltratem, desde que se faça ouvir. Finalmente ele obtém, não sem esforço, que Sofia por seu lado queira outorgar-se a autoridade de uma namorada, que lhe prescreva o que ele deve fazer, que mande ao invés de pedir, que aceite ao invés de agradecer, que determine o número e o tempo das visitas, que lhe proíba vir até tal dia, ou ficar até tal hora. Tudo isso não se faz por jôgo mas muito seriamente e, se ela aceitou tais direitos com relutância, ela os usa com um rigor que leva o pobre Emílio a lamentar ter-lhos dado. Mas o que quer que ela ordene, não o discute; e muitas vezes ao partir, para obedecer, olha-me com olhos cheios de alegria que me dizem: "Bem vedes que ela tomou posse de mim." Entrementes, a orgulhosa observa disfarçadamente e sorri em segredo do orgulho de seu escravo.

+ Albano e Rafael, emprestai-me o pincel da volúpia! Divino Milton, ensinaí minha pena grosseira a descrever os prazeres do amor e da inocência! Mas não, escondei vossas artes enganadoras diante da santa verdade da natureza. Tende somente corações sensíveis, almas honestas, depois deixai vossa imaginação divagar sem constrangimento sobre os transportes dos jovens amorosos que, sob o olhar de seus pais e de seus guias, se entregam tranqüilamente à doçura da ilusão que os acarinha, e, na embriaguez dos desejos, avançando lentamente para o termo, entrelaçam com flores e grinaldas o laço feliz que os deve unir até ao túmulo. Tantas imagens encantadoras embriagam-me também; junto-as sem ordem e sem seqüência; o delírio que provocam em mim impede-me de ligá-las. Ah! quem é que, tendo um coração, não saberá pintar em si mesmo o quadro delicioso das diversas situações do pai, da mãe, da filha, do preceptor, do aluno, e da contribuição de uns e outros para a união do par mais amável, cuja felicidade possa ser alcançada pelo amor e a virtude?

É agora que, verdadeiramente ansioso por agradar, Emílio começa a sentir o valor dos talentos amáveis que adquiriu. Sofia gosta de cantar, ele canta com ela; faz mais, ensina-lhe música. Ela é viva e leve, gosta de pular, ele dança com ela; transforma os pulos em passos, aperfeiçoa-a. Essas lições são deliciosas, uma louca alegria as anima, suavizando o tímido respeito do amor; é permitido a um apaixonado dar lições com volúpia; é permitido ser o senhor de sua amada.

Temos um velho cravo em mau estado; Emílio conserta-o e o afina; é organeiro, violeiro, tanto quanto marceneiro; teve sempre como princípio dispensar o auxílio dos outros em tudo o que pode fazer ele próprio. A casa está numa situação pitoresca, ele pinta diferentes paisagens em que Sofia por vezes põe a mão e com as quais decora o gabinete do pai. As molduras não são douradas nem precisam sê-lo. Vendo Emílio desenhar, imitando-o, ela se aperfeiçoa; cultiva todos os talentos e sua graça embeleza-os todos. Seu pai e sua mãe recordam a antiga opulência vendo brilharem as belas artes em derredor, as belas artes que lha tornavam cara; o amor enfeitou-lhes a casa; sozinho fez, sem despesas e sem penas, com que reinem os mesmos prazeres que eles só reuniam antes à força de dinheiro e de aborrecimentos.

Assim como o idolatra enriquece o objeto de seu culto com tesouros que estima, e enfeita o altar do deus que adora,

o amante por mais que veja sua amante perfeita quer, sem cessar, acrescentar-lhe novos atavios. Ela não precisa disso para agradar-lhe, mas ele sente a necessidade de enfeitá-la; é mais uma homenagem que pensa render-lhe, é mais um interesse que dá ao prazer de contemplá-la. Parece-lhe que nada de belo está em seu lugar quando não se destina a ornar a suprema beleza. É um espetáculo a um tempo comovente e risível, ver Emílio ansioso por ensinar a Sofia, tudo o que sabe, sem consultar se o que quer ensinar é do gosto dela ou lhe convém. Fala-lhe de tudo; explica-lhe tudo com uma dedicação pueril; acredita que lhe basta falar para que de imediato ela o entenda; imagina de antemão o prazer que terá em raciocinar, em filosofar com ela; encara como inútil o conhecimento adquirido que não pode exhibir aos olhos dela; envergonha-se quase de saber alguma coisa que ela não sabe.

Ei-lo, pois, dando-lhe uma lição de filosofia, de física, de matemáticas, de história, de tudo em suma. Sofia presta-se com prazer a seu zelo e procura aproveitar. Quando pode dar suas lições de joelhos diante dela, Emílio sente-se contente. Acredita ver os céus abertos. Entretanto, esta situação, mais incômoda para a aluna do que para o mestre, não é muito favorável à instrução. Um não sabe mais que fazer dos olhos quando os do outro os perseguem e a lição não é das melhores.

A arte de pensar não é estranha às mulheres, mas elas não devem interessar-se senão ligeiramente pelas ciências de raciocínio. Sofia tudo concebe mas retém pouca coisa. Seus maiores progressos são na moral e nas coisas do gosto; quanto à física não retém senão alguma noção das leis gerais e do sistema do mundo. Por vezes, em seus passeios, contemplando as maravilhas da natureza, seus corações inocentes e puros ousam erguer-se até ao autor delas: não temem sua presença, expandem-se conjuntamente diante dele.

Como! Dois amantes na flor da idade empregam sua solidão falando de religião! Passam o tempo dizendo o catecismo! Que adianta rebaixar o que é sublime! Sim, sem dúvida, eles o dizem na ilusão que os encanta; vêem-se perfeitos, amam-se, entretêm-se com entusiasmo do que dá valor à virtude. Os sacrifícios que lhe fazem lhes tornam cara essa virtude. Nos transportes que precisam vencer, derramam juntos lágrimas mais puras que o orvalho do céu, e essas doces lágrimas são o en-

canto de suas vidas: vivem o mais delicioso delírio que jamais experimentaram almas humanas. As próprias privações aumentam-lhes a felicidade e fazem com que envaideçam de seus sacrifícios. Homens sensuais, corpos sem alma, eles conhecerão um dia vossos prazeres, e lamentarão durante toda a vida os tempos felizes em que os recusaram.

Apesar desse bom entendimento, não deixam de ocorrer às vezes, dissensões e até brigas; ela não é isenta de caprichos, nem ele de irritações; mas essas pequenas borrascas passam depressa e não fazem senão solidificar a união; a experiência mesmo ensina a Emílio a não as temer demasiado; as conciliações são-lhe sempre mais vantajosas do que as disputas são nocivas. O fruto da primeira briga fez-lhe esperar o mesmo das outras; enganou-se; mas, enfim, se não tira sempre delas um proveito tão sensível, com elas ganha sempre ver confirmado por Sofia o interesse sincero que ela tem pelo coração dele. Querem saber em que consiste tal proveito. Consinto em dizê-lo, tanto mais quanto o exemplo me dará a oportunidade de expor um princípio muito útil e de combater outro muito funesto.

Emílio ama, não é portanto temerário; e concebe-se ainda mais que a imperiosa Sofia não é moça a permitir familiaridades. Como em tudo, bom comportamento e prudência têm limites, seria mais justo tachá-la de demasiada dureza que de demasiada indulgência; e até seu pai receia que sua extremada altivez degenera em arrogância. Mas nos encontros mais secretos, Emílio não ousaria solicitar o menor favor, nem sequer aspirar a tanto; e quando ela concorda em dar-lhe o braço no passeio, graça que ela não deixa transformar-se em direito, mal ousa ele, às vezes, apertá-lo contra o peito, suspirando. Entretanto, após longo constrangimento ele se arrisca a beijar furtivamente o vestido dela; e muitas vezes ele é bastante feliz por ela fingir não o perceber. Um dia em que ele quer tomar um pouco mais abertamente a mesma liberdade, ela resolve achar ruim. Ele se obstina, ela se irrita, tem palavras mordazes; Emílio não as aceita sem replicar; o resto do dia se passa entre amuos, e eles se separam muito descontentes.

Sofia não se sente à vontade. Sua mãe é sua confidente; como lhe esconderia sua tristeza? É sua primeira briga; e uma briga de uma hora é coisa séria! Ela se arrepende de seu erro; sua mãe permite-lhe repará-lo, seu pai ordena-o.

No dia seguinte, inquieto, Emílio chega mais cedo que de costume. Sofia está no toucador com a mãe e o pai também: Emílio entra com respeito, mas com um ar triste. Mal o pai e a mãe o cumprimentam, Sofia se volta e, apresentando-lhe a mão, pergunta-lhe em tom carinhoso como vai. É claro que a bonita mão não se adianta assim senão para ser beijada; ele a toma e não a beija. Sofia, algo envergonhada, retira-a da maneira mais delicada possível. Emílio, que não está acostumado às maneiras das mulheres, e que não sabe a que serve o capricho, não o esquece facilmente e não se dociliza tão depressa. O pai de Sofia, vendo-a embaraçada, acaba de desconcertá-la com zombarias. A pobre jovem confusa, humilhada, não sabe mais que fazer e daria tudo para ousar chorar. Quanto mais se contém, mais seu coração se aperta; uma lágrima escapa enfim apesar de seus esforços. Emílio vê essa lágrima, precipita-se a seus pés, toma-lhe a mão, beija-a várias vezes com arroubo. "Sois bom demais, diz o pai, caindo na gargalhada; eu teria menos indulgência por todas essas malucas, e castigaria a boca que me houvesse ofendido". Emílio, encorajado por tais palavras, dirige um olhar suplicante à mãe e, acreditando ver um sinal de consentimento, aproxima-se trêmulo do rosto de Sofia, que vira a cabeça para salvar a boca e expõe assim uma face rosada. O indiscreto não se contenta; ela resiste fracamente. Que beijo, se não tivesse sido roubado diante da mãe! Severa Sofia, cuidado; hão de pedir-vos muitas vezes para beijar-vos o vestido à condição de que o recuseis às vezes...

Depois desse castigo exemplar, o pai sai para um negócio qualquer; a mãe manda Sofia embora mediante qualquer vago pretexto, depois dirige a palavra a Emílio e diz-lhe em tom sério:

"Senhor, creio que um jovem tão correto e tão bem educado quanto vós, que tem sentimentos e bons costumes, não gostaria de pagar com a desonra de uma família a amizade que ela lhe testemunha. Não sou intratável nem pudica; sei o que se deve perdoar à mocidade avoada; e o que permiti sob meus olhos vo-lo prova suficiente. Consultai vosso amigo acerca de vossos deveres; ele vos dirá a diferença que existe entre as brincadeiras que a presença de um pai e de uma mãe autorizam e as liberdades que se tomam longe deles, abusando de sua confiança e transformando em armadilhas os mesmos favores que, na frente deles, são apenas inocentes. Ele vos dirá,

Senhor, que minha filha não cometeu outro erro convosco senão o de não ver, desde a primeira vez, o que não devia nunca permitir; ele vos dirá que tudo o que se encara como um favor se torna realmente um, e que é indigno de um homem de bem abusar da simplicidade de uma jovem para usurpar em segredo as mesmas liberdades que ela pode conceder diante de todo mundo. Pois bem sabe-se o que a boa educação pode tolerar em público, mas ignora-se onde se detém, à sombra do mistério, que se faz único juiz de suas fantasias."

Depois desta justa reprimenda, bem mais dirigida a mim do que a meu aluno, essa mãe sábia nos deixa e me deixa na admiração de sua rara prudência, que dá pouca importância ao fato de beijarem a filha na boca diante dela e se assusta com o de lhe beijarem o vestido em particular. Refletindo sobre a loucura de nossas máximas, que sacrificam sempre a verdadeira honestidade à decência, compreendo porque a linguagem é tanto mais casta quanto mais os corações são corrompidos, e porque os processos são tanto mais exatos quanto os que os usam são mais desonestos.

Insuflando, nessa ocasião, no coração de Emílio, os deveres que me coubera ditar antes, vem-me uma nova reflexão, que talvez honre mais ainda Sofia, e que evito entretanto comunicar a seu apaixonado; é que está claro que essa pretensa altivez que lhe censuram não é senão uma precaução muito sábia para se defender ela própria. Tendo a infelicidade de sentir em si um temperamento combustível, receia a primeira faísca e afasta-a de todas as suas forças. Não é por orgulho que é severa, é por humildade. Ela adquire sobre Emílio o domínio que teme não ter sobre Sofia; serve-se de um para combater o outro. Se tivesse mais confiança em si, seria menos ativa. Fora disto, que jovem é mais fácil e mais doce? quem suporta mais pacientemente uma ofensa? quem mais teme ofender a outrem? quem tem menos pretensões de toda espécie, salvo quanto à virtude? Demais, não é de sua virtude que se orgulha, é orgulhosa para conservá-la; e quando pode entregar-se sem risco à inclinação de seu coração, acarinha até seu namorado. Mas sua mãe discreta não comunica todos esses pormenores ao pai; os homens não devem saber tudo.

Longe de parecer orgulhar-se de sua conquista, Sofia tornou-se ainda mais afável e menos exigente com todo mundo, sal-

vo talvez com aquele que provocou essa mudança. O sentimento da independência não lhe abrasa mais o coração nobre. Ela triunfa com modéstia de uma vitória que lhe custa a liberdade. Ela tem atitude menos livre e um falar mais tímido depois que não ouve mais a palavra namorado sem corar; mas a satisfação transparece através de seu embaraço, e essa vergonha ela própria não é um sentimento desagradável. É principalmente com os novos pretendentes que sua conduta é mais sensível. Desde que não mais os teme, a extrema reserva que mantinha com eles, diminuiu bastante. Decidida de sua escolha, ela se mostra sem escrúpulo graciosa com os indiferentes; menos difícil sobre os méritos deles desde que eles não mais a interessam, ela os acha sempre bastante amáveis para pessoas que nunca lhe serão nada.

Se o verdadeiro amor pudesse usar de faceirice, eu acreditaria mesmo ver alguns traços disso na maneira por que Sofia se conduz com eles na presença de seu amoroso. Dir-se-ia que, não contente com a ardente paixão com que o abrasa, mediante a mistura deliciosa de reserva e de carinho, não lhe aborrece irritar essa paixão com um pouco de inquietude; dir-se-ia que, divertindo propositadamente seus jovens visitantes, ela destina ao tormento de Emílio as graças de uma faceirice que não ousa ter com ele: mas Sofia é demasiado atenciosa, demasiado boa, demasiado judiciosa para atormentá-lo efetivamente. Para temperar esse perigoso estimulante, o amor e a honestidade substituem a prudência: ela sabe alarmá-lo e tranquilizá-lo quando preciso; e se, por vezes, o inquieta, não o entristece nunca. Perdoemos a preocupação que dá ao que ama, pois o faz de medo de que ele não se ache nunca bastante enleado.

Mas que efeito tem essa pequena manobra sobre Emílio? Terá ciúmes? Não terá? É o que cumpre examinar: pois tais digressões entram também no objeto de meu livro e me afastam pouco de meu assunto.

Mostrei precedentemente como, nas coisas que se ligam à opinião, essa paixão se introduz no coração do homem. Mas no amor é outra coisa; o ciúme parece então tão natural que é difícil acreditar que não venha da natureza e o próprio exemplo dos animais, muitos dos quais são ciumentos até ao furor, parece estabelecer tal sentimento indiscutivelmente. É a opinião dos homens que ensina os galos a se estraçalharem, e os touros a lutarem até à morte?

A aversão a tudo o que perturba e combate nossos prazeres é um movimento natural. É incontestável. Até certo ponto, o desejo de possuir exclusivamente o que nos agrada está também no mesmo caso. Mas quando esse desejo, transformado em paixão, vira furor ou fantasia desconfiada e rabugenta, a que chamam ciúme, então é outra coisa; essa paixão pode ser natural ou não: é preciso distinguir.

O exemplo tirado dos animais foi examinado no *Discurso sobre a desigualdade*; e agora que sobre ele reflito de novo, o exame parece-me bastante sólido para ousar remeter a ele meus leitores. Acrescentarei somente, às distinções que estabeleci nessa obra, que o ciúme que provém da natureza se liga sobretudo ao domínio do sexo e que, quando esse domínio parece ilimitado, ou o é, o ciúme chega ao máximo; porque então o macho, medindo seus direitos pelas suas necessidades, só pode ver outro macho como concorrente inoportuno. Nessas mesmas espécies, as fêmeas, obedecendo sempre a qualquer um, só pertencem aos machos pelo direito de conquista e provocam entre eles lutas mortais.

Ao contrário, nas espécies em que um se une com uma, em que o acasalamento provoca algo como uma ligação moral, algo como um casamento, a fêmea, pertencendo por sua escolha ao macho a que se deu, recusa-se em geral a outro; e o macho, tendo como garantia da fidelidade dela essa afeição preferencial, inquieta-se menos com os outros machos e vive mais sossegadamente com eles. Nessas espécies os machos partilham o cuidado dos filhos; e em virtude de uma dessas leis da natureza que não observamos sem enternecimento, parece que a fêmea devolve ao pai o apêgo que ele tem pelos filhos.

Ora, considerando-se a espécie humana na sua simplicidade primitiva, é fácil ver, pelo domínio limitado do macho pela temperança de seus desejos, que é destinado pela natureza a contentar-se com uma só fêmea; o que se confirma pela igualdade numérica dos indivíduos dos dois sexos, ao menos em nossos climas; igualdade que não se observa, nem de longe, nas espécies em que a grande força do macho oferece várias fêmeas a um só. E embora o homem não choque como o pombo e, não tendo tampouco seios para amamentar, se situe, dêste ponto de vista, na classe dos quadrúpedes, os filhos mantêm-se durante tanto tempo frágeis, que a mãe e eles dificilmente dispensariam a afeição do pai e os cuidados desta decorrentes.

Todas as observações concorrem pois para provar que o furor ciumento dos machos, em algumas espécies de animais, não implica no do homem. E a própria exceção dos climas meridionais, onde a poligamia se acha estabelecida, não faz senão confirmar o princípio, porquanto é da pluralidade das mulheres que vem a tirânica precaução dos maridos, e que o sentimento de sua própria fraqueza leva o homem a recorrer ao constrangimento para elidir as leis da natureza.

Entre nós, onde essas mesmas leis, no caso menos elididas, o são em um sentido contrário e mais odioso, o ciúme tem sua razão nas paixões sociais mais do que no instinto primitivo. Na maioria das ligações galantes o amante odeia mais seus rivais do que ama sua amante; e se ele receia não ser o único ouvido é em virtude desse amor-próprio cuja origem mostrei, e a vaidade sofre mais nêle do que o amor. De resto, nossas infelizes instituições tornaram as mulheres tão dissimuladas¹⁵, e tanto excitaram seus apetites, que mal podemos contar com sua afeição mais bem provada, e que elas não podem mais demonstrar preferências que tranqüilizem o temor de concorrentes.

Quanto ao amor verdadeiro, é outra coisa. Mostrei na obra já citada, que esse sentimento não é tão natural como pensam; e há muita diferença entre o doce hábito que afeição o homem a sua companheira e esse ardor desenfreado que o embriaga com quiméricos encantos de um objeto que já não vê tal qual é. Essa paixão que só respira exclusões e preferências só difere nisso da vaidade pelo fato de que a vaidade, exigindo tudo e não concedendo nada, é sempre iníqua; ao passo que o amor, dando tanto quanto exige, é em si mesmo um sentimento cheio de equidade. De resto, quanto mais é exigente mais crédulo é: a mesma ilusão que o causa torna-o fácil de persuadir. Se o amor é inquieto, a estima é confiante; e nunca o amor sem estima existiu num coração honesto, porque ninguém ama no que ama senão as qualidades que aprecia. Esclarecido tudo isto, pode-se dizer, sem dúvida, de que espé-

(15) A espécie de dissimulação a que me refiro é oposta à que lhes convém e que lhes vem da natureza; uma consiste em disfarçar os sentimentos que elas têm, a outra em fingir os que não têm. Todas as mulheres da alta sociedade passam a vida a proclamar sua pretensa sensibilidade, e não amam senão elas próprias.

cie de ciúme Emílio será capaz, porquanto se essa paixão tem um germe no coração humano, sua forma se determina unicamente pela educação. Emílio amoroso e ciumento não será colérico, suspicaz, desconfiado; será sensível e temeroso; ver-se-á mais alarmado do que irritado; procurará mais conquistar sua amante do que ameaçar seu rival; ele o afastará, se puder, como um obstáculo, sem o odiar como um inimigo; se o odiar, não será pela ousadia de lhe disputar o coração a que pretende, mas sim pelo perigo real que lhe faz correr de perdê-lo. Seu injusto orgulho não se ofenderá tolamente com o fato de ousarem concorrer com ele; compreendendo que o direito de preferência se baseia unicamente no mérito e no êxito, multiplicará seus esforços para se tornar amável, e provavelmente o conseguirá. A generosa Sofia, irritando seu amor com alguns alarmas, saberá regrá-los, e recompensá-lo; e os concorrentes, que eram admitidos tão-somente para prová-lo, não tardarão em ser afastados.

Mas para onde me vejo insensivelmente arrastado? Ó Emílio, que é de ti? Posso reconhecer meu aluno em ti? Como te vejo diminuído! Onde o jovem formado duramente, que desafiava o rigor das estações, que entregava o corpo aos mais rudes trabalhos e a alma tão apenas às leis da sabedoria? Que não amava senão a verdade, que não cedía senão diante da razão, que não se interessava por nada que não fosse ele próprio, inacessível aos preconceitos e às paixões? Agora, amolecido por uma vida ociosa, deixa-se governar por mulheres; os divertimentos delas são suas ocupações, as vontades delas suas leis; uma jovem é o árbitro de seu destino; rasteja e dobra-se diante dela; o grave Emílio é o joguete de uma criança!

Tal é a mudança das cenas da vida: cada idade tem suas molas que a fazem mudar; mas o homem é sempre o mesmo. Aos dez anos é levado pelos doces, aos vinte por uma amante, aos trinta pelos prazeres, aos quarenta pela ambição, aos cinquenta pela avareza: quando só correrá atrás da sabedoria? Feliz quem é levado a ela sem o perceber! Pouco importa o guia, desde que conduza à meta! Os heróis, os próprios sábios pagaram esse tributo à fraqueza humana; e muitos que quebraram fusos com os dedos não deixaram por isso de ser grandes homens.

Quereis estender por uma vida inteira o efeito de uma educação feliz, prolongai durante a juventude os bons hábitos

da infância; e quando vosso aluno fôr o que deve ser, fazei com que seja o mesmo em tôdas as épocas. É por isso sobretudo que é importante manter um preceptor junto aos jovens, porque quanto ao resto não é de se temer muito que não saibam fazer o amor sem ele. O que engana os preceptores, e sobretudo os pais, é que eles pensam que uma maneira de viver exclui outra, e que logo que uma pessoa se torna adulta deve renunciar a tudo o que fazia quando pequena. Se assim fosse, que adiantaria cuidar da infância, posto que o bom ou mau uso que dela se faz se dissiparia com ela, e que adquirindo modos de viver absolutamente diferentes, adquiriria necessariamente outros modos de pensar.

Assim como só as grandes doenças estabelecem soluções de continuidade na memória, só as grandes paixões as estabelecem nos costumes. Embora nossos gostos e nossas inclinações mudem, essa mudança, às vezes bastante brusca, é atenuada pelos hábitos. Na sucessão de nossas inclinações, assim como numa boa degradação de côres, o artista hábil deve tornar as passagens imperceptíveis, confundir e misturar os tons e, para que nenhum desafine, estender vários na sua obra. Esta regra é confirmada pela experiência; as pessoas imoderadas mudam todos os dias de afeições, de gostos, de sentimentos e não têm por constância senão o hábito da mudança; mas o homem equilibrado volta sempre às antigas práticas, não perde nem mesmo na velhice o gosto dos prazeres que amava na infância.

Se fizerdes com que passando para uma nova idade os jovens não desprezem a que a precedeu, com que contraindo novos hábitos não abandonem os antigos e que amem sempre fazer o que é bem, sem atentarem para o tempo em que o começaram, então tereis salvo vossa obra e tereis certeza deles até o fim de seus dias; pois a revolução mais de se temer é esta que acompanhais agora. Perdem-se difficilmente os gostos que se conservaram; ao passo que quando são interrompidos não se recuperam mais.

Em sua maioria, os hábitos que acreditais levar as crianças e os jovens a contraírem, não são hábitos verdadeiros, porque eles só os adquiriram à força e que, seguindo-os contra a vontade, aguardam apenas a oportunidade de se libertarem deles. Não se adquire o gosto da prisão à força de ficar preso; o hábito, então, longe de diminuir a aversão, aumenta-a. Não é o que ocorre com Emílio, que, nada tendo feito na sua in-

fância senão voluntariamente e com prazer, não faz, continuando a agir da mesma maneira em sendo homem, senão juntar o império do hábito às doçuras da liberdade. A vida ativa, o trabalho dos braços, o exercício, o movimento, se lhe tornaram tão necessários que não poderia renunciar a isso tudo sem sofrer. Reduzi-lo de repente a uma vida mole e sedentária seria aprisioná-lo, acorrentá-lo, mantê-lo num estado de violência e constrangimento; não duvido que seu humor e sua saúde não se alterassem igualmente. Mal pode ele respirar à vontade num quarto bem fechado; precisa de ar livre, de movimento e cansaço. Mesmo aos pés de Sofia, ele não pode deixar de olhar por vèzes o campo, com o rabo dos olhos, e de desejar percorrê-lo com ela. Fica, entretanto, quando é preciso ficar. Mas mostra-se inquieto, agitado; parece debater-se; fica porque está a ferros. Eis então, direis, necessidades a que eu o sujeitei, escravizações que lhe dei: é verdade. Sujeitei-o à condição de homem.

Emílio ama Sofia; mas quais os primeiros encantos que o seduziram? A sensibilidade, a virtude, o amor às coisas honestas. Amando esse amor em sua amada, tê-lo-ia perdido em si mesmo? E que preço, por sua vez, Sofia se deu? O de todos os sentimentos que são naturais no coração de seu amado: a estima pelos verdadeiros bens, a frugalidade, a simplicidade, o desinterêsse generoso, o desprezo pelo fausto e as riquezas. Emílio tinha essas virtudes antes que o amor lhas tivesse imposto. Em que, portanto, mudou verdadeiramente? Tem novas razões para ser ele próprio; é o único ponto em que é diferente do que era.

Não imagino que lendo este livro com alguma atenção, alguém possa crer que tôdas as circunstâncias da situação em que se encontra se tenham assim juntado ao redor dele por acaso. Será por acaso que, fornecendo as cidades tantas jovens amáveis, a que lhe agrada se acha num retiro remoto? Será por acaso que a encontra? Será por acaso que se entendem? Será por acaso que não podem morar no mesmo lugar? Será por acaso que só encontra um asilo tão longe dela? Será por acaso que a vê tão raramente e é forçado a pagar com tantos esforços o prazer de vê-la de vez em quando? Ele se efemina, dizem. Ele se enrijece, ao contrário; é preciso que seja tão robusto quanto o fiz para resistir às fadigas que Sofia o faz suportar.

Reside a duas grandes léguas dela. Esta distância é o fole da forja; é com ela que tempero os traços do amor. Se residissem perto um do outro, ou que ele pudesse ir vê-la confortavelmente sentado num belo côche, ele a amaria à vontade, como um parisiense. Leandro teria querido morrer por Hero se o mar não o separasse dela? Leitor, poupai-me palavras; se fordes feito para me entender, seguireis minhas regras em seus pormenores.

As primeiras vezes que fomos ver Sofia, pegamos cavalos para ir mais depressa. Achamos o expediente cômodo e na quinta vez continuamos a pegar cavalos. Éramos esperados; a mais de meia légua da casa vemos gente no caminho. Emílio observa, bate-lhe o coração; aproxima-se, reconhece Sofia; precipita-se do cavalo, parte, voa, joga-se aos pés da amável família. Emílio ama os belos cavalos; o seu é vivo, sente-se livre, foge através dos campos; eu o sigo, alcanço-o com dificuldade, trago-o de volta. Infelizmente Sofia tem medo dos cavalos, não ousa aproximar-me dela. Emílio não vê nada; mas Sofia diz-lhe ao ouvido do trabalho que deu a seu amigo. Emílio acorre envergonhado, pega os cavalos, fica para trás; é justo que cada um tenha sua vez. Ele parte em primeiro lugar para se desembaraçar de nossas montarias. Deixando assim Sofia atrás dele, não acha mais o cavalo tão cômodo. Volta arquejante e encontra-nos a meio caminho.

Na viagem seguinte Emílio não quer mais cavalos. Por quê? pergunto-lhe; basta pegarmos um criado para tomar conta deles. Ah! diz ele, sobrecarregaremos ainda mais a respeitável família? Bem vedes que ela quer alimentar todos, homens e cavalos. É verdade, retruco, que eles têm a nobre hospitalidade da indigência. Os ricos, avarentos em seu fausto, só hospedam seus amigos; mas os pobres abrigam também os cavalos dos amigos. Vamos a pé, diz ele; não tendes coragem, vós que partilhais de bom grado os cansativos prazeres de vosso aluno? De acordo, respondo imediatamente: mesmo porque o amor, ao que me parece, não quer saber de tanto barulho.

Aproximando-nos encontramos a mãe e a filha mais longe que da primeira vez. Viemos na disparada. Emílio está pingando: uma mão querida se digna passar-lhe um lenço no rosto. Nunca mais por certo nos serviríamos de cavalos!

Entretanto é bastante cruel não poder ficar com a amada ao fim da tarde. O verão já vai terminando, os dias começam a diminuir. O que quer que digamos não nos permitem nunca voltar à noite; e quando não vimos logo pela manhã, mal chegamos já devemos repartir. À força de lamentar nossa sina e de se inquietar, a mãe pensa afinal que em verdade não nos pode hospedar decentemente na casa, mas que é possível encontrar algum abrigo na aldeia, para dormirmos de vez em quando. Ante essas palavras, Emílio bate palmas, freme de alegria; e Sofia, sem pensar, beija um pouco mais amiúde a mãe no dia em que encontra essa solução.

Pouco a pouco a doçura da amizade, a familiaridade da inocência se estabelecem e se consolidam entre nós. Nos dias prescritos por Sofia e sua mãe, vou em geral com meu amigo, mas às vezes deixo-o também ir só. A confiança eleva a alma e não se deve tratar um homem como uma criança. E que houvera alcançado até agora, se meu aluno não merecesse minha estima? Acontece-me também ir sem ele; ele fica triste mas não resmunga: que adiantaria? E depois ele sabe muito bem que não vou prejudicar seus interesses. Indo juntos ou separadamente o tempo não nos detém, por pior que seja, muito orgulhosos de chegarmos num estado de dar pena. Infelizmente, Sofia nos proíbe tal honra e não nos deixa enfrentar o mau tempo. É a única vez que a vejo rebelde às regras que lhe dito em segredo.

Certa vez que ele vai só, e eu não o espero senão no dia seguinte, vejo-o chegar na mesma noite e, digo-lhe abraçando-o: Como, caro Emílio, voltas a teu amigo! Mas ao invés de responder a meu carinho, ele diz mal-humorado: Não penseis que volto tão cedo por minha própria vontade. Ela quis que eu voltasse: volto por ela e não por vós. Comovido com essa ingenuidade, abraço-o novamente dizendo-lhe: Alma franca, amigo sincero, não me roubes o que me pertence. Se vens por ela, é por mim que o dizes: tua volta é obra dela, mas tua franqueza é minha obra. Conserva para sempre esta nobre candura das belas almas. Pode-se deixar que os indiferentes pensem o que bem quiserem, mas é um crime que um amigo nos atribua um mérito do que não fizemos por ele.

Evito cuidadosamente diminuir a seus olhos o mérito da confissão, nela encontrando mais amor que generosidade, e dizendo-lhe que ele quer menos despir-se do mérito dessa volta

do que atribuí-lo a Sofia. Mas eis como me descobre o fundo de seu coração sem pensar: se voltasse sossegado, a passos lentos, sonhando com seus amores, Emílio seria apenas o apaixonado; voltando a passos largos, exaltado, algo zangado, Emílio é o amigo de seu Mentor.

Vê-se por esses incidentes que meu jovem está muito longe de passar a vida ao lado de Sofia e de vê-la quanto gostaria. Uma viagem ou duas por semana limitam as permissões que lhe dão; e suas visitas, amiúde de apenas metade de um dia, se estendem raramente até o dia seguinte. Emprega mais tempo em esperar vê-la, ou em se felicitar por tê-la visto, do que em a ver efetivamente. No próprio tempo que gasta nas viagens passa menos horas com ela do que em se aproximar ou se afastar dela. Seus prazeres verdadeiros, puros, deliciosos, mas menos reais do que imaginários, irritam seu amor sem efeminar seu coração.

Nos dias em que não a vê, não fica ocioso nem sedentário. Nesses dias é ainda Emílio. Não está mudado. O mais das vezes passeia pelos campos da vizinhança, continua sua história natural; observa, examina as terras, as produções, a maneira de cultivá-las; compara os trabalhos que vê com os que conhece; procura as razões das diferenças. Quando outros métodos são preferíveis aos do lugar, sugere-os aos cultivadores; se propõe uma melhor forma de arado, fá-lo fabricar de acordo com seus desenhos; se encontra um depósito de marga ensina-lhes o uso, desconhecido na região; não raro, põe ele próprio mãos à obra; todos se espantam com vê-lo manejar suas ferramentas mais facilmente ainda do que eles; traçar sulcos mais profundos e mais retos, semear com mais uniformidade, estabelecer curvas de nível com mais inteligência. Não zombam dele como de um teórico em agricultura: vêem que a conhece de fato. Em uma palavra ele estende seu zelo e seus cuidados a tudo o que é de primeira utilidade e de utilidade geral. E não se restringe a isso: visita as casas dos camponeses, informa-se de suas condições, de suas famílias, do número de filhos, da área das terras, da natureza do produto, de seus mercados, de suas faculdades, de seus encargos, de suas dívidas etc. Dá pouco dinheiro, sabendo que em geral é mal empregado, mas dirige a aplicação ele próprio e o torna útil. Fornece-lhes operários e muitas vezes os paga. Faz reerguer ou cobrir a cabana de uns; faz arrotear a terra de outros, abandonada por falta de recursos; a outros fornece uma vaca, um

cavalo, gado de toda espécie em substituição ao perdido; acomoda os vizinhos que se dispõem a demandar; manda tratar o camponês doente, ou dele trata ele próprio¹⁶; protege quem se vê humilhado por algum vizinho poderoso; ajuda os jovens pobres a se casarem; vai ver e consolar uma pobre mulher que perdeu seu filho querido, e não sai da casa tão logo; não despreza os indigentes, não tem pressa em deixar os infelizes, come muitas vezes com os camponeses que assiste e também em casa dos que não precisam dele; tornando-se benfeitor de uns e amigo de outros, nunca deixa de ser um igual. Em suma faz tanto bem com sua pessoa quanto com seu dinheiro.

As vezes ele dirige seu passeio para os lados da residência feliz: poderia esperar entrever Sofia às escondidas, vê-la passeando, sem ser visto; mas Emílio é sempre reto em sua conduta, não sabe nem sequer elidir coisa nenhuma. Tem essa delicadeza que lisonjeia e alimenta o amor-próprio do bom testemunho de si. Conserva-se no seu exílio e não se aproxima nunca bastante para ter do acaso o que só quer dever a Sofia. Mas deambula com prazer pelas cercanias, procurando as pegadas de sua amada, enternecendo-se sobre as fadigas que ela teve e as voltas que concordou em dar por bondade para com ele. Na véspera dos dias em que a deve ver, ele vai a uma granja vizinha e encomenda uma merenda para o dia seguinte. O passeio dirige-se para esse lado como por acaso e como por acaso eles entram na granja: encontram frutas, doces, creme. A gulosa Sofia não é insensível a tais atenções e honra de bom grado nossa providência; porque tenho sempre minha parte nas felicitações ainda que não tenha tido nenhuma na coisa: é uma solução algo infantil para se mostrar menos embaraçada agradecendo. O pai e eu comemos doces e bebemos vinho; mas Emílio está do lado das mulheres, sempre atento para roubar um prato de creme em que tenha pousado a colher de Sofia.

A propósito de doces, falo a Emílio de suas antigas corridas; querem saber o que são tais corridas, eu o explico e

(16) Tratar de um camponês doente, não é purgá-lo, dar-lhe drogas, enviar-lhe um cirurgião. Não é disso tudo que os pobres necessitam em suas doenças; é de alimentação melhor e mais abundante. Jejuai, vós outros, quando tiverdes febre; mas quando vossos camponeses a tiverem, dai-lhes carne e vinho; quase todas as doenças deles vêm da miséria e do esgotamento: sua melhor tisana está na vossa adega, seu único boticário deve ser vosso açougueiro.

riem. Perguntam-lhe se sabe correr ainda. Mais do que nunca, responde ele; aborreceria-me muito ter esquecido. Alguém do grupo teria grande vontade de vê-lo, e não ousa dizê-lo; outra pessoa se encarrega da proposta; ele aceita: reúnem dois ou três jovens do lugar; estabelece-se um prêmio e para mais fielmente imitar os dias idos, põe-se um doce na meta. Todos se aprontam e o pai dá o sinal batendo palmas. O ágil Emílio parte como um raio e se encontra no fim da carreira enquanto os três lerdões mal a iniciam. Emílio recebe o prêmio das mãos de Sofia e, não menos generoso que Enéas, dá presentes a todos os vencidos.

Em meio ao brilho do triunfo, Sofia ousa desafiar o vencedor e se jata de correr tão bem quanto ele. Ele não se recusa a competir; e enquanto ela se prepara à entrada da pista, arregaça o vestido de ambos os lados, e, mais desejosa de exibir uma perna fina aos olhos de Emílio que de ganhar a porfia, verifica se a saia é bastante curta, ele diz uma palavra ao ouvido da mãe, que sorri e faz um sinal de aprovação. Ele vai então colocar-se ao lado de sua competidora; mal o sinal é dado e ela parte como um passarinho.

As mulheres não são feitas para correr; quando fogem é para serem alcançadas. A corrida não é a única coisa que façam desastrosamente, mas é a única que fazem sem graça: seus cotovelos para trás e colados ao corpo dão-lhes uma atitude ridícula, e os saltos altos sobre os quais se empoleiram fazem com que pareçam gafanhotos querendo correr sem saltar.

Emílio, não imaginando que Sofia corra mais do que qualquer outra mulher, não se digna sair de seu lugar, e a vê partir com um sorriso de mofa. Mas Sofia é leve e usa saltos baixos; não precisa de artifícios para parecer ter pés pequenos; toma a dianteira com tal rapidez que, para alcançar essa nova Atalanta, ele mal dispõe do tempo de que precisa ao vê-la já tão longe. Parte então por sua vez, semelhante à águia quando se arremessa contra a presa; persegue-a, chega-lhe aos calcanhares, alcança-a já arquejante, afinal, passa docemente o braço esquerdo na cintura dela, levanta-a como uma pena e, apertando contra o coração tão doce fardo, termina a corrida, faz com que ela toque a meta em primeiro lugar e depois, gritando *Vitória de Sofia!* ajoelha-se diante dela e declara-se vencido.

A essas diversas ocupações, junta-se a do ofício que aprendemos. Um dia por semana, ao menos, e todos aqueles em

que o mau tempo não nos permite passear, Emílio e eu vamos trabalhar numa oficina. Não trabalhamos *pro forma*, como gente acima da condição dos outros e sim como bons e verdadeiros operários. O pai de Sofia, vindo ver-nos, encontra-nos realmente no trabalho e não deixa de relatar com admiração o que viu à mulher e à filha. Ide ver, diz, esse jovem na oficina e vereis se despreza a condição do pobre! É de se imaginar como Sofia ouve com prazer tais palavras. Voltam a falar disso, desejam surpreendê-lo no trabalho. Questionam-me sem demonstrar grande interesse; e, depois de saberem de um de nossos dias, a mãe e a filha tomam uma calecha e vão à cidade.

Entrando na oficina, Sofia depara, do outro lado, com um jovem de blusão, cabelos negligentemente amarrados e tão ocupado com o que faz que não a vê: ela pára e faz sinal à mãe. Emílio, com um formão na mão e um malho, acaba um entalho; depois serra uma tábua e põe um pedaço no banco para poli-lo. O espetáculo não faz Sofia rir; ele a impressiona, é respeitável. Mulher, honra teu chefe; ele é que trabalha para ti, que ganha teu pão, que te alimenta: eis o homem.

Enquanto elas o observam atentamente, eu as vejo, e puxo a manga de Emílio; ele volta-se e as vê, larga as ferramentas, e lança-se com um grito de alegria. Depois dos primeiros transportes, faz com que sentem e retoma seu trabalho. Mas Sofia não pode ficar parada; levanta-se com vivacidade, percorre a oficina, examina as ferramentas, passa a mão no polimento das tábuas, pega aparas no chão, olha nossas mãos e depois diz que gosta desse ofício porque é limpo. A maluquinha tenta até imitar Emílio. Com sua mão branca e frágil empurra uma plaina sobre a tábua, a plaina escorrega, não morde. Penso ver o Amor nos ares rindo e batendo asas; creio ouvi-lo dar gritos de alegria e dizer: *Hércules está vingado!*

Entrementes, a mãe questiona o patrão. Senhor, quanto pagais esses jovens? Senhora, dou a cada um vinte soldos por dia e os alimentos; mas se este jovem quisesse ganharia muito mais: é o melhor operário da região. Vinte soldos por dia e vós os alimentais! disse a mãe olhando-nos com ternura. Assim é, Senhora. Ante essas palavras ela corre a Emílio, beija-o, aperta-o contra o seio vertendo lágrimas e sem poder dizer outra coisa senão várias vezes: Meu filho! ó meu filho!

Depois de conversar algum tempo conosco mas sem nos tirar do trabalho, ela diz: Vamos; já se faz tarde, não devemos fazer com que nos esperem. Depois, aproximando-se de Emílio, dá-lhe um tapinha no rosto, dizendo: Então, bom operário, não quereis vir conosco? Ele lhe responde num tom bastante triste: estou contratado, perguntai ao patrão. Perguntam ao patrão se consente em dispensar-nos. Ele responde que não pode. Tenho uma obra a ser entregue depois de amanhã, diz. Contando com estes senhores, recusei outros operários que se apresentaram; se estes me faltarem, não saberei onde encontrar outros e não poderei entregar o serviço no dia marcado. A mãe não replica; aguarda que Emílio fale. Emílio baixa a cabeça e cala-se. Senhor, observa ela, algo surpresa com o silêncio, não tendes nada a dizer? Emílio olha com ternura a filha e responde só com estas palavras: Bem vedes que preciso ficar. Com isso as senhoras partem e nos deixam. Emílio acompanha-as até à porta, segue-as com o olhar quanto pode, suspira e retorna ao trabalho sem falar.

No caminho, a mãe algo irritada, fala com a filha do estranho procedimento. Como, diz, era tão difícil contentar o patrão sem ser obrigado a ficar? E esse jovem tão pródigo, que joga dinheiro fora, não sabe encontrá-lo nas ocasiões convenientes? Ó mamãe, responde Sofia, praza a Deus que Emílio não dê tanta força ao dinheiro, a ponto de se valer dele para quebrar um compromisso formal, para não cumprir impunemente sua palavra e fazer com que outro não a cumpra tampouco. Sei que ele indenizaria facilmente o operário pelo pequeno prejuízo que causaria a ausência; contudo escravizaria sua alma às riquezas e acostumar-se-ia a colocá-las no lugar de seus deveres e a acreditar que se está livre de tudo conquanto se pague. Emílio tem outras maneiras de pensar e espero não ser eu a causa dele as mudar. Acreditais que não lhe custou ficar? Mamãe, não vos enganeis, é por mim que ele fica; vi-o em seus olhos.

Não é que Sofia seja indulgente com respeito às verdadeiras atenções do amor; ao contrário, é imperiosa, exigente; preferiria não ser amada a sê-lo moderadamente. Ela tem o nobre orgulho do mérito que sabe possuir, que se estima e quer ser honrado tal qual se honra. Desprezaria um coração que não sentisse todo o valor do seu, que não a amasse por suas virtudes tanto quanto, ou mais, por seus encantos; um coração que não preferisse seu próprio dever a ela, e não a preferisse aci-

ma de tudo. Não quis um amado que conhecesse outra lei que não a dela; quer reinar sobre um homem que ela não tenha desfigurado. Assim é que, tendo aviltado os companheiros de Ulisses, Circe os desdenha e se entrega a ele só, que não pôde mudar.

Mas posto de lado esse direito inviolável, Sofia, extremamente ciumenta dos seus, espia com que escrúpulo Emílio os respeita, com que zelo cumpre suas vontades, com que faro as adivinha, com que cuidado chega no momento prescrito; ela não quer nem que ele se atrase, nem que se antecipe; quer que ela seja pontual. Antecipar é preferir-se a ela; atrasar é negligenciá-la. Negligenciar Sofia! isso não aconteceria duas vezes. A injusta suspeita de uma vez quase deitou tudo a perder; mas Sofia é justa e sabe reparar seus erros.

Uma tarde somos esperados; Emílio recebeu a ordem. Vêm ao nosso encontro; nós não chegamos. Que fim levaram? Que desgraça aconteceu? Ninguém da parte deles? Passam a tarde esperando-nos. A pobre Sofia nos acredita mortos; desespera, atormenta-se, chora a noite inteira. Já durante a tarde mandaram um mensageiro buscar informações e trazer notícias no dia seguinte pela manhã. O mensageiro volta acompanhado por outro de nossa parte, que transmite nossas desculpas e diz que estamos bem. Momentos depois aparecemos nós mesmos. Então a cena muda; Sofia enxuga as lágrimas ou e se ainda as derrama são de raiva. Seu coração altivo não ganhou com se tranquilizar acêrca de nossa vida: Emílio vive e faz-se esperar inútilmente.

A nossa chegada ela quer recolher-se; dizem-lhe que fique; é preciso ficar; mas tomando rápida decisão afeta um ar tranqüilo e satisfeito que iludiria outros. O pai vem ao nosso encontro e nos diz: Deixastes vossos amigos preocupados; há aqui pessoas que não vos perdoarão facilmente. Quem, pai? diz Sofia com o mais gracioso sorriso que pôde afetar. Que te importa, responde o pai, desde que não sejas tu? Sofia não replica e baixa os olhos para seu trabalho. A mãe recebe-nos com frieza e uma atitude convencional. Emílio embaraçado não ousa falar com Sofia. Ela é a primeira a falar, pergunta-lhe como vai, convida-o a sentar-se, finge tão bem que o jovem, que nada entende ainda da linguagem das paixões violentas, é iludido pelo sangue frio e quase se acha a ponto de se irritar ele próprio.

Para desenganá-lo, vou segurar a mão de Sofia e procuro beijá-la como o faço às vezes: ela retira-a bruscamente com um *Senhor* de tal maneira pronunciado, que seu movimento involuntário a descobre de imediato aos olhos de Emílio.

Sofia ela própria, vendo que se traiu, constrange-se menos. Seu aparente sangue frio transforma-se em um desprezo irônico. Responde a tudo que lhe dizem por monossílabos pronunciados numa voz lenta e pouco firme, como que temendo deixar filtrar o acento da indignação. Emílio semimorto de susto, olha-a com dor e procura levá-la a deitar os olhos nele para melhor ler seus verdadeiros sentimentos. Sofia, mais irritada com a confiança, deita-lhe um olhar que lhe tira a vontade de pedir outro. Emílio, confuso e trêmulo, não ousa mais, muito felizmente para ele, nem falar nem olhar, pois se pudesse suportar a cólera dela, ela não o houvera nunca perdoado.

Vendo então que chegou minha vez e o momento de se explicar, volto a Sofia. Retomo-lhe a mão que ela não mais retira, pois está no ponto de se sentir mal. Digo-lhe com doçura: Cara Sofia, estamos tristes; mas vós sois sensata e justa, vós não nos julgareis sem nos ouvir: escutai-nos. Ela não responde nada e eu falo assim:

“Saímos ontem às quatro horas; devíamos chegar às sete, e sempre nos arranjam os para têmos mais tempo do que necessário a fim de descansar nas proximidades daqui. Já tínhamos feito três quartos do caminho quando ouvimos lamentos dolorosos; saíam da garganta de uma colina a alguma distância de nós. Acorremos; encontramos um infeliz camponês que, voltando da cidade algo embriagado, caíra tão desastrosamente do cavalo que quebrara a perna. Gritamos, pedimos socorro: ninguém responde; tentamos colocar o ferido no cavalo mas não o conseguimos: o menor movimento provoca nele dores horríveis. Tomamos o partido de amarrar o cavalo no bosque, depois, fazendo de nossos braços uma maca, carregamos o ferido da maneira mais suave possível, seguindo suas indicações quanto ao caminho para sua casa. O trajeto era longo; tivemos que descansar várias vezes. Chegamos afinal, mortos de cansaço: verificamos com amarga surpresa que já conhecíamos a casa, e que esse miserável que carregávamos com tão grande esforço era o mesmo que nos recebera tão cordialmente no dia de nossa chegada aqui. Perturbados como nos achavamos todos, não nos tínhamos reconhecido até então.

“Ele só tinha duas crianças. Nas vésperas de lhe dar um terceiro, sua mulher tanto se transtornou ao vê-lo chegar, que sentiu dores agudas e deu à luz poucas horas depois. Que fazer nessas condições numa cabana afastada onde não se podia esperar nenhum auxílio? Emílio decidiu ir pegar o cavalo no bosque onde o havíamos deixado, montar e partir a galope para trazer um cirurgião da cidade. Entregou o cavalo ao cirurgião e não tendo podido achar outro depressa, voltou a pé com um criado, depois de ter enviado um mensageiro, enquanto, embaraçado como podeis acreditar, entre um homem com uma perna quebrada e uma mulher parturiente, eu preparava na casa tudo o que podia prever como necessário para socorrer os dois.

“Não lhe darei pormenores do resto; não se trata disso. Já eram duas horas da madrugada antes que tivéssemos tido um momento de descanso. Finalmente voltamos com o romper do dia para nosso abrigo perto daqui, onde aguardamos a hora de vosso despertar a fim vos informar de nosso acidente”.

Calo-me, sem nada mais acrescentar. Mas, antes que alguém mais fale, Emílio aproxima-se de sua amada, eleva a voz e diz-lhe com mais firmeza de que eu pudera esperar: Sofia, sois o árbitro de minha sorte, bem o sabeis. Podeis fazer-me morrer de dor; mas não espereis fazer-me esquecer os direitos da humanidade: eles me são mais sagrados do que os vossos, nunca renunciaria a eles por vós.

Ante tais palavras, Sofia, ao invés de responder, passa-lhe o braço ao pescoço e dá-lhe um beijo no rosto; depois, estendendo-lhe a mão com uma graça inimitável, diz-lhe: Emílio, toma esta mão, é tua. Sê, quando quiseses, meu esposo e meu senhor; procurarei merecer essa honra.

Mal acabou ela de beijá-lo que o pai, encantado, bate palmas gritando *bis, bis*, e Sofia, sem se fazer de rogada, dá-lhe mais dois beijos; mas, quase no mesmo instante, assustada com tudo o que acaba de fazer, foge para os braços da mãe e esconde no seio materno a cabeça corada de vergonha.

Não descreverei a alegria de todos: não há quem não a deva sentir. Depois do jantar Sofia pergunta se seria longe demais para ir ver os pobres doentes. Sofia deseja-o e é uma obra de caridade. Vamos: encontramo-los em duas camas separadas. Emílio mandara trazer uma e há gente junto deles para aliviá-los, pois Emílio nisso também pensara. Mas ambos

se acham tão mal acomodados, que sofrem tanto das condições quanto de seu estado. Sofia arranja um avental da mulher e vai ajeitá-la no leito; faz o mesmo depois com o homem; sua doce e leve mão sabe descobrir tudo que os machuca e fazer com que descansem mais suavemente os membros doloridos. Eles já se sentem aliviados com sua presença; dir-se-ia que ela adivinha tudo que os fere. Essa jovem tão delicada não se mostra repugnada nem com a sujeira nem com o mau cheiro, e sabe fazer com que desapareçam ambos sem apelar para ninguém e sem que os enfermos se atormentem. Ela que se vê sempre tão modesta e às vezes tão desdenhosa, ela que por nada do mundo tocaria com a ponta do dedo a cama de um homem, vira o ferido e troca-lhe a roupa sem nenhum escrúpulo, e o põe numa posição mais cômoda para poder ficar demoradamente nela. O zelo da caridade vale a modéstia; o que faz, ela o faz tão de leve e com tanta habilidade que ele se sente aliviado sem quase ter percebido que tocaram nele. A mulher e o marido abençoam juntos a amável jovem que os serve, que os consola. É um anjo que o céu lhes envia, tem dele o aspecto e a ternura, tem a doçura e a bondade. Emílio comovido contempla-a em silêncio. Homem, ama tua companheira. Ela te é dada por Deus para consolar-te de tuas penas, para aliviar teus males: eis a mulher.

Batizam o recém-nascido. Os dois noivos apresentam-no, ansiosos no fundo do coração por dar o mesmo trabalho a outros dentro em breve. Aspiram ao momento desejado; pensam tocá-lo; todos os escrúpulos de Sofia se esvaem, mas surgem os meus. Não chegaram ainda onde pensam: é preciso que cada qual tenha sua vez.

Certa manhã, depois de dois dias sem se verem, entro no quarto de Emílio com uma carta na mão e digo-lhe olhando-o com firmeza: Que faríeis se vos comunicassem que Sofia morreu? Ele dá um grito, levanta-se agitando as mãos e sem dizer palavra olha-me com um olhar esgazeado. Respondei, continuo com a mesma tranqüilidade. Então, irritado com meu sangue frio ele se aproxima, os olhos inflamados de cólera, e, detendo-se numa atitude quase ameaçadora: O que faria?... não sei; mas o que sei é que nunca mais na vida veria quem me desse a notícia. Tranqüilizai-vos, respondo sorrindo; ela vive, está passando bem, pensa em vós e somos esperados à noite. Mas vamos a um passeio e conversaremos.

A paixão com que está preocupado não lhe permite mais entregar-se, como antes, à conversação de puro rariocínio: é preciso interessá-lo, com essa paixão mesma, em se tornar atento a minhas lições. Foi o que fiz com esse terrível preâmbulo; tenho certeza agora de que me ouvirá.

“É preciso ser feliz, meu caro Emílio: é o objetivo de todo ser sensível; foi o primeiro desejo que nos deu a natureza e o único que não nos abandona nunca. Mas onde está a felicidade? Quem o sabe? Todos a procuram, ninguém a encontra. Gasta-se a vida procurando-a, morre-se sem a ter alcançado. Meu jovem amigo, quando ao nasceres, te peguei nos meus braços e que, invocando o testemunho do Ser supremo, dediquei meus dias à felicidade dos teus, sabia eu próprio a que me comprometia? Não: sabia somente que te fazendo feliz eu tinha certeza de sê-lo. Fazendo por ti essa útil pesquisa, eu a tornava comum a nós ambos.

“Enquanto ignoramos o que devemos fazer, a sabedoria consiste em permanecer inativo. É de todas as máximas a de que o homem mais precisa e a que menos sabe seguir. Procurar a felicidade sem saber onde se encontra, é expor-se a fugir dela, e correr tantos riscos contrários quantos os caminhos em que nos podemos perder. Mas não está em todo mundo saber não agir. Na inquietação em que nos mantém o ardor do bem-estar, preferimos enganar-nos perseguindo-o, a nada fazer para procurá-lo: e uma vez saídos do lugar onde o podemos encontrar, não sabemos mais voltar.

“Com a mesma ignorância, tentei evitar o mesmo erro. Encarregando-me de ti, resolvi não dar um passo inútil e impedir que o desses. Manti-me no caminho da natureza, à espera de que me mostrasse o da felicidade. Verificou-se que era o mesmo e que, não pensando mais nisso, o segui.

“Sê minha testemunha, sê meu juiz: não te recusarei nunca. Teus primeiros passos não foram sacrificados aos que os devem seguir; gozaste de todos os bens que a natureza te deu. Dos males a que te sujeitou, e de que não pude te preservar, só sentiste os que podiam te enrijecer para os outros. Nunca sofreste nenhum, senão para evitares outro maior. Não conheste nem o ódio, nem a escravidão. Livre e satisfeito, permaneceste justo e bom; pois a pena e o vício são inseparáveis, e nunca o homem se torna mau senão quando é infeliz. Possa a lembrança de tua infância prolongar-se até tua velhice! Não

receio que teu bom coração a recorde sem que dispenses algumas bênçãos a quem te governou.

“Quando chegaste à idade de razão, preservei-te contra a opinião dos homens; quando teu coração se tornou sensível, resguardei-te do império das paixões. Se tivesse podido prolongar essa calma interior até ao fim de tua vida, teria garantido minha obra, e tu serias feliz tanto quanto um homem o pode ser; mas, caro Emílio, por mais que mergulhasse tua alma no Estige, não pude torná-lo invulnerável totalmente; ergue-se um novo inimigo que não aprendeste ainda a vencer e do qual não pude te salvar. És tu mesmo esse inimigo. A natureza e a fortuna tinham-te deixado livre. Podias suportar a miséria; podias suportar as dores do corpo, as da alma eram-te desconhecidas; não te apegavas a nada senão à condição humana e agora te apegas a todas as afeições que deste a ti mesmo; aprendendo a desejar, tu te tornaste escravo de teus desejos. Sem que nada mude em ti, sem que nada toque teu ser, sem que nada te ofense, quantas dores podem atacar tua alma! Quantos males podes sentir sem estares doente! Quantas mortes sem morreres! Uma mentira, um erro, uma dúvida podem desesperar-te.

“Tu vias no teatro os heróis entregues a suas dores, fazem o palco ecoar com seus gritos insensatos, afligirem-se como mulheres, chorarem como crianças e granjearem assim os aplausos do público. Lembra-te do escândalo que te causavam essas lamentações, esses gritos, essas queixas, em homens de quem só se deviam esperar atos de firmeza. Como, dizias indignado, são estes os exemplos que nos apresentam, os modelos que devemos imitar? Temem porventura que o homem não seja bastante desgraçado, bastante fraco, para virem ainda incensar sua fraqueza sob a falsa imagem da virtude? Meu jovem amigo, sê agora mais indulgente: eis que te tornaste um desses heróis.

“Sabes sofrer e morrer, sabes suportar a lei da necessidade nos males físicos; mas não impuseste ainda leis aos apetites de teu coração; e é de nossas afeições, bem mais que de nossas necessidades, que nasce a inquietação de nossa vida. Nossos desejos são grandes, nossa força quase nula. O homem apegase por seus desejos a mil coisas, e por si mesmo não se apegue a nada, nem mesmo à própria vida; quanto mais aumenta suas afeições, mais multiplica suas penas. Tudo não faz senão passar sobre a terra: tudo o que amamos há de escapar-nos mais cedo ou mais tarde e a tudo nos apegamos como se devesse

durar eternamente. Que pavor, à simples suspeita da morte de Sofia! Acreditaste então que viveria sempre? Ela terá de morrer, meu filho, e talvez antes de ti. Quem pode dizer se está viva neste momento? A natureza só te escravizará a uma morte, tu te escravizas a uma segunda; eis-te no caso de morrer duas vezes.

“Assim, sujeito a tuas paixões desregradas, como vais sofrer! Sempre privações, sempre perdas, sempre alarmas; não gozarás sequer do que te será deixado. O temor de tudo perder, impedir-te-á de possuir o que quer que seja. Por teres querido seguir somente tuas paixões, nunca as poderás satisfazer. Buscarás sempre o repouso, ele fugirá sempre de ti, tu serás miserável, e te tornarás mau. E como poderás não o ser, não tendo outra lei senão a de teus desejos? Se não podes suportar privações involuntárias, como poderás impor a ti mesmo outras voluntariamente? Como saberás sacrificar a inclinação ao dever e resistir a teu coração para ouvires a razão? Tu que já não queres mais ver quem te dirá da morte de tua amada, como verias quem ta quisesse tirar viva, quem te ousasse dizer: Ela morreu para ti, a virtude te separa dela? Se é preciso viver com ela o que quer que aconteça, sejas livre ou não, ame-te ela ou te odeie, consintam em que a tenhas ou o recusem, pouco importa, tu a queres, precisas possuí-la a qualquer preço. Diz-me então em que crime se detém quem não tem por leis senão os desejos de seu coração e não sabe resistir a nada do que deseja.

“Meu filho, não há felicidade sem coragem, nem virtude sem luta. A palavra *virtude* vem de *força*; a força é a base da virtude; a virtude só pertence a um ser fraco por natureza e forte por sua vontade; é só nisto que consiste o mérito do homem justo; e embora digamos que Deus é bom, não dizemos que é virtuoso, porque não necessita de esforço para agir bem. Para te explicar esta palavra tão profanada esperei que estivesses em condições de me entender. Enquanto a virtude nada custa para ser praticada, pouca necessidade se tem de conhecê-la. Essa necessidade vem quando as paixões despertam; chegou agora para ti.

“Educando-te na simplicidade da natureza, ao invés de te pregar penosos deveres, preservei-te dos vícios que tornam tais deveres penosos; tornei-te a mentira menos odiosa do que inútil; ensinei-te menos a devolveres aos outros o que lhes pertence

do que a te preocupares com o que é teu; fiz-te menos virtuoso do que bom. Mas quem só é bom assim, não permanece senão enquanto tem prazer em sê-lo: a bondade destrói-se e perece ao choque das paixões humanas; o homem que é somente bom é bom apenas para si.

“Que é então um homem virtuoso? É aquele que sabe dominar suas afeições, pois então segue sua razão, sua consciência, faz seu dever, mantém-se dentro da ordem e nada o pode afastar dela. Até aqui não eras livre senão aparentemente; não tinhas senão a liberdade precária de um escravo a quem não se tivesse nada determinado. Sê agora livre efetivamente; aprende a te tornares teu próprio senhor; manda em teu coração, Emílio, e serás virtuoso.

“Eis portanto outro aprendizado a ser feito e este é mais penoso do que o primeiro, porque a natureza nos liberta dos males que nos impõe, ou nos ensina a suportar, mas nada nos diz quanto aos que vêm de nós; ela nos abandona a nós mesmos; ela nos deixa, vítima de nossas paixões, sucumbirmos a nossas dores vãs e ainda por cima nos vangloriarmos das lágrimas de que nos deveríamos envergonhar.

“Eis a primeira paixão. A única talvez que seja digna de ti. Se souberes dirigi-la como homem, será talvez a última; subjugarás as outras e só obedecerás à da virtude.

✱ “Essa paixão não é criminosa, bem o sei; é tão pura quanto as almas que a experimentam. A honestidade formou-a, a inocência nutriu-a. Amantes felizes! Os encantos da virtude juntam-se para vós aos do amor; e a doce ligação que vos espera não é menos o prêmio de vossa sabedoria que o de vossa afeição. Mas, diz-me, homem sincero, essa paixão tão pura deixou com isso de te subjugar? Tornou-te menos escravo dela? E se amanhã ela deixasse de ser inocente, tu a destruirias desde logo? É agora o momento de experimentar tuas forças; já é tarde quando cumpre empregá-las. Não nos exercitamos para o combate diante do inimigo, preparamo-nos para ele antes da guerra, a esta nos apresentamos já preparados.

É um erro distinguir as paixões em permitidas e proibidas, a fim de nos entregarmos às primeiras e nos recusarmos às outras. Todas são boas quando as dominamos; todas são ruins quando nos sujeitamos a elas. O que nos é proibido pela natureza é levarmos nossas afeições além de nossas forças; o que nos é proibido pela razão é querermos o que não podemos ob-

ter; o que nos é proibido pela consciência não é sermos tentados e sim deixarmo-nos vencer pelas tentações. Não depende de nós termos ou não paixões, mas depende de nós as dominarmos. Todos os sentimentos que dominamos são legítimos; todos os que nos dominam criminosos. Um homem não é culpado de amar a mulher de outro, em mantendo essa paixão infeliz escravizada à lei do dever; é culpado de amar sua própria mulher a ponto de tudo imolar a seu amor.

“Não esperes de mim longos preceitos de moral; só tenho um a dar-te e esse compreende todos os outros. Sê homem; recolhe teu coração dentro dos limites de tua condição. Estuda e conhece tais limites; por estreitos que sejam, não somos infelizes quando nos atemos a eles; mas o somos quando queremos os ultrapassar; somos quando a par desses desejos insensatos, pomos ao nível dos possíveis os que não o são; somos quando esquecemos nossa condição de homens para forjarmos outros imaginários dos quais recaímos sempre nos nossos. Os únicos bens cuja privação nos custa são aquêles a que acreditamos ter direito. A evidente impossibilidade de os termos, deles nos afasta; os desejos sem esperança não atormentam. Um mendigo não se atormenta com o desejo de ser rei; um rei não quer ser deus senão quando acredita não ser mais homem.

“As ilusões do orgulho são a fonte de nossos maiores males; mas a contemplação da miséria humana torna o sábio sempre moderado. Ele se mantém sempre em seu lugar, não se agita para sair dele; não gasta inutilmente suas forças para gozar o que não pode conservar; e, empregando-as todas em bem possuir o que tem, faz-se efetivamente mais poderoso e mais rico, com o que deseja a menos, do que nós. Ser mortal e perecível, irei contrair ligações eternas nesta terra onde tudo muda, tudo passa, e de onde desaparecerei amanhã? Ó Emílio, meu filho, perdendo-te amanhã, que me restará de mim? E no entanto é preciso que aprenda a te perder, pois quem sabe quando me serás roubado?

“Se queres portanto viver feliz e sábio, não afeições teu coração senão à beleza que não perece nunca: que tua condição limite teus desejos, que teus deveres precedam tuas inclinações. Estende a lei da necessidade às coisas morais; aprende a perder o que te pode ser tirado; aprende a tudo deixar quando a virtude o ordena, a colocar-te acima dos acontecimentos, a livrar teu coração sem que o estraçalhem, a ser corajoso na ad-

versidade, a fim de não seres nunca miserável, a ser decidido no teu dever, a fim de não seres nunca criminoso. Então serás feliz em que pese à sorte, e sábio apesar das paixões. Então encontrarás, na própria posse dos bens frágeis, uma volúpia que nada poderá perturbar; tu os possuirás sem que eles te possuam, e sentirás que o homem, a quem tudo escapa, não goza senão o que sabe perder. Não terás, é verdade, a ilusão dos prazeres imaginários; não terás tampouco as dores que são seus frutos. Ganharás muito com essa troca; pois tais dores são frequentes e reais e os prazeres são raros e vãos. Vencedor de tantas opiniões enganosas, sê-lo-ás ainda da que dá tão grande valor à vida. Viverás a tua sem inquietação e a terminarás sem medo; tu te desapegarás dela como de tudo. Que outros, tomados de pavor, pensem deixar de ser em a perdendo; conhecendo teu nada, acreditarás começar. A morte é o fim da vida do mau, e o começo da do justo.”

Emílio escuta com uma atenção misturada de inquietude. Teme uma conclusão sinistra para êste preâmbulo. Pressente que, em lhe mostrando a necessidade de exercitar a força da alma, eu o queira submeter a tão duro exercício; e, como um ferido que treme ao ver aproximar-se o cirurgião, já acredita sentir em seu ferimento a mão dolorosa, mas salutar, que o impede de entrar em decomposição.

Incerto, perturbado, ansioso por saber aonde quero chegar, ao invés de responder, interroga-me, mas com receio. Que fazer? diz-me trêmulo e sem ousar erguer os olhos. O que é preciso fazer, respondo com firmeza, separar-vos de Sofia. Que dizeis? exclama ele irritado: abandonar Sofia! deixá-la, enganá-la, ser um traidor, um falso, um perjuro!... Como, retruco interrompendo-o, é de mim que Emílio receia aprender a merecer tais nomes? Não, continua ele, com a mesma impetuosidade, nem de vós nem de ninguém; saberei não destruir vossa obra: saberei não merecê-los.

Eu contava com essa primeira revolta; deixo-a passar sem me comover. Se eu não tivesse a moderação que lhe recomendo, fora ridículo pregá-la! Emílio conhece-me demais para me crer capaz de exigir dele algo que não seja correto e ele bem sabe que agiria mal abandonando Sofia no sentido que dá à palavra. Ele espera pois que eu me explique. Então, retomo meu sermão.

“Acreditais, caro Emílio, que um homem, qualquer que seja a situação em que se encontre, possa ser mais feliz do que vós o sois há três meses? Se acreditais, enganai-vos. Antes de terdes provado os prazeres da vida, já esgotastes a felicidade deles. Nada existe além do que sentistes. A felicidade dos sentidos é passageira; o estado habitual do coração com ela perde sempre. Gozastes mais pela esperança do que jamais gozareis na realidade. A imaginação que enfeita o que se deseja, abandona-o com a posse. Afora o ser existente por si mesmo, não há de belo senão o que não é. Se essa situação pudesse durar sempre, teríeis encontrado a felicidade suprema. Mas tudo que se prende ao homem se ressenete de sua caducidade; tudo é finito, tudo é passageiro na vida humana: e ainda que a situação que nos faz feliz durasse sempre, o hábito de gozá-la tirar-lhe-ia o gosto. Se nada muda exteriormente, o coração muda; a felicidade deixa-nos, ou nós a deixamos.

“O tempo que não medíeis corria durante vosso delírio. O verão termina, o inverno aproxima-se. Ainda que pudéssemos continuar nossos passeios em tão rude estação, não o suportariam nunca. Queiramos ou não, devemos mudar de maneira de viver; esta não pode durar. Vejo em vossos olhos impacientes que a dificuldade não vos perturba: a confissão de Sofia e vossos próprios desejos vos sugerem um meio fácil de evitar a neve e não ter mais que fazer viagens para vê-la. O expediente é cômodo, sem dúvida: mas com a volta da primavera a neve derrete e o casamento fica; é preciso pensar em todas as estações.

“Quereis desposar Sofia e vós a conheceis a menos de seis meses! Quereis desposá-la, não por que ela vos convém e sim porque vos agrada; como se o amor não se enganasse nunca sobre as conveniências e como se os que começam por se amar não acabassem nunca por se detestar. Ela é virtuosa, eu o sei; mas será suficiente? Basta que as pessoas sejam honestas para que se convenham? Não é a virtude dela que ponho em dúvida, é seu gênio. Mostra-se num dia o de uma mulher? Sabeis em quantas situações é preciso que a tenhais visto para conhecerdes a fundo seu humor? Quatro meses de afeição asseguram-vos de toda a vida? Talvez dois meses de ausência vos levem a esquecê-la; talvez outro não espere senão vosso afastamento para vos arrancar de seu coração; talvez ao voltardes a acheis tão indiferente quanto a achastes sensível até agora. Os sentimentos não dependem dos princípios; ela pode

permanecer muito honesta e não mais vos amar. Ela será constante e fiel, quero crer; mas quem vos responde por ela e quem lhe responde por vós, enquanto não vos tiverdes posto à prova? Aguardareis, para essa prova, que se vos tenha tornado inútil? Esperareis, para vos conhecerdes, que não vos possais mais separar-vos?

“Sofia não chega a ter dezoito anos; vós mal passais de vinte; esta idade é a do amor mas não a do casamento. Que pai de família, e que mãe! Afinal para saberdes educar filhos, esperai ao menos deixar de ser crianças. Sabeis quantas jovens se viram com a constituição enfraquecida, a saúde arruinada, a vida abreviada em consequência das fadigas da gravidez suportadas antes da hora? Sabeis quantas crianças ficaram debilitadas e frágeis por terem sido alimentadas num corpo ainda mal formado? Quando a mãe e a criança crescem juntas e que a substância necessária ao crescimento de cada uma das duas se divide, nem uma nem outra tem o que lhes destinava a natureza: como pode ser que não sofram ambas? Ou conheço mal meu Emílio, ou ele preferirá ter mais tarde uma mulher e filhos robustos a contentar sua impaciência em detrimento de suas vidas e de suas saúdes.

“Falemos de vós. Aspirando à condição de espôso e de pai, meditastes suficientemente sobre os deveres? Tornando-vos chefe de família, ides tornar-vos membro do Estado. E que é ser membro do Estado? Sabei-o? Estudastes vossos deveres de homem, mas os do cidadão conhecei-os? Sabeis o que sejam governo, leis, pátria? Sabeis a que preço vos é permitido viver e por quem deveis morrer? Acreditais ter tudo aprendido e nada sabeis ainda. Antes de terdes um lugar na ordem civil, aprendei a conhecer e a saber qual vos cabe.

“Emílio, é preciso separar-vos de Sofia: não digo que a abandoneis. Se fosseis capaz disso ela se sentiria demasiado feliz por não vos ter desposado: é preciso deixá-la para voltar digno dela. Não sejais bastante fútil para acreditar que já a mereceis. Quanto vos resta a fazer ainda! Vinde desempenhar essa nobre tarefa; vinde aprender a suportar a ausência; vinde ganhar o prêmio da fidelidade, a fim de que ao voltardes, possais vangloriar-vos de alguma coisa, e pedir-lhe a mão, não como uma mercê e sim como uma recompensa.”

Não ainda habituado a lutar contra si mesmo, não ainda acostumado a desejar uma coisa e a querer outra, o jovem não

se rende; resiste, discute. Porque se recusaria à felicidade que o espera? Não seria desprezar a mão que lhe é oferecida, adiar aceitá-la? Que necessidade há em se afastar dela para se instruir acerca do que deve saber? E, ainda que isso fôsse necessário, porque não lhe deixaria nos laços indissolúveis o penhor de sua volta? Em sendo esposo dela, está disposto a seguir-me; se estiverem unidos ele a deixará sem temor... Unir-vos para vos deixardes, Emílio, que contradição! É belo um apaixonado viver sem sua amada; mas um marido não deve nunca deixar a mulher sem necessidade. Para curar vossos escrúpulos, vejo que vossos adiamentos devem ser involuntários; é preciso que possais dizer a Sofia que vós a deixais contra a vossa vontade. Pois bem, ficai satisfeito e desde que não obedeceis à razão, arranjai outro preceptor. Não esqueceste a promessa que me fizestes. Emílio, é preciso deixar Sofia, eu o quero.

Ouvindo esta palavra, ele emudece, fica um momento pensativo e depois, olhando-me com segurança, diz-me: Quando partimos? Dentro de oito dias, respondo; é preciso preparar Sofia. As mulheres são mais fracas, devemos-lhe certas atenções; e essa ausência, não sendo para ela um dever, como é para vós, é-lhe permitido suportá-la com menos coragem.

Sinto-me muito tentado a prolongar até a separação de meus jovens o diário de seus amores; mas abuso de há muito da indulgência dos leitores; abreviemos para terminar enfim. Emílio ousará levar aos pés de sua amada a mesma firmeza. Ficaria mais confuso diante dela se lhe custasse menos deixá-la; ele a deixaria como culpado e um tal papel é sempre embaraçoso para um coração honesto; mas quanto mais o sacrifício lhe custa, mais ele se honra com ele aos olhos daquela que o torna penoso. Ele não receia que ela se engane acerca do motivo determinante. Parece dizer-lhe a cada olhar: Ó Sofia, lê em meu coração e sê fiel; não tens um apaixonado sem virtude.

A altiva Sofia, por seu lado, trata de suportar com dignidade o golpe imprevisto que a atinge. Esforça-se por parecer insensível; mas, não tendo, como Emílio, a honra da luta e da vitória, sua firmeza se sustenta menos. Chora, geme sem querer, e o pavor de ser esquecida azeda a dor da separação. Não é diante do amado que chora, não é a ele que mostra seus receios; morreria sufocada de preferência a deixar escapar um

suspiro na presença dele: eu é que recebo as queixas, que vejo suas lágrimas, eu que ele toma como confidente. As mulheres são hábeis e sabem disfarçar: quanto mais reclama contra minha tirania, mais se mostra atenta em lisonjear-me; sente que sua sorte está nas minhas mãos.

Eu a consolo, eu a tranqüilizo, respondo por seu amado, ou melhor, por seu esposo: que ela guarde a mesma fidelidade que ele terá por ela e dentro de dois anos ele será seu marido, juro-o. Ela me estima bastante para acreditar que não a quero enganar. Eu sou a garantia mútua de ambos. Seus corações, sua virtude, minha probidade, a confiança dos pais, tudo os tranqüiliza. Mas que adianta a razão contra a fraqueza? Eles se separam como se não mais devessem ver-se.

É então que Sofia recorda os lamentos de Eucaris e se acredita realmente no lugar dela. Não deixemos, durante a ausência, que despertem esses amores fantasiosos. Sofia, digo-lhe um dia, farei uma troca de livros com Emílio. Dai-lhe vosso *Telêmaco*, a fim de que aprenda a assemelhar-se a ele; e que ele vos dê o *Spectateur*, cuja leitura apreciáis. Estudai os deveres das mulheres honestas, e pensai que dentro de dois anos esses deveres serão os vossos. A troca agrada a ambos, e lhes dá confiança. Finalmente chega o triste dia, é preciso separar-se.

O digno pai de Sofia, com quem tudo combinei, abraça-me ao dizer-lhe adeus; depois, puxando-me de lado, diz-me estas palavras em tom grave: “Tudo fiz para vos agradar; sabia que tratava com um homem de honra. Resta-me apenas uma palavra a dizer-vos: lembrai-vos de que vosso aluno assinou seu contrato de casamento na boca de minha filha.”

Que diferença na atitude dos dois namorados! Emílio, impetuoso, ardente, agitado, fora de si, dá gritos, verte lágrimas nas mãos do pai, da mãe, da filha, abraça soluçando todos os criados, e repete mil vezes as mesmas coisas numa desordem que faria rir em qualquer outra circunstância. Sofia, morna, pálida, olhar amortecido, não diz nada, não chora, não vê ninguém, nem mesmo Emílio. Por mais que ele lhe tome as mãos, que a aperte em seus braços, ela permanece imóvel, insensível às lágrimas, aos carinhos a tudo o que ele faz; para ela, ele já partiu. Como isso é mais comovente que a lamentação importuna de seu amado! Ele o vê, ele o sente, entristece: arrast-o com dificuldade. Se o deixar mais um momento não

quererá mais partir. Agrada-me que leve consigo a triste imagem. Se jamais se sentir tentado a esquecer o que deve a Sofia, lembrando-lhe como a viu no momento da partida, será preciso que tenha o coração muito alienado para que o não traga de volta a ela.

DAS VIAGENS

Perguntam se é bom que os jovens viagem e muito discutem a respeito. Se se apresentasse a questão de outro modo, e se perguntasse se é bom que os homens tenham viajado, talvez não se discutisse tanto.

O abuso dos livros mata a ciência. Acreditando saber o que temos, acreditamos dispensados de aprender. Leituras excessivas não servem senão para fazer ignorantes presunçosos. De todos os séculos de literatura, nenhum há em que se tenha lido tanto quanto neste, e nenhum em que se tenha sido menos sábio. De todos os países da Europa nenhum há onde se imprimam tantas histórias, tantas relações de viagem quanto na França. E nenhuma há onde se conheçam menos o gênio e os costumes das outras nações. Tantos livros fazem-nos negligenciar o livro do mundo; ou, se o lemos, cada um de nós se cinge à sua página. Ainda que a expressão *Pode-se ser Persa?* me fosse desconhecida, eu adivinharia, ao ouvir dizê-la, que vem do país onde os preconceitos nacionais mais se impõem, e do sexo que mais os propaga.

Um parisiense acredita conhecer os homens e só conhece os franceses; na sua cidade, sempre cheia de estrangeiros, ele olha cada estrangeiro como um fenômeno extraordinário, sem igual no resto do mundo. É preciso ter visto de perto os burgueses dessa grande cidade, para acreditar que com tanto espírito se possa ser tão estúpido. O que há de estranho é que cada um deles já leu, talvez, dez vezes a descrição do país cujo habitante tanto o maravilha.

É demais ter de vencer ao mesmo tempo os preconceitos dos autores e os nossos para chegar à verdade. Passei minha vida lendo relatos de viagens, e nunca encontrei dois que me dessem a mesma idéia do mesmo povo. Comparando o pouco que podia observar com o que lera, acabei desprezando os viajantes e lamentando o tempo perdido com me instruir através

de sua leitura, convencido de que, em matéria de observações de toda ordem, não se deve ler, deve-se ver. O resto seria verdadeiro se todos os viajantes fossem sinceros, se dissessem somente o que viram, ou o que acham, e não mascarassem a verdade com as falsas cores que tomam a seus olhos. Que pensar quando é preciso descobri-la ainda através de suas mentiras e de sua má-fé?

Deixemos portanto o recurso dos livros que vos recomendam aos que são feitos para contentar-se com eles. Valem na medida em que vale a arte de Raymond Lulle para ensinar a falar do que não se conhece. O recurso é bom para educar Platão de quinze anos a filosofarem na sociedade e a instruírem uma roda acerca dos costumes do Egito e das Índias, segundo Paul Lucas ou Tavernier.

Considero incontestável que quem viu apenas um povo, em lugar de conhecer os homens, conhece apenas as pessoas com quem viveu. Eis, pois, mais outra maneira de apresentar a mesma questão das viagens: basta que um homem bem educado só conheça seus compatriotas, ou é importante que conheça os homens em geral? Não há mais aqui nem discussão nem dúvida. Vede como a solução de uma questão difícil depende por vezes da maneira de apresentá-la.

Mas para estudar os homens é preciso percorrer a terra inteira? Será preciso ir ao Japão para observar os europeus? Para conhecer a espécie, será preciso conhecer todos os indivíduos? Há homens que se assemelham tanto que não vale a pena estudá-los separadamente. Quem viu dez franceses os viu todos. Embora não se possa dizer o mesmo dos ingleses e de outros povos, é entretanto certo que cada nação tem seu caráter próprio, específico, que se conhece por indução, não da observação de um só de seus membros mas de vários. Quem comparou dez povos conhece os homens assim como quem comparou dez franceses conhece os franceses.

Não basta para se instruir percorrer os países; é preciso saber viajar. Para observar é preciso ter olhos, e voltá-los para o objeto que se quer conhecer. Há muitas pessoas que as viagens instruem menos ainda do que os livros, porque ignoram a arte de pensar, porque nas leituras, seu espírito é mais ou menos guiado pelo autor e, em suas viagens, nada sabem ver por si mesmos. Outros não se instruem porque não se querem instruir. Seu objetivo é tão diferente que esse não os impres-

siona: e é somente por acaso que se vê o que não se tem a preocupação de olhar. De todos os povos do mundo, o francês é o que mais viaja; mas, imbuído de seus costumes, confunde tudo o que não se assemelha a eles. Há franceses em todos os países do mundo. Não há país onde se encontrem mais pessoas que tenham viajado do que na França. Com tudo isso, entretanto, de todos os povos da Europa, o que mais vê outros povos menos os conhece.

O inglês viaja também, mas de outro modo; estes dois povos são contrários em tudo. A nobreza inglesa viaja, a nobreza francesa não; o povo francês viaja, o povo inglês não. Esta diferença se me afigura honrosa para o último. Os franceses têm sempre algum interesse em sua viagem; mas os ingleses não vão buscar fortuna nas outras nações, a não ser pelo comércio e com as mãos cheias; quando viajam é para aplicar dinheiro, não para viver de seus talentos; são demasiado altivos para irem rastejar fora da pátria. Isso faz também com que se instruem no estrangeiro mais do que os franceses, que têm outro objetivo na mente. Os ingleses têm, entretanto, eles também, seus preconceitos nacionais; têm-nos mesmo mais do que ninguém; mas tais preconceitos provêm mais da ignorância que da paixão. O inglês tem os preconceitos do orgulho e o francês os da vaidade.

Como os povos menos cultos são geralmente os mais sábios, os que viajam menos viajam melhor; porque, estando menos avançados do que nós nas pesquisas frívolas, e menos ocupados com os objetos de nossa vã curiosidade, voltam toda a sua atenção para o que é verdadeiramente útil. Enquanto um francês visita os artistas do país, um inglês manda desenhar alguma antiguidade, e um alemão leva seu álbum a todos os sábios, o espanhol estuda em silencio o governo, os costumes, a administração e é o único dos quatro que, de volta à sua terra, traz do que viu alguma observação útil a seu país.

Os antigos viajavam pouco, liam pouco, escreviam poucos livros; e no entanto vemos, pelos que nos restam, que se observavam melhor do que observamos nossos contemporâneos. Sem remontar aos escritos de Homero, o único poeta que nos transporta para o país que descreve, não há como recusar a Heródoto a honra de ter pintado os costumes em sua história, embora ela se componha mais de narrações que de reflexões, e com mais acerto do que fazem nossos historiadores sobrecar-

regando seus livros de retratos e de caracteres. Tácito descreveu com mais exatidão os germanos de seu tempo do que qualquer outro escritor alemão de hoje. Incontestavelmente, os que são versados na história antiga conhecem mais seriamente os gregos, os cartagineses, os romanos, os gauleses, do que qualquer povo de hoje conhece seus vizinhos.

Cumpra confessar também que os caracteres originais dos povos, diluindo-se dia a dia, se tornam por isso mesmo mais difíceis de se apreenderem. Na medida em que as raças se misturam, e que os povos se confundem, vemos pouco a pouco desaparecerem as diferenças nacionais que impressionavam ao primeiro golpe de vista. Outrora cada nação permanecia mais encerrada em si mesma, havia menos comunicações, menos viagens, menos interesses comuns ou contrários, menos ligações políticas e civis entre os povos, menos intrigas reais a que chamamos negociações, menos embaixadores permanentes; as grandes navegações eram raras; havia pouco comércio remoto e o pouco que havia era feito pelo próprio príncipe, que se servia de estrangeiros, ou por indivíduos desprezados, que não davam o tom a ninguém e não aproximavam as nações. Há cem vezes mais relações hoje entre a Europa e a Ásia do que outrora entre a Gália e a Espanha: a Europa sozinha era mais esparsa do que a terra inteira o é hoje.

Acrescentai a isso que os povos antigos, encarando-se em sua maioria como autóctones ou originários de seu próprio país, já o ocupavam há tempo bastante para terem perdido a memória dos tempos longínquos em que seus ancestrais nele se tinham estabelecido, e para terem dado tempo ao clima de deitar nêles impressões duradouras: ao passo que entre nós, depois das invasões dos romanos, as recentes emigrações dos bárbaros tudo confundiram. Os franceses de hoje não são mais os grandes louros e brancos de outrora; os gregos não são mais os belos homens feitos para servirem de modelos à arte; os próprios romanos mudaram de aspecto e de natural; os persas, originários da Tartária, perdem dia a dia sua feiúra primitiva pela mistura do sangue caucásico; os europeus não são mais gauleses, germanos, ibéricos, alóbrogos: são todos Citas diversamente degenerados quanto ao físico e mais ainda quanto aos costumes.

Eis porque as antigas distinções das raças, das qualidades do clima e das terras marcavam mais fortemente os temperamentos dos povos, seu aspecto, seus costumes, seu caráter, do

que em nossos dias, quando a inconstância européia não deixa a nenhuma causa natural o tempo de marcar suas influências, e quando as florestas derrubadas, os pantanaes drenados, a terra mais uniformemente cultivada, embora menos bem, não assinala mais, nem sequer no físico, a mesma diferença de uma terra a outra e de um país a outro.

Talvez, com semelhantes reflexões, se apressassem menos em ridicularizar Heródoto, Crésias, Plínio por terem representado os habitantes de diversos países com traços originaes e diferenças acentuadas que não vemos mais. Fora preciso encontrar os mesmos homens para reconhecer neles os mesmos aspectos; fora preciso que nada tivesse mudado neles e que tivessem permanecido os mesmos. Se pudessemos considerar ao mesmo tempo todos os homens que existiram, podemos duvidar de que não os acharíamos mais variados, de um século a outro, do que os achamos hoje, de uma nação a outra?

Ao mesmo tempo que as observações se tornam mais difíceis, elas se fazem mais negligentemente e pior; é outra razão do êxito diminuto de nossas pesquisas na história natural do gênero humano. O conhecimento que tiramos das viagens relaciona-se com o objeto que nos leva a fazê-las. Quando esse objeto é um sistema de filosofia, o viajante não vê nunca senão o que quer ver; quando esse objeto é o interesse, ele absorve toda a atenção dos viajantes. O comércio e as artes, que misturam e confundem os povos, impedem-nos também de se estudarem. Quando sabem o proveito que podem obter um do outro, que mais hão de querer saber?

É útil ao homem conhecer todos os lugares onde se pode viver, a fim de escolher aquêles onde se pode viver mais comodamente. Se cada qual se bastasse a si mesmo, só lhe importaria conhecer a extensão da região que o pode alimentar. O selvagem, que não precisa de ninguém e não ambiciona nada no mundo, não conhece e não procura conhecer outra terra que não a sua. Se é forçado a espalhar-se para subsistir, foge dos lugares habitados pelos homens; só o interessam os animais, só deles necessita para se alimentar. Mas para nós, a quem a vida civil é necessária, e que não podemos deixar de "comer" homens, o interesse de cada um de nós está em frequentar os países onde os há para serem devorados. Eis porque tudo afluí a Roma, a Paris, a Londres. É sempre nas

capitais que o sangue humano se vende mais barato. Assim, só conhecemos os grandes povos e os grandes povos se assemelham todos.

Temos, dizem, sábios que viajam para se instruírem; é um erro; os Platãos, os Pitágoras não se encontram mais, ou se os há, estão bem longe de nós. / Nossos sábios só viajam por ordem da corte; despacham-nos, pagam-nos para verem tal ou qual objeto, que não é por certo nenhum objeto moral. Devem todo o seu tempo a esse objeto único; são demasiado honestos para roubarem seu dinheiro. Se em algum país curiosos viajam à própria custa, não o fazem para estudar os homens e sim para instruí-los. Não é de ciência que precisam e sim de ostentação. Como aprenderiam em suas viagens a sacudir o jugo da opinião, se não as fazem senão por ela?

Há muita diferença entre viajar para ver terras e viajar para ver povos. O primeiro objeto é o dos curiosos, o outro é apenas acessório. Deve ser o contrário para quem quer filosofar. A criança observa as coisas à espera de que possa observar os homens. O homem deve começar por observar os homens; depois observará as coisas, se tiver tempo.

É portanto raciocinar mal concluir que as viagens são inúteis, do fato de viajarmos mal. Mas, reconhecida a utilidade das viagens, cumprirá admitir-se que convenham a todo mundo? De modo algum; não convêm, ao contrário, senão a muito poucas pessoas; só convêm aos homens bastante seguros de si, para ouvir as lições do erro sem se deixarem seduzir, e ver o exemplo do vício sem se deixarem arrastar. As viagens levam a consolidar as inclinações naturais, a se firmarem mais, e acabam por tornar o homem melhor ou pior. Quem volta de correr mundo encontra-se tal qual será a vida inteira: e voltam antes piores do que melhores, porque há mais indivíduos inclinados para o mal do que para o bem. Os jovens mal educados e mal dirigidos contraem, em suas viagens, todos os vícios dos povos que visitam e nenhuma das virtudes a que estes se misturam; mas os bem nascidos, aqueles cujo bom natural foi bem cultivado e que viajam com a intenção real de se instruírem, voltam todos melhores e mais sábios do que quando partiram. Assim viajará meu Emílio: assim viajou um jovem, digno de melhor século, cujo mérito a Europa espantada admirou, que morreu por seu país na flor da idade, mas que merecia viver e cujo túmulo, ornado unicamente com suas virtu-

des, aguardava para ser honrado, que a mão de um estranho nele semeasse flôres ¹⁷.

Tudo que se faz, ditado pela razão, deve ter suas regras. As viagens, encaradas como parte da educação, devem ter as suas. Viajar por viajar, é perambular, é ser vagabundo; viajar para se instruir é ainda um objeto vago demais: a instrução que não tem um objetivo determinado não é nada. Eu gostaria de dar ao jovem um interêsse sensível por se instruir, e esse interêsse bem escolhido fixaria, demais, a natureza da instrução. É sempre a continuação do método que tentei aplicar.

Ora, depois de se considerar por suas relações físicas com os outros seres, por suas relações morais com os outros homens, resta-lhe considerar-se por suas relações civis com seus concidadãos. É preciso, para isso, que comece por estudar a natureza do governo em geral, as diversas formas de governo, e finalmente o governo particular sob o qual nasceu, a fim de saber se lhe convém nele viver; porque, em virtude de um direito que nada pode ab-rogar, todo homem, em se tornando maior e senhor de si mesmo, torna-se também senhor de renunciar ao contrato pelo qual se prende à comunidade, abandonando o país em que ela se acha estabelecida. É somente pelo tempo em que nela vive, depois da idade da razão, que se pode julgar se confirmou tacitamente o compromisso assumido por seus antepassados. Ele adquire o direito de renunciar a sua pátria, como à herança de seu pai; e sendo o lugar de nascimento um dom da natureza, cede-se algo de si a ele renunciando. Em rigor, todo homem permanece livre, correndo seus riscos, em qualquer lugar que nasça, a menos que se submeta voluntariamente às leis para adquirir o direito de ser por elas protegido.

Dir-lhe-ia então, por exemplo: até aqui vivestes sob a minha direção, estais portanto fora de condições de vos governar vós mesmo. Mas vós vos aproximaís da idade em que as leis, deixando-vos dispor de vossos bens, vos tornam senhor de vossa pessoa. Ides encontrar-vos só na sociedade, dependendo de tudo, até de vosso patrimônio. Tendes em vista estabelecer-vos; isto é louvável, é um dos deveres do homem; mas antes de vos casardes, cumpre saber que homem quereis ser,

(17) Conde de Gisors.

como quereis viver vossa vida, que medidas quereis tomar para garantir o pão de cada dia, vosso e de vossa família; porque, embora não seja preciso fazer desse cuidado o principal problema, é preciso contudo pensar nisso uma vez. Quereis comprometer-vos na dependência dos homens que desprezais? Quereis estabelecer vosso destino e fixar vossas condições mediante relações civis que vos porão sempre à disposição dos outros e vos farão, para não serdes malandro, ser malandro vós mesmo?

Nesse momento, eu lhe descreverei todos os meios possíveis de fazer valorizar seus bens, ou no comércio ou nos empregos, ou nas finanças; e lhe mostrarei que não há nenhum que não comporte riscos, que não o ponha num estado precário e dependente, e não o force a regrar seus costumes, seus sentimentos e sua conduta pelo exemplo dos preconceitos alheios.

Há, dir-lhe-ei, outro meio de empregar seu tempo e sua pessoa, é o de assentar praça, isto é, alugar-se barato para ir matar gente que não nos fez mal nenhum. Este ofício está em grande estima entre os homens e êstes muito consideram os que não servem para outra coisa. Demais, longe de vos eximir de outros recursos, ele vo-os torna mais necessários ainda; porque entra também na honra dessa condição arruinarem-se os que a tal ofício se dedicam. É verdade que não a arruinam todos; está-se tornando mesmo moda enriquecer-se nele como nos outros; mas duvido que vos explicando como fazem os que têm êxito, tenhais curiosidade de imitá-los.

Sabereis também que nesse ofício, não se trata mais de coragem nem de valor, a não ser talvez junto das mulheres; que, ao contrário, o mais rastejante, o mais vil, o mais servil, é sempre o mais honrado: que se pensardes em fazer de verdade vosso ofício sereis desprezado, odiado, despedido talvez, esmagado por prioridades e suplantado por todos os vossos camaradas por terdes feito vosso serviço na trincheira, enquanto eles o faziam nos toucadores.

É fácil conceber que nenhum desses empregos será do gosto de Emílio. Como! dirá ele, terei esquecido os jogos de minha infância? Terei perdido meus braços? Estará esgotada minha força? Não saberei mais trabalhar? Que me importam vossos belos empregos e tôdas as tôlas opiniões dos homens? Não conheço outra glória senão a de ser bom e justo; não conheço outra felicidade senão a de viver independente com

o que amo, ganhando todos os dias appetite e saúde com meu trabalho. Todas essas difficuldades de que me falais não me preocupam. Não quero outra propriedade senão um pequeno sítio em algum recanto do mundo. Aplicarei toda a minha poupança em valorizá-lo e viverei sem inquietação. Sofia é meu campo, serei rico.

Sim, meu amigo, não é preciso mais para a felicidade de um sábio do que uma mulher e um pedaço de terra que lhe pertençam; mas tais tesouros, embora modestos, não são tão comuns como pensais. O mais raro já o achastes; falemos do outro.

Um pedaço de terra que seja vosso, caro Emílio! e em que lugar o escolhereis? Em que recanto do mundo podereis dizer: sou aqui senhor de mim e dono do terreno que me pertence? Sabemos em que lugares é fácil ficar rico, mas quem sabe onde nos podemos dispensar de sê-lo? Quem sabe onde podemos viver com independência e liberdade sem necessidade de fazer mal a ninguém e sem temer sofrê-lo? Acreditais que o país onde é sempre permitido ser honesto seja tão fácil de se encontrar? Se há algum meio de subsistir sem intriga, sem demandas, sem dependência, é, concordo, o de viver das próprias mãos, cultivando sua própria terra. Mas, onde o Estado no qual se possa dizer: a terra que piso é minha? Antes de escolherdes essa terra feliz, assegurai-vos de encontrar nela a paz que procurais; evitai que um governo violento, uma religião perseguidora, costumes perversos vos venham perturbar. Ponde-vos ao abrigo dos impostos desmedidos que devorariam o fruto de vosso trabalho, dos processos infundáveis que consumiriam vosso capital. Atentai para que, vivendo justamente, não tenhais de fazer a corte a intendentes, a seus substitutos, a juizes, a padres, a vizinhos poderosos, a malandros de toda espécie, sempre dispostos a vos atormentarem se não tomardes cuidado. Ponde-vos sobretudo ao abrigo dos vexames dos grandes e dos ricos; pensai em que em toda parte suas terras podem confinar com o vinhedo de Naboth. Se por desgraça um homem importante compra ou constrói uma casa perto de vossa cabana, tende certeza de que não encontrará o meio, mediante um pretexto qualquer, de invadir vossa herança para ampliar a dele, ou que não vereis muito logo uma grande estrada absorver todos os vossos recursos? Se podeis encontrar crédito para obviardes a tantos inconvenientes, mais vale ainda conservar também vossas riquezas, pois não vos custarão mais. A

riqueza e o crédito sustentam-se mutuamente; e sustentam-se mal um sem outro.

Tenho mais experiência do que vós, caro Emílio; vejo mais claramente a dificuldade de vosso projeto. É belo entretanto, é honesto, e vos tornaria feliz efetivamente: esforcemo-nos por executá-lo. Tenho uma proposta a fazer-vos: consagremos os dois anos até vossa volta a escolher um lugar na Europa onde possais viver feliz com vossa família, ao abrigo de todos os perigos de que acabo de falar. Se tivermos êxito, tereis encontrado a verdadeira felicidade procurada por tantos outros e não lamentareis o tempo gasto. Se não o conseguirmos, vós vos tereis curado de uma quimera; vós vos consolareis de uma desgraça inevitável e vós vos submeteréis à lei da necessidade.

Não sei se meus leitores perceberão até onde nos levará essa procura assim proposta; mas bem sei que se, de volta dessas viagens começadas e continuadas com tal objetivo, Emílio não retornar versado em todas as matérias de governo, de costumes públicos, de máximas de Estado, será porque ele e eu somos desprovidos, um de inteligência e outro de julgamento.

O direito político está ainda por nascer, e é de se presumir que não nascerá nunca. Grotius, o mestre de todos os nossos sábios na matéria, não passa de uma criança e, o que é pior, de uma criança de má-fé. Quando ouço erguerem Grotius às nuvens e cobrirem Hobbes de execração, vejo como poucos homens sensatos lêem ou compreendem tais autores. A verdade é que seus princípios são exatamente semelhantes; eles só diferem quanto a expressões. Diferem também pelo método. Hobbes apóia-se em sofismas, e Grotius nos poetas; o resto é-lhes comum.

O único moderno em condições de criar essa grande e inútil ciência fora o ilustre Montesquieu. Mas ele teve o cuidado de não tratar dos princípios do direito político; contentou-se com tratar do direito positivo dos governos estabelecidos; e nada no mundo é mais diferente do que esses dois estudos.

Entretanto, quem quer julgar sensatamente os governos, como existem, é obrigado a reunir ambos: é preciso saber o que deve ser para bem julgar o que é. A maior dificuldade para esclarecer essas importantes matérias está em interessar um particular em discuti-las; em responder a estas duas perguntas: que importa? e que posso fazer? Pusemos nosso Emílio em condições de responder a ambas.

A segunda dificuldade vem dos preconceitos da infância, das máximas com as quais fomos educados, principalmente da parcialidade dos autores que, falando sempre da verdade com que pouco se incomodam, não pensam senão em seu interesse, do que não falam nunca. Ora, o povo não dá nem cátedras, nem pensões, nem lugares nas academias: julgue-se portanto se seus direitos podem ser estabelecidos por essa gente! Também fiz com que essa dificuldade fosse nula para Emílio. Mal sabe ele o que seja governo; a única coisa que lhe interessa é achar o melhor. Seu objetivo não é fazer livros; e, se os fizer um dia, não será para cortejar os poderosos e sim para estabelecer os direitos da humanidade.

Resta uma terceira dificuldade, mais especiosa do que sólida, e que eu não quero nem resolver nem propor: basta-me que não assuste meu zelo, sendo certo que em pesquisas dessa espécie, são menos necessários grandes talentos do que um sincero amor à justiça e um verdadeiro respeito pela verdade. Se portanto as matérias de governo podem ser equitativamente tratadas, eis, a meu ver, o caso.

Antes de observar é preciso criar regras para as observações; é preciso uma escala para as medidas que tomamos. Nossos princípios de direito político são essa escala. Nossas medidas são as leis políticas de cada país.

Nossos elementos serão claros, simples, tirados imediatamente da natureza das coisas. Constituirão questões diversas discutidas por nós e que só converteremos em princípios quando estiverem suficientemente esclarecidas.

Por exemplo, remontando de início ao estado natural, examinaremos se os homens nascem escravos ou livres, associados ou independentes; se se reúnem voluntariamente ou à força; se algum dia a força que os reúne pode formar um direito permanente, pelo qual essa força anterior obriga, mesmo quando sobrepujada por outra, de maneira que, desde a força do rei Nembrod que, dizem, lhe submeteu os primeiros povos, todas as demais forças, que destruíram essa, se tenham formado iníquas e usurpatórias e que não haja mais reis legítimos senão os descendentes de Nembrod ou seus lugares-tenentes; ou se, vindo a cessar essa primeira força, a força que lhe sucede obrigue por sua vez e destrua a obrigação da outra, de modo que não se seja forçado a obedecer senão na medida em que se é compelido a fazê-lo, e que se seja dispensado disso desde que se

possa opor resistência: direito que, parece-me, não acrescentaria grande coisa à força, e não passaria de um jogo de palavras.

Examinaremos se se pode dizer que toda doença vem de Deus e se disso decorre que seja um crime chamar o médico.

Examinaremos ainda se somos obrigados, por motivo de consciência, a dar a bolsa a um bandido que a pede na estrada, ainda que a possamos esconder; sim, porque afinal a pistola que tem nas mãos é também uma força. Se essa palavra força nessa ocasião quer dizer outra coisa que uma força legítima e por conseguinte sujeita às leis de que tira sua existência. Supondo-se que rejeitemos esse direito de força e que admitamos o da natureza, ou a autoridade paterna, como princípio das sociedades, procuraremos a medida dessa autoridade, como é fundada na natureza, se tem outra razão de ser senão a utilidade da criança, sua fraqueza e o amor natural que o pai tem por ela; se, portanto, em cessando a fraqueza da criança e em amadurecendo sua razão, não se torna ela único juiz natural do que convém à sua conservação, se não se torna, conseqüentemente, seu próprio senhor e independente de qualquer outro homem inclusive de seu pai; pois é ainda mais certo que o filho se ame a si mesmo do que o pai a seu filho. Examinaremos ainda se, morto o pai, os filhos são obrigados a obedecer ao mais velho e a outro que não terá por eles a afeição natural de um pai; e se, de raça em raça, haverá sempre um chefe único a quem toda a família deve obedecer. Neste caso, procurar-se-ia saber como a autoridade poderia ser partilhada e de que direito haveria na terra inteira mais de um chefe governando o gênero humano.

Supondo que os povos se tenham formado por escolha, distinguiremos então o direito do fato; e perguntaremos se, em se tendo assim submetido aos irmãos, tios ou pais, não por obrigação, mas por vontade própria, essa espécie de sociedade não cabe sempre dentro da associação livre e voluntária.

Passando em seguida ao direito de escravidão, examinaremos se um homem pode legitimamente alienar-se a outro, sem restrição, sem reserva, sem nenhuma espécie de condição; se pode em suma renunciar à sua pessoa, sua vida, sua razão *seu eu*, a qualquer moralidade em suas ações, e deixar enfim de existir antes da morte, apesar da natureza que o encarrega imediatamente de sua própria conservação, e apesar de sua cons-

ciência e sua razão que lhe prescrevem o que deve fazer e de que se deve abster.

Havendo qualquer reserva, qualquer restrição no ato de escravização, discutiremos se tal ato não se torna então um verdadeiro contrato em que cada um dos dois contratantes, não tendo a qualidade de superior comum¹⁸, permanece seu próprio juiz quanto às condições do contrato, livre por conseguinte nessa parte e senhor de romper o contrato quando se considerar lesado.

E se um escravo não pode alienar-se sem reserva a seu senhor, como pode um povo alienar-se sem reserva a um chefe? E se o escravo permanece juiz da observação do contrato por seu senhor, como o povo não permaneceria juiz da observação do contrato por seu chefe?

Forçados assim a voltar atrás, e considerando o sentido da palavra coletiva povo, procuraremos ver se, para estabelecer esse chefe, não é preciso um contrato, tácito ao menos, anterior ao que supomos.

Como antes de eleger um rei o povo é um povo, quem o fez assim senão o contrato social? O contrato social é portanto a base de toda sociedade civil, e é na natureza desse ato que cumpre procurar a base da sociedade que êle forma.

Procuraremos verificar qual o teor desse contrato e se não se pode pouco a pouco enunciá-lo por esta fórmula: "Cada um de nós põe em comum sua pessoa, sua vida, todo o seu poder, sob a suprema direção da vontade geral, e recebemos cada membro como parte invisível do todo".

Isto suposto, para definir os termos de que precisamos, observaremos que em lugar da pessoa particular de cada contratante, esse ato de associação forma um corpo moral e coletivo, composto de tantos membros quantas as vozes da assembléia. Essa pessoa pública toma o nome de *corpo político*, o qual é chamado por seus membros *Estado* quando passivo, *soberano* quando ativo, *potência*, em se comparando com seus semelhantes. Quanto aos membros eles próprios, adquirem a denominação de *povo* coletivamente e, em particular, de *cidadãos*, co-

(18) Se houvesse um, esse superior comum não seria outro senão o soberano; e então o direito de escravidão, assentado no direito de soberania, não seria seu princípio.

mo membros da *cidade* ou participantes da autoridade soberana, e *súditos*, como submetidos à mesma autoridade.

Observamos que este ato de associação encerrará um compromisso recíproco do público e dos particulares, e que cada indivíduo, contratando por assim dizer consigo mesmo, se encontra comprometido duplamente, a saber, como membro do soberano em relação aos particulares, e como membro do Estado em relação ao soberano.

Observaremos ainda que ninguém estando preso aos compromissos que só assumiu para consigo, a deliberação pública que pode obrigar todos os súditos em relação ao soberano, por causa das duas relações diferentes pelas quais cada qual é encarado, não pode obrigar o Estado em relação a si mesmo. Pelo que se vê que não há nem pode haver outra lei fundamental propriamente dita senão o pacto social. O que não significa que o corpo político não possa de certos pontos de vista comprometer-se com outrem; pois em relação ao estrangeiro, torna-se um ser simples, um indivíduo.

Não tendo as duas partes contratantes, cada particular e o público, nenhum superior comum que possa julgar suas divergências, examinaremos se cada um deles permanece senhor de romper o contrato quando lhe apraz, isto é, de renunciar a êle quando se imagina lesado.

Para esclarecer essa questão, observamos que, segundo o pacto social, o soberano, não podendo agir senão mediante vontades comuns e gerais, seus atos não devem ter tampouco senão objetivos gerais e comuns; do que se deduz que um particular não pode ser lesado diretamente pelo soberano sem que o sejam todos, o que não é possível, o que seria querer prejudicar a si mesmo. Assim, o contrato social nunca tem necessidade de outra garantia senão a força pública, porque a lesão não pode vir senão dos particulares; e estes não se acham com isso libertos de seu compromisso e sim punidos por o terem violado.

Para bem resolver todas as questões semelhantes, teremos cuidado de nos lembrar que o pacto social é de uma natureza particular, própria, porquanto o povo não contrata senão consigo mesmo, isto é, o povo como corpo soberano com os particulares como súditos: condição que faz todo o artifício e o jogo da máquina política e que torna, ela só, legítimos, sensa-

tos e sem perigo, compromissos que sem isso seriam absurdos, tirânicos e sujeitos aos mais enormes abusos.

Os particulares não estando sujeitos senão ao soberano, e a autoridade soberana não sendo outra coisa que a vontade geral, veremos como cada homem, obedecendo ao soberano, não obedece senão a si mesmo, e como se é mais livre com o pacto social do que no estado de natureza.

Depois de feita a comparação da liberdade natural com a liberdade civil quanto às pessoas, faremos, quanto aos bens, a do direito de propriedade com o de soberania, do domínio particular com o domínio eminente. Se é sobre o direito de propriedade que assenta a autoridade soberana, esse direito é o que ela deve mais respeitar; ele é inviolável e sagrado para ela enquanto permanece um direito individual e particular; logo que é considerado como comum a todos os cidadãos, é submetido à vontade geral e essa vontade pode aniquilá-lo. Assim o soberano não tem nenhum direito de tocar nos bens de um particular, nem de vários; mas pode legitimamente apossar-se dos bens de todos, como ocorreu em Esparta no tempo de Licurgo, ao passo que a abolição das dívidas por Sólon foi um ato ilegítimo.

Pôsto que nada obriga os súditos senão a vontade geral, procuraremos ver como se manifesta essa vontade, como se tem certeza de reconhecê-la, o que é uma lei e quais os verdadeiros caracteres da lei. Este assunto é novo: a definição da lei ainda está por se fazer.

No momento em que o povo considera como particular um ou vários de seus membros, o povo se divide. Forma-se entre o todo e sua parte uma relação que faz dois seres separados, dos quais a parte é um e o todo, menos essa parte, é outro. Mas o todo menos uma parte não é o todo; enquanto esta relação subsiste não há mais todo portanto, e sim duas partes desiguais.

Ao contrário, quando todo o povo estatui para todo o povo, só atenta para si mesmo; e se se forma uma relação é a do objeto inteiro de um ponto de vista com o objeto inteiro de outro ponto de vista, sem nenhuma divisão do todo. Então o objeto que se estatui é geral e a vontade que estatui é também geral. Examinaremos se há qualquer outra espécie de ato que possa chamar-se lei.

Se o soberano só pode falar por leis, e se a lei não pode ter senão um objeto real e relativo igualmente a todos os membros do Estado, segue-se que o soberano nunca tem o poder de estatuir um objeto particular; mas como importa, entretanto, à conservação do Estado que se devam resolver coisas particulares, procuraremos ver como pode fazer-se isso.

Os atos do soberano não podem ser senão atos de vontade geral, leis; são necessários depois atos determinantes, atos de força ou de governo, para a execução dessas mesmas leis; e esses, ao contrário, não podem ter senão objetos particulares. Assim o ato pelo qual o soberano estatui que se elegerá um chefe é uma lei, e o ato pelo qual se elege esse chefe em execução da lei não passa de um ato de governo.

Eis pois um terceiro aspecto pelo qual o povo em conjunto pode ser considerado, a saber, como magistrado ou executante da lei que criou como soberano ¹⁹.

Não examinaremos se é possível que o povo se despoje de seu direito de soberania para entregá-lo a um homem ou a vários; porque o ato de eleição não sendo uma lei, e nesse ato o povo não sendo soberano ele próprio, não se vê como então pode transferir um direito que não tem.

A essência da soberania consistindo na vontade geral, não se vê tampouco como se pode assegurar que uma vontade particular estará sempre de acordo com a vontade geral. Deve-se antes presumir que será muitas vezes contrária; porque o interesse particular tende sempre para as preferências e o interesse público para a igualdade; e ainda que esse acordo fosse possível, bastaria que não fosse necessário e indestrutível para que dele não pudesse resultar o direito soberano.

Procuraremos ver se, sem violar o pacto social, os chefes do povo, qualquer que seja o nome com que sejam eleitos, podem ser outra coisa senão os mandatários do povo, aos quais este ordena que façam executar as leis; e ver se tais chefes não lhe devem contas de sua administração e não estão sujeitos eles próprios às leis que estão encarregados de observar.

(19) Estas questões e estas proposições são em sua maioria extraídas do *Tratado do Contrato Social*, extraído ele próprio de um trabalho grande, empreendido sem que consultasse minhas forças, e de há muito abandonado. O pequeno tratado que dele destaquei, e cujo sumário se encontra aqui, será publicado separadamente.

Se o povo não pode alienar seu direito supremo, pode confiá-lo por algum tempo? Se não pode dar-se um senhor, pode dar-se representantes? Esta questão é importante e merece discussão.

Se o povo não pode ter soberano sem representantes, examinaremos como pode estatuir ele próprio; se deve ter muitas leis; se deve mudá-las amiúde; se é fácil que um grande povo seja seu próprio legislador; se o povo romano não era um grande povo; se é bom que haja grandes povos.

Segue-se das considerações precedentes que há no Estado um corpo intermediário entre os súditos e o soberano; e esse corpo intermediário, formado por um ou mais membros, é encarregado da administração pública, da execução das leis e da preservação da liberdade civil e política.

Os membros desse corpo chamam-se *magistrados* ou *reis*, isto é, governantes. O corpo inteiro, considerado pelos homens que o compõem chama-se *príncipe*, e, considerado por sua ação, chama-se *governo*.

Se consideramos a ação do corpo inteiro agindo sobre si mesmo, isto é a relação do todo com o todo, ou do governo com o Estado, podemos comparar essa relação com a dos extremos de uma proporção contínua, cujo meio termo é dado pelo governo. O magistrado recebe do soberano as ordens que dá ao povo, e, tudo bem pesado, seu produto ou seu poder situa-se no mesmo nível que o produto ou o poder dos cidadãos, que são súditos de um lado e soberanos de outro. Não se pode alterar nenhum dos três termos sem romper de imediato a proporção. Se o soberano quer governar, ou se o príncipe quer outorgar leis, ou se o súdito recusa obedecer, a desordem sucede à regra, e o Estado dissolvido cai no despotismo ou na anarquia.

Suponhamos que o estado seja composto de dez mil cidadãos. O soberano não pode ser considerado senão coletivamente e como instituição; mas cada particular tem, como súdito, uma existência individual e independente. Assim o soberano está para o súdito como dez mil para um; isto quer dizer que cada membro do Estado não tem por sua parte senão a décima milionésima parte da autoridade soberana, embora lhe seja submetido por inteiro. Se o povo for composto de cem mil homens, a condição dos súditos não muda e cada qual suporta sempre todo o império das leis, enquanto seu sufrágio re-

duzido ao centésimo milésimo tem dez vezes menos influência na redação delas. Assim, permanecendo o súdito sempre um, a relação do soberano aumenta em razão do número dos cidadãos. Do que se conclui que quanto mais o Estado se amplia, mais a liberdade diminui.

Ora, quanto menos as vontades particulares se prendem à vontade geral, isto é, os costumes às leis, mais a força repressora deve aumentar. Por outro lado, a grandeza do Estado, dando aos depositários da autoridade pública mais tentações e meios de abusar, mais o governo tem força para conter o povo, mais o soberano deve ter por sua vez para conter o govêrno.

Deduz-se dessa dupla relação que a proporção contínua entre o soberano, o príncipe e o povo não é uma idéia arbitrária e sim uma consequência da natureza do Estado. Deduz-se ainda que um dos extremos, a saber o povo, sendo fixo, todas as vezes que a razão dobrada aumenta ou diminui, a razão simples aumenta ou diminui por sua vez; o que não pode acontecer se o meio termo não mudar o mesmo número de vezes. Daí podermos tirar esta consequência de que não há uma constituição única e absoluta de governo, mas que deve haver tantos governos de natureza diferente quantos Estados há de grandeza diferente.

Se quanto mais o povo é numeroso menos os costumes se prendem às leis, examinaremos também se, em virtude de uma analogia assaz evidente, não se pode dizer também que quanto mais numerosos os magistrados mais o govêrno é fraco.

Para esclarecer esta máxima, distinguiremos na pessoa do magistrado três vontades essencialmente diferentes: primeiramente, a vontade própria do indivíduo, que só se volta para sua vantagem particular; em segundo lugar, a vontade comum dos magistrados que só se prende ao benefício do príncipe, vontade a que se pode chamar vontade de corpo, geral em relação ao governo e particular em relação ao Estado de que o govêrno faz parte; em terceiro lugar a vontade do povo ou a vontade soberana, que é geral tanto em relação ao Estado considerado como o todo, quanto em relação ao govêrno considerado como parte do todo. Numa legislação perfeita, a vontade particular e individual deve ser quase nula; a vontade de corpo do govêrno muito subordinada; e, por conseguinte, a vontade geral e soberana é a regra de todas as outras. Ao contrário, segundo a ordem natural, essas diferentes vontades

tornam-se mais ativas na medida em que se concentram; a vontade geral é sempre a mais fraca, a vontade de corpo ocupa o segundo lugar e a vontade particular é preferida a tudo; de modo que cada um é primeiramente si mesmo, depois magistrado, e depois cidadão: graduação diretamente oposta à que exige a ordem social.

Isso posto, consideraremos o governo entre as mãos de um só homem. Eis a vontade particular e a vontade de corpo perfeitamente reunidas, e por conseguinte esta no mais alto grau de intensidade que possa ter. Ora, como é deste grau que depende o emprego da força, e que a força absoluta do governo, sendo sempre a do povo, não varia, segue-se que o mais ativo dos governos é o de um só.

Ao contrário, juntemos o governo à autoridade suprema, façamos o príncipe do soberano, e dos cidadãos magistrados: então a vontade de corpo, perfeitamente confundida com a vontade geral, não terá mais atividade do que ela e deixará a vontade particular em toda a sua força. Assim o governo, sempre com a mesma força absoluta, estará no seu *mínimo* de atividade.

Essas regras são incontestáveis, e outras considerações servem para confirmá-las. Vê-se, por exemplo, que os magistrados são mais ativos no seu corpo do que o cidadão no dele, e por conseguinte a vontade particular nele tem muito maior influência. Porque todo magistrado é quase sempre encarregado de uma função particular do governo, ao passo que cada cidadão, isolado, não tem nenhuma função da soberania. Demais, quanto mais o Estado se estende, mais sua força real aumenta, embora não aumente em razão de sua extensão; mas o Estado, permanecendo o mesmo, por mais que os magistrados se multipliquem, o governo não adquire uma maior força real, porque é depositário da do Estado, que supomos sempre igual. Assim, em virtude dessa pluralidade, a atividade do governo diminui sem que sua força possa aumentar.

Depois de ter verificado que o governo se relaxa na medida em que os magistrados se multiplicam, e que, quanto mais numeroso o povo, mais a força repressora do governo deve aumentar, concluiremos que a relação entre os magistrados e o governo deve ser inversa à que se põe entre os súditos e o soberano; isto é, quanto mais o Estado aumenta, mais o governo deve condensar-se, a ponto de o número de chefes diminuir em razão do aumento do povo.

Para fixar em seguida essa diversidade de formas sob denominações mais precisas, observaremos em primeiro lugar que o soberano pode transferir a função do governo a todo o povo ou à maior parte do povo, de modo que haja mais magistrados do que cidadãos simples particulares. Dá-se o nome de *democracia* a essa forma de governo.

Ou então êle pode enfeixar o governo nas mãos de um pequeno número, de maneira que haja mais simples cidadãos do que magistrados; e essa forma de governo tem o nome de *aristocracia*.

Finalmente, ele pode concentrar todo o governo nas mãos de um magistrado único. Esta terceira forma é a mais comum e chama-se *monarquia* ou governo real.

Observaremos que tôdas essas formas, ou as duas primeiras ao menos, são suscetíveis de mais e de menos, e têm mesmo uma latitude bastante grande. Porque a democracia pode abarcar todo o povo ou se restringir até a metade. A aristocracia por sua vez pode restringir-se da metade do povo aos menores números. A própria realza admite por vezes uma partilha, seja entre o pai e o filho, seja entre dois irmãos, seja de outro modo. Havia sempre dois reis em Esparta, e ocorreu no império romano haver até oito imperadores ao mesmo tempo, sem que se pudesse dizer que o império estivesse dividido. Há um ponto em que cada forma de governo se confunde com a outra; e sob três denominações específicas, o governo é realmente capaz de tantas formas quantos cidadãos tem o Estado.

Há mais: cada um desses governos podendo, de certos pontos de vista, subdividir-se em diversas partes, uma administrada de uma maneira e outra de outra, pode resultar dessas três formas combinadas uma multidão de formas mistas, cada uma delas multiplicável pelas formas simples.

Desde sempre se discutiu qual a melhor forma de governo, sem considerar que cada uma delas é a melhor em certos casos, e a pior em outros. Para nós, se, nos diferentes Estados, o número dos magistrados²⁰ deve ser inverso ao número dos cidadãos, concluiremos que em geral o governo democrático con-

(20) Cumpre lembrar-se de que entendo falar aqui de magistrados supremos ou chefes da nação, não sendo os outros senão substitutos de tal ou qual parte.

vém aos Estados pequenos, o aristocrático aos médios, e o monárquico aos grandes.

É seguindo essas pesquisas que chegaremos a saber quais os deveres e os direitos dos cidadãos, e se é possível separar uns dos outros; o que seja a pátria, em que precisamente consiste, e através de que é possível saber-se se se tem uma pátria ou não.

Depois de considerarmos assim cada espécie de sociedade civil em si mesma, nós as compararemos para observar suas relações mútuas: umas grandes, outras pequenas; umas fortes, outras fracas; atacando-se, ofendendo-se, destruindo-se entre si; e nessa ação e reação contínua, fazendo mais miseráveis e custando a vida de mais homens do que se tivessem conservado sua liberdade primitiva. Não examinaremos se se fez demais ou de menos na instituição social; se os indivíduos submetidos às leis e aos homens, enquanto as sociedades guardam entre si a independência da natureza, não ficam expostos aos males dos dois Estados, sem ter as vantagens, e se não seria melhor não haver sociedade civil no mundo do que haver várias. Não é este Estado misto que participa de ambos e que não garante nem um nem outro, *per quem neutrum licet, nec tanquam in bello paratum esse, nec tanquam in pace securum?* Não é esta associação parcial e imperfeita que produz a tirania e a guerra? E não são a tirania e a guerra os maiores flagelos da humanidade?

Examinaremos enfim a espécie de remédios que buscaram para tais inconvenientes mediante ligas e confederações, que, deixando cada Estado seu senhor internamente, o armam externamente contra todo agressor injusto. Procuraremos ver como se pode estabelecer uma boa associação federativa, o que a torna duradoura, e até que ponto se pode estender o direito da confederação, sem prejudicar o da soberania.

O abade de São Pedro propusera uma associação de todos os Estados da Europa para a manutenção de uma paz perpétua. Essa associação era praticável? E, supondo-se que fosse estabelecida, fora de se presumir que teria durado²¹? Tais pes-

(21) Depois que escrevi isto, as razões *por* foram expostas no resumo dêste projeto; as razões contra as que me pareceram sólidas, ao menos, se encontrarão na coletânea de meus escritos, em seguida a esse mesmo resumo.

quias levam-nos diretamente a todas as questões de direito público que podem acabar de esclarecer as de direito político.

Poremos finalmente os verdadeiros princípios do direito da guerra e examinaremos porque Grotius, e os outros, dele não deram senão falsos princípios.

Não ficarei espantado se, em meio a nossos raciocínios, meu jovem, que tem bom senso, me disser, interrompendo-me: É de crer-se que construímos nosso edifício com madeira, e não com homens, a tal ponto ajustamos com precisão todas as peças à regra! É verdade, meu amigo, mas pensai em que o direito não se dobra às paixões dos homens, e que se tratava entre nós de estabelecer os verdadeiros princípios do direito político. Agora que nossos alicerces estão colocados, vinde examinar o que os homens construíram em cima, e vereis belas coisas!

Então eu o faço ler *Telêmaco* e continuar seu caminho; procuramos a feliz Salenta, e o bom Idomeneu tornado sábio à força de desgraças. Em caminho encontramos muitos Protesilaus e nenhum Filocteto. Adrasta, rei dos Daunios não é tão pouco inencontrável. Mas deixemos os leitores imaginarem nossas viagens, ou as fazerem com um *Telêmaco* na mão; e não lhes sugeramos aplicações aflitivas que o próprio autor afasta ou faz contra a vontade.

Demais, Emílio não sendo rei, nem eu deus, não nos atormentamos com não podermos imitar Telêmaco e Mentor no bem que faziam aos homens: Ninguém melhor do que nós sabe não sair de seu lugar nem menos deseja sair. Sabemos que a mesma tarefa é dada a todos; que quem faz o bem de todo o coração, e o faz na medida de seu poder, a executou. Sabemos que Telêmaco e Mentor são quimeras. Emílio não viaja como um ocioso e faz mais o bem do que se fosse príncipe. Se fôssemos reis, não seríamos mais benfeitores. Se fôssemos reis e benfeitores, faríamos sem o saber mil males reais por um bem aparente que imaginássemos fazer. Se fôssemos reis e sábios, o primeiro bem que desejaríamos fazer a nós mesmos e aos outros seria abdicar e voltar a sermos o que somos.

Disse o que torna as viagens infrutíferas a todo mundo. O que as torna ainda mais infrutíferas à juventude é a maneira de fazê-las. Os governantes, mais preocupados com diverti-la do que com a instruir, levam-na de cidade em cidade, de palácio em palácio, de roda social em roda social; ou, se são sá-

bios e homens de letras, fazem-na percorrer bibliotecas, visitar antiquários, fazer escavações, transcrever velhas inscrições. Em cada país se ocupam de outro século; é como se se ocupassem de outro país; de modo que depois de ter percorrido, com grandes despesas, a Europa, entregue às frivolidades ou ao tédio, ela volta sem nada ter visto do que a pode interessar, nada aprendido do que lhe pode ser útil.

Todas as capitais se assemelham, nelas todos os povos se misturam, todos os costumes se confundem; não é nelas que cumpre estudar as nações. Paris e Londres são a meu ver a mesma cidade. Seus habitantes têm alguns preconceitos diferentes, mas não os têm menos uns do que outros, e todas as suas máximas práticas são as mesmas. Sabe-se que espécies de homens devem juntar-se nas côrtes. Sabe-se que costumes a aglomeração do povo e a desigualdade das fortunas devem produzir por toda parte. Logo que me falam de uma cidade de duzentas mil almas, sei de antemão como nela se vive. O que poderei saber a mais a respeito do lugar não compensa que se aprenda.

É nas províncias recuadas, onde há menos movimento, menos comércio, onde os estrangeiros viajam menos, cujos habitantes menos se deslocam, trocam menos de fortuna e de condições, que é preciso ir estudar o gênio e os costumes de uma nação. Vede, de passagem, a capital, mas ide observar a região ao longe. Os franceses não estão em Paris, estão na Touraine; os Ingleses são mais ingleses na província do que em Londres e os espanhóis mais espanhóis na Galícia do que em Madri. É nessas grandes distâncias que um povo se caracteriza e se mostra tal qual é sem mistura; aí é que os bons ou maus efeitos do governo se fazem sentir, como ao fim de um raio maior a medida dos arcos é mais exata.

. As relações necessárias dos costumes com o governo foram tão bem expostas no livro do *Espírito das Leis*, que não se pode fazer mais que recorrer a essa obra para estudá-las. Mas em geral há duas regras fáceis e simples para julgar da bondade relativa dos governos. Uma é a população. Em todo país que se despova o Estado tende para a ruína; e o país que mais se povoa, ainda que o mais pobre, é infalivelmente o mais bem governado ²².

(22) Só conheço uma exceção a esta regra, é a China.

Mas é preciso para isso que essa população seja um efeito natural do governo e dos costumes; pois se ocorresse através de colônias ou outras vias acidentais e passageiras, então elas provariam o mal pelo remédio. Quando Augusto fez leis contra o celibato, essas leis já mostravam o declínio do império romano. É preciso que a excelência do governo leve os cidadãos a se casarem e não que a lei os constranja a isso; não se deve examinar o que se faz por força, porque a lei que combate a constituição se elide e torna-se vã, e sim o que se faz pela influência dos costumes e pela orientação natural do governo, porquanto esses meios, só eles, têm um efeito constante. Era a política do bom abade de Saint-Pierre procurar sempre um pequeno remédio para cada mal particular, ao invés de remontar à fonte comum, e ver que não se podiam curar todos a um tempo. Não se trata de tratar separadamente de cada úlcera do corpo do doente, e sim de purificar a massa do sangue que as produz todas. Dizem que há prêmios na Inglaterra para a agricultura; não exijo mais; isso me prova que ela ali não brilhará muito tempo.

A segunda prova da bondade relativa do governo e das leis, tira-se também da população, mas de outra maneira, da distribuição e não da sua quantidade. Dois Estados iguais em tamanho e em número de homens podem ser muito desiguais em força; e o mais poderoso dos dois é sempre aquele cujos habitantes se acham mais igualmente espalhados pelo território; o que não tiver grandes cidades e que, por conseguinte brilhar menos, ganhará sempre do outro. São as grandes cidades que esgotam um Estado e fazem sua fraqueza: a riqueza que produzem é uma riqueza aparente e ilusória; é muito dinheiro e pouco efeito. Dizem que a cidade de Paris vale uma província para o rei de França; mas acredito que ela lhe custa muitas; é que, por mais de um motivo, Paris é alimentado pelas províncias, e que suas rendas, em sua maioria, se pagam nessa cidade e nela ficam, sem nunca voltarem ao povo nem ao rei. É inconcebível que neste século de calculistas nenhum tenha sabido ver que a França seria muito mais poderosa se Paris fosse aniquilada. Não somente o povo mal distribuído não é vantajoso para o Estado como é pior do que o despovoamento mesmo, pois este não dá senão um produto nulo e a consumação mal entendida dá um produto negativo. Quando ouço um francês e um inglês discutirem qual a cidade que tem mais habitantes, se Paris ou Londres, é para mim como se discutis-

sem qual dos dois povos tem a honra de ser mais mal governado.

Estudai um povo fora de suas cidades, só assim o conhecereis. Não adianta ver a forma aparente de um governo, disfarçada pelo aparelho da administração e o jargão dos administradores, em não se estudando também a natureza pelos efeitos que produz sobre o pobre e em todos os degraus da administração. A diferença entre a forma e o fundo estando repartida, é somente abarcando tudo que percebemos essa diferença. Em tal ou qual país é pela manobra dos subdelegados que se começa a sentir o espírito do ministério; em tal outro é preciso ver elegerem os membros do Parlamento para julgar se é verdade que a nação seja livre; em qualquer país que seja, é impossível que quem só viu as cidades conheça o governo, porquanto o espírito nunca é o mesmo para a cidade e para o campo. Ora, é o campo que faz o país e é o povo do campo que faz a nação.

Esse estudo dos diversos povos em suas províncias longínquas e na simplicidade de seu gênio original, dá uma observação geral bem favorável à minha epígrafe e bem consoladora para o coração humano; é que todas as nações, assim observadas, parecem valer muito mais; quanto mais se aproximam da natureza, mais a bondade domina em seu caráter; é somente em se encerrando nas cidades, em se alterando à força de cultura, que elas se depravam e que trocam em vícios agradáveis e perniciosos alguns defeitos mais grosseiros do que nocivos.

Desta observação resulta nova vantagem na maneira de viajar que proponho, porquanto os jovens, permanecendo pouco nas grandes cidades onde reina uma horrível corrupção estão menos expostos a contraí-la e conservam, entre homens mais simples e em sociedades menos numerosas, um julgamento mais seguro, um gosto mais sadio, costumes mais honestos. Demais, esse contágio não é muito de se temer para meu Emílio; ele tem tudo de que precisa para garantir-se contra ele. Entre todas as precauções que tomei para isso, confiai por muito na afeição que tem no coração.

Não se sabe mais o que pode o amor verdadeiro sobre as inclinações dos jovens, porque não o conhecendo mais do que êles, os que os governam dele os desviam. Entretanto, é preciso que um jovem ame ou que seja devasso. É fácil impressionar pelas aparências. Citar-me-ão mil jovens que, dizem, vivem muito castamente sem amor; mas que me citem um ho-

mem feito, um homem de verdade que diga ter assim passado sua juventude e seja de boa-fé. Em tôdas as virtudes, em todos os deveres, não se busca senão a aparência; eu procuro a realidade e engano-me se houver, para chegar a ela, outros meios que os que dou.

A idéia de tornar Emílio apaixonado antes de fazê-lo viajar, não é de minha invenção. Eis o que mo sugeriu.

Eu estava em Veneza em visita ao governante de um jovem inglês. Era inverno e estávamos ao redor da lareira. O governante recebe suas cartas do correio. Ele as lê e depois relê uma em voz alta para seu aluno. Era em inglês, não compreendi nada, mas durante a leitura vi o jovem rasgar lindos punhos de renda que usava e jogá-los ao fogo um depois do outro, o mais docemente possível, de maneira que não o percebessem. Surpreso com tal capricho encaro-o e creio ver em seu rosto alguma emoção; mas os sinais exteriores das paixões, embora bastante semelhantes em todos os homens, têm diferenças nacionais enganadoras. Os povos têm diversas linguagens na cara como as têm na boca. Aguardo o fim da leitura e depois, mostrando os braços nus do aluno, escondidos no entanto com cuidado, digo ao governante: Pode-se saber o que significa isto?

O governante, vendo o que ocorrera, pôs-se a rir, abraçou seu aluno com um ar de satisfação e, depois de obtido seu consentimento, deu-me a explicação que eu desejava.

Os punhos, diz-me, que M. John acaba de rasgar são um presente que uma senhora desta cidade lhe deu não faz muito tempo. Ora, sabei que M. John está noivo na sua terra de uma jovem por quem tem muito amor e que merece ainda mais. A carta é da mãe da amada e vou traduzir-vos o trecho que causou o estrago de que fostes testemunha.

“Lucy não larga os punhos de Lorde John. Miss Betty Roldham veio passar a tarde com ela e quis por força auxiliá-la no trabalho. Sabendo que Lucy ia levantar-se hoje mais cedo que de costume, quis ver o que ela fazia e encontrei-a ocupada com desfazer tudo o que Miss Betty fizera ontem. Ela não quer que haja no presente nenhum só ponto de outra mão que não a sua própria.”

M. John saiu um momento depois para pegar outros punhos e eu disse a seu governante: Tendes um aluno de natural

excelente; mas, disse-me, a carta da mãe de Miss Lucy não foi fabricada? Não é um expediente vosso contra a senhora dos punhos? Não, disse-me ele, a coisa é real; não pus tanta arte nos meus cuidados; pus simplicidade e zelo e Deus abençoou meu trabalho.

O gesto desse rapaz não saiu de minha memória: não era de molde a nada provocar na cabeça de um sonhador como eu.

Está na hora de acabar. Tragamos de volta Lorde John a Miss Lucy, isto é, Emílio a Sofia. Ele lhe traz, com um coração não menos terno do que antes de sua partida, um espírito mais esclarecido, e traz a seu país a vantagem de ter conhecido os governos por todos os vícios e os povos por todas as virtudes. Cuidei mesmo de que se ligasse em cada nação com algum homem de mérito por um tratado de hospitalidade à maneira dos antigos, e não me aborrecerá que cultive esses conhecimentos através de uma troca de correspondência. Além de poder ser útil e ser sempre agradável ter correspondência com países longínquos, é isso uma excelente precaução contra o império dos preconceitos nacionais que, atacando-nos a vida inteira, mais cedo ou mais tarde nos influenciam. Nada melhor para quebrar tal influência do que o comércio desinteressado com pessoas sensatas que estimamos e que, não tendo esses preconceitos e os combatendo com os próprios, nos dão os meios de opor sem cessar uns aos outros, e de nos garantir assim contra todos. Não é a mesma coisa ter relações com os estrangeiros em nossa casa ou na deles. No primeiro caso eles têm sempre para com o país onde vivem uma delicadeza que os leva a mascarar o que pensam, ou a pensar favoravelmente enquanto nele se encontram; de volta à terra deles, mudam e são justos. Gostaria muito que o estrangeiro que consulto tenha visto meu país, mas só no dele pediria sua opinião.

Depois de ter empregado dois anos em percorrer alguns dos grandes Estados da Europa e muitos outros pequenos; depois de ter aprendido as duas ou três línguas principais; depois de ter visto assim o que há nesses países de realmente curioso, seja quanto à história natural, seja quanto ao governo, às artes, aos homens, Emílio, roído de impaciência adverte-me de que o fim se aproxima. Então eu lhe digo: Pois bem, meu amigo, vós vos lembrais do principal objeto de nossas viagens; vistes, observastes: qual finalmente o resultado de vos-

sas observações? Em que vos fixais? Ou me enganei no meu método, ou ele deve responder-me mais ou menos assim:

“Que penso afinal? Em permanecer tal qual vós me fizestes ser, e a não acrescentar voluntariamente nenhum grilhão aos que me impõem a natureza e as leis. Quanto mais examino a obra dos homens em suas instituições, mais vejo que à força de querer a independência, eles se fazem escravos e empregam sua liberdade mesma em vãos esforços por assegurá-la. Para não cederem ante a torrente das coisas, criam mil liames; assim, quando querem dar um passo não o podem e se espantam de se apegarem a tudo. Parece-me que para se tornar livre nada se tem que fazer; basta não querer deixar de sê-lo. Fôstes vós, meu mestre, que me fizestes livre, ensinando-me a ceder ante a necessidade. Que chegue quando lhe agrade, deixarei levar-me sem constrangimento; e como não a quero combater, não me apego a nada que me retenha. Procurei em nossas viagens algum canto da terra onde eu pudesse ser totalmente meu; mas em que lugar entre os homens não se depende das paixões deles? Tudo bem examinado, achei que meu desejo mesmo era contraditório; pois ainda que não me apegasse a nada, ainda me apegaria à terra onde me houvesse fixado; minha vida estaria presa a essa terra como a das dríades estava às suas árvores; verifiquei que império e liberdade sendo duas palavras incompatíveis, eu não podia ser senhor de uma cabana senão deixando de o ser de mim.

Hoc erat in votis: modus agri non ita magnus.

“Lembro-me de que meus bens foram a causa de nossas andanças. Vós prováveis muito sólidamente que eu não podia conservar ao mesmo tempo minha riqueza e minha liberdade; mas quando querieis que eu fosse a um tempo livre e sem necessidades, querieis duas coisas incompatíveis, pois não posso afastar-me da dependência dos homens senão voltando à da natureza. Que farei então com a fortuna que meus pais me deixaram? Começarei por não depender dela; relaxarei todos os liames que me prendem a ela. Se ma deixarem, ela ficará comigo; se ma tirarem, não me arrastarão com ela. Não me atormentarei para retê-la, mas ficarei firmemente no meu lugar. Rico ou pobre, eu serei livre. Não o serei tão-somente em tal país ou em tal região; eu o serei na terra inteira. Para mim,

tôdas as cadeias da opinião estão quebradas, só conheço as da necessidade. Aprendi a carregá-las desde a infância e as carregarei até à morte, porque sou homem; e por que não as poderia carregar sendo livre, se como escravo as terei de carregar, com a da escravidão ainda por cima?

“Que me importa minha condição na terra? que me importa onde esteja? Onde quer que haja homens estou com meus irmãos; onde quer que não os haja, estou em minha casa. Enquanto eu puder permanecer independente e rico, terei bens para viver e viverei. Quando minha fortuna me escravizar, eu a abandonarei sem esforço; tenho braços para trabalhar e viverei. Quando meus braços faltarem, viverei se me alimentarem, morrerei se me abandonarem; mas morrerei também se não me abandonarem, porque a morte não é um castigo para a pobreza e sim uma lei da natureza. Quando quer que venha a morte, eu a desafiarei, ela não me surpreenderá fazendo preparativos para viver; mas não me impedirá de ter vivido.

“Eis o que penso. Se fosse sem paixões, seria, na minha condição de homem, independente como Deus, porquanto não querendo senão o que é, não teria nunca de lutar contra o destino. Tenho, ao menos, apenas um grilhão e é o único que carregarei sempre, posso vangloriar-me disso. Vinde pois, dai-me Sofia, sou livre.”

“Caro Emílio, agrada-me ouvir de tua boca palavras de homem e ver os sentimentos em teu coração. Esse desinteresse extremado não me desagrada em tua idade. Diminuirá quando tiverdes filhos e serás então precisamente o que deve ser um bom pai de família e um homem sábio. Antes de tuas viagens, eu sabia que efeito teriam; sabia que olhando de perto nossas instituições estarias longe de ter nelas a confiança que não merecem. É em vão que aspiramos à liberdade sob a proteção das leis. As leis! Onde as há e onde são respeitadas? Por toda parte não viste reinar sob esse nome senão o interesse particular e as paixões dos homens. Mas as leis eternas da natureza e da ordem existem. Elas servem de lei positiva para o sábio; são escritas no fundo de seu coração pela consciência e pela razão; a essas é que deve escravizar-se para ser livre; e não há escravo senão quem faz mal, porque o faz sempre independentemente de sua vontade. A liberdade não está em nenhuma forma de governo, está no coração do homem livre; ele a carreg por toda parte consigo. O homem vil car-

rega por toda parte a escravidão. Um seria escravo em Genebra, o outro livre em Paris.

“Se te falasse dos deveres do cidadão, tu me perguntarias onde está a pátria e pensarias ter-me confundido. Tu te enganarias entretanto, caro Emílio; pois quem não tem uma pátria tem ao menos um país. Há sempre um governo e simulacros de leis sob os quais viveu tranqüilo. Que importa se o contrato social não foi observado, desde que o interesse particular tenha sido protegido como o fizera a vontade geral, desde que a violência pública o tenha garantido contra as violências particulares, desde que o mal que viu fazerem o tenha levado a amar o que era bem, desde que nossas próprias instituições o tenham feito conhecer e odiar suas próprias iniquidades? Ó Emílio, onde está o homem de bem que nada deva a seu país? Quem quer que seja, ele lhe deve o que há de mais precioso para o homem, a moralidade de suas ações e o amor à virtude. Nascido no fundo de um bosque, teria vivido mais feliz e mais livre; mas nada tendo a combater para seguir suas inclinações, teria sido bom sem mérito, não teria sido virtuoso, e agora ele o sabe ser apesar de suas paixões. A simples aparência de ordem leva-o a conhecê-la, a amá-la. O bem público que serve unicamente de pretexto aos outros, é para ele um motivo real. Ele aprende a combater, a vencer-se, a sacrificar seu interesse ao interesse comum. Não é verdade que não tire nenhum proveito das leis; elas lhe dão a coragem de ser justo entre os maus. Não é verdade que não o tenham tornado livre, elas lhe ensinaram a reinar sobre si mesmo.

“Não digas portanto: que importa onde esteja? Importa estares onde podes cumprir teus deveres; e um desses deveres é o apêgo ao lugar de nascimento. Teus compatriotas te protegem, filho, debes amá-los em sendo homem. Deves viver no meio deles, ou ao menos em lugar onde possas ser-lhes útil na medida de tuas forças, e onde saibam ir buscar-te se precisarem de ti. Há circunstâncias em que um homem pode ser mais útil a seus concidadãos do que se vivesse entre eles. Então ele deve ouvir tão-somente seu zelo e suportar seu exílio sem murmúrio; esse exílio mesmo é um de seus deveres. Mas tu, meu caro Emílio, a quem ninguém impõe esses dolorosos sacrifícios, tu que não escolheste o triste emprego de dizer a verdade aos homens, vai viver no meio deles, cultiva sua amizade, sê seu benfeitor, seu modelo: teu exemplo lhes será mais

útil do que todos os livros e o bem que te verão fazer os comoverá mais do que todos os discursos vãos.

“Com isto não te exorto a ires viver nas grandes cidades; ao contrário, um dos exemplos que os bons devem dar aos outros é o da vida patriarcal e campestre, a primeira vida do homem, a mais tranqüila, a mais natural e a mais doce para quem não tem o coração corrompido. Feliz o país, meu jovem amigo, onde não se precise ir buscar a paz no deserto! Mas onde se acha esse país? Um homem que ama fazer o bem satisfaz mal sua inclinação nas grandes cidades, onde não encontra como satisfazer seu zelo senão com intrigantes ou malandros. A acolhida que dão aos vagabundos que nelas buscam fortuna não faz senão acabar de devastar o país que, ao contrário, fora preciso repovoar a expensas das cidades. Todos os homens que se retiram da grande sociedade são úteis precisamente porque se retiram, porque todos os vícios dela provêm de ser demasiado numerosa. São ainda mais úteis quando podem trazer para os lugares desertos da vida a cultura e o amor de sua primeira condição. Enterneço-me pensando quanto, de seu simples retiro, Emílio e Sofia podem distribuir mercês em volta deles, quanto podem vivificar o campo e reanimar o zelo morto do infeliz aldeão. Acredito ver o povo multiplicar-se, os campos fertilizarem-se, a terra tomar mais belo aspecto, a multiplicidade e a abundância transformarem os trabalhos em festas, gritos de alegria e de louvação erguerem-se do meio dos jogos rústicos em volta do casal amável que os reanimou. Trata-se a idade de ouro de químera, e o será sempre para quem tem o coração e o gosto corrompidos. Não é sequer verdade que o lamentem, porquanto os lamentos são sempre vãos. Que fora preciso então para fazê-la renascer? uma única coisa, mas impossível, amá-la.

“Ela já parece renascer ao redor da casa de Sofia; não fareis senão terminar juntos o que seus dignos pais começaram. Mas, caro Emílio, que tão doce vida não te desgoste dos deveres penosos, se jamais te forem impostos. Lembra-te de que os romanos passavam do arado ao consulado. Se o príncipe ou o Estado te chamarem a serviço da pátria, abandona tudo para ires cumprir no posto que te indicarem, tua honrosa função de cidadão. Se a função te for onerosa, haverá um meio honesto e seguro de te libertares, é o de desempenhá-la com bastante integridade para que não te permaneça entregue muito tempo.

Demais, teme pouco o embaraço de semelhante cargo; enquanto houver homens d'este século, não virão buscar a ti para servires o Estado."

Porque não me é permitido pintar a volta de Emílio para Sofia e o fim de seus amores, ou antes o começo do amor conjugal que os une! Amor baseado na estima que dura tanto quanto a vida, nas virtudes que não se extinguem com a beleza, nas conveniências dos caracteres que tornam o comércio amável e prolongam na velhice o encanto da primeira união. Mas todos esses pormenores poderiam agradar sem ser úteis; e até aqui só me permiti dar pormenores agradáveis na medida em que me pareceram úteis. Abandonarei esta regra no fim de minha tarefa? Não; sinto, demais, que minha pena está cansada. Fraco demais para obras de tão longo fôlego, abandonaria esta se já não estivesse tão adiantada; para não a deixar imperfeita é tempo de terminá-la.

Finalmente vejo surgir o mais feliz dos dias de Emílio e dos meus. Vejo coroarem-se meus cuidados e começo a desfrutar-lhe as messes. O digno casal une-se mediante uma cadeia indissolúvel; suas bocas pronunciam e seus corações confirmam juras que não serão vãs: são esposos. Voltando do templo, deixam-se conduzir; não sabem onde estão, para onde vão, o que fazem em derredor deles. Não ouvem, não respondem senão palavras confusas, seus olhos não vêem nada. Ó delírio! Ó fraqueza humana! O sentimento da felicidade esmaga o homem, ele não é bastante forte para suportá-lo.

Há bem poucas pessoas que saibam, num dia de casamento, ter um tom conveniente com os esposos. A morna decência de uns e os propósitos ligeiros de outros parecem-me igualmente deslocados. Eu preferiria que deixassem esses jovens corações encerrarem-se em si mesmos, e se entregarem a uma agitação não sem encanto, a distraí-los cruelmente para entristecê-los com uma falsa boa educação, ou embaraçá-los com zombarias de mau gosto que, ainda que pudessem aprazer-lhes noutro momento, são seguramente importunos em tal dia.

Vejo meus dois jovens, na doce languidez que os perturba, não ouvirem nenhum dos discursos que lhes fazem. Eu que quero que gozem todos os dias da vida, deixá-los-ia perder um tão precioso? Não, quero que o provem, que o saboreiem, que ele tenha para eles sua volúpia. Arranco-os da multidão indiscreta e a sós com eles faço com que caiam em si. Não

é somente aos ouvidos deles que quero falar, é a seus corações; e não ignoro qual o assunto único de que podem ocupar-se nesse dia.

“Meus filhos, digo-lhes tomando-os pelas mãos, há três anos vi nascer esta chama viva e pura que faz vossa felicidade hoje. Ela não fez senão aumentar; vejo em vossos olhos que ela está no último grau de veemência, doravante não pode senão enfraquecer.” Leitores, não vedes pelos transportes, os entusiasmos, as juras de Emílio, o ar desdenhoso com que Sofia retira sua mão da minha e as ternas promessas que seus olhos fazem mutuamente de se adorarem até o último suspiro? Deixo-os, e depois continuo.

“Muitas vezes pensei que se pudéssemos prolongar a felicidade do amor no casamento teríamos o paraíso na terra. Isso não se viu até agora. Mas se a coisa não é inteiramente impossível, sois bem dignos, um e outro, de dar um exemplo que não tereis recebido de ninguém e que poucos esposos saberão imitar. Quereis, meus filhos, que vos diga um meio que imagino para isso e que creio ser o único possível?

Eles me olham sorrindo e cacoam de minha simplicidade. Emílio agradece francamente minha receita, dizendo-me que acredita que Sofia tem melhor e que, quanto a ele, ela lhe basta. Sofia aprova, igualmente confiante. Entretanto, através de seu ar de zombaria, acredito discernir alguma curiosidade. Examino Emílio; seus olhos ardentes devoram os encantos de sua esposa; é a única coisa de que tenha curiosidade e minhas palavras não o perturbam. Eu também sorrio dizendo a mim mesmo: saberei logo te tornar atento.

A diferença quase imperceptível desses movimentos secretos, marca outra bem mais característica nos dois sexos e bem contrária aos preconceitos aceitos; é que em geral os homens são bem menos constantes do que as mulheres e se cansam mais depressa do que elas do amor feliz. A mulher pressente de longe a inconstância do homem e se inquieta²³; é o que a torna

(23) Em França, as mulheres desapegam-se em primeiro lugar; e assim deve ser, porque tendo pouco temperamento, e não querendo senão homenagens, quando um marido não as rende mais, elas se desinteressam de sua pessoa. Nos outros países, ao contrário, são os maridos que se desafeioam primeiro; assim deve ser ainda, porque as mulheres fiéis, nas indiscretas, importunando-os com seus desejos

também mais ciumenta. Quando êle começa a se amornar, forçada a devolver, para guardá-lo, todos os cuidados que êle teve antes para lhe agradar, ela chora, ela se humilha por sua vez e raramente com o mesmo êxito. A afeição e os cuidados conquistam os corações, mas não os recuperam nunca. Volto à minha receita contra o esfriamento do amor no casamento.

“Ela é simples e fácil, digo, é de continuarem a ser amantes depois de ser esposos. — Com efeito, diz Emílio rindo do segredo, não nos será difícil.

“Talvez mais difícil do que pensais. Deixai-me, peço-vos, o tempo de me explicar.

“Os laços que queremos apertar demasiado rompem-se. Eis o que acontece com o do casamento quando queremos dar-lhe mais força do que tem. A fidelidade que importa a ambos os esposos é o mais santo de todos os direitos; mas o poder que dá a cada um dos dois sobre o outro é excessivo. O constrangimento e o amor vão mal juntos, e o prazer não se encomenda. Não vos envergonheis, ó Sofia, e não penseis em fingir. De modo nenhum desejaria ferir vossa modéstia; mas trata-se do destino de vossos dias. Por tão grande objeto, suportai, entre um espôso e um pai, palavras que não admitiríeis alhures.

“Não é tanto a posse quanto a submissão que farta, e conserva-se por uma mulher teúda e manteúda uma afeição mais demorada do que por uma esposa. Como se pode ter feito um dever da mais terna das carícias e um direito dos mais doces testemunhos de amor? É o desejo mútuo que faz o direito, a natureza não conhece outro. A lei pode restringir esse direito mas não pode ampliá-lo. A volúpia é tão doce por si mesma! Deve receber da triste imposição a força que não tiver podido tirar de seus próprios atrativos? Não, meus filhos, no casamento os corações estão unidos, mas os corpos não se acham escravizados. Vós vos deveis fidelidade, não complacência. Cada um de vós não deve pertencer senão ao outro, mas nenhum dos dois deve ser do outro senão na medida em que lhe apraz.

os desgostam delas. Estas verdades gerais podem sofrer muitas exceções; mas são, creio, verdades gerais.

“Se é verdade portanto, caro Emílio, que querieis ser o amante de vossa mulher, que ela seja sempre vossa amante e senhora de si mesma; sede amantes felizes mas respeitosos; obtende tudo do amor sem nada exigirdes do dever e que os menores favores nunca sejam direitos para vós e sim mercês. Sei que o pudor torna as confissões formais e exige ser vencido; mas com a delicadeza e o verdadeiro amor, engana-se o amante acerca da vontade secreta? Ignora ele quando o coração e os olhos concedem o que a boca finge recusar? Que cada um dos dois, sempre senhor de sua pessoa e de suas carícias tenha direito de dá-las ao outro segundo sua própria vontade. Lembrai-vos sempre de que mesmo no casamento o prazer só é legítimo quando o desejo é compartilhado. Não receieis, meus filhos, que essa lei vos mantenha afastados; ao contrário, ela vos tornará ambos mais atentos a vos comprazerdes e evitará a saciedade. Limitados unicamente um a outro, a natureza e o amor vos aproximarão bastante.”

Ante tais palavras e outras semelhantes, Emílio zanga-se, e protesta; Sofia, envergonhada, segura o leque diante de seus olhos e não diz nada. O mais descontente dos dois talvez não seja o que mais se queixa. Eu insisto impiedosamente; faço Emílio envergonhar-se da carência de sua delicadeza, e afirmo, quanto a Sofia, que ela aceita o tratado. Incito-a a falar; é evidente que não ousa desmentir-me. Emílio inquieto consulta os olhos de sua jovem esposa; ele os vê, através de seu embaraço, cheios de uma volúpia que o tranqüiliza contra o risco da confiança. Joga-se aos pés dela, beija com transporte a mão que ela lhe estende e jura que, fora da fidelidade prometida, ele renuncia a qualquer outro direito sobre ela. Sê, diz ele, cara esposa, o árbitro de meus prazeres como o és de meus dias e de meu destino. Ainda que tua crueldade possa custar-me a vida, devolvo-te meus mais caros direitos. Nada quero levar a tua complacência e sim tudo a teu coração.

Bom Emílio, tranqüiliza-te: Sofia é por demais generosa ela própria para te deixar morrer vítima de tua generosidade.

A noite, no ponto de deixá-los, digo-lhes do tom mais grave possível: Lembrai-vos de que sois livres e que não se trata aqui dos deveres de esposos; peço-vos, nenhuma falsa deferência. Emílio, queres vir? Sofia o permite. Emílio furioso quer bater-me. E vós, Sofia, que pensais? Devo levá-lo? A mentirosa, corando, diz que sim. Doce e encantadora mentira que vale mais do que a verdade!

No dia seguinte... A imagem da felicidade não alegra mais os homens: a corrupção do vício não depravou menos seu gosto do que seus corações. Não sabem mais sentir o que é comovente nem ver o que é amável. Vós que, para pintardes a volúpia, não imaginais senão amantes felizes nadando no seio das delícias, como vossos quadros são ainda imperfeitos! Só tendes a metade mais grosseira. Os mais doces atrativos da volúpia não estão nesse quadro. Quem de vós nunca viu dois jovens esposos, unidos sob felizes auspícios, saindo do leito nupcial, e revelando a um tempo em seus olhares languescientes e castos a embriaguez dos doces prazeres que acabam de provar, a amável segurança da inocência, e a certeza, então encantadora, de viverem juntos o resto da vida? Eis o objeto mais admirável que pode ser oferecido ao coração do homem; eis o verdadeiro quadro da volúpia: vós o vistes com vezes sem o reconhecerdes; vossos corações empedernidos não são mais feitos para amá-lo. Sofia, feliz e tranqüila, passa o dia nos braços de sua querida mãe; é um repouso doce depois de ter passado a noite nos de um esposo.

No outro dia já percebo alguma mudança. Emílio quer parecer algo descontente; mas através dessa afetação observo tantas atenções, e até tanta submissão, que não prevejo nada de desagradável. Quanto a Sofia, mostra-se mais alegre do que na véspera, vejo em seus olhos um brilho de satisfação; é encantadora com Emílio; quase lhe faz pequenas provocações que ele recebe sem irritação.

Tais mudanças são pouco sensíveis mas não me escapam; inquieto-me, interrogo Emílio em particular; fico sabendo que, com grande tristeza dele e apesar de tódas as solicitações teve que dormir em leito separado na noite precedente. A dominadora apressou-se em usar de seu direito. Tem-se um esclarecimento: Emílio queixa-se amargamente, Sofia caçoa, mas vendo-o prestes a zangar-se de verdade deita-lhe um olhar cheio de doçura e de amor, e, apertando-me a mão, pronuncia esta única palavra, mas num tom que busca o coração: *o ingrato!* Emílio é tão tolo que não entende. Eu o entendo; afasto Emílio e pego Sofia, por sua vez, em particular.

Vejo, digo-lhe a razão desse capricho. Não é possível ter mais delicadeza nem empregá-la tão fora de propósito. Cara Sofia, tranqüilizai-vos; é um homem que vos deí; não temais assim o considerardes: tivestes as primícias de sua juventude;

não as gastou com ninguém e as conservará durante muito tempo para vós.

“É preciso, minha cara filha, que vos explique minhas intenções na conversa que tivemos os três anteontem. Não vistes sem dúvida no que disse senão uma arte de poupar vossos prazeres para torná-los mais duráveis. Ó Sofia! A conversa teve outro objeto mais digno de meus cuidados. Tornando-se vosso marido, Emílio tornou-se vosso chefe; cabe-vos obedecer, assim o quis a natureza. Quando uma mulher se assemelha a Sofia, é bom, entretanto, que o homem seja conduzido por ela; é ainda a lei da natureza; e foi para dar-vos tanta autoridade sobre seu coração quanto seu sexo lhe dá sobre vossa pessoa, que vos fiz o árbitro de seus prazeres. Isso vos custará privações penosas; mas reinareis sobre ele se souberdes reinar sobre vós. E o que se verificou me mostra que essa arte tão difícil não está acima de vossa coragem. Reinareis muito tempo pelo amor, se tornardes vossos favores raros e preciosos, se souberdes valorizá-los. Quereis ver vosso marido sempre a vossos pés, deixai-o sempre a alguma distância de vossa pessoa. Mas ponde modéstia em vossa severidade e não capricho; que ele vos veja reservada mas não fantasiosa; evitai que, poupando seu amor, o façais duvidar do vosso. Fazei-vos querida por vossos favores e respeitada por vossas recusas; que ele renda homenagem à castidade de sua esposa sem se queixar de sua frieza.

“Assim é, minha filha, que ele vos dará sua confiança, que ouvirá vossas opiniões, que vos consultará sobre seus negócios, que nada resolverá sem convosco deliberar. Assim é que podereis trazê-lo ao bom senso quando errar, e fazê-lo mediante uma doce persuasão. Tornai-vos amável para serdes útil, para empregardes a faceirice nos interesses da virtude e o amor em proveito da razão.

“Não acrediteis, entretanto, que essa arte possa servir-vos sempre. Por mais precauções que tomemos, o gozo usa os prazeres, e o amor antes de tudo. Mas quando o amor durou bastante, um doce hábito preenche o vazio e o atrativo da confiança sucede aos transportes da paixão. Os filhos formam entre os que lhe deram a vida um liame não menos doce e muitas vezes mais forte que o do próprio amor. Quando deixardes de ser a amante de Emílio, sereis sua mulher e sua amiga; sereis a mãe de seus filhos. Então, em lugar da reserva inicial, estabelecei entre vós a maior intimidade; acabai com os leitos

separados, com as recusas, com os caprichos. Tornai-vos a tal ponto sua metade que ele não possa mais viver sem vós e que ao vos deixar ele se sinta longe de si mesmo. Vós que tão bem fizestes reinar os encantos da vida doméstica na casa paterna, fazei com que reinem também na vossa. Todo homem que se apraz em sua casa ama sua mulher. Lembrai-vos de que se vosso marido vive feliz em casa, sereis uma mulher feliz.

“Quanto ao presente, não sejais tão severa com vosso amante; ele mereceu mais complacência; ele se magoaria com vossos gestos; não poupeis tanto sua saúde a expensas de sua felicidade, e gozai a vossa. Não se deve aguardar o desgosto nem repelir o desejo; não se deve recusar por recusar e sim para valorizar o que se concede.”

Depois, reunindo-os, digo diante dela a seu jovem marido: É preciso suportar o jugo que nos impusemos. Fazei com que vos seja leve. Sobretudo sacrificai às graças e não imagineis tornar-vos mais amável mostrando-vos amuado. A paz não é difícil e cada qual conhece as condições dela. O tratado é assinado com um beijo. Depois do que, digo a meu aluno: Caro Emílio, um homem precisa a vida inteira de conselhos e de guia. Fiz o máximo em meu poder para cumprir esse dever convosco; aqui termina minha longa tarefa e inicia-se a de outro. Abdico hoje a autoridade que me destes e eis vosso governante doravante.

Pouco a pouco o primeiro delírio termina e deixa-lhes gozar em paz os encantos de sua nova condição. Felizes amantes, dignos esposos! Para honrar suas virtudes, para pintar sua felicidade, fora necessário escrever a história de sua vida. Quantas vezes, contemplando neles a minha obra, sinto-me tomado de um enlevo que faz palpitar-me o coração! Quantas vezes junto suas mãos nas minhas abençoando a Providência e suspirando! Quantos beijos deponho nessas mãos que se apertam! Com quantas lágrimas de alegria as rego! Eles se enternecem por sua vez compartilhando meus transportes. Seus respeitáveis pais gozam mais uma vez sua juventude na de seus filhos; recomeçam por assim dizer a viver neles, ou melhor, conhecem pela primeira vez o valor da vida: amaldiçoam suas antigas riquezas que os impediram de ter tão belo destino na mesma idade. Se há uma felicidade na terra é no retiro em que vivemos que cumpre buscá-la. Ao fim de alguns meses, Emílio en-

tra certa manhã no meu quarto e diz, abraçando-me: Meu mestre, felicitai vosso filho; ele espera ter, dentro em breve, a honra de ser pai. Ah! quantos cuidados vão ser-nos impostos, e como vamos precisar de vós! Deus não queira que vos deixe ainda educar o filho depois de terdes educado o pai! Não queira Deus que um dever assim tão santo e doce caiba a outro que não eu, ainda que devesse escolher tão bem quanto escolheram para mim! Mas continuai o mestre dos jovens mestres. Aconselhai-nos, governai-nos, nós seremos dóceis: enquanto eu viver precisarei de vós. Preciso mais do que nunca agora que minhas funções de homem se iniciam. Desempenhastes as vossas; guiai-me para que vos imite; e descansai, já está na hora de fazê-lo.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	5
Livro Primeiro	9
Livro Segundo	58
Livro Terceiro	172
Livro Quarto	233
Livro Quinto	423